UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

LÉA DOS SANTOS CAMARGO

**Percursos da Geografia Regional no curso de Geografia da Universidade
de São Paulo, 1934-2014**

Versão Original

São Paulo
2016

LÉA DOS SANTOS CAMARGO

**Percursos da Geografia Regional no curso de Geografia da Universidade
de São Paulo, 1934-2014**

Versão Original

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof.^a Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C172p	<p>Camargo, Léa dos Santos Percurso da Geografia Regional no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, 1934-2014 / Léa dos Santos Camargo ; orientadora Rita de Cássia Ariza da Cruz. - São Paulo, 2016. 350 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.</p> <p>1. Geografia Regional. 2. Currículo. 3. Paradigma. I. Cruz, Rita de Cássia Ariza da, orient. II. Título.</p>
-------	--

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: LÉA DOS SANTOS CAMARGO

Título: **Percursos da Geografia Regional no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, 1934-2014**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao Bruno, Vanda e Geraldo,

Por serem o meu porto seguro.

Agradecimentos

“Sempre é preciso saber quando uma etapa chega ao final. Se insistirmos em permanecer nela mais do que o tempo necessário, perdemos a alegria e o sentido das outras etapas que precisamos viver. Encerrando ciclos, fechando portas, terminando capítulos - não importa o nome que damos, o que importa é deixar no passado os momentos da vida que já se acabaram. ”

Gloria Hurtado

Ao olhar hoje minha trajetória na pós-graduação, vejo o mestrado como uma longa viagem de trem, daquelas que só conhecemos em livros. Aquela na qual o personagem chega em uma estação e compra um bilhete sem saber onde será, de fato, a parada final.

Como toda viagem, ao percorrer os vagões, mudar de assento, ele conhece pessoas que farão desta viagem, acima de qualquer coisa, uma experiência de vida.

Para viajar precisamos primeiro passar por aquele momento que a maioria das pessoas teme: a despedida. Ali mesmo na estação, precisamos nos despedir da preguiça, de muitos encontros com as pessoas que amamos, de noites tranquilas de sono, de acordar quando cansamos de dormir, (as vezes) do bom humor, mas principalmente, nos despedimos um pouco de nós mesmos.

Essa viagem de trem, onde o único destino indicado no bilhete chama-se Mestrado, sem dúvida, nos transforma. Aprendemos a valorizar pequenas coisas, a compreender a felicidade que um ponto final pode trazer, a superar os limites que achávamos que conhecíamos e a de fato reconhecer as pessoas que escolhem estar na sua vida, e que, sem se importar com as consequências embarcam nessa viagem ao seu lado.

Graças a estas pessoas que hoje descemos na estação final, ainda sem muito conhecimento deste novo destino, mas com um sorriso daqueles que as crianças reservam depois de uma longa viagem com os seu pais e escutam da mãe a frase mágica: “filho chegamos”!!!!

As duas pessoas que seguraram a minha mão em todos os momentos em que eu tive medo durante a viagem, em que o final parecia cada vez mais distante e que as dúvidas eram sempre maiores do que as certezas foram a minha mãe Vanda e meu presente de vida e companheiro Bruno. Com eles eu sorri, chorei, comemorei cada parágrafo, sonhei, vibrei quando fui aceita no mestrado e contei detalhes da paisagem que eu via na viagem o tempo todo. Eu não teria conseguido sem vocês! Dizer muito obrigada me parece tão pequeno, mas me faltam palavras para agradecer. Vocês são as minhas joias mais raras!

Outra pessoa que esteve sempre ao meu lado e que me ensinou muito, sobre tudo, foi minha orientadora Prof.^a Rita de Cássia. Tenha certeza de que a senhora contribuiu muito para que essa viagem fosse o maior aprendizado da minha vida. Tenha a certeza de que me mostrou em todos os momentos a beleza do conhecimento, a doçura da compreensão e a riqueza do cuidado. Além de orientadora, foi amiga, conselheira, psicóloga e uma das companhias mais encantadoras que eu já tive o prazer de conviver. Obrigada por ser uma verdadeira mestra. Foi uma honra imensurável!

Nessa longa viagem eu fui afortunada por várias pessoas que eu corro o risco aqui de esquecer ou não expressar minha gratidão.

Agradeço aos poucos amigos, em especial Lenon, Andressa e Karine e familiares que, sem julgamento ou expectativa alguma, estiveram ao meu lado neste momento. Respeitaram todas as minhas ausências sem cobrança e sorriram sempre verdadeiramente com minhas pequenas vitórias.

Agradeço em especial a minha “prima-irmã” Angélica Fernanda por ter sido muitas vezes minha “assistente” de pesquisa e ao meu primo Matheus Carricondo por ter propiciado muitas das minhas leituras e trabalhos.

Agradeço à minha madrinha, Rosmali Maria, por ter sido a segurança e ajuda nos momentos nos quais os vagões ameaçavam descarrilhar do trilho da vida pessoal.

Não poderia deixar de agradecer à minha tia Maria Antonia por ter sido meu exemplo de docência, por ter me mostrado a beleza de ser professor e acima de tudo: obrigado por nunca ter desistido!

Agradeço ainda meus colegas de colóquio, pelas sugestões, ajuda e debates que aconteceram ao longo destes anos. Em especial minha amiga Mariana Macêdo, que viveu e compartilhou comigo dessa viagem desde o início. Obrigada pelos momentos de risada, felicidade e lágrimas. Eles ficarão guardados para sempre o meu coração!

Eu não poderia deixar de agradecer também aos meus colegas de trabalho que além de dividirem a rotina da vida, me ofereceram palavras de incentivo e principalmente me acolheram no momento em que eu mais precisei. Vocês tornaram essa jornada possível!

Nesta longa viagem, entre às muitas companhias maravilhosas, tive ao meu lado minha eterna professora Regina Helena Tunes, que me ensinou tudo e que hoje além de minha amiga pessoal e de trabalho, continua sendo meu maior exemplo. Obrigado por nunca ter me permitido desistir. À mestra com muito carinho.

Deixo aqui também meus agradecimentos a três professores incríveis que disponibilizaram seu tempo, me atendendo sempre da maneira mais incrível possível. Obrigado Prof. José Bueno Conti, Prof.^a Sandra Lencioni e Prof.^a Odette Seabra. Além da ajuda teórica no trabalho, as entrevistas foram sem dúvida uma conversa linda!

Por último não poderia deixar de agradecer à dois professores muito queridos que mudaram minha visão e me mostraram uma “outra Geografia” Prof.^a Sandra Lencioni e Prof. Manoel Fernandes.

Logo no meu primeiro ano de graduação tive a feliz oportunidade de ler o livro “Região e Geografia”, da Prof.^a Sandra, e foi sem dúvida naquele momento que o meu amor pela Geografia Regional nascia. Seu trabalho me inspirou todos estes anos.

Da mesma forma, as aulas que tive com o mestre e querido professor Manoel Fernandes na pós-graduação, modificaram enormemente minha visão de mundo. As discussões e vivências daquelas aulas foram essenciais para eu encontrasse o roteiro que gostaria de conhecer nesta maravilhosa viagem de trem.

RESUMO

CAMARGO, Léa dos Santos. Percursos da Geografia Regional no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, 1934-2014. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016

A Geografia Regional, desde seus primórdios, se apresenta como um dos alicerces da Geografia, tendo sido considerada durante anos o elo entre a Geografia Física e a Geografia Humana. Desta forma, conhecer uma parte de sua trajetória na história da Geografia brasileira é fundamental. Para conhecer uma parte dessa história, elegemos como estudo de caso a Universidade de São Paulo, visto que a mesma é referência nacional e internacional e representa também o início do processo de institucionalização do curso de Geografia no Brasil. Adotamos como marco temporal inicial da pesquisa o ano de 1934, início do curso de Geografia, naquele momento ainda uma sub-seção de Geografia e História, na antiga Faculdade de Ciências e Letras. O período do estudo se encerra em 2014, ano inicial da pesquisa da autora. Diante disso, o objetivo principal desta dissertação de mestrado é analisar como a chamada Geografia Regional participou da formação do curso de Geografia da Universidade de São Paulo, a partir de 1934, considerando a sua evolução no tempo, até 2014. A análise foi feita a partir dos programas curriculares de todas as disciplinas que o curso de Geografia já teve ao longo desses 80 anos, e também através de entrevistas com docentes do curso de Geografia da USP. Entre as conclusões a que chegamos, apoiamos-nos nas noções de “tradição seletiva”, de Michael Apple (2008) e de paradigma, de Thomas Kuhn (2013).

Palavras-chaves: Geografia Regional, Geografia, Currículo, Tradição seletiva; Paradigma.

ABSTRACT

CAMARGO, Léa dos Santos. Paths of the Regional Geography in the Geography course at the University of São Paulo, 1934 – 2014. Master's Dissertation. Faculty of Philosophy, Letters and Sciences, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

Regional Geography, since its early days, is one of Geography's foundations, being considered for years the link between Physical Geography and Human Geography. Thus, knowing part of its trajectory in the history of Brazil's Geography is essential. In order to know part of this history, the case study of Universidade de São Paulo (*University of São Paulo/USP*) has been elected, since this institution is a national and international reference and also represents the beginning of the process for institutionalizing Geography courses in Brazil. The initial point for this study's timeframe was set to 1934, when the Geography course started at the Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, a former sub-section of Geography and History within the Faculty of Sciences and Letters. This timeframe ended in 2014, when the author's research began. Therefore, the primary purpose of this Master's Dissertation is to analyze how the regional debate fell under the Universidade de São Paulo's Geography course, from 1934, considering its evolution in time, until 2014. This analysis is based on the curricula of all subjects taught in the Geography course since 1934, as well as on interviews with USP's Geography professors pertaining to Regional Geography. Among the conclusions we come to, we rely on the notions of "selective tradition", by Michael Apple (2008), and paradigm, by Thomas Kuhn (2013).

Keywords: Regional Geography, Geography, Curricula, Selective Tradition, Paradigm.

Lista de Figuras

FIGURA 1- ANÁLISE GEOGRÁFICA SEGUNDO LA BLACHE	28
FIGURA 2- GEOGRAFIA LABLACHIANAS/ SEGUIDORES	32
FIGURA 3- FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	38
FIGURA 4- MAPA DAS SEDES DO CURSO DE GEOGRAFIA 1934-2014	40
FIGURA 5- 1º QUADRO CURRICULAR DO CURSO DE GEOGRAFIA/HISTÓRIA.....	42
FIGURA 6- PROGRAMA DE GEOGRAFIA 1934-1955 (PASTA I).	44
FIGURA 7- CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE MONBEIG À GEOGRAFIA BRASILEIRA, SEGUNDO SILVA (2012)	45
FIGURA 8- PROGRAMA DE GEOGRAFIA HUMANA (1935-1945) PARTE I E II– PROF.º PIERRE MONBEIG	51
FIGURA 9- PROGRAMA DA CÁTEDRA DE GEOGRAFIA FÍSICA – CURSO DE GEOGRAFIA REGIONAL.....	53
FIGURA 10- PROGRAMA DE GEOGRAFIA DO BRASIL – PROF.º AROLDO DE AZEVEDO	55
FIGURA 11- PROGRAMA DE GEOGRAFIA DO BRASIL - CURRÍCULO – PROF.º AROLDO DE AZEVEDO	56
FIGURA 12- ORGANIZAÇÃO DAS GRADES CURRICULARES	58
FIGURA 13- TABELA DAS DISCIPLINAS DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA USP (1952 / 2014)	59
FIGURA 14- PROGRAMA DE GEOGRAFIA DO BRASIL (1934/1955)	70
FIGURA 15- PROGRAMA DE GEOGRAFIA HUMANA A (PARTE D – CONQUISTA DO MEIO) (1955/1958)	75
FIGURA 16- GRADE 2- DISCIPLINAS QUE SOFRERAM ALGUM TIPO DE ALTERAÇÃO EM RELAÇÃO À GRADE ANTERIOR (1955-1968).....	76
FIGURA 17- PROGRAMA GEOGRAFIA REGIONAL A (1955/1964).....	79
FIGURA 18- ANOTAÇÕES DE AULA FEITAS PELO PROF.º JOSÉ BUENO CONTI EM 1956.....	80
FIGURA 19- PROGRAMA GEOGRAFIA REGIONAL B (1955-1964)	81
FIGURA 20- GRADE 3- DISCIPLINAS QUE SOFRERAM ALGUM TIPO DE ALTERAÇÃO EM RELAÇÃO À GRADE ANTERIOR (1969-1981).....	84
FIGURA 21- PROGRAMA DE INTRODUÇÃO À CIÊNCIA GEOGRÁFICA – (1971/1973).....	87
FIGURA 22- PROGRAMA DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL (1968/1973)	89
FIGURA 23- PROGRAMA DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL (1973/1981)	89
FIGURA 24- GRADE 4 - DISCIPLINAS QUE SOFRERAM ALGUM TIPO DE ALTERAÇÃO EM RELAÇÃO À GRADE ANTERIOR (1989-2014).....	97

FIGURA 25- OUTRA PERIODIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DAS GRADES CURRICULARES	102
FIGURA 26- CURRÍCULOS DE GEOGRAFIA DA FFLCH/USP – UMA OUTRA PROPOSTA DE PERIODIZAÇÃO.	103
FIGURA 27- PROGRAMA DE GEOGRAFIA REGIONAL C (1955- 1968)	105
FIGURA 28- ORGANIZAÇÃO DO CURSO DE GEOGRAFIA- 1953	107
FIGURA 29- PROGRAMA DE GEOGRAFIA HUMANA A (1955-1968).....	108
FIGURA 30- PROGRAMA DE GEOGRAFIA FÍSICA – 1939.	109
FIGURA 31- PROGRAMA DE PANORAMA DA GEOGRAFIA DO BRASIL (1974/1975).....	113
FIGURA 32- FORMAÇÃO DE UM PARADIGMA SEGUNDO KUHN.....	132

SUMÁRIO

Introdução.....	15
Capítulo 1- Formação da USP e Escola Francesa de Geografia.	24
1.1 – Fundação da Universidade de São Paulo.	34
1.2 - Escola Francesa de Geografia no curso de Geografia da USP .	47
Capítulo 2- As Grades Curriculares do curso de Geografia da Universidade de São Paulo.....	58
2.1- Grade 1 (1934/1955).....	66
2.2 – Grade 2 (1955/1968)	73
2.3– Grade 3 (1968/1989)	84
2.4 – Grade 4 (1989 – 2014)	96
Capítulo 3 – As Grades Curriculares vistas segundo uma outra periodização	101
3.1 – Grade A: Escola Francesa de Geografia.....	104
3.2– Grade B – O foco no Planejamento Regional	111
3.3 – Grade C- Perda de protagonismo da Geografia Regional.....	114
3.4- A Geografia Regional nos Currículos do curso de Geografia da USP: entre tradições seletivas e paradigmas.	116
3.4.1 A Questão da Tradição Seletiva	122
3.4.2 A Geografia Regional Frente a Alguns Paradigmas	130
Considerações Finais	141
Referências Bibliográficas.	146
ANEXO I.....	152
Programas de Geografia Regional	152

ANEXO II.....	176
<i>Divisão Oficial das Grades Curriculares.....</i>	<i>176</i>
 ANEXOS III.....	 178
<i>Anotações de Aula Feitas pelo Prof. José Bueno Conti, no ano de 1956, na disciplina de Geografia Regional.....</i>	<i>178</i>
 ANEXOS IV.....	 205
<i>Programas das Disciplinas do curso de Geografia de.....</i>	<i>205</i>
<i>1934 até 1989.</i>	<i>205</i>

Introdução

O atual momento do desenvolvimento econômico e político vigente tende a facilitar um processo de desconhecimento da nossa história social acadêmica. O estágio da globalização no século XXI enraíza as diferentes forças dominantes do espaço com uma rapidez e obscuridade cada vez maior. O “conhecimento” tem se moldado às necessidades das forças hegemônicas, de uma eterna e constante formação de mão de obra e as Universidades não têm escapado a este processo.

Em muitos estudos conhecemos mais sobre a Geografia no mundo, do que no nosso próprio país. Por outro lado, ao pensarmos a historiografia da Geografia Brasileira não podemos deixar de pensar na Universidade de São Paulo, visto que esta foi primordial para o processo de Institucionalização da Geografia no país.

Conhecer uma parte do processo histórico do curso de Geografia da USP foi para nós, por um lado, o “construir de uma linha do tempo” que nos permitiu conhecer um pouco mais sobre as perspectivas sociais, políticas, econômicas e culturais das comunidades acadêmicas envolvidas com esse curso da USP desde 1934.

O debate sobre a chamada Geografia Regional, por sua vez, ramo de estudo que já foi considerado o elo estrutural entre físico e humano e que foi central para o desenvolvimento epistemológico da ciência geográfica, vem passando, ao longo dos anos, por um relativo “abandono” dentro e fora da USP, fruto das mudanças paradigmáticas da própria ciência geográfica.

De nossa parte, entretanto, concebemos os estudos regionais, com base em diversos autores como Lencioni (1999), Haesbaert (2010) e Moraes (1992), como parte central da Geografia, enquanto ciência, na perspectiva histórica e epistemológica desta área do conhecimento. Muitos avanços feitos na Geografia só foram possíveis a partir dos métodos e sistemas de análises da Geografia Regional.

Abordar assuntos tão complexos como a Geografia Regional e sua “história” dentro dos currículos do curso de Geografia da Universidade de São

Paulo exigiu de nós um olhar atento a diferentes concepções epistemológicas e metodológicas.

As abordagens regionais dentro das diferentes correntes do pensamento geográfico produziram bibliografias muito diferentes umas das outras, com fundamentos epistemológicos por vezes divergentes. Os debates regionais passaram de objetos de estudo a ferramentas de análise, de explicativo a descritivo e etc. Neste sentido, ao longo dos anos, muitos estudos regionais perderam importância e subtraí daqui o termo até mesmo espaço dentro do desenvolvimento científico geográfico. Na Universidade de São Paulo, esse processo não foi diferente. Ao longo dos 80 anos do curso de Geografia, o debate regional vem acompanhando o caminhar epistemológico das grandes correntes do pensamento geográfico, passando por diferentes abordagens.

“ [...] Na medida em que a Geografia deixou de ser considerada uma ciência de síntese, a perspectiva regional não pode mais se colocar como uma solução para os impasses teóricos da disciplina. A emancipação da Geografia, prisioneira da palavra ‘região’, significou o abandono e a desconsideração de importantes questões teóricas da ciência geográfica.

[...] Além disso, esperamos ter deixado transparecer a dificuldade de perecimento da Geografia Regional devido ao fato de sua noção central, que é a região, persistir como categoria de análise própria da Geografia; noção constituinte e persistente na história do pensamento geográfico” (LENCIONI, 2009, p. 204, 205)

Desde 1934, a Universidade de São Paulo e o curso de Geografia, passaram por profundas transformações, que de um modo geral, acompanharam o desenvolvimento político, social e econômico do Brasil. O currículo do curso de Geografia sofreu diferentes alterações, de disciplinas, conteúdos e paradigmas dentro deste período. O debate regional, tão característico e essencial dentro da Geografia, também passou por significativas transformações. Desta forma, nos propomos a pensar como o debate regional se inseriu no currículo do curso de Geografia da USP.

Acreditamos que a presença do debate regional no curso da USP foi muitas vezes, fruto de um processo tumultuado e complexo, que refletia o momento histórico que a própria Universidade vinha passando, visto que a

mesma é uma entidade orgânica, com vínculos políticos e sociais, que reproduzem os aspectos contraditórios da sociedade.

A partir das interrogações propostas fomos trilhando o percurso de nosso trabalho. Para isso elegemos como estudo de caso a Universidade de São Paulo, visto que a mesma é referência nacional e internacional. Adotamos como marco temporal inicial da pesquisa o ano de 1934, de ano e origem do curso de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, antiga subseção de Geografia e História da Faculdade de Ciências e Letras, até 2014, ano de início da nossa pesquisa.

Perante essas indagações a pergunta central, que conduziu nossa pesquisa foi: Como o debate regional se inseriu no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, a partir de 1934 até 2014?

Partindo da premissa que o debate regional sempre esteve presente na estrutura curricular do curso de Geografia da Universidade de São Paulo nos propomos a pensar: Quais foram os paradigmas dominantes nas diferentes Grades curriculares do curso? Como o debate regional se inseriu no currículo?

Assim, definimos o objetivo geral dessa dissertação, qual seja: analisar como o debate regional inseriu-se no curso de Geografia da USP de 1934 até 2014. Para isso, norteamos nossa pesquisa a partir da análise dos programas curriculares do curso oferecidos ao longo dos anos.

Como para nós, desde o começo, o currículo sempre foi visto como algo orgânico, composto de inúmeros movimentos que são de natureza complexa, escolhemos analisar os programas curriculares de todas as disciplinas oferecidas pelo curso de Geografia ao longo desses 80 anos. Acreditamos que se analisássemos apenas os programas das disciplinas ligadas diretamente à Geografia Regional, os programas das disciplinas nos mostrariam apenas uma parte da história a ser contada. Desta forma, buscamos por meio de entrevistas com docentes alcançar elementos para nossa análise para além das informações presentes nos textos e nos documentos. Assim entrevistamos três professores da “velha guarda” do curso de Geografia da USP – Prof. Dr. José Bueno Conti, Prof.^a. Dra. Sandra Lencioni e Prof.^a. Dra. Odette Seabra.

O Prof. Dr. José Bueno Conti, apesar de ter sua trajetória acadêmica ligada à Climatologia, possui uma relação muito antiga com o curso de Geografia da USP. Foi aluno neste curso, quando o sistema vigente ainda era o de cátedras, tendo entrado na Universidade no ano de 1955; como ele mesmo nos disse: “ *minha história com o curso de Geografia é longa, eu estou aqui tem mais de meio século*”.

A Prof.^a Dra. Sandra Lencioni, além de também possuir esse vínculo temporal com o curso (sua graduação foi feita entre 1972 e 1975), teve seu percurso acadêmico ligado fortemente à Geografia Regional. Lecionou, durante muitos anos, disciplinas ligadas à área Regional no curso, tendo contribuído imensamente para que pudéssemos compreender de maneira mais detalhada as micro e macro mudanças que aconteceram com a Geografia Regional no curso de Geografia da FFLCH/USP.

Por também possuir essa relação acadêmica com algumas disciplinas ligadas à Geografia Regional, entrevistamos a Prof.^a Dra. Odette Seabra, que também muito nos ajudou a compreender a importância das constantes visitas dos professores franceses ao curso de Geografia ao longo dos anos.

Na análise dos documentos históricos (programas curriculares) percebemos que já havia sido feita - em algum momento da história do curso - uma divisão temporal desses programas, divisões essas que chamamos ao longo de nosso trabalho de Grades. Cada Grade corresponde a um currículo que ficou em vigência durante um período.

Como havia essa divisão “oficial” optamos por analisar os documentos respeitando-a. Desta forma, os 80 anos de documentação estavam divididos em 4 Grades Curriculares:

- *Grade 1 - de 1934 até 1955*
- *Grade 2 - de 1956 até 1968*
- *Grade 3 - de 1968 até 1989*
- *Grade 4 - de 1990 até 2014*

Após a análise de todos os programas de cada uma das 4 Grades curriculares, foi possível, porém, identificarmos uma outra periodização para os

documentos, feita a partir dos paradigmas dominantes. Desta maneira, os programas curriculares foram divididos em 3 Grades:

- *Grade A – Escola Francesa de Geografia – Vidal de La Blache*
- *Grade B – Foco no Planejamento Regional*
- *Grade C – A Perda de Protagonismo da Geografia Regional*

Importante destacarmos aqui, que embora em termos organizacionais as grades tenham mudado e algumas mudanças tenham acontecido, a passagem de uma grade para outra não significou uma ruptura completa. É inegável que nessa passagem há permanências do ponto de vista teórico e metodológico, visto que a ciência possui essencialmente um caráter acumulativo em termos de conhecimento produzido.

Gostaríamos de elucidar, também, que embora tenhamos consciência da importância investigativa e analítica das informações referentes às referências bibliográficas contidas nos programas, por razões de natureza estritamente metodológica e operacional, optamos por não abarcá-las em nossa análise, pois estas informações, encontramos somente nos programas disponíveis a partir de 1985.

Por último, gostaríamos de esclarecer brevemente a concepção adotada ao longo deste trabalho sobre o nosso entendimento acerca da Geografia Regional. No decorrer do texto utilizamos vários termos como: análise regional, método regional, estudo regional, além da própria categoria região. Embora, cada um desses termos abrigue diferentes significados, os compreendemos como expressões pelas quais a Geografia Regional se fez presente no curso de Geografia da USP, como um verdadeiro campo de estudos em que a região está no centro da discussão, tornando-se protagonista do método de análise.

À Procura da História da Geografia Regional

Desde o início de nossa pesquisa, nossa intenção de desenvolver um trabalho sobre Geografia Regional era muito clara e depois dos primeiros passos no Mestrado, definimos que o faríamos através da análise dos currículos e dos

programas das disciplinas do curso de Geografia da USP. Foi a partir desse momento, que encontramos nossa maior dificuldade neste percurso.

Optamos por trabalhar na análise dos currículos e dos programas das disciplinas, pois acreditamos que, por meio desta poderíamos, encontrar as “tradições seletivas” (Apple, 1999) e possíveis os paradigmas (Kuhn, ano) envolvidos com os mesmos.

Optamos por trabalhar na análise dos currículos e dos programas das disciplinas, pois acreditamos que, por meio desta poderíamos encontrar as “tradições seletivas” (Apple, 1999) e os possíveis paradigmas (Kuhn, 2013) envolvidos com os mesmos.

No primeiro ano do mestrado, começamos nossa busca pelos programas das disciplinas, visto que já tínhamos definido que nosso ponto de partida seria o início do curso em 1934. Nossa primeira tentativa foi buscar na secretaria de graduação do curso de Geografia, os documentos citados e para nossa surpresa, descobrimos que os programas mais antigos que a secretaria tinha disponível para consulta eram do período de 1989 até 2014. Os programas referentes a este período estavam digitalizados e organizados em PDF. Desta forma, rapidamente obtivemos uma cópia. Porém, tínhamos o material correspondente a 25 anos de uma história de 80 anos para contar. Embora os funcionários da secretaria acreditassem que alguns programas mais antigos os de 1989 pudessem estar guardados, esperando para digitalização, não consegui verificar a existência ou não desses programas. Assim, começamos uma verdadeira caça a esses documentos.

Em uma das nossas inúmeras visitas à secretaria do curso de Geografia, um funcionário nos disse que havia na USP um arquivo morto. Desta forma, sem mais nenhuma informação, começamos nosso processo de busca por esse arquivo e assim obtivemos as primeiras informações. Localizado na Rua Francisco dos Santos, 107, na Cidade Universitária o arquivo geral da USP possui um sub-departamento denominado “arquivo morto”, onde diversos documentos muito antigos da Universidade estão armazenados.

Durante meses procuramos documentos que pudessem nos trazer informações sobre os programas ou até mesmo os programas em si. Porém,

como não nos foi fornecido um catálogo do acervo, nossa busca era “sem direção”. Todas as pastas guardadas tinham nomes muito genéricos, como: Filosofia, FFCL, Poli e etc. Desta forma, encontramos muitas informações importantes sobre a história da FFCL (depois FFLCH) e do próprio curso de Geografia, mas não encontramos nenhum programa curricular. Muitos resultados encontrados estavam mais relacionados à legislação, a estatutos e a eventos que aconteceram no Departamento de Geografia, em informes antigos que são arquivados. Como muitos itens não podem ser fotografados e copiados, as informações que conseguimos reunir foi feita de forma manuscrita, por isso levamos meses.

Ainda que tivéssemos obtido algum sucesso, pois encontramos informações importantes, nosso maior e mais importante “objeto” de procura encontrava-se ainda “desaparecido”. Passamos meses sem nenhuma informação sobre a localização desses programas, qualquer informação que nos era oferecida, sem nenhuma restrição, íamos atrás. Desta maneira, conversamos com funcionários de todas as secretarias da FFLCH, fizemos requerimento na biblioteca na tentativa de que alguns documentos pudessem estar arquivados em algum lugar, ligamos várias vezes na secretaria Geral da USP, tentando obter informações sobre os procedimentos de arquivamento dos documentos históricos da Universidade, porém, não obtivemos nenhum sucesso.

Neste cenário, já havíamos passado pela qualificação e literalmente não sabíamos mais onde procurar, foi então, que novamente, em uma última tentativa, voltamos à secretaria de graduação da Geografia. Em conversa com um funcionário, foi nos dito para procurar um funcionário, que trabalhava na secretaria da Pós-Graduação da FFLCH havia muitos anos, pois talvez ele soubesse onde os documentos muito antigos poderiam estar guardados.

Foi assim que chegamos ao fundo de uma sala no prédio da Administração da FFLCH, onde havia um depósito cheio de caixas e algumas delas etiquetadas com o nome “Geografia”, às quais nos foi permitido o acesso.

Assim, em uma sala escura, com inúmeras caixas e somente algumas etiquetadas, chegamos, finalmente, aos programas curriculares das disciplinas do curso de Geografia desde 1934.

Alguns programas estavam separados em pastas, que eram referentes às Grades Curriculares do curso ao longo desses 80 anos. A maior parte dos programas estava em folha de seda, muitos com pedaços rasgados e vários outros soltos. Após nossa descoberta, tiramos cópia de todos os programas que estavam disponíveis. Embora tenhamos tirado cópia com a maior resolução possível, muitos programas não ficaram com uma boa qualidade, visto que o original era uma folha de seda datilografada e mofada.

Após a descoberta destes programas, começamos nosso segundo desafio: organizar esses documentos. Nos milhares de documentos copiados, encontramos um que explicava a organização curricular oficial que em algum momento havia sido feita. A partir deste norte, reconstruímos as Grades curriculares do curso, disciplina por disciplina.

Os anexos apresentados no final do trabalho são cópias feitas a partir dos documentos originais, desta forma, por mais que tenhamos tratado as imagens e aumentado ao máximo a resolução nem todos apresentam uma boa definição, pois o original estava muito comprometido.

Feitas essas considerações iniciais, apresentarei, objetivamente a seguir, os capítulos que compõem esta Dissertação.

No capítulo 1 – *Formação da Universidade de São Paulo*, nossa intenção foi a de contextualizar os eventos e às situações que foram importantes e em muitos momentos determinantes para o percurso da Geografia Regional nos programas curriculares. É evidente que houve muitos outros eventos importantes ao longo desses 80 anos, porém nos atentamos àqueles que estiveram ligados e ajudaram na composição desse mosaico complexo que se revelou ser a compreensão da Geografia Regional no curso de Geografia da USP. Desta maneira, o contexto e o modo como a própria Universidade de São Paulo foi criada, assumiu um caráter revelador para a linha que nosso trabalho se propôs a trilhar, assim como compreender as características da chamada *Escola Francesa de Geografia* e a *Escola Francesa de Geografia na USP* foi

fundamental, para que conseguíssemos entender o contexto de influências, que fizeram parte da história dos programas curriculares.

A análise dos programas das disciplinas do curso de Geografia é apresentada no Capítulo 2 – *As Grades Curriculares do Curso de Geografia da Universidade de São Paulo*, onde nosso objetivo foi criar um panorama acerca da Geografia Regional a partir da análise do conjunto de disciplinas que formam as respectivas Grades. Procuramos identificar como a análise regional inseriu-se em cada uma das Grades curriculares, quais foram as mudanças de disciplinas e quais programas foram alterados em cada uma das Grades. Nosso intuito foi revelar quais foram as disciplinas com maior presença do debate regional, se essa característica se manteve nas mudanças de Grades e principalmente qual foi o espaço ocupado pela Geografia Regional no conjunto das disciplinas que formou cada respectiva Grade ao longo dos anos.

No capítulo 3 – *As Grades Curriculares vistas segundo uma outra periodização*, trouxemos a discussão de currículo proposta por Michael W. Apple e a de Paradigma proposta por Thomas S. Kuhn, na busca pela compreensão sobre como e por que os currículos foram mudando ao longo dos anos, porque durante um longo período a Geografia Regional se apresentou como um grande e forte paradigma e depois perde esse protagonismo. Nossa intenção foi entender essa relação entre currículos e paradigma que identificamos durante a análise dos documentos.

Por fim, ressaltamos que o nosso propósito com essa dissertação é “contar” uma parte da história da Geografia Regional dentro do curso de Geografia da Universidade de São Paulo, tendo consciência que a leitura aqui apresentada elucida apenas uma parcela dessa história, sem dúvida bastante complexa. Acreditamos também que ao “contarmos” um pouco dessa história, consigamos jogar luz sobre uma pequena parcela da trajetória da Geografia brasileira e também sobre o percurso da Geografia Regional, que para nós constitui-se em um campo fundamental e apaixonante da Geografia

Capítulo 1- Formação da USP e Escola Francesa de Geografia.

Na França do século XIX, a burguesia conseguiu apoderar-se do poder, moldando o Estado aos seus interesses maiores, banindo qualquer indício do feudalismo e conseguindo centralizar o poder em uma monarquia absoluta. As relações capitalistas foram enraizadas na sociedade, principalmente depois da Revolução Francesa, que mudou significativamente as características do espaço agrário do país. (MORAES, 1992).

Embora a Revolução Francesa seja considerada um movimento popular, ela foi liderada pela burguesia, que conseguiu moldar o sistema aos seus interesses, conforme destaca Moraes (1992). “Nesse processo, o pensamento burguês gerou propostas progressistas, instituindo uma tradição liberal no país”

“A França, com suas fronteiras consolidadas, diferentemente da Alemanha, ainda sob os efeitos da recente unificação (1871), deparava-se com dois problemas marcantes nesse período. Um relativo à ocupação prussiana da Alsácia e Lorena e outro, dizendo respeito à relação entre as classes sociais internas, aproximando a população urbana de Paris, alinhada aos interesses do capital industrial e financeiro, com a população das outras regiões, vinculadas à classe agrária e conservadora. Tratava-se, também, de minar o movimento operário que se manifestou na Comuna de Paris” (LENCIONI, 2009, p. 101)

Neste contexto, a França abre seu espaço político, abarcando todas as camadas sociais que passaram a “participar” deste movimento. Em consequência, a sociedade francesa passa a viver sob uma intensa luta de classes. Perante este cenário, a França teve vários embates e repressões sangrentas envolvendo diferentes camadas sociais, gerando assim uma exposição do movimento burguês que vinha, há anos, agindo como força hegemônica, através do Estado, sem tornar isso claro (Moraes, 1992).

Segundo Moraes (1992), dentro deste contexto social conturbado, a ciência assumiu um papel de destaque:

“A ciência cumpriu um papel importante, nesse movimento ideológico. Foi posta como distante dos interesses sociais, envolvida num manto de neutralidade. E, através dessa pretensa objetividade, legitimou autoritárias doutrinas da ordem. Assim, a França foi o país que demonstrou, de modo mais claro, as etapas de avanço, domínio e consolidação da sociedade burguesa. Entretanto, como foi visto, a via de realização desse processo deixou uma herança bastante distinta da encontrada na Alemanha, notadamente no aspecto ideológico. E a Geografia foi uma das manifestações dessas diferenças” (MORAES, 1992, p. 22)

Neste cenário, o desenvolvimento da Geografia francesa foi apoiado pelo Estado, em especial na Reforma da Terceira República, quando foram criadas as cátedras e os institutos de Geografia.

O nascimento do pensamento geográfico institucionalizado francês tinha como raiz a contraposição à Geografia proposta por Ratzel, que acabou por legitimar a ação imperialista do Estado Bismarckiano, como afirma Moraes (1992). Para cumprir este propósito, o Estado precisava de um ator que movimentasse as peças necessárias.

A despeito da relativa ruptura entre esse pensamento geográfico francês em formação e o pensamento geográfico alemão, fortemente marcado pela escola determinista, ambas correntes do pensamento estiveram unidas pelo mesmo método: o positivismo.

Moraes (1992), aponta que foi a partir do “postulado do positivismo”, definido por ele como “o conjunto das correntes não-dialéticas” (p. 39), que o pensamento geográfico na época esteve pautado. A partir da base positivista, que tinha como alicerce a valorização ao natural, a produção científica empírica, baseada na observação, é que Vidal de La Blache desenvolveu sua contribuição à Geografia.

Paul Vidal de La Blache funda, neste contexto, a Escola Francesa de Geografia no fim do século XIX e início do século XX, levando assim para a França o centro das discussões geográficas que até então estavam concentradas na Alemanha.

“Do mesmo modo que as colocações de Ratzel embasavam-se na situação concreta de sua época e de sua sociedade, a Geografia de Vidal de La Blache só será compreensível em relação à conjuntura da Terceira República, ao antagonismo com a Alemanha, e à particularidade do desenvolvimento histórico da França. Ambos veicularam, através do discurso científico, o interesse das classes dominantes de seus respectivos países. Por terem sido diferenciadas as vias de desenvolvimento capitalista, na Alemanha e na França (logo as próprias classes dominantes), foram diferentes as formas e os conteúdos desses discursos. A proposta de Ratzel exprimia o autoritarismo, que permeava a sociedade alemã; o agente social privilegiado, em sua análise, era o Estado, tal como na realidade que este autor vivenciava. A proposta de Vidal manifestava um tom mais liberal, consoante com a Revolução Francesa, e sua análise partiu do homem abstrato do liberalismo” (MORAES, 1992, p. 23)

Baseado no positivismo, enquanto método de produção científica, Vidal de La Blache propõe que a ciência deveria ser uma produção neutra, distante de todos os interesses políticos do Estado. “Na verdade, Vidal imprimiu, no pensamento geográfico, o mito da ciência asséptica, propondo uma despolitização aparente do temário dessa disciplina” (MORAES, 1992, p.23). Porém, suas propostas não eram livres de interesses. Estes eram apenas diluídos de forma relativamente mascarada, reproduzindo o que a burguesia havia feito com as classes pobres em anos anteriores.

Foi com Vidal de La Blache que a Geografia francesa ganhou o *status* de campo disciplinar independente e se tornou um ramo específico da ciência. Sua concepção epistemológica da Geografia tinha uma intensa valorização à história, negava o determinismo às condições naturais, e defendia que o objeto da Geografia era a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem (MORAES, 1992 e LENCIONI, 1999). Vidal de La Blache acreditava que as necessidades humanas eram condicionadas pela natureza e a natureza era vista como possibilidade para ação humana, daí o nome da corrente ao qual seu pensamento se insere: Possibilismo (LENCIONI, 1999)

“[...] Com ele, o termo Geografia Humana se sobrepõe ao de Antropogeografia. Desenvolvendo uma perspectiva possibilista, este autor se coloca claramente em oposição ao determinismo. Acima de tudo, Paul Vidal de La Blache foi um pensador do possível, das inúmeras possibilidades que o

homem tem diante da vida. [...] Afirma que o homem depende da natureza para extrair os meios necessários à sua existência, considerando que a relação entre o homem e a natureza depende do grau do desenvolvimento social” (LENCIONI, 2009, p. 102, 103.)

Segundo Moraes, entre outros autores, em termos de método científico, a proposta de Vidal de La Blache não rompia totalmente com as formulações de Ratzel, a quem tanto criticava, mas foi uma continuação desta, que tinha como frente, o método empírico-indutivo, baseado no positivismo.

“Em termos de método, a proposta de Vidal de La Blache não rompeu com as formulações de Ratzel, foi antes um prosseguimento destas. [...] Vidal era mais relativista, negando a ideia de causalidade e determinação de Ratzel; assim seu enfoque era menos generalizador. De resto, o fundamento positivista aproxima as concepções dos dois autores, e, vinculado a este, a aceitação de uma metodologia de pesquisa oriunda das ciências naturais. Vidal, mais do que Ratzel, hostilizou o pensamento abstrato e o raciocínio especulativo, propondo o método empírico-indutivo, pelos quais só se formulam juízos a partir dos dados da observação direta, considera-se a realidade como um mundo dos sentidos, limita-se a explicação aos elementos e processos visíveis” (MORAES, 1992, p. 83, 84)

Neste sentido, afirma Lencioni:

“[...] Para ele [La Blache], o método deve ser indutivo devendo incorporar a história. As interrelações entre os fenômenos devem ser estabelecidas, sem deixar de ter como referência a totalidade desses na superfície terrestre.

Afirma que: “A síntese regional [...] é o objeto último da tarefa do geógrafo, o único terreno sobre o qual ele se encontra a si mesmo. Ao compreender e explicar a lógica interna de um fragmento da superfície terrestre, o geógrafo destaca uma individualidade que não se encontra em nenhuma outra parte”. Para Vidal de La Blache todo esforço deve ser o de observar e compreender a singularidade dos lugares; enfim, de procurar compreender o único, mais do que indagar por um conceito que o defina” (LENCIONI, 2009, p. 107)

Para a realização desse processo, segundo Moraes (1992), La Blache propõe o seguinte encaminhamento para a análise geográfica:

Figura 1- Análise Geográfica segundo La Blache

Fonte: Moraes (1992)

Organização: Camargo, 2016

As propostas de La Blache tornaram-se dominantes dentro do pensamento geográfico e acabaram definindo o eixo central da disciplina. Ele defendia uma Geografia que valorizava os estudos regionais e dava importância às leis, explicações e generalizações, conforme destaca Moraes:

"[...] A Geografia vidaliana fala da população, de agrupamentos, e nunca de sociedade; fala de estabelecimentos humanos, não de relações sociais; fala de técnicas e dos instrumentos de trabalho, porém não de processo de produção. Enfim, discute a relação homem-natureza, não abordando as relações entre os homens. É por esta razão que a carga naturalista é mantida, apesar do apelo à História, contida em sua proposta" (MORAES, 1992, p.26)

A Geografia de La Blache propunha compreender o conjunto terrestre a partir dos estudos alicerçados nas particularidades e considerava importante compreender como a organização do espaço era baseada na diversidade dos lugares. Preocupava-se bastante com a relação homem e natureza, e a partir

das características naturais de um determinado espaço, procurava tecer a configuração das paisagens (Lencioni, 2009).

Dentre as várias contribuições de La Blache, destacamos aqui duas que julgamos de maior importância para nossa pesquisa. A primeira diz respeito à criação da concepção dos estudos de Geografia Humana, oriundos a partir dos estudos deste geógrafo. Até a emergência de suas propostas, a concepção dominante nas produções geográficas ficava a cargo da Antropogeografia de Ratzel, em cujas bases assentam-se a Geografia Humana, campo de estudos da Geografia que se mantém até os dias atuais. A segunda fica a cargo do desenvolvimento da Geografia Regional, que durante anos foi o centro das produções acadêmicas neste campo disciplinar, propagando-se para diferentes países. Castro (1992) defende que a abordagem regional na proposta lablachiana foi de suma importância, pois propiciou diferentes estudos e visões sobre os espaços, alavancando assim as produções geográficas.

A partir das contribuições e do *status* que a Geografia passa a ter com as propostas de Vidal de La Blache, a Geografia Regional, com destaque para o conceito de região, torna-se o centro de muitos estudos. Desta forma, conforme destaca Lencioni (2009), assume um papel central na produção geográfica.

“O objeto essencial de estudo da Geografia passou a ser a região, um espaço com características físicas e socioculturais homogêneas, fruto de uma história que teceu relações que enraizavam os homens ao território e que particularizou este espaço, fazendo-o distinto dos espaços contíguos” (LENCIONI, 2009, p. 100)

Conforme apontado por Sposito (2004), é importante destacar que a produção científica do período era baseada no método positivista, desta forma havia uma “separação [...] entre o conhecimento da natureza e o conhecimento dos homens” (p.106). Muitos conceitos e temas que atualmente estão ligados à Geografia Humana aparecem na proposta de Vidal de La Blache, sendo inegável que a base de método utilizada em suas teorias era o positivismo. Seu conceito de monografia regional, parte primeiramente do conhecimento detalhado da região natural e somente depois propõe uma análise dos aspectos atinentes ao

“conhecimento dos homens”. Sobre a influência do positivismo, na Geografia, Moraes destaca:

“[...] O homem vai aparecer como um elemento a mais da paisagem, como um dado do lugar, como mais um fenômeno da superfície da Terra. Apesar de algumas vezes valorizado nas introduções dos estudos, no campo do trabalho acaba reduzido a um fator, num conjunto de fatores” (MORAES, 1992, p. 40, 41)

Dentro dos estudos regionais apresentados por La Blache, sua concepção de análise regional assume uma importância fundamental, pois foi durante muitos anos usada para diferentes estudos, sobre os mais diversos espaços e em múltiplas universidades pelo mundo, tornando-se assim um dos grandes paradigmas geográficos.

A proposta de análise regional defendida por La Blache foi fundada no conceito de região que, para ele, era central para a produção geográfica. Segundo sua concepção epistemológica, a região tinha existência própria, pois defendia que elas faziam parte dos espaços e conseqüentemente das fisionomias¹, conceito muito utilizado e importante em sua obra, e que era a partir do olhar do geógrafo, ao escolher sua área de estudo, que elas eram identificadas e analisadas.

“[...] As regiões existiriam de fato, e caberia ao geógrafo delimitá-las, descrevê-las e explicá-las. A região seria uma escala de análise, uma unidade espacial, dotada de uma individualidade, em relação a suas áreas limítrofes. Assim, pela observação, seria possível estabelecer a dimensão territorial de uma região, localizá-la e traçar seus limites. Estes seriam dados pela ocorrência de traços diferenciadores, aqueles que lhe conferem um caráter individual, singular. Dessa forma, a

¹ Conforme apontado por Lencioni (2009), o termo fisionomia é constantemente presente em suas obras, assim como o de paisagem. Porém é importante destacar que os dois não se constituíam enquanto sinônimos dentro de sua abordagem. “[...] a palavra “fisionomia” aparece com um sentido preciso, utilizado, para se referir às características dos lugares, como instrumental para elaboração das distinções regionais. Assim, por exemplo, ao analisar os Alpes, a Champanha, a Bretanha: regiões da França, Vidal de La Blache utiliza o termo “fisionomia” e não “paisagem”. Em suma, refere-se à fisionomia dos Alpes, da Champanha e da Bretanha. ” (p.106)

Importante destacar aqui, que o uso deste termo está ligado também à sua formação de historiador, visto que a concepção que ele dava em sua obra aproximava-se das do historiador Michelet, que havia relacionado o termo com a noção de individualidade. (LENCIONI, 1999)

Geografia seria prioritariamente um trabalho de identificação das relações do globo” (MORAES, 1992, p.27)

É evidente que a Geografia Regional francesa, aqui entendida como as propostas lablachianas a partir do seu conceito de região, difundiu-se para diferentes academias, que se tornaram centros de estudos e difusores de currículos. Esse processo aconteceu também no curso de Geografia da USP, onde, durante muitos anos, a Geografia Regional esteve no foco das produções acadêmicas e principalmente como método de observação e de estudo, embasados por um currículo fortemente entrelaçado com as produções geográficas da escola francesa de Geografia.

Em sua Geografia Regional, La Blache elucida como os estudos segundo esta perspectiva deveriam ser e, a partir do que ele chamava de monografia regional, pontuou quais características estas produções deveriam ter. Para La Blache, era importante que os estudos a partir da análise regional fossem detalhistas em diferentes aspectos, conforme destaca Lencioni (2009):

“Uma monografia regional deveria, na perspectiva lablachiana conter uma análise detalhada do meio físico, das formas de ocupação, das atividades humanas e de como o homem se ajusta à natureza. O olhar sobre a natureza deveria conter uma perspectiva histórica na análise da relação homem-meio. Fundamentalmente, a monografia regional deveria estabelecer a integração dos elementos físicos e sociais e acrescentar uma visão sintética da região” (LENCIONI, 2009, p. 105)

Outro destaque fundamental dentre as contribuições de Vidal de La Blache para a Geografia foi o desdobramento das suas concepções a partir dos seus seguidores. Suas propostas tiveram uma continuação intensa a partir de diferentes geógrafos que obtiveram uma formação acadêmica baseada em sua epistemologia do pensamento geográfico e que, ao produzirem suas próprias obras, tiveram como fundamento estrutural o pensamento lablachiano, conforme destaca Moraes (1992, p.27): “Estes seguidores desenvolveram a proposta lablachiana, em toda sua potencialidade. Todos incorporando-a em formulações próprias, porém mantendo o fundamental de suas colocações” Entre seus vários

seguidores, destacaremos alguns que contribuíram para a difusão de seu pensamento, incluindo teorias e conceitos.

Figura 2- Geografia Lablachianas/ Seguidores

Org. Camargo, 2016.

Começamos nossa abordagem por Emmanuel De Martonne, que foi um discípulo fiel às propostas de La Blache, e que conforme apontamos anteriormente, trabalhou no Departamento de Geografia da USP, especialmente no ano de 1939. De Martonne desenvolveu estudos sobre Geografia Física à luz da perspectiva de La Blache, e defendia uma concepção sobre a ciência geográfica, destacando que a “geografia moderna encara a distribuição à superfície do globo dos fenômenos físicos, biológicos e humanos, as causas dessa distribuição e as relações locais desses fenômenos” (DE MARTONNE, 1951 *apud* CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 12). Para ele, a essência da Geografia não estava ligada a um objeto de estudo, mas sim ao método, que deveria ser pautado na observação, explicação, localização e depois representado cartograficamente, pois considerava que os estudos geográficos fundiam-se na cartografia e a região era vista como uma síntese de relações da geomorfologia, clima e vegetação.

As propostas de J. Brunhes, por sua vez, alinhavam-se, sob alguns aspectos, com as de La Blache. Sua obra de maior destaque foi a extensa *Geografia Humana*, onde expunha a ideia de uma “classificação dos fatos

geográficos”, que eram divididos em três grupos: “fatos da ocupação improdutiva do solo”, “fatos da conquista vegetal e animal”, e “fatos da ocupação destrutiva”. Em suas concepções, o enraizamento com o lablachianismo é evidente em alguns aspectos, porém o mesmo passa a incorporar questões que não faziam parte do que era proposto por La Blache, buscando em muitos momentos explicações para seus estudos na economia e até mesmo na sociologia (Moraes, 1992).

Outro seguidor das concepções vidalianas foi Albert Demangeon cuja obra jogamos foco especial a um item específico de sua obra, a partir do qual desenvolveu vários estudos detalhados e específicos. Elaborou o conceito de “meio geográfico”, a partir de seus estudos focados na perspectiva econômica, e do qual as relações produtivas e as instalações humanas faziam parte; defendeu que “meio geográfico” era diferente de “meio físico”. Abordava a região como característica da agricultura, da indústria e da urbanização. Como um seguidor de La Blache, considera “o estudo dos grupos humanos nas suas relações com o meio geográfico” (DEMANGEON, 1942 *apud* CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 12).

O último seguidor de La Blache, é Max Sorre, que destacou-se por suas publicações e passou a criar novas propostas metodológicas, embora mantendo os fundamentos lablachianos.

Suas principais publicações foram em 1940, quando apresentou a concepção do espaço como “morada do homem”. O conceito central de seu trabalho era o de “habitat”, que conforme aponta Moraes (1992, p. 48), era definido como: “construção humana, uma humanização do meio, que expressa as múltiplas relações entre o homem e o ambiente que o envolve”.

Para Sorre, a ideia de espaço geográfico estava atrelada a de “espaços sobrepostos”, onde os aspectos sociais, culturais, físicos e econômicos mantêm inter-relação. Suas concepções foram importantes, pois além de dar um novo movimento à proposta lablachiana, influenciaram também a própria escola francesa de geografia.

1.1 – Fundação da Universidade de São Paulo.

A década de 1930 foi, sem dúvida, um momento político-social de importância determinante para o início e o desenvolvimento da Universidade de São Paulo. A derrota paulista na Revolução Constitucionalista de 1932 foi o contexto ideal para que o Estado e a “elite intelectual” dominante no estado, criasse sua primeira Universidade, pois tal ação concluía um projeto que já estava em andamento anos antes, conforme Scarim (2000) e Lafer (2015):

“[...] A revolução de 1930 reformula este projeto de unidade nacional agora com ares de estado modernizado, burocrático e hierárquico. A revolução constitucionalista de 1932 demonstra a intenção paulista de não perder o controle da locomotiva do país. A criação de uma universidade como um centro de excelência acadêmica a nível internacional é uma das atividades para este fim” (SCARIM, 2000, p. 15)

“O contexto da década de 1930 trouxe a diminuição relativa do poder de São Paulo na República, a derrota paulista na Revolução de 1932 e ensejou a subsequente acomodação política com Getúlio Vargas, que levou ao governo de São Paulo Armando de Salles Oliveira” (LAFER, 2015, p. 4)

Júlio de Mesquita Filho², um dos protagonistas da criação da USP, vinha já há alguns anos defendendo um projeto de governabilidade da “elite intelectual” (Zusman, 1997) de São Paulo, onde a educação, em especial a Universidade assumia um importante papel na formação e até mesmo continuação intelectual dessa elite³, que tinha como objetivo maior assumir diversos cargos nas esferas da gestão pública.

² - Júlio de Mesquita Filho: Jornalista e Advogado. Esteve à frente da redação do jornal Estadão entre 1927 e 1969. Foi também diretor do jornal O Estado de São Paulo (OESP), fundador da rádio Eldorado (1958) e do Jornal da Tarde (1966). Participou da fundação do Partido Democrático, foi um dos líderes da Revolução Constitucionalista de 1932. Presidiu em 1934 a Comissão de Planejamento da Universidade de São Paulo.

³ - A família Mesquita representava o cerne desta “elite intelectual” de São Paulo, visto que Júlio César de Ferreira Mesquita durante anos de sua vida exerceu diversos cargos políticos, como secretário do governo de São Paulo e em 1902 comprou o jornal O Estado de São Paulo. Mantinham relações diretas e públicas com o governo do estado e através do jornal muitas de suas ideias, juntamente com parceiros “intelectuais”, eram defendidas.

Ligados a esta família estavam muitos filhos dos barões do café e anos depois dos primeiros industriais de São Paulo, onde sua maioria vinha de formação universitária europeia. Conforme afirma Zusman (1997): “En particular, el Grupo en torno al Diario “El Estado de São Paulo” reunía

“Según el propio director del diario, Julio de Mesquita Filho, en la editorial publicada bajo el nombre de " La Crisis Nacional" (15-11-1925), Brasil se encontraba en una crisis política como resultado de que el poder estuviera en manos de las oligarquías locales. La salida propuesta por Mesquita Filho era la democratización y para este proceso de "regeneración nacional" trazaba dos caminos: el primero destacaba el voto obligatorio, el segundo situaba el centro de atención en la cuestión educacional. Apoyado en la teoría de Pareto de circulación de las élites, Julio de Mesquita consideraba que todos los individuos, a través de la educación, podrían acceder al campo de la política, significando esto, a su vez, que sólo aquéllos con capacidad probada para desempeñarse en esta función podrían convertirse en miembros de las élites dirigentes. En esta concepción, donde la democracia es concebida como "el gobierno constituido (...), la Universidad adquiere una particular significación. La Universidad aparece no sólo como formadora de docentes de nivel medio y superior sino también como responsable por la educación de las élites dirigentes. La formación de esta élite dirigente socializada en los valores que el grupo del Estado consideraba adecuados para concienciar a la población del papel de São Paulo como conductor de los destinos de Brasil aparece claramente en el documento la "Comunión Paulista" de Julio de Mesquita Filho (1922)" (ZUSMAN⁴, 1997, p.4, grifo nosso)

Junto com Júlio de Mesquita Filho, Fernando de Azevedo⁵, coordenou em 1926, um inquérito sobre a formação de uma universidade e chegou à conclusão que o maior problema do país era, naquele momento, o ensino

algunos intelectuales relacionados con la oligarquía cafetalera cuyas posiciones se afirmaban entonces como democrática y modernizadoras (Bosi, 1982; Cardoso, 1982: 43). A través de encuestas, documentos y materiales de diario, el grupo realizó un diagnóstico de la realidad nacional y construyó una propuesta concreta en caso de alcanzar el poder.” (p.4)

⁴ Perla Zusman, professora da Universidad de Buenos Aires, apresenta uma série de estudos no campo da História da Geografia. Sua dissertação de mestrado (Zusman, P. (1996), *Sociedades geográficas na promoção do saber ao respeito do território: estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879-1942) e no Brasil (1838-1945)*, dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo), foi feita sob orientação do professor Antonio Carlos Robert de Moraes pelo programa PROLAM, compara o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

⁵ - Fernando de Oliveira: Funcionário público, sociólogo e educador. Fez parte da fundação da Universidade de São Paulo e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ocupou a cadeira de sociologia entre 1941-1943. Secretário da Educação em São Paulo e Rio de Janeiro. Comandou importantes iniciativas editoriais: a Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB) e a célebre coleção Brasileira, ambas lançadas (1931). Em sua obra destacam-se: *Princípios de sociologia* (1931), *Sociologia educacional* (1940), *A cultura brasileira* (1943) e *História da minha vida* (1971), uma autobiografia. Membro da Academia Brasileira de Letras, eleito em 10 de agosto (1967) para a Cadeira n. 14, sucedendo a Carneiro Leão, e recebido em 24 de setembro (1968), pelo acadêmico Cassiano Ricardo.

superior. O projeto era visto como fonte de inovação e avanços para o estado, pois ele acreditava que isso somente seria possível através da educação.

Inspirado pelas ideias de Júlio de Mesquita Filho e Fernando de Azevedo, Armando de Salles Oliveira⁶ criou, durante o período em que foi interventor federal no Estado de São Paulo (1933-1935), o decreto nº 6.283 de 25 de janeiro de 1934 que deu origem à criação da Universidade de São Paulo (USP).

Assim, a criação da USP foi o resultado de dois processos que estavam em andamento no contexto social e político do estado de São Paulo. De um lado tínhamos um grupo elitista, que comandava o principal meio de comunicação do estado com forte influência no poder público, que via na universidade uma continuidade de seu *status* e intervenção no desenvolvimento do país, e do outro um movimento político estadual, que almejou, via ensino Universitário, a retomada de poder e importância, relativamente perdidos durante a república velha e intensificado na Revolução em 1932, tal como apontado por Lafer (2015), Costa (2011) e Zusman (1997).

“O objetivo dos fundadores da USP foi o de responder ao desafio, para São Paulo, representado pela mudança da realidade brasileira. Partiram, com grande originalidade, da avaliação de que, só por meio de uma universidade, São Paulo poderia vir a ser um laboratório de investigação científica e um centro de alta e irradiante intelectualidade, que singularizaria o nosso estado no país.” (LAFER, 2015, p.4)

“[...] em 1934, surge em São Paulo a Universidade de São Paulo (USP), com as tentativas frustradas de revolução dos paulistas, e manutenção do poder, eles resolvem conquistar esse objetivo através do saber, portanto promovem a Universidade para controlar o Brasil.” (COSTA, 2011, p. 981)

“La derrota de São Paulo no significa que la élite paulista deje de lado sus idearios para orientar el desarrollo de la política brasileña. El sector intelectual de esta élite nucleada en torno a la Familia Mesquita y al diario "El Estado de São Paulo" que lleva la batalla política al campo cultural. La formación de una élite internalizada en los valores sociales hegemonizados por este grupo serán objetivo de la primera universidad que se organiza

⁶ - Armando Salles de Oliveira: Engenheiro e Jornalista. Líder político nos anos Vargas. Foi um dos fundadores da Revista do Brasil (1916). Após promulgação da Constituição Estadual (1935) elegeu-se governador do estado. Escreveu alguns livros políticos: *Para que o Brasil continue: São Paulo* (1935-1937) e *Diagrama de nossa situação política: manifestos políticos do exílio* (1945).

en este período en Brasil (Miceli, 1979). Esta universidad hace del área humanística su eje y trata de convertir esta casa de estudios en un centro de excelencia académica a nivel internacional. A ese fin, se traen profesores directamente de Francia, y se forma la primera cátedra de geografía de la Universidad de São Paulo a cargo del Profesor P. Deffontaines y la Asociación de Geógrafos Brasileños.” (ZUSMAN, 1997, p. 2)

A formação da USP aconteceu com a junção das Faculdades de Direito (1827), da Escola Politécnica (1894), de Farmácia (1899), de Odontologia (1899), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (1901), de Medicina (1913), e com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL, 1934), conforme ilustrado na figura 3- Formação da Universidade de São Paulo.

A criação da FFCL vinha ao encontro do que defendiam Azevedo, que, na década anterior, propalava a importância do ensino superior, e Mesquita Filho, que chegou a declarar publicamente que via na FFCL a oportunidade perfeita para a continuação da formação intelectual da elite de São Paulo, que precisava encontrar uma maneira de dar prosseguimento às linhas de pensamento e ideais do que era conhecido como “elite intelectual”, que nos próximos anos comandaria o estado e futuramente o país⁷.

7 ZUSMAN, Perla Brígida. La Geografía Y El Proyecto Territorial De La Élite Ilustrada Paulista. La Associação de Geógrafos Brasileiros (1934-1945). Scripta Nova, Rev. Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, nº7, 1997. NADAI, E. Ideologia do progresso e ensino superior 1891-1934. 1982, Teses de doutorado FFLCH /USP, São Paulo.

Figura 3- Formação da Universidade de São Paulo

Desta forma, o objetivo da FFCL era tornar-se um centro produtor e irradiador de conhecimento científico e introduzir os chamados cientistas desinteressados da ciência pura e da alta cultura, onde a preocupação estava em aprofundar a investigação científica, para que assim o conhecimento fosse possível de ser aplicado (Lafer, 2014).

“Junto com a USP foi criada a FFCL, assim definida por Salles Oliveira: “O grande plano da Universidade (...) não podia ser executado de um só golpe. Tinha o governo de começar por partes. E começou pelo principal, organizando imediatamente a FFCL, que é uma instituição essencial, em qualquer sistema universitário, já como um foco de cultura livre e desinteressada e de pesquisas científicas””. (MARCOLIN, 2014, p. 13)

Como nas ideias fundadores da USP havia uma intenção de continuidade e ascensão/retomada do poder por parte da elite, onde o Estado deveria assumir um papel de parceria nesse projeto, era fundamental que a Universidade possuísse um destaque nacional e internacional, pois esse reconhecimento seria apenas um dos pontos favoráveis à continuidade intelectual desta elite. Desta forma, desde o início, a vinda de professores internacionais era vista como necessária, pois isso daria destaque e visibilidade internacional mais rápidos.

A escolha dos profissionais não foi aleatória, principalmente para os cursos recém-criados, como era o caso da Geografia. Foram trazidos docentes de carreira consagrada da França, da Itália, da Alemanha e de Portugal. Desde o início de sua criação, a Universidade já era vista como uma referência, estreitando assim, desde os seus primórdios, os laços com as academias internacionais, em especial as europeias.⁸

Foi dentro da FFCL que a sub-seção de Geografia e História foi criada. Tendo como sede ao longo dos anos os seguintes endereços (Lemos, 2004): 1934 até 1945 – Prédio da Faculdade de Medicina e Escola Politécnica na rua Brigadeiro Luís Antônio; 1945 até 1949 – Instituto de Educação Caetano de Campos na Praça da República, 97; 1949 até 1956 – Prédio da FFCL na rua Maria Antônia, 294; 1956 até 1958 – Instituto de Geociências na Alameda

⁸ - Este fato será melhor detalhado mais adiante no capítulo em que a discussão sobre a influência europeia na USP será especificamente debatida.

Glette com rua Guaianases; 1958- Casarão na avenida Angélica, esquina com Baronesa de Itú; 1959 até dias atuais - Cidade Universitária, conforme apontado no fig. 4 – Localização das Sedes do Curso de Geografia da Universidade de São Paulo (1934-2014).

Na sub-secção de Geografia e História foi criada a cátedra de Geografia, que ficou sob a responsabilidade do Prof^o. Deffontaines, trazido da França especialmente para ocupar este cargo, em 1934; um ano depois esta responsabilidade foi passada para Pierre Monbeig trazido ao Brasil segundo o mesmo objetivo.

“ [...] Esse período pressupõe a discussão em torno da instalação dos primeiros cursos de geografia de nível superior do país. Ele marca o início de uma forte influência francesa com a presença de professores daquele país que criaram escola e deixaram marcas profundas nas instituições por onde passavam além de imprimir um “modo” francês de se fazer a ciência geográfica.” (SILVA, 2012, p. 66)

A criação da organização do curso através do sistema de cátedras não ocorreu por acaso. Quando Deffontaines é convidado para vir ao Brasil, uma de suas funções é a de organizar o curso de Geografia e História. Desta forma, é implantada na USP-FFCL/Geografia e História uma cópia (adaptada⁹) da organização das universidades francesas.

“A vinda dos primeiros franceses em 1934 está ligada aos nomes de dois geógrafos daquele país: Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig. A permanência desses mestres especialmente favoreceu a implantação de uma cultura geográfica nos moldes acadêmicos e organizacionais franceses, que resultou na criação de cátedras, segundo o modelo que lá vigorava [...]” (SILVA, 2012, p. 58)

“[...] os cursos universitários de Geografia, inaugurados com a valiosíssima colaboração de docentes estrangeiros, logo puderam ser conduzidos sob a responsabilidade de pessoas formadas cientificamente sob a orientação daqueles docentes” (PASQUALE, 1982, p. 7)

Figura 4- Mapa das Sedes do Curso de Geografia 1934-2014

⁹ A concepção aqui apresentada, é que esta adaptação, embora totalmente baseada na Escola Francesa de Geografia, aconteceu perante as condições disponíveis na Universidade e na própria FFCL, visto que o curso, assim como a Universidade haviam sido criados neste ano e ainda não possuíam estrutura idêntica à Escola Francesa.

MAPA DAS SEDES DO CURSO

Logo após sua criação, foram definidas, perante os aspectos formais curriculares, algumas disciplinas do curso, as quais permaneceram válidas durante alguns anos. Conforme Campos (1954, p. 102 e 103), o primeiro Quadro Curricular foi o seguinte:

Figura 5- 1º Quadro Curricular do Curso de Geografia/História

Art. 8 – A seção de Ciências compreenderá as seguintes sub-seções com as respectivas cadeiras fundamentais:	V- Geografia e História:
	1- Geografia Geral e Antropogeografia
Art. 10 – O curso para licenciatura cultural será seriado e de três anos, em cada uma seções e sub-seções que compõem a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, abrangendo todas as matérias de respectiva seção ou sub-seção e outras afins ou fundamentais, distribuídas da seguinte forma, pelos três anos:	VI- Geografia e História:
	1º ano - <u>Geografia Geral</u> , Geografia Econômica, História da Civilização (antiga e medieval)
	2º ano – <u>Antropogeografia</u> , Geografia Econômica do Brasil, História da Civilização (moderna e contemporânea), História da América (inclusive pré-história)
	3º ano – Antropogeografia (especialmente do Brasil), História da América, História da Civilização Brasileira.

(CAMPOS, 1954, p. 102 e 103 grifo nosso)

Até 1939, a sub-seção de Geografia possuía uma única cátedra, a de Geografia, que foi dividida, naquele ano, em Geografia Humana e Geografia Física. A primeira fica sob a responsabilidade do Profº Pierre Monbeig e a segunda sob a direção do Profº João Dias da Silveira.

Naquele mesmo ano chega à USP Emmanuel de Martonne, que viria a exercer grande influência na estrutura curricular que mais tarde, teria o Departamento de Geografia.

Em 1942, somando-se as duas cátedras já existentes na Geografia, cria-se a cátedra de Geografia do Brasil, que fica sob a regência do Prof^o Aroldo Edgard de Azevedo.

Segundo Lemos (2004), a cátedra de Geografia Humana passa, em 1946, para a responsabilidade de Ary França¹⁰ e, em 1945, a partir de concurso público e urdido com os conhecimentos dos geógrafos franceses que já estavam na USP, Aroldo de Azevedo toma posse da 1^o cátedra de Geografia do Brasil – tornando-se assim o professor titular da cadeira. No ano de 1950, a cátedra de Geografia Física passa para a responsabilidade de João Dias da Silveira.

“É na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), da USP que será iniciado o primeiro curso superior de Geografia do Brasil, na verdade o curso era conjunto de Geografia e História, por isso se terá uma característica de produções marcadas por uma geografia historicista nesse primeiro momento de formação do curso.” (COSTA, 2011, p. 982)

Neste momento, onde o sistema de cátedras ainda era vigente (1934-1952) o curso de Geografia e História estava organizado da seguinte maneira, conforme apresentado na figura 5 - Programa de Geografia 1934-1955 (Pasta I).

Digno de ressalva específica, no dia 04 de junho de 1946 é criado o Departamento de Geografia (DG). Algumas disciplinas, porém, ainda continuaram sendo oferecidas junto com o curso de História, que, se dividia em dois setores: didático e administrativo. O setor didático tinha como base as três cátedras. Mais tarde, visando atender a demandas acadêmicas, foram criadas as disciplinas de Cartografia e Geografia Regional¹¹.

“Fica definitivamente criado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo o DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, destinado a coordenar os trabalhos das cadeiras que se dedicam ao ensino e às pesquisas

¹⁰ Os documentos consultados dividiram-se em dois grupos: apresentação geral das cátedras (tabela acima) e programa de cada disciplina. Na apresentação das cátedras o nome do Prof.^o Ary França não aparece em nenhuma das cadeiras de Geografia, porém quando consultamos os “programas” da época seu nome aparece a partir de 1946.

¹¹ Embora não existisse a disciplina de geografia regional até esta data, isto não significa que a perspectiva regional não estivesse presente nas aulas de Geografia. Até 1946, dentro do curso de Geografia e História, eram oferecidos diversos cursos (assim chamados nos documentos originais) de geografia regional e ao analisarmos os programas das disciplinas vigentes (ANEXO 1) é nítida a forte presença do método e abordagem da geografia regional especialmente a francesa.

de Geografia”. O Departamento surgia, portanto, como um instrumento de coordenação das atividades das cátedras.” (PASQUALE, 1982, p.8)

Figura 6- Programa de Geografia 1934-1955 (Pasta I¹²).

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA 1934-1952	
CADEIRAS	
Elementos de Geologia (Geologia e Paleontologia)	2º assistente Josué C. Mendes.
Geografia Física	Prof. João Dias da Silveira
Geografia Humana	Prof. Pierre Monbeig
Geografia do Brasil	Prof. Aroldo de Azevedo
História da Civilização Antiga e Medieval	Prof. Eurípedes S. de Paula
História da Civilização Moderna e Contemporânea	Prof. Jean Gagé
História da Civilização Brasileira	Prof. Alfredo Ellis Junior
Etnografia e Língua Tupi-Guarani	Prof. Plínio Ayrosa
História da Civilização Americana	Prof. Astrogildo R. de Melo
Antropologia	Prof. Emilio Willems

Organização: Camargo, 2016

Sob a marcante presença dos geógrafos franceses, práticas adotadas no desenvolvimento do Departamento de Geografia da USP foram fortemente baseadas nas concepções desses professores. Segundo Lemos (2004), uma das mais importantes foi a adoção do conceito de trabalho de campo, que na época ainda levava o nome de excursões. Foi através desta prática que muito se conheceu sobre o espaço brasileiro, pois era previsto em regimento que pelo menos uma vez ao ano cada cátedra fizesse uma excursão. Consequentemente, muitos trabalhos foram desenvolvidos e mais tarde ganharam importância

¹² Na divisão e organização oficial dos documentos consultados, os nomes dados aos grupos de programas – que compunham cada uma das grades- é o de Pasta I, II e III.

nacional a partir desses estudos. Para Silva (2012), outra grande contribuição das práticas francesas ficou a cargo de Monbeig. Segundo o autor, três grandes ganhos para a Geografia brasileira teriam decorrido da atuação deste geógrafo francês, conforme esquema a seguir.

Figura 7- Contribuições de Pierre Monbeig à Geografia brasileira, segundo SILVA (2012)

Domínios da Pesquisa	Consolidação da vida Acadêmica	Trabalhos/ Estudos sobre o Brasil
Avanço significativo no modo de fazer pesquisa.	Defesa de que a produção acadêmica no Brasil iria se consolidar com a cultura geográfica enraizada na escola francesa de geografia	Realização e orientação de vários estudos sobre o Brasil, que muito contribuíram para o avanço do conhecimento do espaço brasileiro.

(SILVA, 2012, p. 58, 59, 60). Org. Camargo, 2016.

Já na década de 1950, mais precisamente 1956, pela lei federal nº 2.549 de 08 de setembro, o curso de Geografia separa-se do de História, o que gera desdobramentos importantes para a consolidação de cada um desses campos disciplinares enquanto campos autônomos de investigação.

“[...] Na FFCL/USP, o ano de (1956) assinalou o desmembramento da 5ª sub-seção, a de Geografia e História, separando definitivamente o destino administrativo e pedagógico destas disciplinas. Seria necessário mensurar os desmembramentos posteriores a esta data, no tocante ao diálogo entre Geografia e História naquela instituição. Esta convivência compulsória era derivada do período da criação da FFCL, guardando a marca do espírito francês de colaboração entre as duas áreas do conhecimento [...]” (MARTINEZ, 2002, p. 18)

Sob influência da conhecida corrente de pensamento do determinismo geográfico, a Geografia Regional Francesa desenvolveu inúmeras monografias à luz de uma perspectiva natural, onde clima, vegetação e relevo dominavam as múltiplas explicações e possibilidades de compreensão do espaço. Partindo desta mesma ótica, a Geografia Regional Brasileira passou anos buscando

explicar fenômenos característicos do espaço nacional, sem abordar os aspectos que aqui se faziam presentes, mas não constavam nos estudos franceses. Petrone (1979) aponta como exemplo os estudos sobre o Nordeste brasileiro, que durante muito tempo foram feitos apenas na perspectiva dos fenômenos climáticos, e raramente levando em conta a distribuição das terras, a presença dos grandes latifúndios e os processos históricos conflitantes, variantes que compõem partes da totalidade-espaço Brasil, mas que estão oceanos de distância da realidade europeia.

“Nesse sentido a produção geográfica brasileira refletia os problemas teóricos e metodológicos germinados e vividos na Europa, dentro das diretrizes vinculadas, naturalmente, às condições dos mecanismos econômicos, sociais e políticos que passavam a ser dominantes em escala praticamente mundial.” (PETRONE, 1979, p.314)

A década de 1960 foi de suma importância para o desenvolvimento do Departamento de Geografia da USP. Neste período, diferentes eventos marcaram as configurações estruturais do curso e das produções que ali se faziam. Nesta década, além da criação do Instituto de Geografia, em 1963, criou-se também, o Conselho do Departamento de Geografia. Para elucidar sua importância e função, destaca Petrone (1982):

“O Conselho do Departamento de Geografia na prática confundia-se com todo o Departamento. Definia-se concretamente pela reunião de todos os docentes, independentemente de seus títulos, cargos ou funções, todos com direito a voz, embora com algumas restrições.” (PETRONE, 1982, p. 10)

Segundo Lemos, a grande contribuição deste Conselho acontece entre 1968 e 1969, quando, com o Regime Militar no poder, com o fim das cátedras (lei nº 5.550/68) e com a aposentadoria dos professores mais antigos, o Departamento passa por muitas e profundas mudanças, que foram acontecendo de forma mais sutil, pois o Conselho assumiu a responsabilidade de cuidar e direcionar essas medidas, tentando amenizar as suas consequências negativas

o máximo possível. Entre as mudanças então ocorridas, destacamos aquela que mais diretamente nos interessa:

“Um dos frutos da fase em apreço foi uma profunda mudança curricular, realizada a partir do trabalho de uma comissão particularmente constituída para esse fim, e amplamente debatida em reuniões plenárias. A referida reforma curricular foi marcada pelo fato de ter sido inteiramente em decorrência de atividade departamental escapando inteiramente do âmbito das antigas cátedras.” (LEMOS, 2004, p. 5, grifo nosso)

A Geografia “uspiana” passa, naquele momento histórico, a assumir uma nova concepção curricular, visto que o currículo existente até então datava da criação da sub-secção de Geografia e História (1934), incluindo apenas alterações pontuais realizadas ao longo das três décadas anteriores. Fica claro para nós, que o debate e as produções geográficas feitos no interior do Departamento de Geografia da USP aconteceram durante aquele período, sob forte influência da Escola Francesa de Geografia.

“Compreendo que para a Geografia no ensino superior foi importante a articulação do Brasil com a França para a criação das primeiras cátedras de Geografia no país na década de 30, sendo relevante a influência da Geografia Francesa nos estudos e produções da Geografia local; além de influenciar na institucionalização da ciência geográfica.” (COSTA, 2011, p. 985)

Embora nossa pesquisa envolva os 80 anos da Universidade de São Paulo, nosso objetivo aqui não é reproduzir sua história em detalhes, mas sim pontuar alguns eventos que, de alguma forma, possuem relevância para nossa análise.

1.2 - Escola Francesa de Geografia no curso de Geografia da USP

Conforme antes abordado, a idealização da criação da Universidade de São Paulo esteve ligada a fatores sociais e políticos, em especial do círculo “intelectual” que exercia grande influência na sociedade paulistana. Dentro

desses ideais e até mesmo objetivos que foram destinados à USP, a projeção internacional já era tida como meta ainda no começo da década, quando sua criação compunha a pauta de intensos encontros e conversas ao redor do grupo “intelectual” O Estado de São Paulo (Zusman, 1997).

Desta forma, não foi ao acaso que os franceses foram os escolhidos para compor o grupo de professores-referências que iriam estruturar e organizar o curso de geografia e história dentro da FFCL. Nos anos em que a USP (juntamente com a FFCL) foi “pensada”, a Geografia Francesa já apresentava destaque internacional, principalmente a Escola Francesa de Geografia Regional, que conforme dito antes, tinha como mestre Vidal de La Blache, que mesmo após sua morte tem suas ideias projetadas e continuadas através de seus seguidores.

A França já havia “experimentado” um desenvolvimento no conhecimento espacial do seu território através dos estudos regionais, feito pelos geógrafos vidalianos, os quais resultaram em inúmeras monografias regionais sobre o território francês. Assim sendo, a escolha dos mestres franceses ia ao encontro do ideal da família Mesquita de utilizar de todo o conhecimento possível para projetar São Paulo, intelectual e politicamente para o país inteiro e trazer novamente o centro do poder para a cidade de São Paulo.

Para que São Paulo conseguisse essa hegemonia política e levasse o Brasil a crescer, conforme acreditava este grupo, conhecer o território nacional era de suma importância e relevância. À vista disso, a escolha não foi pelos franceses e sim pela Geografia francesa, principalmente a Escola Francesa Regional (Zusman, 1997), pois estava claro para o grupo O Estado de São Paulo¹³ que além de conhecer o Brasil, seria fundamental encontrar uma forma de organização territorial que levasse ao desenvolvimento e a escola Vidaliana de regionalização foi a escolhida para implantação desse projeto. Somado a isso, o renome internacional que os franceses possuíam foi um incentivo a mais para que o início e as características da geografia na USP fossem a *la* Escola Francesa de Geografia Regional.

¹³ Quando citamos o grupo O Estado de São Paulo não nos referimos unicamente a família Mesquita, mas sim a figuras ligadas à família e até mesmo ao jornal, como já citado, Azevedo, Salles Oliveira, Franco da Rocha, Arnaldo Vieira de Carvalho e etc.

“Durou mais de meio século o apreço e admiração dos brasileiros em torno da qualidade da geografia francesa. Não importa saber se ele foi elaborado dentro ou fora das fronteiras daquele país. Os professores franceses, especialmente os orientadores de tese e coordenadores de laboratórios foram convidados para vir ao Brasil ministrar cursos, proferir palestras, acompanhar trabalhos de campo ou assessorar grupo de pesquisa ou equipes ministeriais.” (SILVA, 2012, p. 57)

A vinda dos franceses não contemplava somente aos interesses “brasileiros”, ela também colocava em prática um projeto da própria escola francesa de Geografia, que era de colonizar outros países intelectualmente, “a prática colonial, característica da Geografia francesa, uma espécie de marca registrada [...]” (SILVA, 2012, p. 44) e propagar seu modelo de produção geográfica científica. Além disso, a vinda de muitos franceses ao Brasil também estava ligada a interesses próprios. Vários desses intelectuais vieram no “início”¹⁴ da geografia acadêmica brasileira porque viram no Brasil uma chance de inserção de suas ideias e até mesmo crescimento profissional, como é o caso de Deffontaines¹⁵.

Deste modo, a vinda dos franceses atendia a diversos interesses. Ao todo a USP recebeu treze¹⁶ geógrafos franceses e teve sua organização inicial

¹⁴ Quando nos referimos a “início” estamos apontando o surgimento de uma Universidade. Acreditamos, conforme Manoel Fernandes de Sousa Neto em seu artigo Geografia nos Trópicos: História dos Náufragos de uma Jangada de Pedras? (2001), que muito antes da criação da USP, já havia produção científica de geografia no Brasil.

¹⁵ Deffontaines obteve seu título de doutor em 1932 pela Sorbonne sob orientação de Albert Demangeon, com quem, segundo Ferreira (1998), teve, ao longo de sua vida acadêmica teve diversas divergências e embates. Em mais de um caso Deffontaines concorria a cargos em instituições de ensino, onde fazia parte da banca Demangeon, que não fazia nenhuma questão de ajudá-lo e/ou até mesmo incentivá-lo. Desta forma ele vai encontrar muitas dificuldades de estabelecer-se com destaque na “sociedade” francesa de Geografia e sua vinda ao Brasil, como e depois a vários países da América Latina representava uma oportunidade perfeita para crescimento e destaque profissional, pois acreditava que depois desse período como professor universitário em outro país, em especial como o primeiro convidado a vir para a USP, sua entrada nos centros de ensino parisiense seria mais fácil. Deffontaines também tinha grande interesse de vir ao Brasil, pois pretendia promover a criação de congêneres das Equipes Sociales no país, especialmente ligado as instituições católicas, pois era católico extremamente atuante e promover o catolicismo e instituições católicas fazia parte de suas metas pessoais (FERREIRA, 1998)

¹⁶ Foram eles: P. Deffontaines; P. Monbeig; Emile Coornaert; Fernand Braudel; Claude Lévi-Strauss; Paulo Arbousse-Bastide; Etienne Borne; Jean Mogüé; Robert Garric; Pierre Hourcade; Francois Perroux; René Courtin; Pierre Fromont; (SILVA, 2012) (PASQUALE, 1982)

baseada nos modelos das instituições de onde os mesmos vinham, criando o que Silva (2012) chamou de “empréstimo científico-cultural” ou “difusão cultural”.

Esse modelo francês de geografia era nítido, além da organização de todo o curso, nas próprias aulas, conforme destaca a entrevista de Moraes:

“A primeira coisa que percebi no curso foi que ele era demasiadamente empírico. Eram muito poucas as matérias que se dedicavam a uma discussão mais teórica. Por esse motivo no final do primeiro ano na Geografia, em 1973, resolvi prestar Ciências Sociais, consciente que não queria fazer carreira nas Ciências Sociais, mas complementar essa discussão metodológica que eu sentia falta na geografia.

O currículo na época era profundamente convencional dentro da Geografia Francesa e assentado na geografia regional. O currículo com o qual eu me formei continha a velha ideia de uma introdução a Geografia física, uma introdução a Geografia humana e a ideia de que a Geografia regional seria a síntese. Um terço do curso era a Geografia regional, pois esta era vista como uma síntese entre os outros dois campos e era bastante descritiva.” (SCARIM, 2000, p. 127, anexo. Entrevista com Antonio Carlos Robert Moraes)

Essa influência francesa no departamento vai durar muitos anos além de sua chegada em 1934, pois era interessante que os franceses ficassem mais tempo no Brasil, pois assim também estavam sempre produzindo novos materiais, estudos, liderando grupos de pesquisa que depois faziam seus nomes na academia internacional juntamente com a escola francesa de geografia. O Brasil foi, durante anos, um campo de pesquisa para os franceses e a USP seus laboratórios e ferramentas técnicas, conforme afirma Silva:

“[...] Aqui os franceses fazem suas pesquisas e no passado muito contribuíram para que se fizesse a leitura geográfica do país, vislumbrando um projeto nacional a partir da ótica deles. Na França, o brasileiro enquanto profissional situava-se, predominantemente, na condição de aprendiz da fundamentação teórica e metodológica norteadora daquela escola geográfica [...]” (SILVA, 2012, p. 40)

A presença dos geógrafos franceses na USP, inevitavelmente foi formando uma “comunidade científica francesa regional”, pois os princípios e modos de pensar a realidade e o território eram tão vidalianos, que mesmo não

existindo uma cátedra de Geografia Regional, a base teórica e epistemológica das cadeiras e disciplinas era baseada na proposta de Vidal de La Blache, como afirma Capel:

“[...] a existência de uma comunidade científica especializada modela o pensamento de seus integrantes e, com o tempo, origina o que se tem denominado estilos de pensamento, que determinam a eleição dos problemas científicos, as perguntas que são feitas, guiam as observações, estabelecem as regras para se trabalhar e ainda predeterminam o vocabulário que se há de utilizar. O que em muitas disciplinas científicas se denominou de ponto de vista, talvez não seja mais que uma aplicação de estilo próprio de pensar da comunidade.” (1999, p. 21, 22)

Na análise das grades curriculares e do programa das disciplinas oferecidas no curso de história e geografia, nos anos iniciais, esse modelo vidaliano de geografia fica evidente¹⁷.

Figura 8- Programa de Geografia Humana (1935-1945) Parte I e II–
Prof.º Pierre Monbeig

¹⁷ Nos programas curriculares, somente a partir de 1955 – Grade 2, utilizou-se como padrão a terminologia Ano, para designar em qual período do curso a disciplina seria oferecida. Até 1955, em alguns programas o termo utilizado era série e em outros anos, porém, ambos possuem o mesmo sentido.

Importante chamarmos atenção que o trabalho prático da disciplina era proposto a partir de “Os Gêneros de Vida” e os exemplos apontados eram as monografias regionais, conforme apontado na figura 8.

Para acompanhar a proposta teórica do curso de Geografia Humana do Prof. Monbeig era oferecido – obrigatoriamente – um curso de Gêneros de Vida, onde a proposta era toda baseada na Geografia Regional de Vidal e como conteúdo curricular eram estudadas as regiões mediterrânicas, temperadas, boreais, montanhosas e etc.

A influência da Geografia Regional também aparece na cátedra de Geografia Física, criada em 1939 sob a responsabilidade de João Dias da Silveira, onde um curso de Geografia Regional era oferecido, conforme apontado na fig. 9 – Programa da Cátedra de Geografia Física – Curso de Geografia Regional.

O estudo em torno das regiões asiáticas e africanas nutre ainda mais a ideia de “colonização intelectual dos franceses. Segundo Silva, conforme esse processo acontecia aqui no Brasil, muitos franceses foram percebendo que seria necessário “escolher” outra área de estudo e/ou foco de inserção da escola francesa, pois com o tempo a geografia brasileira passaria a oferecer profissionais formados aqui e capacitados segundo o “nível” esperado, para ocupar os cargos dentro da própria USP. Neste momento, a Escola Francesa de Geografia começa o que Silva chama de estudos sobre o Terceiro Mundo e a Ásia, especialmente da África, continente que seria o destino da próxima missão francesa. O curso de geografia na USP, mesmo neste momento, ainda atendia aos interesses franceses.

Em 1942, com a criação de uma nova cátedra, a de Geografia do Brasil, sob responsabilidade de Aroldo Edgar de Azevedo, brasileiro, formado pela USP, a Geografia Regional Francesa continuava fortemente presente. O programa da disciplina assim como o conteúdo proposto era sobre o Brasil, mas a metodologia e a bibliografia apresentada eram enraizadas na análise regional francesa.

Figura 9- Programa da Cátedra de Geografia Física – Curso de Geografia Regional.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

Observação - Este curso - GEOGRAFIA REGIONAL -
constava do 3º ano da cadeira de Geografia Física.

3.º ano

VI - CURSO: GEOGRAFIA REGIONAL

- 1 — A Escandinávia.
- 2 — A bacia do Congo.
- 3 — A região dos Apalaches.
- 4 — Os desertos da Ásia ocidental.
- 5 — Madagascar.

*

4.º ano e 1.º de Especialização

VII - CURSO: GEOGRAFIA REGIONAL

- 1 — Os deltas da Ásia das Monções.
- 2 — O Maghreb.
- 3 — A Martinica.
- 4 — A região da Taiga.

*

Figura 10- Programa de Geografia do Brasil – Prof.^o Aroldo de Azevedo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

GEOGRAFIA DO BRASIL

Prof. Aroldo de Azevedo.

A cadeira de Geografia do Brasil funciona, unicamente, na 3.^a série do curso de Geografia e História. Há, por semana, quatro horas de aulas teóricas.

PROGRAMA

3.^a série

Serão dados simultaneamente três cursos, correspondentes a três aulas semanais, a saber:

1.^o curso — O “CONTINENTE” BRASILEIRO: vista de conjunto
AMAZONIA: A planície amazônica. Guiana brasileira. Guiana Maranhense.
ZONA DOS CORAIS: Estado geral.

2.^o curso — LITORAL E PLANALTOS ORIENTAIS: Recôncavo baiano. A região do São Francisco. Chapada Diamantina e Espinhaço. A zona da Mata Mineira. O sul de Minas. O vale do Paraíba. Litoral oriental. A cidade do Rio de Janeiro. Triângulo Mineiro.

3.^o curso — REGIÃO MERIDIONAL: Estudo regional.
REGIÃO CENTRAL: Estudo regional.

O último desses cursos será dado pelos alunos, em aulas completadas pela crítica e correção do professor da Cadeira.

Seminário.

Nas aulas de seminário (uma vez por semana), além de esclarecimentos, discussões, consultas, etc., serão feitas especialmente RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS, seguidas de crítica e comentários.

O primeiro será dedicado ao estudo das *Viagens científicas ao Brasil*, sendo dividido em 14 aulas, nas quais serão comentadas as obras de Spix e Mattius, Saint-Hilaire, Wied-Neuwied, Agassiz, Burton, Florence, etc.

O segundo semestre será dedicado a estudos de *Geografia geral do Brasil*, sendo dividido, também em, 14 aulas, nas quais serão estudados os seguintes temas, de acordo com os autores escolhidos: 1. A estrutura e o relevo do Brasil; 2. Morfologia do Brasil tropical atlântico; 3. O Atlântico sul; 4. Aspectos fisiográficos do litoral brasileiro; 5. Os grandes fatores do clima brasileiro; 6. As grandes paisagens botânicas do Brasil; 7. Os elementos da natureza e a luta dos homens no Brasil; 8. Evolução étnica do Brasil; 9. O efetivo humano e sua distribuição no Brasil; 10. Os ciclos econômicos do Brasil; 11. A vida econômica brasileira; 12. A evolução econômica do café no Brasil.

Pesquisas e excursões.

A Cadeira orientará as pesquisas individuais dos alunos na elaboração de monografias de carácter variado, tanto de geografia física como de geografia humana e geografia regional do Brasil.

Figura 11- Programa de Geografia do Brasil - Currículo – Prof.º Aroldo de Azevedo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS	
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA	
Geografia do Brasil	
3.º ano	
II – CURSO: GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL	
Introdução: O problema das divisões regionais do Brasil.	
Parte a) — Amazônia (rotativo)	
1	— "Terra incógnita".
2	— O rio Amazonas e sua bacia.
3	— A grande planície e os planaltos marginais.
4	— A vegetação.
5	— O clima.
6	— As sub-regiões naturais.
7	— O "deserto" amazônico.
8	— A conquista do território e as cidades.
9	— O homem amazônico e seus problemas.
10	— Gêneros de vida.
Parte b) — Nordeste (rotativo)	
11	— Características gerais.
12	— O quadro natural e seus contrastes.
13	— A população e os gêneros de vida.
14	— Os dois nordestes.
15	— A Zona da Mata e o litoral: aspectos físicos.
16	— A Zona da Mata e o litoral: aspectos humanos.
17	— A Zona da Mata e o litoral: aspectos econômicos.
18	— O Sertão: aspectos físicos.
19	— O Sertão: a luta contra as secas.
20	— O Sertão: aspectos humanos.
21	— O Sertão: aspectos econômicos.
Parte c) — Região Leste (rotativo)	
22	— Uma região complexa; aspectos gerais.
23	— Região do São Francisco.
24	— O Recôncavo baiano.
25	— O sul da Bahia.
26	— O Espírito Santo.
27	— A Zona da Mata e a região auro-ferrífera de Minas Gerais.
28	— A Baixada Fluminense.
29	— O sul de Minas e o Triângulo Mineiro.
Parte d) — Região Sul (rotativo)	
30	— Características gerais.
31	— O litoral paulista.
32	— O vale do Paraíba.
33	— A depressão e o Planalto Ocidental de São Paulo.
34	— O Paraná e suas regiões.
35	— Santa Catarina e suas regiões.
36	— O Rio Grande do Sul e suas regiões.
Parte e) — Região Centro-Oeste (rotativo)	
37	— Características gerais.
38	— O sul de Goiás.
39	— A região do Araguaia-Tocantina.
40	— O sul de Mato Grosso.
41	— O Pantanal matogrossense.

A proposta da cátedra de Aroldo de Azevedo ilustra como o processo de “colonização intelectual” da Escola Francesa de Geografia deu certo durante anos, pois mesmo o Brasil apresentando características tão díspares da França, o modelo proposto por Vidal, anos antes, mantém-se durante um longo período. A forte presença da Escola Francesa de Geografia na USP mantém-se, aproximadamente, até a década de 70, quando paradigmaticamente a Geografia vive um novo momento.

Capítulo 2- As Grades Curriculares do curso de Geografia da Universidade de São Paulo

O trabalho de análise das Grades curriculares do curso de Geografia da Universidade de São Paulo nos 80 anos envolvidos em nossa pesquisa, mostrou-se um verdadeiro quebra-cabeças onde fontes, anexos, programas, objetivos, conteúdos, bibliografia, corpo docente e documentos abandonados pelo tempo, exigiram de nós escolhas e modos de organização específicos, com o objetivo de tornar inteligível a “imagem” desse quebra-cabeça.

Optamos por nos apoiar na própria divisão temporal das Grades oficiais, ou seja, aquelas estipuladas pela cátedra de Geografia (1934-1946) e a partir de 1946 do Departamento de Geografia, conforme encontramos em nosso trabalho de garimpagem documental dessas fontes oficiais.¹⁸ Porém, foi necessário que fizéssemos algumas junções ou separações para que os assuntos não se repetissem e apresentassem sentido aos leitores.

Nosso trabalho debruçou-se na análise dos objetivos, conteúdos estipulados e avaliação de todas as disciplinas dentro dos 80 anos. A bibliografia de todas as disciplinas das quatro Grades, não pôde ser feita, pois esse tópico só consta nos documentos oficiais a partir de 1968.

Utilizando então esse referencial, os 80 anos do curso de Geografia foram divididos, a princípio em 4 períodos, que optamos por chamar de Grade, conforme imagem abaixo:

Figura 12- Organização das Grades Curriculares

Org. Camargo, 2016.

¹⁸ Vide anexo II

Durante o período correspondente a cada uma dessas Grades, aconteceram diversos eventos que foram importantes em termos históricos e também para nossa pesquisa, porém não fizemos destes o marco divisor das Grades.

Para que esses 80 anos curriculares fossem melhor visualizados, organizamos todas as disciplinas do período segundo os documentos e indicamos a(s) Grade(s) correspondente(s).

Figura 13- Tabela das Disciplinas do Departamento de Geografia da USP (1952 / 2014)¹⁹

DISCIPLINAS	1934/1955	1955/1968	1968/1987	1989/2014
Geografia Física	X	X		
Geografia Humana	X	X		
Antropologia	X	X		
História da Civilização Antiga e Medieval	X			
Elementos de Geologia	X	X		
Elementos de Cartografia	X	X		X ²⁰ (Introdução a Cartografia)
História da Civilização Moderna	X	X		
Etnografia	X	X		
História da Civilização Americana	X			
História da Civilização Brasileira	X	X		
Geografia do Brasil	X	X		
História da Civilização Contemporânea	X	X		
Etnografia do Brasil e Língua Tupi-guarani	X	X		
Curso Geografia Regional (cadeira Geografia Física)	X			

¹⁹ Importante esclarecermos aqui que embora nosso marco inicial de pesquisa seja 1934, iniciamos nossos apontamentos, em nossa tabela, somente em 1952, pois foi o ano em que o Departamento de Geografia criou as disciplinas. Anteriormente a este período o sistema vigente era o de cátedra, que possuía uma forma particular de organização, mostrada no capítulo anterior.

²⁰ As disciplinas que aparecerem com os nomes entre parênteses, nas grades 2,3 ou 4, são as mesmas que aparecem na primeira coluna. São casos em que apenas a nomenclatura da disciplina teve mudança, mas após análise minuciosa das ementas constatamos serem as mesmas.

Curso Geografia Regional do Brasil (cadeira Geografia Física)	X			
Geografia Humana A: Organização do Espaço		X		X
Geografia Humana A: Geografia da Circulação		X		
Geografia Humana A: Geografia da População		X	X	X
Geografia Humana A: A Conquista do Meio		X		
Geografia Humana B: Geografia das Indústrias		X	X	X
Geografia Humana B: Geografia Agrária		X	X	X
Geografia Humana B: Geografia da Energia		X	X ³ (Fontes de Energia)	
Geografia Humana C: Geografia Urbana		X	X	X
Geografia Humana C: Geografia Política		X		X
Geografia Humana C: Trabalhos Práticos		X		
Geografia Humana Bacharelado: Bases Biológicas da Geografia Humana		X		
Geografia Humana Bacharelado: Geografia da Colonização		X		
Geografia do Brasil A: Geografia Física do Brasil		X		
Geografia do Brasil A: Geografia Humana do Brasil		X		
Geografia do Brasil A: Geografia Econômica do Brasil		X		
Geografia do Brasil A: Seminários		X		
Geografia do Brasil B: Geografia da Amazônia		X	X	

Geografia do Brasil B: Geografia do Nordeste		X	X	
Geografia do Brasil B: Estudo Dirigido		X		
Geografia do Brasil C: Geografia do Sul do Brasil		X		
Geografia do Brasil C: Geografia do Estado de São Paulo		X	X	X
Geografia do Brasil C: Seminários de Debates		X		
Geografia do Brasil Bacharelado: Geomorfologia do Brasil		X		
Geografia do Brasil Bacharelado: Geografia Geral do Brasil		X		
Geografia do Brasil Bacharelado: Trabalhos Práticos		X		
Geografia Regional A: América Platina e Andina		X	X	
Geografia Regional A: África		X		
Geografia Regional A: Europa Ocidental		X		
Geografia Regional A: Ásia de Sudeste		X		
Geografia Regional B: Europa Central		X		
Geografia Regional B: União Soviética		X		
Geografia Regional B: Oriente Médio		X		X
Geografia Regional B: América do Norte		X		
Geografia Regional B: O Benelux		X		
Geografia Regional B: A China		X		
Geografia Regional B: Seminários		X		

Geografia Regional B: América do Norte Anglo-Saxônica		X		
Geografia Regional C- Bacharelado: A Península Ibérica		X		
Geografia Regional C- Bacharelado: Monografias Regionais		X		
Geografia Regional C: Oriente Médio		X		X
Geografia Regional C: União Soviética		X		
Geografia Regional C: Monografias Regionais		X		
Cartografia		X		
Introdução à Ciência Geográfica		X ³ (Evolução do Pensamento Geográfico)	X	X ³ (História do Pensamento Geográfico)
Introdução a Geografia Física			X	
Introdução à Geografia Humana			X	
Geografia do Comércio			X	
Geografia da Circulação			X	
Organização do Espaço Regional			X	X ³ (Teoria da Região e Regionalização)
Panorama da Geografia do Brasil			X	
Geografia Regional I : Mundo Tropical			X	
Geografia Regional I: URSS e USA			X	
Geografia Regional II: Nordeste dos Estados Unidos			X	
Geografia Regional II: Grã-Bretanha e Argentina			X	
Geografia Regional II: Austrália			X	
Geografia Regional II: Argentina			X	

Geografia Regional do Brasil II: Brasil de Sudeste			X	
Geografia Regional do Brasil I			X	X
Geografia Regional do Brasil II			X	X
Orientação para Pesquisa em Geografia Física			X	
Orientação para Pesquisa em Geografia Humana			X	
Aerofotogeografia				x
Análise e Interpretação de Cartas Topográficas				X
Biogeografia				X
Cartografia Temática da Geografia				X
Climatologia I				X
Climatologia II				X
Elementos da Cartografia Sistemática				X
Estágio Supervisionado em Climatologia				X
Estágio Supervisionado em Geomorfologia				X
Estágio Supervisionado em Sensoriamento Remoto				X
Fisiologia da Paisagem				X
Fundamentos Econômicos , Sociais e Políticos da Geografia				X
Fundamentos Naturais da Geografia				X
Geografia do Turismo				X
Geografia dos Recursos Naturais				X
Geografia Econômica I				X
Geografia Econômica II				X
Geografia Humana e Econômica Geral				X
Geografia Humana Geral e do Brasil				X
Geografia Social				X

Geomorfologia Climática e Litorânea				X
Geomorfologia				X
Geomorfologia I				X
Geografia Crítica e Ensino de 1º e 2º graus				X
Geomorfologia II				X
Hidrografia				X
Homem e Espaço na Pré-História: Uma Introdução a Geoarqueologia				X
Iniciação a Pesquisa em Geografia I				X
Iniciação a Pesquisa em Geografia II				X
Microinformática Instrumental em Geografia				X
Pedologia				X
Planejamento				X
Regionalização do Espaço Brasileiro				X
Regionalização do Espaço Mundial				X
Sensoriamento Remoto Aplicado a Geografia				X
Solos Tropicais				X
Teoria e Método em Geografia I				X
Teoria e Método em Geografia II				X
Teoria Geográfica da Paisagem				X
Técnicas de Campo e Laboratório em Geografia				X
Trabalho de Graduação Individual em Geografia I				X
Trabalho de Graduação Individual em Geografia II				X
Análise Espacial e Geoprocessamento				X

Geomorfologia Aplicada ao Planejamento e Gestão Ambiental				X
Introdução à modelagem climática				X
Mudanças Climáticas Globais e Implicações Atuais				X
Migrações e Trabalho				X
A Cidade e o Urbano no Brasil: Teoria e Método				X
Teoria Geográfica do Espaço				X
Geografia da Metrópole				X
Trabalho de Campo em Geografia I				X
Cartografia Ambiental				X
Introdução ao Sistema Geográfico de Informação				X
Teoria e Método em Geoprocessamento				X
Estágio Supervisionado em Análise de Solos				X
Estágio Supervisionado em Geoprocessamento				X
Introdução a Geomorfologia				X
Introdução aos Estudos dos Solos				X
Introdução do Estudo da Urbanização no Terceiro Mundo				X
Ensino de Geografia na Educação Básica				X
Estágio Supervisionado de Ensino de Geografia e Material Didático				X

Como cada uma dessas Grades abrange longos períodos de tempo, houve mudanças nos programas de algumas disciplinas, as quais serão abordadas no transcorrer do texto.

2.1- Grade 1 (1934/1955)

A Grade 1 corresponde a 21 anos da história curricular do curso de Geografia da Universidade de São Paulo (USP). Dentro deste período de tempo temos o acontecimento de dois eventos importantes: a) a criação, em 1946, do Departamento de Geografia; b) e o término, em 1952, do sistema de cátedras, seguido pela implementação das disciplinas.

Em termos curriculares, pode-se dizer que esses eventos tiveram pouco impacto nos programas das disciplinas, a despeito da estrutura organizativa.

Ao compararmos a documentação das cátedras e depois das primeiras disciplinas da Grade 1, podemos observar que estas seguiram o mesmo nome e estrutura das antigas cátedras, tendo sido acrescida apenas a disciplina de Elementos da Cartografia.

Neste período, segundo podemos inferir a partir dos currículos e com base em relato do professor José Bueno Conti, que ao ingressar na Universidade como aluno em 1955 estudou sob esses programas²¹, o currículo era baseado em um modelo francês, tendo como base teórico-conceitual a produção dos geógrafos franceses, que compunham a Escola Francesa de Geografia, onde o principal referencial teórico-metodológico era Vidal de La Blache. Nos programas

²¹ Neste momento quando os alunos ingressaram no curso de Geografia, os que haviam matriculas até o final de 1955 continuavam a cursar o programa vigente, ou seja da grade 1 e os que ingressaram após 1956 cursaram na ótica dos programas da grade. Detalharemos as principais mudanças mais adiante.

de diversas disciplinas consta o curso *Monografias Regionais e Gêneros de Vida*, segundo o modelo vidaliano.

Em entrevista²² à autora, o professor Conti aponta: “A *Geografia Regional*, eu não sei porque, no meu tempo de aluno e logo depois que eu me tornei professor aqui, sempre teve um status um pouco menor que a *Geografia Física*, a *Geografia Humana* e a *Geografia do Brasil*. Somente depois com a chegada de novos professores, principalmente da Sandra Lencioni, a *Geografia Regional* teve um status um pouco melhor aqui.”

Neste período ainda não havia um número expressivo de disciplinas de Geografia Regional. Entretanto, é fundamental reconhecer que os estudos regionais, a análise regional, enfim, a base do pensamento geográfico regional foi transposto para o curso de Geografia da USP. No período das cátedras, havia um curso de Geografia Regional, que “pertencia” a cadeira de Geografia Física e, em 1939, um outro curso de Geografia Regional também era oferecido dentro da cadeira de Geografia do Brasil. Este mesmo formato se transpôs também quando as disciplinas foram criadas, partindo da mesma organização e divisão. Somente em 1955 foi criada uma disciplina com a denominação de Geografia Regional.

Por outro lado, a análise dos currículos revelou que a despeito da inexistência de uma disciplina específica, a análise regional era evidente, principalmente aquela baseada na escola francesa. Neste período, havia uma ligação muito forte entre a Geografia Regional Francesa e as disciplinas voltadas para a Geografia Física, fato que vai se manter durante muitos anos.

No primeiro e segundo anos do curso, era oferecida a disciplina de Geografia Humana, que se dividia em duas frentes cada uma com uma aula semanal: Introdução à Geografia Humana e Gêneros da Vida²³. O conteúdo

²² Entrevista concedida no dia 12 de fevereiro de 2016, no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo às 16 horas.

²³ Para a importância e relação com o pensamento Vidaliano Regional: “Vidal de la Blache, p. 1911. **Les genres de vie dans la géographie humaine**. *Annales de géographie* 20: 193–212; 289–304” Destacamos: “un genre de vie constitué implique une action méthodique et continue partant très forte sur la nature ou pour parier en géographe sur la physionomie des contrées Sans doute action de homme est fait sentir sur son environnement dès le jour où sa main est armée un instrument on peut dire que dès les premiers débuts des civilisations cette action pas été négligeable Mais tout autre est effet habitudes organisées et systématiques creusant de plus en plus profondément leur ornière imposant par la force acquise aux générations successives im

abordado no segundo caso, era baseado na concepção de Vidal de La Blache, visto que muitos franceses ainda ministravam aulas no curso de Geografia.

No segundo ano do curso, na cátedra/disciplina de Geografia Física, era apontada no programa a importância de Emmanuel De Martonne como referência, fato indicado também pelo professor Conti. Já na cátedra/disciplina²⁴ de Geografia Humana era oferecido aos alunos o curso de Gêneros da Vida e como trabalho final, na época denominado “Trabalhos Práticos”, ficava a cargo dos alunos a produção de um material denominado: “Os Gêneros da Vida. Exemplos Regionais, como complemento das aulas teóricas”. Na cátedra/disciplina de Geografia do Brasil o foco era uma análise do Brasil, a partir da ótica das monografias regionais, sendo o conteúdo dividido em duas partes: em um primeiro momento os estudos eram referentes ao meio natural e, depois, ao humano/social, conforme fig. 14 - Programa de Geografia do Brasil (1934/1955).

“Embora hoje, considerem a proposta das monografias regionais ultrapassadas, apontamos que os estudos regionais de Vidal em muito contribuíram para o avanço dos estudos geográficos, conforme destaca Ribeiro: “Enfim, estamos diante de um geógrafo que aperfeiçoou um método de investigação bastante rico para a época, contemplando sobremaneira os seguintes pontos:

- i. *correlação, encadeamento e articulação entre as partes e o todo*, reconhecendo aspectos particulares, porém sempre atrelados à *unidade terrestre*- principal item metodológico de Vidal;
- ii. comparações sociológicas, culturais, geográficas e históricas, o que significa também intensa exploração do par passado-presente;
- iii. trabalhos de campo/observação direta, cartografia e pesquisas em arquivos, ao mesmo tempo que se apropriava dos saberes geográficos populares;
- iv. a natureza como fonte de inspiração em termos de totalidade, dinamismo, coordenação e estabilidade/mudança (no que tange à temporalidade); ênfase nos métodos das Ciências Naturais;
- v. interdisciplinaridade de vanguarda, transitando com habilidade pela Ecologia, Geologia, Etnografia, Sociologia e História, numa

primant leur marque sur les esprits tournant dans un sens déterminé toutes les forces de progrès.” (VIDAL DE LA BLACHE, pg. 194, 1911)

²⁴ Utilizaremos no texto a escrita cátedra/disciplina, pois ambas apresentavam o mesmo formato, conteúdo e abordagem.

- abordagem que pregava a *unidade* das ciências e, portanto, rejeitava a fragmentação típica da Ciência Moderna;
- vi. presença recorrente da tradição alemã de Humboldt, Ritter, Ratzel e, em menor medida, Peschel.”(RIBEIRO, 2012, p. 37)

No terceiro e quarto anos dentro da cátedra/disciplina de Geografia Física era ofertado o curso Geografia Regional, sendo foco de estudo as regiões da Europa, Ásia e África. Na cátedra/disciplina da Geografia Humana era oferecido um curso de Monografias Urbanas que seguiam o modelo das monografias regionais vidalianas. No terceiro ano também eram ofertados dois cursos de Geografia Regional do Brasil, que ficavam a cargo da cátedra/disciplina Geografia do Brasil. Em um deles a proposta era o estudo das então regiões brasileiras a partir do modelo das monografias regionais e no outro, a proposta eram os estudos regionais rotativos, pois a cada ano o professor escolhia a região que deveria ser estudada. No quarto ano e no primeiro da especialização o foco na área de Geografia Humana recaía sobre as questões regionais, abarcando determinadas áreas como: Mediterrâneo, Países Baixos e Desertos.

Importante destacar que as cátedras/disciplinas de Geografia Física e Humana tiveram durante anos tanto professores franceses como brasileiros, os quais, muitas vezes tornavam-se assistentes e auxiliares de ensino de professores franceses logo após o término da graduação e somente depois – a maioria quando os franceses retornavam à França- assumiam a cadeira da cátedra ou disciplina. Ressalta-se, que este cenário não se aplicou à área de Geografia do Brasil, a qual desde sua criação, em 1942, ficou sob a responsabilidade de Aroldo de Azevedo, que seguiu, durante anos, a tradição da comunidade científica que o formou, adotando um referencial teórico-intelectual ligado à Escola Francesa de Geografia.

No programa de Geografia do Brasil²⁵ de 1942 até 1955, encontramos os mesmos conteúdos e orientações aos alunos, as mudanças – de conteúdo- ficaram a cargo somente dos cursos de Geografia Regional e a indicação de autores²⁶ cujas obras deveriam ser resenhadas compõe um grupo que, de forma

²⁵ anexado capítulo 1, página 52.

²⁶ Entre eles: Karl Von Martius, Johann Baptist Von Spix, Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire, Jean Louis Rodolphe Agassiz, Richard Francis Burton, Antoine Hercule Romuald Florence, Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied.

direta ou indireta, estava ligado a Vidal e à Escola Francesa. Em sua maioria, eram viajantes que possuíam um grande interesse por botânica, zoologia, antropologia e que produziram diversos esboços de novas regiões descobertas, compondo assim uma material “teórico” importante, que foi muito usado e defendido por Vidal²⁷.

Figura 14- Programa de Geografia do Brasil (1934/1955)

²⁷ Para a importância dos relatos e conhecimentos de viajantes na obra de Vidal, veja-se: LIRA, Larissa Alves de. O primeiro esboço de método geográfico de Vidal de La Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872-1918). 2012. 228f. Mestrado (Geografia Humana). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CADEIRA DE GEOGRAFIA DO BRASIL (XXV)

Professor: — Aroldo Edgard de Azevedo (catedrático).
Assistente: — José Ribeiro de Araújo Filho.
Auxiliares de ensino: — Antônio Rocha Penteado e Aziz Nacib ab' Sâber.

2.º ano

I — CURSO: GEOGRAFIA GERAL DO BRASIL.

Introdução: O "continente" brasileiro: visão de conjunto.

Parte a) — As bases físicas:

- 1 — Traços essenciais da estrutura geológica.
- 2 — As grandes unidades do relevo.
- 3 — O Atlântico Sul e as ilhas oceânicas.
- 4 — Morfologia do litoral.
- 5 — Característicos gerais do clima.
- 6 — A rede hidrográfica e os regimes fluviais.
- 7 — A vegetação e as regiões botânicas.
- 8 — Regiões climato-botânicas.

Parte b) — A população e a vida econômica:

- 9 — A população.
- 10 — Os tipos étnicos.
- 11 — O homem brasileiro e o meio.
- 12 — O "habitat" rural.
- 13 — As cidades.
- 14 — Os ciclos econômicos e sua importância geográfica.
- 15 — As regiões geo-econômicas.
- 16 — A vida agrícola: importância e problemas.
- 17 — A industrialização: característicos e problemas.
- 18 — Os transportes.
- 19 — O comércio interno e externo.

Com a maciça presença de franceses nas cátedras e no Departamento de Geografia ao longo dos anos, em especial nos anos iniciais, a análise regional esteve profundamente enraizada no modelo francês proposto por Vidal. Iluminando nosso pensamento inicial, os programas ligados à Geografia Física neste período também apresentavam uma forte ligação com a tradição Lablanchiana, principalmente pelos estudos propostos por De Martonne, mas também por outros geógrafos denominados lablanchianos.

2.2 – Grade 2 (1955/1968)

No ano de 1956, o curso de Geografia desmembra-se do curso de História²⁸, surgindo assim a necessidade de uma Grade nova, visto que algumas disciplinas como História da Civilização Antiga e História da Civilização Americana não compunham mais a Grade de matérias ofertadas anteriormente aos alunos.

Nesta nova organização curricular, muitas outras disciplinas foram criadas com propostas de caráter mais geográfico. Em termos numéricos pouca coisa foi alterada, de 15 cátedras/disciplinas, passa-se para 16, porém, todas voltadas aos temas específicos de análise da Geografia.

Neste período, além da nomenclatura usual, as disciplinas da Grade recebiam letras (A-B-C-D) que eram denominadas de certificados. A aprovação respectivamente em cada um desses certificados, permitia que o aluno fizesse o outro. Em termos práticos, um aluno não poderia cursar Geografia das Indústrias, que corresponde a um dos temas de Geografia Humana B, sem ter sido aprovado nos temas da Geografia Humana A.

Cada um desses certificados possuía divisões, que são as áreas de estudo da Geografia, como: Indústria, Agrária, Transporte, Energia, entre outras.²⁹ Respeitando a organização curricular do curso na época, consideramos cada certificado A, B ou C como único na contagem das disciplinas, mas se considerarmos as divisões neste período, a Grade era composta por 44 disciplinas.

Na disciplina de Geografia Humana-A, eram ofertadas aos alunos os estudos de Organização do Espaço, Geografia da Circulação, da População e A Conquista do Meio. Nos programas de todas essas “áreas”, a análise regional

²⁸ Segundo professor Conti, em entrevista, para os alunos que já estavam cursando foram oferecidas três possibilidades:

a- O aluno poderia cursar os dois cursos paralelamente e obter dois diplomas diferentes;

b- Cursar somente História;

c- Cursar somente Geografia. Segundo o professor, de sua turma que já estava no 2º ano, somente ele optou por fazer apenas Geografia, os outros fizeram os dois cursos ou optaram para a História.

²⁹ O detalhamento de todas as divisões, em cada um dos certificados, está na tabela geral anterior.

está presente de forma bem marcante, principalmente através dos conteúdos estudados a partir da epistemologia vidalianas dos gêneros de vida. A partir da análise dos documentos, notamos ser constante um conteúdo proposto, como por exemplo as “Grandes Paisagens do Globo”, estudadas a partir de subdivisões regionais sob a ótica dos gêneros de vida em cada uma dessas regiões, como Tropical, Mediterrânea, Temperada. Em outras áreas, ainda da Geografia Humana-A, é comum nos documentos a presença da análise regional, quando os temas eram propostos a partir dos *Estudos Regionais* e Produção de *Monografias Regionais*, conforme fig. 15 – Programa de Geografia Humana A (parte D – Conquista do Meio) (1955/1958)

Na disciplina de Geografia Humana-B, dividida em Geografia das Indústrias, Agrária e Energia e em Geografia Humana-C, dividida em Geografia Urbana e Política, a presença da análise regional é mais sutil. Nessas duas disciplinas o trabalho final proposto aos alunos era o estudo das monografias, através da análise regional; somente na Geografia Urbana há a presença mais evidente de aspectos da Geografia Regional.

Nas outras disciplinas, perante os registros documentais, a análise regional não aparece, os conteúdos são apresentados com um caráter mais conceitual/teórico, sugerindo o início do processo de construção de uma comunidade geográfica “uspiana”³⁰.

³⁰ Neste momento o curso ainda contava com professores franceses, porém já havia uma maioria docente de brasileiros, que em sua maioria haviam se formado na própria Universidade de São Paulo.

Figura 15- Programa de Geografia Humana A (parte D – Conquista do Meio) (1955/1958)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

(2)

D) A conquista do Meio (seminários de debates sobre temas escolhidos dentre os assuntos indicados abaixo)

- 1 — Noções de meio natural, meio humano e meio geográfico.
- 2 — A poção de gêneros de vida:
 - a) fatores naturais dos gêneros de vida;
 - b) evolução dos gêneros de vida;
 - c) gêneros de vida, civilização e técnicas.
- 3 — Influências diretas e indiretas do clima sobre o homem:
 - a) teorias sobre as relações do homem com o clima;
 - b) problemas da aclimação;
 - c) o vento como fonte de energia.
- 4 — Domesticação e utilização da água:
 - a) conquista das áreas de inundação;
 - b) áreas e técnicas de irrigação e de drenagem;
 - c) a pesca nos mares e nas águas interiores;
 - d) a construção de canais para a circulação.
- 5 — O aproveitamento do solo:
 - a) os solos e a agricultura;
 - b) técnicas de conservação e de recuperação do solo.
- 6 — Exploração econômica da vegetação:
 - a) tipos de exploração;
 - b) problemas da devastação, conservação e recuperação do revestimento vegetal.
- 7 — Aspectos das relações entre o homem e o relêvo:
 - a) altitude e relêvo e Geografia Humana;
 - b) litorais e planícies, sua ocupação, e economia;
 - c) planaltos e montanhas, sua ocupação e economia.

Em nossa análise documental, como esta era a segunda Grade do curso, pontuamos quais e quando cada disciplina apresentou uma mudança no programa estipulado, desta maneira as disciplinas apontadas em **verde** representam aquelas que sofreram alterações no programas e as destacadas em **vermelho** correspondem aquelas que foram inseridas nesta grade³¹. A tabela abaixo apresenta esses dados, onde estão apontadas as disciplinas que em comparação à Grade anterior ou aos primeiros anos dessa mesma Grade, os programas sofreram alterações significativas. Somente na disciplina de Geografia Regional, apontamos os tópicos que foram inseridos ou modificados, pois é a disciplina de maior relevância para nossa pesquisa na Grade 2.

Figura 16- GRADE 2- Disciplinas que sofreram algum tipo de alteração em relação à Grade anterior (1955-1968)

Período	Disciplina
1956-1962 (Cartografia)	- Cartografia "A" - Cartografia "B"
1956-1964 (Geografia Regional)	- Geografia Regional "A" I) América Platina e Andina II) A África III) Europa Ocidental IV) Ásia de Sudeste - Geografia Regional "B" I) Europa Central II) União Soviética III) Oriente Médio IV) América do Norte - Geografia Regional "C" / Bacharelado I) A Península Ibérica II) Monografias Regionais
1956-1968 (Geografia Humana)	- Geografia Humana "A" A) Organização do Espaço B) Geografia da Circulação C) Geografia da População D) A Conquista do Meio

³¹ Ressalva-se aqui este mesmo padrão de cores para as disciplinas modificadas ou inseridas será seguido nas figuras de 19 a 23.

	<ul style="list-style-type: none"> - Geografia Humana “B” I) Geografia das Indústrias II) Geografia Agrária III) Geografia da Energia - Geografia Humana “C” I) Geografia Urbana II) Geografia Política III) Trabalhos Práticos
1956-1968	- Elementos de Geologia
1956-1968 (Licenciatura)	<ul style="list-style-type: none"> - Psicologia - Didática Geral - Didática Especial
1956-1969 (Geografia do Brasil)	<ul style="list-style-type: none"> - Geografia do Brasil “A” - Geografia do Brasil “B” - Geografia do Brasil “C”
1963-1965 (Cartografia)	<ul style="list-style-type: none"> - Cartografia “A” - Cartografia “B”
1965-1968 (Geografia Regional)	<ul style="list-style-type: none"> - Geografia Regional “A” I) América Platina e Andina II) Seminários (Conceituação e Metodologia da Geografia Regional) - Geografia Regional “B” I) O Benelux II) A China III) Seminários (África) IV) Seminários (América do Norte Anglo-Saxônica) - Geografia Regional “C” I) O Oriente Médio II) A União Soviética III) Seminários (Monografias Regionais)
1966-1968 (Cartografia E)	- Elementos da Aerofotogrametria

Como se pode ver, esta Grade é quase integralmente nova em relação à Grade anterior e nela a Geografia Regional entra efetivamente como disciplina, diferentemente da anterior. Dentro do período correspondente a Grade 2 a disciplina passa por uma mudança estrutural dos conteúdos bem significativa, tendo assim mais de um programa curricular para o período.

Os programas de Geografia Regional são os maiores, especialmente até 1964, dentro da Grade. Há uma grande quantidade de temas apontados no currículo, conforme fig. 17- Programa Geografia Regional A (1955/1964).

A proposta da disciplina era nitidamente voltada ao modelo Vidaliano, com uma presença muito forte da análise regional através dos gêneros de vida. É notável a referência dominante aos conceitos e métodos de estudo Regional de Vidal, como a descrição das características físicas de um espaço, seguido dos estudos acerca da ocupação, e a região como método de análise dos espaços, utilizando dessas referências para todos os recortes temáticos estipulados nos programas, e de De Martonne para os temas mais relacionados à Geografia Física.

Como o professor José Bueno Conti foi aluno no período de transição da Grade 1 para a 2 e cursou as disciplinas de Geografia Regional, que eram obrigatórias, tivemos acesso aos seus cadernos de aluno, onde pudemos observar a presença da análise regional através da proposta de Vidal de La Blache. Os conteúdos eram trabalhados através da perspectiva dos gêneros de vida, sempre com a metodologia das monografias regionais francesas.

O primeiro tema abordado em aula, do ano de 1956 foi uma apresentação teórica e conceitual das monografias regionais e depois os estudos regionais propostos foram feitos no modelo de Vidal de La Blache³², com fortes referências à Emmanuel De Martonne, conforme fig. 18 – Anotações de aula feitas pelo Prof.º Joé Bueno Conti em 1956.

³² Para uma parte do conteúdo dos cadernos consultar anexo III

Figura 17- Programa Geografia Regional A (1955/1964)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS	
<u>CURSO DE GEOGRAFIA</u>	
<u>GEOGRAFIA REGIONAL "A"</u>	
I — América Platina e Andina — 1 aula semanal.	
1 — Divisões regionais dos países platinos.	
2 — A região do Pampa.	
3 — Buenos Aires.	
4 — O Oeste e o Noroeste da República Argentina.	
5 — O Chaco.	
6 — A Patagônia.	
7 — A República do Uruguai.	
8 — As paisagens da República do Paraguai.	
9 — Regiões geográficas da Venezuela e Colômbia.	
10 — Os altiplanos andinos.	
11 — A região de Atacama.	
12 — O Chile — regiões geográficas.	
II — A África — 1 aula semanal.	
1 — Posição e características gerais do continente africano.	
2 — Os grandes traços da estrutura e do relevo.	
3 — Os tipos de clima e seus fatores.	
4 — As paisagens botânicas.	
5 — As populações africanas: tipos e distribuição geográfica.	
6 — A partilha da África pelos europeus e os problemas colonização.	
7 — A independência das antigas colônias e os problemas políticos e sociais.	
8 — A vida econômica: as indústrias extrativas minerais e vegetais, particularmente na África Equatorial e na África Austral.	
9 — A vida econômica: tipos de agricultura e de criação com exemplos regionais.	
10 — A circulação e relações com o meio físico e a vida econômica.	
III — Europa Ocidental — 1 aula semanal.	
1 — Delimitação e características gerais.	
2 — As grandes linhas de estrutura e do relevo.	
3 — As condições climáticas e a vegetação.	
4 — A Inglaterra — regiões geográficas.	
5 — A Bacia de Londres.	
6 — A Escócia.	
7 — A Irlanda.	
8 — A estrutura econômica da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.	
9 — A França — regiões geográficas.	
10 — A Bacia Parisiense.	
11 — O Oeste da França.	
12 — O Norte e o Leste da França.	
13 — O Centro e o Sul da França.	
14 — A vida econômica da França.	
15 — Os países do Benelux — características gerais do quadro natural e das condições humanas.	
16 — Regiões da Bélgica.	
17 — A vida econômica da Bélgica.	
18 — Luxemburgo.	
19 — Regiões da Holanda.	
20 — A vida econômica da Holanda.	
IV — Ásia de Sudeste — 1 aula semanal.	
1 — Posição e características gerais da Ásia de Sudeste.	
2 — Estrutura e relevo da Península da Indochina.	
3 — Relevo e estrutura da Insulindia.	
4 — Climas e vegetação da Ásia de Sudeste.	
5 — As populações e os problemas demográficos da Ásia de Sudeste.	
6 — A vida agrícola na Península da Indochina.	
7 — Sistemas agrícolas da Indonésia, especialmente em Java e Sumatra.	
8 — Exploração mineral e industrialização da Ásia de Sudeste.	
9 — Os problemas políticos e econômicos da Ásia de Sudeste.	

Figura 18- Anotações de aula feitas pelo Prof.^o José Bueno Conti em 1956

A proposta da disciplina de Geografia Regional A-B-C ficou submetida, até 1964, ao mesmo formato para todas as regiões estudadas³³. Primeiramente eram apresentadas as características gerais da região, em seguida a análise, seguindo o modelo Vidaliano, era voltada para divisões regionais da área, onde os estudos seguiam o mesmo formato: 1º quadro natural, 2ª quadro humano e/ou econômico, conforme exemplo da fig. 19- Programa de Geografia Regional B (1955-1964)

³³ Para maiores detalhes consultar tabela acima.

Figura 19- Programa Geografia Regional B (1955-1964)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS	
<u>CURSO DE GEOGRAFIA</u>	
<u>GEOGRAFIA REGIONAL "B"</u>	
I — Europa Central — 1 aula semanal.	
1 — Características gerais da Europa Central.	
2 — Aspectos físicos e divisão regional da Alemanha.	
3 — A Alemanha Ocidental — estudo regional.	
4 — A Alemanha Oriental — estudo regional.	
5 — A Áustria — estudo regional.	
6 — Os Alpes — o quadro natural.	
7 — Os Alpes — a vida econômica.	
8 — A Hungria — o quadro natural.	
9 — A Hungria — a vida econômica.	
10 — A Polônia — regiões naturais.	
11 — A Polônia — evolução econômica.	
12 — A Tchecoslováquia — regiões geográficas.	
II — União Soviética — 1 aula semanal.	
1 — Divisões regionais da União Soviética.	
2 — As grandes linhas da estrutura e do relevo.	
3 — Fatores e tipos de clima.	
4 — Tipos de solos.	
5 — As grandes paisagens vegetais.	
6 — Distribuição da população e grupos étnicos.	
7 — A formação do estado soviético.	
8 — A agricultura na União Soviética.	
9 — A industrialização da União Soviética.	
10 — A circulação e relações com o quadro e a vida econômica.	
11 — Regiões geo-econômicas.	
12 — A expansão para as regiões áridas e árticas da União Soviética.	
III — Oriente Médio — 1 aula semanal.	
1 — Delimitação e características gerais do Oriente Médio.	
2 — Os grandes quadros da estrutura e do relevo.	
3 — Os climas e a vegetação natural.	
4 — A população e suntuária histórica da região.	
5 — O Irã.	
6 — A Ásia Menor.	
7 — A Mesopotâmia.	
8 — A Síria e o Líbano.	
9 — O Estado de Israel.	
10 — A Península Arábica.	
11 — O Médio e o Baixo Nilo e a Líbia.	
12 — Conclusões — A evolução econômica e os problemas políticos do Oriente Médio.	
IV — América do Norte — 1 aula semanal — Seminário.	
1 — Características gerais da América do Norte.	
2 — Divisão regional da América do Norte.	
3 — O estado canadense — o quadro natural e a vida econômica.	
4 — O vale do São Lourenço.	
5 — A Colúmbia Britânica.	
6 — O Alasca.	
7 — Os Apalaches — estrutura e relevo.	
8 — A Nova Inglaterra — estudo regional.	
9 — A Costa Atlântica.	
10 — O Sul dos Estados Unidos.	
11 — O Sudoeste dos Estados Unidos.	
12 — O vale do Mississippi.	
13 — As planícies centrais.	
14 — A região dos Grandes Lagos.	
15 — A região das Rochosas — o quadro natural.	
16 — A região das Rochosas — as atividades econômicas.	
17 — A região do Pacífico — o quadro natural.	
18 — Povoamento e economia da Califórnia.	

Nos programas de Geografia Regional, a proposta avaliativa dos “*certificados*” era a produção de uma Monografia Regional, de regiões que já estavam estipuladas pelo professor no programa; a maioria delas era da Europa, exceção apenas para a região da Califórnia e do Magreb.

Em 1965, após o Golpe Militar e a instalação da ditadura, o programa de Geografia Regional passa por uma reformulação substancial. Os conteúdos ficaram mais sucintos e o foco das regiões de análise mudou drasticamente. O programa de Geografia Regional A de 1965/1968, teve um novo item, denominado de “Seminários – Conceituação e Metodologia de Geografia Regional”, o qual compunha epistemologicamente uma proximidade muito grande com o que mais tarde veio a ser a disciplina de Teoria da Região e Regionalização.

Na análise dos programas de Geografia Regional após 1965, apesar de ainda encontrarmos regiões de estudo como União Soviética, China e Oriente Médio, verificamos, pela primeira vez, a inserção de regiões da América Latina. Até então, a maioria das regiões estudadas tinha uma ligação muito mais forte com os interesses da Escola Francesa de Geografia, que inegavelmente tinha um projeto de “colonização intelectual”.

“A França deglutia, no início do século XX, o segundo império colonial da superfície da Terra, necessitando, naturalmente, de confundir a política colonial com os interesses humanitários de levar a civilização a povos incultos e capazes de ser educados e absorvidos pela civilização ocidental, em vez de pregar uma política de extermínio ou de conquista dos povos ditos inferiores” (ANDRADE, 1997, p. 8)

Importante destacar que após 1965, constam em todos os certificados (A-B-C) de Geografia Regional, o item *Seminários*, os quais eram compostos por um caráter mais teórico e epistemológico da Geografia Regional ou por estudos de casos de áreas específicas, através das Monografias Regionais, contando com uma aula semanal, a mesma quantia das outras áreas ou duas aulas semanais, quantia superior a maioria das áreas.

Conforme apresentado anteriormente, é inegável a influência da Escola Francesa de Geografia, em especial na análise regional na Grade 2. Porém, é

inegável também que após 1965 o debate regional, através dos programas curriculares, começa a esboçar o desenvolvimento de um pensamento geográfico Brasileiro.

2.3– Grade 3 (1968/1989)

Como explicamos anteriormente, partimos da ideia de respeitar as divisões oficiais das Grades, desta forma, de acordo com os documentos originais a Grade 3 teria vigência até 1981, mas, de fato somente em 1989 há uma nova reformulação oficial da Grade do curso de Geografia. Como tivemos acesso a todos os programas oficiais de 1981 até 1989 pudemos observar que não houve nenhuma alteração dos programas. Assim sendo, para que o texto não ficasse repetitivo optamos pela junção dos períodos de 1981 até 1989, por isso a Grade 3 corresponde ao período de 1968 até 1989.

Entendemos que a mudança de uma Grade para a outra de forma alguma quer dizer um rompimento total em termos paradigmático, teórico ou metodológico, mas é sim um movimento contínuo e fluido do próprio avanço da ciência e da comunidade científica em que a Grade está inserida. Desta forma, neste longo período de vigência da Grade 3, muitas mudanças foram feitas nos programas das disciplinas.

Com o objetivo de ilustrar essas mudanças, a tabela abaixo apresenta dois pontos importantes: a) o período em que cada disciplina teve seu programa alterado entre 1969 e 1989; e b) a inserção de uma nova disciplina na Grade.³⁴

Figura 20- GRADE 3- Disciplinas que sofreram algum tipo de alteração em relação à Grade anterior (1969-1981)

³⁴ Os detalhes de quais disciplinas existiam em Grades anteriores, está na fig. 12 – Tabela das Disciplinas do Departamento de Geografia da USP (1952/2014), no início do capítulo.

Período	Disciplina
1969-1970	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução à Ciência Geográfica - Introdução à Geografia Física
1969-1973	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução à Geografia Humana - Geografia da População - Geografia Agrária - Geografia Urbana - Geografia das Indústrias - Fontes de Energia - Geografia do Comércio - Geografia da Circulação - Organização do Espaço Regional - Panorama da Geografia do Brasil - Geografia Regional I (Mundo Tropical) (URSS e USA) - Geografia Regional II (Nordeste dos Estados Unidos) (Grã-Bretanha e Argentina) - Geografia Regional do Brasil I (Amazônia) (Nordeste)
1971-1973	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução à Ciência Geográfica - Introdução à Geografia Física - Geografia Regional do Brasil II (Brasil de Sudeste) (Estado de São Paulo)
1974	<ul style="list-style-type: none"> - Geografia do Comércio - Geografia da Circulação
1974-1975	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução à Geografia Física - Introdução à Geografia Humana - Geografia da População - Geografia Agrária - Geografia Urbana - Geografia das Indústrias - Fontes de Energia - Organização do Espaço Regional - Panorama da Geografia do Brasil - Geografia Regional I (Estados Unidos e União Soviética – Estudo Comparativo) (O Mundo Tropical) - Geografia Regional II (América Platina) (Austrália) - Geografia Regional II (Nordeste dos Estados Unidos) - Geografia Regional do Brasil I (A Amazônia Brasileira) (O Nordeste) - Geografia Regional do Brasil II (O Estado de São Paulo) (O Brasil de Sudeste)
1975	<ul style="list-style-type: none"> - Geografia do Comércio - Panorama da Geografia do Brasil - Geografia Regional I (Estados Unidos) - Geografia Regional II (Argentina)
1976-1981	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução à Ciência Geográfica - Introdução à Geografia Física - Introdução à Geografia Humana - Geografia da População

	<ul style="list-style-type: none"> - Geografia Agrária - Geografia Urbana - Geografia das Indústrias - Geografia da Energia / Fontes de Energia - Geografia do Comércio - Organização do Espaço Regional - Panorama da Geografia do Brasil - Geografia Regional I - Geografia Regional II - Geografia Regional do Brasil I - Geografia Regional do Brasil II - Orientação para Pesquisa em Geografia Física - Orientação para Pesquisa em Geografia Humana
1980-1981	<ul style="list-style-type: none"> - Geografia Política

Org. Camargo, 2016

Como se pode notar, mais uma vez ocorrem mudanças substanciais em relação à Grade anterior. Esta Grade, de número 3, corresponde ao período em que a análise regional foi mais intensa no curso de Geografia da Universidade de São Paulo conforme os programas oficiais. Além de um aumento significativo em termos quantitativos, a proposta teórica-metodológica da análise regional é presença recorrente em várias outras disciplinas.

Na disciplina de Introdução à Geografia Física, que tem o programa alterado mais de uma vez ao longo dos anos, em todos eles há a indicação dos estudos das obras de Emmanuel De Martonne. Na análise dos documentos fica evidente como a regionalização e a análise regional compuseram a base da metodologia usada para os estudos propostos pela disciplina.

Nos programas da disciplina de Introdução à Geografia Humana, que são alterados quatro vezes de 1968 até 1989, a bibliografia proposta aos alunos era fortemente pautada em autores ligados à Geografia Regional, como Vidal de La Blache, Orlando Ribeiro e Richard Hartshorne. Um dos tópicos centrais dos programas é o tratamento à Geografia Regional e o elo entre Geografia Física e Humana.

Esta mesma percepção da Geografia Regional também é encontrada na disciplina de Introdução à Ciência Geográfica, que a título de exemplo, reproduzimos na fig. 21- Programa de Introdução à Ciência Geográfica – (1971/1973).

O programa de Geografia Urbana, sofreu diversas modificações ao longo dos 21 anos da Grade 3 e é extremamente extenso, com uma média de 10 itens com 60 sub-itens. De qualquer modo, nesta disciplina, no período, houve sempre referência clara à análise regional, principalmente nos tópicos relacionados os processos urbanos “atuais”.

A referência à análise regional está também presente, de forma clara, em muitos itens previstos no programa de Geografia das Indústrias. Embora ao longo dos anos, seja um programa que teve sua estrutura bastante modificada, em todos a análise regional é sempre um ponto abordado. Diversos itens apresentam uma menção marcante aos processos ou fenômenos relacionados à indústria através de um recorte regional de análise.

A disciplina de Organização do Espaço Regional manteve esta nomenclatura até 1988; em 1989 ela passa a ser chamada de Teoria da Região e Regionalização³⁵. No programa de 1968 até 1973, a proposta é de uma introdução à Geografia Regional, onde os fundamentos básicos são apresentados aos alunos, como conceito de região e de espaço regional.

No programa de 1974 até 1981, a proposta faz referência à análise regional dos fenômenos e processos, por meio de uma abordagem sobre redes, fluxos e polarização. Os objetivos estipulados elucidam como a análise regional, em especial das redes, fluxos e produção era o ponto central da discussão. Neste período há também uma indicação, no programa da importância da análise regional obtida a partir de dados quantitativos. Um dos objetivos principais da disciplina é compreender como a análise regional foi evoluindo ao longo dos anos, embora em 1989 o programa indique uma bibliografia mais moderna, como a inglesa e americana, há também referências aos clássicos da Geografia Regional, inclusive os franceses.

Figura 21- Programa de Introdução à Ciência Geográfica – (1971/1973)

³⁵ Nos programas que compõem a Grade 3, esta disciplina não aparece no período de 1981 até 1989.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1971 - 1973

INTRODUÇÃO À CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Períodos Diurno e Noturno

18 semestre

4 créditos

I - O Método Científico

- Considerações gerais: noção de ciência e seu uso comum.
- Características do conhecimento científico.
- Divisão das ciências: ciências formais e factuais.
- As etapas do método científico.
- A aplicação do método nas ciências naturais e sociais.

II - A Geografia como Disciplina Científica

- O objeto da geografia.
- A perspectiva dos fenômenos da natureza e da sociedade.
- O campo da Geografia.
- Os recursos da explicação dos fatos e o problema das revelações da Geografia com as demais disciplinas científicas.
- Evolução do pensamento geográfico.

III - Problemas de Método em Geografia

- "Princípios da Geografia" ou método científico?
- Considerações sobre os métodos de análise em Geografia.
- Existe um método geográfico de investigação?
- Implicações metodológicas do conceito de região.
- O estado atual das técnicas de observação em Geografia.

Períodos Diurno e Noturno

28 semestre

I - Introdução ao estudo da Geografia. Conceitualização e importância da geografia como ciência.

II - Evolução dos conhecimentos geográficos: da Antiguidade aos dias atuais.

III - A Geografia Moderna: princípios e métodos. Campo de estudo. Principais escolas geográficas.

IV - Os diferentes ramos da ciência geográfica. O dualismo entre Geografia Física e Geografia Humana. A Geografia Regional.

V - Principais entidades nacionais e internacionais que se dedicam à Geografia. A União Geográfica Internacional (U.G.I.). O Instituto Pan-Americano de Geografia e História (I.P.G.H.). O Instituto Brasileiro de Geografia (I.B.G.). A Associação dos Geógrafos Brasileiros (A.G.B.). As Faculdades de Filosofia e Institutos de Geociências. O Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo. Principais publicações periódicas.

Figura 22- Programa de Organização do Espaço Regional (1968/1973)

Figura 23- Programa de Organização do Espaço Regional (1973/1981)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

FLA 626 - ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL
4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Ressaltar o desempenho do homem na ampliação, multidimensional do espaço, quando, o dinamismo moderno da vida de relações lança a necessidade de se representar um novo espaço, relativo à realidade.
- 2) Preparar o caminho para a formação do estudante na abordagem geográfica da regionalização, suas técnicas de análise e formalização, visando uma aplicação profissional nos estudos de planejamento.
- 3) Introduzir o estudante às novas técnicas de quantificação e análise espacial que vem se incorporando à análise geográfica.
- 4) Preparar o espírito do estudante para as inovações operacionais que a cibernética tem revelado e que, em futuro próximo, serão rotineiras na investigação científica.

TEMÁTICA:

A Região Como Fato Geográfico e Objeto de Investigação Científica (I)

- 1) Da "paisagem" à "região". A dinâmica da vida de relações e a ampliação da noção de espaço.
- 2) Reformulação do conceito geográfico de região. Região e análise espacial.

Os Processos Genéticos de Definição Regional (II)

- 3) Fatores naturais e históricos na gênese, a influência das transformações técnicas e os processos cumulativos de desenvolvimento.
- 4) A incidência espacial do crescimento econômico. Homogeneidade e diferenciações.
- 5) A vida de relações e o conceito de "poliarização", Redes e fluxos no espaço relativo.

Estrutura Regional (III)

- 6) A estrutura geográfica da região e suas novas perspectivas metodológicas.
- 7) Análise locacional e análise espacial.
- 8) Espaços homogêneos, graus e tipos de variação.
- 9) As redes urbanas como elemento estruturador do espaço regional.

Análise e Classificação Regional (IV)

- 10) Os padrões de caracterização espacial na pesquisa geográfica. Unidades de análise e fontes de dados. Do "indivíduo" ao "universo" de pesquisa.
- 11) Técnicas de divisão e de agrupamento. O papel da teoria dos conjuntos no estudo dos espaços regionais. Técnicas de análise quantitativa. Critérios unidimensionais e multidimensionais.
- 12) Classificações regionais. Os sistemas regionais específicos, genéricos, nodais e uniformes.

A Região como Objeto de Intervenção (V)

- 13) Região e regionalização. Os padrões regionais nos países desenvolvidos e naqueles em processo de desenvolvimento.
- 14) Desenvolvimento diferenciado do espaço e disparidades regionais. Dinamização e integração de áreas degradadas.
- 15) Regionalização, desenvolvimento e planejamento. Papel e funções da regionalização nos planos nacionais de desenvolvimento. Análise de casos e modelos ilustrativos na América Latina.

NATUREZA DO CURSO:

O curso é de natureza teórico-prática. Duas horas semanais serão aplicadas em aulas expositivas de caráter normativo. As quais poderão ser acompanhadas de discussões em grupos sobre certos tópicos. As outras duas horas deverão se revestir de um caráter operacional, acompanhadas de exercícios práticos, visando a iniciação à análise espacial e técnicas de quantificação, preconizadas nas unidades IV e V, especialmente, esta última.

Outra disciplina cujo programa revela relações com muitos pontos epistemológicos fundamentais da Geografia Regional é a disciplina "Panorama

da Geografia do Brasil”, em que a proposta dos estudos referentes ao espaço brasileiro, segue um recorte regional, onde a compreensão do processo de regionalização do território brasileiro é um ponto chave no programa. Em todos os programas – 69/73, 74/75, 76/89 – é perceptível que a disciplina possuía um aspecto de “introdução à Geografia Regional do Brasil”³⁶, apresentando os conteúdos referentes à Geografia do Brasil através da análise regional. Um dos objetivos da disciplina era: *“Utilizar um roteiro de abordagens didáticas em sequência dedutiva mais adequada a um caráter de motivação introdutória aos estudos regionais que se lhe seguirão”*³⁷ e um dos itens curriculares é: *“Visão retrospectiva dos estudos de regionalização do Brasil a partir de 1941. Estudos fundamentais. Mudanças de perspectivas na análise geográfica.”*

Esta disciplina também possuía uma forte “influência” das propostas de desenvolvimento regional do governo militar, visto que era indicado aos alunos que conhecessem os discursos Presidenciais ao Congresso Nacional, conforme apontado no item “Natureza do Curso” no programa da disciplina.

As disciplinas de Geografia Regional I e II³⁸ foram oferecidas até 1975 em formato rotativo com 4 horas aulas semanais, as regiões analisadas poderiam mudar a cada semestre. Para cursar essas duas disciplinas era obrigatório que os alunos tivessem cursado as disciplinas de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia, Organização do Espaço Regional, Cartografia I, Introdução à Geografia Humana, Introdução à Geografia Física e História do Pensamento Geográfico.³⁹

Neste período as regiões estudadas em Geografia Regional I foram: Mundo Tropical (A), URSS e EUA (B)⁴⁰, Estados Unidos (C)⁴¹, com as seguintes propostas:

A- uma análise regional panorâmica do mundo tropical –zona climática intertropical – através de aspectos, como: características físicas, populacionais

³⁶ Esta disciplina era pré-requisito para a disciplina de Geografia Regional do Brasil I e II.

³⁷ Programa da Disciplina Panorama do Brasil –FLG 522- Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo, 1975.

³⁸ A nomenclatura I e II não significava que elas deviam ser cursadas sequencialmente.

³⁹ Todos os programas de Geografia Regional referente à Grade 3 estão no ANEXO I- Programas de Geografia Regional, na página 143.

⁴⁰ Nomenclatura conforme original

⁴¹ Idem 21

e econômicas. Somente no programa de 1975 foi proposta uma análise regional, partindo da perspectiva das articulações dos processos e fenômenos geográficos entre os países do mundo tropical;

B- primeiro são apresentados os aspectos mais gerais dos dois países, através das características físicas, populacionais e econômicas, mas também são propostos estudos mais detalhados das divisões regionais de cada país e suas características, assim como os problemas de regionalização;

C- uma compreensão da organização do espaço estadunidense através da análise regional (ofertada somente em 1975).

Com exceção à temática dos Estados Unidos, nos outros dois programas a proposta metodológica faz primeiro uma apresentação distinta dos aspectos físicos e humanos e somente depois, quando a proposta fica a cargo da análise regional dos processos, como crescimento populacional, regiões geoeconômicas, circulação, urbanização é que os aspectos físicos e humanos são analisados de forma integrada.

Na disciplina de Geografia Regional II as regiões foram: Nordeste dos Estados Unidos (A), Grã-Bretanha e Argentina (B), América Platina (C), Austrália (D), nos seguintes termos:

A- o objetivo era utilizar a análise regional como método para a compreensão da organização e dinâmica do espaço, privilegiando os processos urbanos e suas relações com o dinâmica econômica;

B- o objetivo do curso, apontado como central no programa, era a análise regional comparativa dos dois espaços, objetivando a compreensão da organização regional nacional de cada país;

C- programa bastante extenso, onde os pontos curriculares estipulados, indicam um estudo minucioso da América Platina, através da proposta metodológica da análise da área em diversas partes e a análise regional seria o elo de ligação entre essas partes. No programa há um tópico específico denominado “análises regionais”;

D- concepção programática muito parecida com a da América Platina, onde o espaço estudado era dividido em partes e a ligação entre elas era feita através da análise regional. Um tópico no programa dizia respeito a estudos

sobre a posição mundial da Austrália e sua relação com o Brasil, partindo da perspectiva da análise regional.

Nos programas de 1976 até 1989 na disciplina de Geografia Regional I e II a região de estudo não aparece mais como anteriormente. Acreditamos que, a cada semestre, as regiões eram apresentadas aos alunos segundo o interesse do professor que iria lecioná-la. Porém, a temática proposta nos programas era de uma disciplina voltada para os fundamentos teóricos da Geografia Regional como análise dos processos e fenômenos das regiões.

Os tópicos propostos aos alunos eram escalas da análise regional, a formação econômico-social como categoria de análise e como base de produção e reprodução social, a hegemonia dos Estados Unidos, a formação de blocos. A proposta da análise regional era de uma observação mais globalizada, voltada para as análises dos Estados, de seu funcionamento econômico e a formação dos “blocos de nações”.

Nos programas deste período há uma forte presença bibliográfica dos franceses, incluindo Vidal de La Blache.

As disciplinas de Geografia Regional do Brasil I e II seguiram, até 1975, o mesmo esquema rotativo das regiões estudadas e as disciplinas que eram pré-requisito eram as mesmas, acrescentando apenas a de Panorama da Geografia do Brasil.

Nos programas de Geografia Regional I, as regiões estudadas eram Amazônia e Nordeste com duas aulas semanais, e sobre os mesmos, concluímos que:

Amazônia- os programas de 1969 até 1973 seguiam um modelo muito próximo das monografias regionais lablachianas, onde primeiro era feito um estudo minucioso das características naturais, seguidas das características humanas (no caso específico, as econômicas), e, na sequência, uma análise de como a sociedade se ajustou à natureza⁴², previstas como “Necessidades e Possibilidades da Amazônia Brasileira”.

⁴² LENCIONI, 2009, p. 105.

Já no programa de 1974/1975, a proposta apresentava uma análise regional mais integrada, entre os aspectos físicos e humanos, abordando de forma intensa os estudos de integração nacional.

Nordeste- a proposta dos programas até 1975 era de uma análise regional bem integrada, do ponto de vista físico e humano, adotando os processos econômicos como ponto chave da análise. É evidente uma preocupação de compreensão do desenvolvimento do espaço regional do Nordeste.

Até 1975, a disciplina de Geografia Regional II, com duas aulas semanais abordava as seguintes regiões: Brasil de Sudeste e O Estado de São Paulo, com as seguintes propostas.

Brasil de Sudeste: para os períodos Diurno e Noturno encontramos programas diferentes para esta disciplina. No período Diurno, o programa era bem mais extenso, com uma proposta de debate regional voltado para a compreensão do desenvolvimento e de produção do espaço estudado, propondo uma visão bem integrada dos aspectos físicos, populacionais e econômicos.

No curso Noturno, a proposta era bem diferente, posto que o programa oferecia uma visão mais panorâmica da região, apresentando as características básicas da Geografia, como: quadro natural, evolução econômica e populacional, indústria e urbanização.

O Estado de São Paulo: até 1974 o programa proposto era muito próximo dos modelos apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, onde o foco era uma análise voltada para a compreensão da distribuição e localização das atividades econômicas, com o indicativo dos estudos dos censos anteriores.

No programa de 1974/1975, a proposta segue um perfil bem diferente, sendo a análise voltada para a compreensão do estado enquanto região mais dinâmica e desenvolvida do país. Essa dinâmica é proposta através da análise regional, segundo as grandes áreas da Geografia: agrária/rural, indústria, redes e fluxos.

Nos programas de Geografia Regional do Brasil I e II de 1976 até 1989, as regiões estudadas não constam nos documentos. A proposta apresentada era de uma disciplina voltada para uma apresentação das características das

regiões brasileiras, seguindo a proposta feita pelo IBGE. A bibliografia indicada era toda brasileira, especialmente as produções do IBGE e do Boletim Paulista de Geografia.

A última disciplina do programa onde a análise regional é abordada é a de Geografia Política, porém somente nos programas de 1981 a 1989. Entre os tópicos do programa há claramente mais de um referente à análise regional.

Na Grade 3, a proposta da análise regional esteve, de modo geral, fortemente ligada ao paradigma do desenvolvimento e do planejamento regional. É também inegável que o contexto político tenha tido influência nas propostas curriculares, uma vez que um dos pontos centrais das políticas do governo militar era o desenvolvimento do interior, a integração nacional e principalmente o desenvolvimento regional do espaço.

Neste período os planos de desenvolvimento regional ganham destaque em termos governamentais, o que faz da Geografia uma ciência de interesse, visto que um dos objetivos do Governo Militar era a integração nacional e o desenvolvimento regional do país, desta forma, muitos estudos de caráter da Geografia, poderiam ser usados como consulta. Embora o Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo não tenha tido uma ligação muito forte com o Ministério do Planejamento ou com as superintendências regionais e os Planos de Desenvolvimento, como o IBGE teve, alguns professores eram convidados a prestar “consultorias” nos assuntos relacionados⁴³. O planejamento urbano e o desenvolvimento regional, buscando uma compreensão da dinâmica dos espaços, foram temas marcantes nas disciplinas regionais e em outras em que a análise regional foi adotada no período entre 1968 e 1989.

⁴³ Fato apontado pela professora Sandra Lencioni e José Bueno Conti nas entrevistas realizadas.

2.4 – Grade 4 (1989 – 2014)

Historicamente, o período que corresponde à Grade 4 representa um momento importante para a Geografia Brasileira, especialmente para o Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Além do fim da ditadura, em 1985, muitos professores do Departamento, nesta época, compuseram a comunidade científica que renovou a Geografia Brasileira, como Milton Santos, Sandra Lencioni, Antonio Carlos Robert de Moraes, Ariolvaldo Umbelino de Oliveira, Ana Fani A. Carlos, Wanderley Messias da Costa, por exemplo.

Paradigmaticamente, neste período, formou-se uma corrente que propunha uma inserção do marxismo e da dialética como método para os estudos geográficos. Muitos geógrafos, representantes desta corrente de pensamento, como Pierre George, R. Guglielmo, Michel Rochefort estiveram no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo diversas vezes⁴⁴, e suas “palestras” e cursos eram fundamentados teoricamente em autores ligados ao marxismo.

Outro geógrafo de destaque dessa corrente do pensamento geográfico e indicado muitas vezes nos programas disciplinas da grade 4 como fonte bibliográfica é Élisée Reclus, que foi defensor de uma renovação radical da Geografia.

É nesse contexto, que interferiu diretamente na Geografia produzida no DG/USP, somado ao fim da Ditadura Militar, que o Departamento elabora uma nova grade com o total de 77 disciplinas, ressaltando-se o fato de que, entre estas apenas 14 constavam em grade anterior.

⁴⁴ Fato apontado pela professora Odette Seabra em entrevista cedida no dia 18 de fevereiro de 2016 no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo às 15 horas.

Figura 24- GRADE 4 - Disciplinas que sofreram algum tipo de alteração em relação à Grade anterior (1989-2014⁴⁵)

Período	Disciplina
1989	Aerofotogeografia Análise e Interpretação de Cartas Topográficas Biogeografia Cartografia Temática da Geografia Climatologia I Climatologia II Elementos da Cartografia Sistemática Estágio Supervisionado em Climatologia Estágio Supervisionado em Geomorfologia Estágio Supervisionado em Sensoriamento Remoto Fisiologia da Paisagem Fundamentos Econômicos, Sociais e Políticos da Geografia Fundamentos Naturais da Geografia Geografia do Turismo Geografia dos Recursos Naturais Geografia Econômica I Geografia Econômica II Geografia Humana e Econômica Geral Geografia Humana Geral e do Brasil Geografia Social Geografia Agrária Geografia da População Geografia das Indústrias Geografia do Estado de São Paulo Geografia Urbana Geomorfologia Climática e Litorânea Geomorfologia Geomorfologia I Geomorfologia II Hidrografia História do Pensamento Geográfico Homem e Espaço na Pré-História: Uma Introdução a Geoarqueologia. Iniciação a Pesquisa em Geografia I Iniciação a Pesquisa em Geografia II Microinformática Instrumental em Geografia Pedologia Planejamento Regionalização do Espaço Brasileiro Regionalização do Espaço Mundial

⁴⁵ Não houve mudança na Grade Curricular do curso de Geografia da FFLCH/USP de 2014 para cá (novembro de 2016), mas é possível que tenham havido mudanças em Programas de algumas disciplinas e, por isso, referimo-nos a 2014 neste caso, não como final da vigência desta Grade, mas como último ano de nossa análise.

	Sensoriamento Remoto Aplicado a Geografia Solos Tropicais Teoria e Método em Geografia I Teoria e Método em Geografia II Teoria Geográfica da Paisagem Teoria da Região e Regionalização Técnicas de Campo e Laboratório em Geografia Trabalho de Graduação Individual em Geografia I Trabalho de Graduação Individual em Geografia II Análise Espacial e Geoprocessamento Geomorfologia Aplicada ao Planejamento e Gestão Ambiental Introdução à modelagem climática Mudanças Climáticas Globais e Implicações Atuais Migrações e Trabalho A Cidade e o Urbano no Brasil: Teoria e Método
1994	Cartografia Ambiental Estágio Supervisionado em Análise de Solos Estágio Supervisionado em Geoprocessamento Introdução do Estudo da Urbanização no Terceiro Mundo Introdução ao Sistema Geográfico de Informação Trabalho de Campo em Geografia II Geografia Crítica e Ensino de 1º e 2º graus
2001	Geografia Regional I- África do Sul Geografia Regional II- Oriente Médio Geografia Regional III- Europa Geografia Regional IV- América Latina Geografia Regional do Brasil I Geografia Regional do Brasil II Geografia Regional do Brasil III Geografia Regional do Brasil IV
2006	Introdução aos Estudos dos Solos Introdução a Geomorfologia
2008	Estágio Supervisionado de Ensino de Geografia e Material Didático
2009	Teoria Geográfica do Espaço
2010	Teoria e Método em Geoprocessamento
2011	Ensino de Geografia na Educação Básica Geografia da Metrópole Trabalho de Campo em Geografia I

Org. Camargo, 2016

Embora a Grade 4 conste com um grande número de disciplinas, a quantidade voltada para a Geografia Regional ou que aborda a discussão

regional nos respectivos programas é muito pequena. Dos quatro períodos analisados por nós, este é, sem dúvida, aquele em que a temática regional ocupa, relativamente, menor espaço na Grade e nos programas das disciplinas.

Muitas disciplinas, que anteriormente abordavam a análise regional para a compreensão dos conteúdos propostos nesta Grade adotam outros métodos, sem menção alguma à Geografia Regional, como é o caso da disciplina de Geografia Urbana.⁴⁶

Outras, por sua vez, trazem sim conteúdos relativos à temática regional, tais como:

- A disciplina de História do Pensamento Geográfico, que aborda no seu programa os conteúdos relacionados à Geografia Regional, como a discussão acerca do determinismo-possibilismo e o enfoque regional.
- A disciplina de Planejamento, com um foco na perspectiva regional, onde a análise regional é apontada como método e também como caminho para a compreensão dos estudos dos planos de desenvolvimento.

As disciplinas voltadas explicitamente à Geografia Regional, como é o caso de Teoria da Região e Regionalização, apresenta um programa próximo do anterior⁴⁷, porém o foco central passou a ser a discussão sobre a análise regional como uma metodologia de análise.

A disciplina de Geografia Regional do Brasil, que até 2001 era apenas uma, divide-se em quatro, mas todas possuem o mesmo programa, sendo seu objetivo o estudo das macrorregiões brasileiras. Assim como na Grade anterior, não há mais a estipulação de qual região será estudada, mas na prática, essas disciplinas eram organizadas da seguinte forma: I – Sul; II – São Paulo; III- Nordeste; IV- Amazônia.

Segundo programas oficiais arquivados na Secretaria de Graduação referentes ao período da Grade 4, as disciplinas relacionadas à Geografia

⁴⁶Programa disponível em:
<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=FLG0560&verdis=4>
<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=FLG0565&verdis=1>

⁴⁷ Conforme já apontado a disciplina levava o nome de Organização do Espaço Regional.

Regional do Brasil apresentam a mesma ementa, pois, ao longo dos anos, diferentes professores foram assumindo estas disciplinas. Neste caso, ressaltamos a importância de se levar em conta o fato de que os docentes são protagonistas desta história e que dependendo de sua orientação teórica, cada uma dessas disciplinas assumiu, como assume até hoje, uma distinta orientação.

A título de exemplo, analisamos conteúdos programáticos das disciplinas de Regional do Brasil III – Nordeste e IV – Amazônia, referentes à primeira década do século XXI, fazendo-se nítida a influência da Geografia Crítica e de autores de orientação marxista.

No programa de Geografia Regional do Brasil III- Nordeste (2008) a proposta de análise é voltada para a compreensão da formação histórica do Nordeste enquanto região, com ênfase nos eventos que marcaram esse processo. Embora haja também na disciplina de Geografia Regional do Brasil IV- Amazônia (2007), esta mesma concepção é evidente uma grande influência de autores marxistas e uma forte discussão sobre esta região através da geopolítica, compreendendo-a como uma parte fundamental do atual processo de globalização⁴⁸.

Já na disciplina de Regionalização do Espaço Brasileiro, a proposta apontada é a compreensão regional-política do território brasileiro e uma análise panorâmica histórica da regionalização do Brasil.

Outro destaque da análise regional no currículo do DG/USP é o da disciplina de Regionalização do Espaço Mundial.

Até 2001 havia na Grade 4 uma disciplina denominada Geografia Regional, que foi desmembrada em outras quatro, onde o foco de estudo eram as seguintes regiões: Geografia Regional I – África do Sul, Geografia Regional II – Oriente Médio, Geografia Regional III – Europa, Geografia Regional IV – América Latina.

Geografia Regional I – África do Sul: a proposta apresentada no programa é a compreensão da dinâmica do espaço africano, através de uma abordagem da formação histórica do ponto de vista do território, política e administrativa.

⁴⁸ Ambos Programas foram elaborados pela Profa. Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz, cuja Graduação (concluída em 1991), Mestrado (1995) e Doutorado (1999) foram cursados no Departamento de Geografia da USP.

Geografia Regional II – Oriente Médio: propõe um programa totalmente diferente em relação à Grade 2. Aqui o foco da análise é a compreensão dos processos de regionalização do espaço, assim como toda a dinâmica envolvendo o petróleo e o mundo ocidental X fundamentalismo islâmico.

Geografia Regional III – Europa: a perspectiva apresentada é a compreensão da regionalização do continente e de seus desdobramentos no campo econômico.

Geografia Regional IV – América Latina: uma abordagem parecida com a da Europa, onde o foco está na compreensão da regionalização e da relação com os “organismos supranacionais: MERCOSUL, CAN, UNASUL, CAFTA, NAFTA e ALCA”⁴⁹. Porém é perceptível a preocupação de uma abordagem regional histórica da formação territorial dos países.

Embora o programa tenha ganhado muitas outras disciplinas, abarcando uma gama de autores, teorias e análises, a Geografia Regional, assim como o debate regional possuem um espaço bastante reduzido em relação às Grades anteriores, com apenas algumas matérias.

Na leitura dos programas da Grade 4 é notável a presença de muitos conteúdos ligados à economia, à análise ambiental, à produção do espaço relacionada ao capital, sendo espaço e território as categorias analíticas mais recorrentes, espelhando, assim, os paradigmas mais proeminentes desse período.

Capítulo 3 – As Grades Curriculares vistas segundo uma outra periodização

⁴⁹ Item 7 do Programa de 2001 a 2014.

A análise dos programas do curso de Geografia ao longo dos 80 anos envolvidos com nossa pesquisa nos permitiu concluir que, através da importância atribuída à Geografia Regional é possível pensarmos uma outra periodização dos currículos.

Conforme elucidado no texto anteriormente, a Geografia Regional no curso de Geografia da USP teve um longo período de destaque nos programas curriculares, sendo mencionada como ponto central de diversas disciplinas, com destaque especial para a análise regional, que durante 55 anos (de 1934 até 1989) esteve abundantemente presente nas Grades curriculares.

A partir disso, as Grades curriculares do curso de Geografia da USP podem ser relidas da seguinte maneira:

Figura 25- Outra Periodização da Organização das Grades Curriculares

Figura 26- Currículos de Geografia da FFLCH/USP – Uma outra Proposta de Periodização.

1934	1966	1989	2014
GRADE A	GRADE B	GRADE C	
Período em que o debate e a análise regional eram centrais nos programas.		Período em que o debate e a análise regional são bastante reduzido em relação ao período anterior.	
Pontos Curriculares de Destaque: Geografia Regional- <u>Escola Francesa de Geografia – Vidal de La Blache</u>	Pontos Curriculares de Destaque: Geografia Regional: <u>Planejamento Regional</u>	Pontos Curriculares de Destaque: Geografia: <u>Crítica;</u> <u>Ambiental;</u> <u>Geoprocessamento</u>	
Período em que o método positivista domina a produção científica em geral e na Geografia	Influência do neopositivismo que, na Geografia transparece no momento de renovação, com a chamada Geografia Teorética.	Pluralidade metodológica como marca distintiva em relação aos períodos anteriores.	

Org. Camargo, 2016

3.1 – Grade A: Escola Francesa de Geografia

Chamaremos de Grade A- Escola Francesa de Geografia o período correspondente a 1934 até 1966. Nesses 32 anos, a Geografia Regional dentro do curso de Geografia da USP foi baseado nos fundamentos da Escola Francesa de Geografia, segundo a proposta teórica-conceitual de Vidal de La Blache.

A grande influência de Vidal de La Blache e sua Geografia Regional neste período, inegavelmente tem origem com a chegada e posteriormente manutenção de muitos geógrafos franceses no curso de Geografia da USP, conforme vontade e idealização da elite intelectual que ajudou no projeto de fundação e estruturação da Universidade de São Paulo, como descrito no capítulo I.

Entre 1934 e 1966 ao analisarmos os currículos podemos observar que muitas disciplinas seguiam o mesmo padrão; o conceito de região era muito utilizado, a análise regional era aplicada a diversos temas e as leituras mais indicadas eram dos geógrafos franceses. A grande influência da Escola Francesa de Geografia é observada a partir de três pontos específicos:

- Monografias Regionais: nos programas correspondentes ao período há um predomínio de propostas de trabalho e estudo dos assuntos de interesse da Geografia a partir das monografias regionais vidalianas.

Em muitas disciplinas, normalmente, as monografias regionais apareciam de duas formas: como método analítico de algum conteúdo específico do programa; seminários – os alunos apresentavam seminários dos conteúdos abordados e das leituras indicadas no formato das monografias regionais, conforme exemplificado na figura 27.

Figura 27- Programa de Geografia Regional C (1955- 1968)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA REGIONAL "C"

4 aulas semanais

I. O Oriente Médio — 1 aula semanal — curso teórico

1. — Delimitação e características gerais.
2. — Os grandes quadros da estrutura e do relevo.
3. — Os climas e a vegetação natural.
4. — A população e sùmula histórica da região.
5. — O Irã — regiões geográficas.
6. — O Irã — A vida econômica e seus problemas.
7. — A Turquia — divisão regional.
8. — A Turquia — a vida econômica.
9. — A Mesopotâmia.
10. — A Síria e o Líbano.
11. — O Estado de Israel.
12. — A península arábica e a exploração do petróleo.

II. A União Soviética — 1 aula semanal — curso teórico

1. — Divisões regionais da União Soviética.
2. — As grandes linhas da estrutura e do relevo.
3. — As condições climáticas.
4. — As grandes paisagens vegetais.
5. — Distribuição da população e grupos étnicos.
6. — A formação do Estado Soviético.
7. — A agricultura na U.R.S.S.
8. — A industrialização da União Soviética.
9. — A circulação e relações com o quadro natural e a vida econômica.
10. — A expansão e conquista das regiões áridas e árticas da União Soviética.
11. — As regiões geo-econômicas.
12. — Tendências da economia contemporânea da União Soviética.

III. Seminário

Monografias regionais — 2 aulas semanais.

- Gêneros de Vida: nos programas da Grade A a indicação ao conceito de Gêneros de Vida de Vidal de La Blache é um ponto de grande destaque.

Em muitas disciplinas o conceito de Gêneros de Vida é apontado como parte do conteúdo curricular e em outras como conceito central. Conforme apontado anteriormente no trabalho, foram oferecidos aos alunos cursos, dentro das disciplinas somente para o estudo deste conceito.

Muitos conteúdos curriculares eram apresentados juntamente com o conceito de Gêneros de Vida, como por exemplo: “as regiões tropicais: os gêneros de vida tradicionais e suas transformações”, como exemplificado na figura 28 e 29.

- Vidal de La Blache e Emmanuel De Martonne: na análise dos programas curriculares e dos cadernos do professor José Bueno Conti, as referências a Vidal de La Blache e Emmanuel de Martonne são um ponto de grande destaque.

Conforme apresentado anteriormente, nos programas iniciais do curso de Geografia as referências bibliográficas não eram apresentadas nos documentos, desta forma, não temos referências bibliográficas diretas à esses dois autores. Porém, em relação a Vidal de La Blache, toda a estrutura do curso de Geografia, segundo os programas curriculares, até 1966, era baseada em seus conceitos, teorias e métodos.

A presença de Emmanuel de Martonne é significativa, principalmente nas disciplinas relacionadas à Geografia Física. Em muitos programas a referência a este autor, seguidor de Vidal de La Blache, é ponto central, onde muitos conteúdos são propostos a partir de seus escritos, como atesta a figura 30.

Figura 28- Organização do curso de Geografia- 1953

Figura 29- Programa de Geografia Humana A (1955-1968)

<p>UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS</p> <p><u>CURSO DE GEOGRAFIA</u></p> <p><u>GEOGRAFIA HUMANA "A"</u></p>	
A)	<p>Organização do espaço</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 — A Geografia Humana: campo, conceito, evolução, métodos. 2 — A Geografia Humana e a região. 3 — As grandes paisagens do Globo. 4 — Regiões tropicais: os gêneros de vida tradicionais e suas transformações. 5 — Regiões mediterrâneas: exemplos de evolução das paisagens. 6 — Regiões temperado-frias: industrialização e urbanização na Europa de Noroeste. 7 — Regiões áridas e semi-áridas: conquista e problemas de novas áreas econômicas. 8 — Regiões de montanhas: a circulação e a montanha. 9 — Regiões polares e subpolares: as expansões do ecúmeno.
B)	<p>Geografia da Circulação</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 — A circulação e o meio natural. 2 — A circulação como fato de civilização e de técnicas. 3 — A circulação terrestre: <ol style="list-style-type: none"> a) condições geográficas e históricas; b) redes e linhas ferroviárias; c) o automóvel e a estrada de rodagem. 4 — A navegação marítima: <ol style="list-style-type: none"> a) condições geográficas; b) antigos e atuais domínios da navegação; c) frotas mercantes e portos de mar; d) as rotas atuais de navegação; e) canais inter-oceânicos. 5 — Navegação das águas interiores: <ol style="list-style-type: none"> a) condições geográficas da navegação fluvial e lacustre; b) os canais e o equipamento técnico da navegação; c) redes de navegação interna. 6 — Circulação aérea: <ol style="list-style-type: none"> a) problema de meio geográfico e das técnicas; b) redes e frotas aéreas. 7 — Aspectos econômicos da Geografia da Circulação. 8 — Aspectos políticos e estratégicos da Circulação.
C)	<p>Geografia da População (curso teórico e seminários)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 — Problemas geográficos da população. 2 — O ecúmeno: <ol style="list-style-type: none"> a) conceito atual e noção no passado; b) expansão, fronteiras e "vazios". 3 — Eletivo humano do Globo: <ol style="list-style-type: none"> a) dados e fontes de estudo; b) distribuição geográfica por continentes, latitudes e regiões. 4 — Valores relativos dos dados demográficos: densidade de população. 5 — Análise de composição das populações. 6 — Populações urbanas e populações rurais. 7 — Equilíbrio e desequilíbrio demográfico, em face do meio. 8 — Movimentos demográficos. 9 — Movimentos migratórios. 10 — Estudos regionais de Geografia da população.

Figura 30- Programa de Geografía Física – 1939.

UNIVERSIDADE DE SAO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTORIA - Geografia Física

2. 26/10

- 11 — Topografias estruturais — Generalidades.
Tipos de estrutura e bases de suas influências.
- 12 — Topografia concordante.
Formas primárias e derivadas — seus característicos e evolução — A topografia de cuencas.
- 13 — Topografia falhada.
Estado das falhas. Formas primitivas e derivadas — característicos e evolução.
- 14 — Topografias de dobramentos.
Estado das dobras. Formas primitivas e derivadas — característicos e evolução — Charriges.
- 15 — Estruturas discordantes e movimentos de conjunto.
Tipos de discordância — Topografias resultantes de movimentos gerais.
- 16 — Formas ergísticas e fósseis.
- 17 — Estudos das formas estruturais evoluídas.
- 18 — Massivos antigos — Estado das formas rejuvenescidas.

TOPOGRAFIAS CLIMATICAS

- 18 -- Influência do clima nas formas do relevo -- Estudo geral.
- 20 -- Relevo desértico -- Noção de deserto -- Agentes de evolução do relevo -- Formas de acumulação e de erosão -- Tipos de desertos -- Ciclo de areitmo.
- 21 -- Temperaturas glacial.
- Glaciação e nivação -- Formas de glaciação local e de glaciações regionais -- Formas de erosão e de acumulação. Evolução da topografia glacial -- Estudo detalhado do vale de glaciação.

TOPOGRAFIAS VULCANICAS

- 22 — Natureza particular do relevo vulcânico, sua distribuição geográfica. — Formas de construção e derivadas. — Influências nas topografias.
- 23 — Litorais
- Agentes de evolução dos litorais e mecanismo de suas ações. Acumulação nos litorais. Cielos dos litorais.

- 24 — As costas.
- Bases para classificação — Descrição dos principais tipos. Estudos da evolução das costas.

- 25 — Conclusões:
Interpretação do relevo dentro de seu aspecto dinâmico. A paisagem geográfica e sua evolução — Os grandes ciclos.

- Ao lado desses cursos teóricos serão realizados seminários e aulas práticas para todas as turmas.

2.º 2410

Climatologie

INTRODUÇÃO

- 1 — A Climatologia. Notícia Histórica. Métodos e objectivos. Disposição dos estudos climatológicos.
- 2 — Conceito de clima. As diversas tendências dentro da Climatologia — Escolas modernas. O tempo.
- 3 — Relações da Climatologia com outras disciplinas. Importância geográfica do estudo dos climas.

1.ª parte — FATORES E ELEMENTOS DO CLIMA

- 4 — Fatores cósmicos. Radiação solar. Formas e movimentos da Terra. Ciclo dos fatores cósmicos.
- 5 — Fatores geográficos — Ação das águas e das terras — os mares, pântanos e lagos — climas continentais e climas oceânicos.
- Ação do relevo — altitude e exposição.
- Ação das correntes marinhas.
- Ação da vegetação, etc.

6. — A temperatura. Distribuição da temperatura média. Estudo das variações. Isotermo e cartas isotérmicas. Regimes térmicos. Zonas de Köppen.

- 7 — Pressão atmosférica.
Distribuição geográfica da pressão atmosférica. Relação com outros fatores. Ciclones e anticiclones

- estrutura e deslocamento — Circulação sinosférica — Regimes de ventos — Estudo particular dos ventos alísios, monções, brisas, principais locais e dos ventos.

- 8 — Humidade. — A água na atmosfera — Índices — Repartição geográfica da humidade. Formação e tipos de nuvens — As precipitações — Índices e regimes pluviométrico — A neve — Relações das precipitações com os fatores cosmicos e geográficos — Relação dos índices e a pressão.

- 9 — Tipos de tempo. As perturbações atmosféricas — Mecanismo das ações cíclicas. Deslocamento dos ciclones e anticiclones e sua consequência para o tempo. Interpretação de Berkenes — Estudo da pressão na América do Sul.

TIPOS DE CLIMA

- 10 — Bases de classificações dos tipos de climas. A classificação de De Martonne e a de Köppen — Modificações

- 11 → Climas quentes.
Características gerais — papel dos fatores físicos — Tipos fundamentais e secundários — Influências locais. Climas quentes de altitude.

- 12 — Climas de monção.

- 13 — Chimas temperadas:
Temperadas sem inverno — tipos fundamentais:

- Temperamentos sem inverno — tipos fundamentais e tipos secundários." Climas temperados degredados.

- Climas temperados com inverno — tipos fundamentais e variações.

- 14 — Climas frios e polares.
Influência da latitude e da altitude. Tipos fundamentais e variedades.

- 15 — Climas desérticos.

- Desertos quentes e desertos frios.
16 - Clima de montanhas.

- 17 → Conclusões gerais → A carta climática do globo.

É inegável que a maior influência da Geografia Regional no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo foi a Escola Francesa de Geografia, em especial as propostas do geógrafo Vidal de La Blache. Esse período de grande presença do pensamento e de geógrafos franceses durou aproximadamente 32 anos, correspondendo a 40% da história do curso. Muitos estudos foram feitos seguindo o modelo das monografias regionais, fato que, tardiamente, contribuirá para o “enfraquecimento” da Geografia Regional dentro do DG/USP, pois será motivo de muitas críticas por parte dos geógrafos que defendiam a renovação da Geografia através da Geografia Crítica.

3.2– Grade B – O foco no Planejamento Regional

A Grade B- Planejamento Regional corresponde aos anos de 1966 até 1989, período predominantemente da Ditadura Militar no Brasil, fato que influenciará as características curriculares do Departamento de Geografia da USP.

Neste período de 23 anos da Grade B- Planejamento Regional o número de disciplinas regionais e de disciplinas que utilizavam a análise regional como ponto central do currículo era muito grande⁵⁰. Conforme apontado por Moraes, neste período era de interesse do Governo Militar ampliar os conhecimentos acerca do território nacional, para conseguir assim a tão almejada integração nacional.

“[...] A metropolização em todos os quadrantes do território, na segunda metade do século XX, respondia à plena conformação espacial da economia nacional que integrava as antigas regiões ao mesmo tempo em que internalizava capitais estrangeiros num movimento estimulado e conduzido pelo Estado, com grande aceleração e magnitude no período da ditadura militar (1964-1984).

A integração nacional foi uma meta da ação estatal ditatorial em termos de formação territorial, objetivo histórico (como visto) que, nessa conjuntura, combinava fundamentos estratégicos geopolíticos nacionalistas[...]” (MORAES, 2011, p. 120)

Dentro desse contexto social-político e econômico do país, muitos estudos foram feitos utilizando o conceito de região, a análise regional dos fenômenos e diversas regionalizações do espaço brasileiro. Perante isso, a Geografia Regional ganha ainda mais espaço no DG/USP, pois havia um grande campo de estudo que atraía interesse do governo. Diversos geógrafos elaboraram estudos regionais neste período, pois como o foco regional estava em alta, muitas disciplinas utilizaram da Geografia Regional como base teórica-metodológica para novos estudos.

⁵⁰ Vide Fig. 12 – Tabela das Disciplinas do Departamento de Geografia da USP (1952 / 2014) no início do capítulo.

Destacamos um trecho da entrevista⁵¹ da professora Sandra Lencioni, que elucida esse contexto: *“Vem uma política governamental de fazer os planos de desenvolvimento nacionais, fundados muito em planos de desenvolvimento regionais, então tem a SUDAM, SUDENE, e etc. e todas as superintendências vão ser criadas e a partir do foco numa região vão desenvolver um projeto de desenvolvimento para aquela região. Só que na verdade eu não acredito que sejam políticas de desenvolvimento regional, o nome é esse a intenção é esta, mas o que aconteceu foi sempre uma política de um setor econômico numa região [...] diante disso, dessa realidade ela (Geografia Regional) tem um auge, muita gente investe nisso, nesse tipo de trabalho [...] Ela está também vinculada no Brasil a ditadura militar, ao Governo de integração nacional e ocupação do território a qualquer custo”.* (LENCIONI, 2016).

Neste período que corresponde a 29% do curso de Geografia da USP, é notório que os estudos regionais estavam em evidência, principalmente os que relacionavam Geografia Regional e Planejamento. Em muitos programas é possível observar que havia um forte apelo aos estudos relacionados ao planejamento regional do território e à organização do espaço regional, fato que se entrelaçava com muitas disciplinas regionais.

Neste período, a Geografia Regional, atinge um auge quantitativo no DG/USP, evidenciando a importância que os estudos regionais tiveram na organização e planejamento do território brasileiro. Neste contexto, perante o caminho que os estudos regionais vinham seguindo no DG/USP outros conceitos começam a ganhar destaque, como território, espaço e paisagem⁵².

Até o “final” da Grade B- Planejamento Regional a Geografia Regional, em especial a análise regional ocupava um destaque nos currículos das disciplinas, sempre com espaço em outras disciplinas que não as específicas de regional.

⁵¹ Entrevista concedida à autora no dia 03 de fevereiro de 2016, no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo às 14 horas.

⁵² Não queremos dizer que anteriormente a este período esses conceitos não eram abordados dentro dos currículos. Apesar destacamos que neste período eles ganham um destaque maior.

Figura 31- Programa de Panorama da Geografia do Brasil (1974/1975)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

FIG 542 - PANORAMA DA GEOGRAFIA DO BRASIL

4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Abordar os problemas fundamentais da geografia brasileira integrando o país na conjuntura continental e projetando-o no mundo atual a fim de avaliar as diferenças e originalidades de seu espaço e as mudanças no seu processo de desenvolvimento.
- 2) Destacar o papel que os estudos geográficos têm tido na compreensão e resolução dos problemas nacionais e ressaltar o papel que novas pesquisas poderão desempenhar.
- 3) Dar um tratamento da caracterização geral enfatizando os balanços gerais que se acompanham de comparações válidas com outros países especialmente no continente e na América Latina.
- 4) Levar o estudante a se inteirar dos documentos básicos e das obras bibliográficas fundamentais da geografia brasileira não esquecendo os contornos através de diferentes épocas de produção aproveitando o caso para ilustrar o desenvolvimento da ciência geográfica entre nós.
- 5) Utilizar um roteiro de abordagem didática em sequência dedutiva mais adequada a um caráter de motivação introdutória aos estudos regionais que se lhe seguirão.

TEMÁTICA:

A Posição do Brasil no Mundo Atual (I)

- 1) Uma visão do mundo atual através de uma perspectiva a partir da "posição" brasileira.
- 2) Avaliações posicionais no contexto astronômico, geográfico, econômico e político.
- 3) O Brasil na América Latina. Projeção continental do Brasil.

A Organização Interna do Espaço Brasileiro (II)

- 4) O problema da caracterização atual do espaço brasileiro. Estrutura econômica e regionalização: diferenças de escalas e critérios. Divisões macro-regionais. Regiões homogêneas, polarizadas, funcionais urbanas, etc.
- 5) Visão retrospectiva dos estudos de regionalização do Brasil a partir de 1941. Estudos fundamentais. Mudanças de perspectivas na análise geográfica.

O Desenvolvimento da Homem na Organização do Espaço Brasileiro (III)

- 6) Balanço geral na ocupação do solo e incidência espacial do desenvolvimento econômico.
- 7) Avaliações quantitativas da atividade agrícola, da industrialização e da urbanização.
- 8) Interpretações da dinâmica dos processos de ocupação do solo e organização do território brasileiro: evolução no tempo e diferenças no espaço.

O Fetivo Humano Enpenhado no Processo (IV)

- 9) O efetivo humano atual: caracteres fundamentais da população brasileira.
- 10) A dinâmica populacional e evolução do processo de ocupação do solo através do tempo.
- 11) Fatores históricos, sociais e econômicos comprometidos no processo e no balanço atual. Projeções para o futuro.

A Condição de Tropicalidade do Quadro Natural (V)

- 12) Os caracteres básicos do quadro natural brasileiro, variações espaciais em amplos domínios intertropicais e sub-tropicais em grau de valorização econômica.
- 13) Problemas fundamentais da ecologia tropical do uso da terra e desenvolvimento econômico.
- 14) O estado atual dos conhecimentos geográficos sobre o "meio" brasileiro.
- 15) As lacunas importantes. Escala de prioridades nas pesquisas necessárias neste campo.

NATUREZA DO CURSO:

Curso teórico com seminários. Estes devem ter apoio na análise das obras fundamentais da literatura geográfica brasileira. Como motivação inicial recomenda-se a análise especial da Mensagem Presidencial ao Congresso Nacional, do ano em curso. Este documento revela sempre a importância geográfica de que se reveste grande parte dos problemas nacionais. Estudos paralelos de obras geográficas de mesmo tema em épocas diferentes devem ser levados a cabo como meio de documentação das diferentes etapas da geografia das ciências empenhadas na análise da realidade brasileira.

3.3 – Grade C- Perda de protagonismo da Geografia Regional

O período de 1989 até 2014 corresponde ao momento em que a Geografia Regional perde muito espaço dentro do currículo do curso de Geografia da USP. A análise dos programas nos permitiu concluir que os campos teóricos-conceituais da Geografia com mais destaque são os relacionados ao Geoprocessamento, à Geografia Ambiental e especialmente à Geografia Crítica.

Nesses 25 anos da Grade C (1989-Atual), foram criadas muitas disciplinas novas, onde a Geografia Regional praticamente não aparece. Conforme apontado no texto anteriormente, neste momento a Geografia passa por uma mudança muito grande, com a ascensão da Geografia Crítica. Neste contexto os estudos regionais perderam espaço dentro dos programas do curso de Geografia da Universidade de São Paulo.

Os destaques curriculares da Grade C (1989-Atual), passaram a estar ligados de forma muito intensa à necessidade de compreensão do espaço, principalmente na Geografia Humana à luz das forças hegemônicas e das desigualdades do capital.

As monografias regionais que anteriormente eram o grande destaque dos currículos, agora eram muito criticadas, especialmente pelos geógrafos ligados a Geografia Crítica.

“[...] a Geografia crítica de fundamentação marxista. Ela também, começa de certo modo por “matar” a região da Geografia Regional clássica, de matriz francesa. [...] Ocorre que, na primeira versão de seu trabalho, Lacoste – baseado apenas na abordagem do Tableau de La Géographie de la France (Vidal de La Blache, 1903) – acusa unilateralmente a região lablacheana de ter-se tornado um “poderoso conceito –obstáculo” que impediu a consideração de outras representações espaciais e o exame de suas relações” (Lacoste, 1988: 64)” (HAESBAERT, 2010, p. 49)

Perante esse novo panorama, os currículos do DG/USP abordavam teorias, métodos e conceitos novos, ligados principalmente aos que inicialmente estavam relacionados à Geografia Crítica e posteriormente os que dela derivaram, com destaque para a pluralidade metodológica.

A unidade da Geografia Crítica manifesta-se na postura de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta, fazendo-se do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente. É uma unidade de propósitos dada pelo posicionamento social, pela concepção de ciência como momento da práxis, por uma aceitação plena e explícita do conteúdo político do discurso geográfico. Enfim, unitários objetivam-se através de fundamentos metodológicos diversificados. Daí, advém uma grande diversidade metodológica, no âmbito da Geografia Crítica. Esta apresenta um mosaico de orientações metodológicas, bastante variado: estruturalistas, existencialistas, analíticos, marxistas (em suas várias nuances), ecléticos etc. Aqui a unidade se esvanece, mantendo-se, como único traço comum, o discurso crítico. São buscados, para fundamentar as propostas efetuadas, autores bastante díspares: Adorno, Foucault, Mao Tse-Tung, Lefort, Godelier, Barthes, Lênin, Sartre, entre outros. Vê-se que a gama de orientações abarcada é realmente ampla. Assim, há uma unidade ética, substantivada numa diversidade epistemológica. (MORAES, 1992, p. 126)

Diante deste leque de novas propostas metodológicas, e com a constante necessidade de compreender o contexto social, que neste período apresentava mudanças, como o fim da Guerra Fria, a intensificação da globalização através da modernização dos sistemas de tecnologia, comunicação e informação, a Geografia Regional passou a ser deixada de lado, pois entendeu-se que a mesma não oferecia fundamentos teóricos capazes de responder aos questionamentos do presente.

3.4- A Geografia Regional nos Currículos do curso de Geografia da USP: entre tradições seletivas e paradigmas.

George Basalla propõe um modelo de difusão da ciência, que analisado concomitantemente com o percurso da Geografia e da Geografia Regional na USP, nos permite identificar muitas características da origem da estrutura e do desenvolvimento que a Geografia Regional apresentou desde 1934 até 2014, uma vez que ao longo dos últimos 80 anos, este campo de abordagem sofreu influência direta dos grandes pensadores europeus e dos formatos e linhas de pesquisa que os mesmos, em parceria com suas respectivas universidades, vinham desenvolvendo.

Basalla expõe, em artigo seu datado de 1967, que o conhecimento só é considerado científico se sua origem for se der a partir da ciência europeia. Ele defende que somente o conhecimento produzido nos países civilizados – países europeus -, que são os produtores de ciência, deve servir de modelo para os incivilizados - qualquer nação que não faça ciência nos modelos europeus de produção e concepção paradigmática.

Basalla propõe que a difusão da ciência europeia para os países incivilizados aconteça dentro de um modelo, que ele divide em fases, cada fase compreendendo uma etapa da produção científica.⁵³

Durante as Fases 1 e 2 (correspondentes respectivamente ao processo de coleta de dados dos países incivilizados e de transposição dos modelos europeus), os cientistas deveriam coletar, registrar, descrever e catalogar as áreas e seus recursos naturais, e conseqüentemente retornar ou levar para a Europa essas informações, enfatizando a visão “eurocentrista” da ciência.

Na concepção do autor, foram somente os países europeus que iniciaram o desenvolvimento de qualquer conhecimento científico e por isso somente eles são produtores de ciência. O mesmo aponta ainda que os países não-europeus

⁵³ Mientras realizaba un examen preliminar de la literatura concerniente a la difusión de la ciencia y la civilización de Europa Occidental descubrí un patrón de eventos repetidos que generalicé en un modelo de describe como la ciencia occidental fue introducida y establecida en el oriente de Europa, América del Norte y Sur, India, Australia, China, Japón e Africa.” (BASALLA, 1967, p. 1)

só tiveram qualquer contato com a ciência através dos países europeus, pois o que se fazia a nível nacional, para ele não passava de um conhecimento banal, característico de um país incivilizado.

“Um pequeño grupo de naciones de Europa fueron lacuna de la ciencia moderna durante los siglos XVI e XVII. Italia, Francia, Inglaterra, Los Países Bajos, Alemania, Austria y Escandinavia. El area geográfica relativamente pequena que cubren estos países fue el escenario de la Revolución Científica, la cual estableció firmemente el punto de vista filosófico, la actividad experimental y las instituciones sociales que actualmente conocemos como la ciencia moderna.” (BASALLA, 1967, p. 1)

Basalla aponta que a difusão da ciência ocidental, diga-se de ressalva a europeia, acontecia em três fases. Nas Fases- 1 e 2 toda tentativa ou início de desenvolvimento científico feito nos países não-europeus precisa encontrar e fundamentar sua base estrutural na ciência europeia, pois para ele somente esta realmente dispunha de meios e teorias próprios dos fundamentos científicos.

“El modelo que propongo consiste en tres fases o etapas que se solapan. Durante a Fase-1 la nación o la sociedad no-científica serve como una fuente de recursos a la ciencia europea. El mundo no-científico se entiende aquí como aquel que carece del moderno conocimiento científico occidental, aun cuando encontremos al que vemos em China o la India; el termino “europeo”, como es utilizado em este artículo, se refiere a Europa Occidental. La Fase-2 es marcada por um periodo de ciencia colonial y la Fase-3 completa el proceso de transplante com los esfuerzos por lograr una tradición (o cultura) científica independiente.” (BASALLA, 1967)

Para Basalla, a fase 1 ocorre entre os séculos XVI e meados do XIX, onde a chegada dos europeus em novas terras permite que:

“examina y recolecta su flora y fauna, estudia sus características físicas y regresa a Europa llevando los resultados de su trabajo [...] Durante la primera fase la ciencia es una extension de la exploración geográfica e incluye la evaluación de los recursos naturales. Cualquiera que sea el “Nuevo Mundo” que se quiere estudiar – Norteamérica o Sudamérica, África, La Antártida, La Luna o um planeta vecino- hace necesario en primer termino, examinar, clasificar y evaluar el entorno orgánico e inorgánico.” (BASALLA, 1964, p. 3)

A fase 2, chamada pelo autor de “ciência colonial”, ocorre quando uma ciência é dependente da ciência europeia (importante ressaltar aqui que o sentido de colônia dado por ele não se aplica necessariamente aos países que constituíram-se como colônias de exploração de algum país europeu). Para o autor, encontra-se nesta fase todo país não-europeu que produza ciência.

“En la fase 2 la actividad científica em los nuevos territorios se basa fundamentalmente em las instituciones y tradiciones de una nación con una cultura científica arraigada”

“El cientista colonial puede ser um nativo o um colonizador europeo establecido en el nuevo territorio, pero em cualquier caso las fuentes de su educación y sus vinculo isinstitucionales se encontrarán mas alla de las fronteras del territorio en cual se desarrolla su trabajo científico”

“[...] La educacion científica colonial es inadequada o inexistente. Lo mismo puede ser dicho de las organizaciones científicas coloniales y las publicaciones científicas. Em consecuencia, los científicos coloniales buscan la membrecia y los reconocimientos de las comunidades científicas europeas y la publican sus investigaciones em revistas da Europa” (BASALLA, 1964, p. 8 e 9)

Finalmente, a Fase 3 caracteriza-se pelo momento em que os cientistas estão “esforçando-se” para desenvolver uma ciência independente com tradição e que seja autossuficiente. Cabe ressaltar aqui que, no modelo de Basalla, quando uma comunidade científica ligada a uma Instituição consegue o “status” de independência isso não quer dizer que ela tenha abandonado a relação com a Europa, muito pelo contrário, uma vez que o seu “surgimento” só foi possível graças aos países europeus civilizados que “ensinaram” seu modelo de produção científica.

Desta forma, mesmo após chegar à Fase 3, a ciência, em especial a do hemisfério Sul, jamais perde seus laços com a ciência europeia. Neste momento Basalla afirma, que a ciência necessita desenvolver e apresentar as seguintes características:

“ [...] i) recebrá la mayor parte de su preparación em su pais; ii) obtendrá algun reconocimiento por su vocacion o quizás se ganará su vida como científico em su propio pais; iii) encontrará estímulos intelectuales dentro de su propia comunidad científica em expansión; iv) podrá comunicar com facilidad sus ideas a sus pares científicos en casa y en el extranjero; v) tendrá mejores oportunidades de abrir nuevos horizontes para la ciencia y. vi) cuando haya realizado um trabajo importante buscara la obtención de premios em su pais: concedidos por organizaciones científicas o el gobierno.” (BASALLA, 1964, p. 13)

Para Basalla também há uma “supremacia científica del occidente europeo” (p. 18) no desenvolvimento da ciência. Para este autor é nesses países que a verdadeira e pura ciência é realizada.

Em seu artigo “Localidad Y Ciencia: Mitos de Centro Y Periferia” de 1997, David Wade Chambers faz uma crítica ao modelo de difusão da ciência proposto por George Basalla.

Para Chambers, embora existam outros estudos sobre difusão científica, o modelo de Basalla continua sendo aceito e utilizado, principalmente por três motivos: a) foi praticamente uma das primeiras contribuições realizada referente aos estudos sociais da ciência; b) oferece uma “comparativa intercultural que se atrevió a abarcar el mundo enterro” (p.23); c) atribui um significado à localização espacial, colocando-a como parte estrutural de seu modelo de difusão.

Chambers reconhece a importância do artigo de Basalla, porém afirma que alguns pontos que para ele são reveladores sobre a difusão científica não foram abordados, como a omissão referente às variações locais. Para o autor, é importante que ao analisar a forma como a ciência teve início e desenvolvimento em determinado local, considere-se sempre as características dos lugares, visto que cada parte do espaço oferece singularidades que poderão ser determinantes na forma como o processo ocorrerá. Chambers enaltece, portanto, a importância da localização espacial, amparado nos novos estudos da sociologia da ciência, que consideram que “el significado de la localidad con relación tanto al contexto de descubrimiento-invencion, como al contexto de justificación/validación, y debo añadir tambien, al contexto, de aplicación/aculturación”.

Ainda em relação à localização espacial, Chambers critica o fato de Basalla apontar a localidade como um fator de aceitação e rejeição das produções científicas, considerando a existência de áreas centrais e periféricas da ciência.

“[...] Hasta que fueron instituidas ciertas formas estructurales, las pretensiones de conocimiento locales que provenían de *fuera* de aquel centro, no fueron escuchadas o no tuvieron reputación. Y como ha sido sugerido a menudo, las excepciones a esta regla fueron siguiendo por necesidad el ritmo de tambor del centro, no de su localidade natal. De esta manera, la influencia de lo local se minimizó: en el centro, la localidade o el lugar constituyeron “las formas de vida” que tal como Wittgenstein nos ha enseñado, eran invisibles: en la periferia, la “localidad, aseguró la marginalidade en la escena internacional, o se enmascaró, cuando el científico local adoptó los objetivos, los términos, las categorías, las formas, los medios, los instrumentos y los procedimientos del centro.”(CHAMBERS, 1997, p. 26)

Para Chambers, essa “divisão” locacional entre centro e periferia científica, não pode ser considerada como um ponto esclarecedor da difusão científica, pois conforme apontado, os espaços possuem e produzem diferentes características e contextos históricos.

Basalla, segundo Chambers, também não deixa espaço em seu modelo para as variações da realidade, uma vez, que além das características intrínsecas dos lugares, a realidade em determinado tempo histórico, sem dúvida, influenciará na difusão da ciência.

Outra crítica feita ao modelo de Basalla, fica a cargo do formato e estrutura das fases de difusão científica, pois para Chambers, a forma como a ciência está subordinada, em especial, na fase I e II, dificilmente, oferecerá condições para que a fase III se concretize.

Para o autor, no desenvolvimento da ciência as “funções sócio-profissionais”, como técnicos de laboratório, professores, monitores e etc., são diferentes nos chamados por Basalla países coloniais dos europeus. Desta forma, é importante que essas “funções sócio-profissionais” sejam consideradas a partir das características de sua localização.

Chambers propõe que todo o processo referente as 3 fases propostas por Basalla seja visto como dinâmico, considerando os diferentes contextos. Propõe

um “modelo” que elimine essa distinção científica entre centro e periferia, pois para ele, o foco do modelo deve ser na compreensão dos “problemas pertinentes para el desarrollo tecnológico y económico, al tempo que también provee a las colônias com, em palavras de Edward Said: “la capacidad y la libertad para generalizar más allá de sus propias circunstancias regionalmente locales” (Said, 1990:11)” (CHAMBERS, 1997, p. 97)

Considerando todas as ressalvas que devem ser feitas às afirmações de Basalla, não podemos ignorar o fato de que a forma como a Universidade de São Paulo se constitui, como a Geografia na USP dá os seus primeiros passos e como a Geografia Regional aqui se desenvolve, em especial, nos primeiros anos, muito assemelha-se ao proposto por Basalla. Nos anos iniciais do curso de Geografia, o modelo de produção do conhecimento científico seguido foi o dos franceses. Além da adoção da Escola Francesa de Geografia, especialmente a Vidaliana como referencial teórico, a estruturação do curso também foi elaborada segundo os parâmetros que estes geógrafos forneceram.

No período em que os geógrafos franceses ficaram na USP, realizaram muitos estudos sobre o Brasil, que sem dúvida, contribuíram para o avanço e disseminação da Escola Francesa de Geografia, principalmente das teorias e conceitos propostos por Vidal de La Blache. Somente anos depois, quando o curso de Geografia já estava estruturado, organizado, com geógrafos já formados e com uma nova realidade social, política e econômica no país é que o curso de Geografia começou a seguir com menor intensidade o modelo francês. Porém, mesmo quando os geógrafos franceses pouco a pouco vão retornando à França, o seu modo de produzir ciência ainda se apresenta como um modelo, pois os professores que lecionavam nas disciplinas do curso de Geografia, haviam sido formados pelos franceses e por seu modo de fazer ciência.

Assim, décadas foram necessárias para que a ciência geográfica brasileira passasse a trilhar seus próprios caminhos, resultantes das escolhas feitas pelos cientistas aqui formados, sendo o ápice dessa transformação chamada Geografia Crítica.

3.4.1 A Questão da Tradição Seletiva

Para compreender a constituição e principalmente as mudanças, que acontecem com os currículos, quando são de fato postas em prática, é fundamental entendermos o funcionamento das comunidades científicas juntamente com os currículos por ela elaborados. Para Apple (1999) é substancial reconhecer que todo currículo possui uma tradição seletiva, feita a partir da comunidade científica com maior prestígio.

“[...] Além do mais, num plano filosófico, ao verdadeiro nível da teoria e ao nível da história das diversas práticas, existe um processo que denomino por tradição selectiva: tal processo, em termos de uma cultura efectiva, surge sempre subsumindo como “a tradição”, o passado significativo. Mas o que está em causa é sempre a selectividade; a forma como, entre todo um vasto campo possível de passado e presente, se escolhem como importantes determinados significados e práticas, enquanto outros são negligenciados e excluídos. De uma forma ainda mais crucial, alguns desses significados são reinterpretados, diluídos ou colocados em formas que fundamentam ou, pelo menos, não entram em choque com outros elementos no seio da cultura efectiva dominante.” (APPLE, 1999, p. 27 e 28)

Como nossa pesquisa se propôs a analisar os currículos do curso de Geografia e a partir deles identificar o espaço ocupado pela Geografia Regional no seu interior, essa relação assume aqui um carácter dialético, onde os currículos são representações da comunidade científica que o elabora e justifica.

Para Apple, existe sempre um “determinado grupo de “intelectuais” que aplicam e conferem legitimidade às categorias, fazendo com que as formas ideológicas pareçam neutras” (Apple, 1999, p. 34,35).

Desta forma quando os franceses “ajudaram” na estruturação do curso de Geografia da USP, eles também realizaram o que Apple denomina de hegemonia ideológica. Quando os franceses participam da elaboração dos primeiros programas do curso de Geografia e inevitavelmente o pensamento dominante fica a cargo das teorias de Vidal de La Blache, a hegemonia ideológica francesa se concretiza, sendo substituída somente anos depois pela hegemonia ideológica do Estado através dos planos de desenvolvimento regionais.

O processo de hegemonia ideológica também foi “responsável” pelo abandono da Geografia Regional nos currículos da Universidade de São Paulo, depois do fim da Ditadura Militar, na nova Grade que se elabora em 1989. A partir de meados da década de 80 a comunidade científica da USP passa a incorporar lentamente as teorias e consequentemente os autores relacionados à corrente do pensamento que ficou conhecida como Geografia Crítica. Neste momento, há uma hegemonia ideológica no curso de Geografia, acerca das teorias que - de acordo com a comunidade científica dominante - oferecia fundamentos mais próximos da nova realidade sócio-espacial do mundo e do Brasil. É neste contexto que muitas críticas são realizadas a respeito da Geografia Regional que vinha sendo produzida ao longo dos anos no curso de Geografia da USP, fundada, sobretudo, no método positivista

Segundo o ponto central dessas críticas as teorias regionais não se aplicavam mais, simplesmente porque não eram suficientes para explicar um mundo sob profundas transformações. A maioria dos trabalhos que estavam sendo realizados apresentavam apenas reproduções dos modelos vidalianos e de desenvolvimento regional do território.

Ao nos depararmos com o processo de análise de um currículo, Apple (1999) aponta que é de fundamental importância estarmos atentos a três concepções básicas que estão sempre presentes no núcleo desses currículos: *Porque* razão tal forma existe? *Como* é mantido? *Quem* ele beneficia?. Fica óbvio para nós que essas perguntas encontram respostas, dentre vários outros itens, nas tradições seletivas dos currículos. Elas apresentam dentro de sua lógica e organização de funcionamento um porquê de estarem estruturadas e organizadas de determinada forma, sendo mantida porque representa o corpo docente que tem sua formação baseada nessas tradições seletivas e traçam os caminhos de suas pesquisas a partir dessas concepções.

“[...] As áreas do conhecimento científico são apresentadas como *corpus* do conhecimento (os “quê” e “como”), na melhor das hipóteses, organizado em torno de algumas regularidades fundamentais como em muitos currículos de áreas de conhecimento e centrados na investigação, desenvolvido após a “revolução bruneriana” e, na pior das hipóteses, como dados razoavelmente isolados que se dominam

para os testes. Quase nunca é seriamente examinada como uma auto-realização” (APPLE, 1999, p. 145)

Apple (1989, 1999, 2008) propõe que o currículo seja visto como um caminho, percurso que engloba ideologia, hegemonia, poder e dominação, relações e tradições seletivas, que busca construir um conhecimento que objetive a aprendizagem. Os currículos apresentam as seguintes características:

“[...] Encontra-se selecionado e organizado em torno de conjuntos de princípios e valores que provêm de determinados quadrantes da sociedade, que representam determinadas visões de normalidade e desvio, de bom e mau, e de como devem “actuar as boas pessoas”” (APPLE, 1999, p. 111)

A utilização do conceito de currículo para Apple está relacionada a uma série de fatores que o compõem, como: 1) ideologia, 2) hegemonia, 3) poder e dominação, 4) relações e 5) tradições seletivas.

1) Para Apple, as ideologias, em especial às da comunidade científica possuem uma influência muito forte na estruturação dos currículos. Ele apresenta duas definições para o termo:

“Parece ser consensual na maioria das pessoas que o termo ideologia, pode ser abordado como se se tratasse de um determinado “sistema” de ideias, crenças, compromisso fundamentais ou valores relacionados com a realidade social; [...] Os fenômenos que se encontram subjacentes à ideologia podem ser agrupados, pelo menos, em três categorias: (1) racionalizações ou justificações muito específicas das actividades de determinados e identificáveis grupos ocupacionais (por exemplo, as ideologias profissionais); (2) programas políticos e movimentos sociais mais abrangentes; e (3) visões do mundo, pontos de vista, ou o que Berger e Luckmann e outros denominam por universos simbólicos.

[...]

No entanto, também tem sido abordada, tal como adianta Geertz, como “sistemas de símbolos que interactuam” e providenciam as formas essenciais que constroem um determinado “sentido em situações sociais específicas, que de outra forma seriam incompreensíveis” (APPLE, 1999, p. 48)

Em suas obras sobre currículo⁵⁴, Apple aponta que o termo que melhor o define depende dos processos ideológicos nele contidos, os quais variam de acordo com o objetivo, a intenção, a formação acadêmica e etc. Portanto, não se pode, segundo o autor, manter uma conceituação ortodoxa para ideologia. Entretanto, mesmo não fidelizando suas ideias a um único conceito de ideologia, para o autor a presença desta dentro dos currículos acontece sempre por três motivos:

“1. **Legitimação:** [...] a justificação da acção de um grupo e sua aceitação social. Isto é válido quer os autores falem de racionalização dos interesses investidos, de tentativas de “manutenção de um determinado papel social”, quer se refiram à acitvidade justificativa, apologética...relacionada com o estabelecimento e com a defesa de padrões de opinião.

2. **Conflito de Poder:** [...] vincula a ideologia aos conflitos entre a procura e manutenção do poder. [...] Nas disputas ideológicas, o conflito de poder está sempre em jogo, quer os que se encontrem expressamente envolvidos admitam ou não tal dimensão.

3. **Estilo de Argumentação:** [...] que a argumentação que se realiza na esfera ideológica se encontra marcada por uma retórica muito especial e por uma acentuada comoção” (APPLE, 1999, p. 49 e 51)

2) A relação entre hegemonia e currículo é um ponto central na obra de Apple. Para o autor, a presença de diversos processos hegemônicos é um fato concreto na concepção de qualquer currículo. Sua definição de hegemonia tem origem na obra de Antonio Gramsci, que junto com Raymon Williams compõem sua base filosófica (Apple, 1999, p. 24, 26).

⁵⁴ Além das obras aqui abordadas, para mais informações vide:

APPLE, Michael W. Conhecimento oficial: a educação democrática numa era conservadora. Petrópolis: Vozes, 1997, 267p.

_____. Michael W. Repensando ideologia e currículo. In: MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. Currículo, cultura e sociedade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p.39-57.

_____. Michael W.; BEANE, James. (Orgs.). Escolas democráticas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, 159 p

_____. Michael W. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. Michael W., (1999). *Power, meaning and identity*: essays in critical educational studies. New York: Peter Lang

Apple aponta que, a partir de uma ideologia presente nos agentes que formulam e atuam sob os currículos, estes apresentarão e representarão os processos hegemônicos, onde todos os currículos são afetados. Em sua proposta epistemológica, o autor aponta que os currículos uma vez postos em prática sempre exercerão e ilustrarão as forças hegemônicas que estão ligadas fortemente: a fatores políticos, pois são usados como controle social e também às suas comunidades científicas, que possuem tradições seletivas realizadas a partir de suas incorporações e hegemonias ideológicas.

“Hegemonia é todo um corpo de práticas e expectativas; as nossas atribuições da energia, a nossa compreensão comum do Homem e do seu mundo.” (APPLE, 1999, p. 27)

Conforme apontado por Apple, sua concepção de hegemonia está relacionada a uma noção de conjunto, pois alguns itens básicos constituem este conceito e fenômeno.

“[...] É um conjunto de significados e de valores que, à medida que são vividos como práticas, se apresentam confirmando-se mutuamente. Constitui, assim, um sentido de realidade para a maioria das pessoas na sociedade, uma noção de absoluto, porque vivido [como uma] realidade para além da qual é muito difícil para a maioria dos membros de uma sociedade instalar-se em grande parte das áreas das suas vidas. Mas não é, excepto na operação de um determinado momento de análise abstracta, um sistema estático. Pelo contrário, só podemos compreender uma cultura efectiva e dominante se entendermos o processo social real do qual depende: estou a referir-me ao processo de incorporação.” (APPLE, 1999, p. 27)

Dentro de sua concepção de hegemonia, a noção de movimento é muito importante. A partir deste movimento, que está muitas vezes relacionado aos processos de identificação, significação e o mais importante de incorporação, conforme destacamos abaixo:

“Os modos de incorporação são de grande significado e, acidentalmente, no nosso tipo de sociedade revelam um considerável significado económico. As instituições educativas são, em geral, as principais agências de transmissão de uma cultura dominante efectiva, e esta questão é agora uma

actividade econômica e cultural importante; na verdade são ambas simultaneamente. ” (APPLE, 1999, p. 27)

3) Como consequência da presença das incorporações e hegemonias ideológicas dentro dos currículos, Apple aponta que estes estarão sempre ligados a relações de poder, pois essas são as que determinam sua estrutura, composição e desenvolvimento, pois foram geradas a partir das outras duas características já apontadas. Chama atenção ainda que, dentro de uma Instituição, alguns conteúdos sempre serão mais privilegiados que outros e que isso acontece por diversos fatores, entre eles: conteúdos que favorecem um controle social⁵⁵ (visto que toda reprodução curricular acaba naturalmente por manter o desequilíbrio econômico⁵⁶ (1999)), financiamentos para linhas de pesquisa, tradições seletivas e estudos que envolvem temas que estão em destaque nas comunidades científicas com grande reconhecimento.

“[...] Obviamente, tanto as artes, como as comunidades, supostamente dada a natureza dos assuntos com que lidam, têm sido vistas como sendo menos receptivas a esses critérios. Portanto, encontra-se aqui em funcionamento uma proposição dupla, quase circular. O conhecimento estatuto elevado⁵⁷ é visto como vantajoso, do ponto de vista macroeconômico, em termos de lucros contínuos para a maioria das classes com poder na sociedade; e as definições socialmente aceites de conhecimento de estatuto elevado impedem que se tenha em consideração o conhecimento não técnico.” (APPLE, 1999, p. 75)

⁵⁵ Para Apple (1999 e 2008), todo currículo acaba por exercer um processo de controle social, em alguns momentos históricos mais incisivos do que outros. O autor aponta que alguns conteúdos sempre serão tratados nas diretrizes porque representam uma força maior, que está diretamente ligada aos interesses do capital mundial. Em outras palavras, o que ele tenta elucidar em sua obra é que o Estado sempre acaba por impor conteúdos que são extremamente favoráveis ao mercado de trabalho, consequentemente às grandes corporações que contribuem com o seu funcionamento, e não ao conhecimento científico e sem função produtiva capitalista em si.

⁵⁶ Sobre o assunto, Apple defende a ideia de que os currículos ao atenderem as demandas mercadológicas que são impostas pelo Estado, sempre contribuirão para o ciclo das desigualdades econômicas. Em sua obra *Currículo, Poder e Lutas Educacionais* (2008), o autor aponta que enquanto essa intervenção acontecer sempre teremos a formação de uma mão de obra extremamente suscetível a todas manobras de controle do Estado, que atende, na realidade, às grandes demandas do capital financeiro dominante hoje na atual fase do sistema.

⁵⁷ Sobre isso, destaca-se: “[...] a posse de um conhecimento de estatuto elevado, conhecimento que se considera excepcionalmente importante e que se encontra ligado à estrutura dominante de economias industrializadas, está relacionada e parece na verdade implicar a sua não posse por outros. Fundamentalmente, o conhecimento de estatuto elevado “é escasso por definição, e a sua escassez está intimamente ligada à sua instrumentalidade” (APPLE, 1999, p. 72)

A Geografia Regional teve suas teorias e conceitos privilegiados no curso de Geografia durante aproximadamente 55 anos (de 1934 à 1989), mas sem dúvida sua maior valorização se deu durante a Ditadura Militar, onde os conteúdos que de alguma forma atendiam aos interesses político-sociais ganharam espaço nas disciplinas. Na análise curricular desses 80 anos de nossa pesquisa, o grande número de disciplinas relacionadas à Geografia Regional ou com ênfase na análise regional, como Geografia Regional I, II e III, Geografia Regional do Brasil I, II e III, Panorama da Geografia do Brasil, Organização do Espaço Regional, Introdução à Ciência Geográfica, Introdução à Geografia Humana, Introdução à Geografia Física, deixa evidente esse privilégio aos estudos regionais, pois conforme já dito, havia um interesse nos estudos que auxiliavam os interesses governamentais.

4) As relações urdidas com os itens apontados anteriormente, exercem uma formação importante para Apple dentro dos currículos, pois elas agem dentro e simultaneamente a todas as outras. Quando uma comunidade científica adota ou desenvolve uma teoria, sem dúvida isto se dá com base em suas ideologias, tradições, processos hegemônicos, estruturas de poder e dominação que esteve o tempo todo entrelaçado com as relações que ali existiam entre as Instituições, campos de pesquisa, pesquisadores, currículos e etc.

“A ideia de relação é um elemento excepcionalmente importante neste tipo de argumentação. Refiro-me àquilo que seria melhor denominado como “análise relacional”. Implica ver a actividade social – em que a educação se assume como uma forma específica dessa actividade – agregada a uma predisposição mais abrangente das instituições que distribuem os recursos, de modo que alguns grupo e classes sociais têm sido historicamente favorecidos, enquanto outros têm tido um tratamento pouco adequado. [...] atribuem-se racionalmente significados às coisas através dos seus vínculos e ligações complexas com a forma como a sociedade se encontra organizada e controlada. As próprias relações são as características definidoras.” (APPLE, 1999, p. 34)

Apple aponta também que as relações que se estabelecem são definidoras das características que o currículo apresentará; desta forma, a relação mais intensa que o curso de Geografia teve foi com a Escola Francesa

e com os franceses que participaram de toda a estruturação do curso. Sem dúvida alguma, essa relação foi definidora das características que o currículo apresentou nos anos iniciais e posteriormente, até aproximadamente a década de 60. Mesmo após os anos iniciais, a influência francesa ainda era grande, pois uma “geração” de geógrafos havia sido formada por essa comunidade científica.

“Teoricamente não foram só os geógrafos como também os filósofos franceses, pelas suas obras contribuíram de maneira relevante para a formação docente e discente, entre os quais destacamos Jean Paulo Sartre, Henri Lefèbvre, Michel Foucault, Felix Guattari, entre outros.” (LEMOS, 2004, p. 8)

“Nesse sentido a produção geográfica brasileira refletia os problemas teóricos e metodológicos germinados e vividos na Europa, dentro das diretrizes vinculadas, naturalmente, às condições dos mecanismos econômicos, sociais e políticos que passavam a ser dominantes em escala praticamente mundial.

[...]

A razão principal da presença europeia decorreu da grande influência exercida pelos docentes estrangeiros, em particular franceses, contratados para desempenhar funções docentes e de pesquisa, nas Faculdades de Filosofia de São Paulo e Rio de Janeiro e no Conselho Nacional de Geografia. O fato foi particularmente significativo na Universidade de São Paulo” (PETRONE, 1979, p.314,317,319)

5) Conforme dito anteriormente, as concepções e propostas curriculares estão sempre baseadas em tradições que as comunidades científicas vão agregando e selecionando a partir de todos os itens acima discutidos.

A história da Geografia Regional da USP é uma sucessão de tradições seletivas, e neste sentido, a teoria de Apple foi determinante para compreendermos o espaço curricular que a Geografia Regional teve nos 80 anos que pesquisamos.

Para Apple, existe, dentro de todo currículo, as concepções que são visíveis, através dos autores, métodos, diretrizes, conteúdos, paradigmas, mas que também o que ele denomina de currículo oculto.

Segundo o autor, a inserção do currículo oculto no currículo, tem sua origem no século XIX no processo de modernização e industrialização do sistema capitalista, onde a formação de mão de obra era uma questão central

para a sobrevivência e desenvolvimento de qualquer Estado. Diante deste cenário, as Instituições de ensino foram utilizadas para esta formação, porém de forma camuflada, visto que nenhum governo exibiria essa concepção política de produção tecnicista em massa.

Para Apple, na formação de qualquer currículo, esse contexto acaba por reproduzir-se, pois a sociedade, o Estado e as Instituições funcionam dentro de um processo acumulativo de teorias, comunidades científicas, conceitos e visões epistemológicas. Dentro do currículo oculto estão presentes as concepções que favorecem o “funcionalismo econômico” do sistema, a “standardização” dos “ambientes educativos, as “exigências burocráticas, e os “conhecimentos legítimos”, que acabam por representar e gerar o que ele denomina de “seleção hegemônica dos currículos”, (Apple, 1989 e 1999).

Fica claro para nós que toda a concepção sobre currículo proposta por Apple desenvolve-se perfeitamente dentro das comunidades científicas que compuseram a história da Geografia Regional dentro da USP. Seria uma ingenuidade não observar que os currículos foram baseados nas concepções intelectuais das comunidades científicas que estavam em destaque na Geografia e também dentro do próprio curso da USP, que nos remetem a priori à uma ligação intensa com a ciência europeia (em especial a francesa), um segundo momento ao planejamento regional (com um currículo oculto de grande influência – o interesse militar no conhecimento relacionado ao desenvolvimento regional do território) e em um último momento ao movimento de renovação da Geografia, a chegada da Geografia Crítica. Desta maneira, é inevitável que algumas concepções que fizeram e outras que ainda fazem parte dos “currículos ocultos” estejam presentes dentro do curso de Geografia da USP.

3.4.2 A Geografia Regional Frente a Alguns Paradigmas

A estruturação dos currículos presentes no curso de Geografia da USP desde 1934, foi historicamente, fruto das intensas - camufladas ou não - relações

de poder (Apple 1999) que o formularam e sustentaram. Na análise dos currículos do curso, podemos observar a influência de alguns paradigmas.

“[...] Considero “paradigma” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.

[...] A investigação histórica cuidadosa de uma determinada especialidade num determinado momento revela um conjunto de ilustrações recorrentes e quase padronizadas de diferentes teorias nas suas aplicações conceituais, instrumentais e na observação. Essas são os paradigmas da comunidade, revelados nos seus manuais, conferências e exercícios de laboratório”. (KUHN, 2013, p. 53 e 115)

Kuhn (1974 e 2013) ressalta que nem toda teoria produzida dentro do campo científico necessariamente torna-se um paradigma. Para que um paradigma se forme ele apresenta alguns fatores determinantes e fundamentais, que devem estar presentes na teoria.

Em sua obra, Kuhn apresenta diversos exemplos de teorias científicas importantes que nunca chegaram a tornar-se um paradigma. Para ele, a formação de um paradigma acontece a partir de duas situações superficialmente distintas, mas profundamente ligadas.

Em um primeiro “momento”, é necessário que um cientista ou uma comunidade científica encontre a solução para um problema que está em questão, que o antigo paradigma não conseguiu e conseqüentemente entrou em crise, e que esta solução venha a partir de realizações que de alguma forma respondem melhor ao problema posto. Kuhn aponta que estas respostas são realizações que não possuem precedentes⁵⁸. Neste “momento” é importante também que essas realizações atraiam um conjunto de seguidores duradouros, pois são eles que irão garantir a aceitação e permanência do paradigma novo,

⁵⁸ Ressalva-se aqui que quando Kuhn propõe a questão de precedente, ele trata o tema numa perspectiva sinônima totalmente inédita. Ele, ao contrário, deixa claro que um novo paradigma sempre carregará aspectos relacionados ao antigo, pois a ciência funciona através do processo acumulativo do conhecimento.

quando passarem a utilizá-lo, através de publicações, citações, método, metodologia e etc.

Em um segundo “momento”, embora atrelado ao primeiro, essas realizações devem ser abertas, no sentido de permitir que os seus seguidores possam desenvolver diferentes concepções, linhas de pesquisa, objetivos e etc.⁵⁹ “[...] Os paradigmas adquirem seu *status* porque são mais bem-sucedidos que seus competidores na resolução de alguns problemas que o grupo de cientistas reconhece como graves.” (KUHN, 2013, p. 88)

Figura 32- Formação de um Paradigma segundo Kuhn

Org. Camargo, 2016

Conforme apontado por Lencioni (2009) e Moraes (1992), quando a França encontrava-se sob forte influência do paradigma da modernidade, em especial pela indústria e pelo desenvolvimento urbano, onde a sociedade passou a perder a ideia de comunidade local e diferentes revoltas e movimentos sociais instalaram-se, o Estado vê no desenvolvimento científico uma possibilidade de consolidação das novas fronteiras e consequentemente como um reforço no sentimento patriota da população.

⁵⁹ É significativo destacar aqui que Kuhn (1974 e 2013) ressalva em seu pensamento, que dentro da ciência normal é importante que perante a crise de um paradigma outro logo venha para substituí-lo. Ele aponta que a ciência normal necessita dos paradigmas. “Na ausência de um paradigma ou de algum candidato a paradigma, todos os fatos que possivelmente pertencem ao desenvolvimento de determinada ciência tem probabilidade de parecerem igualmente relevantes. Como consequência disso, as primeiras coletas de fatos se aproximam muito mais de uma atividade ao acaso do que daquelas que o desenvolvimento subsequente da ciência torna familiar. (KUHN, 2013, p. 78)

Porém, o paradigma dominante dentro da Geografia na época não oferecia recursos teóricos que ajudassem na compreensão desta nova realidade imposta; inevitavelmente o paradigma entrou em crise, necessitando assim do surgimento de um novo paradigma que oferecesse o auxílio que a comunidade científica da época buscava. Neste contexto, surge a Escola Francesa de Geografia, que atendia às características para a formulação de um novo paradigma e solucionava o “problema” imposto para aquela comunidade científica, conseguindo assim desenvolver uma teoria que, de uma forma velada, introduzia as questões políticas, demarcava e explorava o território francês através de concepções até então não realizadas, possibilitando, concomitantemente, diferentes abordagens por parte dos geógrafos.

Outro fator importante que complementa o desenvolvimento da Escola Francesa de Geografia e que principalmente lhe permitiu alcançar o status e proporção que alcançou, diz respeito ao fato de que esta acabou sendo, no seu início, o que Thomas Kuhn chama de escola pré-paradigmática. Para o autor, no desenvolvimento da ciência em algum momento, que acabará por ser tornar o que ele denominou como período pré-paradigmático, uma determinada comunidade científica ou um cientista isolado concerne uma série de conceitos, experimentos e debates que são (intencionais ou não) o início de todo o desenvolvimento de uma teoria que mais tarde (quando aceita por um grupo de seguidores duradouros) se tornará um paradigma.

É evidente que a Escola Francesa e todos os estudos sobre Geografia Regional que foram desenvolvidos representam uma destas escolas pré-paradigmáticas, pois até aquele momento, na ciência geográfica, as outras concepções e talvez alguns paradigmas, tenham de alguma forma abordado o assunto, mas não da forma, estrutura e fundamento que ali foram apresentados.

“[...] O período pré-paradigmático, em particular, é regularmente marcado por debates freqüentes e profundos a respeito dos métodos, problemas e padrões de solução legítimos-embora esses debates sirvam mais para definir escolas do que para produzir um acordo.” (KUHN, 2013, p. 121)

Kuhn (2013) expõe algumas características que se fazem presentes e dão fundamento às escolas pré-paradigmáticas. Para ele neste momento não é possível que o desenvolvimento da ciência seja analisado separadamente da comunidade científica ao qual está inserida.

“As escolas características dos primeiros estágios do desenvolvimento de uma ciência criam essa situação. **Nenhuma história natural pode ser interpretada na ausência de pelo menos algum corpo implícito de crenças metodológicas e teóricas interligadas que permita seleção, avaliação e crítica.** Se esse corpo de crenças já não está implícito na coleção de fatos – quando então temos à disposição mais do que meros fatos- precisa ser suprido externamente, talvez por uma metafísica em voga, por outra ciência ou por um acidente pessoal e histórico. Não é de admirar que nos primeiros estágios do desenvolvimento de qualquer ciência, homens diferentes confrontados com a mesma gama de fenômenos – mas em geral não com os mesmo fenômenos particulares – os descrevam e interpretem de maneiras diversas. É surpreendente (e talvez também único, dada a proporção em que ocorrem) que tais divergências iniciais possam em grande parte desaparecer nas áreas que chamamos de ciência.” (KUHN, 2013, p. 81 e 82 grifo nosso)

Para Kuhn as divergências entre as interpretações de um mesmo fenômeno por parte de diferentes escolas pré-paradigmáticas é fundamental, pois em algum momento dentro deste debate, alguma escola apresentará ideias que serão adotadas por um grupo duradouro de seguidores.

“As divergências realmente desaparecem em grau considerável e então, aparentemente, de uma vez por todas. Além disso, em geral seu desaparecimento é causado pelo triunfo de uma das escolas pré-paradigmáticas, a qual, devido às suas próprias crenças e preconceitos característicos, enfatizava apenas alguma parte especial do conjunto de informações demasiado numeroso e incoativo.” (KUHN, 2013, p. 81 e 82)

Assim, conforme Kuhn, dentro de sua prática, que é baseada em toda uma formação a partir dos paradigmas dominantes, a comunidade científica acaba por gerir um conjunto de tradições, que aqui não são entendidas necessariamente como regras. Isto condicionará suas pesquisas, que muitas

vezes partem de problemas onde a montagem não demandará de grande esforço ou em renovações dentro do campo científico.

“[...] Os cientistas trabalham a partir de modelos adquiridos, por meio da educação ou da literatura a que são expostos subsequentemente, muitas vezes sem conhecer ou precisar conhecer quais as características que proporcionam o *status* de paradigma comunitário a esses modelos. Por atuarem assim, os cientistas não necessitam de um conjunto complexo de regras. A coerência da tradição de pesquisa da qual participam não precisa nem mesmo implicar a existência de um corpo subjacente de regras e pressupostos, que poderia ser revelado por investigações históricas ou filosóficas adicionais. O fato de os cientistas usualmente não perguntarem ou debaterem a respeito do que faz com um problema ou uma solução particular sejam consideradas legítimos nos leva a supor que, pelo menos intuitivamente, eles conhecem a resposta. Mas esse fato pode indicar tão somente que nem a questão nem a resposta são consideradas relevantes para suas pesquisas. Os paradigmas podem ser anteriores, mais cogentes e mais completos que qualquer conjunto de regras para a pesquisa que deles possa ser claramente abstraído” (KUHN, 2013, p. 119)

Para Apple (1999 e 2008) e Kuhn (2013) a comunidade científica possui uma grande influência sobre o desenvolvimento dos estudos acerca de um determinado tema, que para ambos é sempre escolhido a partir do nível de aceitação perante outras comunidades científicas e também pelo “prestígio” que determinantes campos de pesquisa possuem.

As tradições seletivas realizadas pelas comunidades científicas que dominaram o curso de Geografia da USP ao longo desses 80 anos, garantiram a adoção – e até mesmo permanência ou abandono – de paradigmas. A partir da análise dos programas curriculares de todas as disciplinas, podemos dizer que a própria Geografia Regional foi um paradigma durante, aproximadamente, 55 anos da história do curso.

O debate regional no período de 1934 até 1989 foi intenso nas disciplinas oferecidas no curso. A Geografia Regional, enquanto paradigma, teve duas grandes *incorporações* (Apple, 1999) ao longo dos 80 anos de nossa pesquisa, que acabaram tornando-se os paradigmas dominantes nos currículos do curso de Geografia:

- A primeira delas foi a incorporação do modelo da Escola Francesa de Geografia na USP. Essa incorporação não foi um processo difícil, nem com grandes resistências, pois embora já existisse produção geográfica no Brasil, o processo de Institucionalização aconteceu juntamente com o início do curso de Geografia na USP em 1934. Desta forma, a Geografia Francesa, principalmente a desenvolvida por Vidal de La Blache acabou se tornando um modelo, que foi seguido e muito reproduzido durante 32 anos (1934 até 1966).

Na análise das Grades do curso de Geografia essa incorporação das propostas de Vidal de La Blache, sustentam-se na adoção maciça da análise regional na maioria das disciplinas, nas inúmeras propostas de monografias regionais, ao grande uso do conceito de gêneros de vida, das leituras indicadas dos textos de Vidal de La Blache e também de seus seguidores.

- A segunda incorporação esteve ligada ao Planejamento Regional, onde as concepções relacionadas ao ordenamento, a organização e expansão do território estavam presentes em muitas disciplinas.

Neste momento onde muitas disciplinas estavam relacionadas ao planejamento regional, a grande incorporação do currículo, ficou a cargo de um dos objetivos do Governo Militar; integração Nacional e desenvolvimento regional.

Como essa incorporação esteve relacionada aos interesses do Estado⁶⁰, há neste momento um grande aumento no número de disciplinas de Geografia Regional e também de disciplinas onde a análise regional era central no currículo.

“[...] Se uma determinada área do saber consegue convencer as agências de financiamento, o Governo ou a população em geral que estão a ser utilizados procedimentos científico, quer sejam, na verdade, úteis ou não, aumenta a probabilidade de uma maior distribuição de recursos financeiros e apoio político” (APPLE, 1999, pg. 182, 183).

⁶⁰ Apple (1999, 2008) aponta que o Estado sempre exerce uma força sob as Instituições de ensino.

Importante destacarmos aqui que, tendo uma formação marxista, assim como Apple, o filósofo francês Althusser, em sua teoria sobre estrutura dos currículos, utiliza como fundamentação teórica Karl Marx, através dos conceitos de força de trabalho, classe dominante e dominada (burguesia e proletariado (Marx)), Estado, mais valia e etc. Em seu livro *A Ideologia e os Aparelhos Ideológicos* (1970), obra clássica na corrente das teorias críticas do currículo, o autor defende que todo currículo é, de um lado, a garantia de permanência da sociedade capitalista e, do outro, uma reprodução dos aparelhos ideológicos da classe dominante.

“[...] ensina estas técnicas e estes conhecimentos, ensina também as <<regras>> dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo o agente da divisão do trabalho deve observar, segundo o lugar que está destinado a ocupar: regras da moral, da consciência cívica e profissional, o que significa exactamente regras de respeito pela divisão social-técnica do trabalho, pelas regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. Ensina também a <<bem falar>>, a <<redigir bem>>, o que significa exactamente (para os futuros capitalistas e para os seus servidores) a <<mandar bem>>, isto é, (solução ideal) a <<falar bem>> aos operários, etc.” (ALTHUSSER, 1979, p. 21)

“[...] Além da continuidade das condições de sua produção material, a sociedade capitalista não se sustentaria se não houvesse mecanismos e instituições encarregadas de garantir que o status quo não fosse contestado” (SILVA, 2015, p. 31)

Para Althusser, ao contrário de Apple, que defende que os conteúdos selecionados são resultados de uma tradição seletiva, que sofreu inúmeras incorporações, os conteúdos selecionados para o autor, sem exceção, são todos uma garantia para a reprodução da força de trabalho, além de serem uma representação da ideologia dominante.

“ Enunciando este facto numa linguagem mais científica, diremos que a reprodução da força de trabalho exige não só uma reprodução da qualificação desta, mas, ao mesmo tempo, uma reprodução da submissão desta às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante para os operários e uma reprodução da capacidade para manejar bem a ideologia dominante para os agentes da exploração e da repressão, a fim de que possam assegurar também, <<pela palavra>>, a dominação da classe dominante.” (ALTHUSSER, 1979, p. 21,22)

Enquanto Apple defende que os currículos e as Instituições de ensino representam a comunidade científica que os constitui, Althusser vai advogar que essas Instituições atuam ideologicamente através dos currículos (Silva, 2015 e Althusser, 1970), compondo assim apenas mais um dos inúmeros instrumentos ideológicos do Estado⁶¹.

Destacamos também que para os dois autores, o Estado representa uma força de influência na formação e constituição dos currículos através da ideologia que o representa.

Importante ressaltar que Althusser, nascido na França, viveu entre 1918 e 1990, tendo inaugurado o que Saviani⁶² chamou de “teoria critico-reprodutivista”, fortemente relacionada ao ideário de maio de 1968 na França⁶³.

Já Apple vive não apenas um outro contexto histórico, mas também um outro contexto geográfico, sendo um norte-americano de origem pobre, que ascende socialmente através de sua formação acadêmica, tornando-se

⁶¹ Aponta como principais aparelhos ideológicos do Estado (AIE):

“- O AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas),
- o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares),
- o AIE familiar,
- o AIE jurídico,
- o AIE político (o sistema político os diferentes partidos),
- o AIE sindical,
- o AIE de informação(a imprensa, o rádio, a televisão, etc.),
- o AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc.)” (ALTHUSSER, 1979, p. 43,44)

⁶² Saviani, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações. 2ª ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

⁶³ O mês de maio do ano de 1968 foi marcado na França pela maior greve geral da história do país. O movimento teve início com a ocupação de estudantes na Universidade de Nanterre, nos arredores de Paris, que reivindicavam por mais liberdade, ocasionando uma série de confrontos com a polícia.

No dia 2 de maio o governo de Charles de Gaulle, informou que a Universidade seria fechada, gerando uma nova onda de protestos contra o governo e à repressão. Os estudantes também exigiam uma reforma educacional.

Dias após o anúncio do governo e dos confrontos, os estudantes de Sorbonne, aliaram-se aos de Nanterre, tomando as ruas de Quartier Latin. Os sindicatos dos trabalhadores, decidiram apoiar o movimento, cruzando os braços e ocupando muitas fábricas, ocasionando assim no dia 13 de maio uma greve geral no país, que conseguiu no seu auge paralisar dois terços da força de trabalho da França. Como manobra política, o presidente Charles de Gaulle, convocou no fim do mês de maio, novas eleições para o mês de junho, desmoralizando o movimento estudantil e prometendo aumento de salário aos operários que voltaram às fábricas.

Para mais ver: THOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris. Testemunho de um estudante. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(2); 63-100, outubro de 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n2/v10n2a06.pdf>

conhecido por propor uma “pedagogia crítica”, que enfatiza a relação entre educação e sociedade.

Outro ponto de destaque importante fica a cargo das contribuições de Bruno Latour, que apresenta uma perspectiva distinta à de Thomas Kuhn.

Latour, em seu livro “Ciência em Ação – como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora”, não nega o conceito e a concepção de paradigma⁶⁴, porém aponta que os avanços feitos pela ciência acontecem a partir das controvérsias. Para o autor, a ciência tem duas faces, uma que ele denomina como ciência pronta e a outra ciência em construção⁶⁵, que “falam juntas e dizem coisas completamente diferentes, que não devemos confundir” (2011, p.11)

Para Latour essa dualidade entre a ciência pronta e a que está em construção acompanha a produção científica o tempo todo. Defende que dependendo de qual o cientista resolve seguir, sua pesquisa pode ou não ter sucesso. Latour expõe que toda produção científica, que de fato chega a ser lida e reconhecida por uma comunidade científica, está sendo constantemente questionada. O sucesso a estes questionamentos dependerá do número de aliados que a teoria e o autor conseguirem conquistar; assim, o autor compreende como aliados outras comunidades científicas, o número de citações, a quantidade de leitores, o nível dos laboratórios e principalmente da “*geração seguinte de textos*”

“[...] Para sobreviver ou transformar-se em fato, uma afirmação precisa da *geração seguinte* de textos (chamarei “geração” o período necessário para a publicação de outra rodada de textos que fazem referência os primeiros, ou seja, de dois a cinco anos). [...] Por definição, nenhum fato é tão sólido que dispense apoio.” (LATOUR, 2011, p. 56,57)

A permanência na comunidade científica de conceitos e teorias, que ele denomina como afirmações, também está diretamente ligada as controvérsias que o autor conseguirá resolver ou responder acerca de sua produção. Quando

⁶⁴ Em seu livro reconhece que o conceito de Paradigma foi proposto por Thomas Kuhn. (p.52)

⁶⁵ Para esta concepção o autor utiliza a metáfora das duas faces de Jano.

uma teoria ou conceito não é mais capaz de responder aos questionamentos feitas por outros cientistas, a caixa-preta se abre.

“[...] quanto mais as controvérsias avançaram, mais fomos levados para aquilo que se costuma chamar de ‘technicalidades’. Isso é compreensível, uma vez que, ao discordarem, as pessoas vão abrindo cada vez mais caixas-pretas [...] Há sempre um ponto numa discussão em que os recursos próprios das pessoas envolvidas não são suficientes para abrir ou fechar uma caixa-preta. É necessário sair à cata de mais recursos em outros lugares e outros tempos. As pessoas começam a lançar mão de textos, arquivos, documentos e artigos para forçar os outros a transformar o que antes foi uma opinião num fato. Se a discussão continuar, então os participantes de uma disputa oral acabarão por transformar-se em leitores de livros ou de relatórios técnicos. Quanto mais discordam, mais científica e técnica se torna a literatura que lêem. (LATOUR, 2011, p.44)

O conceito de caixa preta, de Latour, está relacionado àquelas controvérsias às quais a ciência e os cientistas ainda não possuem respostas.

“A expressão caixa-preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, a não ser o que nela entra e o que dela sai” (LATOUR, 2011, p. 4)

Bruno Latour relaciona as caixas-pretas da ciência com as controvérsias que ainda não foram superadas. Quando uma controvérsia é superada essa caixa-preta se fecha e somente quando outra controvérsia surge é que ela se abre novamente.

“Poderíamos repassar todas as opiniões existentes para explicar por que uma controvérsia aberta se encerra, mas estaremos sempre topando com uma nova controvérsia referente ao como e ao porquê do encerramento da questão. Teremos de aprender a viver com duas vozes contraditórias que falam ao mesmo tempo, uma sobre a ciência em construção, outra sobre a ciência acabada. Esta última produz frases como “faça isto ... faça aquilo”; a primeira diz “o suficiente nunca é suficiente”. (LATOUR, 2011, p. 21)

“[...] A impossível tarefa de abrir a caixa-preta se torna exequível (se não fácil) quando nos movimentamos no tempo e no espaço até encontrarmos o nó da questão, o tópico no qual

cientistas e engenheiros trabalham arduamente.” (LATOUR, 2011, p. 6)

Latour também destaca a intensa disputa entre cientistas e comunidades científicas na produção e, predominantemente na aceitação e utilização de novas afirmações. Não nega a importância das contribuições anteriores fornecidas por antigas afirmações, porém ressalva que com o passar do tempo também acontece nas afirmações e contextos que a produziram.

“[...] O essencial é que o objeto novo emerge de uma formação complexa de elementos sedimentados, que já foram objetos novos em algum ponto do tempo e do espaço. A genealogia e arqueologia desse passado sedimentado são sempre possíveis em teoria, mas se torna cada vez mais difíceis à medida que o tempo passa e que o número de elementos agrupados aumenta.” (LATOUR, 2011, p. 142)

É inegável que é através das tradições seletivas e das forças de produção, do controle ideológico do Estado, que resulta numa caixa-preta ou em um paradigma, que a Geografia Regional constitui-se como um dos pilares da Geografia.

A emergência da substituição dos paradigmas no que tange ao “debate regional” mostra-se cada vez mais nítida na atual fase do mundo moderno. Os fluxos, a economia, as produções e os territórios, subordinados à seletividade espacial do capital, encontram-se cada vez mais regionalizados. Desta forma, a necessidade do debate regional permanece viva.

Considerações Finais

Nosso objetivo ao analisar o espaço da Geografia Regional no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, foi sem dúvida, também, uma tentativa de valorizar o debate regional, visto que, mesmo estando presente em muitos

trabalhos, produções e disciplinas, após a década de 90, este perdeu espaço dentro do currículo.

Sem dúvida, influenciada por essa lógica de produção perversa (Santos, 2010) do capitalismo moderno, a Universidade foi afetada de múltiplas formas, tendo inclusive, como um dos critérios avaliativos – que tem como objetivo um “ranking de excelência” das Universidades, seu nível de *qualidade* medido através da *quantidade* de publicações, tornando-se em muitos momentos, como apontado por Ortelado (2012) uma Fábrica de Papers⁶⁶. Neste contexto, a decisão e escolha da composição dos currículos, compõe uma árdua tarefa às comunidades científicas das Universidades, inclusive as da USP.

Conforme apontado por Haesbaert (2010) a região na Geografia passou e vem passando por diversas “mortes e ressurreições” dentro das diferentes linhas epistemológicas de influência deste campo do saber.

“Através do rico e múltiplo legado de Vidal de La Blache é possível, evidenciar que a região já nasce fadada a idas e vindas, desconstruções e reformulações. Recorrendo agora à história do pensamento geográfico, numa abordagem bastante ampla, podemos afirmar que a região “morre” e “ressuscita” (obviamente sob “corpos” um tanto distintos...) ao longo das diferentes abordagens assumidas e/ou propostas pelos geógrafos. Isto não quer dizer, é claro, que estejamos advogando um processo histórico linear ou mesmo “cíclico”, pois bem sabemos que diferentes conceituações vão sendo propostas enquanto as mais antigas não desaparecem, convivendo ou mesmo se cruzando com estas novas criações – que também, desse modo, nunca são completamente “novas”” (HAESBAERT, 2010, p. 37)

Esse processo tão complexo apontado por Haesbaert, inegavelmente, pode ser constatado na própria história da abordagem regional construída no curso de Geografia da USP ao longo dos 80 anos a que dedicamos nossa análise.

As diferentes *incorporações* das comunidades científicas (Apple 1999) que compuseram a rede histórica-intelectual desse curso desde 1934, sem

⁶⁶ Disponível em: <http://stoa.usp.br/politica/weblog/99841.html>

dúvida, contribuíram para que o percurso da Geografia Regional tivesse ao longo dos anos várias “mortes” e ressurreições” (Haesbaert, 2010).

Entre os eventos que consideramos de suma importância para se compreender o *percurso* da Geografia Regional na história da USP, fica a cargo do conhecimento profundo e difundido, porém limitado, das teorias de Vidal de La Blache, conforme apontado por Haesbaert (2010 e 2012).

“A verdade, no entanto, é ainda mais complexa, como bem demonstra a releitura da questão da regionalização em toda a obra vidaliana, em especial aquela produzida por Ozouf-Marignier e Robic (1995), já aqui comentada. Ao percorrerem não dois, mas oito dos seus trabalhos, elas identificam não apenas os conceitos de região contidos no *Tableau* e no *La France de l’Est*, mas todo um conjunto que perpassa quase todos as conceituações até aqui conhecidas, o que revela o impressionante papel inovador de Paul Vidal de La Blache.” (HAESBAERT, 2010, p. 50, 51)

“ Muitos, entretanto, são os que, ainda hoje, propõem considerar como “região lablacheana” aquele conceito de região representado sobretudo pelas chamadas relações homem-meio, na “harmonia” de um “gênero de vida” tradicional – de preferência com fortes bases físico-rurais. Reduz-se, assim, a rica e complexa visão lablacheana de região a apenas uma de suas múltiplas faces, aquela centralizada num certo ajuste entre características ou dinâmicas da natureza e propriedades ou processos sociais/culturais.” (HAESBAERT, 2012, p. 186, 187)

Não estamos afirmando aqui que as teorias de Vidal de La Blache não fossem conhecidas pelos geógrafos da USP, mas sim que de uma maneira mais generalizada entre as comunidades científicas sua produção acadêmica foi amplamente incorporada, todavia restrita a algumas de suas obras⁶⁷ como aponta Ribeiro (2012), muitos conceitos da teoria de Vidal não foram difundidos pela maior parte das comunidades científicas que incorporam suas propostas,

Como a influência de Vidal foi intensa na USP, não podemos acreditar que isto não trouxe consequências. Assim, buscamos mostrar que um dos pontos defendidos pelos geógrafos relacionados à Geografia Crítica em suas

⁶⁷ Haesbaert, na parte II. Geografia Regional, do livro Vidal, Vidais – Textos de Geografia Humana, Regional e Política, aborda de forma minuciosa este ponto.

críticas às teorias e ao uso das mesmas, foi a intensa reprodução das monografias regionais.

Outro evento que indubitavelmente foi marcante no percurso da Geografia Regional, foi seu entrelaçamento com os estudos referentes ao planejamento regional. Conforme apontado por Lencioni (1999), inicialmente isto trouxe contribuições e abriu mais espaço para a Geografia Regional no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, porém, quando “houve uma desmontagem dos planos de desenvolvimento regional, associou-se um descrédito à noção de região.” (LENCIONI, 1999, p. 202). Conforme apontado anteriormente, a influência do planejamento regional durou aproximadamente mais de duas décadas, trazendo também ao curso de Geografia da USP o dito “descrédito”.

O foco nos estudos relacionados ao planejamento regional dentro do curso de Geografia da USP durou aproximadamente 23 anos, somados aos 32 anos de domínio da escola Vidaliana, o que totaliza cerca de 55 anos durante os quais o pano de fundo dos estudos foi o positivismo e sua versão renovada, de meados do século XX, o chamado neopositivismo, este último desenvolvido no âmbito do conhecido Círculo de Viena e mantendo a forte carga empirista que caracteriza o positivismo, embora aumentando a carga de lógica formal.

Novos caminhos metodológicos, frente aos novos processos sociais, políticos e econômicos do mundo pós década de 90, vão se desenhando no final do século passado e ainda são relativamente recentes na Geografia brasileira e no curso de Geografia da USP, particularmente.

Desta forma, a Geografia Regional, além de submetida às incorporações, às tradições seletivas e a paradigmas, vem sendo reelaborada à luz de um mundo em profundas e rápidas transformações.

Conhecer uma parte do percurso da Geografia Regional, é para nós, um resgate essencial da discussão deste campo do conhecimento tão crucial para o desenvolvimento da própria Geografia. Neste sentido, esperamos ter deixado aqui a nossa pequena contribuição.

Referências Bibliográficas.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza M. **Desafios e Perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil**. In: ENPEG- Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 10, 2009, Porto Alegre/ RS. Anais... Porto Alegre/ RS: UFRGS, 2009.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. São Paulo. Martins Fontes, 1970.

AMORIM, Cassiano Caon. **Discutindo o Conceito de Região**. Juiz de Fora. Estação Científica, Nº 04, abr/mai. 2007.

ANDRADE, Manoel C. **O pensamento geográfico e a realidade brasileira**. Boletim Paulista de Geografia. AGB, São Paulo, n.54, junho 1977, p. 5-28.

APPLE, Michael W. BURRAS, Kristen, L. **Currículo, Poder e Lutas Educacionais**: com a palavra, os subalternos. Porto Alegre, Artmed, 2008

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. Portugal, Porto Editora, 1999.

BASALLA, George. **La Difusion de La Ciencia Occidental**. Cuadernos Del Seminario. Volumen 3, numeros ½, ene-dic/97

BONFIM, Paulo Roberto Albuquerque. NETO, Manoel Fernandes de Sousa. **Geografia e Pensamento Geográfico do Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Parecer CNE/CES 776/1997, de 03 de dezembro de 1997. **Orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação**. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0776.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2010.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. 2 ed: São Paulo: UNESP, 2010

CACETE, Núria Hanglei. PAGANELLI, Tomoko Iyda. PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender em Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

CAMPOS, Ernesto de S. **História da Universidade de São Paulo**. São Paulo, Edusp, 1954.

CAPEL, Horácio S. **O nascimento da ciência moderna e a América**. O papel das comunidades científicas, dos profissionais e dos técnicos no estudo do território / Organização e tradução de Jorge Ulises Guerra Villalobos. - Maringá: Eduem, 1999.

CASTRO, Iná Elias de. **Problemas Conceituais e Metodológicos da Visibilidade da Região e do Regionalismo. A Escola Brasileira em Questão**. In: Seminário Internacional: Integração, Região e Regionalismo. 1994. São Paulo. 1992. P. 155-169.

CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato. GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia: Conceitos e Temas**. 13º ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo, Ática, 2000.

_____. **Algumas Considerações Sobre Análise Regional**. Revista Brasileira de Geografia, ano XLIX, nº 4, 1987

COSTA, Glauber B. A. **Da Europa Ao Brasil: Um Estudo Sobre a Trajetória do Ensino Superior em Geografia**. In: IX Colóquio do Museu Pedagógico, 2011. Anais. Bahia. Universidade do Sudoeste da Bahia.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, Difel, 1982.

CHAMBERS, David W. **Locality and science: myths of centre and periphery**. En: Mundialización de la ciencia y cultura nacional. Editado por: Antonio Lafuente, A Elena y M. L. Ortega. Madrid: Doce Calles. Hay versión en español de este texto: David Wade Chambers. "Localidad y ciencia: mitos de centro y periferia. Cuadernos del seminario. (Bogotá), 3(1/2): 21- 37; ene., 1997.

DOSSE, François. **A História em Migalhas**. Tradução Dulce A. Silva Ramos. São Paulo: Ensaio, Campinas, SP: Editora Universidade Estadual de Campinas, 1992.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da USP. 1994.

FÁVERO, M. L. A. **Da cátedra universitária ao departamento: subsídios para discussão**. 2000. Disponível em: related:www.unirio.br/estatuto/Da%20Catedra%20Universitaria%20ao%20Departamento.pdf Da cátedra universitária ao departamento: subsídios para discussão. Acesso em: 06/02/2015.

FERNANDES, Sílvia Aparecida de Souza. **Ensino de Geografia na Educação Básica: Propostas Curriculares e a Autonomia Docente**. In: ENPEG- Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 10, 2009, Porto Alegre/ RS. Anais... Porto Alegre/ RS: UFRGS, 2009.

FIGUEROA, Silvia Fernanda. **Mundialização da Ciência e Respostas Locais:** sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII à transição ao século XX). In: ASCLEPIO- Revista de História de la Medicina y e de La Ciencia, vol. L-fascículo 2,1998.

GODOY, Paulo R. Teixeira de. **Paradigmas e Geografia.** Revista da ANPEGE, v. 7, n. 1, número especial, p. 67-80, out. 2011

HAESBAERT, Rogério. **Regional Global:** dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Territórios Alternativos.** São Paulo. Contexto, 2006

HAESBAERT, R.; NUNES PEREIRA, S.; RIBEIRO, G. (dir.). **Vidal, Vidais:** textos de Geografia Humana, Regional e Política, Rio de Janeiro, Bertrad Brasil, 2012.

HARVEY, David. **A Produção do Espaço Capitalista.** São Paulo: Annablume, 2005

JOHNSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos.** São Paulo, Difel, 1986.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** 12ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LAFER, Celso. **A USP, aos 80.** In: Revista Fapesp – Edição Especial: USP 80 anos. Disponível em: <http://www.printfriendly.com/print/v2?url=http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/12/29/folheie-o-especial-usp-80-anos/>. Acesso em 15/01/2015

LEÃO, Vicente de Paula. **Os cursos de Geografia e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica.** Formação, Pesquisas e Práticas Docentes: Reformas Curriculares em Questão. p. 15 – 47. Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG) – 2013.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação:** como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 422 p.

LEMOS, Amalia I. G. de. **O Departamento de Geografia:** sua vida, sua trajetória. In: INFORME – Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas _USP. Nº 15, novembro-dezembro, 2004. Disponível: <http://comunicacao.fflch.usp.br/sites/comunicacao.fflch.usp.br/files/Informe-15.pdf>. Acesso: 20/10/2014

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia.** São Paulo, Edusp, 1999.

MACHADO, Lia Osorio - “**Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a ideia de ordem (1870-1930)**” in CASTRO, Iná et

alli (orgs.) - Geografia: conceitos e temas, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, pp. 309-353, 1995.

MARCOLIN, Neldson. **Um Caminho de Pedras** - Júlio de Mesquita Filho, Armando de Salles Oliveira e Fernando de Azevedo estiveram na linha de frente da criação da USP. In: Revista Fapesp – Edição Especial: USP 80 anos. Disponível em: <http://www.printfriendly.com/print/v2?url=http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/12/29/folheie-o-especial-usp-80-anos/>. Acesso em 15/01/2015

MARÇAL, Maria da Penha V. MOREIRA, Suely A. Gomes. **As Representações Sociais sobre o Conceito e a Importância do Ensino em Geografia**. In: ENPEG- Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 10, 2009, Porto Alegre/ RS. Anais... Porto Alegre/ RS: UFRGS, 2009.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP** (1935-1956): notas para estudo. In: Revista de História. 2002, n.146, p. 11-27.

MICELI, Giam C. Cupello. PAIVA, Juliana Silva. **O Ensino de Geografia Regional: Integração VERSUS Fragmentação**. In: ENPEG- Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 10, 2009, Porto Alegre/ RS. Anais. Porto Alegre/ RS: UFRGS, 2009.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Geografia: Pequena Historia Critica**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1992.

_____. **Bases da formação territorial no Brasil**. Ed. Hucitec, 1999.

_____. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Annablume / Hucitec, 2002. v. 1. 200p.

_____. **Geografia Histórica do Brasil**. Capitalismo, território e periferia, São Paulo: Ed. Annablume.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem Feira. Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento**. 20ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2011.

PETRONE, Pasquale. **Geografia Humana**. In: FERRI, Mário e MOTOYAMA, Shozo. História das Ciências no Brasil. 3V. São Paulo: EDU/EDUSP, 1979. (p.303-330)

_____. **Anotações sobre o Departamento de Geografia**. In: Revista do Departamento de Geografia, FFLCH- USP, São Paulo, 1982, nº1, p. 07-19

PINHEIRO, Cláudio. **Educação e Ditadura Militar: Relatos da história oficial e a memória de professores (1965-1985)**. 2006. 85f. Dissertação (mestrado em educação) Universidade Metropolitana de São Paulo, São Bernardo do Campo.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p.111-142.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PYENSON, Lewis. **Ciência Pura e Hegemonia Política: investigadores franceses e alemães em Latinoamérica**. In: LAFUENTE, Antonio e SALDAÑA, Juan J. (Coords) Historia de Las Ciencias. Madrid, Ed. CSIC, 1987. (p.195-215)

RIBEIRO, Júlio César; GONÇALVES, Marcelino Andrade. **Região: uma busca conceitual pelo viés da contextualização histórico-espacial da sociedade**. Revista Terra Livre, Vol. 17, São Paulo: AGB, 2001.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. 3º ed. São Paulo. Edusp, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 19º ed. São Paulo. Edusp, 2010.

SAVIANI, Demerval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.14 n.40, Jan./Apr. 2009.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e culturais nos primeiros anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil – volume 3**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 7ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SILVA, J. B.. **França e a Escola Brasileira de Geografia: verso e reverso**. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2012. v. 1. 232p

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de Sousa Neto. **As Outras Histórias Ou da Necessidade Delas**. Terra Brasilis – Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil. Ano I, nº1 – Geografia e Pensamento Social Brasileiro, Jul./Dez.2000 Rio de Janeiro, RJ, p. 137-145

_____. **Geografia nos trópicos: história dos naufragos de uma jangada de pedras?** Terra Livre, São Paulo-AGB, n. 17, 2001, p. 119-137.

_____. **A Ágora e o Agora.** Terra Brasilis – Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil. Ano I, nº14 – Geografia e Pensamento Social Brasileiro, Jan./Jul.1999 Rio de Janeiro, RJ, p.8-20

_____. **As Atuais Políticas Educacionais no Brasil e os seus Impactos no Currículo Básico de Geografia.** Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral, v.4/5, p. 9-15, 2002/2003.

_____. **Os Ventos do Norte Não Movem Moinhos.** Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, Goiás, v.28, nº2 Jul./Dez.2008 Rio de Janeiro, RJ, p.15-32

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia.** Contribuindo para o Ensino do Pensamento Geográfico. São Paulo, Unesp, 2004.

_____. **A propósito dos paradigmas de orientações teórico-metodológicas na Geografia contemporânea.** Revista Terra Livre, São Paulo, n. 16, p. 99-112, 2001

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da Vida Privada no Brasil - Contrastes da intimidade contemporânea.** Vol 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

WALLERSTEIM, Immanuel. **O Fim do Mundo Como o Concebemos – Ciência Social para o Século XXI.** Rio de Janeiro: Revan, 2002

WHITTLESEY, D. **O Conceito Regional e o Método Regional,** Boletim Geográfico, n. 154, jan/jun, p. 5-36, IBGE, Rio de Janeiro, 1960

ZUSMAN, Perla Brígida. **La Geografía Y El Proyecto Territorial De La Élite Ilustrada Paulista.** La Associação de Geógrafos Brasileiros (1934-1945). Scripta Nova, Rev. Electrónica de Geografia y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, nº7, 1997. NADAI, E. Ideologia do progresso e ensino superior 1891-1934. 1982, Teses de doutorado FFLCH /USP, São Paulo

ANEXO I
Programas de Geografía Regional

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre

4 créditos

- I - A Realidade Espacial e a Geografia Regional
 1. A natureza das Relações
 2. As possibilidades de abordagem
- II - As forças integrantes do complexo espacial e sua relatividade na organização do espaço regional.
- III - Os níveis de organização do espaço regional.
- IV - A noção de Região em Geografia.
- V - Região e Ação.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL

Períodos Diurno e Noturno 4 créditos
1º semestre

- I - A Realidade Espacial e a Geografia Regional
 1. A natureza das Relações
 2. As possibilidades de abordagem
- II - As forças integrantes do complexo espacial e sua relatividade na organização do espaço regional.
- III - Os níveis de organização do espaço regional.
- IV - A noção de Região em Geografia.
- V - Região e Ação.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

FIG 626 - ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL
4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Ressaltar o desempenho do homem na ampliação, multidimensional do espaço, quando, o dinamismo hodierno da vida de relações lança a necessidade de se representar um novo espaço, relativo à realidade.
- 2) Preparar o caminho para a formação do estudante na abordagem geográfica da regionalização, suas técnicas de análise e formalização, visando uma aplicação profissional nos estudos de planejamento.
- 3) Introduzir o estudante às novas técnicas de quantificação e análise espacial que vem se incorporando à análise geográfica.
- 4) Preparar o espírito do estudante para as inovações operacionais que a cibernética tem revelado e que, em futuro próximo, serão rotineiras na investigação científica.

TEMÁTICA:

A Região Como Fato Geográfico e Objeto de Investigação Científica (I)

- 1) Da "paisagem" à "região". A dinâmica da vida de relações e a ampliação da noção de espaço.
- 2) Reformulação do conceito geográfico de região. Região e análise espacial.

Os Processos Genéticos de Definição Regional (II)

- 3) Fatores naturais e históricos na gênese, a influência das transformações técnicas e os processos cumulativos de desenvolvimento.
- 4) A incidência espacial do crescimento econômico. Homogeneidade e diferenciações.
- 5) A vida de relações e o conceito de "polarização". Redes e fluxos no espaço relativo.

Estrutura Regional (III)

- 6) A estrutura geográfica da região e suas novas perspectivas metodológicas.
- 7) Análise locacional e análise espacial.
- 8) Espaços homogêneos, graus e tipos de variação.
- 9) As redes urbanas como elemento estruturador do espaço regional.

Análise e Classificação Regional (IV)

- 10) Os padrões de caracterização espacial na pesquisa geográfica. Unidades de análise e fontes de dados. Do "indivíduo" ao "universo" de pesquisa.
- 11) Técnicas de divisão e de agrupamento. O papel da teoria dos conjuntos no estudo dos espaços regionais. Técnicas de análise quantitativa. Critérios unidimensionais e multidimensionais.
- 12) Classificações regionais. Os sistemas regionais específicos, genéricos, nodais e uniformes.

A Região como Objeto de Intervenção (V)

- 13) Região e regionalização. Os padrões regionais nos países desenvolvidos e naqueles em processo de desenvolvimento.
- 14) Desenvolvimento diferenciado do espaço e disparidades regionais. Dinamização e integração de áreas degradadas.
- 15) Regionalização, desenvolvimento e planejamento. Papel e funções da regionalização nos planos nacionais de desenvolvimento. Análise de casos e modelos ilustrativos na América Latina.

NATUREZA DO CURSO:

O curso é de natureza teórico-prática. Duas horas semanais serão aplicadas em aulas expositivas de caráter normativo. As quais poderão ser acompanhadas de discussões em grupos sobre certos tópicos. As outras duas horas deverão se revestir de um caráter operacional, acompanhadas de exercícios práticos, visando a iniciação à análise espacial e técnicas de quantificação, preconizadas nas unidades IV e V, especialmente esta última.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

GEOGRAFIA REGIONAL I (4 créditos)
MUNDO TROPICAL

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre

2 créditos

- I - Introdução geral ao curso
 - Bibliografia sumária comentada.
 - Conceito de tropicalidade: o mundo tropical.
- II - A Geografia Física do mundo tropical
 - O relevo e a estrutura geológica.
 - O clima e a vegetação.
 - Os solos tropicais.
 - Condições hidrográficas e hidrológicas do mundo tropical.
- III - A vida humana no mundo tropical
 - A população: crescimento e distribuição.
 - A cidade e o campo no mundo tropical.
 - A salubridade do mundo tropical e seus problemas.
- IV - A ocupação do solo no mundo tropical
 - O uso da terra e seus problemas.
 - Os sistemas agrícolas.
 - A pecuária.
 - A exploração dos recursos naturais.
- V - Condições geográficas da circulação nos trópicos
 - A circulação terrestre.
 - A navegação interior.
 - A navegação marítima.
 - As conexões de rotas: os portos.
- VI - Trabalhos práticos
 - Sobre todos os itens do programa serão realizadas mesas-redondas.

GEOGRAFIA REGIONAL I
URSS E USA

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre

2 créditos

- I - O Espaço
 - Os grandes domínios morfo-climáticos.
 - As paisagens vegetais.
- II - Os homens e a organização do espaço
 - A população rural.
 - A urbanização.
 - Os problemas demográficos.
- III - As regiões e os problemas da regionalização

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

GEOGRAFIA REGIONAL II
NORDESTE DOS ESTADOS UNIDOS (4 créditos)

Períodos Diurno e Noturno
2º semestre 2 créditos

- 1 - Caracterização regional: aspectos formais e funcionais.
- 2 - As forças organizadoras e a compartimentação espacial.
- 3 - A Megalópolis, a rede urbana interior e a posição de Nova York.

GEOGRAFIA REGIONAL II
GRÃ-BRETANHA E ARGENTINA

Períodos Diurno e Noturno
2º semestre 2 créditos

Apoiado na organização regional do todo nacional, deve este curso salientar a qualidade e o papel dos espaços internos como organizações de correntes do meio natural, do sistema global sócio-econômico, das estruturas de produção-consumo e dos processos de evolução da ocupação.

O título do curso enseja uma organização dirigida pela comparação, porém, como o objetivo é a compreensão da organização regional do todo nacional, sugere-se que isso aconteça, quando for o caso, de forma sistemática após o estudo regional de uma e de outra área.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

PLG 520 - GEOGRAFIA REGIONAL I

Esta disciplina é oferecida em diferentes opções com igual carga horária

"ESTADOS UNIDOS E UNIÃO SOVIÉTICA - ESTUDO COMPARATIVO" (4 horas semanais)

OBJETIVOS:

- 1) Compreender os fundamentos geográficos das nações que se projetam no mundo hodierno como "super-potências".
- 2) Estudar, comparativamente, a organização regional em dois espaços naturais não muito diferentes mas de estruturação econômico-social bem diferenciadas.
- 3) Perceber as semelhanças e diferenças de problemas que os complexos geográficos criam nos dois países e como são apresentadas as vantagens e resoluções das dificuldades.

TEMÁTICA:

A Implantação Continental (I)

- 1) Os grandes espaços dos dois países e sua posição zonal.
- 2) Os arranjos meridiano e paralelo na morfologia norte-americana e eurasiática e os grandes compartimentos.
- 3) A abertura às massas oceânicas e à circulação atmosférica.
- 4) As paisagens climato-botânicas e os grandes quadros ecológicos.

A Organização dos Estados (II)

- 5) Os efetivos populacionais. Análise comparativa das estruturas demográficas.
- 6) A evolução do povoamento.
- 7) Síntese comparativa dos processos de evolução histórica, social e econômica até a organização atual.
- 8) As semelhanças e os contrastes.

As Estruturas Econômicas (III)

- 9) A distribuição espacial do uso da terra. Os espaços agrários e sua hierarquia.
- 10) As áreas problema e a conquista de espaços improdutivos.
- 11) As áreas industrializadas e os sistemas de circulação. Paralelo entre os dinamismos da vida de relações.

Os Espaços Regionais e seus Diferentes Graus de Definição (IV)

- 12) As grandes estruturas regionais dos dois países. As redes urbanas.
- 13) Estudos comparativos regionais: Os Urais e os Apalaches. As "prairies" do Centro-Oeste Americano e as estepes da Ucrânia. Os desertos da Ásia Central Soviética e as regiões áridas do Suldoeste Americano.

A Expansão Econômica (V)

- 14) A projeção comercial externa. Os sistemas de transportes e os fluxos comerciais.
- 15) A expansão econômica e os mercados mundiais.

NATUREZA DO CURSO:

O desenvolvimento expositivo docente abrange metade do tempo disponível. O restante do tempo deverá ser aplicado em abordagens em seminários ou outras formas ativas de participação e debates pelos alunos, em temas comparativos gerais ou setoriais, no todo ou em relação à Unidade IV.

PLG 520 - GEOGRAFIA REGIONAL I

4 horas semanais

Esta disciplina é apresentada em diferentes opções, com igual carga horária, pois que os alunos escolhem uma delas.

"O MUNDO TROPICAL"

4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Efetuar uma abordagem geográfica na escala zonal mostrando as articulações regionais que inserem neste domínio.
- 2) Resaltar a importância dos problemas comuns aos domínios intertropicales, seus caracteres lógicos específicos e a atuação do homem no mesmo.
- 3) Chamar a atenção para a individualidade que assume o Brasil nestes domínios e as relações semelhanças e ou originalidade com os países da mesma faixa.

TEMÁTICA:

O "Mundo Tropical" Como Domínio Geográfico Definido

- 1) Conceito de tropicalidade. Dos preceitos generalizantes às realidades.
- 2) Diversificação e Unidade.
- 3) Bibliografia Básica.

Os Caracteres Naturais da Zona Intertropical (II)

- 4) Os caracteres naturais da faixa intertropical.
- 5) Diversidades de estruturas geológicas e quadros geomorfológicos.
- 6) Semelhanças climáticas, hidrológicas, geográficas e pedológicas.
- 7) Da escala zonal às diferenciações mais regionais.

A Implantação Humana no Trópico (III)

- 8) Caracteres demográficos.
- 9) Condições ambientais: salubridade e saneamento básico.
- 10) Preconceitos, problemas e soluções.

A Utilização do Solo e seus Problemas (IV)

- 11) A coleta e o extrativismo.
- 12) Os sistemas agrícolas e a pecuária tradicional e as conquistas modernas.
- 13) As relações cidade campo.
- 14) A implantação urbana e os caracteres das redes e cidades.

As Perspectivas Futuras (V)

A conquista do espaço e a ocupação efetiva. A exploração dos recursos naturais. Colonialismo, neocolonialismo e dinamização econômica. A progressão dos sistemas de comunicação e circulação. Perspectivas futuras.

NATUREZA DO CURSO

O curso tem caráter teórico. O desenvolvimento expositivo será acompanhado de abordagem docente visando sobretudo o debate. Este deverá ser feito em grupos de trabalho, seja sob forma de seminários sobre temas específicos isolados ou comparativos, ou sob forma de mesas redondas sobre grande problema.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
GEOGRAFIA REGIONAL I - FLG 520
1975

Esta disciplina é oferecida em diferentes opções com igual carga horária.

EST. LOC. CURR. - (Geografia Regional I - FLG-520)

4 créditos

Objetivo: Compreensão da macro organização de uma unidade nacional territorialmente continental, tanto em seus aspectos dinâmico-temporais, quanto nos d. solidariedade sincrônica regional atual.

- 1) Conhecimento da posição do país no contexto mundial.
- 2) Geomorfologia do espaço "natural".
- 3) A colonização, a expansão territorial e a unidade nacional.
- 4) As grandes etapas do processo de organização geo-econômica do espaço. A regionalização: estruturas, tendências e significados.
- 5) Os conjuntos macro-regionais:
 - O "Manufacturing Belt"
 - O Crescente Periférico
 - A Diagonal Interior.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

PLG 521 - GEOGRAFIA REGIONAL (I)

4 horas semanais

Esta disciplina é apresentada em diferentes opções - com igual carga horária - para que os alunos escolham uma delas.

A AMÉRICA LATINA

OBJETIVOS:

- 1) Fornecer um exemplo de abordagem regional partindo da escala macro-regional dentro de uma unidade continental.
- 2) Projetar, no quadro sul americano, a abordagem geográfica regional, em domínios sub e extra-tropicais.
- 3) Enfatizar a análise de problemas comuns dos países latinos com o Brasil e compreender as diferenças dos problemas geográficos na fachada atlântica do continente.

TEMÁTICA:

A América Latina na América Latina (I)

- 1) As Repúblicas Latinas e sua posição no contexto da América Latina: semelhanças na unidade e originalidades nas individualidades.
- 2) A marcha da Colonização espanhola no Prata e nos Andes: paralelo comparativo.
- 3) Caracteres básicos da evolução sócio-econômica como meio de compreensão da expressão política atual.

Fundamentos Geográficos e Graus de Desenvolvimento (II)

- 4) O Estuário do Prata e a hierarquia das bacias hidrográficas da vertente atlântica da América do Sul.
- 5) Os domínios morfo-climáticos e as grandes unidades geo-ecológicas da América Latina.
- 6) Os quadros político-administrativos e a incidência espacial do desenvolvimento econômico.
- 7) Estrutura política e compartimentos naturais: problemas específicos.

Organização do Espaço (III)

- 8) A repartição da população e o uso da terra.
- 9) Estrutura demográfica e seus problemas.
- 10) A estruturação das redes urbanas e os sistemas viários.
- 11) Os fluxos de relação econômica, interna e sua projeção exterior. Problemas de Regionalização na América Latina.

Análises Regionais (IV)

- 12) Caracterização das principais regiões homogêneas e problemas de polarização econômica.
- 13) Desdobramento da macro-região em suas "regiões": Estudo (comparativo) das principais.

Os Países Latinos e o Brasil (V)

- 14) Heranças da política colonial ibérica e tradição nas relações diplomáticas. As condições atuais e os problemas.
- 15) Relações comerciais. Problemas de energia hidroelétrica. As metas comuns: união para o desenvolvimento.

NATUREZA DO CURSO: Curso teórico-prático. Esta última parte, desenvolvida preferencialmente em seminários, deve versar sobre as unidades IV e V da temática proposta.

PLG 521 - GEOGRAFIA REGIONAL II

AUSTRÁLIA - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Estudar um país do Hemisfério Sul e de posição tropical pelo interesse comparativo com o Brasil.
- 2) O atrativo de analisar um "sub-continente", em posição quase antípoda, separado por grandes espaços oceânicos.
- 3) A possibilidade de focalizar uma obra de colonização inglesa no trópico em moldes muito diferentes da colonização ibérica na América.

TEMÁTICA:

O Continente Australiano (I)

- 1) A Australasia e sua posição em meio às massas oceânicas.
- 2) A Austrália e sua tropicalidade.
- 3) "O coração seco": escassez pluvial e da superfície e facilidade geológica de acumulação subterrânea.
- 4) Uma morfologia de franjas montanhosas perifericas e amplas bacias interiores.
- 5) Esclerofilia vegetal e asilo zoológico. Caracteres específicos dos quadros ecológicos.

O Povoamento e a Conquista do Território (II)

- 6) A colonização australiana e suas características.
- 7) Os portos e a conquista dos espaços agrários do interior.
- 8) A pecuária ovina.
- 9) O papel da mineração na organização do espaço. Crescimento populacional e caracteres demográficos atuais.

O Uso da Terra e a Estrutura Econômica (III)

- 10) Os recursos básicos e o uso da terra e suas variações espaciais.
- 11) Exploração e problemas de conservação.
- 12) A implantação industrial e a paradoxal sofisticação da economia.

Estrutura Regional (IV)

- 13) As variações espaciais nos graus de desenvolvimento econômico. Os sistemas de transportes e a rede urbana. Regionalização do espaço.

Posição Mundial e Relações com o Brasil (V)

- 14) A Austrália no mundo atual. Projeção asiática de um país europeu no trópico?
- 15) Austrália e Brasil. Diferenças em dimensões e graus de tropicalidade. A Cia. Paulista de Estradas de Ferro e a importação do "eucalipto" australiano. Papel atual na silvicultura brasileira. As jazidas de ferro brasileiras e australianas no abastecimento mundial na década de oitenta. Outros problemas de afinidades e diferenças.

NATUREZA DO CURSO:

Curso teórico expositivo com estudo de temas complementares em sessões de seminários ou debates organizados.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1974 - 1975

PLG 521 - GEOGRAFIA REGIONAL II

Esta disciplina é oferecida em diferentes opções, com igual carga horária.

NORDESTE DOS ESTADOS UNIDOS - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Focalizar uma das regiões de mais alto índice de desenvolvimento econômico e por isto mesmo de elevado grau de complexidade.
- 2) Compreender a estrutura regional do nordeste americano e sua integração na conjuntura americana.
- 3) Penetrar em detalhes de uma organização espacial vinculada às forças organizadoras funcionais, de nível mais elevado na escala de regionalização.

TEMÁTICA:

- 1) Caracterização Regional: aspectos formais e funcionais.
- 2) As zonas Organizadoras e a Compartimentação Espacial.
- 3) A Megalópolis, a Rede Urbana Interior e a Posição de Nova York.

NATUREZA DO CURSO: Teórico pela abordagem expositiva conduzida pelo professor na temática central, complementada pela discussão de tópicos complementares propostos aos alunos.

1975

ARGENTINA - (Geografia Regional II - PLG-521)

4 créditos

Objetivo: Apoiado na organização do todo nacional, salientar a qualidade e o papel dos espaços internos como organizações decorrentes do meio natural, do sistema global sócio-econômico, das estruturas de produção-consumo e dos processos interessando a evolução do relacionamento internacional e da ocupação territorial.

1) O arcabouço do quadro físico.

As etapas da ocupação e a valorização do espaço.

O sistema urbano-industrial e o novo processo de definição das relações inter-regionais.

2) As regiões argentinas:

- O Conjunto Pampeano
- O Conjunto Sub-Andino do Noroeste
- O Piemonte de Cuyo
- O Norte-Nordeste
- A Patagônia

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL I (4 créditos)

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre

2 créditos

Geografia da Amazônia

(Curso teórico-prático, 2 horas semanais, 1º semestre)

- I - Introdução geral ao curso
 - Bibliografia sumária comentada.
 - A Amazonia como região.
- II - As condições físicas da Amazônia
 - O clima da Amazônia.
 - Os tipos de vegetação.
 - O rio Amazonas e sua bacia.
 - A estrutura geológica, o relevo e os solos da Amazônia.
- III - A vida humana na Amazônia
 - A população: crescimento e distribuição.
 - A marcha do povoamento.
 - O habitat rural e urbano.
 - As cidades de Belém e de Manaus.
- IV - A Geografia Econômica da Amazônia
 - A exploração dos recursos naturais.
 - Os sistemas agrícolas.
 - As atividades pastoris.
 - Problemas de circulação terrestre e interior na Amazônia.
- V - Necessidades e possibilidades da Amazônia Brasileira.
- VI - Trabalhos práticos

Sobre todos os itens do programa serão realizadas mesas-redondas.

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL I
NORDESTE

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre

2 créditos

- 1 - Visão de Conjunto da Grande Região Nordeste.
- 2 - Divisão Regional do Nordeste.
- 3 - O extrativismo vegetal no Nordeste.
- 4 - A criação de gado no Sertão.
- 5 - A agro-indústria do açúcar na Mata Nordestina.
- 6 - O Recôncavo Baiano
- 7 - A indústria salineira no Rio Grande do Norte.
- 8 - O vale médio do São Francisco.
- 9 - As atividades agrárias do Agreste.
- 10 - A Sudene e sua atuação regional.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA

PLG 523 - GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL I

4 horas semanais

Nesta disciplina os alunos poderão escolher entre as seguintes opções:

"A AMAZÔNIA BRASILEIRA" - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Revelar aos alunos a documentação básica para a análise da Amazônia Brasileira desde as obras clássicas sobre a região até as instituições públicas atuais empenhadas no estudo e desenvolvimento regional.
- 2) Proceder a uma revisão geral dos conceitos geográficos sobre a Amazônia, eliminando os estereótipos e os mitos.
- 3) Analisar sobretudo o empenho atual de integração econômica da Amazônia Brasileira à conjuntura nacional.

TEMÁTICA:

Introdução ao Estudo da Amazônia Brasileira (I)

- 1) Histórico Bibliográfico. Das obras dos naturalistas, pelos estudos geográficos às análises econômicas atuais.
- 2) As fontes de dados e documentação. As instituições científicas e técnicas.
- 3) Os organismos econômicos vinculados ao desenvolvimento amazônico.

A Amazônia na Conjuntura Brasileira (II)

- 4) A participação da Amazônia na Economia do País.
- 5) A Amazônia como Macro-Região Brasileira e sua posição na estrutura regional do país.
- 6) Os caracteres básicos: As grandes extensões acuminadas e a dilapidação de recursos naturais. Formas rotineiras de exploração extensiva.
- 7) Os caracteres demográficos específicos. A incipiência do desenvolvimento econômico.
- 8) As limitações da rede de transporte e dos fluxos comerciais. A hipertrofia da rede urbana.

A Condição da Grande Região Natural (III)

- 9) A grande "unidade" climática e seus graus de individualização regional. A geomorfologia amazônica: compartimentação e dinamismo. Os grandes conjuntos geo-ecológicos.
- 10) O incremento atual das pesquisas sobre o ambiente amazônico e os recursos naturais. O projeto RADAM.

A Amazônia Brasileira como Objeto de Integração Nacional (IV)

- 11) A Amazônia e a coibição internacional. A tomada de consciência nacional e a integração da Amazônia. As grandes vias terrestres de integração espacial: uma opção.
- 12) Os recursos minerais e seu potencial econômico. Os centros de polarização e as regiões prioritárias. O planejamento regional e suas metas.

As Mudanças: Necessidades Atuais e Possibilidades Futuras (V)

- 13) Os processos de mudanças e seu impacto.
- 14) Os deslocamentos populacionais: Colonização, Extensão da fronteira agro-pastoril e modificações nos sistemas agrícolas tradicionais. Racionalização do comércio de produtos extrativos.
- 15) A participação do empresariado nacional. Problemas de investimentos. A dinamização da rede urbana: Dilema como "primate City" e o atrofiamiento da rede urbana. Manaus e outros centros.

NATUREZA DO CURSO.

O desenvolvimento do curso prevê a utilização de aulas expositivas sobre o conhecimento geográfico da Amazônia. O interesse e atualidade da temática referente ao esforço de integração atual predispõe a uma efetiva participação dos alunos em debates e discussões redondas.

PLG 523 - GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL I

Esta disciplina é oferecida em diferentes opções com igual carga horária.

"O NORDESTE" - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Estudar esta macro-região brasileira onde, uma população relativamente densa, está vinculada a fortes estruturas sócio-econômicas.
- 2) Confrontar os problemas de ordem econômica a aqueles de ordem ecológica e discutir sua hierarquização em face aos problemas de organização para o desenvolvimento.
- 3) Estabelecer uma relação entre os problemas estruturais da região com aqueles conjunturais do país.

TEMÁTICA:

O Nordeste na Estrutura Regional Brasileira (I)

- 1) Posição do Nordeste no espaço brasileiro.
- 2) O nordeste das "secas" e a realidade atual. O Nordeste e a Amazônia na problemática da organização do espaço brasileiro.
- 3) Caracterização geral dos grandes problemas regionais nordestinos. A ação da SUDENE. Seus diagnósticos e planos de ação.

Demografia e Estrutura Sócio-Econômica (II)

- 4) O efetivo populacional e suas características básicas. Instabilidade econômica e movimentos migratórios pendulares.
- 5) Relações entre a população rural e urbana. Estrutura social do Nordeste. Os fundamentos históricos e processos sócio-econômicos: evolução no tempo e variações no espaço.

Análise Especial da Economia (III)

- 6) Diferenças espaciais dos graus de desenvolvimento. Critérios para avaliação.
- 7) Variações qualitativas e avaliações quantitativas dos arranjos espaciais do uso da terra.
- 8) As regiões tradicionais: A agro-indústria açucareira do litoral; o agreste e a agricultura rotineira; a pecuária sertaneja; os enclaves agrícolas nos vales e pé de serra; o Recôncavo Baiano, e a industrialização: A zona cacaueira do sul da Bahia; O Parque Salgueiro; o Meio Norte.

A Dinâmica das Relações e os Problemas de Regionalização (IV)

- 9) Análise da rede urbana do Nordeste: As áreas metropolitanas; Recife, Salvador, e Fortaleza.
- 10) Problemas de delimitação das áreas de influência.
- 11) Regiões Polarizadas e Regiões de Intervenção. Os centros dinamizadores e as "regiões problema".
- 12) Perspectiva crítica aos estudos de regionalização aplicados ao Nordeste.

Problemas Geo-Ecológicos (V)

- 13) Revisão do problema das "secas": A gênese do clima e a irregularidade do ritmo pluviométrico. Variações espaciais dos resultados climáticos na diversificação dos quadros ecológicos. Balanços de avaliação dos recursos hídricos em face das necessidades.
- 14) Compartimentação geomorfológica e definição de "geo-sistemas" interessantes os espaços agro-pecuários e sua valorização. Problemas de ecologia urbana.
- 15) Balanço geral nos problemas e escalas de prioridades para sua pesquisa.

NATUREZA DO CURSO:

Cabe ao docente desenvolver as proposições gerais em aulas expositivas e selecionar tópicos para análise em seminários. Atenção especial deverá ser dada aos recentes estudos sobre redes urbanas e valorização de "regiões de desenvolvimento" segundo a aplicação dos planos vigentes.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL II

BRASIL DE SUDESTE (4 créditos)

Períodos Diurno e Noturno

2º semestre 2 créditos

Período Diurno

- 1 - Caracterização Geral da Região do Sudeste:
 - Sua importância socio-econômica para o Brasil;
 - Os problemas da sua delimitação.
- 2 - As paisagens físicas marcantes da região e sua influência na compartimentação regional.
- 3 - O Brasil de Sudeste e as várias zonas geográficas em que pode ser dividido; caracterização das mesmas.
- 4 - O café - riqueza que definiu geo-econômicamente o Sudeste do Brasil:
 - Sua expansão;
 - Suas atuais áreas de cultura.
- 5 - As redes viária e portuária como resultantes imediatas da expansão cafeeira no Sudeste do Brasil.
- 6 - O café como criador de cidades, o a importância do fato urbano no Sudeste do Brasil.
- 7 - Rio de Janeiro - Antiga Metrópole Nacional.
- 8 - A cidade de São Paulo:
 - De cidade do café a capital regional.
 - Seu atual papel como metrópole regional e nacional.

Período Noturno

- 1 - Conceituação.
- 2 - Forças de caracterização.
- 3 - O quadro natural.
- 4 - Evolução econômica e ocupação.
- 5 - Industrialização e urbanização.
- 6 - Rio de Janeiro e São Paulo.
- 7 - Problemas regionais.

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL II

ESTADO DE SÃO PAULO

Períodos Diurno e Noturno

2º semestre 2 créditos

O curso será desenvolvido "através do processo de estudo direto de textos e dados estatísticos".

Através da elaboração individual e em equipe, de material cartográfico, o aluno chegará a uma interpretação regional do espaço paulista.

Notas:

- I - Elaboração de cartogramas:
 - Divisões regionais propostas.
 - Os mais importantes produtos agrícolas.
 - Distribuição da população - 1970.
 - comparação com censos anteriores.
 - Distribuição das indústrias.
 - mão de obra, etc.
 - Distribuição do setor comercial e de serviços.
 - Rede viária paulista.
- II - Elaboração de gráficos:
 - Comparações entre o crescimento da população paulista e das demais importantes cidades do Estado.
 - Comparações entre o crescimento da população paulista em relação a outros estados e ao Brasil.
 - Potencial energético em relação a outros estados e ao Brasil.
- III - Leitura e discussão de textos:
 - Metrópole paulista, etc.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1974 - 1975

PLG 524 - GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL II
Esta disciplina é oferecida em diferentes opções, com igual carga horária.

"O ESTADO DE SÃO PAULO" - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Obedecer a um preceito legal pelo qual o estado merece um tratamento especial visando o seu conhecimento mais aprofundado.
- 2) Eleger o território paulista para uma abordagem introdutória experimentando análise espacial segundo as técnicas modernas de quantificação, visando fornecer uma perspectiva crítica sobre estas técnicas ao mesmo tempo que acentuar a compreensão de sua regionalização.
- 3) Acima de tudo, reconhecer as áreas e temas lacunares na geografia do Estado de São Paulo, revelando-as aos projetos de pesquisa departamentais, sobretudo aqueles a serem desenvolvidos pelos alunos nos futuros programas de pós-graduação.

TEMÁTICA:

Avaliações Geo-Ecológicas

- 1) O estado atual dos conhecimentos geomorfológicos. Escalas de estudo. Cartas geomorfológicas. Avaliação do conjunto e as áreas lacunares.
- 2) As redes de observação meteorológica no estado e os problemas à análise espacial. A precariedade das análises hídricas. Balanço geral, e perspectiva crítica. Programas de pesquisa.

Avaliações Demográficas

- 3) Avaliações demográficas e do povoamento. Análises populacionais no espaço paulista. Balanço crítico.
- 4) Variações no tempo e no espaço: abordagens evolutivas e distribuição geográfica.
- 5) Graus de mudança rural urbana: Os fluxos populacionais inter estadual e de integração nacional.
- 6) Padrões de povoamento rural: estudos feitos e escalas.
- 7) Hierarquia e tipologia urbana. Critérios de avaliação.

Avaliações Agrárias

- 8) Análises separativas dos principais produtos e rebanhos. Correlações grupais.
- 9) Tipologia dos espaços agrícolas. Contribuições recentes.
- 10) Orientação da agricultura e pecuária. Relações com as indústrias a elas associadas.

Avaliações Industriais

- 11) Avaliações do desenvolvimento industrial. Análises separativas e grupais.
- 12) Tipologia dos espaços industriais paulistas.
- 13) Análises de fluxos, entradas de matérias primas e distribuição da produção.

Avaliações das Relações

- 14) Avaliações da circulação. Os sistemas atuais de transporte e os fluxos de circulação.
- 15) Análises internas e projeção regional e/ou nacional.

NATUREZA DO CURSO:

Curso eminentemente prático, no qual a teoria entrará apenas na apresentação dos fatos fundamentais, passando-se a proposição de problemas os quais devem ser analisados na prática, pela aplicação de análise espacial.

PLG 524 - GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL II

Esta disciplina é oferecida em diferentes opções, com igual carga horária.
"O BRASIL DE SUDESTE" - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Exemplificar, metodologicamente, uma abordagem de grande região geográfica complexa, onde paisagens naturais variadas são polarizadas por duas metrópoles nacionais no espaço mais industrializado.
- 2) Contribuir para o conhecimento da área "core" da economia nacional, na qual se inclui o Estado de São Paulo.
- 3) Projetar, sempre que necessário, o papel desta região em suas articulações com as outras regiões do país, contribuindo para ressaltar os problemas ou aparentes conflitos induzindo à harmonização do conjunto nacional como um todo.

TEMÁTICA:

O "SUDESTE": Núcleo Organizador do Espaço Brasileiro (I)

- 1) Individualização e definição do Brasil de Sudeste.
- 2) A participação do quadro natural na individualização regional.
- 3) O desenvolvimento econômico, a hierarquização da rede urbana como meios da organização do espaço regional.
- 4) Critérios da delimitação.

A Implantação Humana (II)

- 5) Povoamento e ocupação do Sudeste.
- 6) Explosão demográfica das últimas décadas, causas e consequências no país.
- 7) O aumento e predomínio da população urbana.

A Organização do Espaço (III)

- 8) A evolução dos processos de ocupação e uso do solo.
- 9) O desenvolvimento da vida agrária. As mudanças e os graus de diversificação espacial.
- 10) Os fatores de industrialização.
- 11) O sistema do transporte.
- 12) A hierarquização da rede urbana. São Paulo: A Grande Metrópole Nacional - Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

A Estrutura Regional (IV)

- 13) Os caracteres da organização econômica, e os graus de diferenciação espacial, área "core" e a faixa periférica. Problemas de assimilação e integração de áreas periféricas degradadas.

A Projeção do Sudeste no País (V)

Problemas conjunturais e estruturas. Integração e desenvolvimento nacional.

NATUREZA DO CURSO:

O desenvolvimento teórico será complementado por tratamento de discussões e debates em grupos de trabalho sobre temas selecionados e problemática regional.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO
REGIONAL

1º Semestre

Disciplina: básica

Destinada: Geografia

Código: FLG 626

Pré-requisito: 101

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos: 4 aulas

Número máximo de alunos por turma: 90

I - OBJETIVOS:

1) Preparar o caminho para a formação do estudante na abordagem geográfica da regionalização, suas técnicas de análise e formalização, visando uma aplicação profissional nos estudos de planejamento. 2) Introduzir o estudante às novas técnicas de quantificação e análise espacial que vêm se incorporando à análise geográfica.

II - CONTEÚDO:

1) Região como fato geográfico e objetivo de investigação científica. 2) Os processos genéticos de definição regional. 3) Estrutura regional. 4) Análise e classificação regional. 5) A região como objeto de intervenção. 6) Regionalização, desenvolvimento e planificação. Papel e funções da regionalização nos planos nacionais de desenvolvimento. Análise de casos e modelos ilustrativos na América Latina.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Teórico-prático com trabalhos individuais ou em grupos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Exercícios práticos, visando a iniciação à análise espacial.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos de pesquisa.

PANORAMA DA GEOGRAFIA
DO BRASIL

2º Semestre

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG 522

Pré-requisito: FLG 101, 102, 103, 204, 626

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos: Aula: 4 - Trabalho: 0

Número máximo de alunos por turma: 100

I - OBJETIVOS:

Compreender os fatos essenciais da realidade geográfica brasileira, no sentido de instrumentalizar as proposições metodológicas e os critérios de sua abordagem regional.

II - CONTEÚDO:

Análise dos componentes do quadro geográfico, sua participação integrativa e o comportamento das proposições de divisão regional. A regionalização geográfica e seus diferentes níveis de apreensão.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leitura e discussão de textos selecionados, seminários e debates.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e/ou orais.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1976 a 1981

GEOGRAFIA REGIONAL I

1º e 2º Semestres
Disciplina: básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 520
Pré-requisito: FLG 101, 102, 103, 204, 626
Carga horária: 4 horas semanais.
Créditos: 4
Número máximo de alunos por turma: 60

I - OBJETIVOS:

Compreender a organização geográfica de macro-unidades territoriais (Zonais, Continentais, Sub-Continentais, Supra-Nacionais e Nacionais).

II - CONTEÚDO:

Apresentação, discussão e aplicação compatível de critérios múltiplos de abordagem do espaço regional geográfico, desde os sistemáticos tópicos até os abrangentes derivados de posturas preliminares relacionadas à unicidade essencial do objeto da Geografia, que permitam o entendimento da unidade e diferenciação dos conjuntos territoriais.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

X GEOGRAFIA REGIONAL II

1º e 2º Semestres
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 521
Pré-requisito: FLG 101, 102, 103, 204, 626.
Carga horária: 4 horas semanais.
Créditos: 4
Número máximo de alunos por turma: 60

I - OBJETIVOS:

Compreender a organização geográfica de meso e micro-unidades territoriais (Nacionais e Sub-Nacionais).

II - CONTEÚDO:

Apoiado na organização do todo nacional, salientar a qualidade e o papel dos espaços regionais internos como organizações decorrentes da participação do "meio natural", do sistema global sócio-econômico, das formações socio-culturais, das estruturas de produção-consumo, dos processos de evolução da ocupação e valorização do território e dos níveis de interdependência regional.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1976 a 1981

✓ GEOGRAFIA REGIONAL
DO BRASIL I

19 e 29 Semestres
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 523
Pré-requisitos: FLG 101, 102, 103, 204, 626
Carga horária: 4 horas semanais.
Créditos: 4
Número máximo de alunos por turma: 60

I - OBJETIVOS:

Compreender a especificidade da organização de Macro-Espaços regionais brasileiros.

II - CONTEÚDO:

Análise dos componentes da realidade espacial, no sentido de fazer emergir as especificidades regionais, tanto no plano formal, como no derivado da dinâmica do sistema interativo sócio-econômico.

III MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras e discussões de textos selecionados, seminários e debates.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

× GEOGRAFIA REGIONAL
DO BRASIL II

19 e 29 Semestres
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 524
Pré-requisitos: FLG 101, 102, 103, 204, 626
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos: 4
Número máximo de alunos por turma: 60

I - OBJETIVOS:

Compreender a especificidade da organização de Meso e Micro-Espaços regionais brasileiros.

II - CONTEÚDO:

Análise dos componentes da realidade espacial no sentido de fazer emergir as especificidades regionais, tanto no plano formal, como no derivado da dinâmica dos sistemas interativo sócio-econômico.

III MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas, exercícios cartográficos e seminários.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

ção geográfica. Os sistemas energéticos brasileiros.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, leituras programadas e discussões.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras básicas obrigatórias, gráficos comentados, textos selecionados.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Prova, trabalho escrito, participação nas discussões.

VI - BIBLIOGRAFIA:

- CHARDONNET, Jean. *Géographie Industrielle*. Tomo I (Les sources d'énergie). Col. L'Economique. Paris, 1962.
- MANNERS, Gerald. *Géographie da Energia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.
- MUNFORD, Lewis. *Technique et Civilization*. Paris, Editions du Seuil, 1950.
- CONNOR, Harvey. *O Petróleo em crise*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1962.
- PÉRYET, Henry. *A Barba da Energia*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
- SEVETTE, Pierre. *L'Economie de L'Europe dans les pays en voie de Développement*. Paris, PUF, 1963.

I - OBJETIVOS:

1) Minutar uma base mínima imprescindível à compreensão do comércio como fato econômico. 2) Promover a articulação entre os fatos de produção e o consumo, entre os diversos setores da Geografia Humana e Econômica. 3) Enfatizar a abordagem dinâmica dos fluxos de circulação, fundamental à análise espacial do comércio. 4) Compreender o mecanismo de relacionamento dos diferentes espaços regionais no mercado internacional.

II - CONTEÚDO:

1) A Geografia do Comércio: conceito e orientação dos estudos. 2) Os mecanismos fundamentais do mercado internacional. 3) O mercado internacional moderno. 3.1 - Estrutura fundamental do mercado mundial. 3.2 - A Revolução Industrial e o desenvolvimento do mercado internacional. 3.3 - A circulação e sua importância na estruturação do mercado internacional. 3.4 - A organização dos espaços regionais e os diferentes tipos de estruturas comerciais. 4) Principais tipos de mercados e as grandes correntes do mercado internacional. 5) O Brasil no Comércio Internacional.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

O curso é organizado sob a forma de aulas expositivas, complementadas pela elaboração de trabalhos relativos a uma parcela do seu programa, que poderão ser expostos e debatidos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Além das atividades rotineiras, o aluno deve participar da organização e exposição de seu trabalho, bem como dos debates relativos aos temas expostos.

VI - BIBLIOGRAFIA:

- DALMASSO, E., GUGLIELMO, R. (e) ROCHFORD, M. *Elements de science économique a l'usage des géographes*. Tomo I - Les mécanismes économiques. Fernand Nathan. Paris, 1969.
- GEORGE, Pierre. *Os grandes mercados do mundo*. Saber atual nº 8. São Paulo, Difel, 1967.
- Geografia Econômica*. Rio de Janeiro, Edição Fundo de Cultura, 1970.
- KINDERBERGER, Charles P. *Comércio Exterior e Economia Nacional*. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1967.
- OTREMBI, Enich. *Geografia del Comércio y de las comunicaciones*. Barcelona, Ed. Omega, 1959.
- PERILLON, A. *Le commerce international des produits agricoles*. Centre de Documentation Universitaire. Paris, 1962.
- THOMAN, R.S. (e) CONKLING, E.C. *Geografia del comércio internacional*. Biblioteca Básica de Geografia Econômica. Barcelona, Ed. Vincent-Vives, 1972.

II - CONTEÚDO:

Apresentação, discussão e aplicação comparativa de critérios múltiplos de abordagem do espaço regional geográfico, desde os sistemas físicos até os abstratos derivados de posturas preliminares relacionadas à unidade essencial do objeto da Geografia, que permitam o entendimento da unidade e diferenciação dos conjuntos territoriais.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. Coleção "Géographie Universelle" - La Blache, P.V. e Galois, L., Librairie Armand Colin, Paris.
2. Coleção "Orbis" - Vários autores, Presses Universitaires de France, Paris.
3. Coleção "Les 5 Parties du Monde" - Vários autores, Librairie Hachette, Paris.
4. Coleção L.D. Stamp - Longmans, Londres; J. Wiley & Sons, N.York e Methuen & Co., Londres.

<p>GEOGRAFIA REGIONAL II 2º Semestre</p> <p>Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG 521 Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204, 626 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 100</p> <p>I – OBJETIVOS: Compreender a organização geográfica de meio e micro-unidades territoriais (Nacionais e Sub-Nacionais).</p> <p>II – CONTEÚDO: Apoio na organização do todo nacional, salientar a qualidade e o papel dos espaços regionais internos como organizações decorrentes da participação do "meio-natural", do sistema global sócio-econômico, das formações socioculturais, das estruturas de produção-consumo, dos processos de evolução da ocupação e valorização do território e dos níveis de interdependência regional.</p> <p>III – MÉTODOS UTILIZADOS: Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.</p> <p>IV – ATIVIDADES DISCENTES: Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.</p>	<p>VI – BIBLIOGRAFIA:</p> <ol style="list-style-type: none"> Itens de 1 a 5 da bibliografia da Disciplina FLG 520. Coleção "Magellan – La Géographie et ses problèmes" – Vários autores, Presses Universitaires de France, Paris. Coleção "Que-sais-je?" – Vários autores, Presses Universitaires de France, Paris. Coleção "Foundations of Regional Geography Series" – Vários autores, Prentice-Hall, Englewood Cliffs.
<p>PANORAMA DA GEOGRAFIA DO BRASIL 2º Semestre</p> <p>Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG 522 Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204, 626 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 100</p> <p>I – OBJETIVOS: Compreender os fatos essenciais da realidade geográfica brasileira, no sentido de instrumentalizar as proposições metodológicas e os critérios de sua abordagem regional.</p> <p>II – CONTEÚDO: Análise dos componentes do quadro geográfico, sua participação integrativa e o comportamento das proposições de divisão regional. A regionalização geográfica e seus diferentes níveis de apreensão.</p>	<p>VI – BIBLIOGRAFIA:</p> <p>AZEVEDO, Aroldo de e outros. <i>Brasil, a terra e o homem</i>. 2 vols. São Paulo, Cia. Ed. Nacional-Ed. da Universidade de São Paulo, 1964-1970.</p> <p>CASTRO, Antonio Barros de. <i>7 ensaios sobre a economia brasileira</i>. Rio de Janeiro, São Paulo, Ed. Forense, 2 vols., 1971.</p> <p>PRADO JR., Caio. <i>História econômica do Brasil</i>. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1972.</p> <p>SINGER, Paul. <i>Desenvolvimento econômico e evolução urbana</i>. São Paulo, Cia. Ed. Nacional-Ed. da Univ. S. Paulo, 1968.</p> <p>VÁRIOS ARTIGOS de revistas especializadas, como: <i>Boletim Geográfico Paulista</i>, <i>Revista Brasileira de Geografia</i>, <i>Anais da A.G.B.</i>, <i>Boletim Paulista de Geografia</i>, <i>Revista Geográfica do I.P.G.H.</i>, etc.</p>
<p>Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.</p> <p>IV – ATIVIDADES DISCENTES: Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.</p>	<p>VI – BIBLIOGRAFIA:</p> <ol style="list-style-type: none"> Todos os itens citados na Bibliografia da Disciplina FLG 522. FUNDAÇÃO IBGE – 1977 – <i>Coleção Geografia do Brasil</i>: Vol. I Região Norte Vol. II Região Nordeste Vol. III Região Sudeste Vol. IV Região Centro-Oeste Vol. V Região Sul

Geografia Regional do Brasil II
de Geografia, N.º 1 e 2, Ed. Círculo,
RJ, 1957 e 1963.

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL II

2º Semestre

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FIC 524

Pré-requisito: FIC 102, 103, 104, 105.

204, 526, 522

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos aula: 4

Número máximo de alunos por turma: 100

I - OBJETIVOS:

Compreender a especificidade da organização do Meio e Micro-Espaços regionais brasileiros.

II - CONTEÚDO:

Análise dos componentes da realidade espacial no sentido de fazer emergir as especificidades regionais, tanto no plano formal, como no derivado da dinâmica do sistema interativo sócio-econômico.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas, exercícios cartográficos e temáticos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

2. ASSOCIAÇÃO DOS GEOGRAFAS DO BRASIL - A. G. B. - "A cidade de São Paulo", v. 1, 1964.

3. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "Aspectos geográficos da terra brasileira", vários autores, RJ, 1954.

4. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

5. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

6. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

7. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

8. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

9. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

10. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

11. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

12. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

13. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

14. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

15. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

16. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

17. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

18. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

19. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

20. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

21. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

22. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

23. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

24. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

25. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

26. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

27. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

28. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

29. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

30. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

31. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

32. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

33. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

34. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

35. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

ELEMENTOS DE MINERALOGIA E PETROLOGIA

1º e 2º Semestres

Destinada: EP, FIC 121

Código: GMP 121

Créditos aula: 4

A crosta terrestre: Dimensão, forma, propriedades físicas, constituição petrológica, mineralógica e química. Propriedades morfológicas dos minerais: Cristalização e seus ambientes. Processos de cristalização, hábitos e geminação. Propriedades físicas dos minerais: Cor, brilho, traço, dureza, fratura, divergem e peso específico. Propriedades químicas dos minerais: Isomorfismo, polimorfismo. Minerais formadores de rochas: Estrutura dos silicatos. Rochas magnéticas e processos magmáticos. Rochas sedimentares e processos sedimentares. Rochas metamórficas e processos metamórficos. Recursos minerais do Brasil. Distribuição das rochas no continente brasileiro.

INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA

1º Semestre

Disciplina: Básica

Destinada: História e Geografia

Código: FIC 103

Pré-requisito: -

Créditos aula: 4

I - OBJETIVOS:

O curso tem um caráter complementar e visa possibilitar aos alunos de História e Geografia um primeiro contato com a Antropologia, fornecendo um quadro

geral da disciplina, com ênfase na história e na geografia. Os objetivos principais do curso são: 1. Apresentar o quadro geral da disciplina. 2. Apresentar o quadro geral da disciplina. 3. Apresentar o quadro geral da disciplina. 4. Apresentar o quadro geral da disciplina.

II - CONTEÚDO:

O curso será organizado a partir de cinco grandes unidades: 1. Diversidade e Relativismo Cultural; 2. O trabalho de campo na Antropologia; 3. O estudo antropológico da vida urbana e/ou rural; 4. Etnologia e organização social.

III - MÉTODOS UTILIZADOS

Aulas expositivas, discussão de textos em seminários, orientação de trabalhos de pesquisa de campo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leitura de textos para participação em seminários, elaboração de um relatório sobre uma pesquisa de campo a ser realizada pelo aluno.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

A avaliação será feita através da participação em seminários, das notas obtidas em duas provas escritas e no trabalho de aproveitamento.

VI - BIBLIOGRAFIA:

- BOHANNAN, Laura "Shakespeare entre os Ibores" - apostilado.
- FERNANDES, F. "A Educação numa Sociedade Tribal" in "Foiçachi e Pireia (org.) Educação e Sociedade", Parte IV, capítulo 2.
- LEVISTRAUSS, C. "A Família" - apostilado.
- LEVISTRAUSS, C. "Raça e História" - apostilado.
- SPIRO, M. "A Família é Universal?" - apostilado.

2. MANNING, G. - *Geografia da Economia*. 1967. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.
3. MUMFORD, L. - *Technique et Civilization*. Paris, Editions du Seuil, 1950.
4. O'CONNOR, H. - *O Petróleo em crise*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1962.
5. PEVRETT, H. - *A Batalha pela Energia*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
6. SEVETTE, P. - *L'Economie de L'Energie dans les pays en voie de Développement*. Paris, PUF, 1963.

O curso é organizado sob a forma de aulas expositivas, complementadas pela elaboração de trabalhos relativos a uma parcela do seu programa, que poderão ser expostos e debatidos.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Além das atividades rotineiras, o aluno deve participar da organização e exposição de seu trabalho, bem como dos debates relativos aos temas expostos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Além das atividades rotineiras, o aluno deve participar da organização e exposição de seu trabalho, bem como dos debates relativos aos temas expostos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

A avaliação do curso será efetuada através da realização de provas versando sobre conteúdo do curso teórico e sobre temas de trabalhos escritos; também será passível de avaliação o trabalho realizado, bem como o desempenho individual por ocasião dos debates sobre os temas.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. DALMASSO, E., GUGLIELMO, R. (e) ROCHFORD, M. - *Elements de science économique et l'usage des géographies*. Tomo I - Les mécanismes économiques. Fernand Nathan, Paris, 1969.
2. GEORGE, P. - *Os grandes mercados do mundo*. Saber atual nº 8. São Paulo, Difel, 1962.
3. *Geografia Econômica*. Rio de Janeiro, Edição Fundo de Cultura, 1970.
4. KLINDERBERGER, C.P. - *Comércio Exterior e a Economia Nacional*.

5. OTTELEVA, E. - *Geografia del Commercio*. Ed. Omega, 1953.
6. PERILLLOU, A. - *Le commerce international des produits agricoles*. Centre de Documentation Universitaire, Paris, 1962.
7. THOMAN, R.S. (e) CONKLING, E.C. - *Geografia del comércio internacional*. Biblioteca Básica de Geografia Econômica. Barcelona, Ed. Vicent-Vives, 1972.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo com participação direta em trabalhos individuais e em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. SANTOS, T. dos - *Imperialismo e Corporações Multinacionais*. Paz e Terra, 1977.
2. LECLERO, Y. - *Teoria do Estado*. Edições 70 Lisboa, 1971.
3. GEORGE, P. - *Geografia Social do Mundo*. Difusão Européia do Livro, Saber Atual 1960.
4. BARRO, R. - *A Alternativa*. Ed. Paz e Terra, 1960.
5. BETTELHEIM, C. - *As lutas de classes na União Soviética (1917-1922)*. Paz e Terra, 1973.
6. Coleção "Geographies: an Intermediate Series" - Vários autores. Longmans, Londres.

ÁREA DE GEOGRAFIA REGIONAL E DO BRASIL

GEOGRAFIA REGIONAL I
1º Semestre de 1986
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG520
Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204, 626
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 30

I - OBJETIVOS:

Discutir o caráter universal da sociedade moderna derivado de processos de universalização das estruturas econômicas, jurídicas e políticas e o papel do Estado nacional como unidade política do poder e base territorial.

II - CONTEÚDO:

O caráter universal da sociedade moderna a partir das revoluções tecnológicas. A Formação Econômico Social como categoria de análise e como base de produção e reprodução social. As revoluções do século XX. A hegemonia dos Estados Unidos. O mundo de dois blocos e a noção de FES. Da questão dos alinhamentos à formação dos blo-

GEOGRAFIA REGIONAL II

2º Semestre de 1986
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG521
Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204, 626
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 30

Compreender a organização geográfica de meso e micro-unidades territoriais (Nacionais e Sub-Nacionais).

II - CONTEÚDO:

Apoiado na organização do todo nacional, salientar a qualidade e o papel dos espaços regionais internos como organizações decorrentes da participação do "meio-natural", do sistema global sócio-econômico, das estruturas sócio-culturais, das estruturas de produção-consumo, dos processos de evolução da ocupação e valorização do território e dos níveis de interdependência regional.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. Itens de 1 a 5 da bibliografia da Disciplina FLG520.
2. Coleção "Magellan" - La Géographie et ses problèmes" - Vários autores, Presses Universitaires de France, Paris.
3. Coleção "Que-sais-je?" - Vários autores, Presses Universitaires de France, Paris.
4. Coleção "Fondation of Regional Geography Series" - vários autores, Prentice-Hall, Englewood Cliffs.

1972 Semestres de 1986

Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG522

Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204, 626

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos aula: 4

1º sem.: 40

2º sem.: 80

I - OBJETIVOS:

Compreender a formação sócio-territorial do Brasil, a organização interna do espaço brasileiro e as relações entre desenvolvimento econômico e regionalização.

II - CONTEÚDO:

A questão da regionalização e o processo de ocupação do território brasileiro. O papel do Estado e as políticas regionais.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leitura e discussão de textos selecionados, seminários e debates.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e/ou orais.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. AZEVEDO, A. de e outros - **Brasil, a terra e o homem**. 2 vols. São Paulo, Cia. Ed. Nacional. Ed. da Universidade de São Paulo, 1964-1970.
2. CASTRO, A.B. de - **7 ensaios sobre a economia brasileira**. Rio de Janeiro, São Paulo, Ed. Forense, 2 vols., 1971.
3. PRADO JR., C. - **História econômica do Brasil**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1972.

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG523

Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204, 522, 626

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos aula: 4

1º sem.: 40

2º sem.: 80

I - OBJETIVOS:

Compreender a especificidade da organização de Macro-Espaços regionais brasileiros.

II - CONTEÚDO:

Análise dos componentes da realidade espacial, no sentido de fazer emergir as especificidades regionais, tanto no plano formal, como no derivado da dinâmica do sistema interativo sócio-econômico.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras e discussões de textos selecionados, seminários e debates.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. AZEVEDO, A. de e outros - **Brasil, a terra e o homem**. 2 vols. São Paulo, Cia. Ed. Nacional. Ed. da Universidade de São Paulo, 1964-1970.
2. CASTRO, A.B. de - **7 ensaios sobre a economia brasileira**. Rio de Janeiro, São Paulo, Ed. Forense, 2 vols., 1971.
3. PRADO JR., C. - **História econômica do Brasil**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1972.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. Todos os itens citados na Bibliografia da Disciplina FLG522.
2. FUNDAÇÃO IBGE - 1977 - Coleção Geografia do Brasil: Vol. I Região Norte Vol. II Região Nordeste Vol. III Região Sudeste Vol. IV Região Centro-Oeste Vol. V Região Sul
3. UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL-COMISSÃO NACIONAL DE GEOGRAFIA - Guias de excursão do XVIII Congresso Internacional de Geografia. Nº 1 a 9. Ed. C.N.G. RJ, 1957 a 1963.

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL II 1972 Semestres de 1986

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG524

Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204, 626, 522

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos aula: 4

1º sem.: 40

2º sem.: 80

I - OBJETIVOS:

Compreender a especificidade da organização de Meso e Micro-Espaços regionais brasileiros.

II - CONTEÚDO:

Análise dos componentes da realidade espacial no sentido de fazer emergir as especificidades regionais, tanto no plano formal, como no derivado da dinâmica do sistema interativo sócio-econômico.

<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS</p> <p>Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Trabalhos escritos, leituras programadas, exercícios cartográficos e seminários.</p> <p>V - Provas e trabalhos escritos e orais.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p>	<p>certos distúrbios, plúmeiras, 1ª Paulo. Geologia do Estado de São Paulo. Geologia do Brasil. Contribuições. Minerais e rochas. Aulas práticas. Perfil topográfico. Perfil geológico. Perfil hidrográfico. Perfil geológico simplificado. Mapa geológico do Estado de São Paulo. Mapa geológico do Brasil.</p>
<p>1. Todos os itens citados na Bibliografia das Disciplinas FLG522 e FLG523.</p> <p>2. ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS - SEÇÃO REGIONAL DE SÃO PAULO - "A cidade de São Paulo", vários autores, 4 vols. Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1958.</p> <p>3. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "Aspectos geográficos da terra bandelante", vários autores, RJ, 1954.</p> <p>4. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1954.</p>	<p>ELEMENTOS DE MINERALOGIA E PETROLOGIA</p> <p>1ª e 2ª Semestres de 1986</p> <p>Destinada: EP, FLCH</p> <p>Código: GMP121</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>A crosta terrestre: Dimensão, forma, propriedades físicas, constituição petrológica, mineralógica e química. Propriedades morfológicas dos minerais. Cristalização e seus ambientes. Processos de cristalização, hábitos e geminação. Propriedades físicas dos minerais: Cor, brilho, traço, dureza, fratura, clivagem e peso específico. Propriedades químicas dos minerais: Isomorfismo, polimorfismo. Minerais formadores de rochas. Estrutura dos silicatos. Rochas magmáticas e processos magmáticos. Rochas sedimentares e processos sedimentares. Rochas metamórficas e processos metamórficos. Recursos minerais do Brasil. Distribuição das rochas no continente brasileiro.</p>
<p>DISCIPLINAS NÃO DEPARTAMENTAIS OBRIGATORIAS</p> <p>GEOLOGIA GERAL</p> <p>1ª e 2ª Semestres de 1986</p> <p>Destinada: FLCH e IB</p> <p>Código: GGG121</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>CONTEÚDO:</p> <p>Introdução e importância da Geologia. Terra em conjunto. Minerais. Formação das rochas. Ciclo das rochas. Regiões. Águas continentais. Gelo e vento. Energia interna da Terra. Deformações das rochas. Orogenia. Montanhas. Con-</p>	<p>INTRODUÇÃO À ANTHROPOLOGIA</p> <p>1ª Semestre de 1986</p> <p>Disciplinas: Básica</p> <p>Destinada: História e Geografia</p> <p>Código: FLS100</p> <p>Pré-requisitos: -</p> <p>Créditos-aula: 4</p>
<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>O curso tem um caráter complementar e visa possibilitar aos alunos de História e Geografia um primeiro contato com a Antropologia, tornando um quadro amplo da disciplina e das técnicas de investigação utilizadas pelas antropologias. Será ressaltada a importância da diferenciação temporal entre sociedades primitivas e sociedades modernas, com especial referência à noção de história. Um dos objetivos principais do curso é mostrar a necessidade de uma postura científica (não preconceituosa) ao lidar com temas que escapam ao cotidiano dos alunos.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>O curso será organizado a partir de cinco grandes unidades: 1. Diversidade e Relativismo Cultural; 2. O trabalho de campo na Antropologia; 3. O estudo antropológico da vida urbana e 4. Etnologia e organização social.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, discussão de textos em seminários, organização de trabalhos de pesquisa de campo.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Leituras de textos para participação em seminários, elaboração de um relatório sobre uma pesquisa de campo a ser realizada pelo aluno.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>A avaliação será feita através da participação em seminários, das notas obtidas em duas provas escritas e no trabalho de aproveitamento.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>1. BOHANNAN, L. - "Sociedade entre os Ivi" - apudado.</p> <p>2. FERNANDES, F. - "A Educação Social" - Sociedade "Trabalho" - Foz de Iguaçu e Petrópolis - Ed. Edições e Sociedade Para IV volume 2.</p> <p>3. LEVISTRAUSS, C. - "A Família" - apudado.</p>	<p>SOCIOLOGIA</p> <p>1ª Semestre de 1986</p> <p>Disciplinas: Básica</p> <p>Destinada: Geografia</p> <p>Código: FLS312</p> <p>Pré-requisitos: -</p> <p>Créditos aula: 6</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>Introduzir o aluno ao conhecimento da Sociologia.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>Exatidão sobre a problemática da relação sujeito-objeto na Sociologia, sobre as correntes metodológicas básicas, sobre a metodologia básica e sobre os processos e estruturas sociais modernas da sociedade moderna.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas teóricas (de tipo expositivo) e seminários em que os alunos aprendem a manejar e analisar textos básicos do programa que são utilizados nas aulas teóricas.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Leitura e análise de textos selecionados para seminários. Leitura de bibliografia indicada na aula teórica, preparação de resumos para a participação nos seminários.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Participação em seminários, qualidade de leitura e relatório da aula prova escrita.</p>

ANEXO II

Divisão Oficial das Grades Curriculares.

PROGRAMA

DE

GEOGRAFIA 1935-1955

PASTA I

- 1935-1955 - Pasta I
- 1956-1968 - Pasta II
- 1969-1981 - Pasta III

Obs: GEOGRAFIA: Foi feito um levantamento pelos Professores do Departamento, devido ao credenciamento no / CREA, ficando os programas resumidos em 3 volumes, abrangendo todos os anos da Faculdade, desde sua / criação, separados pelos 3 períodos de mudanças Programáticas.

ANEXOS III

**Anotações de Aula Feitas pelo Prof. José Bueno Conti, no ano
de 1956, na disciplina de Geografia Regional**

Mesmo qto as portuguesas e mediterr. em geral, ainda há certa dúvida.

A deficiência e o atraso do Brasil, por ex., podem ser explicados em pte devido ao clima tropical.

Está terminados os estudos da distribuição geográfica, estrutura da popul. e problemas de adaptação.

25/4 Gêneros de vida em r. tropicais

Maurette - L' Afrique Équatorial, Oriental e Austral - Col.

J. Universal - t 12 ps 47/55

Sobre o Brasil - Vida Econômica de los pueblos - Labor - (mais etnografia) -

Le Monde Malais - Robequan.

Os gên. v. das popul. primit.

das r. quentes e úmidas consiste na caça, pesca; coleta; agricultura primitiva; isso ocorre tb na África como na América e na Insulândia. Em qde pte essas atividades são condicionadas pelo meio.

Nem todos os autores concordam que a humanid. tenha passado por todos esses estágios de civilização. L. Félire "A Terra e a Evol. Humana" (tradução col. Panorama) expõe essa teoria. Geralmente, também, os grupos humanos primitivos praticam todos essas atividades simultaneamente. É muito raro existir um grupo q. se dedique a uma única atividade (pigmeus - caçadores; guaiaguais (Paraguai) - coletores de mel).

A agricultura primitiva é bem característica da zona

intertropical. Caracteriza-se por ser itinerante, i. e., seminômade. Não tem aquela fixidez própria das agriculturas das 2 temperadas (e mesmo tropicais). A agricultura é itinerante em virtude do rápido esgotamento do solo (não há adubação); isso tem consequência na distribuição da população, q. geralm. é rarefeita em virtude de necessitar de muita área. É uma agricultura primitiva pois as saptas são pequenas e às vés não são suficientes p/ o grupo, que se vê obrigado a recorrer à coleta, caça e pesca. Os métodos são primitivos desde a derrubada da floresta que, geralm. é feita a fogo; as cinzas servem como fertilizante. Eles não dispõem de instrumentos para a derrubada. Não

usam animais no trabalho agrícola; não conhecem o arado; trabalham com bastões ou enxada. Isso vai ter influência no rendimento do trabalho. Alguns grupos possuem animais semidomesticados (porcos). Essa agricultura é geralmente conhecida como a agricultura pela enxada. Além disso, esse sistema agrícola recebe nomes regionais: no Brasil, roça; na Índia, Jhum ou Jhuming; na Indonésia, ladang; na Costa do Marfim, lagan; na América do Norte^{Central}, milpa; em Madagascar, tavy; Índia Indochina, vai.

Exemplo regional: pigmeus - (ou negritos). A África Central é ocupada pelos bantus; mas nas florestas da África Central vivem também os pigmeus, onde parecem ser mais antigos q. os bantus.

São baixos (1,50), pernas curtas, barriga volumosa; ~~etc.~~ Há um trabalho sobre eles feito por Maurette. (L'Afrique Équat., Oriental....) São muito atrozados, evitam o contacto com outros povos; são antropófagos; é um dos únicos povos q. se dedica só a um só q. r.: a caça ^{de}. Não têm aldeias fixas (são exímios caçadores de elefantes). Mantêm um certo comércio (em espécie) com os bantus; trocam carne por produtos vegetais ou artefactos. (o vendedor não chega a ver o comprador). Não têm havido, até actualm. possibilidade de contacto com brancos e, por conseguinte melhoria em suas condições de vida.

Outro grupo é o dos bantos, q. revelam uma notável adaptação ao meio. Sabem apro-

veitar muito bem os recursos
 de meio. Geralm. são grupos de
 famílias q. se unem por laços de
 sangue ou interesse. Procuram
 localizar a aldeia onde seja fá-
 cil a caça, pesca, transporte
 e possibilidade de desenvolver a
 agricultura. Amos sempre o qto.
 ao rio. Começam pela derru-
 bada da floresta e q. isso des-
 parece o q. de flagelo da tse-tse.
 Em seguida constroem as casas
 com material vegetal; as casas
 são, geralm. retangulares. Na
 costa de Angola há esse tipo
 de casa. Na r. NE, fronteiras
 q. as savanas onde vivem os
 azandé a casa é de tipo
 cônico.

Há correlação entre a casa
 retangular e a r. de floresta,
 exceto certas regiões de savana.
 Ex. costa de Angola (savanas)

7/5 Supõe-se que a casa retangular surja do simples abrigo (~~feito~~) de ramagens (apa). Geralm. as aldeias da z. florestal são tb de forma retangular. Há uma rua central em torno da qual se alinham as casas retangulares. Nas 2 extremidades ficam 2 casas fechando a aldeia. A-
 tráz das aldeias há geralm. bananais onde tb guardam alimentos.

A vida dessas populações - A vida durante anos se constitui de uma série de expedições de caça, pesca, ^{coleta} e, mesmo, agricultura.

As da pesca se realizam qdo as águas começam a baixar de nível. Há locais onde a pesca é mais, fácil; aí então constroem aldeias provisórias junto

as quais fazem fogueiras para defumação e ^{conservação} ~~conservação~~. Termina-
do o período da pesca represen-
tam a aldeia natal. Podem,
às vezes, trocar o produto das
pess. das savanas.

A carne é quase um luxo
para os bantos. A caça de
animais de pele pele é feita
através de expedições organi-
zam-se grupos de 10 a 20
homens, geralm. acompanhados
de mulheres. A melhor
época das caçadas é a da
cheia qdo nros animais procu-
ram se refugiar, concen-
trando em certos centros; para
a caça costuma-se fazer ar-
madilhas, ou seja, ~~pocos~~ ^{peças} de
ranagens. A caçada geralm.
dura de 2 a 3 semanas findas
as quais regressam à aldeia.
A coleta pode ser feita

em qq. época, na z. equatorial,
mas existem épocas mais fa-
voráveis nas estações menos secas,
qds os frutos amadurecem. Há, às
vêzes verdadeiras devastações qds
as colheitas são muito intensas.
Entre os frutos mais procurados na
Afr. Equatorial é o da palmeira
"elais", que produz óleo comestível
muito bom, um dos mais procurados.

Agricultura - Na Ganga é feita
em clareiras nas proximida-
des da aldeias. Planta-se na
(África) principalm. mandioca,
inhame, banana, tomates; a
maioria d'êles não é originá-
ria da África. Para plantar
esperam as chuvas; a madu-
ração é rápida; às vêzes, fazem
2 cultivos anuais (cf. a planta).
Utilizam instrumentos exclusi-
vamente manuais: facões, ma-
chetes, bastões, etc.; não se uti-

ligam de animais na agricultura (ausência de pastagens - Ma África: presença da tse-tse); essa atividade ocasiona o rápido esgotam. do solo; abre-se, então, após 2 ou 3 anos, outra clareira, organiza-se expedições masculinas de 6 em 6 meses; voltam de deixar alguns homens p/ guardar as plantações dos animais. Ao correr di'templos, clareiros vão ficando cada vez mais distante, e, então, toda a aldeia muda-se p/ a nova clareira de cultivo. O mato cresce no local da antiga aldeia original; o deslocam. continua, formando um verdadeiro ciclo; é a agricultura itinerante.

7/5 Gêneros de vida em savanas
As sav. ocupam uma área

mtos maior q. a da floresta; flo-
 naltos de Lougo, Uegonda, Kénia, ^{Kénia}
 Os g. v. são praticam. os mesmos
 q. da z. florestal. De maneira
 geral apresentam uma densi-
 dade ^{de popul.} maior; a escravidão
 africana, que devastou a pop.
 negra, se fez sentir menos na
 savanas q. nas florestas.

As aldeias são mais numerosas,
 e mantêm entre si relações mais
 intensas. As vezes se aliam para
 a guerra ou o comércio são
 governados por um rei.

4/5 As casas têm geralm. forma
 cônica; talvez tenha origem
 na ^{tenda} ~~casa~~ das popul. nôma-
 des da Afr. do Norte e Oriental.
 Muitas dessas popul. invadi-
 ram a r. das savanas. As
 habitações da z. das savanas
 não ^{são} de tecidos mas é de ve-
 getais: ramos, folhagens, e

em certa áreas a cabana é de terra mas a forma cônica. Entre os povos do alto Ubangui e do rio Ubeli há cabanas cônicas em plena floresta; a hipótese é de que tenham entrado em contacto com os povos da Afr. Oriental. A SE da Afr. Equatorial, e. de Angola há as tribos dos Baniaka, Bani-bula, Bakula, da z. intermédia dos savanas e floresta possuem casas retangulares (estes grupos são bantus).

Gêneros de vida - Geralm. as popul. q. vivem na z. de contacto entre savana e a floresta têm um g. v. mista. Cultivam a mandioca (floresta) e cereais (savanas). Nas sav. a cultura é difundida e a dos cereais como o milho, o milho, o sorgo e o arroz (milho-da América; arroz

da Ásia). Há tb culturas de plantas oleaginosas. (amendoim). Nos sav. os desbrosos são menores q. na z. da floresta mas os métodos de cultura são idênticos. Há queimadas, ^{antes} ~~após~~ das chuvas; ^{1^{hina} da sêca} perfura-se o solo c/ bastões; coloca-se a sem. nos buracos e recobre-se c/ terra; c/ a chegada das chuvas as plantas se desenvolvem e faz-se a colheita. Não se emprega qq. espécie de adubo; há o desgaste rápido do solo (lateritização). Como se vê, a vida agrícola é mais ou menos a mesma q. a da z. da floresta; há devastação, pois nem 20 anos são suficientes p/ reconstituir-se a vegetação depois de derrubada.

A África é um continente de muitas pragas; na floresta

é a tsé-tsé; nas savanas
 são os formigas. Há ainda
 as pragas das nuvens de ga-
 fanhotas. Os popul. que vivem
 nas sav. têm maior possibi-
 lidade de caça. Muitas vezes
 a tribo se reune p/ dar
 caça aos animais. Geralm. põe
 fogo nas savanas para ^{empurrar} ~~empurrar~~
 os animais p/ um ponto.
 Isso vem arruinar o solo.
 No conjunto a savana oferece
 maior facilidade ~~de~~ vida; is-
 so devido principalm. a aus.
 de obstáculos da floresta; na
 sav. a circulação é muito mais
 fácil.

Nos limites da Af. Oriental
 há um início de pastoreio.
 Na Af. Equatorial, voltada p.
 o Atlântico tribos dedicam-
 se ao comércio q' os europeus
 e outras são artifices.

14/5 Gêneros de vida ligados ao mar

Os melhores exemplos de grupos primitivos vivendo na z. inter-tropical vizinhas ao mar e nos ilhos da Oceania.

- 1) Douglas L. Oliver - Les 111 îles du Pacifique - Col. Payot - Paris, 1952. tem na p. 363 bibliografia.
- 2) André Leroi-Gourhan et Jean Poirier - Ethnologie de l'Union Française - toms 2^e - Asie, Océanie et Amérique - P.U.F. - Paris, 1953 - b. d. bibl. p. 1036/1040.
- 3) Alain Huetz de Lemps - L'Océanie Française - Que sais-je? - vol. 679
- 4) P. Privat - Deschanel - Col. J. Vermorel - vol tome IX - antiquaire.

A Oceania costuma ser dividida em 3 gds áreas: a Melanésia, onde predominam os grupos melanésios (N. Guiné,

i. Solomão, arq. Bismarck^{etc}); Micronésia, abrange pequenas ilhas, melhores de ^{pequenas} ilhas e atolls; principais arq. i. Marianas, Marshall, i. Gilbert; a 3ª área é a Polinésia que se estende desde os i. Hawaí^N até i. de Páscoa (a leste) e a r. dos i. Fiji, Nova Caledônia (a oeste). Essa divisão é feita sob o p.v. etnográfico, geográfico, etc. - II

A Micronésia tem uma extensão ^{são} ~~equival.~~ ^{ao E. de sendo que} os ilhas ocupam 30 mil km². Os ~~antropólogos~~ ^{geógrafos} dizem q. a r. da Polinésia ^{na região} de algum antigo continente q. se houve se fragmentado; mas a constit. ^{geol.} dessas ilhas revela q. são de origem recente (vulcânicos, por ex.) ^{predomina um clima tropical e equatorial} - 10

Além as povoações da Polinésia há ^{há} ~~th~~ um ^{grande} problema

Ai há popul. q. se assemelham
 à raça branca e à h. amarela.
 Para explicar ^{partem} há uma série de
 hipóteses. Há os q. supõem q. eles
 tenham vindo da r. do Oriente
 Médio através da Índia. Outra
 hipótese é de q. eles provêm da
 América do Sul; ~~uma~~ uma das
 prováveis confirmações dessa teoria
 seria a existência da batata-
 doce na Polinésia, que é de
 origem americana. Heri-fourham
 cita q. os 1.^{os} descobridores já
 encontraram a sífilis na Pol.,
 doença q. é origin. da América.
 Os ~~seu~~ autores que não acre-
 ditam na rel. entre a Pol.
~~da~~ a Am. Sul. A expedição
 Kon-Tiki provou que há
 possibilidade de (da América)
 se alcançar a Polinésia ^{em jornada perigosa} por
 meio dos corr. marítimos.
 As popul. polinesias são

culturalm. mais evoluídas q. os
outros povos da Oceania. (são
tb fisicam. mais perfectos). Os
maoris da N. Zelândia são
polinésios e são muito mais
civilizados q. os papuas, por
ex. da Nova Guiné (N. Heb. melanésios).

Os polin. povoam os ilhos
Fidji, i. Samoa, i. da Socie-
dade (Fr.), i. Cook, ^{marquesas,} etc.

De uma maneira geral
eles se dedicam à pesca
de mariscos e são ótimos
navegantes, (tb os povos da
micron. e melam.). Mas a
maioria dos povos da Ocea-
nia não vivem exclusivamente
da pesca, mas se dedicam
tb à agricultura (igual a
dos outros 3 introp.) e coleta
de cocos. Não tb em al-
gumas ilhas a criação de
porcos. ^{cães} ~~em~~ tb à agricultura.

e' rudimentar. Plantam ^{coque-} ~~o~~ ^{pal-}
 maia, batata-doce, mamão
 (de onde parece ser origi-
 nário). ^{Na Polin. a coleta do arroz. Ha tb. por subime,}
 Essas atividades per-
 mitiram um aum. da pop-
 dessa ilhas, q. der origem
 a migração; daí a hipótese
 de eles terem povoado a
 N. Zelândia (cl. temperado).
 Esses g. r. têm sido altera-
 dos pela popul. branca. ^{v. outro folio} Di-
 ncia da coloniz. na Oceania
 não foi organizada. Foram a-
 venturosos q. só trouxeram
 destruições e vícios p/ a
 popul. nativa; houve uma
 fase de verdadeiros mortici-
 mios da popul. nativa. Os
 vícios, as demonstrações eram pro-
 piciadas para' provocar o
 odio dos indígenas ^{Melanésia} ~~dos bran-~~
 16/5 De maneira geral os povos

da Melanésia tem um g.v. muito
 menos ligados ao mar q. outros
 povos. Na Nova Caledônia (Fr.) ⁴⁰⁰
 por 50 km há os povos melon.
 chamados "caniques" e viviam
 (antes dos europeus) mais no
 interior da ilha e ~~foram~~ ^{tinham} um
 g.v. ligado à agric. primiti-
 va, culta e casa. ¹⁰ Depois que
 entraram em contacto com os
 europeus passaram a se de-
 dicar à cultura de ^{comercial} subsisten-
 cia, por ex., cultura do café.
 Os tipos de alim. vestuário, ha-
 bitações, etc. deixaram ^{de ser} seus
 hábitos tradicionais. Hoje em
 dia normalmente andam vestidos
 e constroem casas semelh. a
 dos europeus. Os povos meloné-
 sios, além da N. Caled., ha-
 bitam as ilhas Fiji, Sol-
 omão, N. Guiné, etc. N. Hébridas.

Na Polinésia é muito ativa

1928. Mundial trouxe modificações. Com N. Caled. de
 1942 a 1945 selivaram cerca de 300 mil habitantes.

a coleta de coes. Há tb na Oceania & taro, & inhame, arrow-
re-di-pat, etc. q. são cultivados
ou coletados.

Outro fato importante é que
no contato da civiliz. europeia
a fase inicial foi de destruição
da popul. nativa. Os brancos
visavam lucros imediatos e
chegaram a praticar o trá-
fico escravo; os canaques ^{da N. Calédonia}
foram vendidos como escravos
na Queenslandia; as moléstias
de gripe, varíola, álcool, etc. ^{destruíram a população}
causaram a diminuição das po-
pulações. Algumas ilhas quase
se despovoaram. Recentem. os
europeus têm procurado
melhorar as cond. de vida dos
nativos; é importante a ação
dos missionários. Mas a
taxa de crescimento é ainda
menor q. a dos europeus. ^{Melan.}

Nova Caledônia (cf. l'Océanie Française)

Popul. total 1952

65.000 indig.

21.000 europeus

11.000 asiáticos

A partir de 1936 a aum. fr. s
seguinte:

3.850 ind.

3.760 eur.

3.700 asiáticos.

Cof. mortalidade 1951

~~28,9700 europeus~~

~~28,6700~~

Cof. natalidade (por mil)

indig. 28,6700 - europeus 28,7%

Cof. mortalidade

indig. 20%00 - europeus 8,1%00

Excedente 8,6%00

20,8%00

Polinésios - vivem em ilhas, re-
cifes de coral ou atolls. São, so-
bretudo ^{pescadores de marisco} pescadores e
marinheiros. ^{são também navegantes.} g. v. baseia-se
na pesca. Substancialiam. oporece

o copiar a a parte essencial
do civilis polinésio.

a coleta de cocos, o cultivo das
taro, inhame, batata doce, man-
dioca, etc. Há existência tb banana-
nas, mangas, mamões, etc. Há
pequenas criações de porcos
^{presente nos ilhas da Polinésia}
e algumas ilhas há cria-
ção de ^{coelhos} p/ alimentação.

Na ilha Taiti (Fr.), Polinésia,
tem uma superf de 1.000
km² (D.F.) há condições clima-
ticas e g.v. g. podem ser
generaliz. p/ toda pte da Polinésia.
Há tb uma certa unidade
climática. Vejamos os dados
de Papeete (Taiti), cf L'Océanie Franç.

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	Média
27,1	27,2	27,6	27,2	26,5	25,7	25,6	25,3	25,5	26,2	26,2	26,9	T.
351	295	157	166	130	78	65	47	43	71	171	293	Pl.

T.P. - 1.914, 7 mm

Os nativos vivem da pesca,
coleta de cocos, etc. Mas o contacto
q o elev. europeu provocou
diminuição entre a popul.

nativa. Houve modificações no
 g.v. ^{independentemente de outros também} ~~de outros~~ a comércio; ven-
 dem o coque, p/ produzir óleo.
 Entrou em circulaç. a moeda
 e passaram a importar pro-
 dutos europeus. Estão perdendo
 o aspecto primitivo. A 2ª Guerra
 Mundial causou modificações
 Em N. Zelândia estiveram de
 1942 a 1945 cerca de 300 mil
 soldados, que lá deixaram
 muitos dólares

Há portos 2 regiões. A
 ativid. ligada ao mar e a
 não ligada ao mar (Melanésia).
 São hábeis navegantes os
 povos da Polinésia. Utilizam-
 se de uma embarcação
 chamada balancim.

Case e Bergsmarck - Geografia Ge-
 neral - capt. Oceania - Incompleto.
 21/5 A Micronésia é uma r.

de difícil ocupação porque muitos atóis não possuem solo arável. Certos indígenas fazem buracos no calcário e enterram folhos de palmeiras, etc. "fabri-candi" assim um solo para plantar tubérculos: coqueiro, inhame, etc. Na Micronésia é muito ativa a pesca. A Micronésia é frequentemente assolada por tufões; muitas ilhas não possuem água; os indígenas têm que beber a água de coco.

Durante a 2ª Guerra Mundial essas ilhas representaram um papel importantíssimo como base naval dos norte-americanos. Atualmente estão sob administração dos E.U. Essas ilhas têm grande importância estratégica. Hoje em dia são campo de experiência

de armas nucleares.

215 Exploração agrícola moderna e mineração.

Nas z. intertrop. q. e u. existe uma sistema agrícola chamada do "sistema de plantação". Consiste num estabelecim. rural de qde extensas q. visa essencialm. produzir produtos p/ o comércio (é a qde diferença da cultura de subsistência). Esse sistema corresponde à expansão política e comercial dos europeus.

Quando os europeus entraram em contacto com as r. q. u. havia apenas um comércio de especiarias. Com o tempo os europeus foram tendo + necessid. de produtos das r. q. u. e então surgiu o "sist. de plantação". A planta + importante no passado foi a cana de açúcar.

ANEXOS IV
Programas das Disciplinas do curso de Geografia de
1934 até 1989.

PROGRAMA

DE

GEOGRAFIA 1935-1955

PASTA I

- 1935-1955 - Pasta I
- 1956-1968 - Pasta II
- 1969-1981 - Pasta III

Obs: GEOGRAFIA: Foi feito um levantamento pelos Professores do Departamento, devido ao credenciamento no / CREA, ficando os programas resumidos em 3 volumes, abrangendo todos os anos da Faculdade, desde sua / criação, separados pelos 3 períodos de mudanças Programáticas.

1935 - 1955

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

Instruções		
Elementos de Geologia	(1935-1940)	1-3
Geografia Física	(1935-1950) - p. 5/6	4
Geografia Regional (Cadeira de Geografia Física)	(1935-1950) p. 13	5-12
Geografia Humana	(1935-1950) p. 18	7
Geografia do Brasil	(1935-1950) p. 18	13-17
História da Civilização Antiga e Medieval	(1935-1950) p. 21-22	18-20
História Moderna e Contemporânea	(1935-1950) p. 25/26	21-24
História Brasileira	(1935-1950) p. 30	25-29
Etnografia e Língua Tupi-Guarani	(1935-1950) p. 35/36	30-34
Etnografia		35-36
História da Civilização Americana	(1935-1950) p. 39/40	37-38
Antropologia	(1935-1950)	39-43
Elementos de Cartografia		44-45
Geologia e Paleontologia	(1935-1950)	46
		47

NOTA:

As demais páginas não assinaladas, e as que se referem ao período posterior a 1950.

1934-1952

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CADEIRAS

- XXI — Elementos de Geologia (Geologia e Paleontologia) —
2.º assistente Josué C. Mendes.
- XXIII — Geografia Física — Prof. João Dias da Silveira.
- XXIV — Geografia Humana — Prof. Pierre Mombeig.
- XXV — Geografia do Brasil — Prof. Aroldo de Azevedo.
- XXVI — História da Civilização Antiga e Medieval — Prof. Eurípedes S. de Paula.
- XXVII — História da Civilização Moderna e Contemporânea —
Prof. Jean Gagé.
- XXVIII — História da Civilização Brasileira — Prof. Alfredo Ellis
Júnior.
- XXIX — Etnografia e Língua Tupi-Guarani — Prof. Plínio Ayrosa.
- XXX — História da Civilização Americana — Prof. Astrogildo
R. de Melo.
- Antropologia — Prof. Emilio Willems.

As aulas deste curso são dadas à Praça da República, n.º 53 e à Alameda Gleite, n.º 463.

1953-1955

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

1.º ano

1 — Geografia Física	1.º	2.º	3.º	(2.º - 3.º)
2 — Geografia Humana	1.º	2.º	3.º	4.º
3 — Antropologia	1.º			
4 — História da Civilização Antiga e Medieval			1.º	2.º
5 — Elementos de Geologia		1.º		
6 — Elementos de Cartografia		1.º		

2.º ano

1 — Geografia Física	2.º			
2 — Geografia Humana	2.º			
3 — História da Civilização Moderna				
4 — Etnografia	2.º			
5 — História da Civilização Americana	1.º	2.º	3.º	4.º
6 — História da Civilização Brasileira	2.º	3.º		
7 — Geografia do Brasil	2.º	3.º	(4.º a 6.º)	

3.º ano

1 — Geografia do Brasil	
2 — História da Civilização Contemporânea	
3 — História da Civilização Brasileira	
4 — Etnografia do Brasil e Língua Tupi-guarani	
5 — História da Civilização Americana	
6 — Geografia Física	
7 — Geografia Humana	

ORGANIZAÇÃO GERAL DOS CURSOS, AULAS PRÁTICAS
E SEMINÁRIOS DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA,
PARA O ANO LETIVO DE 1953.

1.º Ano de Ciências Sociais:

Cadeira de Geografia Humana.

Curso: Introdução à Geografia Humana — 1 aula semanal.

Curso: Gêneros de vida — 1 aula semanal.

1.º Ano de Geografia e História:

Cadeira de Geografia Física.

Curso: Introdução à Geografia Física.

parte a) — 1 aula semanal.

parte b) — 1 aula semanal.

Cadeira de Geografia Humana.

Curso: Introdução à Geografia Humana — 1 aula semanal.

Curso: Geografia Econômica (Fontes de energia) — 1 aula semanal.

Elementos de Cartografia.

Curso: Elementos de Cartografia Geral — 2 aulas semanais.

Trabalhos práticos de Geografia Física e de Geografia Humana (em coordenação) 3 horas semanais, em u'a manhã.

Trabalhos práticos de Cartografia — 1 hora semanal.

Trabalhos de campo de Cartografia — 2 a 3 vezes cada semestre.

2.º Ano de Geografia e História:

Cadeira de Geografia Física.

Curso: Morfologia (parte "a") — 1 aula semanal.

Curso: Biogeografia — 1 aula semanal.

Cadeira de Geografia Humana.

Curso: Geografia da circulação — 1 aula semanal.

Curso: Gêneros de vida — (em conjunto com o 1.º ano de Ciências Sociais) — 1 aula semanal.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

ELEMENTOS DE GEOLOGIA

2.º assistente José C. Mendes.

A cadeira de Geologia e Paleontologia está encarregada das aulas de Elementos de Geologia, neste curso. A 1.ª série tem uma hora de aula, semanal, realizada no Laboratório da cadeira.

PROGRAMA

Parte teórica.

- 1 — Delimitação dos conhecimentos geológicos. Métodos de observação diretos e indiretos.
- 2 — Constituição da Terra. Dados geofísicos, geoquímicos. Concepção atual.
- 3 — Ciclo dos fenômenos geológicos. Erosão. Transporte. Sedimentação. Agentes externos. (Aplicação a casos brasileiros).
- 4 — Rochas sedimentares. Divisão geral. Origem. Diagenese e metamorfismo. Principais tipos ocorrentes no Estado.
- 5 — Conceito de fácies. Tipos principais. (Exemplos brasileiros).
- 6 — Estratos: definições, origem.
- 7 — Estratificação. Tipos principais. (Exemplos brasileiros).
- 8 — Estratigrafia. Concordância e discordância. Transgressão e regressão. (Exemplos brasileiros).
- 9 — Diastrofismo. Movimentos tangenciais (orogênicos) e verticais (epigênicos).
- 10 — Pregas: definições, tipos. Estudo de côrtes transversais. Comportamento longitudinal. Regimes (estilos).
- 11 — Fraturas e falhas. (Exemplos brasileiros).
- 12 — Rochas eruptivas. Divisão. Origem. Morfologia. Morfologia. (Exemplos brasileiros).
- 13 — Metamorfismo. Tipos e modalidades. Rochas metamórficas. (Exemplos brasileiros).
- 14 — Dinâmica interna. Vulcões: principais tipos e distribuição. Campos sul-americanos.
- 15 — Terremotos. Causas e efeitos. Manifestações sísmicas no Brasil.
- 16 — Teorias orogênicas. Isostasia. Evolução dos geossinclinais. (Aplicação a casos brasileiros).
- 17 — Fósseis e fossilização. Evolução da vida.
- 18 — Paleogeografia e seus fundamentos.
- 19 — Esboço da Geologia histórica do Brasil. Séries e formações.
- 20 — Geleiras. Tipos. Indícios de glaciação pré-terciária. A glaciação permio-carbonífera do Brasil.

As aulas teóricas são auxiliadas com projeção de fotografias ou esquemas.

Parte prática.

Exame das principais rochas ocorrentes no Estado e dos fósseis brasileiros mais característicos. Estudo de cartas geológicas.

Eventualmente, excursões às localidades geologicamente mais interessantes no Estado, v.g., Itú, Rio Claro, Botucatu, etc.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

GEOGRAFIA FÍSICA

Prof. João Dias da Silveira.

A cadeira de Geografia Física funciona na 1.ª e na 2.ª séries do curso. A 1.ª série, tem, semanalmente, duas horas de aulas teóricas e uma hora de seminário. A 2.ª série, são reservadas três horas para aulas teóricas e uma hora para trabalhos de seminário.

PROGRAMA

1.ª série

Relevo do solo
GENERALIDADES

- 1 — Estudo das formas do terreno como parte da Geografia Física.
Importância desse estudo para a interpretação da paisagem.
- 2 — As formas do terreno. — Sua origem.
O ciclo geológico: litogênese, orogênese, e glitogênese.
A variedade dos agentes geológicos e sua influência geomorfológica.
- 3 — Classificação geral das topografias.
Base da classificação.
Morfologias esculturais fluvial, desértica, glacial e litorânea.
Morfologia estrutural — noção da erosão diferencial.
O relevo vulcânico.

2.ª série
TOPOGRAFIA FLUVIAL

- 4 — A observação das correntes e as leis gerais da evolução fluvial.
- 5 — O vale. Estudo dos diferentes tipos e dos vários progressos de evolução.
As torrentes.
Perfil longitudinal — seus processos de evolução.
Fenômenos de captações.
Perfil transversal — processos de evolução — tipos de perfis transversais. Estudo dos meandros dos vales dessimétricos.
- 6 — O aluvionamento — Leis gerais. Os planos aluviais. — Terraços.
- 7 — Teoria do ciclo da erosão — Exposição e crítica — Outras teorias — Ideias de Penck — nível de cristas.
- 8 — Relevo porcânico — Interpretações contrárias a teoria do ciclo de erosão.
- 9 — Influências litológicas na topografia fluvial. Estudo das principais influências litológicas e de casos típicos — (topografias karástica e granítica etc.).
- 10 — Influências climáticas nas formas próprias da topografia fluvial.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA - Geografia Física

2.ª série

- 11 — Topografia estrutural — Generalidades.
Tipos de estrutura e bases de suas influências.
- 12 — Topografia concordante.
Formas primitivas e derivada — seus característicos e evolução — A topografia de cuestas.
- 13 — Topografia falhada.
Estudo das falhas. Formas primitivas e derivadas — característica e evolução.
- 14 — Topografias de dobramentos.
Estudo das dobras. Formas primitivas e derivadas — característico e evolução — Charriages.
- 15 — Estruturas discordantes e movimentos de conjunto.
Tipos de discordância — Topografias resultantes de movimentos generalizados.
- 16 — Formas epigênicas e fósseis.
- 17 — Estudos das formas estruturais evoluídas.
- 18 — Massiços antigos — Estudo das formas rejuvenecidas.

TOPOGRAFIAS CLIMÁTICAS

- 18 — Influência do clima nas formas do relevo — Estudo geral.
- 20 — Relevo desértico — Noção de deserto — Agentes de evolução do relevo — formas de acumulação e de erosão — Tipos de desertos — ciclo de areismo.
- 21 — Topografia glacial.
Glaciação e nivação — Formas de glaciação local e de glaciação regional — formas de erosão e de acumulação. Evolução da topografia glacial — Estudo detalhado do vale de glaciação.

TOPOGRAFIAS VULCÂNICAS

- 22 — Natureza particular do relevo vulcânico, sua distribuição geográfica — Formas de construção e derivadas — Influências nas topografias.
- 23 — Litorais.
Agentes de evolução dos litorais e mecanismo de suas ações. Acumulação nos litorais. Ciclos dos litorais.
- 24 — As costas.
Bases para classificação — Descrição dos principais tipos. Estudos da evolução das costas.
- 25 — Conclusões.
Interpretação do relevo dentro de seu aspecto dinâmico. A paisagem geográfica e sua evolução — Os grandes ciclos.

Ao lado desses cursos teóricos serão realizados seminários e aulas práticas para todas as turmas.

2.ª série

Climatologia

INTRODUÇÃO

- 1 — A Climatologia. Notícia Histórica. Métodos e objetivos. Disposição dos estudos climáticos.
- 2 — Conhecimento de clima. As diversas tendências dentro da Climatologia — Escolas modernas. O tempo.
- 3 — Relações da Climatologia com outras disciplinas. Importância geográfica do estudo dos climas.

1.ª parte — FATORES E ELEMENTOS DO CLIMA

- 4 — Fatores cósmicos. Radiação solar. Forma e movimentos da Terra. Ciclo dos fatores cósmicos.
- 5 — Fatores geográficos — Ação das águas e das terras — os mares, pântanos e lagos — climas continentais e climas oceânicos.
Ação do relevo — altitude e exposição.
Ação das correntes marinhas.
Ação da vegetação, etc.
- 6 — A temperatura.
Distribuição da temperatura média. Estudo das variações. Isotermas e cartas isotérmicas. Regimes térmicos. Zonas de Köppen.
- 7 — Pressão atmosférica.
Distribuição geográfica da pressão atmosférica. Relação com outros fatores. Ciclones e anticiclones — estrutura e deslocamento — Circulação atmosférica — Regimes de ventos — Estudo particular dos ventos alísios, monções, brisas, principais locais e dos ventos.
- 8 — Humidade.
A água na atmosfera — Índices — Repartição geográfica da humidade. Formação e tipos de nuvens — As precipitações — Índices e regimes pluviométricos — A neve — Relações das precipitações com os fatores cósmicos e geográficos — Relação dos índices e a pressão.
- 9 — Tipos de tempo.
As perturbações atmosféricas — Mecanismo das ações ciclônicas. Deslocamento dos ciclones e anticiclones e sua consequência para o tempo. Interpretação de Berkenes — Estudo da pressão na América do Sul.

2.ª parte — TIPOS DE CLIMAS

- 10 — Bases de classificações dos tipos de climas. A classificação de De Martonne e a de Köppen — Modificações.
- 11 — Climas quentes.
Característicos gerais — papel dos fatores cósmicos — Tipos fundamentais e secundários — Influências locais. Climas quentes de altitude.
- 12 — Climas de monção.
Característicos gerais. Tipos fundamentais e secundários. Distribuição geográfica e zonas de transição.
- 13 — Climas temperados.
Temperados semi inverno — tipos fundamentais secundários.
Temperamentos semi inverno — tipos fundamentais e tipos secundários. Climas temperados degradados.
Climas temperados com inverno — tipos fundamentais e variedades.
Zonas de transição.
- 14 — Climas frios e polares.
Influência da latitude e da altitude. Tipos fundamentais e variedades.
- 15 — Climas desérticos.
Desertos quentes e desertos frios.
- 16 — Clima de montanhas.
Aspectos gerais. Compartimentos climáticos na montanha — Clima Alpino.
- 17 — Conclusões gerais — A carta climática do globo.

REGIONAL

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

Observação - Este curso - GEOGRAFIA REGIONAL
constava do 3º ano da cadeira de Geografia Física.

3.º ano

VI - CURSO: GEOGRAFIA REGIONAL

- 1 — A Escandinávia.
- 2 — A bacia do Congo.
- 3 — A região dos Apalaches.
- 4 — Os desertos da Ásia ocidental.
- 5 — Madagascar.

4.º ano e 1.º de Especialização

VII - CURSO: GEOGRAFIA REGIONAL

- 1 — Os deltas da Ásia das Monções.
- 2 — O Maghreb.
- 3 — A Martinica.
- 4 — A região da Taiga.

PIERRE MONBEIG
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

GEOGRAFIA HUMANA

Prof. Pierre Mombeig.

1.º assistente Maria Conceição V. de Camargo.

A cadeira de Geografia Humana funciona na 1.ª e na 2.ª séries do curso de Geografia e História.

A 1.ª série são reservadas, semanalmente, duas horas para aulas teóricas e uma hora para trabalhos de seminário.

A 2.ª série tem o mesmo período e distribuição de trabalhos.

PROGRAMA

1.ª série

Geografia das populações (repartição, estudos demográficos, migrações internas e externas).

Geografia das comunicações (introdução geral, transportes marítimos, portos, navegação aérea).

Geografia da colonização (tipos de colonização, problemas de contatos, problemas de Geografia Política, grandes impérios coloniais).

Trabalhos práticos — Geografia Econômica (produtos agrícolas básicos como trigo, arroz, vinha e culturas de regiões tropicais).

2.ª série

Geografia da Colonização.

Geografia Econômica O primeiro semestre será consagrado à conclusão do curso iniciado em 1942 sobre a Geografia das Comunicações (estradas de ferro, estradas de rodagem). No segundo semestre serão estudadas as matérias primas da grande indústria (carvão, ferro, petróleo, cobre, borracha e algodão).

Geografia Humana (tipos de povoamento rural e urbano, a casa, aglomeração e dispersão, morfologia do povoamento, geografia urbana).

Seminário Estudos sobre a Geografia Humana e Econômica da América Ibérica.

Trabalhos práticos. Os gêneros de vida Exemplos regionais, como complemento das aulas teóricas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CADEIRA DE GEOGRAFIA HUMANA (XXIV)

Professor: — Ary França (catedrático).

Assistente: — Nice Lecocq Müller.

Auxiliar do ensino: — Renato da Silveira Mendes.

1.º ano

— CURSO: INTRODUÇÃO A GEOGRAFIA HUMANA.

- 1 — Conceito e campo da Geografia Humana.
- 2 — Os elementos humanos da paisagem.
- 3 — Repartição da população do globo: o efetivo humano, o ecúmeno e seus limites, movimentos de população.
- 4 — Elementos de Geografia urbana: sítio e situação, estrutura, as cidades e a circulação, as cidades como meio social.
- 5 — "Habitat": rural disperso e aglomerado: os tipos, as habitações.

1.º ano

— CURSO: FONTES DE ENERGIA.

1 — A hulha:

- a) distribuição geográfica
- b) condições geográficas da exploração
- c) utilização e comércio
- d) estudos regionais.

2 — O petróleo:

- a) distribuição geográfica
- b) condições geográficas da exploração
- c) utilização e comércio
- d) estudos regionais.

3 — A energia hidro-elétrica:

- a) distribuição geográfica
- b) condições geográficas da exploração
- c) utilização e consumo;
- d) estudos regionais.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
Geografia Humana. (continuação)

2.º ano

CURSO: GÊNEROS DE VIDA.

- 1 — As paisagens climato-botânica como quadro natural para os gêneros de vida.
- 2 — Conceito de gênero de vida. Gênero de vida e civilização.
- 3 — Regiões tropicais: povos coletores, agricultura de subsistência, criadores e agricultura de jardinagem.
- 4 — Regiões áridas e semi-áridas: gênero de vida nos desertos e na região mediterrânea.
- 5 — Regiões de clima temperado: agricultura e pastoreio.
- 6 — Regiões boreais: caçadores e criadores.
- 7 — Gêneros de vida montanheses.

2.º ano

CURSO: GEOGRAFIA DA CIRCULAÇÃO

- 1 — A circulação marítima e a das águas interiores:
 - a) aspectos gerais.
 - b) circulação do Atlântico Norte.
 - c) os grandes canais.
 - d) circulação das águas interiores.
- 2 — A circulação terrestre:
 - a) aspectos gerais.
 - b) a circulação ferroviária.
 - c) as rodovias.
- 3 — A circulação aérea.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
Geografia Humana. (continuação)

3.º ano

V - CURSO: GEOGRAFIA DOS GRANDES PRODUTOS AGRÍCOLAS E DA INDÚSTRIA.

1 — Culturas alimentícias:

- a) arroz.
- b) trigo.
- c) banana.

2 — Culturas e produtos industriais:

- a) cana de açúcar.
- b) algodão.
- c) borracha.
- d) sêda.

3 — Indústrias:

- a) tipos.
- b) a indústria metalúrgica.
- c) a indústria têxtil.

VI - CURSO: MONOGRAFIAS URBANAS. (3.º ano - relativo)

- 1 — Cidades da América.
- 2 — Cidades da Europa.
- 3 — Cidades da Ásia.
- 4 — Cidades da África.

VII - CURSO: GEOGRAFIA DA COLONIZAÇÃO. (3.º ano - relativo)

- 1 — A colonização no passado.
- 2 — Tipos de colônias modernas.
- 3 — Problemas demográficos da colonização.
- 4 — Transformações modernas na vida econômica das colônias.
- 5 — Aspectos geopolíticos da evolução moderna do problema colonial.
- 6 — Organizações coloniais modernas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
Geografia Humana. (continuação)

4.^o ano

Seminário:

- 1 — Orientação para o ensino.
- 2 — Dissertações orais a cargo dos alunos sobre temas de Geografia Humana, previamente escolhidos.

— 168 —

4.^o ano e 1.^o de Especialização.

VIII - CURSO: PROBLEMAS E TÉCNICAS DE CONQUISTA DO MEIO:
QUESTÕES REGIONAIS.

- 1 — A conquista dos desertos.
- 2 — A irrigação nas regiões mediterrâneas.
- 3 — Os problemas da água na Ásia das Monções.
- 4 — O exemplo do Tennesssee.
- 5 — A conquista do solo nos Países Baixos.

1.^o e 2.^o anos de Especialização

Seminário:

- 1 — Orientação científica.

Trabalhos práticos, em coordenação com a cadeira de Geografia Física. (1.^o ano de Geografia e História).

- 1 — Utilização e interpretação de cartas geográficas.
- 2 — Interpretação de gráficos e de dados numéricos.
- 3 — Interpretação e discussão de textos.

Trabalhos práticos, em coordenação com a cadeira de Geografia Física (2.^o ano).

- 1 — Interpretação de cartas e de fotografias.
- 2 — Interpretação de gráficos e de dados numéricos.
- 3 — Discussão de temas de pesquisas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

GEOGRAFIA DO BRASIL

Prof. Aroldo de Azevedo.

A cadeira de Geografia do Brasil funciona, unicamente, na 3.^a série do curso de Geografia e História. Há, por semana, quatro horas de aulas teóricas.

PROGRAMA

3.^a série

Serão dados simultaneamente três cursos, correspondentes a três aulas semanais, a saber:

- 1.^o curso — O "CONTINENTE" BRASILEIRO: vista de conjunto
AMAZONIA: A planície amazônica. Guiana brasileira. Guiana Maranhense.
ZONA DOS CORAIS: Estado geral.
- 2.^o curso — LITORAL E PLANALTOS ORIENTAIS: Retôncavo baiano. A região do São Francisco. Chapada Diamantina e Espinhaço. A zona da Mata Mineira. O sul de

Minas. O vale do Paraíba. Litoral oriental. A cidade do Rio de Janeiro. Triângulo Mineiro.

- 3.^o curso — REGIÃO MERIDIONAL: Estudo regional.
REGIÃO CENTRAL: Estudo regional.

O último desses cursos será dado pelos alunos, em aulas completadas pela crítica e correção do professor da Cadeira.

Seminário.

Nas aulas de seminário (uma vez por semana), além de esclarecimentos, discussões, consultas, etc., serão feitas especialmente RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS, seguidas de crítica e comentários.

O primeiro será dedicado ao estudo das *Viagens científicas ao Brasil*, sendo dividido em 14 aulas, nas quais serão comentadas as obras de Spix e Mattius, Saint-Hilaire, Wied-Neuwied, Agassiz, Burton, Florence, etc.

O segundo semestre será dedicado a estudos de *Geografia geral do Brasil*, sendo dividido, também em, 14 aulas, nas quais serão estudados os seguintes temas, de acordo com os autores escolhidos: 1. A estrutura e o relevo do Brasil; 2. Morfologia do Brasil tropical atlântico; 3. O Atlântico sul; 4. Aspectos fisiográficos do litoral brasileiro; 5. Os grandes fatores do clima brasileiro; 6. As grandes paisagens botânicas do Brasil; 7. Os elementos da natureza e a luta dos homens no Brasil; 8. Evolução étnica do Brasil; 9. O efetivo humano e sua distribuição no Brasil; 10. Os ciclos econômicos do Brasil; 11. A vida econômica brasileira; 12. A evolução econômica do café no Brasil.

Pesquisas e excursões.

A Cadeira orientará as pesquisas individuais dos alunos na elaboração de monografias de carácter variado, tanto de geografia física como de geografia humana e geografia regional do

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
Geografia do Brasil

— 172 —

1.º e 2.º anos de Especialização.

Seminário:

1 — Orientação científica.

Trabalhos práticos (2.º ano)

1 — Interpretação de cartas e de fotografias.

2 — Exposição e discussão de problemas referentes a temas do curso teórico.

3.º ano e 1.º de Especialização.

Trabalhos práticos

1 — Interpretação de fotografias aéreas.

3.º ano e 1.º de Especialização

III — CURSO: GEOMORFOLOGIA APLICADA AO BRASIL

4.º ano e 1.º de Especialização.

IV — CURSO: ESTUDOS MONOGRÁFICOS ROTATIVOS.

1 — O ferro e a siderurgia no Brasil.

2 — Transportes terrestres no Brasil.

3 — A região do São Francisco.

4 — O Pantanal matogrossense.

Seminário: (4.º ano.)

1 — Orientação para o ensino.

2 — Dissertações orais feitas pelos alunos sobre temas previamente escolhidos.

Geografia do Brasil

3.º ano

II - CURSO: GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL

Introdução: O problema das divisões regionais do Brasil.

Parte a) — Amazônia (rotativo)

- 1 — "Terra Incógnita".
- 2 — O rio Amazonas e sua bacia.
- 3 — A grande planície e os planaltos marginais.
- 4 — A vegetação.
- 5 — O clima.
- 6 — As sub-regiões naturais.
- 7 — O "deserto" amazônico.
- 8 — A conquista do território e as cidades.
- 9 — O homem amazônico e seus problemas.
- 10 — Gêneros de vida.

Parte b) — Nordeste (rotativo)

- 11 — Características gerais.
- 12 — O quadro natural e seus contrastes.
- 13 — A população e os gêneros de vida.
- 14 — Os dois nordestes.
- 15 — A Zona da Mata e o litoral: aspectos físicos.
- 16 — A Zona da Mata e o litoral: aspectos humanos.
- 17 — A Zona da Mata e o litoral: aspectos econômicos.
- 18 — O Sertão: aspectos físicos.
- 19 — O Sertão: a luta contra as secas.
- 20 — O Sertão: aspectos humanos.
- 21 — O Sertão: aspectos econômicos.

Parte c) — Região Leste (rotativo)

- 22 — Uma região complexa: aspectos gerais.
- 23 — Região do São Francisco.
- 24 — O Recôncavo baiano.
- 25 — O sul da Bahia.
- 26 — O Espírito Santo.
- 27 — A Zona da Mata e a região ouro-ferrífera de Minas Gerais.
- 28 — A Baixada Fluminense.
- 29 — O sul de Minas e o Triângulo Mineiro.

Parte d) — Região Sul (rotativo)

- 30 — Características gerais.
- 31 — O litoral paulista.
- 32 — O vale do Paraíba.
- 33 — A depressão e o Planalto Ocidental de São Paulo.
- 34 — O Paraná e suas regiões.
- 35 — Santa Catarina e suas regiões.
- 36 — O Rio Grande do Sul e suas regiões.

Parte e) — Região Centro-Oeste (rotativo)

- 37 — Características gerais.
- 38 — O sul de Goiás.
- 39 — A região do Araguaia-Tocantins.
- 40 — O sul de Mato Grosso.
- 41 — O Pantanal matogrossense.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E
MEDIEVAL

Prof. Eurípedes Simões de Paula.

1.º assistente Eduardo de Oliveira França.

Esta cadeira funciona na 1.ª série do curso de Geografia e História, na 1.ª e 2.ª séries do curso de Letras Clássicas e nas 1.ª, 2.ª e 3.ª séries do curso de Letras Anglo-Germânicas, e de Letras Neo-Latinas.

No curso de Geografia e História há, semanalmente, 8 horas de aulas práticas.

PROGRAMA

1.ª série

1.ª série

História da Civilização Antiga

Pré-requisitos: A História da Civilização Antiga. Sua significação e delimitação no tempo e no espaço. Fontes gerais e especiais. Bibliografia. Disciplinas auxiliares. Os problemas cronológicos.

1 - HISTÓRIA ORIENTAL

a) Próximo-Oriente:

- 1 - Quadro geográfico. Esboço da Pré-história do Oriente.
- 2 - Proto-história do Egito e da Mesopotâmia. Predinastias egípcias. Os Sumérios.
- 3 - O Império Tínia. Origens da monarquia centralizada.

- 4 - O Império Menfita.
- 5 - A civilização na Ásia Ocidental.
- 6 - A Mesopotâmia no III.º milênio a.C. Rivalidade entre a Suméria e Acade.
- 7 - Os Amorritas. Hamurabi e seu código. Migração dos Indo-Europeus. Hititas e Cassitas.
- 8 - O Médio Império Tínia. Os Mitannes.
- 9 - O Novo Império Tínia. Os Mitannes.
- 10 - A rivalidade egípcio-hitita. Os povos do Norte e do Mar.
- 11 - Sírios e Fenícios. Suas civilizações.
- 12 - Os Hebreus e sua civilização.
- 13 - O Império Assírio e Babilônia.
- 14 - O Império Persa.

b) Extremo Oriente:

- 15 - A Índia pré-ariana. A época védica.
- 16 - O budismo e o jainismo. Os Maúrias. A influência helenística na Índia.
- 17 - A Índia dos Guptas à invasão do Islã.
- 18 - A China e sua civilização até a dinastia Han.
- 19 - O Japão até a era Nara.

11 - HISTÓRIA GREGA

- 20 - Introdução ao estudo da História Grega. O meio geográfico e sua influência na civilização grega.
- 21 - As civilizações pré-helênicas.
- 22 - As grandes migrações. Aqueus e Dórios.
- 23 - A Grécia do período homérico: do "genos" à "polis".
- 24 - A colonização grega e suas causas.
- 25 - As transformações políticas, sociais e econômicas da Grécia do VIII.º ao VI.º século a.C.
- 26 - Esparta e a sua civilização.
- 27 - Atenas e sua civilização. A democracia ateniense.
- 28 - A religião grega. Os santuários pan-helênicos.

- 29 - A civilização grega antes de Péricles.
- 30 - As guerras médicas.
- 31 - A formação do Império ateniense. O poder marítimo Atenas. A confederação de Delos.
- 32 - Péricles e o apogeu da civilização grega. As instituições de Atenas.
- 33 - A guerra do Peloponésio.
- 34 - A luta pela hegemonia: Esparta, Atenas, Tebas e seus aliados.
- 35 - A Grécia Ocidental.
- 36 - A civilização grega no IV.º século a.C.

III - HISTÓRIA HELENÍSTICA

- 37 - A Macedônia até a morte de Felipe. Sua expansão.
- 38 - A Pérsia no IV.º século a.C.
- 39 - A conquista de Alexandre.
- 40 - O império de Alexandre e seus problemas internos.
- 41 - O desmembramento do Império de Alexandre e a formação dos principais Estados helenísticos.
- 42 - A monarquia dos Antígônidas e a Grécia.
- 43 - A monarquia dos Selêucidas. A helenização do Próximo-Oriente.
- 44 - O Egito dos Lágidas. Instituições e civilização.

IV - HISTÓRIA ROMANA

- 45 - Fontes da História Romana. Quadro geográfico e etnográfico.
- 46 - O Latão primitivo e o início de Roma.
- 47 - O problema etrusco.
- 48 - A época real: sua história e instituições.
- 49 - Roma, do estabelecimento da República até a expulsão dos Gauleses. Instituições. Lutas internas. Transformações sociais e políticas. A lei escrita.
- 50 - A conquista da Itália. Guerra contra os Sântitas. Tarento e Pirro. Instituições da época.
- 51 - Cartago, seu Império e sua civilização na época das Guerras Púnicas.
- 52 - A 1.ª Guerra Púnica e suas consequências. Os Bárbaros na Itália.
- 53 - A 2.ª Guerra Púnica. A luta na Itália. Ibéria e África. A conquista do Ocidente.
- 54 - A conquista romana do Oriente. As guerras da Macedônia e da Síria. A anexação de Pérgamo. A helenização do mundo romano.
- 55 - O governo oligárquico do II.º século a.C. e as origens da reforma dos Gracos.
- 56 - Os Gracos e o problema do "ager publicus".
- 57 - Mário e Sila. Guerra social e civil.
- 58 - Pompeu.
- 59 - César e sua época. O 1.º triunvirato. A guerra civil.
- 60 - O advento de Otávio. A fundação do Império.
- 61 - A era de Augusto. As instituições de sua época.
- 62 - A dinastia júlio-claudia.
- 63 - A dinastia flávia.
- 64 - Os Antoninos.
- 65 - Os Severos.
- 66 - A crise do III.º século. As religiões orientais e o Cristianismo.
- 67 - Os imperadores ilíricos.
- 68 - Diocleciano e a tetrarquia.
- 69 - Constantino e as origens do Império Cristão.
- 70 - A divisão do Império e sua desagregação.

V - HISTÓRIA IBÉRICA

- 71 - A Pré-história ibérica.
- 72 - A Ibéria pré-romana: Sântitas e Gregos.
- 73 - A resistência indígena contra Roma.
- 74 - A civilização romana na Ibéria.

VI - HISTÓRIA DA ÁFRICA

- 75 - A Pré-história africana.
- 76 - Os Berberes.
- 77 - Cartago e seu império africano.
- 78 - Os reinos berberes.
- 79 - A África romana até o III.º século.
- 80 - A África romana do Baixo-império e sua desagregação.

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

História da Civilização Antiga e Medieval

1ª série (continuação)

História da Civilização Medieval

Prolegômenos: A História Medieval. Sua significação e delimitação no tempo e no espaço. Fontes gerais e especiais. Bibliografia.

VII — A ALTA E BAIXA IDADE MÉDIA OCIDENTAL.

- 81 — O mundo romano e o mundo bárbaro no IV.º século.
- 82 — As grandes invasões do V.º século.
- 83 — Agonia e morte do Império do Ocidente.
- 84 — Justiniano e a reconquista bizantina do Ocidente.
- 85 — Mafoina e o Islão.
- 86 — A expansão e a civilização muçulmana.
- 87 — Os Lombardos e o Papado.
- 88 — Os Merovingios. Sua civilização e instituições.
- 89 — Os Carolingios. A época de Carlos Magno. Sua civilização e instituições.
- 90 — O desmembramento do Império Carolingio.
- 91 — As invasões normandas.
- 92 — A Europa feudal.
- 93 — O Santo Império Romano Germânico.
- 94 — A Igreja. O Papado e as ordens monásticas.
- 95 — A querela das Investiduras.
- 96 — O movimento das Cruzadas.
- 97 — O renascimento do comércio.
- 98 — A revolução urbana.
- 99 — A revolução rural.
- 100 — A Inglaterra antes da invasão normanda.
- 101 — A realeza na França e na Inglaterra desde o X.º século até a formação do Império Angevino.
- 102 — O Império Angevino e a monarquia capetinha.
- 103 — O apogeu da monarquia feudal na França e a reação aristocrática na Inglaterra. A Magna-Carta.
- 104 — A renascença intelectual do século XIII.
- 105 — A hegemonia do Papado no século XIII.
- 106 — O Papado, a Itália e a Alemanha no século XIII.
- 107 — A França no século XIII. Sua luta com o Papado.
- 108 — A Guerra dos Cem Anos.
- 109 — As transformações políticas, sociais e económicas da Europa Ocidental nos séculos XIV e XV.

VIII — HISTÓRIA BIZANTINA.

- 110 — A fundação de Constantinopla e o Império do Oriente no V.º século.
- 111 — Justiniano e o Império Grego no VI.º século.
- 112 — A dinastia de Heráclio.
- 113 — A querela iconoclasta.
- 114 — A dinastia macedônica e o apogeu do Império.
- 115 — Bizâncio e as Cruzadas.
- 116 — O Império Latino de Constantinopla e o Império Grego de Niceia.
- 117 — Bizâncio e os Esclavos.
- 118 — Os Paleólogos e a queda de Bizâncio.

IX — HISTÓRIA DO EXTREMO ORIENTE

- 119 — A Índia maometana. A Idade Média hindu. O Império do Grão-Mongol.
- 120 — A China até a dinastia mongol.
- 121 — O Japão até o shogunato dos Tokugawa.

X — HISTÓRIA DA ÁFRICA

- 122 — A conquista e a ocupação da África do Norte pelos Vândalos.
- 123 — A reconquista bizantina.
- 124 — A conquista árabe.
- 125 — Os Almorávidas e os Almôadas.

XI — HISTÓRIA IBERICA

- 126 — O domínio visigótico.
- 127 — A conquista árabe. O califado de Córdoba.
- 128 — A reconquista e o reino de castelhã.
- 129 — A independência portuguesa. A dinastia de Borgonha.
- 130 — A dinastia de Aviz e a expansão portuguesa.

XII — SEMINÁRIO

Explicação e comentário de textos históricos referentes às matérias ministradas nos diversos cursos da Cadeira. História. Crítica a trabalhos e provas escritas dos alunos. Organização e bibliografia de trabalhos escritos.

CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL (XXVI)

Professor: — Eurípides Simões de Paula (catedrático).

Assistente: — Pedro Moscovy de Campos.

Auxiliares de ensino: — Aldo Janotti e Paulo Pereira de Castro.

1º ano

Prolegômenos: A História da civilização antiga. Sua significação e delimitação no tempo e no espaço. Fontes gerais e especiais. Disciplinas auxiliares. Os problemas cronológicos.

I. — HISTÓRIA ORIENTAL.

- 1 — Quadro geográfico. Esboço da pré-história do Oriente.
- 2 — Proto-história do Egito e da Mesopotâmia. Pre-dinastias egípcias. Os sumérios.
- 3 — O império hitita. As origens da monarquia centralizada.
- 4 — O império assírio.
- 5 — A civilização da Ásia Ocidental. Os semitas.
- 6 — A Mesopotâmia no III milênio a. C. Rivalidade entre sumérios e acádios.
- 7 — Os amorritas. Hamurabi e seu código. Migração dos indo-europeus. Hititas e cassitas.
- 8 — O médio império babilônico. Os hititas.
- 9 — O novo império babilônico. Os mitannianos.
- 10 — A rivalidade egípcio-hitita. Os povos do norte e do mar.
- 11 — Sírios e fenícios. Suas civilizações.
- 12 — Os hebreus e sua civilização.
- 13 — O império assírio e babilônico.
- 14 — O império persa.

II. — HISTÓRIA GREGA.

- 15 — Introdução ao estudo da história grega. O meio geográfico e sua influência.
- 16 — As civilizações pré-helênicas.
- 17 — As grandes migrações. Aqueus e dórios.
- 18 — A Grécia do período homérico; do "genos" à "polis".
- 19 — A colonização grega. Causas e consequências.
- 20 — As transformações políticas, sociais e econômicas da Grécia, do VIII ao VI século a. C.
- 21 — Esparta e sua civilização.
- 22 — Atenas e sua civilização.
- 23 — A religião grega. Os santuários pan-helênicos.
- 24 — A civilização helênica antes de Pericles.
- 25 — As guerras médicas.
- 26 — A formação do império ateniense. O poder marítimo de Atenas. A confederação de Delos.
- 27 — Pericles e o apogeu da civilização helênica. As instituições atenienses.
- 28 — A guerra do Peloponesso.
- 29 — A luta pela hegemonia: Esparta, Atenas, Tebas e seus aliados.
- 30 — A Grécia ocidental.
- 31 — A civilização helênica no IV século a. C.

III. — HISTÓRIA HELENÍSTICA

- 32 — A Macedônia até a morte de Felipe. Sua expansão.
- 33 — A Pérsia no IV século a. C.
- 34 — A conquista de Alexandre.
- 35 — O império de Alexandre e seus problemas internos.
- 36 — O desmembramento do império e a formação dos principais estados helenísticos.
- 37 — A monarquia dos Antígónidas.
- 38 — A monarquia dos Selêucidas. A helenização da Ásia.
- 39 — O Egito dos Ptolomeus. A helenização do vale do Nilo. A civilização alexandrina.

IV. — HISTÓRIA ROMANA.

- 40 — Fontes das histórias de Roma. Quadro geográfico e cronológico.

- 41 — O Lácio primitivo e o início de Roma.
- 42 — O problema etrusco.
- 43 — A época real: história e instituições.
- 44 — Roma, do estabelecimento da república até a expulsão dos gaulões. Instituições. Lutas internas. Transformações sociais e políticas. A lei escrita.
- 45 — A conquista da península itálica. Os samnitas. Tarento e Pirro.
- 46 — Cartago, seu império e sua civilização na época das guerras púnicas.
- 47 — A 1ª guerra púnica e suas consequências. Os bárcidas na Ibéria.
- 48 — A 2ª guerra púnica. A luta na Itália, Ibéria e África. A conquista do Ocidente.
- 49 — A conquista do Oriente. As guerras da Macedônia e da Síria. A anexação de Pérgamo. A helenização do mundo romano.
- 50 — A oligarquia senatorial e as origens da reforma dos Gracos.
- 51 — Os Gracos e o problema do "ager publicus".
- 52 — Mário e Sila. Guerra social e civil.
- 53 — Pompeu.
- 54 — César e sua época. O triunvirato. A guerra civil.
- 55 — O advento de Otávio. A fundação do império.
- 56 — A era de Augusto. O principado e suas instituições.
- 57 — A dinastia júlio-cláudia.
- 58 — A dinastia flávia.
- 59 — Os antoninos.
- 60 — Os severos.
- 61 — A crise do III século. As religiões orientais e o cristianismo.
- 62 — Os imperadores ilírios.
- 63 — Diocleciano e a tetrarquia.
- 64 — Constantino e as origens do império cristão.
- 65 — A divisão do império e sua desagregação.

V. — HISTÓRIA MEDIEVAL.

Prolegômenos: A História da civilização medieval. Sua significação e delimitação no tempo e no espaço. Fontes gerais e especiais. Bibliografia.

- 66 — O mundo romano e o mundo bárbaro no IV século.
- 67 — As grandes invasões do V século. Os reinos bárbaros.
- 68 — A queda e o fim do império romano do Ocidente.
- 69 — Justiniano e a reconquista bizantina do Ocidente.
- 70 — Mafoma e o Islão.
- 71 — A expansão e a civilização muçulmana.
- 72 — Os lombardos e o papado.
- 73 — Os merovíngios. Sua civilização e instituições.
- 74 — Os carolíngios. A época de Carlos Magno. Sua civilização e instituições.
- 75 — Desmembramento do império carolíngio.
- 76 — Invasões normandas. Os varegues e o grão principado de Kiev.
- 77 — A Europa feudal. A cavalaria.
- 78 — O sacro-império romano-germânico.
- 79 — A Igreja. O papado e as ordens monásticas.
- 80 — A querela das investiduras.
- 81 — O renascimento do comércio.
- 82 — As cruzadas.
- 83 — A revolução urbana.
- 84 — A revolução rural.
- 85 — A Inglaterra antes da invasão normanda.
- 86 — A realeza na Inglaterra e na França até a formação do império anglo-normando.
- 87 — O império anglo-normando e a monarquia capetíngia.
- 88 — O apogeu da monarquia feudal na França e a reação aristocrática na Inglaterra. A Magna-Charta.
- 89 — A renascença intelectual e material do século XIII. As universidades.
- 90 — A hegemonia do papado no século XIII.
- 91 — O papado, a Itália e a Alemanha no século XIII.
- 92 — A França no século XIII. Sua luta com o papado.
- 93 — A guerra dos Cem Anos.
- 94 — As transformações políticas, sociais e econômicas da Europa Ocidental nos séculos XIV e XV.

4.º ano e Especialização
(2 aulas semanais).

1 - CÉSAR E SUA ÉPOCA
(pelo livre-docente Dr. Pedro Moacyr Campos)

- 1 — As fontes para o estudo do período. As cartas de Cícero.
- 2 — O mundo romano na época da morte de Sila.
- 3 — A vida em Roma na época de César.
- 4 — A carreira de Pompeu.
- 5 — Cícero: o consulado de 63 e conspiração de Catilina.
- 6 — Origem e formação de César.
- 7 — A formação do Triunvirato e o Consulado de César.
- 8 — Cícero e o Principado de Pompeu. Anarquia em Roma.
- 9 — A conquista da Gália.
- 10 — A ruptura com Pompeu e o início da Guerra civil.
- 11 — César e os historiadores modernos. Sua personalidade e seus objetivos.
- 12 — A guerra civil na Itália, na Espanha e na África até 49.
- 13 — Dyrrachium e Pharsalia.
- 14 — César no Oriente. A situação em Roma na sua ausência.
- 15 — A Campanha da África, a volta de César e o fim da guerra civil.
- 16 — A ditadura e as reformas de César.
- 17 — A conspiração contra César e sua morte.
- 18 — Roma e a Itália à morte de César.
- 19 — Conclusão: A "monarquia" de César e o fim da República Romana.

2. - ALCUNS ASPECTOS DA CIVILIZAÇÃO MEDIEVAL.
(1.º semestre).

(Pelo Prof. E. Simões de Paulo).

- 1 — Condições das pessoas e das terras.
- 2 — Privilegios e direitos.
- 3 — Vida privada nos castelos, nas cidades e no campo.
- 4 — Alimentação e cozinha.
- 5 — A roupa.
- 6 — Jogos e diversões.
- 7 — O comércio.
- 8 — Corporações e ofícios.
- 9 — Impostos, moedas e finanças.
- 10 — Justiça e tribunais.
- 11 — Tribunais secretos.
- 12 — Penalidades.
- 13 — Os judeus.
- 14 — Enémitos, tróves, mendigos. A corte dos milites.

3. - A IDADE MÉDIA NA ESPANHA
4. - A EUROPA OCIDENTAL NA ÉPOCA DOS HOHENSTAUFEN
5. - SEMINÁRIO. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS FONTES RELATIVOS
A HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL (II).

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Prof. Jean Gaggé.
1.º assistente Olga Pantaleão.

Esta cadeira funciona na 2.ª e 3.ª séries do curso de Geografia e História.
Na 2.ª série, há três horas de aulas teóricas e duas horas de seminário, semanalmente.
A 3.ª série adá reservadas tres horas para aulas teóricas.

PROGRAMA

2.ª série

I — A ESTRUTURA POLITICA E A CIVILIZAÇÃO DA EUROPA DE 1648 a 1715

Os tratados de Westfalia e o equilíbrio europeu em 1648.
O fim do conflito franco-espanhol e o começo da hegemonia francesa.

Mazarino, a Fronde, e as origens da monarquia absolutista de Luiz XIV.

A França sob o reinado de Luiz XIV; instituições centrais e locais; governo e administração; problemas económicos; Colbert.

A Inglaterra de Cromwell e da Restauração até a Revolução de 1688.

A Holanda na 2.ª metade do sec. XVII; a sua civilização, o seu papel na vida e os problemas alemães na 2.ª metade do sec. XVII.

As guerras de Luiz XIV até o tratado de Ryswick.

(1) problemas religiosos na Europa na 2.ª metade do século XVII; política católica e política protestante.

A civilização clássica nas letras e nas artes; papel da França; Versailles e o estilo monárquico.

A colisão contra a França e a guerra de Sucessão da Espanha.

As lutas no Báltico; Prússia, Suécia e Rússia no fim do sec. XVII e começo do sec. XVIII.

A crise política e financeira na França no fim do reinado de Luiz XIV.

As origens da filosofia do sec. XVIII.

II — A MONARQUIA DOS HABSBURGOS, O MUNDO ALEMÃO E OS POVOS DA EUROPA CENTRAL DO SEC. XV AO COMPROMISSO AUSTRO-HUNGARO DE 1867.

Origens da dinastia dos Habsburgos e dos domínios da Austria.

A Europa Central no sec. XV; a Boémia hussita; a Hungria, etc.

A ascensão dos Habsburgos até o advento de Carlos V.

A Alemanha no tempo do humanismo e da Reforma; Lutero.

O império de Carlos V e a luta contra a França.

A Austria e os Turcos otomanos; começo da Reconquista austríaca.

A guerra dos Trinta Anos e o novo estatuto do mundo germânico.

A queda da realeza e o primeiro "Terror" (Agosto-Setembro de 1792).

Valmy e a Convenção até a queda dos Girondinos; o processo do rei.

A ditadura dos "Montagnards" e o governo revolucionário em 1793-94.

Robespierre e o "Grande Terror" até o 9 Thermidor.

A convenção termidoriana.

A política exterior da Revolução e a 1.ª coalizão até os tratados de 1795.

O regime interior do Diretório.

A política exterior do Diretório, a 2.ª coalizão e a ascensão do General Bonaparte.

O 18 Brumário.

A França sob o consulado provisório. A consagração do ano VIII.

A reconstrução da França sob o Consulado; a reorganização administrativa, judiciária e financeira.

A pacificação interna da França sob o Consulado; a Concórdia, o Código Civil, etc. A pacificação externa; Lunéville e Amiens.

A criação do Império em França; evolução; do consulado vitalício ao Império.

A formação do Grande Império até Tilsit. O reinício da guerra com a Inglaterra; o reconeço da guerra continental. A organização do Império depois de Austerlitz; a luta com a Prússia e Rússia. Tilsit.

A situação interna da França até 1810.

O exército da Revolução e do Império.

A questão da Espanha.

O Império em 1809-1810; a guerra com a Austria; o casamento austríaco.

O Grande Império em 1810-1811.

A situação interna da França em 1810-1812; sistema económico-financeiro de Napoleão.

A questão religiosa e o conflito com o Papa.

A queda do Império; campanha da Rússia e campanha de 1813; a campanha de França; a 1.ª Restauração; os Cem Dias.

A formação do Estado prussiano até o começo do sec. XVII.

Grandes e decadência do império suéco.

A Polónia e a ascensão da Rússia no começo do sec. XVIII.

A Austria nos meados do sec. XVIII; os domínios da Bélgica e de Itália; a política imperial.

Maria-Teresa, o duelo com Frederico II e a crise da Austria.

O problema da Baviera no sec. XVIII.

A luta contra os Turcos no sec. XVIII.

O papel da Austria nas partilhas da Polónia.

A Austria e a Revolução Francesa.

Napoleão e o Império da Austria.

O Império austríaco de 1815 a 1860; problemas internos e externos.

III — A EXPANSÃO COLONIAL INGLESA

A Inglaterra do sec. XVII; origens da preponderância marítima e primeiros empreendimentos coloniais; o Ato de Navegação e a marinha inglesa.

Inglaterra e Holanda no sec. XVII.

Inglaterra e Espanha até os tratados de Utrecht.

O regime da Grã-Bretanha depois da Revolução de 1688 e os princípios da expansão marítima e colonial.

As Condições coloniais, o contrabando, e os estabelecimentos na América.

O duelo entre a Inglaterra e França no sec. XVIII, na América e na Índia, até o tratado de Paris (1763).

A perda das colónias da América do Norte e o conflito com a França e a Espanha.

O conflito com a Revolução Francesa e os lucros coloniais da Grã-Bretanha.

A Inglaterra no fim das guerras napoleónicas; natureza da sua preponderância colonial e naval.

A Índia inglesa até a guerra dos Cipayos.

A expansão britânica na Oceania; Australia, Nova Zelândia e arquipélagos.

A formação do "dominion" do Canal de Suez no sec. XIX.

Palmerston e a expansão inglesa.

(1) livre comércio e as consequências na política colonial.

(2) movimento "colonialista" depois de 1870; explorações geográficas e empresas coloniais na África.

O estabelecimento da Grã-Bretanha no Egipto e a sua expansão no Mediterrâneo Oriental depois de 1882.

(3) interesses britânicos na China e no Extremo Oriente no fim do sec. XIX.

O movimento "imperialista" no fim do sec. XIX; Joseph Chamberlain e Kipling; fatores económicos e fatores sentimentais.

A guerra dos Boers e a formação do "dominion" da África Austral.

A rivalidade naval anglo-alemã no começo do sec. XX.

A guerra de 1914-1918 e o Império britânico.

IV — EXERCÍCIOS DE SEMINÁRIO

Exposições feitas pelos alunos (3.ª Série).

Correção pelo professor.

Explicação de textos históricos, etc.

(Os alunos da 2.ª série tomarão parte ativa nestes exercícios).

V — A REVOLUÇÃO FRANCESA E O IMPÉRIO NAPOLEÓNICO.

A crise política e financeira na França no fim do reinado de Luiz XVI; as tentativas de reforma de Turgot e Necker.

A propaganda filosófica e a opinião pública em 1789.

A convocação dos Estados Gerais e a Assembleia Nacional Constituinte.

O 14 de Julho e os movimentos municipais e rurais.

O ano 1790 e a obra legislativa da Constituinte; a Constituição de 1791.

A fuga do rei e a crise de 1791; fim da Constituinte.

A Assembleia Legislativa; crise interior e começo da guerra exterior.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

História da Civilização Moderna e Contemporânea

3ª série

I — "O SEGUNDO IMPÉRIO": A VIDA POLÍTICA E A CIVILIZAÇÃO NA FRANÇA E NA EUROPA DE 1848 a 1870.

As revoluções de 1848 e o seu fracasso.
A evolução política da 2ª República francesa.
O golpe de estado do Príncipe Presidente e o estabelecimento da 2ª Império.

O Papado e o movimento católico na França.
Napoleão III e a política das nacionalidades.
O Império "autoritário"; as guerras de Crimeia e de Lombardia.
A Vida social e artística na França; a corte de Napoleão III.
A Inglaterra da "era vitoriana" e as suas relações com a França.
A evolução política do 2º Império depois de 1860: o Império "Liberal".

O desenvolvimento industrial; livre comércio e organização do trabalho; o canal de Suez.

A política exterior de Napoleão III; a guerra do México.
Sadova.

A questão romana.
Os últimos anos do 2º Império e a sua queda.

II — A EXPANSÃO COLONIAL INGLEZA
Ver o programa da 2ª série.

III — A MONARQUIA DOS HABSBURGOS, O MUNDO ALEMÃO E OS POVOS DA EUROPA CENTRAL DO SEC. XV AO COMPROMISSO AUSTRO-HUNGARO DE 1867.
Ver o programa da 2ª série.

IV — EXERCÍCIOS DE SEMINÁRIO

Exposições feitas pelos alunos (a cargo da 3ª série).
Correção pelo professor.
Explicação de textos históricos, etc.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E
MEDIEVAL

Prof. Euripedes Simões de Paula.

1.º assistente Eduardo de Oliveira Fraga.

Esta cadeira funciona na 1.ª série do curso de Geografia e História, na 1.ª e 2.ª séries do curso de Letras Clássicas e nas 1.ª, 2.ª e 3.ª séries do curso de Letras Anglo-Germânicas, e de Letras Neo-Latinas.

No curso de Geografia e História há, semanalmente, 8 horas de aulas práticas.

PROGRAMA

1ª série

1.ª série

História da Civilização Antiga

Prolegômenos: A História da Civilização Antiga. Sua significação e delimitação no tempo e no espaço. Fontes gerais e especiais. Bibliografia. Disciplinas auxiliares. Os problemas cronológicos.

I — HISTÓRIA ORIENTAL

a) Próximo-Oriente:

- 1 — Quadro geográfico. Esboço da Pré-história do Oriente.
- 2 — Proto-história do Egito e da Mesopotâmia. Predinastias egípcias. Os Sumérios.
- 3 — O Império Tinita. Origens da monarquia centralizada.
- 4 — O Império Mitânico.
- 5 — A civilização na Ásia Ocidental.
- 6 — A Mesopotâmia no III.º milênio a.C. Rivalidade entre a Suméria e Acade.
- 7 — Os Amorritas. Hamurabi e seu código. Migração dos Indo-Europeus. Hititas e Cassitas.
- 8 — O Médio Império Teluano. Os Hititas.
- 9 — O Novo Império Teluano. Os Mitannenses.
- 10 — A rivalidade egípcio-hitita. Os Povos do Norte e do Mar.
- 11 — Sírios e Fenícios. Suas civilizações.
- 12 — Os Hebreus e sua civilização.
- 13 — O Império Assírio e Babilônia.
- 14 — O Império Persa.

b) Extremo Oriente:

- 15 — A Índia pré-ariana. A época védica.
- 16 — O budismo e o jainismo. Os Maúrias. A influência helenística na Índia.
- 17 — A Índia dos Guptas à invasão do Islão.
- 18 — A China e sua civilização até a dinastia Han.
- 19 — O Japão até a era Nara.

II — HISTÓRIA GREGA

- 20 — Introdução ao estudo da História Grega. O meio geográfico e sua influência na civilização grega.
- 21 — As civilizações pré-helênicas.
- 22 — As grandes migrações. Aqueus e Dórios.
- 23 — A Grécia do período homérico: do "genos" à "polis".
- 24 — A colonização grega e suas causas.
- 25 — As transformações políticas, sociais e econômicas da Grécia do VIII.º ao VI.º século a.C.
- 26 — Esparta e a sua civilização.
- 27 — Atenas e sua civilização. A democracia ateniense.
- 28 — A religião grega. Os santuários pan-helênicos.
- 29 — A civilização grega antes de Péricles.
- 30 — As guerras médicas.
- 31 — A formação do Império ateniense. O poder marítimo de Atenas. A confederação de Delos.
- 32 — Péricles e o apogeu da civilização grega. As instituições de Atenas.
- 33 — A guerra do Pulojoneso.
- 34 — A luta pela hegemonia: Esparta, Atenas, Tebas e seus aliados.
- 35 — A Grécia Ocidental.
- 36 — A civilização grega no IV.º século a.C.

III — HISTÓRIA HELENÍSTICA

- 37 — A Macedônia até a morte de Felipe. Sua expansão.
- 38 — A Pérsia no IV.º século a.C.
- 39 — A conquista de Alexandre.
- 40 — O império de Alexandre e seus problemas internos.
- 41 — O desmembramento do Império de Alexandre e a formação dos principais Estados helenísticos.
- 42 — A monarquia dos Antigonidas e a Grécia.
- 43 — A monarquia dos Selêucidas. A helenização do Próximo-Oriente.
- 44 — O Egito dos Lágidas. Instituições e civilização.

IV — HISTÓRIA ROMANA

- 45 — Fontes da História Romana. Quadro geográfico e topográfico.
- 46 — O Lácio primitivo e o início de Roma.
- 47 — O problema etrusco.
- 48 — A época real; sua história e instituições.
- 49 — Roma, do estabelecimento da República até a expansão dos Gauleses. Instituições. Lutas internas. Formações sociais e políticas. A lei escrita.
- 50 — A conquista da Itália. Guerra contra os Sâmitas, Lúcio e Pírrico. Instituições da época.
- 51 — Cartago, seu Império e sua civilização na época das Guerras Púnicas.
- 52 — A 1.ª Guerra Púnica e suas consequências. Os Sâmitas na Itália.
- 53 — A 2.ª Guerra Púnica. A luta na Itália, Itália e a conquista do Ocidente.
- 54 — A conquista romana do Oriente. As guerras da Síria e da Síria. A anexação de Pérgamo. A formação do mundo romano.
- 55 — O governo oligárquico do II.º século a.C. e as reformas dos Gracos.
- 56 — Os Gracos e o problema do "ager publicus".
- 57 — Mário e Sula. Guerra social e civil.
- 58 — Pompeu.
- 59 — César e sua época. O 1.º triunvirato. A guerra civil.
- 60 — O advento de Otávio. A fundação do Império.
- 61 — A era de Augusto. As instituições de sua época.
- 62 — A dinastia júlio-cláudia.
- 63 — A dinastia flávia.
- 64 — Os Antoninos.
- 65 — Os Severos.
- 66 — A crise do III.º século. As religiões orientais e o cristianismo.
- 67 — Os imperadores ilírios.
- 68 — Diocleciano e a tetrarquia.
- 69 — Constantino e as origens do Império Cristão.
- 70 — A divisão do Império e sua desagregação.

V — HISTÓRIA IBÉRICA

- 71 — A Pré-história ibérica.
- 72 — A Ibéria pré-romana: Sâmitas e Gregos.
- 73 — A resistência indígena contra Roma.
- 74 — A civilização romana na Ibéria.

VI — HISTÓRIA DA ÁFRICA

- 75 — A Pré-história africana.
- 76 — Os Berberes.
- 77 — Cartago e seu império africano.
- 78 — Os reinos berberes.
- 79 — A África romana até o III.º século.
- 80 — A África romana do Baixo-Imperio e sua desagregação.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

História da Civilização Antiga e Medieval
1ª série (continuação)

História da Civilização Medieval

Prolegômenos: A História Medieval. Sua significação e delimitação no tempo e no espaço. Pontos gerais e especiais. Bibliografia.

VII — A ALTA E BAIXA IDADE MÉDIA OCIDENTAL.

- 81 — O mundo romano e o mundo bárbaro no IV.^o século.
- 82 — As grandes invasões do V.^o século.
- 83 — Agonia e morte do Império do Ocidente.
- 84 — Justiniano e a reconquista bizantina do Ocidente.
- 85 — Maíoma e o Islão.
- 86 — A expansão e a civilização muçulmana.
- 87 — Os Lombardos e o Papado.
- 88 — Os Merovíngios. Sua civilização e instituições.
- 89 — Os Carolíngios. A época de Carlos Magno. Sua civilização e instituições.
- 90 — O desmembramento do Império Carolíngio.
- 91 — As invasões normandas.
- 92 — A Europa feudal.
- 93 — O Santo Império Romano Germânico.
- 94 — A Igreja. O Papado e as ordens monásticas.
- 95 — A querela das Investiduras.
- 96 — O movimento das Cruzadas.
- 97 — O renascimento do comércio.
- 98 — A revolução urbana.
- 99 — A revolução rural.
- 100 — A Inglaterra antes da invasão normanda.
- 101 — A realeza na França e na Inglaterra desde o X.^o século até a formação do Império Angevino.
- 102 — O Império Angevino e a monarquia capetíngia.
- 103 — O apogeu da monarquia feudal na França e a reação aristocrática na Inglaterra. A Magna-Carta.
- 104 — A renascença intelectual do século XIII.
- 105 — A hegemonia do Papado no século XIII.
- 106 — O Papado, a Itália e a Alemanha no século XIII.
- 107 — A França no século XIII. Sua luta com o Papado.
- 108 — A Guerra dos Cem Anos.
- 109 — As transformações políticas, sociais e econômicas da Europa Ocidental nos séculos XIV e XV.

VIII — HISTÓRIA BIZANTINA.

- 110 — A fundação de Constantinopla e o Império do Oriente no V.^o século.
- 111 — Justiniano e o Império Grego no VI.^o século.
- 112 — A dinastia de Heráclio.
- 113 — A querela iconoclasta.
- 114 — A dinastia macedônica e o apogeu do Império.
- 115 — Bizâncio e as Cruzadas.
- 116 — O Império Latino de Constantinopla e o Império Grego de Niceia.
- 117 — Bizâncio e os Eslavos.
- 118 — Os Paleólogos e a queda de Bizâncio.

IX — HISTÓRIA DO EXTREMO-ORIENTE.

- 119 — A Índia maometana. A Idade Média hindu. O Império do Grão-Mungol.
- 120 — A China até a dinastia mongol.
- 121 — O Japão até o shogunato dos Tokugawa.

X — HISTÓRIA DA ÁFRICA.

- 122 — A conquista e a ocupação da África do Norte pelos Vândalos.
- 123 — A reconquista bizantina.
- 124 — A conquista árabe.
- 125 — Os Almorávidas e os Almôidas.

XI — HISTÓRIA IBERICA.

- 126 — O domínio visigótico.
- 127 — A conquista árabe. O califado de Córdoba.
- 128 — A reconquista e a unidade espanhola.
- 129 — A independência portuguesa. A dinastia de Borgonha.
- 130 — A dinastia de Aviz e a expansão portuguesa.

XII — SEMINÁRIO.

Explicação e comentário de textos históricos referentes às matérias ministradas nos diversos cursos da Cadeira. Historiografia. Crítica a trabalhos e provas escritas dos alunos. Organização e bibliografia de trabalhos escritos.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E
MEDIEVAL (XXVI)

Professor: — Eurípides Simões de Paula (catedrático).
Assistente: — Pedro Moscyr de Campos.
Auxiliares do ensino: — Aldo Janotti e Paulo Pereira de Castro.

1º. ano

Prólogo: A História da civilização antiga. Sua significação e delimitação no tempo e no espaço. Fontes gerais e especiais. Disciplinas auxiliares. Os problemas cronológicos.

I. — HISTÓRIA ORIENTAL.

- 1 — Quadro geográfico. Esboço da pré-história do Oriente.
- 2 — Proto-história do Egito e da Mesopotâmia. Pre-dinastias egípcias. Os sumérios.
- 3 — O império hitita. As origens da monarquia centralizada.
- 4 — O império assírio.
- 5 — A civilização da Ásia Ocidental. Os semitas.
- 6 — A Mesopotâmia no III milênio a. C. Rivalidade entre assírios e acádios.
- 7 — Os amorritas. Hamurabi e seu código. Migração dos indo-europeus. Hititas e cassitas.
- 8 — O médio império hitita. Os hititas.
- 9 — O novo império hitita. Os mitannitas.
- 10 — A rivalidade egípcio-hitita. Os povos do norte e do mar.
- 11 — Sírios e fenícios. Suas civilizações.
- 12 — Os hebreus e sua civilização.
- 13 — O império assírio e babilônico.
- 14 — O império persa.

II. — HISTÓRIA GREGA.

- 15 — Introdução ao estudo da história grega. O meio geográfico e sua influência.
- 16 — As civilizações pré-helênicas.
- 17 — As grandes migrações. Aqueus e dórios.
- 18 — A Grécia do período homérico; do "genos" à "polis".
- 19 — A colonização grega. Causas e consequências.
- 20 — As transformações políticas, sociais e econômicas da Grécia, do VIII ao VI século a. C.
- 21 — Esparta e sua civilização.
- 22 — Atenas e sua civilização.
- 23 — A religião grega. Os santuários pan-helênicos.
- 24 — A civilização helênica antes do Pericles.
- 25 — As guerras médicas.
- 26 — A formação do império ateniense. O poder marítimo de Atenas. A confederação do Delos.
- 27 — Pericles e o apogeu da civilização helênica. As instituições atenienses.
- 28 — A guerra do Peloponesso.
- 29 — A luta pela hegemonia: Esparta, Atenas, Tebas e seus aliados.
- 30 — A Grécia ocidental.
- 31 — A civilização helênica no IV século a. C.

III. — HISTÓRIA HELENÍSTICA

- 32 — A Macedônia até a morte de Felipe. Sua expansão.
- 33 — A Pérsia no IV século a. C.
- 34 — A conquista de Alexandre.
- 35 — O império de Alexandre e seus problemas internos.
- 36 — O desmembramento do império e a formação dos principados helenísticos.
- 37 — A monarquia dos Antígônidas.
- 38 — A monarquia dos Selêucidas. A helenização da Ásia.
- 39 — O Egito dos Ptolomeus. A helenização do vale do Nilo. A civilização alexandrina.

IV. — HISTÓRIA ROMANA.

- 40 — Fontes das histórias de Roma. Quadro geográfico e etnográfico.

- 41 — O Lácio primitivo e o início de Roma.
- 42 — O problema etrusco.
- 43 — A república: história e instituições.
- 44 — Roma, do estabelecimento da república até a expulsão dos gaulenses. Instituições. Lutas internas. Transformações sociais e políticas. A lei escrita.
- 45 — A conquista da península itálica. Os samnitas. Tarento e Pirro.
- 46 — Cartago, seu império e sua civilização na época das guerras púnicas.
- 47 — A 1ª guerra púnica e suas consequências. Os bárcidas na Itália.
- 48 — A 2ª guerra púnica. A luta na Itália, Ibéria e África. A conquista do Ocidente.
- 49 — A conquista do Oriente. As guerras da Macedônia e da Síria. A anexação de Pérgamo. A helenização do mundo romano.
- 50 — A oligarquia senatorial e as origens da reforma dos Gracchos.
- 51 — Os Gracchos e o problema do "ager publicus".
- 52 — Mário e Sula. Guerra social e civil.
- 53 — Pompeu.
- 54 — César e sua época. O triunvirato. A guerra civil.
- 55 — O advento de Otávio. A fundação do império.
- 56 — A era de Augusto. O principado e suas instituições.
- 57 — A dinastia júlio-cláudia.
- 58 — A dinastia flávia.
- 59 — Os antoninos.
- 60 — Os severos.
- 61 — A crise do III século. As religiões orientais e o cristianismo.
- 62 — Os imperadores ilírios.
- 63 — Diocleciano e a tetrarquia.
- 64 — Constantino e as origens do império cristão.
- 65 — A divisão do império e sua desagregação.

V. — HISTÓRIA MEDIEVAL.

Prólogo: A História da civilização medieval. Sua significação e delimitação no tempo e no espaço. Fontes gerais e especiais. Bibliografia.

- 66 — O mundo romano e o mundo bárbaro no IV século.
- 67 — As grandes invasões do V século. Os reinos bárbaros.
- 68 — Agostino e a reconquista bizantina do Ocidente.
- 69 — Justiniano e a reconquista bizantina do Ocidente.
- 70 — Maomé e o Islão.
- 71 — A expansão e a civilização muçulmana.
- 72 — Os lombardos e o papado.
- 73 — Os merovíngios. Sua civilização e instituições.
- 74 — Os carolíngios. A época de Carlos Magno. Sua civilização e instituições.
- 75 — Desmembramento do império carolíngio.
- 76 — Invasões normandas. Os varegues e o grão principado de Kiev.
- 77 — A Europa feudal. A cavalaria.
- 78 — O sacro-império romano-germânico.
- 79 — A Igreja. O papado e as ordens monásticas.
- 80 — A querela das investiduras.
- 81 — O renascimento do comércio.
- 82 — As cruzadas.
- 83 — A revolução urbana.
- 84 — A revolução rural.
- 85 — A Inglaterra antes da invasão normanda.
- 86 — A realeza na Inglaterra e na França até a formação do império angevino.
- 87 — O império angevino e a monarquia capetúrgica.
- 88 — O apogeu da monarquia feudal na França e a reação aristocrática na Inglaterra. A Magna-Charta.
- 89 — A renascença intelectual e material do século XIII. As universidades.
- 90 — A hegemonia do papado no século XIII.
- 91 — O papado, a Itália e a Alemanha no século XIII.
- 92 — A França no século XIII. Sua luta com o papado.
- 93 — A guerra dos Cem Anos.
- 94 — As transformações políticas, sociais e econômicas da Europa Ocidental nos séculos XIV e XV.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
História da Civilização Antiga e Medieval

4.º ano e Especialização
(2 aulas semanais).

1 - CÉSAR E SUA ÉPOCA
(pelo livre-docente Dr. Pedro Moacyr Campos)

- 1 — As fontes para o estudo do período. As cartas de Cícero.
- 2 — O mundo romano na época da morte de Sula.
- 3 — A vida em Roma na época de César.
- 4 — A carreira de Pompeu.
- 5 — Cícero: o consulado de 63 e conspiração de Catilina.
- 6 — Origem e formação de César.
- 7 — A formação do Triunvirato e o Consulado de César.
- 8 — Cícero e o Principado de Pompeu. Anarquia em Roma.
- 9 — A conquista da Gália.
- 10 — A ruptura com Pompeu e o início da Guerra civil.
- 11 — César e os historiadores modernos. Sua personalidade e seus objetivos.
- 12 — A guerra civil na Itália, na Espanha e na África até 49.
- 13 — Dyrrachium e Pharsalia.
- 14 — César no Oriente. A situação em Roma na sua ausência.
- 15 — A Campanha da África, a volta de César e o fim da guerra civil.
- 16 — A ditadura e as reformas de César.
- 17 — A conspiração contra César e sua morte.
- 18 — Roma e a Itália à morte de César.
- 19 — Conclusão: A "monarquia" de César e o fim da República Romana.

2 - ALGUNS ASPECTOS DA CIVILIZAÇÃO MEDIEVAL
(1.º semestre).

(pelo Prof. E. Simões de Paula).

- 1 — Condições das pessoas e das terras.
- 2 — Privilegios e direitos.
- 3 — Vida privada nos castelos, nas cidades e no campo.
- 4 — Alimentação e cozinha.
- 5 — A roupa.
- 6 — Jogos e diversões.
- 7 — O comércio.
- 8 — Corporações e ofícios.
- 9 — Impostos, moedas e finanças.
- 10 — Justiça e tribunais.
- 11 — Tribunais secretos.
- 12 — Penalidades.
- 13 — Os judeus.
- 14 — Buônitos, tróves, mendigos. A corte dos milites.

3. — A IDADE MÉDIA NA ESPANHA
4. — A EUROPA OCIDENTAL NA ÉPOCA DOS HOHENSTAUFEN
5. — SEMINÁRIO: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS-FONTES RELATIVOS À HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL (II)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO MODERNA E
CONTEMPORÂNEA

Prof. Jean Gégé,
1.º assistente Olga Pantaleão.

Esta cadeira funciona na 2.ª e 3.ª séries do curso de Geografia e História.
Na 2.ª série, há três horas de aulas teóricas e duas horas de seminário, semanalmente.
A 3.ª série são reservadas três horas para aulas teóricas.

PROGRAMA

2.ª série

I — A ESTRUTURA POLÍTICA E A CIVILIZAÇÃO DA
EUROPA DE 1648 a 1715

Os tratados de Westfália e o equilíbrio europeu em 1648.
O fim do conflito franco-espanhol e o começo da hegemonia francesa.

Mazarino, a Fronde, e as origens da monarquia absolutista de Luiz XIV.

A França sob o reinado de Luiz XIV; instituições centrais e locais; governo e administração; problemas econômicos; Colbert.

A Inglaterra de Cromwell e da Restauração até a Revolução de 1688.

A Holanda na 2.ª metade do sec. XVII; a sua civilização, o seu papel na vida e os problemas alemães na 2.ª metade do sec. XVII.

As guerras de Luiz XIV até o tratado de Ryswick.

1) problemas religiosos na Europa na 2.ª metade do século. XVII; política católica e política protestante.

A civilização clássica nas letras e nas artes; papel da França. Versalhes e o estilo monárquico.

A colisão contra a França e a guerra de Sucessão da Espanha.

As lutas no Báltico; Prússia, Suécia e Rússia no fim do sec. XVII e começo do sec. XVIII.

A crise política e financeira na França no fim do reinado de Luiz XIV.

As origens da filosofia do sec. XVIII.

II — A MONARQUIA DOS HABSBURGOS, O MUNDO
ALEMÃO E OS POVOS DA EUROPA CENTRAL DO
SEC. XV AO COMPROMISSO AUSTRO-HUNGARO
DE 1867.

Origens da dinastia dos Habsburgos e dos domínios da Áustria.

A Europa Central no sec. XV; a Boêmia hussita; a Hungria, etc.

A ascensão dos Habsburgos até o advento de Carlos V.

A Alemanha no tempo do humanismo e da Reforma; Lutero.

O Império de Carlos V e a luta contra a França.

A Áustria e os Turcos otomanos; começo da Reconquista austríaca.

A guerra dos Trinta Anos e o novo estatuto do mundo germânico.

A queda da realeza e o primeiro "Terror" (Agosto-Setembro de 1792).

Valmy e a Convenção até a queda dos Girondinos; o processo do rei.

A ditadura dos "Montagnards" e o governo revolucionário em 1793-94.

Rouespierre e o "Grande Terror" até o 9 Thermidor.

A convenção termidoriana.

A política exterior da Revolução e a 1.ª coalizão até os tratados de 1795.

O regime interior do Diretório.

A política exterior do Diretório, a 2.ª coalizão e a ascensão do General Bonaparte.

O 18 Brumário.

A França sob o consulado provisório. A constituição do ano VIII.

A reconstrução da França sob o Consulado: a reorganização administrativa, judiciária e financeira.

A pacificação interna da França sob o Consulado: a Concordata, o Código Civil, etc. A pacificação externa: Lindeville e Amiens.

A criação do Império em França; evolução; do consulado vitalício ao Império.

A formação do Grande Império até Tilsit. O reinício da guerra com a Inglaterra; o reconhecimento da guerra continental. A organização do Império depois de Austerlitz; a luta com a Prússia e Rússia. Tilsit.

A situação interna da França até 1810.

O exército da Revolução e do Império.

A questão da Espanha.

O Império em 1809-1810; a guerra com a Áustria; o casamento austríaco.

O Grande Império em 1810-1811.

A situação interna da França em 1810-1812; sistema econômico-financeiro de Napoleão.

A questão religiosa e o conflito com o Papa.

A queda do Império; campanha da Rússia e campanha de 1813; a campanha de França; a 1.ª Restauração; os Cem Dias.

A formação do Estado prussiano até o começo do sec. XVII.

Grandes e decadência do império austro.

A Polónia e a ascensão da Rússia no começo do sec. XVIII.

A Áustria nos meados do séc. XVIII; os domínios da Balcânica e da Itália; a política imperial.

Maria-Teresa, o ducho com Frederico II e a crise da Áustria.

O problema da Baviera no sec. XVIII.

A luta contra os Turcos no sec. XVIII.

O papel da Áustria nas partilhas da Polónia.

A Áustria e a Revolução Francesa.

Napoleão e o Império da Áustria.

O Império austríaco de 1815 a 1866; problemas internos e externos.

III — A EXPANSÃO COLONIAL INGLESA

A Inglaterra do sec. XVII; origens da preponderância marítima e primeiros empreendimentos coloniais; o Ato de Navegação e a marinha inglesa.

Inglaterra e Holanda no sec. XVII.

Inglaterra e Espanha até os tratados de Utrecht.

O regime da Grã-Bretanha depois da Revolução de 1688 e os princípios da expansão marítima e colonial.

As Companhias coloniais, o contrabando, e os estabelecimentos na América.

O duelo entre a Inglaterra e França no sec. XVIII, na América e na Índia, até o tratado de Paris (1763).

A perda das colónias da América do Norte e o conflito com a França e a Espanha.

O conflito com a Revolução Francesa e os lucros coloniais da Grã-Bretanha.

A Inglaterra no fim das guerras napoleônicas; natureza da sua preponderância colonial e naval.

A Índia inglesa até a guerra dos Cipalos.

A expansão britânica na Oceania: Austrália, Nova Zelândia e arquipélagos.

A formação do "dominion" do Canadá no sec. XIX.

Palmerston e a expansão inglesa.

1) livre comércio e as consequências na política colonial.

2) movimento "colonialista" depois de 1870; explorações geográficas e empresas coloniais na África.

O estabelecimento da Grã-Bretanha no Egito e a sua expansão no Mediterrâneo Oriental depois de 1882.

Os interesses britânicos na China e no Extremo Oriente no fim do sec. XIX.

O movimento "imperialista" no fim do sec. XIX; Joseph Chamberlain e Kipling; fatores econômicos e fatores sentimentais.

A guerra dos Boers e a formação do "dominion" da África Austral.

A rivalidade naval anglo-alemã no começo do sec. XX.

A guerra de 1914-1918 e o Império britânico.

IV — EXERCÍCIOS DE SEMINÁRIO

Exposições feitas pelos alunos (3.ª Série).

Correção pelo professor.

Explicação de textos histiológicos, etc.

(Os alunos da 2.ª série tomarão parte ativa nesses exercícios).

V — A REVOLUÇÃO FRANCESA E O IMPÉRIO NAPOLEÔNICO.

A crise política e financeira na França no fim do reinado de Luiz XVI; as tentativas de reforma de Turgot e Necker.

A propaganda filosófica e a opinião pública em 1789.

A convocação dos Estados Gerais e a Assembleia Nacional.

A constituinte.

O 14 de Julho e os movimentos municipais e rurais.

O ano 1790 e a obra legislativa da Constituinte: a Constituição de 1791.

A fuga do rei e a crise de 1791; fim da Constituinte.

A Assembleia Legislativa; crise interior e começo da guerra exterior.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

História da Civilização Moderna e Contemporânea

3.ª série

I — "O SEGUNDO IMPÉRIO": A VIDA POLÍTICA E A CIVILIZAÇÃO NA FRANÇA E NA EUROPA DE 1848 a 1870.

As revoluções de 1848 e o seu fracasso.

A evolução política da 2.ª República francesa.

O golpe de estado do Príncipe Presidente e o estabelecimento do 2.º Império.

O Papado e o movimento católico na França.

Napoleão III e a política das nacionalidades.

O Império "autoritário"; as guerras de Criméia e de Lombardia.

A vida social e artística na França; a corte de Napoleão III.

A Inglaterra da "era vitoriana" e as suas relações com a França.

A evolução política do 2.º Império depois de 1860: o Império "Liberal".

O desenvolvimento industrial; livre comércio e organização do trabalho; o canal de Suez.

A política exterior de Napoleão III: a guerra do México.

Sadova.

A questão romana.

Os últimos anos do 2.º Império e a sua queda.

II — A EXPANSÃO COLONIAL INGLEZA

Ver o programa da 2.ª série.

III — A MONARQUIA DOS HABSBURGOS, O MUNDO ALEMÃO E OS POVOS DA EUROPA CENTRAL DO SEC. XV AO COMPROMISSO AUSTRO-HUNGARO DE 1867.

Ver o programa da 2.ª série.

IV — EXERCÍCIOS DE SEMINÁRIO

Exposições feitas pelos alunos (a cargo da 3.ª série).

Correção pelo professor.

Explicação de textos históricos, etc.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA.

CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO MODERNA
E CONTEMPORÂNEA (XXVII).

Professor: — Eduardo d'Oliveira França (catedrático).
Assistente: — Manuel Nunes Dias.

HISTÓRIA MODERNA.

2.º ano

(2 aulas semanais).

1.ª) A ÉPOCA DO RENASCIMENTO.

I — Ideia do Renascimento.

- 1 — a descoberta da Antiguidade
- 2 — a descoberta do Homem
- 3 — a descoberta do Mundo.

A) As bases do Renascimento.

II — As bases políticas do Renascimento

- 1 — as cidades-estados
- 2 — as cortes principescas e reais
- 3 — o particularismo político e o centralismo.

III — Os quadros sociais do Renascimento.

- 1 — as aristocracias
- 2 — a ascensão da burguesia e o capitalismo
- 3 — o nivelamento das classes.

IV — As bases econômicas do Renascimento

- 1 — as economias do Mediterrâneo: ouro do Sudão e do Tombuctú
- 2 — a expansão do comércio e das operações bancárias
- 3 — os metais da América

B) O espírito do Renascimento.

V — A religião do Renascimento

- 1 — a crise da consciência cristã
- 2 — a filosofia paga e o cristianismo
- 3 — ciências e religião.

VI — A filosofia do Renascimento.

- 1 — o humanismo italiano, flamengo e ibérico
- 2 — o racionalismo
- 3 — o individualismo.

VII — O movimento

- 1 — a aristocracia e a burguesia
- 2 — os Papas humanistas
- 3 — os reis do Renascimento

VIII — Os problemas e os conflitos

- 1 — as resistências medievais
- 2 — a Igreja e o Renascimento
- 3 — os antigos e os modernos.

C) A irradiação do Renascimento.

IX — Os centros de difusão

- 1 — as cidades italianas: Florença e Veneza
- 2 — Roma e os Papas
- 3 — a corte do Borgonha e a Flandres.

X — A irradiação do Renascimento.

- 1 — os exércitos e as guerras da Itália
- 2 — os banqueiros e os comerciantes
- 3 — as viagens e as missões artísticas.

XI — As rotas do Renascimento.

- 1 — as rotas da Flandres
- 2 — a rota da Alemanha do Sul
- 3 — o Mediterrâneo ocidental

— 181 —

D) O homem do Renascimento.

XII — O culto do homem.

- 1 — o gosto das biografias
- 2 — os ideais de beleza: "l'ordine nuovo"
- 3 — o "perfeito cortesão".

XIII — A moral do Renascimento

- 1 — o ideal de "virtu" e as paixões
- 2 — o sentimento de honra e a fidelidade
- 3 — as influências do paganismo e do exotismo

XIV — A vida religiosa no Renascimento

- 1 — a religião cotidiana
- 2 — as superstições
- 3 — a irreligião do Renascimento

XV — A vida social no Renascimento

- 1 — o refinamento dos costumes
- 2 — a vida em sociedade e as festas
- 3 — a situação da mulher.

E) O Renascimento: na Itália, França, Países Baixos, Inglaterra, Alemanha, Espanha e Portugal.

XVI — O pensamento político no Renascimento.

- 1 — as tradições medievais
- 2 — as influências da antiguidade
- 3 — Maquiavel e o maquiavelismo.

XVII — As artes no Renascimento: idéias, obras e artistas.

- 1 — a arquitetura
- 2 — a pintura
- 3 — a escultura.

XVIII — As ciências do Renascimento.

- 1 — as descobertas, as viagens e a concepção do mundo
- 2 — as ciências naturais
- 3 — as ciências do homem.

XIX — A historiografia do Renascimento.

- 1 — a historiografia humanista
- 2 — a historiografia humanista e a história nacional
- 3 — a historiografia não humanista.

XX — O Renascimento no Brasil.

- 1 — a corte de Maurício de Nassau
- 2 — as artes e a ciência holandesa no Brasil
- 3 — o Renascimento português no Brasil: um problema.

XXI — O declínio do Renascimento.

- 1 — a Reforma e o Renascimento
- 2 — a Reforma Católica e o Barroco
- 3 — o conflito do Barroco: cultura e ação.

2.ª) A FLORENÇA ATLÂNTICA NO SÉCULO XVI

(1 aula semanal).

A) As condições geográficas do Atlântico.

- 1 — a estrutura
- 2 — as águas e os ventos
- 3 — as correntes e as marés.

B) A exploração do Atlântico.

- 1 — Colombo e a exploração do Atlântico Central
- 2 — A. Vespucci e o Atlântico Sul
- 3 — A exploração do Atlântico Norte
- 4 — O reconhecimento das ilhas.

C) Naus e navegação.

- 1 — Propriedade e procedência das embarcações.
- 2 — Tripulação e equipamento técnico
- 3 — Navegação, gente de mar e custo dos transportes
- 4 — O seguro marítimo, recrutamento, venamentos, navios e tonelagem

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
História da Civilização Moderna. (continuação)

D) A luta pelas rotas do Atlântico.

- 1 — As rotas portuguesas
- 2 — As rotas marítimas espanholas
- 3 — Frota e galeões
- 4 — Piratas e corsários.

E) A África atlântica.

- 1 — Os produtos africanos
- 2 — Mercadores africanos em Antuérpia.
- 3 — Expedições flamengas à Guiné
- 4 — O cobre e a África Ocidental
- 5 — S. Tomé, centro econômico da África negra.
- 6 — Rivalidades luso-holandesas em S. Tomé
- 7 — Relações com Antuérpia.

F) As ilhas atlântico-africanas.

- 1 — A Europa Ocidental e as ilhas
- 2 — A economia das ilhas: açúcar, madeira e pastel
- 3 — A indústria açucareira e o tráfico negro
- 4 — Mercadores de Antuérpia.

G) Antuérpia mercado internacional.

- 1 — Características internacionais de Antuérpia.
- 2 — Antuérpia, mercado colonial
- 3 — Os seguros marítimos de Antuérpia, faixas do grande tráfico.
- 4 — O progresso da técnica comercial e financeira
- 5 — A Bêlga, as Feiras e o Banco.
- 6 — A especulação sobre os capitais.

H) Os Estados Ibéricos e as finanças.

- 1 — O movimento dos negócios
- 2 — A doutrina tomista e a questão da usura
- 3 — Os judeus
- 4 — Os Fugers e os Welsers
- 5 — As crises financeiras e o progresso do crédito.

I) A Feitoria portuguesa de Feitoria.

- 1 — O leito e a Cadeia
- 2 — A Casa da Índia e o tráfico oriental
- 3 — A organização da contabilidade pública
- 4 — O malogro da feitoria.

J) O monopólio de Sevilha e a Casa de Contratación.

- 1 — O comércio americano
- 2 — Estrangeiros em Sevilha e Cadix
- 3 — As ilhas Canárias e a invenção do capitão estrangeiro
- 4 — A "Casa" como Tribunal
- 5 — Os funcionários.

K) O comércio de contrabando.

- 1 — O comércio clandestino: Lisboa, Sevilha e Cadix
- 2 — O contrabando na América
- 3 — A vigilância do Estado.

L) Os metais preciosos.

- 1 — As minas americanas
- 2 — Os comerciantes de Sevilha
- 3 — A inflação e a crise monetária.

M) Corsários no Atlântico.

- 1 — Os franceses na Índia Ocidental no século XVI
- 2 — A Campanha holandesa das Índias Ocidentais
- 3 — A política marítima britânica
- 4 — A Holanda e a guerra com a Espanha.

N) O valor do pau-brasil e a sua exploração no século XVI.

- 1 — O valor mercantil do pau-brasil
- 2 — As finanças do donatário e o comércio do pau-brasil
- 3 — O contrabando
- 4 — Os regimes: comercial, financeiro e fiscal
- 5 — Os valores exportados.

O) O declínio da hegemonia atlântica luso-portuguesa

- 1 — A unidade ibérica
- 2 — A "Juvenvel Armada"
- 3 — A nova luta pelo Atlântico: ingleses e holandeses.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

3.º ano

(2 aulas semanais).

A INGLATERRA NA ÉPOCA DA RAINHA VITÓRIA

A) A Inglaterra de Melbourne e Peel.

- I — A Inglaterra na época das reformas (1830-35).
 - 1 — as classes sociais e a ascensão da burguesia
 - 2 — as ideias: o renascimento religioso, o utilitarismo e o cartismo
 - 3 — os partidos políticos, o *Reform Bill* e a questão religiosa.

II — A Inglaterra na época de Melbourne (1835-1841).

- 1 — os partidos políticos em 1835
- 2 — os problemas religiosos, administrativos e coloniais
- 3 — a ascensão da rainha Vitória (1837) e o príncipe Alberto.

III — A Inglaterra depois de Melbourne (1841).

- 1 — os problemas internacionais: Palmerston, a França e o Oriente
- 2 — os problemas sociais: o movimento cartista e a *Corn Law*.
- 3 — a agitação livre cambista: as novas ideias e o Parlamento

IV — A Inglaterra na época de Robert Peel (1841-1845).

- 1 — a questão da Irlanda e o *Coercion Bill*
- 2 — a abrogação das leis do trigo: Cobden e Bright
- 3 — a queda de Peel e a ascensão dos Whigs.

B) A Inglaterra de Russell e Palmerston.

V — A Inglaterra na época de Russell (1841-1852).

- 1 — os partidos políticos e as revoluções de 1848
- 2 — a questão da Irlanda: a fome de 1845 e a Jovem Irlanda
- 3 — as questões internacionais e a demissão de Palmerston.

VI — A Inglaterra sob o ministério de coalizão (1852-1855).

- 1 — o 1.º ministério Derby-Disraeli
- 2 — a guerra da Crimeia
- 3 — a aliança franco-inglesa.

VII — A Inglaterra na época de Palmerston (1855-1865).

- 1 — o ministério de guerra (1855-59) e a paz de Paris (1856)
- 2 — as Trade-Unions e o darwinismo
- 3 — o 2.º ministério Palmerston (1859-1865): as unificações nacionais e a guerra de secessão.

VIII — A Inglaterra na época liberal.

- 1 — a prosperidade e a paz social
- 2 — o Parlamento e o governo da classe média
- 3 — a vida intelectual: Carlyle, Dickens, Spencer e Ruskin.

IX — A Inglaterra e a formação do Império.

- 1 — a colonização no Pacífico: Austrália e Nova Zelândia
- 2 — o Cubo e as colônias africanas
- 3 — a revolta dos cipaios e a incorporação das Índias (1857-59).

C) A Inglaterra de Gladstone e Disraeli.

X — A Inglaterra e as novas reformas (1865-1868).

- 1 — o ministério Russell (1865-66) e as tentativas de reforma
- 2 — o 3.º ministério Derby-Disraeli (1866-68) e os *Reform Acts*
- 3 — o domínio do Canadá.

XI — A Inglaterra e o 1.º ministério Gladstone (1868-1874).

- 1 — a questão da Irlanda e o *Land Act* de 1870
- 2 — as reformas: educação, exército, justiça, *Trade Unions*
- 3 — o "esplêndido isolamento" e as questões internacionais.

XII — A Inglaterra na época de Disraeli (1874-1880).

- 1 — as novas reformas, as leis sociais e o *Home Rule* irlandês
- 2 — a guerra russo-turca e o tratado de Berlim (1878)
- 3 — o Egito, os açúcares de Suez e a política asiática.

XIII — A Inglaterra e o 2.º ministério Gladstone (1880-85).

- 1 — a ocupação do Egito (1882-84) e do Sudão (1884)
- 2 — o *Reform Act* de 1884
- 3 — o ministério Salisbury (1885-86) e a volta de Gladstone (1886).

XIV — A Inglaterra na época do Jubileu de ouro (1897).

- 1 — a sociedade: a decadência da gentry, a alta burguesia e as reivindicações operárias
- 2 — as ideias: a ciência no progresso, o racionalismo de Darwin e o imperialismo de Kipling.
- 3 — os costumes: a vida religiosa, o moralismo e o esteticismo.

D) A Inglaterra Imperial de Vitória

XV — A Inglaterra e o Império.

- 1 — O Canadá e as perspectivas no Pacífico
- 2 — a África Austral, as minas, as viagens de exploração e os planos de Cecil Rhodes
- 3 — a expansão na Ásia

XVI — A Inglaterra e o ministério Salisbury (1886-92).

- 1 — a questão da Irlanda e a *Compromise Parnell*
- 2 — a aliança franco-russa
- 3 — as reformas administrativas e o "socialismo municipal".

XVII — O ministério Gladstone-Rosebery (1892-95) e o *Home Rule*

- 1 — O *Home Rule* irlandês e o conflito com os hardes
- 2 — a retirada de Gladstone e o ministério Harcourt-Rosebery.
- 3 — a Companhia da África do Sul: Cecil Rhodes e Jameson.

XVIII — A Inglaterra e o 3.º ministério Salisbury (1895-1901).

- 1 — os imperialistas no poder: Chamberlain
- 2 — a rivalidade anglo-francesa e a política anti-latina
- 3 — o imperialismo no Oriente (guerra dos Boxers) e na África (guerra dos Boers).

XIX — Fim da era vitoriana — o gabinete unionista (1901).

- 1 — o declínio e a morte da rainha Vitória, ascensão de Eduardo VII (1901)
- 2 — as transformações materiais e os novos costumes.
- 3 — questões sociais: o sindicalismo e a reação patronal.

XX — A Inglaterra e a época vitoriana.

- 1 — as instituições políticas e o desenvolvimento do Estado
- 2 — as transformações sociais e o trabalho
- 3 — as ideias novas e a urgência histórica: o tradicionalismo, o pragmatismo e o racionalismo.

4.º ano

Curso de Especialização:

História Moderna e Contemporânea: Teoria Geral e Metodologia da História.
Execução de trabalho de pesquisa de livre escolha (1).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Curso de GEOGRAFIA E HISTÓRIA

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Prof. Dr. Alfredo Ellis Junior.
1.º assistente Odilon Mattos Nogueira.

Esta cadeira funciona na 2.ª e na 3.ª séries do curso de Geografia e História. Para cada série há, semanalmente, cinco horas de aulas teóricas.

PROGRAMA

1.ª série
Portugal na época das descobertas marítimas. Aspecto racial, econômico, social e demográfico. — Antecedentes vários. Origens de Portugal. Dinastia de Borgonha. Dinastia de Avis. Batalha de Aljubarrota. Escola de Sagres. Infante Dom Henrique.

América pré-Colombiana. Antropogenia. Estado social e demográfico das populações ameríndias.

Descobertas marítimas ibéricas. Viagem de Cabral. Ajustos de Tordesilhas e de Saragoça. História portuguesa de Dom João II, Dom Manoel, Dom João III, Dom Sebastião e Dom Henrique.

Comércio com o Oriente. Influência da Renascença. Os caminhos da Navegação para o Oriente.

Degradência portuguesa. Ciclo da Índia. Vasco da Gama, Albuquerque, Dom João de Castro. Letras portuguesas quinhentistas. Arquitetura manuelina.

Descoberta do Brasil. Casualidade ou intencionalidade.

Primeiras tentativas de reconhecimento da terra. Primeiras demonstrações do tráfico comercial. Primórdios do povoamento. Perseguições em Portugal aos judeus e cristãos novos. Expulsão. Consequências para o Brasil.

Conceito da superioridade racial. Gubineau, Lapouge, Ammon, Wulmann, Chamberlain, etc. Problema das origens do povoamento. Fidalguia ou degradados?

A tentativa colonizadora de Martim Afonso de Souza. Material humano. Seleções biológicas e sociais. Genealogia Paulistana. Conceito do Paulista de velha estirpe.

Divisão das capitanias. Experiências feudaisiformes. Ciclo extrativo do póu-brasil. Lutas contra os corsários e navegadores franceses.

Aspectos físicos do território brasileiro. Motivos de heterogeneidade étnica e de diferenciação social e econômica.

Núcleos principais de povoamento. Duarte Coelho e focos de povoamento do Nordeste. Motivos de sucesso e de insucesso da colonização em vários pontos do litoral.

Fundação dos centros iniciais de povoamento. Começo da expansão.

O municipalismo na Ilhéria. Primórdios da vida municipal no Brasil.

Evolução demográfica e econômica do Brasil. Causas e consequências.

Primeiras explorações do "hinterland".

O negro. Primeiras importações do escravo africano. A função do negro nos primórdios brasileiros.

O negro sob os aspectos biológicos e sociais. A atuação missionária na colonização brasileira. A história religiosa em geral.

As informações luzitanas e alienígenas sobre o Brasil quinhentista.

A tentativa de Villegaignon. A França Antártica. A fundação do Rio de Janeiro.

A fundação de S. Paulo. Os primeiros jesuítas. Primórdios da indústria açucareira no Nordeste. Causas e consequências.

A pecuária quinhentista. Dom Francisco de Souza. A conquista do Nordeste brasileiro.

Assaltos estrangeiros e resistência luzitana. Causas e consequências.

Aspectos da vida comum no século XVI.

A tentativa de La Ravardière. A França Equinocial. Conquista do Maranhão. Expansão brasileira pela Amazônia. Conquista do Norte. Consequências.

A adaptabilidade do europeu nos trópicos. A ubiquidade da espécie humana.

Desenvolvimento progressivo do aparelho administrativo durante o século XVI. Governo Geral, etc. Centralização das colônias. Causas e consequências.

Domínio espanhol. Causas e consequências.

A vida municipal seiscentista. Expansão dos núcleos de povoamento.

Holanda. Evolução histórica, Sociogenia. Independência. Elemento israelita. Divergência religiosa com a Espanha; independência e prosperidade expansionista e comercial. Demografia.

Invasões holandesas e reação nacionalista. Causas e consequências.

O ciclo da exploração aurífera no quinhentismo. Redondezas paulistanas.

Sociologia e evolução econômica e demográfica do planalto paulista.

O bandeirismo de caça ao índio. Causas e consequências.

A luta dos colonos contra os jesuítas.

Os paulistas contra os jesuítas. Guarirã Itati, Tape e Uruguaí. Fim da luta. Combate de M. Bororé.

A restauração lusa e as suas consequências. Fim do domínio espanhol. Causas e consequências.

A aclamação de Amador Bueno, causas e consequências.

Declínio do Bandeirismo e aprisionamento. Lutas dos clans Pires e Camargos.

Declínio da lavoura canavieira no Nordeste. Causas e consequências.

Depoimentos alienígenas e os de origem portuguesa sobre o Brasil do século XVII.

Evolução da administração colonial seiscentista.

As letras e os progressos da cultura no século XVII.

A expansão amazônica e platina no seiscentismo. Fundação da Colônia do Sacramento.

A descoberta do ouro. Causas e consequências.

O pastoreiro. Causas e consequências.

A expansão paulista. Expedições bélicas e povoadores do planalto. Causas e consequências.

A civilização do açúcar, do pastoreio, do aprisionamento do índio e a do ouro. Paralelos.

As letras e as artes no Brasil setecentista.

Os Braganças. Evolução da monarquia portuguesa no século XVIII. D. João V. Pombal, etc.

A consolidação do território. Alexandre de Gusmão. O uti possidetis.

Agitações nativistas. Formação da alma nacional.

Mudança da sede governativa para o Rio de Janeiro. Causas e consequências.

A guerra dos Emboabas. Causas e consequências.

As tentativas francesas de Duclerc e de Duguay Trouin e a reação nacional.

A evolução administrativa colonial até a vinda da corte.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Curso de GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
(XXVIII)

Professor: — Alfredo Ellis Júnior (catedrático).
Astragildo Rodrigues de Mello (substituto).
Assistente: — Myriam Ellis.
Auxiliares de ensino: — Mafalda Zemella e Helena Mendes de Castro.

2º ano

I — Portugal.

- Aspectos Geográficos.
- A formação da Monarquia Portuguesa.
- A sociedade e a economia em Portugal.
- A expansão marítima portuguesa.
- II — A descobrimento do Brasil. Antecedentes.
- III — O ciclo econômico do pau-brasil.
- IV — A geografia do pau-brasil.
- As primeiras remessas para a Europa.
- O trato do pau-brasil: — o primeiro arrendamento.
- A concorrência de estrangeiros: espanhóis, franceses e ingleses.
- Os contratos do pau-brasil no período colonial.
- A extração e o comércio.
- Valor do pau-brasil nos tempos coloniais.
- V — Colonização do Brasil.
- Época pré-colonial e colonial.
- Influência estrangeira na colonização.
- Ocupação definitiva do solo pelo português.
- A expedição de Martim Afonso e sua significação.
- São Vicente — aspectos geográficos, econômicos e sociais.
- O desempenho de João Ramalho na História da Colonização.

VI — As Capitanias Hereditárias.

- Organização política, social e econômica.
- O problema do feudalismo nas Capitanias.
- O que significaram as Capitanias Hereditárias na História do Brasil.
- A cana de açúcar — sua influência econômica nas Capitanias.

VII — A instituição do Governo Geral.

- O Governo Geral no Brasil.
- a) o meio geográfico e sua influência.
- b) características políticas, sociais e econômicas.
- c) o problema da centralização do Governo Colonial.

VIII — Os Primeiros Núcleos de Povoamento.

- O papel dos jesuítas na colonização.
- A fundação de Salvador.
- A fundação de São Paulo.

IX — Os Três Primeiros Governos Gerais.

- A fundação do Rio de Janeiro.
- Os franceses.
- a) seu interesse no Brasil.
- b) sua atuação.
- c) a expulsão dos franceses.
- A fixação das bases econômicas do Brasil Colonial.
- a) a agricultura canieira e a indústria açucareira.
- b) o pastoreio.
- c) as pesquisas metalúrgicas.

X — A Fixação do Português no Brasil.

- O problema do europeu nos trópicos.
- As características de adaptabilidade do português.
- A base econômica que fixou o português: a cana de açúcar.
- A cana de açúcar e a colonização.
- O desenvolvimento da economia açucareira.
- O açúcar e sua influência no povoamento do interior.

XI — O Povoamento do Planalto Paulista.

- São Vicente, a primeira região de emigração do Brasil.
- O Planalto Paulista — apresentação geográfica.
- A fixação do homem na região.
- a) O jesuíta.
- b) O colono.

- O homem do planalto paulista, suas características físicas, psicológicas e sociais. O seu desempenho na sociedade paulista dos primórdios.

XII — As Características Políticas, Econômicas e Sociais de S. Paulo de Piratininga nos séculos XVI e XVII.

- O Municipalismo como regime administrativo.
- a) origens.
- b) o municipalismo na vila Anchieta.
- c) o isolamento da vila. A Serra do Mar.
- O comércio.
- A indústria.
- O regime de trabalho.
- O trabalho servil — o índio.
- Policultura e Autarquia.
- O aprasamento.

XIII — O Bandeirismo.

- A Bandeira.
- a) sua função na sociedade paulista.
- b) sua organização. Seu objetivo.
- A atuação da Companhia de Jesus em face do Bandeirismo.
- Atritos entre paulistas e Jesuítas na vila paulistana.
- As Reduções Jesuítas em terras de Castela.
- a) Seu estabelecimento.
- b) Seu objetivo.
- c) Sua importância para o Bandeirismo.
- O domínio espanhol; a Restauração portuguesa e sua influência no Bandeirismo.

XIV — O Fim do Bandeirismo de Aprasamento.

- Acontecimentos políticos e econômicos e sociais que contribuíram.
- As consequências do Bandeirismo e a preparação para o povoamento do interior.
- O pastoreio no Sul.
- a) a fixação do homem.
- b) delineamento das fronteiras.

XV — As Buscas Metalíferas.

- A decadência da Agricultura Canieira; A Segunda batalha do açúcar.
- As entradas — características sociais e econômicas.
- Antecedentes do ciclo econômico da mineração.
- Antecedentes do povoamento do Centro Sul brasileiro.

Seminários.

- a) — Interpretação de Documentos sobre História do Brasil, acompanhando o desenvolvimento do curso.
- b) — Aulas dos alunos sob a orientação da Cadeira, sobre assunto do período Colonial.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
História da Civilização Brasileira

3.º ano

- I — Os Antecedentes da Descoberta do Ouro.
 - a) Bandeiras e Entradas.
 - b) As primeiras buscas de metais — século XVI e XVII.
 - c) O primeiro ouro do Brasil.
- II — A expedição de Fernão Dias Paes e sua importância na descoberta do ouro.
- III — As primeiras descobertas do ouro.
- IV — Aspectos geográficos e geológicos da Região dos Gerais.
- V — O jazimento do ouro e seus processos de mineração.
- VI — As vias de penetração para o povoamento dos Gerais: Caminhos.
- VII — A fixação do homem na região do ouro.
- VIII — O ambiente social nos Gerais logo após o descobrimento do ouro.
- IX — Características sociais e econômicas das correntes humanas povoadoras dos Gerais.
- X — As guerras dos Emboabas — seus fatores econômicos e sociais.
- XI — A guerra dos Emboabas como afirmação nacionalista.
- XII — Os fatos decorrentes da guerra dos Emboabas.
- XIII — O ouro de Goiás e de Mato Grosso e o povoamento do oeste.
 - a) seus antecedentes
 - b) sua importância
- XIV — As Minas — aspectos econômicos e sociais.
- XV — A mineração do diamante — aspectos geográficos, históricos, políticos, sociais e econômicos. A extração e a legislação do diamante.
- XVI — Os ciclos econômicos subsidiários do ouro — seus aspectos sociais e econômicos.
- XVII — A sociedade mineira no século XVIII; seus aspectos econômicos, políticos, sociais e psicológicos.
- XVIII — O ouro e sua legislação.
- XIX — As consequências do ouro para a Capitania de São Paulo: as transformações econômicas, políticas e sociais.
- XX — Consequências projetadas pelo ouro no cenário econômico, social e político do Brasil no século XVIII e XIX.
- XXI — O ouro e as fronteiras nacionais.
- XXII — Portugal em face do Brasil do século XVIII.
- XXIII — O ouro brasileiro, a Inglaterra e o tratado de Methuen.
- XXIV — O declínio da Mineração. Suas causas e suas consequências. O fim do ciclo do ouro.

Seminários.

- A) — Interpretação de Documentos publicados, relacionados com o curso regular.
- B) — Orientação nos estudos feitos pelos senhores alunos em documentos publicados.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
História da Civilização Brasileira

4.º ano e Especialização

- 1 — O curso de Especialização consistirá em trabalhos práticos orientados pela Cadeira.
- 2 — Esses trabalhos consistirão da escolha de um tema a ser estudado, pesquisado e defendido pelo aluno.
- 3 — Para a execução deste trabalho o aluno deverá apresentar:
plano
bibliografia
documentação — publicada ou inédita.
- 4 — O Plano, a Bibliografia e a Documentação apresentados serão discutidos em classe com o professor.
- 5 — O trabalho feito deverá ser apresentado no fim do ano, sendo defendido em classe, pelo aluno.
- 6 — Além do trabalho deverão ser apresentados comprovantes de estágios feitos em Bibliotecas e Arquivos.
- 7 — Os exames e as notas de aproveitamento serão baseados nos trabalhos realizados durante o ano.

(1934/1935)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
História da Civilização Brasileira

CADEIRA DE GEOGRAFIA DO BRASIL (XXV)

Professor: — Aroldo Edgard de Azevedo (catedrático).
Assistente: — José Ribeiro de Araújo Filho.
Auxiliares de ensino: — Antônio Rocha Penteado e Aziz Nacib ou
Sáber.

2.º ano

I — CURSO: GEOGRAFIA GERAL DO BRASIL.

Introdução: O "continente" brasileiro: visão de conjunto.

Parte a) — As bases físicas:

- 1 — Traços essenciais da estrutura geológica.
- 2 — As grandes unidades do relevo.
- 3 — O Atlântico Sul e as ilhas oceânicas.
- 4 — Morfologia do litoral.
- 5 — Característicos gerais do clima.
- 6 — A rede hidrográfica e os regimes fluviais.
- 7 — A vegetação e as regiões botânicas.
- 8 — Regiões climato-botânicas.

Parte b) — A população e a vida econômica:

- 9 — A população.
- 10 — Os tipos étnicos.
- 11 — O homem brasileiro e o meio.
- 12 — O "habitat" rural.
- 13 — As cidades.
- 14 — Os ciclos econômicos e sua importância geográfica.
- 15 — As regiões geo-econômicas.
- 16 — A vida agrícola: importância e problemas.
- 17 — A industrialização: característicos e problemas.
- 18 — Os transportes.
- 19 — O comércio interno e externo.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI

Prof. Plínio Ayrosa

3.º assistente Carlos Drummond

Esta cadeira dá aulas de Etnografia para os cursos de Geografia e História e de Ciências Sociais, 2.ª e 3.ª séries respectivamente, e aulas de Etnografia do Brasil e Língua Tupi-Guarani para a 3.ª série do curso de Geografia e História.

Ha, semanalmente, duas horas de aulas teóricas de Etnografia. Somente, para os alunos desta secção, ha um seminário

e estágio no Museu de Etnografia, com duração de três horas e meia.

Para as aulas teóricas de Etnografia do Brasil e Língua Tupi-Guarani são reservadas, semanalmente, duas horas. Os alunos fazem um estágio de três horas e meia, no Museu de Etnografia.

PROGRAMA

2.ª série

Etnografia

1.ª PARTE

- 1 — Síntese histórica do desenvolvimento da Etnografia. A História e a Geografia. Ciências correlatas. Denominações diversas. Estudo crítico das denominações.
- 2 — Orientação moderna. Ideias gerais sobre Etnia, Raça, Ciclo, Somas e Noos.
- 3 — Conceito geral de cultura. Elementos culturais. Patrimônios culturais. Doutrinas evolucionistas. Lei dos três estados.
- 4 — Concepções dominantes nos fins do século XIX. Conceitos de Goldenweiser.
- 5 — Estudo detalhado de três elementos culturais: de ordem ergológica (economia); de ordem antropológica (religião) e de ordem sociológica (família).
- 6 — Conjuntos culturais (Kultureinheit). Requisitos mínimos. O método histórico-cultural.
- 7 — Aspectos homólogos e análogos. Paralelos etnográficos ou critério das correlações. Doutrina da dependência. As ideias elementares de Bastian. Monogenismo. Critérios diversos seletivos.
- 8 — Ciclos culturais. Teoria geral. Teoria hiper-difusionista. Ologênese cultural. Estabelecimentos dos ciclos.
- 9 — Elementos ergológicos, antropológicos e sociológicos. Peso etnográfico de cada um deles. Comentários críticos.

2.ª PARTE

- 10 — Economia. Caça e pesca. Aparelhagem característica de caça e pesca. O cultivo da terra.
- 11 — O fogo. Processos típicos de sua obtenção. Iluminação. Usos diversos do fogo. Cachimbo.
- 12 — A habitação. Abrigos, tendas e casas. Planta e elevação. Paredes e telhados. Tipos diversos. Mobiliário.
- 13 — Vestes. Matéria prima. Ornatos e insígnias. Zonas de pudor. Peças de vestuário. Ponteados.
- 14 — Armas em geral. Maças e punhais. Lanças. Immerau-

- 15 — gnes. Propulsores. Sarabatanas.
- 16 — O arco e a flecha. Tipos diversos. Secções transversais dos arcos. Pontas de flecha. Escudos e couraças.
- 17 — Utensílios diversos. Hachas e martelos. Tornos. Aparelhos de tecelagem. Cestaria e cerâmica.
- 18 — Transporte. Tipos diversos de carga. Veículos terrestres. A roda. O trem.
- 19 — Transporte por água. Navegação. Embarcações. Tipos primitivos.
- 20 — Manifestações artísticas. Música. Instrumentos e sua classificação. A dança. Decoração. Escultura. Máscaras.
- 21 — Família. Organização social. Práticas sociais. O nascimento, a puberdade e a morte.
- 22 — Mutilações sexuais e dentárias. Tatuagens. Deformação corporal. Trepanação.
- 23 — A sepultura. Tipos diversos. Mumificação. Cremação. Canibalismo.

3.ª PARTE

- 24 — Descrição das culturas de grupos humanos da:
 - a) Ásia.
 - b) Europa.
 - c) América.
 - d) África.
 - e) Oceânia.
- 25 — Isolamento e contato cultural. Aculuração e processos afins, resultados da aculuração.
- 26 — Organização das colecções etnográficas. Mapas, gráficos e fichários. Museus etnográficos modernos. Conclusão.

Trabalhos práticos

Os trabalhos práticos serão realizados no Museu de Etnografia e consistirão de pesquisas relativas ao material aí existentes bem como da confecção de mapas e gráficos de distribuição de elementos culturais determinados.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA. Etnografia e Língua Tupi-Guarani

3.ª série

Etnografia brasileira.

- 1 — Visão panorâmica do ambiente etnográfico do Brasil:
 - a) aspectos das terras e das gentes.
 - b) os primeiros viajantes.
 - c) colonizadores e catequistas.
 - d) viajantes, naturalistas e etnógrafos estrangeiros.
 - e) viajantes, naturalistas e etnógrafos brasileiros.
- 2 — Estudo crítico dos trabalhos de fundo etnográfico sobre o Brasil.
- 3 — O ameríndio. Origens e migrações.
- 4 — Grupos étnicos e culturas da América.
- 5 — Tipos antropológicos e facies culturais do ameríndio do Brasil.
- 6 — Tentativa de classificação dos ameríndios brasileiros. Grupos linguísticos de Marius, Von den Steinen, etc.
- 7 — Aspectos gerais da cultura ergológica, sociológica e animológica desses grupos.
- 8 — O negro. Grupos étnicos e culturais da África. Tipos antropológicos e facies culturais africanos no Brasil.
- 9 — Estudo geral desses facies culturais do ponto de vista ergológico, animológico e sociológico.
- 10 — Outros grupos e outras facies culturais no Brasil: europeus e asiáticos. Aspectos antropológicos, linguísticos e culturais desses grupos.
- 11 — Fontes bibliográficas. Estado atual dos estudos etnográficos no Brasil. Orientação e rumos necessários. Museus de etnografia brasileira.
- 12 — Carta etnográfica do Brasil. As grandes zonas de predomínio ameríndio, negro, etc.

Língua tupi-guarani

- 13 — Considerações gerais sobre a língua. Sons e letras. Vogais. Consoantes. Valores fonéticos das consoantes. Sílabas e vocábulo. Permutas. Tonicidade.
- 14 — Ortografia. Estudo geral dos sistemas ortográficos. O alfabeto português. Vantagens e inconvenientes do seu emprego. Notações ortográficas. Sistemas ortográficos especiais.
- 15 — Categorias gramaticais. Caso especial da posposição.
- 16 — Substantivo concreto e abstrato; próprio e comum; primitivo e derivado; simples e composto; coletivo. Gênero, número e grau dos substantivos. Exemplos.
- 17 — Adjetivo; qualificativo e determinativo; qualificativo pátrio; demonstrativo; interrogativo; possessivo e numeral; distributivo; partitivo e indefinido. Gênero, número e grau. Comparativos e superlativos.
- 18 — Pronomes e índices pronominais. Regras e exceções relativas ao emprego dos índices. Pronomes pessoais. Várias funções desempenhadas pelos pronomes na frase. As chamadas declinações. Casos do genitivo. Regras especiais sobre a substituição do pronome. Pronomes interrogativos. Pronomes indefinidos.
- 19 — Os demonstrativos gerais e demonstrativos de relação e reciprocidade. Regras e exceções.
- 20 — Verbos. Sistema verbal. Primeira e segunda conjugação. Regulares e irregulares. Transitivos e intransitivos, defectivos, etc. Modos e tempos. Indicativo. Os futuros. Imperativo e permissivo. Infinitivo. Gerúndio supino. Regras de formação. Particípios.
- 21 — Paradigmas de conjugação. Transitivos e intransitivos. Conjugação negativa, interrogativa e negativa-interrogativa. Características. Partículas. Os verbos irregulares.
- 22 — Verbos ativos, passivos, reciprocos, reflexivos, etc. Índice de transitividade. Verbos imitativos e frequentativos.
- 23 — Estudo especial dos particípios. Substantivos e adjetivos participiais. Partículas de tempo.
- 24 — Advérbio. Proposição. Conjunção. Interjeição.
- 25 — Afixos. Partículas e palavras prefixantes e sufixantes. Derivação. Sufixos nominais (substantivos e adjetivos). Composição. Prefixação, juxtaposição, aglutinação. Hibridismos.
- 26 — Sintaxe. Dos membros da proposição. Proposição complexa. Proposição relativa.
- 27 — Características essenciais da sintaxe tupi-guarani. Particularidades sintáticas. Tradução dos textos. Vocabulários antigos e modernos.

Trabalhos práticos

Os trabalhos práticos serão realizados à medida do desenvolvimento do curso teórico, em estágios no Museu de Etnografia. Constarão de pesquisas originais relativas ao material desse Museu, durante o primeiro semestre e de pesquisas etnológicas a propósito de topônimos, zônimos, etc., correntes no Brasil, durante o segundo período do ano letivo.

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Etnografia.

CADEIRA DE ETNOGRAFIA BRASILEIRA E LINGUA TUPI-GUARANI (XXIX)

Professor: — Plínio Marques da Silva Ayrosa (catedrático).
Assistente: — Carlos Drumond.

Auxiliares de ensino: — Jörn Jacob Philipson e Maria de Lourdes Joyce.

2.º ano

I Parte — Introdução.

- 1 — A situação da Etnografia entre as Ciências do Homem: Antropologia, Etnologia, etc. Conceitos de Etnia, Raça e Cultura. Conflitos terminológicos.
- 2 — Traços da história da Etnografia. Concepções classificatórias das culturas. O evolucionismo. Observações críticas.
- 3 — Elementos culturais: ergológicos, sociológicos e apimológicos.
- 4 — Doutrinas da difusão, da convergência e monogenética. O método histórico cultural.
- 5 — Caracterização, avaliação e seleção dos elementos culturais. Conjuntos culturais.

II Parte — Ergologia.

- 1 — A Economia: Caça, pesca e cultivo do solo. Técnicas diversas.
- 2 — O fogo. Processos correntes de obtenção. Usos gerais. Iluminação. Sopradores. Cuchimbos.
- 3 — Habitação. Técnicas de construção. A relação teto-parede. Plantas. Tipos característicos de habitações.
- 4 — O vestuário. Observações gerais. As zonas de pudor. Adornos. Pintados.
- 5 — Armamentos: armas em geral; ofensivas e defensivas. O arco e a flecha. Propulsores. Escudos.
- 6 — Utensílios em geral. Martelos, machados, etc.
- 7 — Trançados em geral. Técnicas de manufatura.
- 8 — Cerâmica. Matéria prima. Técnicas de confecção.
- 9 — Transportes em geral. Tipos principais de veículos. Navegação. Tipos de Embarcações.
- 10 — O comércio. Mercados e dinheiro.
- 11 — Aspecto ergológico das mutilações. Pintura, tatuagem e deformações corporais.
- 12 — Práticas de sepultamento. Tipos diversos de sepulturas.
- 13 — Arte em geral. Os instrumentos musicais. Tipos diversos. As maseiras.
- 14 — Aspectos sociológicos e apimológicos das culturas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
Etnografia do Brasil e Língua Tupi-Guarani

3.º ano

I Parte — Etnografia Brasileira.

1. — Os ameríndios, em geral. Hyndes sobre o povoamento da América pré-colombiana. Áreas culturais.
2. — Vestígios de antigas culturas no Litoral. Jardes arqueológicas.
3. — Fontes para o estudo da etnografia brasileira. As relações de viagens; os documentos jesuítas, etc. Observações críticas.
4. — Esboço de classificação dos grupos ameríndios do Brasil.
5. — Situação geográfica das grandes famílias linguísticas: Tupi-guarani, Gê, Caribó e Aruáque. Os grupos isolados.
6. — Traços da cultura ergológica e animológica dos tupi-guaranis.

II Parte — Tupi-guarani.

1. — A língua dos tupi-guaranis. Áreas de predomínio no século XVI. A colonização e os primeiros documentos escritos sobre a língua.
2. — Características principais da língua. Aspectos dialetais. As categorias gramaticais. Partículas.
3. — A ortografia dos textos antigos. Observações críticas.
4. — A fonética e a prosódia de acordo com os textos e as gramáticas antigas.
5. — Substantivos, adjetivos e pronomes.
6. — Os possessivos e seu uso.
7. — O verbo. Aspectos gerais da sua conjugação. Participios.

4.º ano e Especialização

1. — Etnografia Geral — Estudo crítico das doutrinas etnológicas.
2. — Etnografia brasileira — Estudo monográfico de um dos grupos indígenas do Brasil.
3. — Tupi-guarani — Estudo de textos antigos do tupi-guarani.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO AMERICANA

Prof. Astrogildo R. de Melo.
1.ª assistente Alice Piller Canabrava.

A cadeira de História da Civilização Americana funciona na 3.ª série do curso de Geografia e História. Há, semanalmente, quatro horas de aulas teóricas.

PROGRAMA

3.ª série

INTRODUÇÃO

- 1 — *As duas Américas*: contrastes e confrontos
O território — O homem — Instituições.

EPOCA PRECOLOMBIANA

- 2 — *O homem americano*
Importância do elemento indígena na História da América — Origem do homem americano: as diversas teorias.
- 3 — *As tribus indígenas da América do Norte*
Áreas culturais e seus caracteres.
- 4 — *As grandes civilizações americanas*
Organização social e política — Instituições políticas — Classes sociais — Condições econômicas.
- 6 — *A vida intelectual*
A escrita entre os ameríndios — obras dramáticas e poéticas — O teatro e a música — O "KIPU" peruano.
- 7 — *A arquitetura das americanas*
Os "CLIFF-DWELLERS" — Arquitetura civil e religiosa — As estradas e as pontes.
- 8 — *Meios de vida*
A agricultura — A cerâmica — A metalurgia — Os tecidos — Os animais domésticos — A cozinha americana.
- 9 — *Religião e justiça*
Práticas totêmicas — Os sacrifícios humanos — Os Incas e o culto ao sol — O calendário dos Incas e Astecas — Lei e justiça.

EPOCA COLONIAL

1) A AMÉRICA ESPANHOLA

a) DESCOBRIMENTO, EXPORTAÇÃO E CONQUISTA

- 10 — *O descobrimento da América*
Antecedentes: a Europa no fim do século XV — Colombo: Gênese do projeto de Colombo — Paulo de Pozzo Toscanelli e o piloto Alonso Sánchez de Huelva — As 4 viagens de Colombo — O nome de América.
- 11 — *Expansão colonial e instituições coloniais nas Antilhas*
Porto-Rico — Jamaica e Cuba — Panamá e Norte da América do Sul — Sistema de governo e aplicação da justiça — O "problema do Índio": os Repartimientos — O Real Patronato — A Casa de Contratação.
- 12 — *A conquista do México*
Valdésquez e Cortez — A fundação de Vera-Cruz — A marcha para Tenochtitlan — Montezuma e Cuauhtémoc — A Nova Espanha.
- 13 — *A exploração da América Central*
Região dos lagos Nicarágua e Managua — A conquista de Honduras, Nicarágua e Guatemala.
- 14 — *A expansão para o Norte do México*
Exploração da Califórnia e Flórida — As lendas de ouro e as expedições resultantes.
- 15 — *A conquista do Perú*
Pizarro e Almagro — O nome de Perú — Huascar e Atahualpa — Guerras civis — O vice-reino.
- 16 — *A conquista do Chile*
Pedro de Valdivia — O cabildo de Santiago — Lautaro e a revolta dos Araucânios — Morte de Valdivia — A expedição de D. García Hurtado de Mendoza.
- 17 — *A conquista da Venezuela e Nova Granada*
O mito de El Dorado — Benalazar, Jiménez de Quesada e Nikolaus Federmann.
- 18 — *A conquista da Religião Platina*
Díaz de Solís e Sebastião Cabot — A primeira fundação de Buenos Aires.

1-1 COLONIZAÇÃO

- 19 — *A administração da América Espanhola sob os Austrias*
Vice-Reis e Governadores — O Conselho das Índias — O Consulado das Índias — Audiências — Cabildos.
- 20 — *A vida econômica nas Colônias Espanholas sob os Austrias*
Recursos econômicos da América Espanhola — Comércio e Monopólio — Minas e manufaturas — Agricultura e criação de gado.
- 21 — *A sociedade colonial sob os Habsburgos*
Classes sociais — Os estrangeiros — Vida doméstica e intelectual — Literatura e artes.
- 22 — *A Igreja na América*
A Igreja e a política metropolitana — O clero secular — Ordens religiosas.
- 23 — *A política colonial Espanhola sob os Bourbons*
A nova expansão territorial — As guerras entre Espanha e Inglaterra: repercussão na América.
- 24 — *As transformações políticas, sociais e econômicas sob os Bourbons*
O "despotismo esclarecido" dos Bourbons — As Intendências — As classes sociais: peninsulares e creoulos — A liberdade de comércio.

c) AS LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA

- 25 — *Fatores da revolução da independência*
Os tumultos revolucionários do século XVIII — Os precursores — Os primeiros movimentos.

- 26 — *As guerras de independência no México e América Central*
Miguel Hidalgo y Costilla — Agustín de Iturbide: imperador do México — A revolução na América Central.
- 27 — *As guerras de independência na América do Sul: San Martín*
San Martín e O'Higgins — As Províncias Unidas do Prato — Bolívar e San Martín.
- 28 — *As guerras de independência na América do Sul: Bolívar*
Bolívar e Miranda — Insucessos de Bolívar — Sucre — A batalha de Ayacucho.
- 29 — *As guerras de independência e a atitude da Europa e dos Estados Unidos*
A França e a Inglaterra — Os Estados Unidos e a doutrina de Monroe.

11) COLONIZAÇÃO EUROPEIA NA AMÉRICA DO NORTE

- 30 — *Antecedentes econômicos da colonização Inglesa*
A economia inglesa na Idade Média — Transformações — Impulsos econômicos para a colonização — O conflito anglo-espanhol na América.
- 31 — *Antecedentes políticos da colonização Inglesa*
A Inglaterra dos Tudors — O anglicanismo — Os Stuarts e a luta entre o rei e o Parlamento.
- 32 — *Espanhóis, Franceses e Ingleses na América do Norte*
Franceses e Espanhóis na Flórida — Verazano, Cartier e Champlain — Cabot e o fundamento das pretensões inglesas.
- 33 — *As primeiras colônias anglo-americanas: Virgínia, Maryland e a Nova Inglaterra*
As companhias da Virgínia — Jamestown — Berkeley — Lord Baltimore — Mayflower — Rhode Island.
- 34 — *As colônias centrais: Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Delaware*
Nova Amsterdã — O Duque de York — Os Quakers — A colônia de Delaware.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
História da Civilização Americana (continuação).

- 35 — *As Colônias e a Geografia*
As duas Américas — Os índios e os páruas — A fundação da Geografia.
- 36 — *A França na América*
A expansão francesa no interior do Continente — Caracteres da colonização.
- 37 — *A luta entre a França e a Inglaterra na América*
O comércio das peles — Os Iroqueses e os Ingleses — O tratado de Utrecht — A guerra de 7 anos — O tratado de Paris.
- 38 — *Os sistemas coloniais*
Os sistemas coloniais da Espanha, França e Inglaterra: comparação e crítica.
- 39 — *A administração colonial na América Inglesa*
Os governos coloniais — As hierarquias políticas.
- 40 — *A vida econômica na América Inglesa*
Recursos econômicos das colônias — O comércio colonial.
- 41 — *A sociedade colonial na América Inglesa*
A sociedade — Vida intelectual e religiosa.
- 42 — *Os primórdios da independência americana*
Os atos de navegação e as leis de comércio — Consequência.
- 43 — *A guerra da independência americana*
Washington — A campanha militar — A intervenção francesa — O tratado de paz — Resultados.

OS SÉCULOS XIX E XX

1) OS ESTADOS UNIDOS

- 44 — *O nascimento dos partidos políticos*
a) *A União Norte Americana — Os artigos da Confederação — A Constituição dos Estados Unidos.*
b) *Federalistas e Republicanos — A queda dos federalistas.*
- 45 — *A expansão continental*
a) *A colonização do Middle-West.*
b) *A democracia Jacksoniana.*
c) *A expansão continental: anexação da Flórida — Guerra com o México — Conflito com a Inglaterra — Alasca.*
- 46 — *A guerra civil*
a) *Origem da guerra civil.*
b) *A reconstrução política, social e econômica.*
c) *A revolução industrial.*
- 47 — *O imperialismo americano*
a) *Expansão dos Estados Unidos no Pacífico.*
b) *A expansão nas Antilhas e a construção do Canal do Panamá.*
- 48 — *Problemas Políticos, Econômicos e sociais do século XIX*
a) *Problemas econômicos: o problema do transporte — A indústria — As tarifas — Os Trustes.*
b) *O problema migratório.*
- 49 — *Os Estados Unidos e a guerra de 1914.*
a) *Aspectos culturais e políticos dos Estados Unidos antes da guerra de 1914.*
b) *Wilson e a guerra.*

2) A AMÉRICA ESPANHOLA

- 50 — *As repúblicas Ibero-Americanas*
a) *A formação das novas repúblicas.*
b) *Caracter dos novos governos.*
- 51 — *Instabilidade política: O Caudilhismo na América*
a) *Na Venezuela — Páez e Guzmán Blanco.*
b) *No Peru — Castilla, Pardo e Fierola.*
c) *Na Bolívia — Santa-Cruz, Melgarejo.*
d) *No Uruguai — Lavalleja, Rivera.*
e) *Na Argentina — Rivadavia e Rosas.*
- 52 — *Ditadores e ditaduras*
a) *No México — Porfirio Díaz.*
b) *No Chile — Carreras, Portales e Montt.*
c) *No Paraguai — Francia e os dois López.*
- 53 — *A anarquia política*
a) *Na Colômbia — Mosquera e Núñez.*
b) *No Equador — Flores e García-Morón.*
c) *Na América Central, Haiti e São Domingos — Manoel José Abel, Toussaint Louverture.*
- 54 — *A revolução intelectual*
a) *A ideologia política.*
b) *A literatura e a filosofia. Consequências.*
- 55 — *As transformações econômicas na segunda metade do século XIX*
a) *A industrialização.*
b) *Progressos sociais e econômicos.*
- 56 — *Relações internacionais*
a) *Relações da Inglaterra e Estados Unidos com a América Espanhola.*
b) *A intervenção francesa no México.*
c) *Causas e consequências da guerra do Paraguai.*
d) *A guerra do Pacífico.*
e) *A doutrina de Monroe.*
f) *Pan-Americanismo.*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

3º ano

CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO AMERICANA
(XXX)

Professor: — Astrogildo Rodrigues de Mello (catedrático).
Assistente: — Rozendo Sampaio Garcia.
Auxiliares Técnicos: Deusa Magalhães Mota e Sofia Cardoso de Almeida.

AMÉRICA ESPANHOLA

I

- 1 — Antecedentes políticos, econômicos, sociais e religiosos da Espanha nas vésperas dos descobrimentos.
- 2 — A descoberta da América.
- 3 — Os primórdios da conquista.
- 4 — A política espanhola em face do progresso da conquista.
- 5 — A marcha da conquista na América:
 - a) México;
 - b) Perú e Chile;
 - c) Regiões setentrionais;
 - d) Rio da Prata;
 - e) América Central;
- 6 — A colonização da América espanhola.
- 7 — O ambiente social e econômico da América Espanhola até o século XVIII.
- 8 — A administração espanhola na América.
- 9 — A marcha para a independência da América Espanhola.

II

- 10 — A Espanha em face dos acontecimentos europeus de princípios do século XIX.
- 11 — O movimento precursor da independência da América: Miranda.
- 12 — Bolívar e a independência da América espanhola.
- 13 — A independência do Rio da Prata: San Martín.
- 14 — A conquista da independência mexicana.
- 15 — Os movimentos libertadores na América Central.
- 16 — A América independente: problemas políticos, sociais e econômicos. A evolução da América independente até nossos dias.
- 17 — Problemas atuais da América espanhola.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
História da Civilização Americana

AMÉRICA INGLESA
2.º e 3.º anos

I

- 1 — A Inglaterra no século XVI: aspectos políticos, sociais, religiosos e econômicos.
- 2 — A colonização inglesa.
- 3 — O desenvolvimento da colonização inglesa:
 - a) Colônias do Norte;
 - b) Colônias do Sul;
 - c) Colônias do Centro.
- 4 — Franceses, holandeses, suecos e espanhóis na América do Norte.
- 5 — O progresso da colonização francesa.
- 6 — Panorama da colonização inglesa até o século XVIII:
 - a) As classes sociais;
 - b) A escravidão;
 - c) O aspecto econômico;
 - d) A vida política;
 - e) O desenvolvimento cultural.
- 7 — Repercussão na América dos conflitos europeus.
- 8 — Choque entre a colônia e a metrópole.
- 9 — A Independência.

II

- 10 — Os grandes problemas políticos, sociais e econômicos dos Estados Unidos após a independência.
- 11 — A constituição dos Estados Unidos.
- 12 — O regime federalista.
- 13 — O regime jeffersoniano e a guerra de 1812.
- 14 — A expansão ocidental dos Estados Unidos.
- 15 — A época de Andrew Jackson.
- 16 — Expansão para oeste: o problema da escravidão.
- 17 — A Secessão.
- 18 — A guerra civil.
- 19 — A reconstrução do sul.
- 20 — O desenvolvimento da agricultura e da indústria.
- 21 — Os "Trusts" e as "unions".
- 22 — O problema imigratório.
- 23 — A marinha mercante e os transportes.
- 24 — Os impostos e as tarifas.
- 25 — A idade de ouro.
- 26 — A doutrina de Monroe.
- 27 — O canal do Panamá.
- 28 — Posição dos E. E. U. U. na situação política internacional do século XX.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
História da Civilização Americana

AMÉRICA ESPANHOLA

4.º ano

- I — A Espanha em face da descoberta da América:
 - 1 — O direito da Espanha à posse do território espanhol. O declínio da empresa: a política de "capitulacion".
 - 2 — As instituições governamentais americanas no período de Colombo.
 - 3 — A administração central espanhola na época dos descobrimentos.
- II — A obra administrativa de Espanha:
 - 4 — A evolução da administração central espanhola para a América.
 - 5 — A administração territorial no período dos Habsburgos.
 - 6 — A administração central no período dos Bourbons.
 - 7 — A administração territorial no período dos Bourbons.
- III — A colonização em seu aspecto econômico:
 - 8 — A Casa de Contratação.
 - 9 — A evolução da economia agrícola e pastoral na América.
 - 10 — A exploração das minas.
 - 11 — O desenvolvimento industrial da América.
- IV — O comércio colonial:
 - 12 — A centralização do comércio espanhol.
 - 13 — O monopólio.
 - 14 — A política comercial do século XVIII.
 - 15 — O tráfico em suas diferentes etapas.
 - 16 — O sistema tributário no regime comercial.
- V — A sociedade colonial:
 - 17 — O elemento branco.
 - 18 — O indígena nas diferentes fases da colonização.
 - 19 — O negro.
 - 20 — A mestiçagem.
- VI — A Igreja na América:
 - 21 — A Igreja e a Coroa espanhola.
 - 22 — O Patronato real.
 - 23 — O Patronato e a organização eclesiástica.
 - 24 — As Missões.
 - 25 — Papel da Igreja na sociedade colonial.
- VII — A cultura na época colonial:
 - 26 — As letras na época colonial.
 - 27 — O ensino e as Universidades.
 - 28 — A arte colonial.
- VIII — Estudo crítico da obra colonizadora de Espanha:

AMÉRICA INDÍGENA

Especialização

Estudo especializado das civilizações précolombianas desaparecidas em seus aspectos mais importantes que possam esclarecer a contribuição desses povos para a civilização americana de nossos dias.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

ANTROPOLOGIA

Prof. Emílio Willems.

As aulas desta disciplina são comuns para a 1.ª série do curso de Geografia e História e para a 2.ª série do curso de Ciências Sociais. Para essas aulas, por semana, reserva-se uma hora.

PROGRAMA

1.ª série

- 1 — A Antropologia: conceito e delimitação.
- 2 — O problema de formação das raças.
- 3 — Raça, mentalidade e cultura.
- 4 — Seleção e pensamento.
- 5 — Contactos raciais e culturais.
- 6 — Exemplos de cruzamentos raciais.
- 7 — O problema do negro na América.
- 8 — Aculturação e assimilação.
- 9 — Conflito racial e culturais: o homem marginal.
- 10 — A assimilação dos imigrantes no Brasil.

Exercícios práticos: estudos aculturativos no Estado de São Paulo.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CADEIRA DE ANTROPOLOGIA (XLIX)

Professor: — Egon Schindler (contratado).

Assistente: — Gioconda Mussolini.

Auxiliar de ensino: — Renato Jardim Moreira.

ANTROPOLOGIA FÍSICA

1.º ano

(3 aulas e 1 seminário semanais)

- 1 — A antropologia física e as fases essenciais de seu desenvolvimento.
- 2 — Elementos de antropometria.
- 3 — Elementos de somatologia.
- 4 — Elementos de craniologia.
- 5 — O problema da evolução humana.
- 6 — Os pre-hominídeos: *Pithecanthropus* e *Sinanthropus*.
- 7 — Os homens do pleistoceno inferior e o problema dos *pithecanthropus*.
- 8 — *O Homo Neanderthalensis*.
- 9 — *O Homo sapiens fossilis*.
- 10 — O conceito antropológico de raça e o problema da classificação racial.
- 11 — O estudo descritivo das principais raças humanas.
- 12 — As raças indígenas da América e o problema de suas origens.
- 13 — Elementos de genética aplicados à antropologia. Hereditabilidade e evolução. Fundamentos genéticos da diferenciação racial e o conceito genético de raça. As modernas tendências de classificação racial.
- 14 — Raça e miscigenação.
- 15 — As raças humanas em sua relação com o ambiente natural e a cultura: migrações e contactos raciais do ponto de vista da etno-biologia.
- 16 — Teorias raciais. Conceito sociológico de raça.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

ELEMENTOS DE CARTOGRAFIA

Curso a cargo do Prof. (João Soukup).

1.º ano

I - CURSO: ELEMENTOS DE CARTOGRAFIA GERAL

- 1 — Introdução ao curso; orientação bibliográfica e material necessário para os trabalhos práticos.
- 2 — Conteúdo planimétrico dos mapas; problemas de escala e das convenções cartográficas.
- 3 — Conteúdo altimétrico dos mapas: representação gráfica, leitura e cartometria.
- 4 — Processos de levantamento necessários à construção de mapas.
- 5 — Estudo detalhado de cartas topográficas.
- 6 — Projeções cartográficas.
- 7 — Diagramas e cartogramas geográficos.

Trabalhos práticos:

- 1 — Trabalhos gráficos.

Trabalhos de campo:

- 1 — Treinamento de cartografia de campo.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CADERNA DE GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA (XXI)

Professor: — Viktor Leinz (catedrático).
Assistentes: — Jusur Camargo Mendes, Ruy Ozório de Freitas e Sérgio E. do Amaral.
Auxiliares de ensino: — Ana Maria Vieira de Carvalho e Roberto de Freitas.

Elementos de Geologia

1º ano

I — Definição e divisão da Geologia. Constituição da Terra: atmosfera, hidrosfera, litosfera (sól e sã) e batisfera (fósia e nã). Métodos usados em Geologia. Uniformitarismo. Tempo geológico. Ligeiro histórico do desenvolvimento da Geologia, especialmente no Brasil. — 1 Aula.

II — Constituição da litosfera: minerais e rochas. Caracteres químicos e físicos dos minerais (composição química, clivagem, fratura, cor, brilho, dureza, densidade). Minerais mais comuns nas rochas, suas propriedades físicas mais características, composição aproximada: magnetita, limonita, calcita, dolomita, quartzo, granada, ortoclásio, plagioclásio, moscovita, biotita, piroxênio e anfíbola. — 2 Aulas.

III — Rochas. Principais caracteres empregados para a sua identificação: estrutura, textura, dureza, fratura, composição, etc. Classificação geral das rochas. Rochas eruptivas: noções sobre o seu modo de origem; intrusivas e efusivas; textura e composição; classificação genética das famílias de rochas eruptivas e seus caracteres principais: granito, diorito, gabbro, riolito, basalto, obsidiana, diabásio, sienito, fonólito. — 2 Aulas.

IV — Rochas sedimentares: breve noção sobre a sua origem; eólico, fluvial, marinho, glacial, principais tipos de rochas sedimentares e seus caracteres principais (conglomerado, brecha, arenito, silte, folhelho, tilito, calcário, dolomito). (Exemplos do Brasil). — 2 Aulas.

V — Rochas metamórficas: breve noção sobre a sua origem; principais tipos de rochas metamórficas e seus caracteres mais importantes (gnais, xisto, filito, ardósia, mármore, quartzito). — 1 Aula.

VI — Intemperismo. Agentes mecânicos e químicos do intemperismo (temperatura, ação do gelo, das plantas: oxidação, hidratação, dissolução). Desintegração e decomposição. — 1 Aula.

VII — Principais fatores que influenciam o intemperismo (tipo da rocha — composição e estrutura; condições climáticas; influência da topografia; presença ou ausência de vegetação). Formas erosivas. — 1 Aula.

VIII — Formação do solo e solos de S. Paulo. Deslocamento do manto e suas causas: depósitos de talus; solifluxão e outras modalidades de deslocamento do manto. — 1 Aula.

IX — Diastrolismo. Fraturas e falhas: tipos, nomenclatura. Dobras: tipos, nomenclatura. Inclinação e direção dos estratos. — 1 Aula.

X — Origem. Diferentes tipos de montanhas e sua origem. Geossinclinais. Evolução de um geossinclinal. Especulações sobre a causa dos movimentos crustais. Noções sumárias sobre epigênese. — 1 Aula.

XI — Vulcanismo. Fases da atividade vulcânica; fenômenos de explosão, projeção e tufos vulcânicos; fumar, lavas. Cones piroclásticos, vulcões-vencidos, estrato-vulcões, trapo brasileiro. Distribuição geográfica dos vulcões. Considerações sobre as prováveis causas do vulcanismo. — 1 Aula.

XII — Eruptividade profunda: diques, sills, lacólitos, necks, batólitos. — 1 Aula.

XIII — Critérios estratigráfico e paleontológico de determinação da idade de um camado. Fósseis índices. Noção de eras, períodos, sistemas, séries. Coluna cronogeológica. — 1 Aula.

XIV — Síntese da evolução geológica do Brasil. Pré-paleozóico. — 1 Aula.

XV — 2. Paleozóico brasileiro. — 1 Aula.

XVI — 3. Mesozóico brasileiro. — 1 Aula.

XVII — 4. Cenozóico brasileiro. — 1 Aula.

XVIII — Noções sobre a geologia do Estado de S. Paulo. Formações predevonianas (Arqueano e série S. Roque); sistema de Santa Catarina (Carbonífero-Triássico); formação Baurú (Cretáceo); depósitos fluviais modernos (bacias de S. Paulo e Taubaté). — 1 Aula.

XIX — Noções de Geologia Econômica do Brasil. Carvão: natureza e ocorrência. Petróleo: origem e condições de ocorrência. Minério de ferro e manganês. — 1 Aula.

Aulas práticas (1).

- 1 — Reconhecimento microscópico dos minerais. — 4 aulas.
- 2 — Reconhecimento microscópico das rochas ígneas, sedimentares e metamórficas. — 9 Aulas.
- 3 — Solos. — 1 Aula.
- 4 — Uso da Bussola de Geólogo e do Clinômetro. — 1 Aula.
- 5 — Perfil topográfico e geológico. — 4 Aulas.
- 6 — Leitura de mapas geológicos. — 4 Aulas.

PROGRAMA 1969-1981

GEOGRAFIA

PASTA IIII

ÍNDICE

INTRODUÇÕES

Introdução à Ciência Geográfica (1969-1970).....	1
Introdução à Ciência Geográfica (1971-1973).....	2
Introdução à Ciência Geográfica (1974-1975).....	3
Introdução à Ciência Geográfica (1976-1981).....	7
Introdução à Geografia Física (1969-1970).....	1
Introdução à Geografia Física (1971-1973).....	4
Introdução à Geografia Física (1974-1975).....	6
Introdução à Geografia Física (1976-1981).....	7
Introdução à Geografia Humana (1969-1973).....	5
Introdução à Geografia Humana (1974-1975).....	6
Introdução à Geografia Humana (1976-1981).....	7
OPÇÃO GEOGRÁFICA (1969-1973).....	8

CARTOGRAFIA E ELEMENTOS DE AEROFOTOGRAMETRIA

Cartografia I (1969-1970).....	9
Cartografia I (1971-1973).....	10
Cartografia I (1974-1975).....	12
Cartografia I (1976-1981).....	13
Cartografia II (1969-1973).....	11
Cartografia II (1974-1975).....	12
Cartografia II (1976-1981).....	13

GEOGRAFIA FÍSICA

Pedologia (1969-1973).....	14
Pedologia (1974-1975).....	15
Pedologia (1976-1981).....	16
Sedimentologia (1969-1972).....	17
Geomorfologia Estrutural (1969-1970).....	18
Geomorfologia Estrutural (1971-1973).....	19
Geomorfologia Estrutural (1974-1975).....	20
Geomorfologia Estrutural (1976-1981).....	25
Geomorfologia Climática e Litorânea (1969-1970).....	21
Geomorfologia Climática e Litorânea (Diurno) (1971-1973).....	22
Geomorfologia Climática e Litorânea (Noturno) (1971-1973).....	23
Geomorfologia Climática e Litorânea (1974-1975).....	24
Geomorfologia Climática e Litorânea (1976-1981).....	25
Geomorfologia Climática e Litorânea (1976-1981).....	26
Biogeografia (1969-1970).....	27
Biogeografia (1971-1973).....	28
Biogeografia (1974-1975).....	29
Biogeografia (1976-1981).....	30
Hidrologia Continental (1969-1973).....	31
Climatologia Geral e do Brasil (1969-1973).....	31 - A
Climatologia (1974).....	32
Fundamentos de Climatologia (1975-1981).....	32
Climatologia Sistemática e Regional (1975-1981).....	33
Hidrografia 1974	34
Hidrografia (1975-1981).....	35
Oceanografia.....	

OPTATIVAS DEPARTAMENTAIS	
✓ Orientação para Pesquisa em Geografia Física.....	80
✓ Aerofotogeografia (1974-1981).....	80
✓ Sensoriamento Remoto (1977-1981).....	81
✓ A Análise Ecológica em Geografia Humana (1979-1981).....	82
✓ Geografia Política (1980-1981).....	83
	84
OPTATIVAS NÃO DEPARTAMENTAIS	
✓ Ver Nota.....	85
OBRIGATORIAS NÃO DEPARTAMENTAIS	
✓ Geologia Geral.....	86
✓ Geologia Geral (1976-1980).....	87
✓ Elementos de Geologia.....	88
✓ Petrografia Geral (1969-1973).....	88
✓ Elementos de Mineralogia e Petrografia (1974-1979).....	89
✓ Elementos de Mineralogia e Petrografia (1980).....	90
✓ Antropologia Cultural.....	91
✓ Introdução à Antropologia (1976-1978).....	92
✓ Introdução à Antropologia (1979-1980).....	93
✓ Sociologia.....	94
✓ Sociologia (1976-1980).....	95
✓ História Econômica Geral e do Brasil.....	96
✓ História Econômica Geral e do Brasil (1976-1977).....	97
✓ História Econômica Geral e do Brasil (1978-1979).....	98
✓ História Econômica Geral e do Brasil (1980).....	99
✓ Estudo de Problemas Brasileiros.....	100
(Todos os anos)	

OPTATIVAS DEPARTAMENTAIS

Orientação para Pesquisa em Geografia Física.....	80
Orientação para Pesquisa em Geografia Humana.....	80
Aerofotogeografia (1974-1981).....	81
Sensoriamento Remoto (1977-1981).....	82
A Análise Ecológica em Geografia Humana (1979-1981).....	83
Geografia Política (1980-1981).....	84

OPTATIVAS NÃO DEPARTAMENTAIS

Ver Nota.....	85
---------------	----

OBRIGATORIAS NÃO DEPARTAMENTAIS

Geologia Geral.....	86
Geologia Geral (1976-1980).....	87
Elementos de Geologia.....	86
Petrografia Geral (1969-1973).....	88
Elementos de Mineralogia e Petrografia (1974-1979).....	89
Elementos de Mineralogia e Petrografia (1980).....	90
Antropologia Cultural.....	91
Introdução à Antropologia (1976-1978).....	92
Introdução à Antropologia (1979-1980).....	93
Sociologia.....	94
Sociologia (1976-1980).....	95
História Econômica Geral e do Brasil.....	96
História Econômica Geral e do Brasil (1976-1977).....	97
História Econômica Geral e do Brasil (1978-1979).....	98
História Econômica Geral e do Brasil (1980).....	99
EPB (todos os anos).....	100

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1970

CURSOS DE INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA
2 créditos

INTRODUÇÃO À CIÊNCIA GEOGRÁFICA

- 1 — Evolução do conhecimento científico da Geografia.
— Doutrinas, métodos e técnicas.
- 2 — Os problemas da Ciência Geográfica.
— Pluralidade ou unicidade da Geografia.
— As relações com outras ciências.
— Orientações e tendências atuais.
- 3 — Técnica de abordagem do fato geográfico.

INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA FÍSICA 2 créditos

- 1 — Geografia Física — uma fisiografia dinâmica da paisagem.
- 2 — Posição da Geografia Física nas Geo-Ciências.
- 3 — Setorização da Geografia Física e diferenciação metodológica.
- 4 — Os campos científicos, os métodos e as técnicas.
- 5 — Observação de fatos fisiográficos e esforços para experimentação.
- 6 — Métodos e técnicas da Geomorfologia.
- 7 — Métodos e técnicas da Climatologia.
- 8 — Métodos e técnicas da Hidrologia (a. Continental; b. Marinha).
- 9 — Experiência em separado e dificuldades para a reprodução dos complexos.
- 10 — Métodos indutivos e métodos dedutivos.
- 11 — O qualitativo e o quantitativo. Níveis de quantificação.
- 12 — Importância das técnicas analíticas.
- 13 — Métodos reconstitutivos ou cinemáticos.
- 14 — Testemunhos e indicadores paleogeomorfológicos.
- 15 — Testemunhos e indicadores paleoclimáticos.
- 16 — História geológica e história geomorfológica.
- 17 — Flutuações paleo-climáticas e modificações paleo-ecológicas.
- 18 — Métodos gráficos e métodos estatísticos.
- 19 — Diferenciação conceitual: — Geomorfologia, Climatologia, Pedologia e Ecologia.
- 20 — Da Fisiografia da Paisagem à Ecologia.
- 21 — O fracasso dos métodos "separativos" e as dificuldades de globalização.
- 22 — Os complexos ou combinações de fatos fisiográficos: noções sobre sistemas de erosão.
- 23 — Sistemas de erosão e domínios morfoclimáticos.
- 24 — A grande meta — esclarecimentos sobre a evolução integrada da paisagem.
- 25 — A importância das grandes teorias: *Bruckner e Reintanz*, *O ciclo*, *Indologian*, *Teoria do Contorno*, *Cravall e Ensta*, *Urnio*, *Pedimentação e Pediplação*, *Depósitos*, *Correlações*, *Aluviogenese*, e *Pedogenese*.
- 26 — A importância histórica das teorias propostas: — a teoria do ciclo vitados relevos.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1971 - 1973

INTRODUÇÃO À CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre

4 créditos

I - O Método Científico

- Considerações gerais: noção de ciência e seu uso comum.
- Características do conhecimento científico.
- Divisão das ciências: ciências formais e factuais.
- As etapas do método científico.
- A aplicação do método nas ciências naturais e sociais.

II - A Geografia como Disciplina Científica

- O objeto da Geografia.
- A perspectiva dos fenômenos da natureza e da sociedade.
- O campo da Geografia.
- Os recursos da explicação dos fatos e o problema das revelações da Geografia com as demais disciplinas científicas.
- Evolução do pensamento geográfico.

III - Problemas de Método em Geografia

- "Princípios da Geografia" ou método científico?
- Considerações sobre os métodos de análise em Geografia.
- Existe um método geográfico de investigação?
- Implicações metodológicas do conceito de região.
- O estado atual das técnicas de observação em Geografia.

Períodos Diurno e Noturno
2º semestre

I - Introdução ao estudo da Geografia. Conceitualização e importância da geografia como ciência.

II - Evolução dos conhecimentos geográficos: da Antiguidade aos dias atuais.

III - A Geografia Moderna: princípios e métodos. Campo de estudo. Principais escolas geográficas.

IV - Os diferentes ramos da ciência geográfica. O dualismo entre Geografia Física e Geografia Humana. A Geografia Regional.

V - Principais entidades nacionais e internacionais que se dedicam à Geografia. A União Geográfica Internacional (U.G.I.). O Instituto Pan-Americano de Geografia e História (I.P.G.H.). O Instituto Brasileiro de Geografia (I.B.G.). A Associação dos Geógrafos Brasileiros (A.G.B.). As Faculdades de Filosofia e Institutos de Geociências. O Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo. Principais publicações periódicas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA
1974 - 1975

FLG 101 - INTRODUÇÃO À CIÊNCIA GEOGRÁFICA
4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Chamar especialmente a atenção para os conceitos básicos de ciência e método, visando a compreensão evolutiva do pensamento geográfico, segundo as aquisições tecnológicas e as concepções filosóficas.
- 2) Enfatizar a percepção da natureza e propósitos da geografia em face à teoria das ciências naturais e sociais.
- 3) Insistir na análise e percepção do conceito de "espaço" em suas projeções geométricas e evolução geográfica.
- 4) Desenvolver uma atitude reflexiva em face das tendências modernas da geografia, levando o estudante a avaliar como os antigos métodos, técnicas e soluções propostas se tem preservado, substituído ou enriquecido com os fluxos benéficos que crescentes facilidades tecnológicas de análise tem trazido à investigação científica.

TEMÁTICA:

Ciência e Método (I)

- 1) Ciência e senso comum. Caracteres básicos do conhecimento científico.
- 2) Percepção e linguagem científica. O "objeto" científico, fenômeno e modelo.
- 3) Teorias científicas. Continuidades e rupturas. A "explicação" em ciência.
- 4) As etapas do método científico. Ciências formais e fatos. Teoria das ciências naturais e sociais.

A Geografia como Investigação Científica (II)

- 5) Evolução do pensamento geográfico. Variações de campo e propósitos. Descrição, explicação e organização.
- 6) As características atuais da geografia.
- 7) Problemas metodológicos: princípios da geografia ou princípios científicos na geografia.
- 8) Relações da geografia com as ciências afins.

A Geografia e a Noção de "Espaço" (III)

- 9) A geografia e geometria. Da geometria Euclidiana às modernas geometrias. Epistemologia do espaço.
- 10) O espaço absoluto em geografia e a noção de "paisagem".
- 11) A atuação do homem e as novas formas de projeção geográfica num espaço "relativo".
- 12) O "tempo" no espaço geográfico. História, dados, evolução dos processos e atualidade. As relações tempo-espaço em geografia.

A Geografia Atual e Suas Perspectivas (IV)

- 13) As tendências atuais de interpretação científica em geografia.
- 14) A teoria geral dos sistemas e sua repercussão na geografia. Cibernética e análise geográfica. Análises tópicas e espaciais.
- 15) Quantificação e teorização. Os exageros e o equilíbrio. Perspectivas para o futuro.

NATUREZA DO CURSO

Este curso pela sua natureza é teórico. Visa ele uma teorização introdutória à geografia e ao curso universitário de geografia. O alcance dos objetivos será função do comportamento dos alunos face às ideias recebidas. Assim as aulas expositivas deverão ser, fortunadamente, acompanhadas de formas ativas de análise, discussão e reflexão. Considerando o caráter organizado em grupos de debates. Considerando o caráter introdutório e o ecletismo de campo geográfico, este trabalho deverá assentar-se na análise de textos selecionados dentre as obras de caráter normativo, bem como ilustrações de bons exemplos de estudos geográficos.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1971 - 1973

INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA FÍSICA

Período Diurno e Noturno

19 semestre

2 créditos

- Geografia Física - uma fisionomia dinâmica da paisagem.
- Posição da Geografia Física nas Geociências.
- Setorização da Geografia Física e diferenciação metodológica.
- Os campos científicos, os métodos e as técnicas.
- Observação de fatos fisiográficos e esforços para experimentação.
- Métodos e técnicas da Geomorfologia.
- Métodos e técnicas da Climatologia.
- Métodos e técnicas da Hidrologia (a. Continental; b. Marinha).
- Experiências em separado e dificuldades para a reprodução dos complexos.
- Métodos indutivos e métodos dedutivos.
- O qualitativo e o quantitativo. Níveis de quantificação.
- Importância das técnicas analíticas.
- Métodos reconstitutivos ou cinemáticos.
- Testemunhos e indicadores paleoclimáticos.
- Testemunhos e indicadores paleogeomorfológicos.
- História geológica e história geomorfológica.
- Flutuações paleo-climáticas e modificações paleoecológicas.
- Métodos gráficos e métodos estatísticos.
- Da Geomorfologia, Climatologia, Pedologia à ECOLOGIA.
- Da Fisiografia da Paisagem à Ecologia.
- O fracasso dos métodos "separativos" e as dificuldades de globalização.
- Os complexos ou combinações de fatos fisiográficos: noções sobre sistemas de erosão.
- Sistemas de erosão e domínios morfoclimáticos.
- A grande aula - esclarecimentos sobre a evolução integrada da paisagem.
- A importância das grandes teorias: Biostasias e Resistância, O ciclo hidroclimático, Teoria do Controle Glacial e Eustatismo, Pedimentação e Pediplação, Morfogenese e Pedogenese.
- A importância histórica das teorias procrístas: a teoria do ciclo vital dos relevos.

Período Diurno e Noturno

20 semestre

2 créditos

1. A Geografia da Paisagem

- No quadro de uma geografia física global.
 - O dinamismo da paisagem, a fisionomia atual da paisagem como resultado de uma evolução contínua.
 - Os três atos diferentes que influem na paisagem continental e submarina: o ar, a água oceânica e continental e a epiderme dos continentes.
 - A análise da paisagem através das disciplinas especializadas da geografia física e ciências afins.
 - A interação entre os fatores físicos geográficos internos e externos.
 - A paisagem na perspectiva do tempo e do espaço: a escala temporal-espacial para a sua identificação; a escala geomorfológica de Cailleux-Tricart.
 - Os mecanismos gerais da paisagem e o "sistema de evolução da paisagem" segundo Bertrand.
 - A teoria de Erhart, a biostasias e a resistância como fatores determinantes na tipologia da paisagem.
 - Os geossistemas em biostasias e resistências; a pedogenese e a morfogenese.
2. A climatologia
- Estudo científico do clima.
 - Os problemas de métodos de estudo da climatologia.
 - Os tipos de tempo através do estudo da dinâmica do ar.
 - O estudo do clima como parte da síntese total do quadro geográfico.
3. O papel da geomorfologia
- Como ciência da terra: sua evolução histórica e seus problemas metodológicos de base: a identificação do fato topográfico, do fato estrutural, do fato morfogenético e do cronológico; a análise, a combinação desses fatos e de seus mecanismos para que a geomorfologia seja uma disciplina científica.
 - Os três níveis de tratamento na metodologia da pesquisa geomorfológica segundo Ab'Saber: a com partimentação, a estrutura superficial da paisagem e a fisiologia da paisagem.
4. A pedologia
- Consciência do solo superficial e de suas camadas profundas sucessivas.
 - A formação do solo "no ponto de intersecção da atmosfera, hidrosfera e biosfera".
 - A sedimentologia - estudo da granulometria e morfocênese da interpretação geomorfológica a propósito das paisagens atuais e antigas.
5. A oceanografia física
- A água marinha, o relevo e a composição dos fundos oceânicos.
 - A relação desses fundos oceânicos com os continentes através da plataforma continental e do litoral.
 - A geomorfologia litorânea.
6. A hidrologia
- A hidrodinâmica fluvial e das vertentes.
 - O regime dos rios e as leis da hidráulica.
 - A importância das medidas da massa líquida em movimento para a ocupação planejada do espaço geográfico.
7. A biogeografia
- Seus domínios - fitogeografia e zoogeografia.
 - O complexo biogeográfico com um dos constituintes da paisagem.
8. A síntese morfoclimática na paisagem e sua cartografia.
- As grandes paisagens morfoclimáticas do globo.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA HUMANA

Períodos Diurno e Noturno

2 créditos

1. Relações entre a Geografia e as Ciências do Homem.
2. A Geografia Humana, sua projeção e desenvolvimento.
3. Campo e método da Geografia Humana.
4. Campo e método da Geografia Econômica.
5. Campo e método da Geografia Política.
6. A pesquisa geográfica das cidades e os planos diretores.
7. Geografia Agrária - técnicas de pesquisa geográfica no meio rural.
8. A representação cartográfica dos fatos de Geografia Humana.
9. Aplicações da Geografia Humana.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1974 - 1975

PROGRAMA
FLG 102 - INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA FÍSICA
2 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Apresentar os campos de estudo da geografia física e suas relações com as ciências afins procurando avaliar, pelas diferenças de objetivos, a adequação dos métodos e técnicas de análise geográfica.
- 2) Procurar neutralizar a dicotomia das abordagens "física" e "humana" evoluindo o pensamento para uma visão globalizante e integrada da paisagem.
- 3) Enfatizar a noção de escala associada à utilização dos critérios de escolha e hierarquia das variáveis naturais na "regionalização" do espaço geográfico.

TÍTULO: "Geografia Física e Análise Integrada da Paisagem"

TEMÁTICA:

- I - Posição da geografia física nas geociências e importância para as ciências humanas; os campos científicos e as ciências afins.
- II - Métodos e técnicas de análise. Métodos reconstitutivos ou cinemáticos. Métodos estatísticos. A importância histórica das teorias proscritas. A falência das abordagens "separativas" e as dificuldades de globalização.
- III - Os complexos de combinações de fatos e os graus de organização. As escalas. Conceitos de organização sistêmica e sua aplicabilidade em geografia física.
- IV - Indução e dedução em geografia física. O qualitativo e o quantitativo. Os níveis de quantificação em geomorfologia, climatologia e hidrografia.
- V - As grandes metas. A evolução integrada da paisagem e os processos. A organização da paisagem atual e sua tipologia. As avaliações das mudanças e os modelos.

NATUREZA DO CURSO:

Desenvolvimento teórico ilustrativo a base de análises de textos e artigos que atendam os objetivos do curso. Considera-se que a teorização metodológica introdutória já foi desenvolvida no curso de "Introdução à Ciência Geográfica", a perspectiva centrada na geografia já foi, ou estará sendo desenvolvida na "Introdução à Geografia Humana". Cumprindo, pois, recorrer à ilustração de casos específicos para análise e discussão possibilite a apreensão do contexto da geografia física.

FLG 103 - INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA HUMANA
2 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Mostrar a posição atual do homem como centro da perspectiva geográfica e como agente de organização do espaço.
- 2) Levar a compreensão de que a realidade do homem e sua obra na face da terra pode ser estudada através de muitas perspectivas colocando a abordagem geográfica em vinculações e interpenetrações com as demais ciências humanas.
- 3) Chamar a atenção para o papel de homem no desequilíbrio ecológico da face da terra, enfatizando a necessidade de racionalização desta tarefa nas regiões intertropicais, baseando-se no conhecimento da geografia humana do Brasil, cuja pesquisa deve ser estimulada.

TEMÁTICA:

- I - A posição do homem no campo da geografia. Panorama evolutivo. O papel de Ratzel e as doutrinas subsequentes. As etapas fundamentais da geografia humana. A situação atual: o homem como agente da organização do espaço e centro de interesse geográfico.
- II - A geografia no contexto atual das ciências humanas. Campo de estudo da geografia humana. Noções de "tempo" e "espaço" nas ciências geográficas, sociais e econômicas. Vinculações, subsídios e diferenças de objetivos básicos.
- III - Observação e análise em geografia humana. A observação direta no trabalho de campo. As técnicas complementares de observação e análises espaciais. Inquéritos, questionários e sua aplicação. Contribuições das ciências sociais. O tratamento estatístico da informação. Aplicação de métodos de investigação histórica em geografia humana.
- IV - A dinâmica dos fatos humanos e as mudanças. Análise dos processos e suas definições espaciais. Os complexos de combinações de fatos e os graus de organização. As tendências modernas. Técnicas de quantificação como meio de compreensão geográfica.
- V - A meta final. A compreensão da organização do espaço geográfico. Problemas de escala e graus de complexidade. Padrões de mudanças (no tempo) e variações (no espaço).

NATUREZA DO CURSO:

O curso terá desenvolvimento teórico em aulas expositivas, ilustrado em 50% do tempo disponível com análises de textos selecionados, em discussões organizadas em grupos, sobre conceituação básica, campo de estudo e orientação metodológica, preferencialmente sobre a realidade geográfica brasileira.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1976 a 1981

INTRODUÇÃO À CIÊNCIA
GEOGRÁFICA

29 Semestre
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 101
Pré-requisito:
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos: 4
Número máximo de alunos por turma: 140

I - OBJETIVOS:

Chamar a atenção para os conceitos básicos da metodologia teórica e sua aplicação à Geografia. Compreender a evolução das ideias geográficas e as polémicas em torno de seu objeto, métodos técnicos e métodos lógicos. Discutir os conceitos básicos da disciplina, enfatizando o de "espaço geográfico" bem como as diversas formas de sua representação. Desenvolver atitude reflexiva ante as novas tendências metodológicas da Geografia e avaliar, da mesma maneira, as contribuições clássicas.

II - CONTEÚDO:

A) Ciências e método: distinções entre lógica, teoria do Conhecimento e metodologia; fundamentos da metodologia das ciências; Conhecimento; Significado; Definições; Conceitos; Teorias; Leis; Explicações; ciências formais e ciências empíricas; o método científico. B) Geografia como investigação científica: campo material; objeto; Geografia como corologia; Geografia como ciência social; conceitos básicos: superfície da terra, fato geográfico, situação, sítio, posição, espaço, meio, região. Explicação geográfica: teorias geográficas; teorias em geografia; métodos de interpretação em geografia. C) - Geografia atual e suas perspectivas - As atuais tendências metodológicas; Geografia, metodologia teórica e metodologia operacional; teoria geral dos sistemas e análise geográfica; cibernética e análise geográfica; análises tópicas e espaciais: quantificação e teorização.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, seminários e análises de textos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Participação em seminários e fichamentos bibliográficos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Três ou quatro provas escritas, avaliação de seminários e fichamentos bibliográficos.

INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA FÍSICA

29 Semestre
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 102
Pré-requisito:
Carga horária: 2 horas semanais
Número máximo de alunos por turma: 140

I - OBJETIVOS:

1) Apresentar os campos de estudo da geografia física e suas relações com as ciências afins. A adequação dos métodos e técnicas de análise geográfica.
2) Neutralizar a dicotomia das abordagens "física" e "humana" procurando uma visão globalizante e integrada da paisagem.
3) Enfatizar a noção de escala associada à utilização dos critérios de escolha e hierarquia das variáveis naturais na "regionalização" do espaço geográfico.

II - CONTEÚDO:

1) Posição da geografia física nas geociências e importância para ciências humanas.
2) Métodos e técnicas de análise. Métodos reconstitutivos ou cinemáticos e estatísticos. As abordagens "separativas" e as dificuldades de globalização.
3) Os complexos de combinações de fatos e os graus de organização. As escalas. Conceitos de organização sistêmica.
4) Indução e dedução em geografia física. O qualitativo e o quantitativo.
5) A evolução integrada da paisagem e os processos. A organização atual da paisagem e sua tipologia. Os modelos.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Curso teórico com análise e discussão de textos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Participação em trabalhos de grupo e leituras programadas.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Através de provas, trabalhos e fichas de leituras.

INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA HUMANA

29 Semestre
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 103
Carga horária: 2 horas semanais
Créditos: 2
Número máximo de alunos por turma: 140

I - OBJETIVOS:

Mostrar o homem como centro da Perspectiva geográfica e como agente de organização do espaço. Levar à compreensão de que a realidade humana pode ser estudada sob muitas perspectivas, relacionando a abordagem geográfica às demais ciências humanas; Chamar atenção para o papel do homem no desequilíbrio ecológico, enfatizando-se esta problemática nas regiões intertropicais em geral e, em particular, no Brasil.

II - CONTEÚDO:

I - A posição do homem no campo da Geografia. As etapas fundamentais da Geografia Humana. II - Objeto da Geografia Humana. Tempo e espaço nas ciências geográficas, sociais e econômicas. A geografia no contexto das ciências humanas. III - Observação e análise em Geografia Humana. O trabalho de campo. Técnicas, questionários e sua aplicação. As técnicas de quantificação. Aplicação de métodos de investigação histórica. IV - A dinâmica dos fatos humanos e as mudanças. Análise dos processos e suas definições espaciais. Os complexos de combinações de fatos e os graus de organização. V - A compreensão e explicação da organização do espaço geográfico.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas e seminários.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras bibliográficas, preparação de trabalhos individuais e em grupos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Avaliação de trabalhos individuais e em grupos: participação em seminários e provas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

OPÇÃO GEOGRÁFICA
1969 - 1973

Programa a ser desenvolvido por uma equipe de professores, explorando as tendências ou exigências mais recentes da ciência geográfica.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO

Períodos Diurno e Noturno
10 semestres

3 créditos

- I - A explosão demográfica
- II - O ecúmeno: expansão e limites.
- III - Efetivo humano no globo.
Distribuição geográfica da população e seus fatores.
- IV - Análise de composição das populações:
 - a) sexo e idade
 - b) profissão
 - c) populações urbanas e rurais
 - d) tipologia das populações segundo a sua composição.
- V - Movimentos demográficos:
 - a) Natalidade e mortalidade
 - b) Tipologia das populações segundo sua evolução
 - c) Equilíbrio e desequilíbrio demográfico (Noção de optimum da população):
em face do meio natural;
em face da organização econômico-social.
- VI - Movimentos migratórios.
- VII - Exemplos regionais.

Nota: As características da população brasileira do verão aparecer, de forma integrada, em todo o desenvolvimento do programa.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1974 - 1975

PLG 413 - GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO
4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Fornecer as técnicas básicas de análise demográfica subordinando-as aos propósitos de abordagem geográfica.
- 2) Enfatizar a importância das diversidades de distribuição populacional no globo e os processos dinâmicos de mudança.
- 3) Alertar sobre as relações com os recursos naturais e com os fatos de natureza econômica, política e social.

TEMÁTICA:

Introdução ao Estudo Geográfico da População (I)

- 1) Introdução aos estudos populacionais. Demografia e a abordagem geográfica da população.
- 2) O efetivo humano no globo.
- 3) Distribuição geográfica da população e seus fatores.

Dinâmica Populacional (II)

- 4) O dinamismo intrínseco da População. Natalidade e mortalidade. Composição por sexo e idade.
- 5) Técnicas de análise qualitativa e quantitativa e sua representação gráfica.

Estrutura Demográfica (III)

- 6) Composição populacional, critérios.
- 7) Os setores de atividades e populações urbanas e rurais.
- 8) População ativa e inativa.
- 9) Tipologia das populações segundo a evolução e composição.

Mobilidade Espacial da População (IV)

- 10) Condições de equilíbrio e movimentos populacionais.
- 11) Em face das condições naturais: em face da organização econômico social.
- 12) Mobilidade demográfica. Tipos de fluxos.

Política Populacional (V)

- 13) Desenvolvimento econômico e população.
- 14) Problemas nas regiões intertropicais, na América Latina.
- 15) O caso brasileiro.

NATUREZA DO CURSO:

Curso teórico normativo em aulas expositivas (2 horas) utilizando enfaticamente a população brasileira como exemplificação; em seminários, (2 horas) organizados em grupos de trabalho utilizando análises regionais, demográficas como amostragem de tratamento metodológico.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

1969 - 1973

GEOGRAFIA AGRÁRIA

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre

4 créditos

Sistemas Agrários das Regiões de Latitudes Médias:
Agricultura de Mercado

- Tipos de agricultura de rotação
- Tipos de agricultura intensiva
- Agricultura extensiva mecanizada

Sistemas Agrários das Regiões Áridas e Semi-Áridas

Os problemas

- A produção de alimentos e sua distribuição
- As reformas agrárias

Estudo da Estrutura Fundiária Brasileira e a Reforma Agrária

Observação: No capítulo B sugeriu-se apenas dois sub-
-itens, ficando a cargo do responsável
pelo curso a sua complementação. Nos ca-
pítulos C, D e E foram destacadas algu-
mas zonas onde são focalizados os siste-
mas mais comuns.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1974 - 1975

FLG 414 - GEOGRAFIA AGRÁRIA

4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Compreender a natureza dos componentes do quadro rural analisando os fatores que conduzem à definição dos espaços agrários.
- 2) Considerar a natureza das relações entre as condições naturais, técnicas e sócio-econômicas.
- 3) Tentar perceber até onde é possível considerar uma organização espacial e temporal dos sistemas agrários.
- 4) Enfatizar a natureza das mudanças recentes verificadas no quadro rural em particular quanto às relações com os mercados e aos reflexos da interação dos fatos urbanos e rurais.
- 5) Desenvolver formas de comportamento interessando à pesquisa valorizando os métodos e técnicas de trabalho.

TEMÁTICA:

O Caráter Geográfico do Fato Agrário (I)

- 1) Geografia Agrária: conceito e campo.
- 2) A análise geográfica de domínio agrário e dos campos afins.
- 3) Discussão do Problema rural e do urbano.
- 4) Análise de exemplos brasileiros.

A Organização Interna das Atividades Agrárias (II)

- 5) A propriedade rural - condições jurídicas de posse da terra - tipos de propriedades e suas vinculações regionais.
- 6) A mão de obra e os regimes de exploração agrícola. Os recursos técnicos e a produtividade.

Os Fatores de Organização Agrária (III)

- 7) Os condicionamentos naturais. Integração ecológica.
- 8) As condições históricas e os processos de mudança.
- 9) A infraestrutura técnica e a produtividade. Os objetivos da produção: as condições de mercado.

Os Padrões Espaciais da Ocupação Agrária (IV)

- 10) A dinâmica do povoamento rural e suas expressões espaciais. Povoação / habitat.
- 11) Padrões de povoação rural. Caracteres tipológicos gerais e casos especiais no Brasil.
- 12) Padrões agrários e urbanos: Relações cidade-campo.

Os Grandes Conjuntos de Sistemas Agrários (V)

- 13) Tipologia dos sistemas agrários e sua distribuição no globo.
- 14) Os sistemas das regiões intertropicais
- 15) Os sistemas agrários no Brasil

NATUREZA DO CURSO:

Consistirá de aulas teóricas enfatizando a discussão dos conceitos básicos. Será complementado por seminários, em grupos, com abordagem de temática vinculada a problemas nacionais, bem como problemas de método e técnicas de pesquisa com base na análise de textos. Preve-se a realização de excursões, desde que existam condições, ao longo de um eixo que permita a visualização de áreas agrícolas diferentes e suas relações com a estrutura superficial da paisagem.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1976 a 1981

GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO

19 Semestre
Disciplina: básica
Destinada: Geografia
Código: FLG 413
Pré-requisitos: FLG 101, 102, 103 e 20
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos: 4
Número máximo de alunos por turma:

I - OBJETIVOS:

1) Fornecer as técnicas básicas de análise demográfica subordinando-as aos propósitos de abordagem geográfica. 2) Enfatizar a importância das diversidades de distribuição populacional no globo e os processos dinâmicos de mudança. 3) Alertar sobre as relações com os recursos naturais e com os fatos de natureza econômica, política e social.

II - CONTEÚDO:

1) O efetivo humano no globo. Distribuição geográfica da população e seus fatores. 2) O dinamismo da população. Natalidade e mortalidade. Composição por sexo e idade. 3) População ativa e inativa. Setores de atividade. 4) População rural e urbana. 5) Condições de equilíbrio demográfico e movimentos populacionais. 6) Política populacional e desenvolvimento econômico. 7) Problemas nas regiões intertropicais. 8) O caso brasileiro.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, seminários, trabalhos práticos de cartografia.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalho em grupo para preparação de seminários, pesquisas bibliográficas, confecção de gráficos, cartogramas, interpretação de textos e leitura de mapas.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Avaliação de seminários, participação em debates, provas.

GEOGRAFIA AGRÁRIA

19 Semestre
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 414
Pré-requisitos: FLG 101, 102, 103, 204
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos: 4
Número máximo de alunos por turma: 130

I - OBJETIVOS:

1) Compreender a natureza dos componentes do quadro rural analisando os fatores que conduzem à definição dos espaços agrários; 2) Considerar a natureza das relações entre as condições naturais, técnicas e sócio-econômicas; 3) Perceber as características de organização espacial e temporal dos sistemas agrários; 4) Enfatizar as mudanças recentes no quadro rural; 5) Desenvolver o interesse pelos métodos e técnicas de pesquisa em Geografia Agrária.

II - CONTEÚDO:

1) O caráter geográfico do fato agrário: conceito e campo; mundo rural e mundo urbano. 2) A organização interna das atividades agrárias; a propriedade rural; mão de obra e regimes de exploração agrícola; produtividade. 3) Os fatores da organização agrária; condições naturais e condições históricas, infra-estrutura técnica e mercados. 4) Os padrões espaciais da ocupação agrária; relações cidade-campo; 5) Os grandes conjuntos de sistemas agrários, tipologia e distribuição.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, enfatizando os conceitos básicos. Seminários em grupos com abordagem de temas nacionais.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Pesquisas bibliográficas, participações nos debates no seio dos grupos e nas aulas, elaboração de trabalho escrito e a apresentação de críticas escritas às exposições feitas em classe.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Avaliação a partir de roteiros de exposição, exposição oral dos resultados do trabalho em grupo, sínteses críticas semanais, trabalho escrito (de cada grupo) e prova escrita.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

GEOGRAFIA URBANA

Períodos Diurno e Noturno 4 créditos
2º semestre

- I - Conceito de Cidade (critérios para a sua classificação)
 - Síntese sobre o conceito de cidade no passado
 - A diversificação do fato urbano na atualidade
 - A noção de cidade no Brasil, os critérios oficiais
 - A cidade no Brasil Colonial
 - O problema atual
- II - O processo de urbanização a partir da segunda metade do século XVIII (ou a partir do século XIX)
 - A cidade e a revolução industrial
 - A cidade e a revolução nos meios de circulação
 - A cidade e a expansão colonial
 - O fato urbano no globo
 - O espaço colonial brasileiro e o papel dos centros urbanos
 - Estrutura econômica do país na atualidade e a urbanização
- III - Evolução das cidades
- IV - Posição Geográfica das Cidades
 - Papel da circulação
 - Posição e condições naturais
 - Os fatores humanos na valorização da posição
 - Cidades-portuárias e a posição geográfica
 - Posição e área de influência
 - Exemplos de cidades brasileiras
- V - As funções urbanas
 - Conceito
 - Centros mono-funcionais e poli-funcionais
 - As funções e a origem dos centros urbanos na atualidade
 - Exemplos brasileiros de estruturas funcionais urbanos
 - As funções consideradas isoladamente: Política-administrativa, Militar, Comercial, Religiosa, Industrial, Financeira, Cultural, Recreativa, Turística e outras
 - Exemplos brasileiros e estrangeiros
 - Funções e população ativa
 - Funções e hierarquia urbana
- VI - Sítio Urbano
 - Conceito
 - Sítio original e sítio atual
 - Sítio urbano e conjuntura histórica
 - O sítio e a posição geográfica das cidades
 - Evolução da noção de sítio
 - Sítio e organização do espaço urbano
 - Sítio e planejamento
 - Tipologia dos sítios urbanos brasileiros, especialmente o Estado de São Paulo

- VII - Organização do Espaço Urbano
 - Estrutura das cidades. Exemplos a partir de gerações urbanas
 - Zoneamento e suas condições
 - Zoneamento e planejamento
- VIII - Os problemas urbanos
 - Circulação geral e local
 - Abastecimento
 - Energia
 - Clima urbano
 - Problemas urbanos e funções
 - Problemas e sítios
 - Problemas urbanos em face das estruturas econômicas, políticas e sociais
 - Panorama dos problemas comuns às grandes cidades brasileiras
- IX - Crescimento das Cidades
 - Conurbações
 - Mono e poli-centrismo
 - Conurbações e metrópoles
 - Regiões urbanas
 - Cidade e região
 - Hierarquia urbana
 - Metrópoles e regiões polarizadas no Brasil
- X - Sugestões para seminários
 - A cidade do Brasil Colonial
 - Cidade e organização do espaço e o Brasil Colonial
 - Urbanização no Brasil no Século XX
 - Espaço e estrutura econômica brasileira e os centros urbanos
 - Posição geográfica de São Paulo
 - Posição geográfica de Belém
 - De Salvador a Brasília - Significado das mudanças da Capital
 - Funções da Cidade de São Paulo
 - Sítio urbano do Rio de Janeiro
 - Sítio urbano de São Paulo
 - Organização do espaço de Brasília
 - Organização do espaço de São Paulo
 - Organização do espaço de Ouro Preto
 - Mocimbo do Recife e a estrutura econômica regional
 - Salvador e suas favelas
 - Favelas do Rio de Janeiro
 - Rio de Janeiro e sua região
 - Regiões polarizadas no Estado de São Paulo
 - Salvador e sua região
 - Rede urbana

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1974 - 1975

FLG 415 - GEOGRAFIA URBANA
4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Focalizar a cidade como instrumento fundamental da organização do espaço.
- 2) Ressaltar os problemas urbanos atuais dentro dos conjuntos políticos, sociais e econômicos dos países em desenvolvimento, em particular nas áreas intertropicais.
- 3) Dar especial atenção às normas metodológicas de análise urbana visando a qualidade da análise geográfica neste campo e a posição da geografia nas equipes interdisciplinares de estudos e planejamento urbano.

TEMÁTICA:

A Análise Geográfica das Cidades (I)

- 1) O conceito de cidade. O campo de estudo geográfico e as áreas afins.
- 2) O processo de urbanização e as tendências atuais. Importância atual do fato urbano.
- 3) O problema nos países em desenvolvimento. A importância do problema no Brasil.

A Diversificação do Fato Urbano no Tempo e no Espaço (II)

- 4) Perspectiva evolutiva da urbanização: a revolução industrial, a expansão colonial. As estruturas econômicas atuais e as redes urbanas.
- 5) Projeção espacial do fato urbano. Posição geográfica, relações com as condições naturais, fatores de circulação e áreas de influência.
- 6) O sítio urbano: as condições ecológicas e a implantação urbana. Tipologia dos sítios urbanos.

O Organismo Urbano e sua Estrutura (III)

- 7) A morfologia urbana e seus fatores.
- 8) Conceito de estrutura urbana. Tipos.
- 9) Estrutura e crescimento: mono e policêntrico. As conurbações.
- 10) Problemas urbanos: os fluxos de energia. Abastecimento. Circulação. Problemas.

As Funções Urbanas e a Vida de Relações (IV)

- 11) Conceito de função urbana. Funções na gênese e evolução das cidades. Funções básicas e não básicas.
- 12) Funções urbanas e população ativa.
- 13) A projeção externa das funções e a vida de relações.

As Cidades e a Organização dos Espaços (V)

- 14) As cidades e a polarização - hierarquização e redes urbanas.
- 15) O processo de metropolização. Áreas ergidas metropolitanas. Regiões urbanas.

NATUREZA DO CURSO:

O Curso tem desenvolvimento teórico normativo. O desenvolvimento de seminários visa, sobretudo, a análise espacial da problemática urbana brasileira e de regiões afins (objetivos 2). Os temas selecionados além de exemplos monográficos incluirão abordagens típicas tais como: "A lavoura cafeeira e a urbanização no Brasil" - "A urbanização nas áreas de colonização européia no sul do Brasil". Especial destaque será dado aos problemas de hierarquia urbana no Estado de São Paulo e os problemas da metrópole.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS

Período Diurno 2º semestre 4 créditos

- 1 - A Geografia Industrial. Conceito, finalidade e métodos de estudo.
- 2 - Características gerais da organização industrial. Tipos de concentração. Os complexos industriais.
- 3 - Os fatores da localização das indústrias. O papel das fontes de energia e da matéria-prima. As vias de comunicação e as indústrias. Os portos e as indústrias.
- 4 - As indústrias pesadas. A siderúrgica. As indústrias químicas. Estruturas e distribuição geográfica.
- 5 - As indústrias de equipamento. Indústrias de material de construção. Indústrias de maquinária e de material de transporte.
- 6 - As indústrias de bens de consumo. As indústrias têxteis e de vestuário. As indústrias alimentares.
- 7 - As regiões industriais e a organização do espaço. O exemplo da região do Ruhr.
- 8 - A industrialização do Brasil. Origens, evolução e problemas.
- 9 - A implantação das indústrias no Brasil do Sudeste e seus fatores.
- 10 - A industrialização da área metropolitana de São Paulo e suas bases geo-econômicas.

TRABALHOS PRÁTICOS

- A - Seminários sobre temas do curso teórico (em grupos).
- B - Construção e interpretação de gráficos e cartogramas (individual).
- C - Excursões a áreas industriais e visita a fábricas (relatório de grupos).

PERÍODO NOTURNO

1º semestre Curso Teórico

- I - Estrutura e formas de organização da atividade industrial.
 - a) A natureza da atividade industrial
 - b) Classificação dos tipos de indústrias
 - c) A organização da atividade industrial
 1. As instituições ligadas à produção industrial
 2. A ordenação espacial do fato industrial
- II - As etapas históricas da evolução industrial
 - a) As origens do Capitalismo e a formação do capital financeiro.
 - b) A Revolução Industrial.
 - c) A Segunda Revolução Industrial.
 - d) Tendências recentes da evolução industrial.
 - e) A evolução do processo de industrialização no Brasil.
- III - A repartição geográfica das indústrias e seus princípios.
 - a) Precedência dos fatores históricos sobre os naturais.
 - b) Os princípios da localização industrial.
 - c) Os tipos da localização industrial.
 - d) As tendências atuais da localização industrial.
 - e) As áreas industriais do Mundo e do Brasil.
- IV - As regiões desenvolvidas e subdesenvolvidas e suas relações com o fato industrial.
 - a) Noções sumárias de desenvolvimento e subdesenvolvimento.
 - b) Países desenvolvidos e subdesenvolvidos; países industrializados e não industrializados.
 - c) Os estágios do subdesenvolvimento; o caso brasileiro.

SEMINÁRIOS COM TRABALHOS EM GRUPO

- I - Alguns temas do curso teórico cujo tratamento for julgado conveniente fazer-se durante os seminários.
 - a) A siderurgia nos países da C.E.C.A.
 - b) A siderurgia na U.R.S.S.
 - c) A siderurgia nos países da América Latina.
 - d) A industrialização do Japão.
 - e) A região Industrial dos Grandes Lagos.
 - f) A estrutura da produção industrial brasileira.
 - g) Os centros industriais do Brasil Meridional.
 - h) A Sudene e a industrialização do Nordeste.
 - i) Organização do espaço industrial no Brasil do Sudeste.
 - j) A Região Industrial de São Paulo.
 - k) O espaço industrial na área metropolitana de São Paulo.

EXCURSÕES

Serão realizadas duas excursões (uma visita à fábrica e uma visita à área industrial); todo aluno deverá comparecer a, pelo menos, uma delas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1974 - 1975

FLH 416 - GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS
4 horas semanais

Período Diurno
Período Noturno

OBJETIVOS:

- 1) Situar o estudante face à importância da indústria no mundo contemporâneo.
- 2) Introduzi-lo nos problemas geográficos do fato industrial.
- 3) Analisar processos de industrialização, especialmente em países em desenvolvimento, e o seu papel na organização do espaço.
- 4) Discutir normas metodológicas e desenvolver o interesse pela pesquisa neste campo.

TEMÁTICA:

O Fato Industrial no Tempo e no Espaço (I)

- 1) A integração geográfica do fato industrial. Análise e métodos.
- 2) As etapas da evolução industrial.
- 3) Os fundamentos da revolução industrial.
- 4) As novas revoluções industriais. Tendências da evolução industrial.

Os Processos de Industrialização (II)

- 5) A implantação da indústria moderna e sua distribuição geográfica.
- 6) A universalização do fato industrial. As diferenças regionais de desenvolvimento e suas relações com o fato industrial.
- 7) Os fatores de localização das indústrias. Os problemas do mundo contemporâneo e suas novas tendências nas tendências atuais de localização.

A Estrutura do Fato Industrial (III)

- 8) Características gerais da organização industrial. Tipos de empresas.
- 9) As diferentes formas de concentração industrial. As empresas multinacionais. Os complexos industriais.

Organização Espacial e Classificação (IV)

- 10) Os setores industriais. Conceitos e classificações. As indústrias básicas.
- 11) A indústria siderúrgica.
- 12) As indústrias químicas. (Análises em seminários)

A Industrialização do Brasil (V)

- 13) Origens, evolução e problemas da industrialização do Brasil.
- 14) A implantação industrial no Brasil de sudeste e seus fatores.
- 15) A concentração industrial na área metropolitana de São Paulo e sua expansão.

NATUREZA DO CURSO:

O curso será teórico acompanhado de prática normativa. Esta será ministrada em seminários sobre temas relacionados a unidade IV. Haverá aulas especiais de construção e interpretação de gráficos e cartogramas específicos da temática. Prever-se-á realização de excursões a áreas industriais e visitas a estabelecimentos fabris, notadamente no Parque Paulista e correlatos.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1976 - 1981

GEOGRAFIA URBANA

2º Semestre

Disciplina: básica

Destinada: Geografia

Código: FLG 415

Pré-requisito: FLG 101, 102, 103 e 204

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos: 4

Número máximo de alunos por turma: 130

I - OBJETIVOS:

- 1) Focalizar a cidade como instrumento fundamental da organização do espaço.
- 2) Ressaltar os problemas urbanos dentro dos conjuntos políticos, sociais e econômicos dos países em desenvolvimento, em particular nas áreas tropicais.
- 3) Dar especial atenção aos métodos de análise urbana visando a qualidade da análise geográfica neste campo e a posição da Geografia nas equipes interdisciplinares de estudos e planejamento urbano.

II - CONTEÚDO:

- 1) A Análise Geográfica das Cidades: o campo da Geografia e áreas afins; a urbanização nos países em desenvolvimento e no Brasil.
- 2) A Diversificação do Fato Urbano no Tempo e no Espaço: perspectivas da urbanização; projeção espacial da cidade; posição e sítio.
- 3) O Organismo Urbano e Sua Estrutura: morfologia urbana, estrutura e crescimento - conurbação; problemas urbanos.
- 4) Funções Urbanas e Vida de Relações: implicações na gênese e evolução da cidade; funções básicas e não-básicas.
- 5) As Cidades e a Organização dos Espaços: polarização, hierarquia e rede urbana, metropolização, regiões urbanas.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, seminários e discussões.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras básicas obrigatórias, preparação de seminários, cartas, plantas, croquis, gráficos etc.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Participação em seminários e provas.

X GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS

2º Semestre

Disciplina: básica

Destinada: Geografia

Código: FLG 416

Pré-requisitos: FLG 101, 102, 103, 204 e 417

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos: 4

Número máximo de alunos por turma: 120

I - OBJETIVOS:

- 1) Mostrar a importância do fato industrial no mundo contemporâneo e as transformações sociais e econômicas que decorrem da industrialização.
- 2) Analisar os processos de industrialização, especialmente em países em desenvolvimento e o seu papel na organização do espaço.
- 3) Analisar as relações de dependência que se estabelece em função da evolução tecnológica e da concentração financeira.
- 4) Discutir normas metodológicas e desenvolver o interesse pela pesquisa.

II - CONTEÚDO:

- 1) O fato industrial no tempo e no espaço. a) Os fundamentos da revolução industrial; b) Tendências atuais da evolução industrial.
- 2) Os processos de industrialização. a) A indústria moderna e sua distribuição geográfica; b) A universalização do fato industrial; as diferenças regionais do desenvolvimento e suas relações com o fato industrial. Os fatores de localização das indústrias; tendências atuais de localização.
- 3) A estrutura do fato industrial.
- 4) A industrialização no Brasil.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Estudo de textos feito em três níveis: individual, em grupo, discussão na classe. Seminários apresentados pelos grupos. Excursões a áreas industriais e visitas a estabelecimentos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos individuais relacionados com os textos. Escolha, justificativa e preparação de um seminário de grupo. Participação em excursão. Pequena pesquisa em um estabelecimento fabril.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

O aluno deverá ter o trabalho apreciado em todas as etapas, participação nos seminários, excursões e provas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

FONTES DE ENERGIA

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre

1 crédito

- 1 - Fontes e formas de energia: caracterização e evolução histórica de sua utilização.
- 2 - Os recursos mundiais em combustíveis fósseis:
 - a) o carvão: condições e sistemas de exploração
produção e comércio do carvão no mundo
 - b) o petróleo: distribuição geográfica das jazidas
a organização da produção e do comércio do petróleo no mundo
 - c) o xisto betuminoso: distribuição geográfica
- 3 - A hidreletricidade:
 - distribuição geográfica do potencial
 - produção e distribuição da energia elétrica.
- 4 - Sistemas energéticos:
 - caracterização
 - distribuição geográfica
 - a) sistemas energéticos nos países de elevado consumo.
 - b) os sistemas energéticos nos países de baixo consumo.
 - c) os sistemas energéticos brasileiros.

Nota: As características das fontes de energia no Brasil deverão aparecer, de forma integrada, em todo o desenvolver do programa.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

PLG 417 - PONTES DE ENERGIA

OBJETIVOS:

- 1) Compreensão da importância dos recursos energéticos, sua distribuição e técnicas de valorização.
- 2) Percepção do papel dos recursos energéticos nos processos de mudança econômica, política e social.
- 3) Desenvolver o estudo entrosando as perspectivas históricas e geográficas enquadrando os espaços-chaves (estratégicos) na política internacional hodierna.

TEMÁTICA:

- 1) Fontes e formas de energia. Caracterização e evolução histórica de sua valorização. Do motor a vapor à energia atômica.
- 2) O carvão - condições e sistemas de exploração, produção e comércio internacional.
- 3) O petróleo. Distribuição geográfica das jazidas. A organização da produção e seus reflexos no espaço geográfico. Os fluxos de comercialização de petróleo no globo.
- 4) A hidroeletricidade. Distribuição geográfica do potencial. Fatores e urbanização de produção e distribuição.
- 5) Os sistemas energéticos. Caracterização e distribuição geográfica. Condições nos países de elevado consumo e baixo consumo. Os sistemas energéticos brasileiros.

NATUREZA DO CURSO:

O curso tem desenvolvimento teórico, complementado na disponibilidade do tempo com a análise de textos de importância relevante e sessões de discussão (em seminários) sobre problemas de maior destaque. O curso é introdutório ao de geografia das indústrias. Os fatos fundamentais interessando os recursos energéticos brasileiros e sua utilização deverão aparecer, de forma integrada em todos os tópicos apresentados.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

GEOGRAFIA DO COMÉRCIO

Períodos Diurno e Noturno
10 Semestre

1 crédito

- 1 - O comércio - seu significado como barômetro econômico; a importância do seu estudo no campo da geografia econômica.
- 2 - As atividades comerciais, aspectos da sua evolução em diferentes áreas e épocas históricas.
- 3 - O desenvolvimento do comércio Internacional em face:
 - a) dos descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI
 - b) da Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX.
- 4 - Características e tendências atuais do Comércio Internacional.
- 5 - As grandes correntes do Comércio Internacional:
 - a) os mercados Capitalistas e Socialistas
 - b) mercados de economia desenvolvida e sub-desenvolvida.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

1974

FLG 419 - GEOGRAFIA DO COMÉRCIO

OBJETIVOS:

- 1) Ministrar uma base mínima imprescindível à compreensão do comércio como fato econômico.
- 2) Ressaltar a abordagem geográfica do comércio como fator de organização do espaço.
- 3) Vincular o estudo do comércio à geografia urbana fornecendo os fundamentos da compreensão da posição comercial e sua importância na regionalização.

TEMÁTICA:

I - O comércio: significado econômico e a importância geográfica. Aspectos evolutivos em diferentes épocas históricas e áreas geográficas.

II - Os mecanismos e processos de ação comercial. A produção e seus fatores. Troca e comércio. Mercados e preços. O comércio como instrumento da atividade econômica.

III - Organização e estrutura comercial. Os mercados e a estrutura fundamental do comércio mundial. Características e tendências atuais do comércio internacional.

IV - De fluxos comerciais internos do Brasil. Função comercial das cidades brasileiras, hierarquia urbana e regionalização. O comércio brasileiro e a América Latina. O Brasil no comércio internacional.

V - As grandes correntes do comércio internacional e os diferentes tipos de estrutura. Os mercados dos países industriais. Os mercados nos países de economia planificada. Os mercados nos países em via de desenvolvimento.

NATUREZA DO CURSO:

Dentro do limite de tempo o curso é teórico. Na impossibilidade de trabalhos práticos em classe é idêntico recorrer a eles como atividades de aproveitamento discente. Nestes casos será dada ênfase a casos brasileiros no mercado interno e externo.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1975

FLO - 419

Geografia do Comércio - 2 hs. semanais - 2 créditos

Objetivos:

- 1 - Ministrar uma base mínima imprescindível à compreensão do comércio como fato econômico.
- 2 - Articular a Geografia da Produção e a Geografia do Consumo.
- 3 - Compreender o mecanismo de relacionamento no Mercado Internacional dos diferentes espaços regionais.
- 4 - Compreender uma função do espaço decorrente do fato de ser o comércio uma atividade por excelência regionalizante.
- 5 - Dar uma articulação a setores da Geografia Humana e Econômica focalizados em diferentes níveis de abordagem do curso; ex: Indústria, Agrária, População, etc.,.

Programa:

- I - A Geografia do Comércio: conceito e orientação dos estudos.
- II - Os mecanismos fundamentais do Mercado Internacional:
 1. A produção e seus fatores;
 2. O consumo e as trocas;
 3. Mercados e preços;
 4. Os instrumentos da atividade econômica.
- III - O Mercado Internacional Moderno.
 1. Estrutura fundamental do Mercado Mundial.
 2. A revolução industrial e o desenvolvimento do Mercado Internacional.
 3. A circulação e sua importância na estruturação do Mercado Internacional.
 - 3.1. A dinâmica dos fluxos de circulação;
 - 3.2. A circulação como fator de organização do espaço;
 - 3.3. Os sistemas de transportes.
 4. A organização dos espaços regionais e os diferentes tipos de estruturas comerciais:
 - 4.1. Os países industrializados.
 - 4.2. Os países subdesenvolvidos.
 - 4.3. Os países de economia planificada.
- IV - Principais tipos de mercados e as grandes correntes - do Mercado Internacional.
 1. As matérias-primas.
 2. Os produtos industriais.
 3. A natureza e a dinâmica dos fluxos do comércio mundial.
- V - O Brasil no Comércio Mundial.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA DA ENERGIA

1º Semestre
Disciplina: básica
Destinada: Geografia
Código: FLG 417
Pré-requisito: FLG 101, 102, 103, 204
Carga horária: 2 horas semanais
Créditos: 2
Número máximo de alunos por turma: 120

I - OBJETIVOS:

Compreensão da importância dos recursos energéticos, sua distribuição e técnicas de valorização. Percepção do papel dos recursos energéticos nos processos de mudança econômica, política e social. Desenvolver o estudo entrosando as perspectivas históricas e geográficas enquadrando os espaços-chaves (estratégicos) na política internacional hodierna.

II - CONTEÚDO:

1) Fontes e formas de energia-caracterização e evolução histórica. 2) O carvão - sistemas de exploração, produção e comércio internacional. 3) O petróleo - distribuição geográfica das jazidas; organização da produção e reflexos no espaço geográfico; fluxos de comercialização. 4) A hidroeletricidade. Distribuição geográfica e potencial. Fatores de produção e distribuição. 5) Os sistemas energéticos. Caracterização e distribuição geográfica. Os sistemas energéticos brasileiros.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, leituras programadas e discussões.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras básicas obrigatórias, gráficos comentados, textos selecionados.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Prova, trabalho escrito, participação nas discussões.

Esta disciplina corresponde também a
Fonte de Energia, ministrada com
o mesmo programa e carga horária.

X GEOGRAFIA DO COMÉRCIO

1º Semestre
Disciplina: básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 419
Pré-requisito: FLG 101, 102, 103, 204.
Carga horária: 2 horas semanais
Créditos: 2
Número máximo de alunos por turma: 120

I - OBJETIVOS:

1) Ministrar uma base mínima imprescindível à compreensão do comércio como fato econômico. 2) Promover a articulação entre os fatos de produção e o consumo, entre os diversos setores da Geografia Humana e Econômica. 3) Enfatizar a abordagem dinâmica dos fluxos de circulação, fundamental à análise espacial do comércio. 4) Compreender o mecanismo de relacionamento dos diferentes espaços regionais no mercado internacional.

II - CONTEÚDO:

Apresentação, discussão e aplicação compatível de critérios múltiplos de abordagem do espaço regional geográfico, desde os sistêmicos tópicos até os abrangentes derivados de posturas preliminares relacionadas à unidade essencial do objeto da Geografia, que permitam o entendimento da unidade e diferenciação dos conjuntos territoriais.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

GEOGRAFIA DA CIRCULAÇÃO

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre

1 crédito

A

- 1 - Circulação e técnicas.
 - a) A circulação e o meio natural.
 - b) A circulação como fato de civilização e de técnicas.

- 2 - Aspectos econômicos da circulação.

- 3 - Aspectos políticos e estratégicos da circulação.

B

- 4 - Aspecto numérico do sistema atual de circulação no Globo.

C

- 5 - Navegação marítima - condições geográficas; antigos e atuais domínios de navegação; os grandes canais.

- 6 - Circulação nas águas interiores.
 - a) Condições geográficas da navegação fluvial e lacustre.
 - b) Os canais e o equipamento técnico.
 - c) Redes de navegação interna.

- 7 - Circulação terrestre.
 - a) Condições geográficas e históricas.
 - b) Redes e linhas ferroviárias.
 - c) O automóvel e a estrada de rodagem.

- 8 - Circulação aérea.
 - a) Meio geográfico e técnicas.
 - b) Redes e frotas aéreas.

Observação: Os itens 5, 6, 7 e 8 serão desenvolvidos em rodízio anual.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

1974

FLG 418 - GEOGRAFIA DA CIRCULAÇÃO

1 hora semanal

OBJETIVOS:

- 1) Vinculação com a abordagem do curso de geografia do comércio.
- 2) Ressaltar as relações entre as condições naturais e a tecnologia no fenômeno da circulação no globo.
- 3) Dar especial ênfase à abordagem dinâmica dos fluxos de circulação, fundamentos à análise regional.

TEMÁTICA:

- I - A circulação como fato de civilização. O desenvolvimento tecnológico e o aproveitamento progressivo das condições do meio natural. Tipos de circulação. Aspectos numéricos da circulação atual no globo. Componentes econômicos e implicações políticas da circulação.
- II - Circulação continental. Evolução histórica da circulação terrestre. Sistemas rodoviários e ferroviários. Condições geográficas de navegação fluvial e lacustre. Os canais. Sistemas de navegação interna.
- III - Circulação marítima. Panorama evolutivo. Grandes domínios geográficos de navegação. Os canais de interligação e sua importância política. Exploração marinha, águas territoriais e circulação.
- IV - Circulação aérea. Panorama evolutivo. Condições atmosféricas, tecnologia, segurança e volume na navegação aérea.
- V - A circulação como fator de organização de espaço. Condições naturais e econômicas nos transportes. Os fluxos de transporte e a organização regional dos espaços geográficos.

NATUREZA DO CURSO:

Teórico formativo. As ilustrações e casos exemplificativos devem dar preferência à dinâmica da circulação. Exaltando a importância moderna dos fluxos.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre 4 créditos

- I - A Realidade Espacial e a Geografia Regional
 1. A natureza das Relações
 2. As possibilidades de abordagem
- II - As forças integrantes do complexo espacial e sua relatividade na organização do espaço regional.
- III - Os níveis de organização do espaço regional.
- IV - A noção de Região em Geografia.
- V - Região e Ação.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

FLG 626 - ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL
4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Ressaltar o desempenho do homem na ampliação, multidimensional do espaço, quando, o dinamismo hodierno da vida de relações lança a necessidade de se representar um novo espaço, relativo à realidade.
- 2) Preparar o caminho para a formação do estudante na abordagem geográfica da regionalização, suas técnicas de análise e formalização, visando uma aplicação profissional nos estudos de planejamento.
- 3) Introduzir o estudante às novas técnicas de quantificação e análise espacial que vem se incorporando à análise geográfica.
- 4) Preparar o espírito do estudante para as inovações operacionais que a cibernética tem revelado e que, em futuro próximo, serão rotineiras na investigação científica.

TEMÁTICA:

A Região Como Fato Geográfico e Objeto de Investigação Científica (I)

- 1) Da "paisagem" à "região". A dinâmica da vida de relações e a ampliação da noção de espaço.
- 2) Reformulação do conceito geográfico de região. Região e análise espacial.

Os Processos Genéticos de Definição Regional (II)

- 3) Fatores naturais e históricos na gênese, a influência das transformações técnicas e os processos cumulativos de desenvolvimento.
- 4) A incidência espacial do crescimento econômico. Homogeneidade e diferenciações.
- 5) A vida de relações e o conceito de "polarização". Redes e fluxos no espaço relativo.

Estrutura Regional (III)

- 6) A estrutura geográfica da região e suas novas perspectivas metodológicas.
- 7) Análise locacional e análise espacial.
- 8) Espaços homogêneos, graus e tipos de variação.
- 9) As redes urbanas como elemento estruturador do espaço regional.

Análise e Classificação Regional (IV)

- 10) Os padrões de caracterização espacial na pesquisa geográfica. Unidades de análise e fontes de dados. Do "indivíduo" ao "universo" de pesquisa.
- 11) Técnicas de divisão e de agrupamento. O papel da teoria dos conjuntos no estudo dos espaços regionais. Técnicas de análise quantitativa. Critérios unidimensionais e multidimensionais.
- 12) Classificações regionais. Os sistemas regionais específicos, genéricos, nodais e uniformes.

A Região como Objeto de Intervenção (V)

- 13) Região e regionalização. Os padrões regionais nos países desenvolvidos e naqueles em processo de desenvolvimento.
- 14) Desenvolvimento diferenciado do espaço e disparidades regionais. Dinamização e integração de áreas degradadas.
- 15) Regionalização, desenvolvimento e planejamento. Papel e funções da regionalização nos planos nacionais de desenvolvimento. Análise de casos e modelos ilustrativos na América Latina.

NATUREZA DO CURSO:

O curso é de natureza teórico-prática. Duas horas semanais serão aplicadas em aulas expositivas de caráter normativo. As quais poderão ser acompanhadas de discussões em grupos sobre certos tópicos. As outras duas horas deverão ser revestidas de um caráter operacional, acompanhadas de exercícios práticos, visando a iniciação à análise espacial e técnicas de quantificação, preconizadas nas unidades IV e V, especialmente esta última.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

PANORAMA DA GEOGRAFIA DO BRASIL

Períodos Diurno e Noturno
2º semestre

4 créditos

- Os fatos essenciais da Geografia do Brasil.
- Análise da estrutura geológica e relevo brasileiro.
- Características da tropicalidade brasileira (com uma análise geral do clima, hidrografia e vegetação).
- População brasileira.
- A vida agrária.
- Aspectos básicos da industrialização e urbanização.
- REGIONALIZAÇÃO DO PAÍS - evolução da problemática, os grandes domínios e as macro-regiões, a tendência para a divisão em regiões homogêneas e polarizadas.

Observação: - O curso será teórico-prático, desenvolvendo-se a parte prática através de estudo dirigido (dinâmica de grupo).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

FIG. 522 - PANORAMA DA GEOGRAFIA DO BRASIL
4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Abordar os problemas fundamentais da geografia brasileira integrando o país na conjuntura continental e projetando-o no mundo atual a fim de avaliar as diferenças e originalidades de seu espaço e as mudanças no seu processo de desenvolvimento.
- 2) Destacar o papel que os estudos geográficos tem tido na compreensão e resolução dos problemas nacionais e ressaltar o papel que novas pesquisas poderão desempenhar.
- 3) Dar um tratamento da caracterização geral enfatizando os balanços gerais que se acompanham de comparações válidas com outros países especialmente no continente e na América Latina.
- 4) Levar o estudante a se iniciar nos documentos básicos e das obras bibliográficas fundamentais da geografia brasileira não esquecendo os confrontos através de diferentes épocas de produção aproveitando o ensino para ilustrar o desenvolvimento da ciência geográfica entre nós.
- 5) Utilizar um roteiro de abordagem didática em sequência dedutiva mais adequada a um caráter de motivação introdutória aos estudos regionais que se lhe seguirão.

TEMÁTICA:

A Posição do Brasil no Mundo Atual (I)

- 1) Uma visão do mundo atual através de uma perspectiva a partir da "posição" brasileira.
- 2) Avaliações posicionais no contexto econômico, geográfico, econômico e político.
- 3) O Brasil na América Latina. Projeção continental do Brasil.

A Organização Interna do Espaço Brasileiro (II)

- 1) O problema da caracterização atual do espaço brasileiro. Estrutura econômica e regionalização: diferenças de escalas e critérios. Divisões macro-regionais. Regiões homogêneas, polarizadas, funcionais urbanas, etc.
- 2) Visão retrospectiva dos estudos de regionalização do Brasil a partir de 1911. Estudos fundamentais. Mudanças de perspectivas na análise geográfica.

O Desempenho do Homem na Organização do Espaço Brasileiro (III)

- 6) Balanço geral na ocupação do solo e incidência espacial do desenvolvimento econômico.
- 7) Avaliações quantitativas da atividade agrícola, da industrialização e da urbanização.
- 8) Interpretações da dinâmica dos processos de ocupação do solo e organização do território brasileiro: evolução no tempo e diferenças no espaço.

O Efeito Humano Espenhado no Processo (IV)

- 9) O efeito humano atual: caracteres fundamentais da população brasileira.
- 10) A dinâmica populacional e evolução do processo de ocupação do solo através do tempo.
- 11) Fatores históricos, sociais e econômicos comprometidos no processo e no balanço atual. Projeções para o futuro.

A Condição de Tropicalidade do Quadro Natural (V)

- 12) Os caracteres básicos do quadro natural brasileiro, variações espaciais em amplos domínios intertropicais e sub-tropicais em graus de valorização econômica.
- 13) Problemas fundamentais da ecologia tropical do uso da terra e desenvolvimento econômico.
- 14) O estado atual dos conhecimentos geográficos sobre o "meio" brasileiro.
- 15) As lacunas importantes. Escala de prioridades nas pesquisas necessárias neste campo.

NATUREZA DO CURSO:

Curso teórico com seminários. Estes devem ter apoio na análise das obras fundamentais da literatura geográfica brasileira. Como motivação inicial recomenda-se a análise especial da Mensagem Presidencial ao Congresso Nacional, do ano em curso. Este documento revela sempre a importância geográfica de que se revestem grande parte dos problemas nacionais. Estudos paralelos de obras geográficas de mesmo tema em épocas diferentes devem ser levados a cabo como meio de documentação das diferentes etapas da geografia das ciências espenhadas na análise da realidade brasileira.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1975

FLD - 522

Panorama da Geografia do Brasil - 4 hs. semanais - 4 créditos

Programa:

- I - O Espaço Brasileiro.
 1. Área e posição: relações várias no contexto mundial.
 2. O quadro natural brasileiro: os grandes domínios inter tropicais e subtropicais.
 3. As condições históricas e a ocupação do território nacional resultando em diferentes níveis de organização regional.
- II - Desenvolvimento econômico e urbanização no Brasil.
 1. Aspectos de desenvolvimento econômico.
 2. O processo de urbanização.
 3. O crescimento econômico e os vários níveis de desenvolvimento das regiões brasileiras.
- III - Organização regional do Brasil.
 1. Problemas e tipos de organização interna do espaço brasileiro.
 2. Estudo das classificações e as mudanças de perspectiva na análise geográfica.
 3. Regionalização.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

1969 - 1973

GEOGRAFIA REGIONAL I (4 créditos)

MUNDO TROPICAL

Períodos Diurno e Noturno

1º semestre

2 créditos

- I - Introdução geral ao curso
 - Bibliografia sumária comentada.
 - Conceito de tropicalidade; o mundo tropical.
- II - A Geografia Física do mundo tropical
 - O relevo e a estrutura geológica.
 - O clima e a vegetação.
 - Os solos tropicais.
 - Condições hidrográficas e hidrológicas do mundo tropical.
- III - A vida humana no mundo tropical
 - A população: crescimento e distribuição.
 - A cidade e o campo no mundo tropical.
 - A salubridade do mundo tropical e seus problemas.
- IV - A ocupação do solo no mundo tropical
 - O uso da terra e seus problemas.
 - Os sistemas agrícolas.
 - A pecuária.
 - A exploração dos recursos naturais.
- V - Condições geográficas da circulação nos trópicos
 - A circulação terrestre.
 - A navegação interior.
 - A navegação marítima.
 - As conexões de rotas: os portos.
- VI - Trabalhos práticos
 - Sobre todos os itens do programa serão realizadas mesas-redondas.

GEOGRAFIA REGIONAL I

URSS E USA

Períodos Diurno e Noturno

2 créditos

1º semestre

- I - O Espaço
 - Os grandes domínios morfo-climáticos.
 - As paisagens vegetais.
- II - Os homens e a organização do espaço
 - A população rural.
 - A urbanização.
 - Os problemas demográficos.
- III - As regiões e os problemas da regionalização

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

GEOGRAFIA REGIONAL II
NORDESTE DOS ESTADOS UNIDOS (4 créditos)

Períodos Diurno e Noturno 2 créditos
2º semestre

- 1 - Caracterização regional: aspectos formais e funcionais.
- 2 - As forças organizadoras e a compartimentação espacial.
- 3 - A Megalópolis, a rede urbana interior e a posição de Nova York.

GEOGRAFIA REGIONAL II
GRã-BRETANHA E ARGENTINA

Períodos Diurno e Noturno 2 créditos
2º semestre

Apoiado na organização regional do todo nacional, deve este curso salientar a qualidade e o papel dos espaços internos como organizações de componentes do meio natural, do sistema global sócio-econômico, das estruturas de produção-consumo e dos processos de evolução da ocupação.

O título do curso enseja uma organização dirigida pela comparação, porém, como o objetivo é a compreensão da organização regional do todo nacional, sugere-se que isso aconteça, quando for o caso, de forma sistemática após o estudo regional de uma e de outra área.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
GEOGRAFIA REGIONAL I - FLG 520
1975

Esta disciplina é oferecida em diferentes opções com igual carga horária.

EST. DOC. UN. I. 2 - (Geografia Regional I - FLG-520)

4 créditos

Objetivo: Compreensão da macro-organização de uma unidade nacional territorialmente continental, tanto em seus aspectos dinâmico-temporal, quanto nos da solidariedade sincrônica regional atual.

- 1) Valorizar a posição do país no contexto mundial.
- 2) Geonálise do espaço "natural".
- 3) A colonização, a expansão territorial e a unidade nacional.
- 4) As grandes etapas do processo de organização geo-econômica do espaço. A regionalização: estruturas, tendências e significados.
- 5) Os conjuntos macro-regionais:
 - O "Manufacturing Belt"
 - O Crescente Periférico
 - A Diagona Interior.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

PLG 520 - GEOGRAFIA REGIONAL I

Esta disciplina é oferecida em diferentes opções com igual carga horária

"ESTADOS UNIDOS E UNIÃO SOVIÉTICA - ESTUDO COMPARATIVO" (4 horas semanais)

OBJETIVOS:

- 1) Compreender os fundamentos geográficos das nações que se projetam no mundo moderno como "super-potências".
- 2) Estudar, comparativamente, a organização regional em dois amplos espaços naturais não muito diferentes mas de estruturação econômico-social bem diferenciadas.
- 3) Perceber as semelhanças e diferenças de problemas que os complexos geográficos criam nos dois países e como são apresentadas as vantagens e removidas as dificuldades.

TEMÁTICA:

A Implantação Continental (I)

- 1) Os grandes espaços dos dois países e sua posição zonal.
- 2) Os arranjos meridianos e paralelos na morfologia norte-americana e eurasiática e os grandes compartimentos.
- 3) A abertura às massas oceânicas e à circulação atmosférica.
- 4) As paisagens climato-botânicas e os grandes quadros ecológicos.

A Organização dos Estados (II)

- 5) Os efetivos populacionais. Análise comparativa das estruturas demográficas.
- 6) A evolução do povoamento.
- 7) Síntese comparativa dos processos de evolução histórica, social e econômica até a organização atual.
- 8) As semelhanças e os contrastes.

As Estruturas Econômicas (III)

- 9) A distribuição espacial do uso da terra. Os espaços agrários e sua hierarquia.
- 10) As áreas problema e a conquista de espaços improdutivos.
- 11) As áreas industrializadas e os sistemas de circulação. Paralelo entre os dinamismos da vida de relações.

Os Espaços Regionais e seus Diferentes Graus de Desenvolvimento (IV)

- 12) As grandes estruturas regionais dos dois países. As redes urbanas.
- 13) Estudos comparativos regionais: Os Urais e os Apalaches. As "praias" do Centro-Oeste americano e as estepes da Ucrânia. Os desertos da Ásia Central Soviética e as regiões áridas do Sudoeste Americano.

A Expansão Econômica (V)

- 14) A projeção comercial externa. Os sistemas de transportes e os fluxos comerciais.
- 15) A expansão econômica e os mercados mundiais.

NATUREZA DO CURSO:

O desenvolvimento expositivo docente abrange metade do tempo disponível. O restante do tempo deverá ser aplicado em abordagem em seminários ou outras formas ativas de participação e debates pelos alunos, em temas cooperativos gerais ou setoriais, exclusivamente em relação à Unidade IV.

PLG 520 - GEOGRAFIA REGIONAL I

4 horas semanais

Esta disciplina é apresentada em diferentes opções, com igual carga horária, para que os alunos escolham uma delas.

"O MUNDO TROPICAL"

4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Efetuar uma abordagem geográfica na escala zonal mostrando as articulações regionais que inserem neste domínio.
- 2) Ressaltar a importância dos problemas mundiais aos domínios intertropicais, seus caracteres e lógicas específicas e a atuação do Homem nos mesmos.
- 3) Chamar a atenção para a individualidade que assume o Brasil nestes domínios e as relações semelhanças e ou originalidade com os países da sua faixa.

TEMÁTICA:

O "Mundo Tropical" Como Domínio Geográfico Definido

- 1) Conceito de tropicalidade. Dos preceitos generalizantes às realidades.
- 2) Diversificação e Unidade.
- 3) Bibliografia Básica.

Os Caracteres Naturais da Zona Intertropical (II)

- 4) Os caracteres naturais da faixa intertropical.
- 5) Diversidades de estruturas geológicas, quadros geomorfológicos.
- 6) Semelhanças climáticas, hidroclimáticas, biogeográficas e pedológicas.
- 7) Da escala zonal às diferenciações macro-regionais.

A Implantação Humana no Trópico (III)

- 8) Caracteres demográficos.
- 9) Condições ambientais: salubridade e saneamento básico.
- 10) Preconceitos, problemas e soluções.

A Utilização do Solo e seus Problemas (IV)

- 11) A coleta e o extrativismo.
- 12) Os sistemas agrícolas e a pecuária tradicionais e as conquistas modernas.
- 13) As relações cidade campo.
- 14) A implantação urbana e os caracteres das redes e cidades.

As Perspectivas Futuras (V)

A conquista do espaço e a ocupação efetiva. A exploração dos recursos naturais. Colonialismo, neocolonialismo e dinamização econômica. A progressão dos sistemas de comunicação e circulação. Perspectivas futuras.

NATUREZA DO CURSO

O curso tem caráter teórico. O desenvolvimento expositivo será acompanhado de abordagem discente visando sobretudo o debate. Este deverá ser feito em grupos de trabalho, seja sob forma de seminários sobre temas específicos isolados ou comparativos, ou sob forma de mesas redondas sobre grandes problemas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

FIG 521 - GEOGRAFIA REGIONAL II

4 horas semanais

Esta disciplina é apresentada em diferentes opções - com igual carga horária - para que os alunos escolham uma delas.

A AMÉRICA LATINA

OBJETIVOS:

- 1) Fornecer um exemplo de abordagem regional partindo de escala macro-regional dentro de uma unidade continental.
- 2) Projetar, no quadro sul americano, a abordagem geográfica regional, em domínios sub e extra-tropicais.
- 3) Enfatizar a análise de problemas comuns dos países latinos com o Brasil e compreender as diferenças de problemas geográficos na fachada atlântica do continente.

TEMÁTICA:

A América Latina na América Latina (I)

- 1) As Repúblicas Latinas e sua posição no contexto da América Latina: semelhanças na unidade e originalidades nas individualidades.
- 2) A marcha da Colonização espanhola no Prta e nos Andes: paralelo comparativo.
- 3) Caracteres básicos da evolução sócio-econômica como meio de compreensão da expressão política atual.

Fundamentos Geográficos e Graus de Desenvolvimento (II)

- 4) O Estuário do Prata e a hierarquia das bacias hidrográficas da vertente atlântica da América do Sul.
- 5) Os domínios morfo-climáticos e as grandes unidades geo-ecológicas da América Latina.
- 6) Os quadros político-administrativos e a incidência espacial do desenvolvimento econômico.
- 7) Estrutura política e compartimentos naturais: problemas específicos.

Organização do Espaço (III)

- 8) A repartição da população e o uso da terra.
- 9) Estrutura demográfica e seus problemas.
- 10) A estruturação das redes urbanas e os sistemas viários.
- 11) Os fluxos de relação econômica interna e sua projeção exterior. Problemas de Regionalização na América Latina.

Análises Regionais (IV)

- 12) Caracterização das principais regiões homogêneas e problemas de polarização econômica.
- 13) Desdobramento da macro-região em suas "regiões": Estudo (comparativo) das principais.

Os Países Latinos e o Brasil (V)

- 14) Heranças da política colonial ibérica e tradição nas relações diplomáticas. As condições atuais e os problemas.
- 15) Relações comerciais. Problemas de energia hidrelétrica. As metas comuns: união para o desenvolvimento.

NATUREZA DO CURSO: Curso teórico-prático. Esta última parte, desenvolvida preferencialmente em seminários, deve versar sobre as unidades IV e V da temática proposta.

FIG 521 - GEOGRAFIA REGIONAL II

AUSTRÁLIA - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Estudar um país do Hemisfério Sul e de posição tropical pelo interesse comparativo com o Brasil.
- 2) O atrativo de analisar um "sub-continent", em posição quase antípoda, separado por grandes espaços oceânicos.
- 3) A possibilidade de focalizar uma obra de colonização inglesa no trópico em moldes muito diferentes da colonização ibérica na América.

TEMÁTICA:

O Continente Australiano (I)

- 1) A Australasia e sua posição em meio às massas oceânicas.
- 2) A Austrália e sua tropicalidade.
- 3) "O coração seco": escassez pluvial e de superfície e facilidade geológica de acumulação subterrânea.
- 4) Uma morfologia de franjas montanhosas periféricas e amplas bacias interiores.
- 5) Esclerofilia vegetal e asilo zoológico. Caracteres específicos dos quadros ecológicos.

O Povoamento e a Conquista do Território (II)

- 6) A colonização australiana e suas características.
- 7) Os portos e a conquista dos espaços agrários do interior.
- 8) A pecuária ovina.
- 9) O papel da mineração na organização do espaço. Crescimento populacional e caracteres demográficos atuais.

O Uso da Terra e a Estrutura Econômica (III)

- 10) Os recursos básicos e o uso da terra e suas variações espaciais.
- 11) Exploração e problemas de conservação.
- 12) A implantação industrial e a paradoxal sofisticação da economia.

Estrutura Regional (IV)

- 13) As variações espaciais nos graus de desenvolvimento econômico. Os sistemas de transportes e a rede urbana. Regionalização do espaço.

Posição Mundial e Relações com o Brasil (V)

- 14) A Austrália no mundo atual. Projeção asiática de um país europeu no trópico?
- 15) Austrália e Brasil. Diferenças em dimensões e graus de tropicalidade. A Cia. Paulista de Estradas de Ferro e a importação do "eucalipto" australiano. Papel atual na silvicultura brasileira. As jazidas de ferro brasileiras e australianas no abastecimento mundial na década de oitenta. Outros problemas de afinidades e diferenças.

NATUREZA DO CURSO:

Curso teórico expositivo com estudo de temas complementares em sessões de seminários ou debates organizados.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

1974 - 1975

FLG 521 - GEOGRAFIA REGIONAL II

Esta disciplina é oferecida em diferentes opções, com igual carga horária.

NORDESTE DOS ESTADOS UNIDOS - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Focalizar uma das regiões de mais alto índice de desenvolvimento econômico e por isto mesmo de elevado grau de complexidade.
- 2) Compreender a estrutura regional do nordeste americano e sua integração na conjuntura americana.
- 3) Penetrar em detalhes de uma organização espacial vinculada às forças organizadoras funcionais, de nível mais elevado na escala da regionalização.

TEMÁTICA:

- 1) Caracterização Regional: aspectos formais e funcionais.
- 2) As zonas Organizadoras e a Compartimentação Espacial.
- 3) A Megalópolis, a Rede Urbana Interior e a Posição de Nova York.

NATUREZA DO CURSO: Teórico pela abordagem expositiva conduzida pelo professor na temática central, complementada pela discussão de tópicos complementares propostos aos alunos.

1975

ARGENTINA - (Geografia Regional II - FLG-521)

4 créditos

Objetivo: Apoiado na organização do todo nacional, salientar a qualidade e o papel dos espaços internos como organizações decorrentes do meio natural, do sistema global sócio-econômico, das estruturas de produção-consumo e dos processos interessando a evolução do relacionamento internacional e da ocupação territorial.

- 1) O arcabouço do quadro físico.
As etapas da ocupação e a valorização do espaço.
O sistema urbano-industrial e o novo processo de definição das relações inter-regionais.
- 2) As regiões argentinas:
 - O Conjunto Pampeano
 - O Conjunto Sub-andino do Noroeste
 - O Piemonte de Cuyo
 - O Norte-Nordeste
 - A Patagônia

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1969 - 1973

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL I (4 créditos)

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre

2 créditos

Geografia da Amazônia

(Curso teórico-prático, 2 horas semanais, 1º semestre)

- I - Introdução geral ao curso
 - Bibliografia sumária comentada.
 - A Amazônia como região.
- II - As condições físicas da Amazônia
 - O clima da Amazônia.
 - Os tipos de vegetação.
 - O rio Amazonas e sua bacia.
 - A estrutura geológica, o relevo e os solos da Amazônia.
- III - A vida humana na Amazônia
 - A população: crescimento e distribuição.
 - A marcha do povoamento.
 - O habitat rural e urbano.
 - As cidades de Belém e de Manaus.
- IV - A Geografia Econômica da Amazônia
 - A exploração dos recursos naturais.
 - Os sistemas agrícolas.
 - As atividades pastorais.
 - Problemas de circulação terrestre e interior na Amazônia.
- V - Necessidades e possibilidades da Amazônia Brasileira.
- VI - Trabalhos práticos

Sobre todos os itens do programa serão realizadas mesas-redondas.

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL I
NORDESTE

Períodos Diurno e Noturno
1º semestre

2 créditos

- 1 - Visão de Conjunto da Grande Região Nordeste.
- 2 - Divisão Regional do Nordeste.
- 3 - O extrativismo vegetal no Nordeste.
- 4 - A criação de gado no Sertão.
- 5 - A agro-indústria do açúcar na Mata Nordestina.
- 6 - O Recôncavo Baiano
- 7 - A indústria salineira no Rio Grande do Norte.
- 8 - O vale médio do São Francisco.
- 9 - As atividades agrárias do Agreste.
- 10 - A Sudene e sua atuação regional.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA

PLG 523 - GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL I

4 horas semanais

Nesta disciplina os alunos poderão escolher entre as seguintes opções:

"A AMAZÔNIA BRASILEIRA" - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Revelar aos alunos a documentação básica para a análise da Amazônia Brasileira desde as obras clássicas sobre a região até as instituições públicas atuais empenhadas no estudo e desenvolvimento regional.
- 2) Proceder a uma revisão geral dos conceitos geográficos sobre a Amazônia, eliminando os este-
reótipos e os mitos.
- 3) Analisar sobretudo o empenho atual de integração econômica da Amazônia Brasileira a conjun-
tura nacional.

TEMÁTICA:

Introdução ao Estudo da Amazônia Brasileira (I)

- 1) Roteiro Bibliográfico. Das obras dos naturalistas, pelos estudos geográficos às análises econômicas atuais.
- 2) As fontes de dados e documentação. As instituições científicas e técnicas.
- 3) Os organismos econômicos vinculados ao desenvolvimento amazônico.

A Amazônia na Conjuntura Brasileira (II)

- 4) A participação da Amazônia na Economia do País.
- 5) A Amazônia como Macro-Região Brasileira e sua posição na estrutura regional do país.
- 6) Os caracteres básicos: As grandes exten-
sões anecumônicas e a dilapidação de recursos natu-
rais. Formas rotineiras de exploração extensiva.
- 7) Os caracteres demográficos específicos.
- 8) A incipiência do desenvolvimento econômico.
- 9) As limitações da rede de transporte e
dos fluxos comerciais. A hipertrofia da rede urbana.

A Condição de Grande Região Natural (III)

- 9) A grande "unidade" climática e seus
graus de individualização regional. A Geomorfologia
Amazônica: compartimentação e dinamismo. Os grandes
conjuntos geo-ecológicos.
- 10) O incremento atual das pesquisas sobre
o ambiente amazônico e os recursos naturais. O proje-
to RADAM.

A Amazônia Brasileira como Objeto de Integração Na-
cional (IV)

- 11) A Amazônia e a cobiça internacional. A
tomada de consciência nacional e a integração da Ama-
zônia. As grandes vias terrestres de integração es-
pacial: uma opção.
- 12) Os recursos minerais e seu potencial e-
conômico. Os centros de polarização e as regiões pri-
oritárias. O planejamento regional e suas metas.

As Mudanças: Necessidades Atuais e Possibilidades Fu-
turas (V)

- 13) Os processos de mudanças e seu impacto.
- 14) Os deslocamentos populacionais: Colôni-
zação, Extensão da fronteira agro-pastoral e modifica-
ções nos sistemas agrários tradicionais. Racionali-
zação do comércio de produtos extrativos.
- 15) A participação do empresariado nacio-
nal. Problemas de investimentos. A dinamização da re-
de urbana: Belém como "primate City" e o atrofiamen-
to da rede urbana. Manaus e outros centros.

NATUREZA DO CURSO:

O desenvolvimento do curso prevê a utiliza-
ção de aulas expositivas sobre o conhecimento geográ-
fico da Amazônia. O interesse e atualidade da temá-
tica referente ao esforço de integração atual predi-
ca a uma efetiva participação dos alunos em debates
e sessões redondas.

PLG 523 - GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL I

Esta disciplina é oferecida em
diferentes opções com igual car-
ga horária.

"O NORDESTE" - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Estudar esta macro-região brasileira on-
de, uma população relativamente densa, está vincula-
da a fortes estruturas sócio-econômicas.
- 2) Confrontar os problemas de ordem econômi-
ca a aqueles de ordem ecológica e discutir sua hi-
erarquização em face aos problemas de organização pa-
ra o desenvolvimento.
- 3) Estabelecer uma relação entre os proble-
mas estruturais da região com aqueles conjunturais
do país.

TEMÁTICA:

O Nordeste na Estrutura Regional Brasileira (I)

- 1) Posição do Nordeste no espaço brasileiro.
- 2) O nordeste das "secas" e a realidade at-
tual. O Nordeste e a Amazônia na problemática da or-
ganização do espaço brasileiro.
- 3) Caracterização geral dos grandes proble-
mas regionais nordestinos. A ação da SUDENE. Seus
diagnósticos e planos de ação.

Demografia e Estrutura Sócio-Econômica (II)

- 4) O efetivo populacional e suas caracterís-
ticas básicas. Instabilidade econômica e movimentos
migratórios pendulares.
- 5) Relações entre a população rural e urba-
na. Estrutura social do Nordeste. Os fundamentos hi-
stóricos e processos sócio-econômicos: evolução no tem-
po e variações no espaço.

Análise Espacial da Economia (III)

- 6) Diferenças espaciais dos graus de desen-
volvimento. Critérios para avaliação.
- 7) Variações qualitativas e avaliações quan-
titativas dos arranjos espaciais do uso da terra.
- 8) As regiões tradicionais: A agro-indústria
açucareira do litoral; o agreste e a agricultura ro-
tineira: a pecuária sertaneja; os enclaves agrícolas
nos vales e pés de serra: o Recôncavo Baiano, e a In-
dustrialização: A zona cacaueira do sul da Bahia; O
Parque Salinheiro; o Meio Norte.

A Dinâmica das Relações e os Problemas de Regionali-
zação (IV)

- 9) Análise da rede urbana do Nordeste. As
áreas metropolitanas: Recife, Salvador, e Fortaleza.
- 10) Problemas de delimitação das áreas de in-
fluência.
- 11) Regiões Polarizadas e Regiões de Inter-
venção Os centros dinamizadores e as "regiões pro-
blema".
- 12) Perspectiva crítica nos estudos de re-
gionalização aplicados ao Nordeste.

Problemas Geo-Ecológicos (V)

- 13) Revisão do problema das "secas": A gêne-
se do clima e a irregularidade do ritmo pluviométrico. Va-
riações espaciais dos resultados climáticos na diver-
sificação dos quadros ecológicos. Balanços de avalia-
ção dos recursos hídricos em face das necessidades.
- 14) Compartimentação geomorfológica e defi-
nição de "geo-sistemas" interessando os espaços agro-
pecuários e sua valorização. Problemas de ecologia
urbana.
- 15) Balanço geral nos problemas e escalas
de prioridades para sua pesquisa.

NATUREZA DO CURSO:

Cabe ao docente desenvolver as proposições
gerais em aulas expositivas e selecionar tópicos pa-
ra análise em seminários. Atenção especial deverá ser
dada aos recentes estudos sobre redes urbanas e valo-
rização de "regiões de desenvolvimento" segundo a a-
plicação dos planos vigentes.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL II
BRASIL DE SUDESTE (4 créditos)

Períodos Diurno e Noturno
2º semestre 2 créditos

Período Diurno

- 1 - Caracterização Geral da Região do Sudeste:
 - Sua importância socio-econômica para o Brasil;
 - Os problemas da sua delimitação.
- 2 - As paisagens físicas marcantes da região e sua influência na compartimentação regional.
- 3 - O Brasil de Sudeste e as várias zonas geográficas em que pode ser dividido: caracterização das mesmas.
- 4 - O café - riqueza que definiu geo-econômicamente o Sudeste do Brasil:
 - Sua expansão.
 - Suas atuais áreas de cultura.
- 5 - As redes viária e portuária como resultantes imediatas da expansão cafeeira no Sudeste do Brasil.
- 6 - O café como criador de cidades, e a importância do fato urbano no Sudeste do Brasil.
- 7 - Rio de Janeiro - Antiga Metrópole Nacional.
- 8 - A cidade de São Paulo:
 - De cidade do café a capital regional.
 - Seu atual papel como metrópole regional e nacional.

Período Noturno

- 1 - Conceituação.
- 2 - Forças de caracterização.
- 3 - O quadro natural.
- 4 - Evolução econômica e ocupação.
- 5 - Industrialização e urbanização.
- 6 - Rio de Janeiro e São Paulo.
- 7 - Problemas regionais.

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL II
ESTADO DE SÃO PAULO

Períodos Diurno e Noturno
2º semestre 2 créditos

O curso será desenvolvido "através do processo de estudo direto de textos e dados estatísticos".

Através da elaboração individual e em grupo, de material cartográfico, o aluno chegará a uma interpretação regional do espaço paulista.

Notas:

- I - Elaboração de cartogramas:
 - Divisões regionais propostas.
 - Os mais importantes produtos agrícolas.
 - Distribuição da população - 1970.
 - Comparação com censos anteriores.
 - Distribuição das indústrias.
 - Mão de obra, etc.
 - Distribuição do setor comercial e de serviços.
 - Rede viária paulista.
- II - Elaboração de gráficos:
 - Comparações entre o crescimento da população paulistana e das demais importantes cidades do Estado.
 - Comparação entre o crescimento da população paulista em relação a outros estados e ao Brasil.
 - Potencial energético em relação a outros estados e ao Brasil.
- III - Leitura e discussão de textos:
 - Metrópole paulistana, etc.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1974 - 1975

PLG 524 - GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL II
Esta disciplina é oferecida em diferentes opções, com igual carga horária.

"O ESTADO DE SÃO PAULO" - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Obedecer a um preceito legal pelo qual o Estado merece um tratamento especial visando o seu conhecimento mais aprofundado.
- 2) Eleger o território paulista para uma abordagem introdutória experimentando análise espacial segundo as técnicas modernas de quantificação, visando fornecer uma perspectiva crítica sobre estas técnicas ao mesmo tempo que acentuar a compreensão de sua regionalização.
- 3) Acima de tudo, reconhecer as áreas e temas lacunares na geografia do Estado de São Paulo, relacionando-as aos projetos de pesquisa departamentais, sobretudo aqueles a serem desenvolvidos pelos alunos nos futuros programas de pós-graduação.

TEMA:

Avaliações Geo-Ecológicas

- 1) O estado atual dos conhecimentos geomorfológicos. Escalas de estudo. Cartas geomorfológicas. Avaliação do conjunto e as áreas lacunares.
- 2) As redes de observação meteorológica no estado e os problemas à análise espacial. A precariedade das análises hídricas. Balanço geral, e perspectiva crítica. Programas de pesquisa.

Avaliações Demográficas

- 3) Avaliações demográficas e do povoamento. Análises populacionais no espaço paulista. Balanço crítico.
- 4) Variações no tempo e no espaço: abordagens evolutivas e distribuição geográfica.
- 5) Graus de mudança rural urbana. Os fluxos populacionais inter estadual e de integração nacional.
- 6) Padrões de povoamento rural: estudos feitos e escalas.
- 7) Hierarquia e tipologia urbana. Critérios de avaliação.

Avaliações Agrárias

- 8) Análises reparativas dos principais produtos e rebanhos. Correlações grupais.
- 9) Tipologia dos espaços agrícolas. Contribuições recentes.
- 10) Orientação da agricultura e pecuária. Relações com as indústrias a elas associadas.

Avaliações Industriais

- 11) Avaliações do desenvolvimento industrial. Análises reparativas e grupais.
- 12) Tipologia dos espaços industriais paulistas.
- 13) Análises de fluxos: entradas de matérias-primas e distribuição da produção.

Avaliações das Relações

- 14) Avaliações da circulação. Os sistemas atuais de transporte e os fluxos de circulação.
- 15) Análises internas e projeção regional e/ou nacional.

NATUREZA DO CURSO:

Curso eminentemente prático, no qual a teoria entrará apenas na apresentação dos fatos fundamentais, para conduzir a apresentação de problemas os quais devem ser analisados na prática, pela aplicação de análise espacial.

PLG 524 - GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL II

Esta disciplina é oferecida em diferentes opções, com igual carga horária.

"O BRASIL DE SUDESTE" - 4 horas semanais

OBJETIVOS:

- 1) Exemplificar, metodologicamente, uma abordagem de grande região geográfica complexa, onde paisagens naturais variadas são polarizadas por duas metrópoles nacionais no espaço mais industrializado.
- 2) Contribuir para o conhecimento da área "core" da economia nacional, na qual se inclui o Estado de São Paulo.
- 3) Projetar, sempre que necessário, o papel desta região em suas articulações com as outras regiões do país, contribuindo para ressaltar os problemas ou aparentes conflitos induzindo à harmonização do conjunto nacional como um todo.

TEMA:

O "SUDESTE": Núcleo Organizador do Espaço Brasileiro (I)

- 1) Individualização e definição do Brasil de Sudeste.
- 2) A participação do quadro natural na individualização regional.
- 3) O desenvolvimento econômico, a hierarquização da rede urbana como meios da organização do espaço regional.
- 4) Critérios da delimitação.

A Implantação Humana (II)

- 5) Povoamento e ocupação do Sudeste.
- 6) Explosão demográfica das últimas décadas, causas e consequências no país.
- 7) O aumento e predomínio da população urbana.

A Organização do Espaço (III)

- 8) A evolução dos processos de ocupação e uso do solo.
- 9) O desenvolvimento da vida agrária. As mudanças e os graus de diversificação espacial.
- 10) Os fatores de industrialização.
- 11) O sistema de transporte.
- 12) A hierarquização da rede urbana. São Paulo: A Grande Metrópole Nacional - Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

A Estrutura Regional (IV)

- 13) Os caracteres da organização econômica, e os graus de diferenciação espacial; Área "core" e a faixa periférica. Problemas de assilação e integração de áreas periféricas degradadas.

A Projeção do Sudeste no País (V)

- Problemas conjunturais e estruturais. Integração e desenvolvimento nacional.

NATUREZA DO CURSO:

O desenvolvimento teórico será complementado por tratamento de discussões e debates em grupos de trabalho sobre temas selecionados e problemática regional.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1976 a 1981

GEOGRAFIA REGIONAL I

1ª e 2ª Semestres

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG 520

Pré-requisito: FLG 101, 102, 103, 204, 626

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos: 4

Número máximo de alunos por turma: 60

I - OBJETIVOS:

Compreender a organização geográfica de macro-unidades territoriais (Zonais, Continentais, Sub-Continentais, Supra-Nacionais e Nacionais).

II - CONTEÚDO:

Apresentação, discussão e aplicação comparável de critérios múltiplos de abordagem do espaço regional geográfico, desde os sistemáticos tópicos até os abrangentes derivados de posturas preliminares relacionadas à unicidade essencial do objeto da Geografia, que permitam o entendimento da unidade e diferenciação dos conjuntos territoriais.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

✓ GEOGRAFIA REGIONAL II

1ª e 2ª Semestres

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG 521

Pré-requisito: FLG 101, 102, 103, 204, 626

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos: 4

Número máximo de alunos por turma: 60

I - OBJETIVOS:

Compreender a organização geográfica de meso e micro-unidades territoriais (Nacionais e Sub-Nacionais).

II - CONTEÚDO:

Apoiado na organização do todo nacional, salientar a qualidade e o papel dos espaços regionais internos como organizações decorrentes da participação do "meio natural", do sistema global sócio-econômico, das formações socio-culturais, das estruturas de produção-consumo, dos processos de evolução da ocupação e valorização do território e dos níveis de interdependência regional.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1976 a 1981*

✓ GEOGRAFIA REGIONAL
DO BRASIL I

1º e 2º Semestres

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG 523

Pré-requisitos: FLG 101, 102, 103, 204, 626

Carga horária: 4 horas semanais.

Créditos: 4

Número máximo de alunos por turma: 60

I - OBJETIVOS:

Compreender a especificidade da organização de Macro-Espaços regionais brasileiros.

II - CONTEÚDO:

Análise dos componentes da realidade espacial, no sentido de fazer emergir as especificidades regionais, tanto no plano formal, como no derivado da dinâmica do sistema interativo sócio-econômico.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras e discussões de textos selecionados, seminários e debates.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

× GEOGRAFIA REGIONAL
DO BRASIL II

1º e 2º Semestres

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG 524

Pré-requisitos: FLG 101, 102, 103, 204, 626

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos: 4

Número máximo de alunos por turma: 60

I - OBJETIVOS:

Compreender a especificidade da organização de Meso e Micro-Espaços regionais brasileiros.

II - CONTEÚDO:

Análise dos componentes da realidade espacial no sentido de fazer emergir as especificidades regionais, tanto no plano formal, como no derivado da dinâmica dos sistemas interativo sócio-econômico.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas, exercícios cartográficos e seminários.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

**ORIENTAÇÃO PARA PESQUISA
EM GEOGRAFIA FÍSICA**

1º Semestre
Disciplina: Optativa
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 629
Pré-requisitos: FLG 101, 102, 203, 204, 205
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos: Aula 4
Número máximo de alunos por turma: 20

Natureza do curso: O curso reveste-se de caráter teórico-prático, com maior desenvolvimento desta última parte.

I OBJETIVOS:

Levar o aluno a desenvolver u'a metodologia de investigação voltada para o estudo da Geografia Física, apoiada em diversas técnicas de trabalho aplicadas em diferentes etapas de uma pesquisa.

II CONTEÚDO:

1) Fundamentos metodológicos da pesquisa: Métodos e técnicas aplicadas no campo da Geografia Física em função de um objetivo determinado e de uma abordagem tópica ou espacial. 2) Estudo de um caso específico: Tema a ser proposto pelo professor responsável. 3) As etapas da pesquisa: a. Proposição de problemas. Revisão bibliográfica. Programação dos trabalhos de campo e gabinete. b. Coleta e crítica dos dados. c) Manipulação e análise dos dados; representação gráfica. d. Interpretação dos resultados. e. Redação e apresentação final.

III MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, trabalhos de grupo e individuais. Excursões.

IV ATIVIDADES DISCENTES:

Coleta de dados, organização de relatórios participação em debates.

V CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Através de provas, relatórios e trabalhos.

**ORIENTAÇÃO PARA PESQUISA
EM GEOGRAFIA HUMANA**

2º Semestre
Disciplina: Optativa
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 630
Pré-requisitos: FLG 101, 103, 104 e 205
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos: Aula 4
Número máximo de alunos por turma: 60

I OBJETIVOS:

Levar o aluno a desenvolver u'a *metodologia de investigação* voltada para estudos de Geografia Humana, apoiada em diversas técnicas de trabalho aplicadas em diferentes etapas de uma pesquisa.

II CONTEÚDO:

1) Fundamentos metodológicos da pesquisa: métodos e técnicas aplicadas ao campo da Geografia Humana em função de um objetivo determinado e de uma abordagem tópica ou espacial. 2) Estudo de um caso específico: tema a ser proposto pelo professor responsável. 3) As etapas da pesquisa: a) Proposição de problemas. Revisão bibliográfica. Programação de trabalhos de campo e de gabinete. b) Coleta e crítica dos dados. c) Manipulação e análise dos dados; representação gráfica. d) Interpretação dos resultados. e) Redação e apresentação final.

III MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, trabalhos de grupo e individuais. Excursões.

IV ATIVIDADES DISCENTES:

Coleta de dados, organização de relatórios participação em debates.

V CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Através de provas, relatórios e trabalhos.

Em anos anteriores a 1974, esta disciplina correspondia a 8 créditos.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1980 a 1981

GEOGRAFIA POLÍTICA

1º Semestre

Disciplina Optativa

Oferecida aos alunos do Departamento de Geografia

Código: FLG 635

Pré-requisitos: F

FLG 101 - Introdução à Ciência Geográfica

FLG 102 - Introdução à Geografia Física

FLG 103 - Introdução à Geografia Humana

FLG 626 - Organização dos Espaço

Regional

FLG 204 - Cartografia I

FLG 205 - Cartografia II

I - OBJETIVOS:

- 1) Chegar à compreensão de que o espaço é um fenômeno político e que a Geografia o tem estudado de duas maneiras principais: a Geografia Política e a Geopolítica. Entender a evolução da concepção clássica e científica até a situação atual. Discutir os fundamentos conceituais e de análise de território, nação e Estado.
- 2) Distinguir o espaço geográfico e o espaço político, estabelecendo as relações entre eles, na discussão de fronteiras, limites e comunicações. Mostrar o significado dos espaços internacional e nacional.
- 3) Verificar a problemática do espaço regional e a política, desde a formação do território e do Estado, até a discussão das divisões externas e internas do espaço regional do Estado.
- 4) Discutir os espaços micro-geográficos, mostrando as relações entre a agricultura, a cidade, a indústria e a política.
- 5) Chegar ao objetivo final de tentar desenvolver uma compreensão teórico-metodológica da Geografia Política com ênfase na compreensão da situação atual do Globo.

II - CONTEÚDO:

- O Aspecto Geográfico do Fenômeno Político:
- 1) Geografia Política: a concepção clássica.
 - 2) A Geopolítica como problema científico.
 - 3) Geografia Política: situação atual.
 - 4) Território, Nação, Estado: conceitos e análise.

Espaço Geográfico e Espaço Político

- 5) Espaço e Política.
- 6) Fronteiras, Limites e Comunicações.
- 7) Espaço Internacional e Política.
- 8) Espaço nacional e Sistemas políticos.
- 9) Espaço Regional e Política
- 9) A formação do território.
- 10) A formação do Estado.
- 11) As divisões regionais externas do Estado.
- 12) As divisões regionais internas do Estado.
- 13) Espaços Micro-Geográficos e Política
- 13) Espaço Agrário e Política.
- 14) Espaço urbano e política.
- 15) Espaço industrial e política.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Teórico-técnico com trabalhos individuais ou em grupos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Seminários e excursões visando à compreensão teórico-metodológica da Geografia Política.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Provas e avaliação de participação em seminários e excursões.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

DISCIPLINAS OPTATIVAS NÃO DEPARTAMENTAIS

Os programas são de responsabilidade dos Departamentos ou Institutos onde foram ministradas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

FLS501 - SOCIOLOGIA

(Departamento de Geografia)

- a) - PERÍODO LETIVO: 1º Semestre
- b) - DISCIPLINAS REQUISITOS: Não há
- c) - CARGA HORÁRIA: 4 horas semanais
 - a) Aulas teóricas: 2 horas semanais por turno
 - b) Seminários: 2 horas semanais por turno
- d) - NÚMERO DE CRÉDITOS: 4 (quatro)
- e) - PROGRAMA:
 - 1 - A Sociologia como ciência
 - a) - Os princípios constitutivos dos sistemas sociais; integração e contradição
 - b) - Sociologia e sociedade moderna: características básicas de sociedades industriais
 - 2 - Conceitos sociológicos fundamentais
 - a) - Ação, relação e processos sociais
 - b) - Instituição, socialização e estrutura social
 - c) - Comunidade e sociedade
 - 3 - A Sociedade de classe: caracterização e processos básicos
 - a) - Classes sociais e estratificação social
 - b) - As modernas técnicas sociais: planejamento e comunicação de massa
 - c) - Movimentos sociais
- f) - INFORMAÇÕES PREVISTAS NO ART. 16 DA PORTARIA GR. Nº 1.380:
 - 1. Objetivos: Iniciar o aluno no conhecimento da Sociologia.
 - 2. Conteúdo: Explicações sobre a problemática da relação sujeito-objeto na Sociologia, sobre as correntes metodológicas fundamentais, sobre a conceituação básica e sobre os processos e características nucleares da sociedade moderna.
 - 3. Métodos utilizados: Aulas teóricas (de tipo formal e expositivo) e seminários sobre textos fundamentais, manejados e analisados pelo aluno sob assistência de professor. Esse trabalho é completado pelo professor mediante um balanço da compreensão dos textos.
 - 4. Atividades discentes: Leitura e análise de textos obrigatórios para seminários e da bibliografia indicada nas aulas teóricas; preparação de exposições em seminários; leitura obrigatória de uma monografia sociológica brasileira pelo menos.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

1976 a 1980

SOCIOLOGIA
1º semestre

Disciplina básica destinada ao Curso de Geografia

Código: FLS506 Código pré-requisito: não há

Carga Horária: 4 horas semanais

Créditos-Aula: 02; Trabalho: 02

Número máximo de alunos por turma:

I - OBJETIVOS: Iniciar o aluno no conhecimento da Sociologia.

II - CONTEÚDO: Explicação sobre a problemática da relação sujeito-objeto na Sociologia, sobre as correntes metodológicas fundamentais, sobre a conceitualização básica e sobre os processos e características nucleares da sociedade moderna.

III - MÉTODOS UTILIZADOS: Aulas teóricas (de tipo expositivo) e seminários em que os alunos aprendem a manejar e analisar textos básicos do programa que são utilizados nas aulas teóricas.

IV - ATIVIDADES DISCENTES: Leitura e análise de textos obrigatórios para seminários. Leitura da bibliografia indicada na aula teórica; preparação de relatórios para a participação nos seminários.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Participação em seminários, relatórios de leitura e realização de três provas escritas.

OBS - esta disciplina passou a valer 06 créditos, a partir de 1979.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

PLH 440 - HISTÓRIA ECONÔMICA GERAL E DO BRASIL
(Para os alunos do Depto. de Geografia)

Carga horária: 4 horas semanais
Nº de Créditos: 4 (quatro)

1. Antecedentes ibéricos da história brasileira. Situação de Portugal e Espanha nos séculos XV e XVI.
2. Bases geográficas da história brasileira.
3. Linhas gerais da colonização portuguesa no Brasil.
4. Condições do povoamento e da utilização da terra no século XVI.
5. O povoamento e a ocupação do solo nos séculos XVII e XVIII.
6. Os ciclos econômicos: açúcar, mineração, pecuária. Aspectos sociais e econômicos.
7. O período de transição dos séculos XVII - XVIII. A preparação para a independência.
8. A política econômica de D. João VI.
9. O império: organização política e administrativa.
10. O império: as bases econômicas. Imigr. e coloniz. O café.
11. A civilização material no século XIX: transportes e comunicações.
12. O Brasil no período republicano. Aspectos sociais e econômicos.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1976 - 1977

HISTÓRIA ECONÔMICA GERAL E DO BRASIL
1º semestre

Disciplina oferecida aos alunos do Curso de Geografia.
Código: FLH440 Código Pré-requisito:
Carga horária: 4 horas por turno - Total: 8 h. sem.
Créditos - 04

SEMINÁRIOS

I - OBJETIVOS

Os seminários do curso de História Econômica e Geral do Brasil através de estudo prático de história econômica regional visa a globalização, com o curso das aulas teóricas, do processo do desenvolvimento do Brasil nas últimas décadas. Os seminários completam e complementam o estudo do curso teórico. Nos seminários as aulas são dirigidas e orientadas pelo professor, mas estudadas, preparadas e expostas pelos alunos. Com esse processo, os alunos devem desenvolver sua auto-suficiência de estudo, trabalho e preparo de uma exposição tecnicamente perfeita, além de desenvolver a sua capacidade de exposição oral, e o máximo de sua criatividade.

II - CONTEÚDO

"Desenvolvimento Econômico Regional do Brasil: integração do nordeste no desenvolvimento do Brasil - de 1956 à criação da Sudene"

- 1) O nordeste como problema econômico regional no processo de desenvolvimento brasileiro.
- 2) O nordeste como problema político, social e de segurança nacional.
- 3) Os níveis técnico-políticos da criação da Sudene; diagnóstico, metas, a Sudene.

Livro Básico: COHN, Amélia - Crise Regional e Planejamento - Processo de Criação da Sudene. São Paulo, 1972. USP. Depto. de Sociologia.

III - MÉTODOS UTILIZADOS

A turma é dividida em equipes de quatro alunos; sorteadas-se os grupos e designam-se as datas da apresentação do trabalho expositivo. O professor orienta cada grupo e a classe em geral sobre o estudo da matéria. A classe deve igualmente preparar o assunto para estar apta a discutí-lo no dia do seminário. A equipe elabora o plano de estudo, a distribuição da matéria, as leituras, as fichamentos, mapas, material de projeção, estudo documental, levantamento documental e bibliográfico e elabora uma aula que o professor distribui a todos os colegas. A exposição de cada aluno segue-se a do professor para maior esclarecimento do assunto, e em seguida, a discussão.

IV - ATIVIDADES DISCENTES

Tomada de conhecimento por todos os alunos da classe sobre o assunto de cada seminário, que igualmente deve ler em casa. Participação da classe nas discussões que se seguem às exposições.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Sendos as classes muito numerosas, são sorteados grupos dentro da possibilidade numérica dos seminários para a avaliação. Aos alunos das equipes que fizeram o seminário, são atribuídas notas individuais. Aos demais alunos será feita prova escrita de verificação de aproveitamento sobre os seminários realizados, ao final do semestre.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
1978 - 1979

**HISTÓRIA ECONÔMICA GERAL
E DO BRASIL**

1º Semestre

Disciplina oferecida aos alunos do

Curso de Geografia

Código: FLH 440

Pré-requisito:

Carga horária: 4 horas por turno

Total: 8 horas semanais

Créditos: Aula-4

Número máximo de alunos por turma:

I - OBJETIVOS:

Aulas Teóricas. As aulas teóricas de História Econômica Geral e do Brasil visam dar aos alunos um panorama do desenvolvimento geral e do Brasil no âmbito político, social, cultural e especialmente econômico, nestas últimas cinco décadas de processo revolucionário brasileiro. Com os estudos do processo desenvolvimentista do Brasil poderão os alunos como futuros professores-educadores do ensino médio, orientar e fazer os seus alunos compreenderem e serem integrados na situação nacional.

II - CONTEÚDO:

"Desenvolvimento Econômico Geral do Brasil, de 1930 a 1964". 1) A grande depressão mundial e sua repercussão no Brasil. 2) Transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. 3) Início da Revolução Industrial Brasileira - de 1930 a 1939. 4) A Segunda Guerra Mundial de 1940 a 1955. 5) O decênio do pós guerra - de 1946 a 1955. 6) A consolidação do desenvolvimento industrial - de 1956 a 1961. 7) Industrialização e o surgimento da classe de empresários industriais. 8) Substituição de importações e limitação à capacidade de importar. 9) Alta produtividade do capital, estatização e inflação. 10) Urbanização e aumento da taxa de crescimento demográfico. 11) Distribuição desequilibrada da renda do País e o aumento de salários.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

As aulas teóricas serão expositivas, procurando-se suscitar a participação dos alunos no decorrer das mesmas. Serão motivadas tanto quanto possível, com as notícias do dia, e serão aproveitadas todos os elementos materiais possíveis para a boa compreensão como projeções, elaboração de quadros e gráficos, mapas e bibliografia eventual. Recomendação expressa de leituras específicas do assunto da aula. Proceder-se-á ao atendimento pessoal de alunos para orientação de estudos ou trabalhos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leitura de bibliografia básica indicada; levantamento bibliográfico em revistas e bibliotecas; verificação de estado da aula anterior e discussão de problemática levantada pelo professor ou pelos alunos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Observação do interesse especial do aluno para com os temas expostos no decorrer do curso e participação dos alunos. Realização de prova escrita para verificação do aproveitamento no final do semestre.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

1980

HISTÓRIA ECON. GERAL E DO BRASIL

1º Semestre

Disciplina: Básica

Destinada: aos alunos do Curso de Geografia

Código: FLH 440

Pré-requisito:

Carga horária: 4 horas semanais

Aulas: Aula - 4

OBJETIVOS

Dar uma visão ampla do processo histórico, fixando-se em pontos básicos da História Universal e do Brasil.

II - CONTEÚDO

Método e pesquisa em Historiografia

- 1) Portugal e Brasil no quadro da Modernidade Européia.
- 2) O Absolutismo monárquico e a colonização européia. O Brasil e a colonização portuguesa.
- 3) A Crise do Antigo Regime e seus reflexos no mundo. A Independência do Brasil.
- 4) Capitalismo e Liberalismo no séc. XIX.
- 5) O Brasil no séc. XIX. Economia.
- 6) O Brasil no séc. XIX. Sociedade.
- 7) As crises internacionais do séc. XX e a Grande Guerra. O Brasil no Contexto Mundial.
- 8) O Entre-Guerras. As crises internacionais e seus reflexos no Brasil.
- 9) O Conflito mundial, a Segunda Guerra e o desenvolvimento econômico brasileiro.
- 10) O Mundo Contemporâneo. Nacionalismo e Descolonização. O Brasil Moderno.

III - MÉTODOS UTILIZADOS

Aulas teórico-expositivas, seminários e análises do texto.

IV - ATIVIDADES DISCENTES

Participação em seminários, fichamentos de livros e artigos de revistas e realização de trabalhos escritos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Provas escritas, trabalhos práticos e trabalhos escritos, além da atuação em seminários.

ESTUDOS DE PROBLEMAS BRASILEIROS

Unidade I: Aspectos morfológicos da realidade brasileira

- a) Formação étnica do homem brasileiro.
- b) Língua portuguesa no Brasil. Desenvolvimento e formação da unidade nacional.
- c) As instituições político-administrativas.

Unidade II: Aspectos do desenvolvimento sócio-econômico

- a) Problemas de urbanização no Brasil.
- b) Problemas de produção e comercialização dos produtos agrícolas.
- c) Problemas da industrialização: Indústria e meio ambiente.
- d) Problemas de conservação dos recursos naturais.
- e) Problemas de planejamento regional.

Unidade III: Os projetos de integração

- a) A política brasileira de integração dos transportes.
- b) A política indigenista brasileira.

GEOGRAFIA FÍSICA A - 1 - 1955 - 1958	01
GEOGRAFIA HUMANA A - 1 - 1955 - 1958	10
GEOGRAFIA DO BRASIL A - 1 - 1955 - 1958	15
GEOGRAFIA REGIONAL A - 1 - 1955 - 1958	25
CARTOGRAFIA A - 1 - 1955 - 1958	30
CARTOGRAFIA B - 1 - 1955 - 1958	35
CARTOGRAFIA C - 1 - 1955 - 1958	40
GEOGRAFIA	45
ELEMENTOS DE GEOLOGIA (1955 - 1958)	45
- BOTÂNICA	45
- METEOROLOGIA (1955 - 1958)	45
- ETNOGRAFIA GERAL	45
- ETNOGRAFIA BRASILEIRA E TIPI-QUARANI	45
HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO (1955 - 1958)	45
- MODERNA	45
- CONTEMPORÂNEA	45
- BRASILEIRA	45
LICENCIATURA (1955 - 1958)	45
- PSICOLOGIA	45
- DIDÁTICA GERAL	45
- DIDÁTICA ESPECIAL	45
DOCEGOGRAFIA (1955 - 1958)	45
HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA	45
OUTROS CURSOS ADICIONAIS	45
- ANTROPOLOGIA CULTURAL	45
- COORDENAÇÃO DOS CURSOS	45
- EVOLUÇÃO DO PROGRAMA	45

ÍNDICE

GEOGRAFIA FÍSICA A – B – C (1956 a 1968).....	01
GEOGRAFIA HUMANA A – B – C e Bacharelado (1956 a 1968).....	10
GEOGRAFIA DO BRASIL A – B – C e Bacharelado (1956 a 1969).....	16
GEOGRAFIA REGIONAL A – B – C (1956 a 1964).....	22
GEOGRAFIA REGIONAL A – B – C (1966 a 1968).....	26
CARTOGRAFIA A e B (1956 a 1962).....	31
CARTOGRAFIA A e B (1963 a 1965).....	34
CARTOGRAFIA GEOGRÁFICA E ELEMENTOS DE AEROFOTOGRAMETRIA A e B (1966 a 1968).....	38
ELEMENTOS DE GEOLOGIA (1956 a 1968).....	43
– BOTÂNICA.....	44
– ANTROPOLOGIA (Introdução).....	45
– ETNOGRAFIA GERAL.....	46
– ETNOGRAFIA BRASILEIRA E TUPI-GUARANI.....	47
HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO (1965 a 1968)	
– MODERNA.....	49
– CONTEMPORÂNEA.....	50
– BRASILEIRA.....	51
LICENCIATURA (1956 a 1968)	
– PSICOLOGIA.....	53
– DIDÁTICA GERAL.....	54
– DIDÁTICA ESPECIAL.....	55
BIOGEOGRAFIA (1963 a 1968).....	56
HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA.....	58
OUTROS CURSOS (Optativos/Livres)	
– ANTROPOLOGIA CULTURAL (Opt.).....	61
– CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS (Opt.).....	62
– EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO (Livre).....	63

GEOGRAFIA HUMANA

A - B - C

BACHARELADO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA HUMANA "A"

A) Organização do espaço

- 1 — A Geografia Humana: campo, conceito, evolução, métodos.
- 2 — A Geografia Humana e a região.
- 3 — As grandes paisagens do Globo.
- 4 — Regiões tropicais: os gêneros de vida tradicionais e suas transformações.
- 5 — Regiões mediterrâneas: exemplos de evolução das paisagens.
- 6 — Regiões temperado-frias: industrialização e urbanização na Europa de Noroeste.
- 7 — Regiões áridas e semi-áridas: conquista e problemas de novas áreas econômicas.
- 8 — Regiões de montanhas: a circulação e a montanha.
- 9 — Regiões polares e subpolares: as expansões do ecumeno.

B) Geografia da Circulação

- 1 — A circulação e o meio natural.
- 2 — A circulação como fato de civilização e de técnicas.
- 3 — A circulação terrestre:
 - a) condições geográficas e históricas;
 - b) redes e linhas ferroviárias;
 - c) o automóvel e a estrada de rodagem.
- 4 — A navegação marítima:
 - a) condições geográficas;
 - b) antigos e atuais domínios da navegação;
 - c) frotas mercantes e portos de mar;
 - d) as rotas atuais de navegação;
 - e) canais inter-ocêânicos.
- 5 — Navegação das águas interiores:
 - a) condições geográficas da navegação fluvial e lacustre;
 - b) os canais e o equipamento técnico da navegação;
 - c) redes de navegação interna.
- 6 — Circulação aérea:
 - a) problema de meio geográfico e das técnicas;
 - b) redes e frotas aéreas.
- 7 — Aspectos econômicos da Geografia da Circulação.
- 8 — Aspectos políticos e estratégicos da Circulação.

C) Geografia da População (curso teórico e seminários)

- 1 — Problemas geográficos da população.
- 2 — O ecumeno:
 - a) conceito atual e noção no passado;
 - b) expansão, fronteiras e "vazios".
- 3 — Efeito humano do Globo:
 - a) dados e fontes de estudo;
 - b) distribuição geográfica por continentes, latitudes e regiões.
- 4 — Valores relativos dos dados demográficos: densidade de população.
- 5 — Análise de composição das populações.
- 6 — Populações urbanas e populações rurais.
- 7 — Equilíbrio e desequilíbrio demográfico, em face do meio.
- 8 — Movimentos demográficos.
- 9 — Movimentos migratórios.
- 10 — Estudos regionais de Geografia da população.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

(2)

- D) A conquista do Meio (seminários de debates sobre temas escolhidos dentre os assuntos indicados abaixo)
- 1 — Noções de meio natural, meio humano e meio geográfico.
 - 2 — A noção de gêneros de vida:
 - a) fatores naturais dos gêneros de vida;
 - b) evolução dos gêneros de vida;
 - c) gêneros de vida, civilização e técnicas.
 - 3 — Influências diretas e indiretas do clima sobre o homem:
 - a) teorias sobre as relações do homem com o clima;
 - b) problemas da aclimação;
 - c) o vento como fonte de energia.
 - 4 — Domesticação e utilização da água:
 - a) conquista das áreas de inundação;
 - b) áreas e técnicas de irrigação e de drenagem;
 - c) a pesca nos mares e nas águas interiores;
 - d) a construção de canais para a circulação.
 - 5 — O aproveitamento do solo:
 - a) os solos e a agricultura;
 - b) técnicas de conservação e de recuperação do solo.
 - 6 — Exploração econômica da vegetação:
 - a) tipos de exploração;
 - b) problemas da devastação, conservação e recuperação do revestimento vegetal.
 - 7 — Aspectos das relações entre o homem e o relevo:
 - a) altitude e relevo e Geografia Humana;
 - b) litorais e planícies, sua ocupação, e economia;
 - c) planaltos e montanhas, sua ocupação e economia.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA HUMANA "B"

I. Geografia das Indústrias
(seminários)

- 1 — Condições geográficas e históricas da evolução industrial.
- 2 — Distribuição geográfica das indústrias: as grandes áreas industriais do globo.
- 3 — Desenvolvimento, subdesenvolvimento e indústria.
- 4 — Tipos de indústrias e de paisagens industriais:
 - a) as formas tradicionais: aspectos gerais e exemplos;
 - b) a grande indústria moderna: caracterização geral e exemplos;
 - c) estudos monográficos: indústria metalúrgica, têxtil ou química (1 por ano).
- 5 — Os complexos industriais:
 - a) os fatores de formação e de localização;
 - b) tipos.
- 6 — Estudos monográficos de regiões industriais:
 - a) países de antiga industrialização;
 - b) as indústrias em países novos.

II. Geografia Agrária

- 1 — Geografia Agrária: conceito, campo e fatores.
- 2 — O "habitat" rural: elementos e caracterização dos tipos.
- 3 — As grandes paisagens do Globo e os espaços agrícolas.
- 4 — Sistemas agrários nas regiões quentes e úmidas: fatores e tipos.
- 5 — Sistemas agrários nas regiões subtropicais: fatores e tipos.
- 6 — Sistemas agrários nas regiões de latitude média: fatores e tipos.
- 7 — Sistemas agrários nas regiões secas: fatores e tipos.
- 8 — Problemas de Reforma Agrária.

III. Geografia da energia

- 1 — Fontes e formas de energia: evolução histórica da sua utilização. Sistemas energéticos.
- 2 — O carvão e sua utilização:
 - a) formação geológica do carvão e distribuição geográfica da hulha.
 - b) condições e sistemas da exploração do carvão;
 - c) produção e comércio do carvão no mundo: os mercados.
- 3 — O petróleo e sua utilização:
 - a) condições de formação do petróleo e distribuição geográfica das jazidas;
 - b) problemas e métodos de exploração e produção do petróleo;
 - c) produção e comércio do petróleo no mundo: os mercados.
- 4 — A energia elétrica e sua utilização:
 - a) tipos de energia elétrica e condições de produção;
 - b) distribuição geográfica do potencial e do equipamento elétrico.
- 5 — O consumo de energia:
 - a) consumo de energia nas grandes aglomerações e nas áreas rurais;
 - b) consumo de energia nas regiões subdesenvolvidas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA HUMANA "C"

I. Geografia Urbana

- 1 — Funções urbanas.
- 2 — Problemas urbanos.
- 3 — Hierarquia urbana, as metrópoles.
- 4 — Regiões urbanas.
- 5 — Estudos monográficos.

II. Geografia Política

- 1 — Introdução sobre o panorama político mundial da atualidade.
- 2 — Os grandes polos de presença internacional, cultural, econômica e política.
- 3 — Organizações políticas internacionais.
- 4 — Problemas da América Central.
- 5 — Quadro político atual da Europa.
- 6 — A descolonização e o continente africano.
- 7 — Problemas do Médio Oriente e do Mediterrâneo Oriental.
- 8 — Sudeste da Ásia.
- 9 — O Extremo-Oriente e o Pacífico.
- 10 — Desenvolvimento e subdesenvolvimento.

III. Trabalhos práticos

Leitura e interpretação de mapas, cartas e fotografias geográficas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA HUMANA

BACHARELADO

a) Bases Biológicas da Geografia Humana.
(1 aula semanal).

- 1 — Conceito biológico de clima.
- 2 — Influências do clima:
 - a) os elementos do clima e o organismo;
 - b) influências do clima local e dos microclimas;
 - c) problemas da aclimação.
- 3 — Relações com o meio vivo:
 - a) a atmosfera como meio microbiano;
 - b) os complexos patogênicos;
 - c) Geografia das moléstias infecciosas.
- 4 — Algumas influências indiretas do meio:
 - a) carências alimentares;
 - b) alimentos energéticos e de proteção;
 - c) Geografia dos regimes alimentares.
- b) Geografia da Colonização.

(1 aula semanal).

- 1 — Importância geográfica do fato colonial.
- 2 — Colonização e meio geográfico:
 - a) no mundo tropical;
 - b) nas regiões temperadas;
 - c) nas altas latitudes.
- 3 — Colonização e demografia:
 - a) a colonização e as sociedades indígenas;
 - b) os brancos e a colonização.
- 4 — Colonização e Geografia econômica:
 - a) o problema das matérias primas;
 - b) os mercados de consumo.
- 5 — Tipos de colônias:
 - a) organizações coloniais modernas;
 - b) transformações recentes na vida das colônias.
- 6 — Colonização interna e seus problemas:
 - a) fatores geográficos e históricos;
 - b) as frentes pioneiras.

1956 a 1969

GEOGRAFIA DO BRASIL

A — B — C

BACHARELADO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
GEOGRAFIA DO BRASIL "A"

1. Geografia Física do Brasil.
 - a. Relêvo.
 - b. Estrutura geológica.
 - c. Morfologia litorânea.
 - d. Atlântico Sul e ilhas oceânicas.
 - e. Clima.
 - f. Vegetação.
 - g. Hidrografia.
2. Geografia Humana do Brasil.
 - a. População.
 - b. Tipos étnicos.
 - c. Rede urbana.
 - d. "Habitat" rural.
 - e. Conquista e ocupação do solo.
 - f. O homem brasileiro e o meio.
3. Geografia Económica do Brasil.
 - a. Geografia Agrária do Brasil.
 - b. Geografia Agrícola do Brasil.
 - c. Geografia da Energia no Brasil.
4. Seminários.
 - a. Estudo dirigido.
 - b. Orientação bibliográfica.
 - c. Recursos audiovisuais.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
GEOGRAFIA DO BRASIL "B"

1. Geografia da Amazônia.
 - a. As bases físicas.
 - b. A vida humana.
2. Geografia do Nordeste.
 - a. Litoral e Mata.
 - b. Agreste e Sertão.
3. Estudo dirigido.
 - a. Pantanal Matogrossense.
 - b. Vale do São Francisco.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA DO BRASIL "C"

Programa dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura:

1. Geografia do Sul do Brasil.
 - a. Visão de conjunto.
 - b. Baixada Paraibense.
 - c. Norte do Paraná.
 - d. Vale do Itajaí.
 - e. Porto Alegre e a Depressão do Jacuí.
 - f. Região colonial antiga do Rio Grande do Sul.
2. Geografia do Estado de São Paulo.
 - a. As bases físicas.
 - b. O homem e a economia.
3. Seminário de debates.
 - a. Problemas de Geografia Física do Brasil.
 - b. Problemas de Geografia Humana e Econômica do Brasil.

4. Geografia física do Brasil.
 - a. O Brasil físico: relevo, clima, vegetação.
 - b. Tipos de clima do Brasil.
 - c. O relevo do "Brasil" no Brasil.
 - d. Evolução do relevo no Brasil: uma visão geral.
 - e. Relevo político no Brasil: o Brasil físico.

II - Geografia Social do Brasil (a parte humana) - Curso de Licenciatura

1. A vida agrícola brasileira.
2. Transição industrial.

III - Trabalho político (a parte humana)

1. Orientação ideológica (partido de governo).
2. Discussão de temas da Geografia brasileira.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA DO BRASIL

BACHARELADO

Programa dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura.

I — Geomorfologia do Brasil (1 hora semanal).

1. O relevo brasileiro e suas grandes linhas.
2. O Brasil no "edifício" geológico da América do Sul.
3. Os escudos fundamentais e as bacias sedimentares.
4. Esboço paleogeográfico do território brasileiro.
5. Evolução pós-cretácea do relevo brasileiro.
6. Gênese das grandes bacias hidrográficas brasileiras.
7. Famílias de falhas na fachada costeira atlântica.
8. Tipos de redes de drenagem.
9. O relevo de "cuestas" no Brasil.
10. Evolução do relevo nas regiões semi-áridas brasileiras.
11. Relêvos policíclicos no Planalto Brasileiro.

II — Geografia Geral do Brasil (1 hora semanal) — Curso rotativo.

1. A vida agrícola brasileira.
2. Transportes terrestres.

III — Trabalhos práticos (1 hora semanal).

1. Orientação metodológica (Prática de ensino).
2. Discussão de temas da Geografia brasileira.

GEOGRAFIA REGIONAL

1 - A

B

1955 a 1964

C

GEOGRAFIA REGIONAL

2 - A

B

1966 a 1968

C

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
GEOGRAFIA REGIONAL "A"

I — América Platina e Andina — 1 aula semanal.

- 1 — Divisões regionais dos países platinos.
- 2 — A região do Pampa.
- 3 — Buenos Aires.
- 4 — O Oeste e o Noroeste da República Argentina.
- 5 — O Chaco.
- 6 — A Patagônia.
- 7 — A República do Uruguai.
- 8 — As paisagens da República do Paraguai.
- 9 — Regiões geográficas da Venezuela e Colômbia.
- 10 — Os altiplanos andinos.
- 11 — A região de Atacama.
- 12 — O Chile — regiões geográficas.

II — A África — 1 aula semanal.

- 1 — Posição e características gerais do continente africano.
- 2 — Os grandes traços da estrutura e do relevo.
- 3 — Os tipos de clima e seus fatores.
- 4 — As paisagens botânicas.
- 5 — As populações africanas: tipos e distribuição geográfica.
- 6 — A partilha da África pelos europeus e os problemas de colonização.
- 7 — A independência das antigas colônias e os problemas políticos e sociais.
- 8 — A vida econômica: as indústrias extrativas minerais e vegetais, particularmente na África Equatorial e na África Austral.
- 9 — A vida econômica: tipos de agricultura e de criação com exemplos regionais.
- 10 — A circulação e relações com o meio físico e a vida econômica.

III — Europa Ocidental — 1 aula semanal.

- 1 — Delimitação e características gerais.
- 2 — As grandes linhas de estrutura e do relevo.
- 3 — As condições climáticas e a vegetação.
- 4 — A Inglaterra — regiões geográficas.
- 5 — A Bacia de Londres.
- 6 — A Escócia.
- 7 — A Irlanda.
- 8 — A estrutura econômica da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.
- 9 — A França — regiões geográficas.
- 10 — A Bacia Parisiense.
- 11 — O Oeste da França.
- 12 — O Norte e o Leste da França.
- 13 — O Centro e o Sul da França.
- 14 — A vida econômica da França.
- 15 — Os países do Benelux — características gerais do quadro natural e das condições humanas.
- 16 — Regiões da Bélgica.
- 17 — A vida econômica da Bélgica.
- 18 — Luxemburgo.
- 19 — Regiões da Holanda.
- 20 — A vida econômica da Holanda.

IV — Ásia de Sudeste — 1 aula semanal.

- 1 — Posição e características gerais da Ásia de Sudeste.
- 2 — Estrutura e relevo da Península da Indochina.
- 3 — Relevo e estrutura da Insulindia.
- 4 — Climas e vegetação da Ásia de Sudeste.
- 5 — As populações e os problemas demográficos da Ásia de Sudeste.
- 6 — A vida agrícola na Península da Indochina.
- 7 — Sistemas agrícolas da Indonésia, especialmente em Java e Sumatra.
- 8 — Exploração mineral e industrialização da Ásia de Sudeste.
- 9 — Os problemas políticos e econômicos da Ásia de Sudeste.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA REGIONAL "B"

- I — Europa Central — 1 aula semanal.
 - 1 — Características gerais da Europa Central.
 - 2 — Aspectos físicos e divisão regional da Alemanha.
 - 3 — A Alemanha Ocidental — estudo regional.
 - 4 — A Alemanha Oriental — estudo regional.
 - 5 — A Áustria — estudo regional.
 - 6 — Os Alpes — o quadro natural.
 - 7 — Os Alpes — a vida econômica.
 - 8 — A Hungria — o quadro natural.
 - 9 — A Hungria — a vida econômica.
 - 10 — A Polônia — regiões naturais.
 - 11 — A Polônia — evolução econômica.
 - 12 — A Tchecoslováquia — regiões geográficas.
- II — União Soviética — 1 aula semanal.
 - 1 — Divisões regionais da União Soviética.
 - 2 — As grandes linhas da estrutura e do relevo.
 - 3 — Fatores e tipos de clima.
 - 4 — Tipos de solos.
 - 5 — As grandes paisagens vegetais.
 - 6 — Distribuição da população e grupos étnicos.
 - 7 — A formação do estado soviético.
 - 8 — A agricultura na União Soviética.
 - 9 — A industrialização da União Soviética.
 - 10 — A circulação e relações com o quadro e a vida econômica.
 - 11 — Regiões geo-econômicas.
 - 12 — A expansão para as regiões áridas e árticas da União Soviética.
- III — Oriente Médio — 1 aula semanal.
 - 1 — Delimitação e características gerais do Oriente Médio.
 - 2 — Os grandes quadros da estrutura e do relevo.
 - 3 — Os climas e a vegetação natural.
 - 4 — A população e summa histórica da região.
 - 5 — O Irã.
 - 6 — A Ásia Menor.
 - 7 — A Mesopotâmia.
 - 8 — A Síria e o Líbano.
 - 9 — O Estado de Israel.
 - 10 — A Península Arábica.
 - 11 — O Médio e o Baixo Nilo e a Líbia.
 - 12 — Conclusões — A evolução econômica e os problemas políticos do Oriente Médio.
- IV — América do Norte — 1 aula semanal — Seminário.
 - 1 — Características gerais da América do Norte.
 - 2 — Divisão regional da América do Norte.
 - 3 — O estado canadense — o quadro natural e a vida econômica.
 - 4 — O vale do São Lourenço.
 - 5 — A Colúmbia Britânica.
 - 6 — O Alasca.
 - 7 — Os Apalaches — estrutura e relevo.
 - 8 — A Nova Inglaterra — estudo regional.
 - 9 — A Costa Atlântica.
 - 10 — O Sul dos Estados Unidos.
 - 11 — O Sudoeste dos Estados Unidos.
 - 12 — O vale do Mississippi.
 - 13 — As planícies centrais.
 - 14 — A região dos Grandes Lagos.
 - 15 — A região das Rochosas — o quadro natural.
 - 16 — A região das Rochosas — as atividades econômicas.
 - 17 — A região do Pacífico — o quadro natural.
 - 18 — Povoamento e economia da Califórnia.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA REGIONAL "C"

BACHARELADO

Bacharelado — 2 aulas semanais

I — A Península Ibérica — 1 aula semanal.

- 1 — Aspectos gerais da Península Ibérica.
- 2 — Estrutura e relevo do solo.
- 3 — Fatores e tipos de clima.
- 4 — Tipos de solos.
- 5 — As paisagens botânicas.
- 6 — Divisões regionais.
- 7 — Regiões montanhosas atlânticas.
- 8 — Portugal — planícies e bacias.
- 9 — Regiões de dobramentos recentes.
- 10 — Regiões mediterrâneas.
- 11 — A Meseta Ibérica.
- 12 — Conclusão — Os problemas econômicos regionais da Península Ibérica.

II — Monografias Regionais — 1 aula semanal -- Seminário.

- 1 — Os Alpes.
- 2 — A Mesopotâmia.
- 3 — O Cáucaso.
- 4 — A Mandchúria.
- 5 — O vale do Danúbio.
- 6 — O Ceilão.
- 7 — O Magreb.
- 8 — O vale dos Indus.
- 9 — Islândia.
- 10 — A Bacia Parisiense.
- 11 — As Ardenas.
- 12 — Os Pirineus.
- 13 — A ilha de Cuba.
- 14 — Madagascar.
- 15 — O vale do Iang-Tsé.
- 16 — A Nova Zelândia.
- 17 — A Península do Alaska.
- 18 — A região do Ruhr.
- 19 — Os Urais.
- 20 — A Califórnia.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
GEOGRAFIA REGIONAL "A"

- I — América Platina e Andina - (1 aula semanal) - curso teórico.
 - 1 — Divisões regionais dos países platinos.
 - 2 — A região dos Pampas.
 - 3 — Buenos Aires.
 - 4 — O Oeste e o Noroeste da Argentina.
 - 5 — O Chaco.
 - 6 — A Patagônia.
 - 7 — A República do Uruguai.
 - 8 — As paisagens da República do Paraguai.
 - 9 — As regiões geográficas das Repúblicas da Venezuela e Colômbia.
 - 10 — Os altiplanos andinos.
 - 11 — A região de Atacama.
 - 12 — O Chile — regiões geográficas.
- II — Seminário — (1 aula semanal).
Conceituação e Metodologia da Geografia Regional.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
GEOGRAFIA REGIONAL "B"

4 aulas semanais

I. O Benelux — 1 aula semanal — curso teórico

1. — O Benelux e a Europa de Noroeste.
2. — Os grandes traços físicos.
3. — A População.
4. — As regiões da Bélgica.
5. — Bruxelas e Antuérpia.
6. — A vida econômica da Bélgica.
7. — Luxemburgo.
8. — A conquista do solo e a agricultura da Holanda.
9. — Rotterdam e Amsterdam.
10. — A vida econômica da Holanda.

II. A China — 1 aula semanal — curso teórico

1. — Características gerais dos aspectos físicos.
2. — A China do Norte e o Hoang-Ho.
3. — A Mandchuria.
4. — A China Central e o Iang-Tsé.
5. — A China do Sul.
6. — A Ilha Formosa.
7. — A Mongólia Interior e o Sin-Kiang.
8. — Os problemas demográficos e econômicos.
9. — A industrialização contemporânea da China.

III. Seminário — 1 aula semanal

Africa

1. — Posição e características gerais do continente africano.
2. — Os grandes traços da estrutura e do relevo.
3. — As condições climáticas.
4. — As paisagens botânicas.
5. — As grandes divisões regionais.
6. — As populações africanas — tipos e distribuição geográfica.
7. — A partilha da África pelos europeus e os problemas da colonização.
8. — A independência das antigas colônias e os problemas políticos e sociais.
9. — A vida econômica — exemplos regionais relacionados com as indústrias extrativas minerais e vegetais.
10. — A vida econômica — exemplos regionais relacionados com a agricultura e a pecuária.
11. — A circulação e relações com o meio físico e a vida econômica.

IV. Seminário — 1 aula semanal

América do Norte Anglo-Saxônica

1. — Posição e características gerais da América do Norte.
2. — As grandes linhas da estrutura e do relevo.
3. — As paisagens climato-botânicas.
4. — Povoamento e colonização dos Estados Unidos.
5. — A Nova Inglaterra.
6. — Nova York e suas funções.
7. — A região dos Grandes Lagos.
8. — As planícies centrais.
9. — O Sul dos Estados Unidos.
10. — A Califórnia.
11. — O vale do São Lourenço.
12. — A região das "praias" canadenses.
13. — O escudo canadense e a sua exploração econômica.
14. — O Grande Norte e o Alaska.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA
GEOGRAFIA REGIONAL "C"

4 aulas semanais

I. O Oriente Médio — 1 aula semanal — curso teórico

1. — Delimitação e características gerais.
2. — Os grandes quadros da estrutura e do relevo.
3. — Os climas e a vegetação natural.
4. — A população e a história da região.
5. — O Irã — regiões geográficas.
6. — O Irã — A vida econômica e seus problemas.
7. — A Turquia — divisão regional.
8. — A Turquia — a vida econômica.
9. — A Mesopotâmia.
10. — A Síria e o Líbano.
11. — O Estado de Israel.
12. — A península arábica e a exploração do petróleo.

II. A União Soviética — 1 aula semanal — curso teórico

1. — Divisões regionais da União Soviética.
2. — As grandes linhas da estrutura e do relevo.
3. — As condições climáticas.
4. — As grandes paisagens vegetais.
5. — Distribuição da população e grupos étnicos.
6. — A formação do Estado Soviético.
7. — A agricultura na U.R.S.S.
8. — A industrialização da União Soviética.
9. — A circulação e relações com o quadro natural e a vida econômica.
10. — A expansão e conquista das regiões áridas e árticas da União Soviética.
11. — As regiões geo-econômicas.
12. — Tendências da economia contemporânea da União Soviética.

III. Seminário

Monografias regionais — 2 aulas semanais.

CARTOGRAFIA

A e B

(1956 a 1962)

(1963 a 1965)

CARTOGRAFIA GEOGRÁFICA E ELEMENTOS
DE AEROFOTOGRAMETRIA

A e B

(1966 a 1968)

1956 a 1962

CARTOGRAFIA

A e B

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

CARTOGRAFIA "A"

1 — Introdução.

- a) Orientação sobre o programa da matéria, bibliografia e material permanente e consumível, utilizado na prática manual da cartografia em geral.
- b) Generalidades; definição e divisão da Cartografia; meios modernos da representação cartográfica (globo, carta-relêvo, mapa e foto-carta).
- c) Mapa terrestre: definição; histórico; características; classificação; Estudo da carta francesa 1:80000.

2 — Conteúdo planimétrico ou a "Situação".

- a) Elementos constituintes.
- b) Escalas: definição, classificação segundo a indicação e o dimensionamento; representação gráfica dos elementos pelos seus planos baixos, por convenções e semi-convenções; possibilidade da representação de detalhes.
- c) Convenções: origem e formação; classificação; desigualdade dos símbolos; cores.
- d) Desenho da "Situação": transferidor; coordenadas; redução e ampliação; compilação e generalização.

3 — Conteúdo altimétrico ou o "Relêvo" constituição; os 5 processos gráficos da representação da 3a. dimensão no plano do papel (princípios, históricos e confecção).

4 — Diagramas e cartogramas geográficos: definição e classificação; escolha dos dados numéricos e do tipo do gráfico; desenho.

5 — Perfis topográficos e geográficos: definição; possibilidades e precisão; desenho.

6 — Ensino de avaliar distâncias, ângulos, alturas de objetivos, rampas e orientação por processos expeditos no campo.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

CARTOGRAFIA "B"

- 1 — Estudo resumido dos trabalhos de campo que fornecem os elementos numéricos e gráficos, como os fotos necessários para as obras da topocartografia: princípios, instrumentos, técnicas e dados resultantes.
- 2 — Projeções cartográficas: definição; classificação; histórico; características gráficas; deformação dimensional; mensurabilidade; confecção.
- 3 — Construção da rede geográfica de um mapa segundo uma projeção de execução rápida e de simplicidade didática; desenho de detalhes segundo longitudes e latitudes dadas.
- 4 — Noções de leitura do conteúdo cartográfico de plantas, cartas topográficas, mapas geográficos e cartogramas.
- 5 — Noções de cartometria realizável sobre plantas, cartas topográficas e mapas geográficos.
- 6 — Ensino de avaliar distâncias, ângulos, alturas de objetos, rampas e orientação por processos expeditos no instrumento munido de alidade de pinulas:
 - a) estacionar, centrar, horizontalizar e orientar a mesa.
 - b) fazer visadas a ré e a vante e visadas de interseção na determinação de pontos.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

CARTOGRAFIA "A"

I. Introdução

- 1.1 — Finalidades da Cartografia.
- 1.2 — Definição e classificação dos mapas.
 - 1.21 — Segundo a finalidade e o conteúdo
 - 1.22 — Segundo a natureza da documentação
 - 1.23 — Síntese dos diferentes elementos de classificação.
- 1.3 — Síntese histórica do desenvolvimento da Cartografia.

II. A representação da superfície terrestre.

- 2.1 — Forma e dimensões da Terra.
 - 2.11 — Geóide
 - 2.12 — Elipsóide
- 2.2 — Sistemas de referência: meridianos e paralelos.
- 2.3 — Determinação da latitude e longitude de um ponto.
- 2.4 — A representação plana da superfície terrestre: mapas.
- 2.5 — Escalas.

III. Elementos básicos de geodésia e topografia.

- 3.1 — Ponto geodésico ou R.N. (Referência de Nível).
- 3.2 — Triangulação.
- 3.3 — Noções sobre métodos e equipamentos correlatos.
- 3.4 — Bússolas.

IV. Redação cartográfica: estudo, concepção e elaboração de uma carta.

- 4.1 — Fases essenciais da redação cartográfica.
- 4.2 — Desenho cartográfico: materiais e instrumentos.
- 4.3 — Métodos de reprodução: técnicas poligráficas.

V. Simbologia cartográfica: generalização.

- 5.1 — Princípios e propriedades dos signos convencionais.
- 5.2 — Representação dos detalhes planimétricos.
 - 5.21 — Convenções das cartas topográficas.
 - 5.22 — Convenções das cartas geográficas.
 - 5.23 — Convenções das cartas especiais.
 - 5.24 — Convenções das cartas temáticas.
- 5.3 — Representação das formas do relevo.
 - 5.31 — Condições geométricas e plásticas.
 - 5.32 — Convenções da iluminação do relevo.
 - 5.33 — Definição geométrica do relevo: curvas de nível.
 - 5.34 — Esbatidos.
 - 5.35 — Tintas hipsométricas e batimétricas.
 - 5.36 — Hachuras.
 - 5.37 — Configuração de relevos especiais.
 - 5.38 — Representação orográfica simplificada.
 - 5.39 — Combinações e aplicações das diferentes representações orográficas.
- 5.4 — Processos práticos de estudo do relevo.
 - 5.41 — Perfis topográficos.
 - 5.42 — Blocos diagramas.
 - 5.43 — Modelos em relevo.
- 5.5 — Escritas e toponímia.
 - 5.51 — Processos de elaboração da toponímia.
 - 5.52 — Descrição e emprego das escritas cartográficas.
 - 5.53 — Disposição das escritas.

VI. Cartografia especial: aplicação das estatísticas.

- 6.1 — Gráficos e diagramas.
 - 6.11 — Gráficos lineares.
 - 6.12 — Gráficos de barras.
 - 6.13 — Gráficos de área e volume.
 - 6.14 — Gráficos especiais interessando à Geografia.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

(2)

- VII. Cartografia geográfica ou temática.
- 7.1 — Representação dos fenômenos localizados.
 - 7.11 — Qualitativos.
 - 7.12 — Quantitativos.
 - 7.2 — Representação dos fenômenos lineares dinâmicos.
 - 7.21 — Qualitativos.
 - 7.22 — Quantitativos.
 - 7.3 — Representação dos fenômenos extensivos.
 - 7.31 — Por pontos.
 - 7.32 — Por zonas.
 - 7.33 — Por curvas isarítmicas ou isolinhas.
 - 7.4 — Representação dos fenômenos de movimento.
 - 7.5 — Combinação das representações temáticas.
- Trabalhos práticos:
1. Cálculos elementares para localizar pontos numa rede de coordenadas.
 2. Exercícios com escalas numéricas e gráficas.
 3. Uso prático da bússola para orientação de uma carta e determinação das direções.
 4. Apresentação dos materiais de desenho e iniciação ao seu manuseio.
 5. Perfis topográficos.
 6. Cálculo das vertentes sobre cartas.
 7. Construção de blocos diagramas em perspectiva.
 8. Exemplos de gráficos lineares.
 9. Exemplos de gráficos de barras.
 10. Exemplos de gráficos de área e volume.
 11. Exemplos de gráficos especiais.
 12. Confecção de cartogramas a partir de dados estatísticos
 - a) mapas de distribuição especial por pontos, por zonas ou por isarítmicas.
 - b) mapas de fluxos, etc.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

CARTOGRAFIA "B"

- I. Representação plana da superfície terrestre.
 - 1.1 — Projeções.
 - 1.2 — Propriedades das projeções.
 - 1.3 — Classificação das projeções.
 - 1.31 — Estudo dos principais tipos de projeções.
 - 1.32 — Métodos de construção.
- II. Elementos de topografia.
 - 2.1 — Levantamentos topográficos.
 - 2.11 — Princípios e métodos fundamentais.
 - 2.12 — Os pontos geodésicos e a rede geodésica.
 - 2.13 — Métodos de medição planimétrica: triangulação.
 - 2.14 — Métodos de medição altimétrica. Nivelamento: R. N.
 - 2.2 — Levantamento topográfico direto ou de detalhe.
 - 2.21 — Organização do trabalho.
 - 2.22 — As medidas de distância.
 - 2.23 — A determinação das direções e as medidas de ângulos.
 - 2.24 — A determinação da posição de um ponto.
 - 2.25 — O levantamento dos detalhes.
 - 2.3 — Técnicas, material e instrumentos topográficos de laboratório.
 - 2.4 — Leitura e interpretação de cartas topográficas.
- III. Princípios de aerofotogrametria.
 - 3.1 — A evolução das idéias e métodos em fotogrametria.
 - 3.2 — Caracteres gerais das fotografias aéreas.
 - 3.3 — Cobertura aerofotogramétrica.
 - 3.31 — Aviação fotogramétrica.
 - 3.32 — Tripulação.
 - 3.33 — Elementos sobre máquinas fotográficas para fotogrametria.
 - 3.34 — Planejamento de voo.
 - 3.4 — Estereogramas.
 - 3.41 — Visão estereoscópica normal.
 - 3.42 — Hiperstereoscopia.
 - 3.43 — Pseudoscopia.
 - 3.44 — Anaglifos.
 - 3.5 — Estereoscópios.
 - 3.6 — Possibilidades de medidas sobre fotografias aéreas verticais.
 - 3.61 — Escala das fotografias.
 - 3.62 — Medida da paralaxe.
 - 3.63 — Estereoscópio de barra de paralaxe.
 - 3.7 — Triangulação fotográfica ou aerotriangulação.
 - 3.71 — Processo do papel calco (vegetal).
 - 3.72 — Processo TPFR (triangulação por fendas radiais).
 - 3.8 — Correções processadas na fotografia aérea vertical.
 - 3.81 — Processos gráficos.
 - 3.82 — Processos óticos e fotográficos.
 - 3.83 — Aparelhos corretores.
 - 3.9 — Princípios da estereorestituição.
 - 3.91 — Aparelhos restituidores mais conhecidos de 1a, 2a e 3a. ordens.
 - 3.10 — Aplicações da fotogrametria.
 - 3.11 — Interpretação de fotografias aéreas.
- IV. Análise crítica e interpretação cartográfica de mapas.

Aulas práticas:

 1. Construção de projeções usuais.
 2. Trabalhos de campo e laboratório referentes à confecção de croquis topográfico elaborados a partir de levantamentos expedidos em pranchetas de campo e uso dos aparelhos e instrumentos mais comuns.
 3. Montagem de estereogramas segundo estereoscópios diversos.
 4. Confecção de um modelo de triangulação radial aerofotogramétrica.
 5. Exercícios de interpretação de fotografias aéreas.
 - a) isoladas.
 - b) pares estereoscópicos.

1956 a 1968

- ELEMENTOS DE GEOLOGIA
- BOTÂNICA
- ANTROPOLOGIA (INTRODUÇÃO)
- ETNOGRAFIA GERAL
- ETNOGRAFIA BRASILEIRA E TUPI-GUARANI

- MODERNA

- CONTEMPORÂNEA

- BRASILEIRA

1965 a 1968

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO

- MODERNA
- CONTEMPORÂNEA
- BRASILEIRA

1956 a 1968

LICENCIATURA

- PSICOLOGIA
- DIDÁTICA GERAL
- DIDÁTICA ESPECIAL

SÃO PAULO
BRASIL
1964

SECÇÃO DE PUBLICAÇÕES

PROGRAMAS PARA 1964
APROVADOS PELA CONGREGAÇÃO

GEOGRAFIA DO BRASIL
(Cadeira XXV)

Professor Catedrático: Dr. Aroldo de Azevedo
Professores Assistentes: Dr. José Ribeiro de Araújo Filho
Dr. Antônio Rocha Penteado
Dr. Aziz Nacib Ab'Sáber
Instrutores: Lic. Luiz Mello Rodrigues
Lic. Diva Beltrão de Medeiros

Programas para 1964

CURSO DE GRADUAÇÃO

I. Cursos Teóricos:

1. Geografia Física do Brasil

- a) Os fatos essenciais da Geografia brasileira
- b) O clima
- c) A vegetação
- d) A hidrografia
- e) Atlântico Sul
- f) As ilhas oceânicas
- g) Estrutura geológica
- h) O relevo
- i) Morfologia litorânea

2. Geografia Humana do Brasil

- a) A população
- b) Tipos étnicos
- c) A rede urbana
- d) O "habitat" rural
- e) Conquista e ocupação do solo
- f) O homem brasileiro e o meio

3. Geografia Econômica do Brasil

- a) Geografia Agrária
- b) Geografia Agrícola
- c) Geografia da Energia

4. Geografia Regional do Brasil

- a) Geografia da Amazônia
- b) Geografia do Nordeste
- c) Geografia do Sul do Brasil
- d) Geografia do Estado de São Paulo

5. Geomorfologia do Brasil

- a) Geomorfologia dos escudos brasileiros
- b) Geomorfologia das bacias soerguidas
- c) Geomorfologia das áreas de sedimentação moderna
- d) Domínios morfoclimáticos do Brasil intertropical

6. Estudos monográficos
 - a) Tipos de cidades
 - b) Vias férreas
 - c) Rodovias

II. Cursos Práticos:

1. Orientação bibliográfica
 - a) Fichário geográfico
 - b) Obras fundamentais
2. Trabalhos práticos
 - a) Leitura e interpretação de cartas
 - b) Elaboração de diagramas e cartogramas
3. Sessão de estudos
 - Estudo dirigido sobre o Meio-Norte do Brasil
4. Sessão de debates
 - Debates a respeito de temas da Geografia brasileira

DISTRIBUIÇÃO DOS CURSOS

Certificado "A" (1.º ano):

1. Geografia Física do Brasil
2. Geografia Humana do Brasil
3. Orientação bibliográfica
4. Trabalhos práticos

Certificado "B" (2.º ano):

1. Geografia Econômica do Brasil
2. Geografia da Amazônia
3. Geografia do Nordeste
4. Sessão de estudos

Certificado "C" (3.º ano):

1. Geomorfologia do Brasil
2. Geografia do Sul do Brasil
3. Geografia do Estado de São Paulo
4. Estudos monográficos
5. Sessão de debates

GEOGRAFIA HUMANA
(Cadeira XXIV)

Professor Catedrático: Dr. Ary França
Professores Assistentes: Dra. Nice Lecocq Müller
Dr. Pasquale Petrone
Instrutora: Lic. Léa Goldenstein
Instrutor voluntário: Lic. Luiz Carlos Massuia

Programas para 1964

CURSO DE GEOGRAFIA — CURSO DE GRADUAÇÃO
3 anos de estudo (certificados A, B e C)

CERTIFICADO A

A) Geografia Urbana

- 1 — Conceito de cidade e critérios para a sua classificação.
- 2 — Urbanização e distribuição geográfica das cidades no Globo.
- 3 — Evolução das cidades.
- 4 — Localização das cidades:
 - a) "sitio" urbano;
 - b) "situação" geográfica.
- 5 — Morfologia das cidades:
 - a) espaço urbano;
 - b) estrutura das cidades.
- 6 — As funções urbanas.
- 7 — Problemas urbanos:
 - a) a circulação geral e a local;
 - b) abastecimento;
 - c) energia;
 - d) clima urbano.
- 8 — Hierarquia urbana: metrópoles e "conurbações", regiões urbanas.

B) Geografia da Circulação

- 1 — A circulação e o meio natural.
- 2 — A circulação como fato de civilização e de técnicas.
- 3 — A circulação terrestre:
 - a) condições geográficas e históricas;
 - b) redes e linhas ferroviárias;
 - c) o automóvel e a estrada de rodagem.
- 4 — A navegação marítima:
 - a) condições geográficas;
 - b) antigos e atuais domínios da navegação;
 - c) frotas mercantes e portos de mar;
 - d) as rotas atuais de navegação;
 - e) canais inter-oceânicos.
- 5 — Navegação das águas interiores:
 - a) condições geográficas da navegação fluvial e lacustre;
 - b) os canais e o equipamento técnico da navegação;
 - c) redes de navegação interna.
- 6 — Circulação aérea:

- a) problema de meio geográfico e das técnicas;
- b) redes e frotas aéreas.
- 7 — Aspectos econômicos da Geografia da Circulação.
- 8 — Aspectos políticos e estratégicos da Circulação.
- C) Geografia da População (curso teórico e seminários)
 - 1 — Problemas geográficos da população.
 - 2 — O ecúmeno:
 - a) conceito atual e noção no passado;
 - b) expansão, fronteiras e "vazios".
 - 3 — Efetivo humano do Globo:
 - a) dados e fontes de estudo;
 - b) distribuição geográfica por continentes, latitudes e regiões.
 - 4 — Valores relativos dos dados demográficos: densidade de população.
 - 5 — Análise de composição das populações.
 - 6 — Populações urbanas e populações rurais.
 - 7 — Equilíbrio e desequilíbrio demográfico, em face do meio.
 - 8 — Movimentos demográficos.
 - 9 — Movimentos migratórios.
 - 10 — Estudos regionais de Geografia da população.

CERTIFICADO B

- A) Geografia da Energia
 - 1 — Fontes e formas de energia: evolução histórica da sua utilização. Sistemas energéticos.
 - 2 — O carvão e sua utilização:
 - a) formação geológica do carvão e distribuição geográfica da hulha;
 - b) condições e sistemas da exploração do carvão;
 - c) produção e comércio do carvão no mundo: os mercados.
 - 3 — O petróleo e sua utilização:
 - a) condições de formação do petróleo e distribuição geográfica das jazidas;
 - b) problemas e métodos de exploração e produção do petróleo;
 - c) produção e comércio do petróleo no mundo: os mercados.
 - 4 — A energia elétrica e sua utilização:
 - a) tipos de energia elétrica e condições de produção;
 - b) distribuição geográfica do potencial e do equipamento elétrico.
 - 5 — O consumo de energia:
 - a) consumo de energia nas grandes aglomerações e nas áreas rurais;
 - b) consumo de energia nas regiões sub-desenvolvidas.
- B) A conculsta do Meio (seminários de debates sobre temas escolhidos dentre os assuntos indicados abaixo)
 - 1 — Noções de meio natural, meio humano e meio geográfico.
 - 2 — A noção de gêneros de vida:
 - a) fatores naturais dos gêneros de vida;
 - b) evolução dos gêneros de vida;
 - c) gêneros de vida, civilização e técnicas.

- 3 — Influências diretas e indiretas do clima sobre o homem:
 - a) teorias sobre as relações do homem com o clima;
 - b) problemas da aclimação;
 - c) o vento como fonte de energia.
- 4 — Domesticação e utilização da água:
 - a) conquista das áreas de inundação;
 - b) áreas e técnicas de irrigação e de drenagem;
 - c) a pesca nos mares e nas águas interiores;
 - d) a construção de canais para a circulação.
- 5 — O aproveitamento do solo:
 - a) os solos e a agricultura;
 - b) técnicas de conservação e de recuperação do solo.
- 6 — Exploração econômica da vegetação:
 - a) tipos de exploração;
 - b) problemas da devastação, conservação e recuperação do revestimento vegetal.
- 7 — Aspectos das relações entre o homem e o relevo:
 - a) altitude e relevo e Geografia Humana;
 - b) litorais e planícies, sua ocupação, e economia;
 - c) planaltos e montanhas, sua ocupação e economia.
- C) Geografia Agrária e do "habitat" rural
 - 1 — Geografia Agrária: conceito, campo e fatores.
 - 2 — As grandes paisagens do Globo e os espaços agrícolas.
 - 3 — Sistemas de pastoreio.
 - 4 — Sistemas de culturas com rotação.
 - 5 — Sistemas de culturas intensivas científicas.
 - 6 — Sistemas de culturas de jardinagem.
 - 7 — Culturas de "plantation".
 - 8 — Sistemas de culturas extensivas mecanizadas.
 - 9 — O "habitat" rural: elementos e caracterização dos tipos.
 - 10 — "Habitat" rural aglomerado.
 - 11 — "Habitat" rural disperso.

CERTIFICADO C

A) Geografia das Indústrias

- 1 — Condições geográficas e históricas da evolução industrial.
- 2 — Distribuição geográfica das indústrias:
 - a) grandes áreas industriais do Globo;
 - b) indústrias urbanas e indústrias rurais.
- 3 — Tipos de indústrias e de paisagens industriais:
 - a) as formas tradicionais;
 - b) a grande indústria moderna.
- 4 — Os complexos industriais:
 - a) os fatores de formação e de localização;
 - b) os tipos.
- 5 — Estudos monográficos de regiões industriais:
 - a) países de antiga industrialização;
 - b) as indústrias em países novos.

B) Produtos Agrícolas

1 — Cereais:

- a) Culturas e comércio do trigo;
- b) Culturas e comércio do arroz;
- c) Culturas, comércio e indústria do milho.

2 — Têxteis:

- a) Culturas e comércio do algodão;
- b) O algodão e outros produtos têxteis na indústria moderna.

3 — Açúcar

- a) Culturas de plantas açucareiras
- b) Açúcar de cana e de beterraba.

4 — Culturas comerciais das regiões tropicais

- a) Culturas e comércio do café;
- b) Culturas e comércio da banana.

C) Bases biológicas da Geografia Humana

Estudo dos problemas das influências do meio natural sobre os grupos humanos e das formas da adaptação do homem ao meio.

D) Geografia Política e da Colonização

Estudos monográficos.

E) Trabalhos práticos.

X

GEOGRAFIA REGIONAL
(Disciplina)

Professor: Dr. Renato da Silveira Mendes (contratado)

Programas para 1964

2.º ano — B — 4 aulas semanais.

I — América Platina e Andina — 1 aula semanal.

- 1 — Divisões regionais dos países platinos.
- 2 — A região do Pampa.
- 3 — Buenos Aires.
- 4 — O Oeste e o Noroeste da República Argentina.
- 5 — O Chaco.
- 6 — A Patagônia.
- 7 — A República do Uruguai.
- 8 — As paisagens da República do Paraguai.
- 9 — Regiões geográficas da Venezuela e Colômbia.
- 10 — Os altiplanos andinos.
- 11 — A região de Atacama.
- 12 — O Chile — regiões geográficas.

II — A África — 1 aula semanal.

- 1 — Posição e características gerais do continente africano.
- 2 — Os grandes traços da estrutura e do relevo.
- 3 — Os tipos de clima e seus fatores.
- 4 — As paisagens botânicas.
- 5 — As populações africanas: tipos e distribuição geográfica.
- 6 — A partilha da África pelos europeus e os problemas colonização.
- 7 — A independência das antigas colônias e os problemas políticos e sociais.
- 8 — A vida econômica: as indústrias extrativas minerais e vegetais, particularmente na África Equatorial e na África Austral.
- 9 — A vida econômica: tipos de agricultura e de criação com exemplos regionais.
- 10 — A circulação e relações com o meio físico e a vida econômica.

III — Europa Ocidental — 1 aula semanal.

- 1 — Delimitação e características gerais.
- 2 — As grandes linhas de estrutura e do relevo.
- 3 — As condições climáticas e a vegetação.
- 4 — A Inglaterra — regiões geográficas.
- 5 — A Bacia de Londres.
- 6 — A Escócia.
- 7 — A Irlanda.
- 8 — A estrutura econômica da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.
- 9 — A França — regiões geográficas.

- 10 — A Bacia Parisiense.
- 11 — O Oeste da França.
- 12 — O Norte e o Leste da França.
- 13 — O Centro e o Sul da França.
- 14 — A vida econômica da França.
- 15 — Os países do Benelux — características gerais do quadro natural e das condições humanas.
- 16 — Regiões da Bélgica.
- 17 — A vida econômica da Bélgica.
- 18 — Luxemburgo.
- 19 — Regiões da Holanda.
- 20 — A vida econômica da Holanda.

IV — Ásia de Sudeste — 1 aula semanal.

- 1 — Posição e características gerais da Ásia de Sudeste.
- 2 — Estrutura e relevo da Península da Indochina.
- 3 — Relevo e estrutura da Insulândia.
- 4 — Climas e vegetação da Ásia de Sudeste.
- 5 — As populações e os problemas demográficos da Ásia de Sudeste.
- 6 — A vida agrícola na Península da Indochina.
- 7 — Sistemas agrícolas da Indonésia, especialmente em Java e Sumatra.
- 8 — Exploração mineral e industrialização da Ásia de Sudeste.
- 9 — Os problemas políticos e econômicos da Ásia de Sudeste.

3.º ano — C — 4 aulas semanais.

I — Europa Central — 1 aula semanal.

- 1 — Características gerais da Europa Central.
- 2 — Aspectos físicos e divisão regional da Alemanha.
- 3 — A Alemanha Ocidental — estudo regional.
- 4 — A Alemanha Oriental — estudo regional.
- 5 — A Áustria — estudo regional.
- 6 — Os Alpes — o quadro natural.
- 7 — Os Alpes — a vida econômica.
- 8 — A Hungria — o quadro natural.
- 9 — A Hungria — a vida econômica.
- 10 — A Polônia — regiões naturais.
- 11 — A Polônia — evolução econômica.
- 12 — A Tchecoslováquia — regiões geográficas.

II — União Soviética — 1 aula semanal.

- 1 — Divisões regionais da União Soviética.
- 2 — As grandes linhas da estrutura e do relevo.
- 3 — Fatores e tipos de clima.
- 4 — Tipos de solos.
- 5 — As grandes paisagens vegetais.
- 6 — Distribuição da população e grupos étnicos.
- 7 — A formação do estado soviético.
- 8 — A agricultura na União Soviética.
- 9 — A industrialização da União Soviética.

- 10 — A circulação e relações com o quadro e a vida econômica.
- 11 — Regiões geo-econômicas.
- 12 — A expansão para as regiões áridas e árticas da União Soviética.

III — Oriente Médio — 1 aula semanal.

- 1 — Delimitação e características gerais do Oriente Médio.
- 2 — Os grandes quadros da estrutura e do relevo.
- 3 — Os climas e a vegetação natural.
- 4 — A população e sùmula histórica da região.
- 5 — O Irã.
- 6 — A Ásia Menor.
- 7 — A Mesopotâmia.
- 8 — A Síria e o Líbano.
- 9 — O Estado de Israel.
- 10 — A Península Arábica.
- 11 — O Médio e o Baixo Nilo e a Líbia.
- 12 — Conclusões — A evolução econômica e os problemas políticos do Oriente Médio.

V — América do Norte — 1 aula semanal — Seminário.

- 1 — Características gerais da América do Norte.
- 2 — Divisão regional da América do Norte.
- 3 — O escudo canadense — o quadro natural e a vida econômica.
- 4 — O vale do São Lourenço.
- 5 — A Colúmbia Britânica.
- 6 — O Alaska.
- 7 — Os Apalaches — estrutura e relevo.
- 8 — A Nova Inglaterra — estudo regional.
- 9 — A Costa Atlântica.
- 10 — O Sul dos Estados Unidos.
- 11 — O Sudoeste dos Estados Unidos.
- 12 — O vale do Mississipi.
- 13 — As planícies centrais.
- 14 — A região dos Grandes Lagos.
- 15 — A região das Rochosas — o quadro natural.
- 16 — A região das Rochosas — as atividades econômicas.
- 17 — A região do Pacífico — o quadro natural.
- 18 — Povoamento e economia da Califórnia.

Bacharelado — 2 aulas semanais.

I — A Península Ibérica — 1 aula semanal.

- 1 — Aspectos gerais da Península Ibérica.
- 2 — Estrutura e relevo do solo.
- 3 — Fatores e tipos de clima.
- 4 — Tipos de solos.
- 5 — As paisagens botânicas.
- 6 — Divisões regionais.
- 7 — Regiões montanhosas atlânticas.
- 8 — Portugal — planícies e bacias.
- 9 — Regiões de dobramentos recentes.

- 10 — Regiões mediterrâneas.
- 11 — A Meseta Ibérica.
- 12 — Conclusão — Os problemas económicos regionais da Península Ibérica.

II — Monografias Regionais — 1 aula semanal — Seminário.

- 1 — Os Alpes.
- 2 — A Mesopotâmia.
- 3 — O Cáucaso.
- 4 — A Mandchúria.
- 5 — O vale do Danúbio.
- 6 — O Ceilão.
- 7 — O Magreb.
- 8 — O vale dos Indús.
- 9 — Islândia.
- 10 — A Bacia Parisiense.
- 11 — As Ardenas.
- 12 — Os Pirineus.
- 13 — A ilha de Cuba.
- 14 — Madagascar.
- 15 — O vale do Lang-Tsé.
- 16 — A Nova Zelândia.
- 17 — A Península do Alaska.
- 18 — A região do Ruhr.
- 19 — Os Urais.
- 20 — A Califórnia.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: — Prof. Dr. Antonio Hélio Guerra Vieira
Vice-Reitor: — Prof. Dr. Antônio Guimarães Ferri
Secretário Geral: — Dr. José Geraldo Soares de Mello

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: — Prof. Dr. Ruy Galvão de Andrada Coelho
Vice-Diretor: — Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira
Assistente Técnico para Assuntos Acadêmicos:
Bel. José Aldo Pasquarelli
Assistente Técnico para Assuntos Administrativos:
Conceição Pinéz Garcia

CORPO DOCENTE

Chefe:— Prof. Dr. José Pereira de Queiroz Neto

Professores:—

Adilson Avand de Abreu
Alyr Aparecida Balettreri Rodrigues
Ândria Inês Graças de Lemos
Ana Paul Alexandre Córdas
Antonio Carlos Robert de Moraes
Ariovaldo Umbelino de Oliveira
Aramando Correa da Silva
Augusto Humberto Vairo Titarelli
Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro
Flávio Sammarco Rosa
Francisco Capuano Saulato
Gil Sodero de Toledo
Israel Gomes de Vasconcelos Palheta
João Cipriano de Freitas
José Bueno Conti
José Roberto Terfã
José William Visentini
Judith de La Corte
Jurandyr Luciano Sanchez Ross
Liliana Lagana

Lylvian Zulma Doris Coltrinari
Migda Adelaide Lombardo
Manoel Fernando Gonçalves Seabra
Marcelo Martinelli
Margarida Maria de Andrade
Maria Adélia Aparecida de Souza
Maria Elena Ramos Simielli
Maria Regina Cunha de Toledo Sader
Mário De Biasi
Milton Almeida Santos
Moacyr Marques
Nelson de La Corte
Odete Carvalho de Lima Seabra
Olga Cruz
Paulo Nakashima
Paulo Pedro Perides
Rosa Ester Rossini
Rosely Pacheco Dias Ferreira
Sandra Leacioni
Selma Simões de Castro
Vincenzo Raffaele Boechchio
Wanderley Mesias da Costa

Este trabalho foi diagramado, composto e paginado pela Seção de Publicações e impresso pela Seção Gráfica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ÍNDICE

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DEPARTAMENTAIS	
ÁREA DE GEOGRAFIA REGIONAL E DO BRASIL	
Geografia Regional I	25
Geografia Regional II	26
Panorama da Geografia do Brasil	26
Geografia Regional do Brasil I	27
Geografia Regional do Brasil II	28
DISCIPLINAS NÃO DEPARTAMENTAIS OBRIGATÓRIAS	
Geologia Geral	28
Elementos de Mineralogia e Petrologia	29
Introdução à Antropologia	29
Sociologia	30
História Econômica Geral e do Brasil	30
DISCIPLINAS OPTATIVAS DEPARTAMENTAIS PARA ALUNOS DO CURSO DE GEOGRAFIA	
Orientação para Pesquisa em Geografia Física	31
Orientação para Pesquisa em Geografia Humana	32
Aerofotogeografia	32
Sensoriamento Remoto Aplicado	33
Geografia Humana	34
A Análise Ecológica em Geografia Humana	35
Geografia Política	35
DISCIPLINAS MINISTRADAS NOS CURSOS DE GEOLOGIA, CIÊNCIAS SOCIAIS, ECONOMIA E HISTÓRIA	
Geomorfologia	36
Geografia Humana e Econômica Geral	36
Geografia-Econômica Geral e do Brasil	37
Geografia Humana Geral e do Brasil	38

ÁREA DE METODOLOGIA E APLICAÇÃO
(Inclui também as disciplinas optativas FLG 629 e FLG 630)

HISTÓRIA DO PENSAMENTO (GEOGRÁFICO)

1º Semestre

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG 104

Pré-requisito: -

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos aula: 4

Número máximo de alunos por turma: 130

I - OBJETIVOS:

1. Analisar numa sequência cronológica os principais autores da Geografia, discutindo suas propostas quanto a definição de objeto e método. 2. Mostrar as linhas de continuidade, as polémicas e oposições e as rupturas existentes na evolução desta disciplina. 3. Discutir as principais tentativas de periodização e identificação de correntes da Geografia. 4. Colocar o aluno em contato com textos clássicos, enfatizando a relação entre as formulações analisadas, o contexto histórico que as engendrou, e a fundamentação filosófica que as embasa.

II - CONTEÚDO:

1. Os grandes traços da história do pensamento geográfico. 2. A importância do estudo do passado. 3. O pensamento geográfico disperso. A Geografia da Antiguidade, e da Idade Média. O Renascimento e a Ciência Moderna. 4. A Geografia do Séc. XIX: Humboldt e Ritter. 5. O desenvolvimento da Geografia Física. 6. Ratzel e a Geografia Humana. 7. A Geografia na primeira metade do século XX. 8. A polémica Determinismo-Possibilismo. 9. A Geografia Regional, seu desenvolvimento. 10. A Ecologia Humana. 11. A Geografia Cultural. 12. A proposta de Hartshorne. 13. A crítica da Geografia Tradicional e o movimento de renovação da Geografia. 14. A Geografia Ativa. 15. A "New Geography". 16. Perspectivas atuais da Geografia.

Aulas expositivas, seminários e análises de textos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Discussões em grupo dos textos analisados e seminários sobre autores específicos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Trabalho de aproveitamento, final em grupo, avaliação individual nas discussões e nos seminários.

VI - BIBLIOGRAFIA:

CLAVAL, Paul - "Evolucion de la Geografia Humana". Ed. Oikos-tau, Barcelona, 1974.

----- - "La Pensée Géographique. Introduction à son histoire", SEDES, Paris, 1972.

QUAINI, Massimo - "La costruzione della Geografia Umana". La Nuova Italia Ed. Firenze, 1975.

SODRE, Nelson Werneck - "Introdução à Geografia. Geografia e Ideologia". Ed. Vozes, Petrópolis, 1974.

FIGUEIRA, Ricardo - "Geografia, Ciência Humana". - Centro Editor de América Latina, Buenos Aires, 1977.

SANTOS, Milton - "Por uma Geografia Nova". Ed. Hucitec, São Paulo, 1978.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA GEOGRAFIA

1º Semestre

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG 105

Pré-requisito:

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos aula: 4

Número máximo de alunos por turma: 130

<p>OBJETIVOS:</p> <p>1. Analisar a produção geográfica do ponto de vista geológico. 2. Mostrar aos alunos a relação entre a teoria geral do conhecimento e as suas formas de manifestação através de um enfoque específico: o da Geografia. 3. Desenvolver durante o curso a divisão tripartida do conhecimento, quanto à sua origem. 4. Insistir na contemporaneidade dos processos cognitivos e das construções da teoria nos três enfoques básicos. 5. Realçar a problemática específica da Geografia em cada enfoque e tecer um breve histórico de cada corrente de pensamento a ele ligada.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1. História e conhecimento. 2. O conhecimento e as etapas do processo de sua evolução: historicidade do conhecimento; conhecimento reflexivo e conhecimento metodológico. As relações sujeito-objeto na teoria do conhecimento. 3. Conhecimento quanto à sua origem. 4. O racionalismo, o empirismo e a dialética. 5. As principais formas do conhecimento. 6. Sentido comum, ética e as ciências formais. 7. O método científico. 8. Geografia e conhecimento. 9. A Geografia como conhecimento da Terra e como conhecimento da sociedade. 10. Os pressupostos básicos nas duas perspectivas. 11. Apriorismo, empirismo e dialética na construção da Geografia. 12. A contemporaneidade dos três enfoques. 13. A Geografia e os enfoques empiristas, racionalistas e dialéticos. 14. As repercussões no Brasil.</p>	<p>e Teorias da Filosofia", Livr. Ed. Ciências Humanas, São Paulo, 1979, 180 pp.</p> <p>MAGEL, Ernest e COHEN, M. - "Introdução à Lógica e ao Método Científico". Amorrotu Ed., Buenos Aires, 1971, II vol.</p> <p>QUAINI, Massimo - "Marxismo e Geografia". Ed. Paz e Terra, 1979, Rio de Janeiro, 155 pp.</p> <p>ENTRIKIN, J.N. - "O humanismo contemporâneo em Geografia", in: "Boletim de Geografia Teórica", Rio Claro, 10(19):3-30, 1980.</p> <p>A.A.G. - "Annals of the Association of American Geographers", Vol. 69, nº 1, março 1979. (Número especial comemorativo do 75º aniversário da A.A.G.).</p> <p>ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL</p> <p>19 Semestre</p> <p>Disciplina: Básica</p> <p>Destinada: Curso de Geografia</p> <p>Código: FLG 104, 105</p> <p>Pré-requisito: FLG 104, 105</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>Número máximo de alunos por turma: 100</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Preparar o caminho para a formação do estudante na abordagem geográfica da regionalização, suas técnicas de análise e formalização.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>2) Região como fato geográfico e objetivo de investigação científica. 3) Os processos genéticos de definição regional. 4) Estrutura regional. 5) Análise e classificação regional. 6) A região como objeto de intervenção.</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, análises e seminários.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Discussões em grupo dos textos analisados, seminários sobre temas escolhidos.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Provas escritas; atividades tais como: fichamento de artigos, questionários de orientação de leitura, provas orais.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>AJDUKIEWICZ, Kazimierz - "Problemas</p>
		<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Curso teórico com estudo prático de casos específicos.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Leituras programadas e relatórios.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>A verificação do aproveitamento será feita através de trabalhos escritos, interpretação de cartas, gráficos e provas escritas.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>BERTRAND, G. Paysage et Géographie Physique Globale: esquisse méthodologique. Rev. Geogr. des Pyrénées et du Sud-Ouest, 39 (3):249-272. Toulouse, 1968.</p> <p>BOESCH, H. e CAROL, H. Princípios do Conceito de "Paisagem", IBGE. Boletim Geográfico, 27 (202):26-30. Rio de Janeiro, jan./fev. 1968.</p> <p>ERHART, H. A teoria biogeográfica e os problemas biogeográficos e paleobiogeográficos.</p>
<p>espaço concreto, em que as forças da natureza e o desempenho do homem se conjugam numa perspectiva ecológica. 2) Insistir na definição do "espaço" tridimensional, concreto perceptivo e abstrato, expresso pelo conceito de paisagem. 3) Compreender este todo harmônico através de sua estrutura e do seu grau de organização. 4) Apoiar-se nas noções de "estrutura" e "sistema" na formalização da análise desta realidade complexa.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) O Conceito Geográfico da "Paisagem". 2) Os Processos Genéticos da Elaboração. 3) A Estrutura da Paisagem. A Paisagem como Geosistema. 4) A Organização da Paisagem. A abordagem da paisagem em perspectiva de organização sistêmica. 5) Tipologia das Paisagens. A teoria da biogeografia de Erhart. 6) Cartografia da Paisagem. Elaboração de modelos e suas limitações atuais.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Curso teórico com estudo prático de casos específicos.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Leituras programadas e relatórios.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>A verificação do aproveitamento será feita através de trabalhos escritos, interpretação de cartas, gráficos e provas escritas.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>BERTRAND, G. Paysage et Géographie Physique Globale: esquisse méthodologique. Rev. Geogr. des Pyrénées et du Sud-Ouest, 39 (3):249-272. Toulouse, 1968.</p> <p>BOESCH, H. e CAROL, H. Princípios do Conceito de "Paisagem", IBGE. Boletim Geográfico, 27 (202):26-30. Rio de Janeiro, jan./fev. 1968.</p> <p>ERHART, H. A teoria biogeográfica e os problemas biogeográficos e paleobiogeográficos.</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Técnico-prático com trabalhos individuais ou em grupos.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Exercícios práticos, visando a iniciação à análise espacial.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Provas e trabalhos de pesquisa.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>CHORLEY, R. & HAGGETT, P. Modelos Integrados em geografia. São Paulo, Editora da USP, 1974.</p> <p>CLAVAL, P. Regions, Nations, Grandes es-territórios. Paris, Genin, 1968.</p> <p>CORREIA DE ANDRADE, M. Geografia, região e desenvolvimento. Introdução ao estudo: "Amenagement du territoire". São Paulo, Editora Brasileira, 1971.</p> <p>DOLLFUS, O. O espaço geográfico. Difal, São Paulo, 1978.</p> <p>GEORGE, P.; GUGLIELMO, R.; KAYSER, B. e LACOSTE, Y. A geografia ativa. Difal, São Paulo, 1975.</p>	<p>FISIOLOGIA DA PAISAGEM</p> <p>2º Semestre</p> <p>Disciplina: Básica</p> <p>Destinada: Curso de Geografia</p> <p>Código: FLG 102, 103, 104, 105, 204</p> <p>Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>Número máximo de alunos por turma: 90</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Enfatizar a necessidade da análise integrada dos fatos geográficos, definindo um</p>

<p>lógicos. <i>Notícia Geomorfológica</i>. 6 (11):51-58, Campinas, junho 1956.</p> <p>ROUGERIE, Gabriel. <i>Géographie des Paysages</i>. Coll. "Que sais-je?". nº 1362. PUF. Paris, 1969.</p> <p>TROLL, C. <i>Landscape Ecology</i>. Publ. of the I.Y.C. - UNESCO. Center for Integrated Surveys - Delft, S. 4. 25pp.</p>	<p>GUERRA, Antonio Teixeira. <i>Recursos Naturais do Brasil - Caracterização</i>. mo (163 pp. - 16x23 - INGE - CNG, 19.</p>	<p>GUERRA, Antonio Teixeira. <i>Recursos Naturais do Brasil - Caracterização</i>. mo (163 pp. - 16x23 - INGE - CNG, 19.</p>	<p>GUERRA, Antonio Teixeira. <i>Recursos Naturais do Brasil - Caracterização</i>. mo (163 pp. - 16x23 - INGE - CNG, 19.</p>
<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Dinâmica de Grupo - Relatórios - Seminários.</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Dinâmica de Grupo - Relatórios - Seminários.</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Dinâmica de Grupo - Relatórios - Seminários.</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Dinâmica de Grupo - Relatórios - Seminários.</p>
<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Participação em debates de grupo, leituras programadas, organização de relatórios.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Participação em debates de grupo, leituras programadas, organização de relatórios.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Participação em debates de grupo, leituras programadas, organização de relatórios.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Participação em debates de grupo, leituras programadas, organização de relatórios.</p>
<p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Pela participação nos grupos, relatórios e provas. Auto-Avaliação.</p>	<p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Pela participação nos grupos, relatórios e provas. Auto-Avaliação.</p>	<p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Pela participação nos grupos, relatórios e provas. Auto-Avaliação.</p>	<p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Pela participação nos grupos, relatórios e provas. Auto-Avaliação.</p>
<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>BROW, Harrison. <i>The Challenge of Man's Future</i> (290 pp.). The Viking Press, New York.</p> <p>CLAVEL, Paul. "Chroniques de Géographie Economique: Les Ressources Naturelles". <i>Revue Géographique de L'Est</i>, X(12):87-124. (Contém vasta bibliografia).</p> <p>COMISSÃO DE GEOGRAFIA DO IPGH. <i>Segunda Mesa Redonda sobre Recursos Naturais</i>. (México, março de 1969) 213 pp. - Publicação nº 329, Rio de Janeiro, 1969.</p> <p>F.A.O. El Abastecimiento mundial: posibilidades de aumento. Campaña Mundial contra el Hambre. <i>Estudio Básico</i>, nº 10. (248pp). Roma, 1963.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>ABUMADA, Jorge. <i>Teoría y Programación del Desarrollo Económico</i>. (Cuadernos del Inst. Latinoamer. de Planificación Económica y Social).</p> <p>BETTELHEIM, Charles. <i>Planificación e crecimiento acelerado</i>. Biblioteca das Ciências Sociais - Rio de Janeiro, ZaharEd., 1968.</p> <p>CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE (CNRS). <i>Colloque National de Géographie Appliquée</i>. Strasbourg, avril, 1961.</p> <p>COSTA, Jorge Gustavo da. <i>Planejamento Governamental. A Experiência Brasileira</i> (653 pp.). Biblioteca de Administração Pública nº 16. Fundação Getúlio Vargas, Rio, 1971.</p> <p>DELFIN NETTO, Antonio. <i>Planejamento para o Desenvolvimento Econômico</i>. (127 pp.) Bibl. Pioneira de Ciências Sociais, Editora da USP e Liv. Pioneira Editora, São Paulo.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>ABUMADA, Jorge. <i>Teoría y Programación del Desarrollo Económico</i>. (Cuadernos del Inst. Latinoamer. de Planificación Económica y Social).</p> <p>BETTELHEIM, Charles. <i>Planificación e crecimiento acelerado</i>. Biblioteca das Ciências Sociais - Rio de Janeiro, ZaharEd., 1968.</p> <p>CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE (CNRS). <i>Colloque National de Géographie Appliquée</i>. Strasbourg, avril, 1961.</p> <p>COSTA, Jorge Gustavo da. <i>Planejamento Governamental. A Experiência Brasileira</i> (653 pp.). Biblioteca de Administração Pública nº 16. Fundação Getúlio Vargas, Rio, 1971.</p> <p>DELFIN NETTO, Antonio. <i>Planejamento para o Desenvolvimento Econômico</i>. (127 pp.) Bibl. Pioneira de Ciências Sociais, Editora da USP e Liv. Pioneira Editora, São Paulo.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>ABUMADA, Jorge. <i>Teoría y Programación del Desarrollo Económico</i>. (Cuadernos del Inst. Latinoamer. de Planificación Económica y Social).</p> <p>BETTELHEIM, Charles. <i>Planificación e crecimiento acelerado</i>. Biblioteca das Ciências Sociais - Rio de Janeiro, ZaharEd., 1968.</p> <p>CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE (CNRS). <i>Colloque National de Géographie Appliquée</i>. Strasbourg, avril, 1961.</p> <p>COSTA, Jorge Gustavo da. <i>Planejamento Governamental. A Experiência Brasileira</i> (653 pp.). Biblioteca de Administração Pública nº 16. Fundação Getúlio Vargas, Rio, 1971.</p> <p>DELFIN NETTO, Antonio. <i>Planejamento para o Desenvolvimento Econômico</i>. (127 pp.) Bibl. Pioneira de Ciências Sociais, Editora da USP e Liv. Pioneira Editora, São Paulo.</p>
<p>CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS</p> <p>1º Semestre</p> <p>Disciplina: Básica</p> <p>Destinada: Curso de Geografia</p> <p>Código: FLG 627</p> <p>Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>Número máximo de alunos por turma: 90</p>	<p>CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS</p> <p>1º Semestre</p> <p>Disciplina: Básica</p> <p>Destinada: Curso de Geografia</p> <p>Código: FLG 627</p> <p>Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>Número máximo de alunos por turma: 90</p>	<p>CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS</p> <p>1º Semestre</p> <p>Disciplina: Básica</p> <p>Destinada: Curso de Geografia</p> <p>Código: FLG 627</p> <p>Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>Número máximo de alunos por turma: 90</p>	<p>CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS</p> <p>1º Semestre</p> <p>Disciplina: Básica</p> <p>Destinada: Curso de Geografia</p> <p>Código: FLG 627</p> <p>Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>Número máximo de alunos por turma: 90</p>
<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Proceder à uma sistematização conceitual, metodológica e operacional visando aplicação nos estudos de planejamento.</p> <p>2) Enfatizar a importância dos problemas técnicos no levantamento dos recursos, preservação do equilíbrio ecológico das paisagens.</p> <p>3) Ministrar os conhecimentos essenciais que o tema requer na abordagem econômica salientando o caráter integrativo da análise geográfica no estudo da potencialidade econômica dos recursos.</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Proceder à uma sistematização conceitual, metodológica e operacional visando aplicação nos estudos de planejamento.</p> <p>2) Enfatizar a importância dos problemas técnicos no levantamento dos recursos, preservação do equilíbrio ecológico das paisagens.</p> <p>3) Ministrar os conhecimentos essenciais que o tema requer na abordagem econômica salientando o caráter integrativo da análise geográfica no estudo da potencialidade econômica dos recursos.</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Proceder à uma sistematização conceitual, metodológica e operacional visando aplicação nos estudos de planejamento.</p> <p>2) Enfatizar a importância dos problemas técnicos no levantamento dos recursos, preservação do equilíbrio ecológico das paisagens.</p> <p>3) Ministrar os conhecimentos essenciais que o tema requer na abordagem econômica salientando o caráter integrativo da análise geográfica no estudo da potencialidade econômica dos recursos.</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Proceder à uma sistematização conceitual, metodológica e operacional visando aplicação nos estudos de planejamento.</p> <p>2) Enfatizar a importância dos problemas técnicos no levantamento dos recursos, preservação do equilíbrio ecológico das paisagens.</p> <p>3) Ministrar os conhecimentos essenciais que o tema requer na abordagem econômica salientando o caráter integrativo da análise geográfica no estudo da potencialidade econômica dos recursos.</p>
<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) Caracterização Geográfica dos Recursos Naturais. 2) O Crescimento do Consumo e os Balanços Globais. 3) O levantamento dos Recursos Naturais. 4) A avaliação dos Recursos. 5) A Conservação dos Recursos.</p>	<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) Caracterização Geográfica dos Recursos Naturais. 2) O Crescimento do Consumo e os Balanços Globais. 3) O levantamento dos Recursos Naturais. 4) A avaliação dos Recursos. 5) A Conservação dos Recursos.</p>	<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) Caracterização Geográfica dos Recursos Naturais. 2) O Crescimento do Consumo e os Balanços Globais. 3) O levantamento dos Recursos Naturais. 4) A avaliação dos Recursos. 5) A Conservação dos Recursos.</p>	<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) Caracterização Geográfica dos Recursos Naturais. 2) O Crescimento do Consumo e os Balanços Globais. 3) O levantamento dos Recursos Naturais. 4) A avaliação dos Recursos. 5) A Conservação dos Recursos.</p>

<p>CARTOGRAFIA I 1º Semestre Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG 204 Pré-requisito: — Carga horária: 8 horas semanais Créditos aula: 8 Número máximo de alunos por turma: 100</p>	<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Provas escritas e trabalhos práticos (gabinete e campo).</p>	<p>BIBLIOGRAFIA: TUENIN, R. <i>Cartographie Générale</i>. Tome I e II. IGN - Eyrolles, Paris, 1972. LIBAULT, André. <i>Geocartographie</i>. São Paulo, Cia. Editora Nacional e Editora da USP, 1975. RAISZ, E. <i>General Cartography</i>. McGraw Hill Book Co., New York, 1959. — — — — — <i>Cartography General</i>. Edicion Omega S.A. Barcelona, 1959. — — — — — <i>Cartography Genl. Ed. Científica</i>. Rio de Janeiro, 1969. ROBINSON, A.H. and SALE, P.D. <i>Elements of Cartography</i>. 3rd Edition, John Wiley & L. Sons, Ed. New York, 1969. TRICART, René et al. <i>Introduction aux travaux pratiques de géographie/Commentaires de cartes</i>. S.E.D.E.S., Paris, 1968.</p>	<p>CONTEÚDO: 1 - Introdução à Astronomia de Posição. Situação e movimento da Terra no espaço. Linhas e pontos privilegiados de referência: coordenadas celestes e terrestres. 2 - Os fundamentos geodésicos e topográficos. Formas e medidas da terra. O princípio da triangulação geodésica. Principios de determinação topográfica. Planimetria e altimetria. 3 - Elementos de Aerofotogrametria e Sensoriamento Remoto. 4 - Projeções Cartográficas. Propriedades básicas das projeções. Análise dos principais tipos de projeções. O sistema universal da projeção geocartográfica: U.T.M. 5 - Interpretação geocartográfica de cartas topográficas.</p>
<p>CARTOGRAFIA II 2º Semestre Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG 205 Pré-requisito: FLG 204 Carga horária: 8 horas semanais Créditos aula: 8 Número máximo de alunos por turma: 100</p>	<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Provas escritas e trabalhos práticos (gabinete e campo).</p>	<p>BIBLIOGRAFIA: TUENIN, R. <i>Cartographie Générale</i>. Tome I e II. IGN - Eyrolles, Paris, 1972. LIBAULT, André. <i>Geocartographie</i>. São Paulo, Cia. Editora Nacional e Editora da USP, 1975. RAISZ, E. <i>General Cartography</i>. McGraw Hill Book Co., New York, 1959. — — — — — <i>Cartography General</i>. Edicion Omega S.A. Barcelona, 1959. — — — — — <i>Cartography Genl. Ed. Científica</i>. Rio de Janeiro, 1969. ROBINSON, A.H. and SALE, P.D. <i>Elements of Cartography</i>. 3rd Edition, John Wiley & L. Sons, Ed. New York, 1969. TRICART, René et al. <i>Introduction aux travaux pratiques de géographie/Commentaires de cartes</i>. S.E.D.E.S., Paris, 1968.</p>	<p>CONTEÚDO: 1 - Introdução à Astronomia de Posição. Situação e movimento da Terra no espaço. Linhas e pontos privilegiados de referência: coordenadas celestes e terrestres. 2 - Os fundamentos geodésicos e topográficos. Formas e medidas da terra. O princípio da triangulação geodésica. Principios de determinação topográfica. Planimetria e altimetria. 3 - Elementos de Aerofotogrametria e Sensoriamento Remoto. 4 - Projeções Cartográficas. Propriedades básicas das projeções. Análise dos principais tipos de projeções. O sistema universal da projeção geocartográfica: U.T.M. 5 - Interpretação geocartográfica de cartas topográficas.</p>
<p>ÁREA DE GEOGRAFIA FÍSICA E BIOGEOGRAFIA INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA FÍSICA 2º Semestre Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG 102 Pré-requisito: — Carga horária: 2 horas semanais Créditos aula: 2 Número máximo de alunos por turma: 110</p>	<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Provas escritas e trabalhos práticos (gabinete e campo).</p>	<p>BIBLIOGRAFIA: TUENIN, R. <i>Cartographie Générale</i>. Tome I e II. IGN - Eyrolles, Paris, 1972. LIBAULT, André. <i>Geocartographie</i>. São Paulo, Cia. Editora Nacional e Editora da USP, 1975. RAISZ, E. <i>General Cartography</i>. McGraw Hill Book Co., New York, 1959. — — — — — <i>Cartography General</i>. Edicion Omega S.A. Barcelona, 1959. — — — — — <i>Cartography Genl. Ed. Científica</i>. Rio de Janeiro, 1969. ROBINSON, A.H. and SALE, P.D. <i>Elements of Cartography</i>. 3rd Edition, John Wiley & L. Sons, Ed. New York, 1969. TRICART, René et al. <i>Introduction aux travaux pratiques de géographie/Commentaires de cartes</i>. S.E.D.E.S., Paris, 1968.</p>	<p>CONTEÚDO: 1 - Introdução à Astronomia de Posição. Situação e movimento da Terra no espaço. Linhas e pontos privilegiados de referência: coordenadas celestes e terrestres. 2 - Os fundamentos geodésicos e topográficos. Formas e medidas da terra. O princípio da triangulação geodésica. Principios de determinação topográfica. Planimetria e altimetria. 3 - Elementos de Aerofotogrametria e Sensoriamento Remoto. 4 - Projeções Cartográficas. Propriedades básicas das projeções. Análise dos principais tipos de projeções. O sistema universal da projeção geocartográfica: U.T.M. 5 - Interpretação geocartográfica de cartas topográficas.</p>
<p>ÁREA DE GEOGRAFIA FÍSICA E BIOGEOGRAFIA INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA FÍSICA 2º Semestre Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG 102 Pré-requisito: — Carga horária: 2 horas semanais Créditos aula: 2 Número máximo de alunos por turma: 110</p>	<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Provas escritas e trabalhos práticos (gabinete e campo).</p>	<p>BIBLIOGRAFIA: TUENIN, R. <i>Cartographie Générale</i>. Tome I e II. IGN - Eyrolles, Paris, 1972. LIBAULT, André. <i>Geocartographie</i>. São Paulo, Cia. Editora Nacional e Editora da USP, 1975. RAISZ, E. <i>General Cartography</i>. McGraw Hill Book Co., New York, 1959. — — — — — <i>Cartography General</i>. Edicion Omega S.A. Barcelona, 1959. — — — — — <i>Cartography Genl. Ed. Científica</i>. Rio de Janeiro, 1969. ROBINSON, A.H. and SALE, P.D. <i>Elements of Cartography</i>. 3rd Edition, John Wiley & L. Sons, Ed. New York, 1969. TRICART, René et al. <i>Introduction aux travaux pratiques de géographie/Commentaires de cartes</i>. S.E.D.E.S., Paris, 1968.</p>	<p>CONTEÚDO: 1 - Introdução à Astronomia de Posição. Situação e movimento da Terra no espaço. Linhas e pontos privilegiados de referência: coordenadas celestes e terrestres. 2 - Os fundamentos geodésicos e topográficos. Formas e medidas da terra. O princípio da triangulação geodésica. Principios de determinação topográfica. Planimetria e altimetria. 3 - Elementos de Aerofotogrametria e Sensoriamento Remoto. 4 - Projeções Cartográficas. Propriedades básicas das projeções. Análise dos principais tipos de projeções. O sistema universal da projeção geocartográfica: U.T.M. 5 - Interpretação geocartográfica de cartas topográficas.</p>
<p>ÁREA DE GEOGRAFIA FÍSICA E BIOGEOGRAFIA INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA FÍSICA 2º Semestre Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG 102 Pré-requisito: — Carga horária: 2 horas semanais Créditos aula: 2 Número máximo de alunos por turma: 110</p>	<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Provas escritas e trabalhos práticos (gabinete e campo).</p>	<p>BIBLIOGRAFIA: TUENIN, R. <i>Cartographie Générale</i>. Tome I e II. IGN - Eyrolles, Paris, 1972. LIBAULT, André. <i>Geocartographie</i>. São Paulo, Cia. Editora Nacional e Editora da USP, 1975. RAISZ, E. <i>General Cartography</i>. McGraw Hill Book Co., New York, 1959. — — — — — <i>Cartography General</i>. Edicion Omega S.A. Barcelona, 1959. — — — — — <i>Cartography Genl. Ed. Científica</i>. Rio de Janeiro, 1969. ROBINSON, A.H. and SALE, P.D. <i>Elements of Cartography</i>. 3rd Edition, John Wiley & L. Sons, Ed. New York, 1969. TRICART, René et al. <i>Introduction aux travaux pratiques de géographie/Commentaires de cartes</i>. S.E.D.E.S., Paris, 1968.</p>	<p>CONTEÚDO: 1 - Introdução à Astronomia de Posição. Situação e movimento da Terra no espaço. Linhas e pontos privilegiados de referência: coordenadas celestes e terrestres. 2 - Os fundamentos geodésicos e topográficos. Formas e medidas da terra. O princípio da triangulação geodésica. Principios de determinação topográfica. Planimetria e altimetria. 3 - Elementos de Aerofotogrametria e Sensoriamento Remoto. 4 - Projeções Cartográficas. Propriedades básicas das projeções. Análise dos principais tipos de projeções. O sistema universal da projeção geocartográfica: U.T.M. 5 - Interpretação geocartográfica de cartas topográficas.</p>

<p>icon. As abordagens "separativas" e as dificuldades de globalização.</p> <p>3) Os complexos de combinações de fatos e os graus de organização. As escalas. Conceitos de organização sistêmica.</p> <p>4) Indução e dedução em geografia física.</p> <p>5) A evolução integrada da paisagem e os processos. A organização atual da paisagem e sua tipologia. Os modelos.</p>	<p>PEDOLOGIA</p> <p>2º Semestre</p> <p>Disciplina: Básica</p> <p>Destinada: Curso de Geografia</p> <p>Código: FLG 306</p> <p>Pré-requisitos: FLG 104, 105</p> <p>Carga horária: 2 horas semanais</p> <p>Número máximo de alunos por turma: 100</p>	<p>V CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO</p> <p>1) Provas. 2) Avaliação dos relatórios.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>BUCKMAN, H.D. & BRADY, N.C. <i>Natureza e propriedades dos solos</i>. Trad. de Inglês. Ed. Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1966.</p> <p>BUNTING, B.T. <i>Geografia do Solo</i>. Trad. de Inglês. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971.</p> <p>COMISSÃO DE SOLOS. <i>Levantamento dos Solos do Estado de São Paulo</i>. S.N.P.A. Ministério da Agricultura, Boletim 12, Rio de Janeiro, 1960.</p> <p>DUCHAUFOUR, Ph. <i>Précis de Pédologie</i>. Masson & Co. Editeurs, 1965.</p> <p>MONIZ, A.C. (Coord.) et al. <i>Elementos de Pedologia</i>. Ed. Polígono e Editora da USP, 1972.</p> <p>RANZANI, G. <i>Manual de Levantamento do solo</i> (459 pg.) Editora da USP, São Paulo (112 pg.) 1965.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>AB'SABER, A.N. <i>O Relevo Brasileiro e seus Problemas</i>. Cap. III, pp. 135-253. In: <i>Brasil: A terra e o homem</i>. Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1964.</p> <p>ARCHAUMBAUT, M., LHERNAFF, R. et VANNEAU, J.R. <i>Documents et méthodes pour le commentaire de cartes (Géographie et Géologie)</i>. 2 fasc. Masson & Co., Editeurs, Paris, 1957.</p> <p>DERRIAU, Max. <i>Précis de Géomorphologie</i> (Gêno Ed.). Masson & Co., Paris, 1962.</p> <p>ENJALBERT, Henri. <i>Les Données de la Structure</i>. In: <i>Géographie Générale</i>. (Encyclopédie de la Pléiade, vol. 20), 1966.</p> <p>TRICART, Jean. <i>Principes et méthodes de la géomorphologie</i> (496 pp.). Masson & Co. Ed., Paris, 1965.</p>
<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Curso teórico com análise e discussão de textos.</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Analisar o solo como meio de aprimoramento na análise geográfica pelas suas integrações geomorfológicas e agrárias. 2) Fornecer as bases indispensáveis à observação de campo e, na medida do possível, da avaliação do trabalho de laboratório. 3) Ministar ao universitário de geografia o treinamento mínimo indispensável na leitura e interpretação dos dados fornecidos pela análise pedológica.</p>	<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) Do intemperismo à gênese dos solos. O trabalho de campo em pedologia. O perfil do solo: Estrutura e morfologia. Propriedades dos solos: físicas, químicas, biológicas e mineralógicas. 2) Gênese e classificação dos solos. Intemperismo: da alteração das rochas aos argilo-minerais. Fatores de formação. Processos pedogênicos e mobilidade dos constituintes, tipos de solos e sistemática pedológica. 3) Morfogenese e pedogênese. Problemas dos solos das regiões intertropicais. Solos do Brasil.</p>	<p>GEOMORFOLOGIA ESTRUTURAL</p> <p>1º Semestre</p> <p>Disciplina: Básica</p> <p>Destinada: Curso de Geografia</p> <p>Código: FLG 308</p> <p>Pré-requisitos: FLG 102, 103, 104, 105, 204</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>Número máximo de alunos por turma: 100</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Esclarecer as relações com a geologia e os seus subúlbios à análise geomorfológica, esclarecendo as diferenças de objetivos. 2) Ressaltar os caracteres geostáticos das rochas e sua influência nos processos morfogenéticos. 3) Compreender o papel das estruturas geológicas nos arranjos espaciais de relevo terrestre. 4) Incrementar o uso de análises especiais.</p>
<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Participação em trabalhos de grupo e leituras programadas.</p>	<p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Através de provas, trabalhos e fichas de leituras.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>BIROT, Pierre. <i>Tratado de Geografia Física</i>. (Tradução por A. Gomiz Lorente - Vincens Barcelona, 1962.</p> <p>CHORLEY, R.J. and HAGGET, F. (Editores). <i>Models in Geography</i>. Methuen & Co. London, 1967.</p> <p>MARTONNE, Emmanuel de. <i>Tratado de Geografia Física</i>. (Trad. Portuguesa). Coleção "Fatorama da Geografia". Liv. Ed. Cosmos, Lisboa.</p> <p>MONTEIRO, C.A.F. et al. <i>Aspectos Geográficos do Babel São Francisco</i>. Avulso nº 5 - Ass. dos Geogr. Brasileiros, São Paulo, 1962.</p> <p>POWERS, W.E. <i>Physical Geography</i>. Meredith Publishing Company, New York, 1966.</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>1) Aulas teóricas: expositivas com projeções audiovisuais. 2) Estudos dirigidos à análise de textos e dados analíticos especiais.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>1) Trabalhos de campo, análise de perfil de solo. 2) Preparação de relatórios de observações. 3) Análise de textos e dados analíticos especiais.</p>

de cartas topográficas e geológicas na análise de gabinete, extraindo delas perfis e diagramas.

II - CONTEÚDO:

- 1) As Componentes Estruturais na Crosta Terrestre e a Gênese das Formas de Relevo (I). 2) Propriedades do Material Rochoso e Influência nos Processos (II). 3) Elementos básicos de estratigrafia interessando a evolução | e a gênese do relevo. 4) Ação da tectônica na morfogênese. 5) Tipologia dos Relevos Estruturais (III).
- 6) Análise Especial de Tipos de Maior Interesse ao Caso Brasileiro (IV).

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Técnico-prático com trabalhos de caráter operacional individuais e ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Análise e interpretação de fotografias aéreas, cartas topográficas e geológicas objetivando compreender a participação da estrutura na compartimentação do relevo.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e relatórios de trabalhos realizados.

VI - BIBLIOGRAFIA:

- AB'SABER, A.N. *O Relevo Brasileiro e seus Problemas*. | Cap. III, pp. 135-253. In: *Brasil: A terra e o homem*. Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1964.
- ARCHAUMBAUT, M., LHERNAFF, R. et VANNEAU, J.R. *Documents et méthodes pour le commentaire de cartes (Géographie et Géologie)*. 2 fasc. Masson & Co., Editeurs, Paris, 1957.
- DERRIAU, Max. *Précis de Géomorphologie* (Gêno Ed.). Masson & Co., Paris, 1962.
- ENJALBERT, Henri. *Les Données de la Structure*. In: *Géographie Générale*. (Encyclopédie de la Pléiade, vol. 20), 1966.
- TRICART, Jean. *Principes et méthodes de la géomorphologie* (496 pp.). Masson & Co. Ed., Paris, 1965.

<p>Disciplina: Geografia Disciplinas Básicas Disciplinas do Curso de Geografia Código: FLG 309 Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 100</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Estabelecer uma vinculação do clima ao relevo terrestre aproximando, didaticamente, climatologia e geomorfologia. 2) Vincular a dinâmica morfoclimática às condições bio e pedogenéticas das paisagens associando-as à ação antropica. 3) Integrar sobre as técnicas laboratoriais vinculadas à dinâmica dos processos morfogenéticos.</p>	<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) As Componentes Climáticas no Modelo da Crosta Terrestre e a Gênese das Formas de Relevo. 2) Definição Climática e Integração Ecológica na Análise dos Processos Morfogenéticos. 3) Os Domínios Morfológicos: Definição dos Sistemas Vegetais e Principais Índices de sua Geomorfologia. 4) Análise Especial dos Domínios Intertropicais Referentes ao Brasil. Os domínios morfoclimáticos (morfogenéticos) vigentes no Brasil. Análise especial de alguns domínios.</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Curso teórico-prático. Aulas expositivas, projeções, análise e discussão de textos. Seminários.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Leituras programadas, discussões de grupo e apresentação de seminários.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Provas, participação em seminários e trabalhos de grupo.</p>
<p>Disciplina: Climatologia Disciplinas Básicas Disciplinas do Curso de Geografia Código: FLG 312 Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 100</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Promover um "encontro" entre as perspectivas biológicas e geográficas no estudo dos seres vivos. 2) Promover a base interpretativa de conceitos biológicos para a compreensão dos padrões biológicos e genéticos dos seres vivos, que em relação aos fatores geográficos se expressam ecologicamente na primeira organização espacial. 3) Considerar que se expressa pelo poder de decisão em organizações mais complexas do espaço geográfico.</p>	<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) Perspectivas Biológicas e Geográficas no Estudo da Biosfera e Possibilidade de "Encontro". O poder de decisão do homem na organização do espaço e a análise das mudanças. 2) A distribuição espacial dos Seres Vivos. 3) Os fatores geográficos, o patrimônio genético e a ação humana na "mudança". 4) A abordagem ecológica: normas metodológicas e procedimentos básicos na análise. 5) Os domínios ecológicos na análise ecológica. 6) Os aspectos. Abordagem especial de casos na América do Sul e Brasil com ênfase nas mudanças sobre a ação do homem e suas "decisões".</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Curso teórico expositivo com projeções audiovisuais.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Organização de relatórios, trabalhos e participação em seminários.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Participação em trabalhos de classe. Provas.</p>
<p>Disciplina: Hidrografia Disciplinas Básicas Disciplinas do Curso de Geografia Código: FLG 313 Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 100</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Promover um "encontro" entre as perspectivas biológicas e geográficas no estudo dos seres vivos. 2) Promover a base interpretativa de conceitos biológicos para a compreensão dos padrões biológicos e genéticos dos seres vivos, que em relação aos fatores geográficos se expressam ecologicamente na primeira organização espacial. 3) Considerar que se expressa pelo poder de decisão em organizações mais complexas do espaço geográfico.</p>	<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) Perspectivas Biológicas e Geográficas no Estudo da Biosfera e Possibilidade de "Encontro". O poder de decisão do homem na organização do espaço e a análise das mudanças. 2) A distribuição espacial dos Seres Vivos. 3) Os fatores geográficos, o patrimônio genético e a ação humana na "mudança". 4) A abordagem ecológica: normas metodológicas e procedimentos básicos na análise. 5) Os domínios ecológicos na análise ecológica. 6) Os aspectos. Abordagem especial de casos na América do Sul e Brasil com ênfase nas mudanças sobre a ação do homem e suas "decisões".</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Curso teórico expositivo com projeções audiovisuais.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Organização de relatórios, trabalhos e participação em seminários.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Participação em trabalhos de classe. Provas.</p>
<p>Disciplina: Hidrografia Disciplinas Básicas Disciplinas do Curso de Geografia Código: FLG 313 Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 100</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Promover um "encontro" entre as perspectivas biológicas e geográficas no estudo dos seres vivos. 2) Promover a base interpretativa de conceitos biológicos para a compreensão dos padrões biológicos e genéticos dos seres vivos, que em relação aos fatores geográficos se expressam ecologicamente na primeira organização espacial. 3) Considerar que se expressa pelo poder de decisão em organizações mais complexas do espaço geográfico.</p>	<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) Perspectivas Biológicas e Geográficas no Estudo da Biosfera e Possibilidade de "Encontro". O poder de decisão do homem na organização do espaço e a análise das mudanças. 2) A distribuição espacial dos Seres Vivos. 3) Os fatores geográficos, o patrimônio genético e a ação humana na "mudança". 4) A abordagem ecológica: normas metodológicas e procedimentos básicos na análise. 5) Os domínios ecológicos na análise ecológica. 6) Os aspectos. Abordagem especial de casos na América do Sul e Brasil com ênfase nas mudanças sobre a ação do homem e suas "decisões".</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Curso teórico expositivo com projeções audiovisuais.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Organização de relatórios, trabalhos e participação em seminários.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Participação em trabalhos de classe. Provas.</p>

<p>ma. II - Objeto da Geografia Humana. Tempo e espaço nas ciências geográficas, sociais e econômicas. A geografia no contexto das ciências humanas. III - Observação e análise em Geografia Humana. O trabalho de campo. Técnicas, questionários e sua aplicação. As técnicas de investigação. Aplicação de métodos de investigação histórica. IV - A dinâmica dos fatos humanos e suas mudanças. Análise dos processos e suas definições especiais. Os complexos de combinação de fatos e os graus de organização. V - A compreensão e explicação da organização do espaço geográfico.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA</p> <p>JEANIEU-GARNIER, J. <i>Geografia da População</i>. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1971.</p> <p>GEORGE, Pierre. <i>Geographie de la Population</i>. Col. "Que Sais-je?" nº 1.187. Paris, 1969.</p> <p>POPULATION REFERENCE BUREAU INC. <i>Population</i>. Editora da USP, Lidaor, São Paulo, 1970.</p> <p>SINGER, Paulo. <i>Dinâmica Populacional e Desenvolvimento</i>. Edições CEBRAP, São Paulo, 1970.</p> <p>ZELINSKY, Wilbur. <i>Introdução à Geografia da População</i>. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1969.</p> <p>DIVERSOS AUTORES. <i>Panorama da População Mundial</i>. Editora Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1965.</p> <p>Obs.: É fundamental a utilização de Censos Demográficos do Brasil, Anuário Demográfico da ONU e periódicos, a exemplo da revista em língua francesa "Population".</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, enfatizando os conceitos básicos. Seminários em grupos com abordagem de temas nacionais.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Pesquisas bibliográficas, participações nos debates no seio dos grupos e nas aulas, elaboração de trabalho escrito e a apresentação de críticas escritas às exposições feitas em classe.</p>	<p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Avaliação a partir dos roteiros de exposição, exposição oral dos resultados do trabalho de grupo, síntese críticas escritas, trabalho escrito (de cada grupo) e prova escrita.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>FELS, E. <i>El Hombre Económico como Estruturador de la Tierra</i>. Ediciones Omega, Barcelona, 1955.</p> <p>FOUND, William C. <i>A Theoretical Approach to Rural Land-Use Patterns</i>. Edward Arnold, London.</p> <p>GADILLE, Rolande. <i>Les politiques agraires</i>. PUF, Paris, Col. "Que Sais-je?" 1972.</p> <p>GEORGE, Pierre. <i>Précis de Géographie rurale</i>. P.U.F. Paris, 1963.</p> <p>MEYNIER, André. <i>Les Paysages Agraires</i>. Lib. Armand Colin, Paris, 1958.</p> <p>POMPEU ACCOLY, T. <i>Reforma Agrária na América Latina</i>. Fondo de Cultura Económica, México, 1965.</p>
<p>GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO</p> <p>IV Semestre</p> <p>Disciplina: Básica</p> <p>Código: FLG 413</p> <p>Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>Número máximo de alunos por turma: 100</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Fornecer as técnicas básicas de análise demográfica subordinando-as aos propósitos de abordagem geográfica. 2) Enfatizar a importância das diversidades de distribuição populacional no globo e os processos dinâmicos de mudança. 3) Alertar sobre as relações com os recursos naturais e com os fatos de natureza econômica, política e social.</p>	<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) O efetivo humano no globo. Distribuição geográfica da população e seus fatores. 2) O dinamismo da população. Natalidade e mortalidade. Composição por sexo e idade. 3) População ativa e inativa. Setores de atividade. 4) População rural e urbana. 5) Condições de equilíbrio demográfico e movimentos populacionais. 6) Política populacional e desenvolvimento econômico. 7) Problemas nas regiões intertropicais. 8) O caso brasileiro.</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, seminários, trabalhos práticos de cartografia.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Trabalho em grupo para preparação de seminários, pesquisas bibliográficas, confecção de gráficos, cartogramas, interpretação de textos e leitura de mapas.</p>	<p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Avaliação de seminários, participação em debates, provas.</p>
<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) O caráter geográfico do fato agrário; conceito e campo; mundo rural e mundo urbano. 2) A organização interna das atividades agrárias; a propriedade rural; mão de obra e regimes de exploração agrícola; produtividade. 3) Os fatores da organização agrária; condições naturais e condições históricas; infra-estrutura técnica e mercados. 4) Os padrões espaciais da ocupação agrária; relações cidade-campo; 5) Os grandes conjuntos de sistemas agrários, tipologia e distribuição.</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, enfatizando os conceitos básicos. Seminários em grupos com abordagem de temas nacionais.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Pesquisas bibliográficas, participações nos debates no seio dos grupos e nas aulas, elaboração de trabalho escrito e a apresentação de críticas escritas às exposições feitas em classe.</p>	<p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Avaliação a partir dos roteiros de exposição, exposição oral dos resultados do trabalho de grupo, síntese críticas escritas, trabalho escrito (de cada grupo) e prova escrita.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>FELS, E. <i>El Hombre Económico como Estruturador de la Tierra</i>. Ediciones Omega, Barcelona, 1955.</p> <p>FOUND, William C. <i>A Theoretical Approach to Rural Land-Use Patterns</i>. Edward Arnold, London.</p> <p>GADILLE, Rolande. <i>Les politiques agraires</i>. PUF, Paris, Col. "Que Sais-je?" 1972.</p> <p>GEORGE, Pierre. <i>Précis de Géographie rurale</i>. P.U.F. Paris, 1963.</p> <p>MEYNIER, André. <i>Les Paysages Agraires</i>. Lib. Armand Colin, Paris, 1958.</p> <p>POMPEU ACCOLY, T. <i>Reforma Agrária na América Latina</i>. Fondo de Cultura Económica, México, 1965.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>FELS, E. <i>El Hombre Económico como Estruturador de la Tierra</i>. Ediciones Omega, Barcelona, 1955.</p> <p>FOUND, William C. <i>A Theoretical Approach to Rural Land-Use Patterns</i>. Edward Arnold, London.</p> <p>GADILLE, Rolande. <i>Les politiques agraires</i>. PUF, Paris, Col. "Que Sais-je?" 1972.</p> <p>GEORGE, Pierre. <i>Précis de Géographie rurale</i>. P.U.F. Paris, 1963.</p> <p>MEYNIER, André. <i>Les Paysages Agraires</i>. Lib. Armand Colin, Paris, 1958.</p> <p>POMPEU ACCOLY, T. <i>Reforma Agrária na América Latina</i>. Fondo de Cultura Económica, México, 1965.</p>
<p>GEOGRAFIA AGRÁRIA</p> <p>19 Semestre</p> <p>Disciplina: Básica</p> <p>Destinada: Curso de Geografia</p> <p>Código: FLG 414</p> <p>Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>Número máximo de alunos por turma: 100</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Compreender a natureza dos componentes do quadro rural analisando os fatores que conduzem à definição dos espaços agrários; 2) Considerar a natureza das relações entre as condições naturais, técnicas e sócio-econômicas; 3) Perceber as características de organização espacial e temporal dos sistemas agrários; 4) Enfatizar as mudanças recentes no quadro rural; 5) Desenvolver o interesse pelos métodos e técnicas de pesquisa em Geografia Agrária</p>	<p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) O efetivo humano no globo. Distribuição geográfica da população e seus fatores. 2) O dinamismo da população. Natalidade e mortalidade. Composição por sexo e idade. 3) População ativa e inativa. Setores de atividade. 4) População rural e urbana. 5) Condições de equilíbrio demográfico e movimentos populacionais. 6) Política populacional e desenvolvimento econômico. 7) Problemas nas regiões intertropicais. 8) O caso brasileiro.</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, seminários, trabalhos práticos de cartografia.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Trabalho em grupo para preparação de seminários, pesquisas bibliográficas, confecção de gráficos, cartogramas, interpretação de textos e leitura de mapas.</p>	<p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Avaliação de seminários, participação em debates, provas.</p>
<p>II - Objeto da Geografia Humana. Tempo e espaço nas ciências geográficas, sociais e econômicas. A geografia no contexto das ciências humanas. III - Observação e análise em Geografia Humana. O trabalho de campo. Técnicas, questionários e sua aplicação. As técnicas de investigação. Aplicação de métodos de investigação histórica. IV - A dinâmica dos fatos humanos e suas mudanças. Análise dos processos e suas definições especiais. Os complexos de combinação de fatos e os graus de organização. V - A compreensão e explicação da organização do espaço geográfico.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>JEANIEU-GARNIER, J. <i>Geografia da População</i>. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1971.</p> <p>GEORGE, Pierre. <i>Geographie de la Population</i>. Col. "Que Sais-je?" nº 1.187. Paris, 1969.</p> <p>POPULATION REFERENCE BUREAU INC. <i>Population</i>. Editora da USP, Lidaor, São Paulo, 1970.</p> <p>SINGER, Paulo. <i>Dinâmica Populacional e Desenvolvimento</i>. Edições CEBRAP, São Paulo, 1970.</p> <p>ZELINSKY, Wilbur. <i>Introdução à Geografia da População</i>. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1969.</p> <p>DIVERSOS AUTORES. <i>Panorama da População Mundial</i>. Editora Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1965.</p> <p>Obs.: É fundamental a utilização de Censos Demográficos do Brasil, Anuário Demográfico da ONU e periódicos, a exemplo da revista em língua francesa "Population".</p>	<p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, seminários, trabalhos práticos de cartografia.</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Pesquisas bibliográficas, participações nos debates no seio dos grupos e nas aulas, elaboração de trabalho escrito e a apresentação de críticas escritas às exposições feitas em classe.</p>	<p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Avaliação a partir dos roteiros de exposição, exposição oral dos resultados do trabalho de grupo, síntese críticas escritas, trabalho escrito (de cada grupo) e prova escrita.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>FELS, E. <i>El Hombre Económico como Estruturador de la Tierra</i>. Ediciones Omega, Barcelona, 1955.</p> <p>FOUND, William C. <i>A Theoretical Approach to Rural Land-Use Patterns</i>. Edward Arnold, London.</p> <p>GADILLE, Rolande. <i>Les politiques agraires</i>. PUF, Paris, Col. "Que Sais-je?" 1972.</p> <p>GEORGE, Pierre. <i>Précis de Géographie rurale</i>. P.U.F. Paris, 1963.</p> <p>MEYNIER, André. <i>Les Paysages Agraires</i>. Lib. Armand Colin, Paris, 1958.</p> <p>POMPEU ACCOLY, T. <i>Reforma Agrária na América Latina</i>. Fondo de Cultura Económica, México, 1965.</p>

ABEL, Leo. *Capitulos de Geografia Tropical e do Brasil*. IBGE. Rio de Janeiro.

GEOGRAFIA URBANA

2º Semestre
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 415
Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204.
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 100

I - OBJETIVOS:

- 1) Focalizar a cidade como instrumento fundamental da organização do espaço.
- 2) Ressaltar os problemas urbanos dentro dos conjuntos políticos, sociais e econômicos dos países em desenvolvimento, em particular nas áreas tropicais.
- 3) Dar especial atenção aos métodos de análise urbana visando a qualidade da análise geográfica neste campo e a posição da Geografia nas equipes interdisciplinares de estudos e planejamento urbano.

II - CONTEÚDO:

A *Análise Geográfica das Cidades*: o campo da Geografia e áreas afins; a urbanização nos países em desenvolvimento e no Brasil. A *Diversificação do Fato Urbano no Tempo e no Espaço*: perspectivas da urbanização; projeção espacial da cidade; posição e sítio. O *Organismo Urbano e Sua Estrutura*: morfologia urbana, estrutura e crescimento - conurbação; problemas urbanos. *Funções Urbanas e Vida de Rápido*: implicações na gênese e evolução da cidade; funções básicas e não básicas. As *Cidades e a Organização dos Espaços*: polarização, hierarquias e rede urbana, metropolização, regiões urbanas.

MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, seminários e discussões.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras básicas obrigatórias, preparação de seminários, cartas, plantas, croquis, gráficos, etc...

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Participação em seminários e provas.

VI - BIBLIOGRAFIA:

BEAUJEU GARNIER, J., et alii. *L'Homme et la Ville Dans le Monde Actuel*. Centre d'Etudes de la Civilization Contemporaine. Nice, 1969.
BERNARDES, L.M.C. *Les Villes Capitales d'Etat au Brésil: Une Interpretation*. In: *Cahier de Géographie de Québec*, 13(35):171-190 sept. 1971.
FISL, N.P. & ALBERT, L.A. *A Cidade e o Homem*. 2 vols. Editora Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1961.
GEORGE, Pierre. *La Ville: Le Fait Urbain et A Travers le Monde*. PUF, Paris, 1952.
L.P.G.H. *Centralidade e Regionalização*. Textos Básicos nº 1. Rio de Janeiro, 1968.
KINGSLEY, Davis et alii. *Cidades: A Urbanização da Humanidade*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1972.

GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS

2º Semestre
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 416
Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204, 417
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 100

I - OBJETIVOS:

- 1) Mostrar a importância do fato industrial do mundo contemporâneo e as transformações sociais e econômicas que decorrem da industrialização.
- 2) Analisar os processos de industrialização, especialmente em países em desenvolvimento e o seu papel na organização do espaço.
- 3) Analisar as relações de dependência que se estabelecem em função da evolução tecnológica e da concentração financeira.
- 4) Discutir normas metodológicas e desenvolver o interesse pela pesquisa.

II - CONTEÚDO:

- 1) O *fato industrial no tempo e no espaço*.
- a) Os fundamentos da evolução industrial; b) tendências atuais da evolução industrial.
- 2) Os *processos de industrialização*. a) A indústria moderna e sua distribuição geográfica; b) A universalização do fato industrial; as diferenças regionais de desenvolvimento e suas relações com o fato industrial. Os fatores de localização das indústrias; tendências atuais da localização.
- 3) A *estrutura do fato industrial*.
- 4) A *industrialização no Brasil*.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Estudo de textos feito em três níveis: individual, em grupo, discussão na classe. Seminários apresentados pelos grupos. Excursões a áreas industriais e visitas a estabelecimentos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos individuais relacionados com os textos. Escolha, justificativa e preparação de um seminário de grupo. Participação em excursão. Pequena pesquisa em um estabelecimento fabril.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

O aluno deverá ter o trabalho apreciado em todas as etapas, participação em seminários, excursões e provas.

VI - BIBLIOGRAFIA:

CHARDONNET, Jean. *Géographie Industrielle*. Col. L'Economique nº 12. Vol. 2. Paris, Editions Sirey, 1965.
DOBBS, Maurice. *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1971.
ESTALL, R.C. and BUCHANAN, R. *Atividade Industrial e Geografia Econômica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971.
GEORGE, Pierre. *A Geografia Industrial do Mundo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro. Col. Saber Atual, 1969.
IBG - GRUPO DE GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS. Estudo para a Geografia da Indústria do Brasil do Sudeste - in *Revista Brasileira de Geografia* 25 (2). Rio de Janeiro.
LUZ, Nêcha Vilela. *A Luta pela Industrialização do Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.

FONTES DE ENERGIA

1º Semestre
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 417
Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204.
Carga horária: 2 horas semanais
Créditos aula: 2
Número máximo de alunos por turma: 100

I - OBJETIVOS:

Compreensão da importância dos recursos energéticos, sua distribuição e técnicas de valorização. Percepção do papel dos recursos energéticos nos processos de mudança econômica, política e social. Desenvolver o estudo entrosando as perspectivas históricas e geográficas enquadrando os espaços-chaves (estratégicos) na política internacional moderna.

da avaliação de provas relativas aos conteúdos do curso teórico e/ou temático (ver a avaliação de provas relativas aos conteúdos do curso teórico e/ou temático).

VI - BIBLIOGRAFIA:
DALMASSO, E., GUGLIELMO, R. (e)
ROCHEFORT, M. *Elements de géographie économique et l'usage des géographes*. Tomo I - Les mécanismes économiques. Fernand Nathan. Paris, 1969.
GEORGE, Pierre. *Os grandes mercados do mundo*. Saber atual n.º 8. São Paulo, Difel, 1967.
GEORGE, Pierre. *Geografia Econômica*. Edição. Fundo de Cultura, 1970.
KILNBERGER, Charles P. *Comércio Exterior e a Economia Nacional*. Fundação de Cultura, Rio de Janeiro, 1967.
OTREBA, Erich. *Geografia del Comercio y de las comunicaciones*. Barcelona, Ed. Omega, 1959.
PERILLOU, A. *Le commerce international des produits agricoles*. Centre de Documentation Universitaire. Paris, 1962.
THOMAS, R.S. (e) CONKLING, E.C. *Geografia del comércio internacional*. Biblioteca Básica de Geografia Econômica. Barcelona, Ed. Vincent-Vives, 1972.

ÁREA DE GEOGRAFIA REGIONAL E DO BRASIL
GEOGRAFIA REGIONAL I
1º Semestre
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 320

I - OBJETIVOS:
Compreender a organização geográfica de macro-unidades territoriais (Zonas, Continentais, Sub-Continentais, Supra-Nacionais e Nacionais).

II - CONTEÚDO:
Apresentação, discussão e aplicação comparativa de critérios múltiplos de abordagem do espaço regional geográfico, desde os sistêmicos tópicos até os abrangentes derivados de posturas preliminares relacionadas à unidade essencial do objeto da Geografia, que permitam o entendimento da unidade e diferenciação dos conjuntos territoriais.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:
Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:
Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:
Provas e trabalhos escritos e orais.

VI - BIBLIOGRAFIA:
1. Coleção "Géographie Universelle" - La Blache, P.V. e Galois, L., Librairie Armand Colin, Paris.
2. Coleção "Oblis" - Vários autores, Presses Universitaires de France, Paris.
3. Coleção "Les 5 Parties du Monde" - Vários autores, Librairie Hachette, Paris.
4. Coleção L.D. Stamp - Longmans, Londres; J. Wiley & Sons, N.York e Methuen & Co., Londres.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:
Aulas expositivas, leituras programadas e discussões.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:
Leituras básicas obrigatórias, gráficos complementados, textos selecionados.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:
Prova, trabalho escrito, participação nas discussões.

VI - BIBLIOGRAFIA:
CHARDONNET, Jean. *Géographie Industrielle*. Tomo I (Les sources d'Énergie) Col. L'Économique. Paris, 1962.
MANNERS, Gerald. *Geografia da Energia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.
MUNFORD, Lewis. *Technique et Civilisation*. Paris, Éditions du Seuil, 1959.
O'CONNOR, Harvey. *O Período em crise*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1962.
PÉREYRE, Henry. *A Batalha pela Energia*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
SEVETTE, Pierre. *L'Économie de L'Énergie dans les pays en voie de Développement*. Paris, PUF, 1963.

ÁREA DE GEOGRAFIA REGIONAL E DO BRASIL
GEOGRAFIA REGIONAL I
1º Semestre
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 320

I - OBJETIVOS:
Compreender a organização geográfica de macro-unidades territoriais (Zonas, Continentais, Sub-Continentais, Supra-Nacionais e Nacionais).

II - CONTEÚDO:
Apresentação, discussão e aplicação comparativa de critérios múltiplos de abordagem do espaço regional geográfico, desde os sistêmicos tópicos até os abrangentes derivados de posturas preliminares relacionadas à unidade essencial do objeto da Geografia, que permitam o entendimento da unidade e diferenciação dos conjuntos territoriais.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:
Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:
Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:
Provas e trabalhos escritos e orais.

VI - BIBLIOGRAFIA:
1. Coleção "Géographie Universelle" - La Blache, P.V. e Galois, L., Librairie Armand Colin, Paris.
2. Coleção "Oblis" - Vários autores, Presses Universitaires de France, Paris.
3. Coleção "Les 5 Parties du Monde" - Vários autores, Librairie Hachette, Paris.
4. Coleção L.D. Stamp - Longmans, Londres; J. Wiley & Sons, N.York e Methuen & Co., Londres.

<p>Geografia Regional II 29 Semestre Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: PLG 521 Pré-requisito: PLG 102, 103, 104, 105, 204, 626 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 100</p> <p>I - OBJETIVOS: Compreender a especificidade da organização de Macro-Espaço regional brasileiro.</p> <p>II - CONTEÚDO: Análise dos componentes da realidade espacial, no sentido de fazer emergir as especificidades regionais, tanto no plano formal, como no da dinâmica do sistema interativo sócio-econômico.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS: Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES: Trabalhos escritos, leituras e discussão de textos selecionados, seminários e debates.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Provas e trabalhos escritos e/ou orais.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA: AZEVEDO, Arôdo de e outros. <i>Brasil, a terra e o homem</i>. 2 vols. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1964-1970. CASTRO, Antonio Barros de. <i>7 ensaios sobre a economia brasileira</i>. Rio de Janeiro, São Paulo, Ed. Forense, 2 vols., 1971. PRADO JR., Celo. <i>História econômica do Brasil</i>. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1972. SINGER, Paul. <i>Desenvolvimento econômico e evolução urbana</i>. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, Ed. da Univ. de São Paulo, 1968. VÁRIOS ARTIGOS de revistas especializadas, como: <i>Boletim Geográfico Paulista</i>, <i>Revista Brasileira de Geografia</i>, <i>Anais da A.G.B.</i>, <i>Boletim Paulista de Geografia</i>, <i>Revista Geográfica do I.P.G.B.</i>, etc.</p>	<p>Geografia Regional II 29 Semestre Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: PLG 521 Pré-requisito: PLG 102, 103, 104, 105, 204, 626 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 100</p> <p>I - OBJETIVOS: Compreender a organização geográfica do meio e micro-unidades territoriais (Nacionais e Sub-Nacionais).</p> <p>II - CONTEÚDO: Apolo na organização do todo nacional, salientar a qualidade e o papel dos espaços regionais internos como organizações decorrentes da participação do "meio-natural". O sistema global sócio-econômico, das formas socioculturais, das estruturas de produção-consumo, dos processos de evolução da ocupação e valorização do território e dos níveis de interdependência regional.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS: Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES: Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Provas e trabalhos escritos e orais.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA: 1. Todos os itens citados na Bibliografia da Disciplina PLG 521. 2. FUNDAÇÃO IBGE - 1971 - <i>Coleção Geografia do Brasil</i> Vol. I Região Norte Vol. II Região Nordeste Vol. III Região Sudeste Vol. IV Região Centro-Oeste Vol. V Região Sul</p>	<p>PANORAMA DA GEOGRAFIA DO BRASIL 29 Semestre Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: PLG 522 Pré-requisito: PLG 102, 103, 104, 105, 204, 626 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 100</p> <p>I - OBJETIVOS: Compreender os fatos essenciais da realidade geográfica brasileira, no sentido de fundamentar as proposições metodológicas e os critérios de sua abordagem regional.</p> <p>II - CONTEÚDO: Análise dos componentes do quadro geográfico, sua participação integrativa e o comportamento das proposições de divisão regional. A regionalização geográfica e seus diferentes níveis de apreensão.</p>	<p>Geografia Regional II 29 Semestre Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: PLG 521 Pré-requisito: PLG 102, 103, 104, 105, 204, 626 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 100</p> <p>I - OBJETIVOS: Compreender a organização geográfica do meio e micro-unidades territoriais (Nacionais e Sub-Nacionais).</p> <p>II - CONTEÚDO: Apolo na organização do todo nacional, salientar a qualidade e o papel dos espaços regionais internos como organizações decorrentes da participação do "meio-natural". O sistema global sócio-econômico, das formas socioculturais, das estruturas de produção-consumo, dos processos de evolução da ocupação e valorização do território e dos níveis de interdependência regional.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS: Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES: Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Provas e trabalhos escritos e orais.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA: 1. Todos os itens citados na Bibliografia da Disciplina PLG 521. 2. FUNDAÇÃO IBGE - 1971 - <i>Coleção Geografia do Brasil</i> Vol. I Região Norte Vol. II Região Nordeste Vol. III Região Sudeste Vol. IV Região Centro-Oeste Vol. V Região Sul</p>
---	--	--	--

Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Regional de São Paulo - "A cidade de São Paulo", vários autores. 4 vols. Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1958.

3. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "Aspectos geográficos da terra brasileira", vários autores, RJ, 1954.

4. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL II

2º Semestre

Disciplina: Básica

Destinada: FFLCH e IB

Código: FLS 524

Pré-requisito: FLS 102, 103, 104, 105

204, 626, 522

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos aula: 4

Número máximo de alunos por turma: 100

1 - OBJETIVOS:

Compreender a especificidade da organização de Meso e Micro-Espaços regionais brasileiros.

2 - CONTEÚDO:

Análise dos componentes da realidade espacial por meio de faixas emersas as especificidades regionais, tanto no plano formal como no derivado da dinâmica do sistema interativo sócio-econômico.

3 - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento técnico-expositivo - desenvolvimento com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas, exercícios cartográficos e seminários.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Regional de São Paulo - "A cidade de São Paulo", vários autores. 4 vols. Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1958.

3. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "Aspectos geográficos da terra brasileira", vários autores, RJ, 1954.

4. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

DISCIPLINAS NÃO DEPARTAMENTAIS OBRIGATORIAS

GEOLOGIA GERAL

1º e 2º Semestres

Destinada: FFLCH e IB

Código: GGG 121

Créditos aula: 4

CONTEÚDO:

Introdução e importância da Geologia. Terra em conjunto. Minerais. Formação das rochas. Ciclo das rochas. Regiões. Águas continentais. Gelo e vento. Energia interna da Terra. Deformações das rochas. Orogênia. Montanhas. Conceitos estratigráficos. Pré-cambriano. Fanerozoico. Geologia do Estado de São Paulo. Geologia do Brasil. Combustíveis fósseis. Recursos Minerais. Áreas práticas: Minerais e rochas. Curvas de nível. Perfil topográfico. Perfil geológico (camadas horizontais). Mapas geológicos simplificados. Mapa geológico do Estado de São Paulo. Mapa geológico do Brasil.

ELEMENTOS DE MINERALOGIA E

"PETROLOGIA

1º e 2º Semestres

Destinada: EP, FFLCH

Código: GMP 121

Créditos aula: 4

A crosta terrestre: Dimensão, forma, propriedades físicas, constituição petrológica, mineralógica e química. Propriedades morfológicas dos minerais: Cristalização e seus ambientes. Processos de cristalização, hábitos e geminação. Propriedades físicas dos minerais: Cor, brilho, traço, dureza, fratura, clivagem e peso específico. Propriedades químicas dos minerais: Isomorfismo, polimorfismo. Minerais formadores de rochas. Estrutura dos silicatos. Rochas magnéticas e processos metamórficos. Rochas sedimentares. Rochas metamórficas e processos metamórficos. Recursos minerais do Brasil. Distribuição das rochas no continente brasileiro.

INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA

1º Semestre

Disciplina: Básica

Destinada: História e Geografia

Código: FLS 103

Pré-requisito: -

Créditos aula: 4

1 - OBJETIVOS:

O curso tem um caráter complementar e visa possibilitar aos alunos de História e Geografia um primeiro contato com a Antropologia, fornecendo um quadro

dos objetivos principais do curso é mostrar a necessidade de uma postura científica (não pre-conceituosa) ao lidar com temas que escapam ao cotidiano dos alunos.

II - CONTEÚDO:

O curso será organizado a partir de cinco grandes unidades: 1. Diversidade e Relativismo Cultural; 2. O trabalho de campo na Antropologia; 3. O estudo antropológico da vida urbana e 4. Etnologia e organização social.

III - MÉTODOS UTILIZADOS

Aulas expositivas, discussão de textos em seminários, orientação de trabalhos de pesquisa de campo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras de textos para participação em seminário, elaboração de um relatório sobre uma pesquisa de campo a ser realizada pelo aluno.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

A avaliação será feita através da participação em seminários, das notas obtidas em provas escritas e no trabalho de aproveitamento.

VI - BIBLIOGRAFIA:

BOHANNAN, Laura "Shakespeare entre os Tiv" - apostilado.
FERNANDES, F. "A Educação numa Sociedade Tribal" (in F. Fernandes (org.), *Educação e Sociedade*, Parte IV, capítulo 2).
LEVI-STAUB, C. "A Família" - apostilado.
LEVI-STAUB, C. "Raça e História" - apostilado.
SPIRO, M. "A Família é Universal" - apostilado.

<p>INSTRUMENTOS E MATERIAIS: 30 textos de FENELON, Da História do Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>LAPA, José Ribeiro do Amaral - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>PRADO JR., João - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>PRADO JR., João - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>PRADO JR., João - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p>	<p>INSTRUMENTOS E MATERIAIS: 30 textos de FENELON, Da História do Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>LAPA, José Ribeiro do Amaral - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>PRADO JR., João - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>PRADO JR., João - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>PRADO JR., João - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p>	<p>INSTRUMENTOS E MATERIAIS: 30 textos de FENELON, Da História do Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>LAPA, José Ribeiro do Amaral - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>PRADO JR., João - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>PRADO JR., João - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p> <p>PRADO JR., João - 4 Horas de aula. História da Geografia no Brasil. Itineres, 1976. São Paulo.</p>
<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>Introdução ao conhecimento da Geografia.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>Explanação sobre a problemática da Geografia e a importância da Geografia para o conhecimento do Brasil.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas (de tipo expositivo) e seminários.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Leitura e análise de textos obrigatórios para os seminários. Leitura da bibliografia indicada para a participação nos seminários.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Participação em seminários, realização de leitura e realização de trabalhos escritos.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>DURAKOVI, E. - <i>Os Seguros do Mundo Socialista</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>DURAKOVI, E. - <i>Sociologia e Política</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>FERNANDES, Fernando. <i>Encontros de Sociologia Geral e Aplicada</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>FREUD, Sigmund. <i>Teoria da Mente</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>LIANI, Ovídio e CALZADILLA, Fernando. <i>Encontros de Sociologia e Política</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>WIEBE, Max. - <i>Encontros de Sociologia Geral</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>Introdução ao conhecimento da Geografia.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>Explanação sobre a problemática da Geografia e a importância da Geografia para o conhecimento do Brasil.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas (de tipo expositivo) e seminários.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Leitura e análise de textos obrigatórios para os seminários. Leitura da bibliografia indicada para a participação nos seminários.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Participação em seminários, realização de leitura e realização de trabalhos escritos.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>DURAKOVI, E. - <i>Os Seguros do Mundo Socialista</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>DURAKOVI, E. - <i>Sociologia e Política</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>FERNANDES, Fernando. <i>Encontros de Sociologia Geral e Aplicada</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>FREUD, Sigmund. <i>Teoria da Mente</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>LIANI, Ovídio e CALZADILLA, Fernando. <i>Encontros de Sociologia e Política</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>WIEBE, Max. - <i>Encontros de Sociologia Geral</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p>	<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>Introdução ao conhecimento da Geografia.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>Explanação sobre a problemática da Geografia e a importância da Geografia para o conhecimento do Brasil.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas (de tipo expositivo) e seminários.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Leitura e análise de textos obrigatórios para os seminários. Leitura da bibliografia indicada para a participação nos seminários.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Participação em seminários, realização de leitura e realização de trabalhos escritos.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>DURAKOVI, E. - <i>Os Seguros do Mundo Socialista</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>DURAKOVI, E. - <i>Sociologia e Política</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>FERNANDES, Fernando. <i>Encontros de Sociologia Geral e Aplicada</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>FREUD, Sigmund. <i>Teoria da Mente</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>LIANI, Ovídio e CALZADILLA, Fernando. <i>Encontros de Sociologia e Política</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>WIEBE, Max. - <i>Encontros de Sociologia Geral</i>. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p>

da pesquisa. Rio de Janeiro, Lúcio, 1967.
NOGUEIRA, Oacy. *Pesquisa social*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968.
SALVADOR, Angelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre, Sulina Editora, 1970.

ORIENTAÇÃO PARA PESQUISA EM GEOGRAFIA HUMANA

2º Semestre
Disciplina: Optativa
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG 630

Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204, 205
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 20
Número de turmas: variável

I - OBJETIVOS:

Levar o aluno a desenvolver metodologia de investigação voltada para estudos de Geografia Humana, apoiada em diversas técnicas de trabalho aplicadas em diferentes etapas de uma pesquisa.

II - CONTEÚDO:

1) Fundamentos metodológicos da pesquisa: métodos e técnicas aplicadas ao campo da Geografia Humana em função de um objetivo determinado e de uma abordagem teórica ou especial. 2) Estudo de um caso específico: tema a ser proposto pelo professor responsável. 3) As etapas da pesquisa: a) Proposição de problemas. Revisão bibliográfica. Programação de trabalhos de campo e de gabinete. b) Coleta e crítica dos dados. c) Manipulação e análise dos dados; representação gráfica. d) Interpretação dos resultados. e) Redação e apresentação final.

VI - BIBLIOGRAFIA:

ACKOFF, Russel. *Planejamento de pesquisa social*. São Paulo, Heider, 196.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Análise e interpretação de pares estereoscópicos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Através de relatórios e provas.

VI - BIBLIOGRAFIA:

Todos os itens citados na Bibliografia da Disciplina FLG 204.

AMERICAN SOCIETY OF PHOTOGRAMMETRY. *Manual of photogrammetric interpretation*. Washington, A.S.P., 1960.

CERON, A.O. & DINIZ, J.A.F. *O uso das fotografias aéreas na identificação das formas de utilização agrícola da terra*. Rev. Bras. Geografia, Rio de Janeiro, 28(2):161-173, abril/junho, 1966.

RAY, R.G. *Fotografias aéreas na interpretação e mapeamento geológico*. (Aerial photographs in geological interpretation and mapping). Tradução de Jesuino Felcissimo Jr., U.S. Geological Survey Professional Paper, 373 p., I.G.G., São Paulo, 1963.

RICCI, M. & PETRI, S. *Princípios de aerofotogrametria e interpretação geológica*. Cha. Ed. Nacional, 260 p. São Paulo, 1965.

TRICART, J. et alii. *Introduction à l'utilisation des photographies aériennes*. Paris, Seds, 1970.

Código: FLG 633
Pré-requisito: FLG 102, 103, 104, 105, 204, 205
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 20

I - OBJETIVOS:

1) Fornecer conhecimentos fundamentais das propriedades de imagens não convencionais obtidas através de plataformas aéreas e/ou orbitais. 2) Oferecer subsídios técnicos necessários ao estudo regional, sub-regional e local das relações geográficas e seu comportamento temporal-espaço. 3) Através de trabalho de gabinete e verificações de campo, proporcionar o conhecimento de alvos identificados por análise da informação seletiva produzida por sensores.

II - CONTEÚDO:

Propriedades fundamentais. Tipos de plataformas e sensores; interações das radiações eletromagnéticas com os alvos naturais. Aplicação de sensores multiespectrais no estudo de aspectos físicos e humanos do terreno. Uso específico da informação orbital para levantamentos em geomorfologia, vegetação, hidrografia e ocupação do solo como recurso da Geografia. Métodos de análise visual e automática. Apólo terrestre e correlação de resultados simulados. Modelos brasileiros.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Curso teórico-prático com aulas expositivas de gabinete e campo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Efetuar trabalhos práticos de gabinete.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos práticos.

<p>GEOMORFOLOGIA 2º Semestre Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geologia Código: FLG 602 Pré-requisito: - Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 100</p> <p>I - OBJETIVOS: Revisão das bases científicas da Geologia, com vistas ao treinamento de geólogos. Definição dos fatores e componentes do relevo regional. Esforço interdisciplinar para a compreensão da evolução integrada da paisagem.</p> <p>II - CONTEÚDO: 1. Níveis de conceituação da Geomorfologia. 2. Processos morfoclimáticos e geomorfologia zonal e regional. 3. Comparação topográfica e formas de relevo. 4) Estrutura superficial das paisagens (áreas inter e subtropicais). 5) "Fisiologia" da paisagem: variáveis em jogo. 6) Intemperismo, pedogênese e cobertura vegetal: problemática da evolução integrada da paisagem. 7) Fatores denudacionais e fatores tectônicos na origem do relevo terrestre. 8) Interferência dos processos eustáticos. 9) Interferência dos paleo-climas. 10) Interferência dos processos glaciais.</p>	<p>VI BIBLIOGRAFIA: CRISTOFOLETTI, Antonio. <i>Geomorfologia</i>. São Paulo, Ed. Edgar Blücher Ltda. (6) EDUSP, 1974. DERRUAU, Max. <i>Précis de Géomorphologie</i>. Paris, Masson Cie., 1958. FAIRBRIDGE, Rhodes W. (Editor). <i>Encyclopedia of Geomorphology</i>. New York, Reinhold Book Co., 1968. PENTEADO, Margareth. <i>Fundamentos de Geomorfologia</i>. Rio de Janeiro, IBGE, 1974. TRICART, Jean (e) CALLEUX, A. <i>Traité de Géomorphologie</i>. Paris, Seds, 1962 -1969. (vários volumes publicados).</p>	<p>IV - ATIVIDADES DISCENTES: confeção e interpretação de material cartográfico, leitura de artigos, preparação de seminários e participação em mesas redondas.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Participação nos debates das mesas redondas e seminários, provas práticas e objetivas, preparação e apresentação de seminário e prova escrita.</p>	<p>Destinada: Curso de Engenharia de Minas Código: FLG 604 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 50</p> <p>I - OBJETIVOS: Conhecimento de pensamento geográfico e de pensamento econômico; geoeconomia como assunto interdisciplinar; noções básicas: espaço de localização e espaço de relações; estudo espacial de centro-periferia.</p> <p>II - CONTEÚDO: 1. Abordagem em Geografia Econômica; 2. espaço geográfico; 3. espaço econômico; 4. Região geográfica; 5. Região econômica; 6. teoria da localização; 7. Teoria da organização do espaço.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS: Aulas expositivas.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES: Aulas e provas.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Duas provas de aproveitamento.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA: CORREIA DE ANDRADE, M. <i>Geografia Econômica</i>. Ed. Atlas, São Paulo, 1973. GEORGE, P. <i>Geografia Econômica</i>. Ed. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1973. LOBO, R.H. <i>Geografia Econômica</i>. Ed. Atlas, São Paulo, 1973. MATTOS, D.L. <i>As Bases Geográficas da Vida Econômica</i>. Ed. do Autor, mimeo. 2 tomos, São Paulo, 1970.</p>
---	---	---	--

Disciplina: Geografia
Destinada: Curso de História
Código: FLG 605
Pré-requisito:
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 120

I - OBJETIVOS:

Iniciar o aluno na metodologia e nos conceitos básicos da Geografia Humana. Desenvolver a capacidade de compreensão das interpretações dos fatos naturais e sócio-econômicos, assim como a aplicação prática dos conhecimentos geográficos.

II - CONTEÚDO:

1. Noções fundamentais dos princípios metodológicos básicos da Geografia Humana. 2. Visão global da distribuição da humanidade e seus fatores. 3. A situação brasileira. 4. O aproveitamento do campo. 5. Fatores de organização agrária. 6. Os grandes conjuntos de sistemas agrários. 7. O caso brasileiro. 8. O homem e a cidade. 9. A urbanização da humanidade. 10. As funções urbanas. 11. As cidades e a organização espacial. 12. O exemplo brasileiro. 13. O fato industrial no tempo e no espaço. 14. A industrialização no Brasil.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas com abordagens gerais, enfatizando-se os conceitos básicos e os

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras básicas obrigatórias, exercícios geo-cartográficos realizados em classe e eventuais trabalhos práticos individuais ou em pequenos grupos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas teórico-práticas, no mínimo duas, relativas ao conteúdo desenvolvido; participação controlada na realização dos exercícios desenvolvidos nas aulas práticas; eventual trabalho individual ou de grupo.

VI - BIBLIOGRAFIA:

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline - *Geografia da População*. São Paulo, Cia. Editora Nacional e Editora da USP, 1971.
CHABOT, Georges e BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline - *Traité de Géographie Urbaine*. Paris, Librairie Armand Colin, 1970.
DERRUAU, Max - *Tratado de Geografia Humana*. Barcelona, Editorial Vicens-Vives, 1964.
GILBANK, Gérard - *Introduction à géographie générale de l'agriculture*. Paris, Masson et Cie. Editeurs, 1974.
LEBON, J.H.G. - *Introdução à Geografia Humana*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1970.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. José Goldenberg
Vice-Reitor: Prof. Dr. Roberto Leal Lobo e Silva Filho

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira
Vice-Diretor: Prof. Dr. João Paulo Gomes Monteiro
Assistente Técnico para Assuntos Acadêmicos:
José Aldo Pasquarelli
Assistente Técnico para Assuntos Administrativos:
Cícero Santana Marques

CORPO DOCENTE

Chefe: Prof. Dr. Adilson Azeiteiro de Abreu

Professores:

Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues
Amélia Inês Gonçalves da Lemos
Ana Fani Alessandri Carlos
Antonio Carlos Robert de Moraes
Armen Mamigonian
Ariovaldo Umbelino de Oliveira
Armando Correa da Silva
Augusto Humberto Vairo Titarelli
Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro
Flávio Sammarco Rosa
Francisco Capuano Scarlatto
Gil Sodero de Toledo
Iraci Gomes de Vasconcelos Palheta
João Cipriano de Freitas
José Bueno Conti
José Pereira de Queiroz Neto
José Roberto Tarifa
José William Visentini
Judith de La Corte
Jurandyr Luciano Sanchez Ross
Liliana Lagard
Lyllian Zulma Doris Coltrinari

Magda Adelaide Lombardo
Marcelo Fernando Gonçalves Seabra
Marcelo Mendonça
Margarida Maria de Andrade
Maria Adélia Aparecida de Souza
Maria Elina Ramos Simielli
Mário De Biasi
Mário de Almeida dos Santos
Moacyr Marques
Nelson de La Corte
Odete Carvalho de Lima Seabra
Olga Cruz
Paulo Nakashima
Paulo Pedro Perides
Regina Vasconcellos
Rosa Ester Rosini
Rosely Pacheco Dias Ferreira
Sandra Lencioni
Selma Simões da Castro
Vicenzo Raffaele Boichizchio
Wanderley Messias da Costa

Serviço de Artes Gráficas – FF LCH/USP
Rua do Lago, 717
05508-900 Cidade Universitária
São Paulo – Capital

ÍNDICE

DISCIPLINAS OBRIGATORIAS DEPARTAMENTAIS	Geografia Regional do Brasil I 97 Geografia Regional do Brasil II 97
ÁREA DE METODOLOGIA E APLICAÇÃO	
1 História do Pensamento (Geográfico)	77
Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia	77
2 Organização do Espaço Regional	78
Fisiologia da Paisagem	79
Conservação dos Recursos Naturais	80
Planejamento	81
ÁREA DE CARTOGRAFIA E AEROFOTOGRAFIA	
Cartografia I	81
Cartografia II	82
ÁREA DE GEOGRAFIA FÍSICA E BIOGEOGRAFIA	
Introdução à Geografia Física	83
Pedologia	84
Geomorfologia Estrutural	85
Geomorfologia Climática e Litorânea	85
Hidrogeografia	86
Biotopografia	87
Fundamentos de Climatologia	88
Climatologia Sistemática e Regional	88
ÁREA DE GEOGRAFIA HUMANA E ECONÔMICA	
Introdução à Geografia Humana	89
Geografia da População	90
Geografia Agrária	91
Geografia Urbana	91
Geografia das Indústrias	92
Fontes de Energia	93
Geografia do Comércio	94
ÁREA DE GEOGRAFIA REGIONAL E DO BRASIL	
Geografia Regional I	95
Geografia Regional II	95
Panorama da Geografia do Brasil	96
DISCIPLINAS NÃO DEPARTAMENTAIS OBRIGATORIAS	
Geologia Geral	98
Elementos de Mineralogia e Petrologia	98
Introdução à Antropologia	98
Sociologia	99
História Econ. Geral e do Brasil	100
DISCIPLINAS OPTATIVAS DEPARTAMENTAIS PARA ALUNOS DO CURSO DE GEOGRAFIA	
Orientação para Pesquisa em Geografia Física I	101
Orientação para Pesquisa em Geografia Física II	101
Orientação para Pesquisa em Geografia Humana I	102
Orientação para Pesquisa em Geografia Humana II	102
Aerotopeografia	103
Sensibilização Remoto Aplicado à Geografia	104
A Análise Ecológica em Geografia Humana	104
Geografia Política	105
Introdução ao Estudo da Urbanização no Tercelro Mundo	106
DISCIPLINAS MINISTRADAS NOS CURSOS DE GEOLOGIA, CIÊNCIAS SOCIAIS, ECONOMIA E HISTÓRIA	
Geomorfologia	107
Geografia Humana e Econômica Geral	108
Geografia Econômica Geral e do Brasil	109
Geografia Humana Geral e do Brasil	109

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DEPARTAMENTAIS

ÁREA DE METODOLOGIA E APLICAÇÃO

Inclui também as disciplinas optativas
FLG629 e FLG630

HISTÓRIA DO PENSAMENTO (GEOGRÁFICO)

1º Semestre de 1986

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG104

Pré-requisito: -

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos aula: 4

Número máximo de alunos por turma: 100

I - OBJETIVOS:

1. Analisar numa sequência cronológica os principais autores da Geografia, discutindo suas propostas quanto à definição de objeto e método. 2. Mostrar as linhas de continuidade, as polêmicas e oposições e as rupturas existentes na evolução desta disciplina. 3. Discutir as principais tentativas de periodização e identificação de correntes da Geografia. 4. Colocar o aluno em contato com textos clássicos, enfatizando a relação entre as formulações analisadas, o contexto histórico que as engendrou, e a fundamentação filosófica que as embasa.

II - CONTEÚDO:

1. Os grandes traços da história do pensamento geográfico. 2. A importância do estudo do passado. 3. O pensamento geográfico disperso. A Geografia da Antiguidade, e da Idade Média. O Renascimento e a Ciência Moderna. 4. A Geografia do Sec. XIX: Humboldt e Ritter. 5. O desenvolvimento da Geografia Física. 6. Ratzel e a Geografia Humana. 7. A Geografia na primeira metade do século XX. 8. A polêmica Determinismo-Possibilismo. 9. A Geografia Regional, seu desenvolvimento. 10. A Ecologia Humana. 11. A Geografia Cultural. 12. A proposta de Hartshorne. 13. A crítica da Geografia Tradicional e o movimento de renovação da Geografia. 14. A Geografia Ativa. 15. A "New Geography". 16. Perspectivas atuais da Geografia.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, seminários e análise de textos.

IV - ATIVIDADES DISCRETAS:

Discussões em grupo dos textos analisados e seminários sobre autores específicos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Trabalho de aproveitamento final em grupo, avaliação individual nas discussões e nos seminários.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. CLAVAL, Paul - "Evolucion de la Geografia Humana". Ed. Oikos-tau, Barcelona, 1974.
2. ———— - "La Pensée Géographique. Introduction à son histoire", SEDES, Paris, 1972.
3. QUAINI, Massimo - "La costruzione della Geografia Umana". La Nuova Italia Ed. Firenze, 1975.
4. SODRÉ, Nelson Werneck - "Introdução à Geografia. Geografia e Ideologia". Ed. Vozes, Petrópolis, 1974.
5. FIGUEIRA, Ricardo - "Geografia, Ciência Humana". - Centro Editor de América Latina, Buenos Aires, 1977.
6. SANTOS, Milton - "Por uma Geografia Nova". Ed. Hucitec, São Paulo, 1978.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA GEOGRAFIA

1º Semestre de 1986

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG105

Pré-requisito: -

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos-aula: 4

Número máximo de alunos por turma: 100

<p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Analisar a produção geográfica do ponto de vista geográfico. 2) Mostrar aos alunos a relação entre a teoria geral do conhecimento e as teorias da geografia. 3) Despertar o interesse do aluno pela geografia. 4) Apresentar o curso a partir da origem do conhecimento, quanto à sua origem, desenvolvimento e atualidade. 5) Apresentar os processos cognitivos e das construções da teoria nos três enfoques básicos. 6) Realizar a problematização específica da Geografia em cada enfoque e fazer um breve histórico de cada corrente de pensamento a ele ligada.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1. História e conhecimento. 2. O conhecimento e as etapas do processo de construção: conhecimento científico, conhecimento metodológico, conhecimento empírico, conhecimento teórico. 3. O conhecimento quanto à sua origem. 4. O racionalismo e empirismo e a dialética. 5. As principais formas de conhecimento. 6. Sentido comum, ética e as ciências formais. 7. O método científico. 8. Geografia e conhecimento. 9. A Geografia como conhecimento da Terra e como conhecimento da sociedade. 10. Os pressupostos básicos nas duas perspectivas. 11. A construção da Geografia. 12. A construção da Geografia e os enfoques empírico, teórico e dialético. 13. A Geografia no Brasil.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, análises e seminários.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Discussões em grupo dos textos analisados, seminários sobre temas escolhidos.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Provas escritas; atividades tais como fichamento de artigos, questionários de orientação de leitura, provas orais.</p>	<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>1. AUBREY, K. - "Problemas e Teorias da Filosofia". Livr. Ed. Ciências Humanas, São Paulo, 1979, 180 pp.</p> <p>2. MAGEE, E. e COMEN, M. - "Introdução à Lógica e à Metodologia Científica". Amorim Ed., Buenos Aires, 1971, II vol.</p> <p>3. GUARINI, M. - "Marxismo e Geografia". Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979, 150 pp.</p> <p>4. ENTRIKIN, J.N. - "O Humanismo contemporâneo em Geografia: Teoria e Método". Rio Claro, 1979, 5-80, 1980.</p> <p>5. A.G.O. - "Annals of the Association of American Geographers", Vol. 69, nº 1, maio 1979, (Número especial comemorativo do 75º aniversário da A.A.G.).</p> <p>ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL</p> <p>1º Semestre de 1985</p> <p>Disciplina: Curso de Geografia</p> <p>Código: FLG/206</p> <p>Pré-requisito: FLG/104, 105</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>Número máximo de alunos por turma: 1º Sem. - 80 2º Sem. - 40</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>Fornecer aos alunos subsídios para a abordagem geográfica da regionalização, suas técnicas de análise e formalização através do estudo de diferentes teorias regionais.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>A região como objeto de investigação geográfica. O problema regional da Geografia Tradicional. A função funcional da região. As teorias recentes.</p>	<p>III - OBJETIVOS:</p> <p>1) Estudar a necessidade de análise integrada dos aspectos geográficos, definindo um espaço concreto, em que as forças da natureza e o desenvolvimento do homem se conjugam numa perspectiva ecológica. 2) Instilar na definição do "espaço" informal, o conceito conceitual de espaço. 3) Compreender este todo harmônico através de sua estrutura e do seu grau de organização. 4) Aplicar as noções de "estrutura" e "sistema" na formalização da análise desta realidade complexa.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) O Conceito Geográfico da "Paisagem". 2) Os Processos Geográficos da Paisagem. 3) A Estrutura da Paisagem. 4) A Organização da Paisagem. 5) A abordagem da paisagem em perspectiva de organização sistêmica. 6) Tipologia das Paisagens. 7) A teoria da bio-geografia de Ernst. 8) Cartografia da Paisagem. 9) Elaboração de mapas e suas limitações atuais.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Curso teórico com estudo prático de casos específicos.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Leituras programadas e relatórios.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>A verificação do aproveitamento será feita através de trabalhos escritos, interpretação de cartas, gráficos e provas escritas.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>1. BERTRAND, G. - "Paysage et Géographie Physique Globale: esquisse méthodologique". Rev. Geogr. des Pyrénées et du Sud-Ouest, 39 (3): 249-272, Toulouse, 1968</p> <p>2. BOESCH, H. e CAROL, H. - "Princípios do Conceito de 'Paisagem'". IBGE, Boletim Geográfico, 27 (202): 25-30, Rio de Janeiro, jan./fev. 1968.</p>
---	--	---

<p>3. EINHART, H. - A teoria bio-estática e os problemas biogeográficos e paleobiológicos. Notas da Geomorfologia, 6(11): 51-58, Campinas, Junho 1956.</p> <p>4. ROUGIER, G. - "Que sais-je?" Pyramides, Col. "Que sais-je?" n° 382. PUF, Paris, 1969.</p> <p>5. TIOLL, C. - Landscape Ecology. Publ. of the I.Y.C. - UNESCO - Center for Integrated Surveys - Delft, S. 4, 25pp.</p>	<p>tamento de recursos naturais, integração interdisciplinar.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Dinâmica de Grupo - Relatórios - Seminários.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Participação em debates de grupo, leituras programadas, organização de relatórios.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Pela participação nos grupos, relatórios e provas. Auto-Avaliação.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>1. BROW, H. - The Challenge of Man's Future. (280 ppi). The Viking Press, New York, 1953.</p> <p>2. CLAVEL, P. - "Chroniques de Géographie Economique". Les Ressources Naturelles, 1, Rev. Géographique de L'Est, XI(12): 87-124. (Contém vasta bibliografia).</p> <p>3. COMISSÃO DE GEOGRAFIA DO IPGH - Segunda Mesa Redonda sobre Recursos Naturais. IM4-xico, março de 1969, 213 pp. Publicação n° 323, Rio de Janeiro, 1969.</p> <p>4. F.A.O. - El Abastecimiento mundial: posibilidades de aumento de la Campaña Mundial contra el Hambre. Estudio Básico n° 10. (248 pp.). Roma, 1963.</p> <p>5. GUERRA, A.I. - Recursos Naturais do Brasil - Considerações. (163 pp. - 16x23 - 18GE - CNG, 19.</p>	<p>PLANEJAMENTO 2º Semestre de 1986 Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG628 Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204 Carga horária: 4 horas semanais Créditos: 8 Número máximo de alunos por turma: 80</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Fornecer o letrado de conhecimentos indispensáveis à compreensão da sistemática do planejamento, sua metodologia e estratégia. 2) Precisar a posição da geografia e sua aplicabilidade no processo de planejamento e o desempenho do geógrafo nas equipes interdisciplinares. 3) Estudo de casos concretos de planejamento, visando uma possível aplicação da atividade profissional do geógrafo.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) A planificação no mundo atual e no Brasil. A planificação como política de ação. Planificação e desenvolvimento. 2) A sistemática do planejamento. O planejamento integrado. Planejamento territorial e plano de desenvolvimento. Os níveis do planejamento e os estágios do processo. 3) A geografia no processo de planejamento. 4) Aplicações ao planejamento regional. 5) Aplicações ao planejamento setorial. 6) Aplicações ao planejamento urbano.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Curso teórico-prático. Aulas expositivas de caráter normativo. A informação exemplificativa de casos de aplicação da geografia. As diferentes escalas, níveis e estágios do planejamento poderão ser desenvolvidas entre abordagens expositivas e discussões em seminários. É de todo conveniente e desejável que se recorra na prática, a casos simulados e operacionais de "propostas" de estudos geográficos vinculados a concorrência por equipes de planejamento.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Participação em trabalhos de grupos, fichamento bibliográfico, Discussões em classe, trabalhos e relatórios individuais.</p>	<p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Através da participação em atividades de grupos e discussões de classe, trabalhos individuais e provas.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>1. AHUMADA, J. - Teoría y Programación del Desarrollo Económico. (Cuadernos del Inst. Latinoamericano de Planificación Económica y Social). - Planificación e crecimiento acelerado. Biblioteca de las Ciencias Sociales - Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1968.</p> <p>2. BETTELHEIM, C. - Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Colloque National de Géographie Appliquée. Strasbourg, avril, 1961.</p> <p>3. COSTA, J. G. da - Planejamento Governamental. A Experiência Brasileira (653 pp.). Biblioteca de Administração Pública n° 16. Fundação Getúlio Vargas, Rio, 1971.</p> <p>4. DELFIM NETTO, A. - Planejamento para o Desenvolvimento Econômico. (127 pp.). Bib. Pioneira de Ciências Sociais, Editora da USP e Liv. Pioneira Editora, São Paulo.</p> <p>ÁREA DE CARTOGRAFIA E AEROFOTOGRAFIA (Inclui também as disciplinas optativas FLG631 e FLG633)</p> <p>CARTOGRAFIA I 1º Semestre de 1986 Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG704 Pré-requisito: - Carga horária: 8 horas semanais Créditos aula: 8 Número máximo de alunos por turma: 50 Número de turmas por período: 2</p>
<p>3. EINHART, H. - A teoria bio-estática e os problemas biogeográficos e paleobiológicos. Notas da Geomorfologia, 6(11): 51-58, Campinas, Junho 1956.</p> <p>4. ROUGIER, G. - "Que sais-je?" Pyramides, Col. "Que sais-je?" n° 382. PUF, Paris, 1969.</p> <p>5. TIOLL, C. - Landscape Ecology. Publ. of the I.Y.C. - UNESCO - Center for Integrated Surveys - Delft, S. 4, 25pp.</p>	<p>CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS 1º Semestre de 1986 Disciplina: Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG627 Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 80</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Proceder a uma sistematização conceitual, metodológica e operacional visando aplicação nos estudos de planejamento. 2) Enfatizar a importância dos problemas técnicos no levantamento dos recursos, preservação do equilíbrio ecológico das paisagens. 3) Ministrar os conhecimentos essenciais que o tema requer na abordagem econômica salientando o caráter integrativo da análise geográfica no estudo da potencialidade econômica dos recursos.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>1) Caracterização Geográfica dos Recursos Naturais. 2) O Crescimento do Consumo e os Balanços Globais. 3) O levantamento dos Recursos Naturais. 4) A avaliação dos Recursos. 5) A Conservação dos Recursos. 6) A posição dos Geógrafos nas pesquisas de levantamento dos recursos.</p>	<p>80</p>	<p>81</p>

I - OBJETIVOS:

- 1) Fornecer um lastro técnico fundamental do posicionamento do espaço geográfico, analisando, integrando-o com os conhecimentos do contexto global.
- 2) Oferecer subsídios para a elaboração de mapas e cartografias básicas para a análise geográfica.
- 3) Propiciar, pela experimentação, em trabalhos de campo e gabinete, a aplicação da análise topográfica, sua compreensão, controle e passagem ao nível geográfico.

II - CONTEÚDO:

- 1) Introdução à Astronomia da Posição, Situação e movimento da Terra no espaço. Linhas e pontos privilegiados de referência; coordenadas celestes e terrestres.
- 2) Os fundamentos geodésicos e topográficos. Formas e medidas da terra. O princípio da triangulação geodésica. Princípios da determinação topográfica. Planimetria e altimetria.
- 3) Elementos de Aerofotogrametria e Sensoriamento Remoto.
- 4) Projeções cartográficas. Propriedades básicas das projeções. Análise dos principais tipos de projeções. O sistema universal da projeção cartográfica: U.T.M.
- 5) Interpretação geocartográfica de cartas topográficas.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Curso teórico-prático com aulas expositivas, de gabinete e campo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Elaborar trabalhos práticos de gabinete.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas escritas e trabalhos práticos (gabinete e campo).

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. CUENIN, R. - **Cartographie Générale**. Tomo I e II. IGN - Eyrolles, Paris, 1972.
2. LIBAULT, A. - **Geocartografia**. São Paulo, Cia. Editora Nacional e Editora da USP, 1975.

3. RAISZ, E. - **General Cartography**. Mc Graw Hill Book Co, New York, 1959.
4. - **Cartografia Geral**. Ediciones Omega S.A., Barcelona, 1959.
5. - **Cartografia Geral**. Ed. Científica. Rio de Janeiro, 1969.
6. ROBINSON, A.H. and SALE, R.D. - **Elements of Cartography**. 3rd Edition. John Wiley & L. Sons, Ed. New York, 1969.
7. TRICART, R. & RIMBERT - **Initiation aux travaux pratiques de cartographie** (Commentaires de cartes). S.E.D.E.S., Paris, 1968.

CARTOGRAFIA II

2º Semestre de 1986

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG205

Carga horária: 8 horas semanais

Créditos aula: 8

Número máximo de alunos por turma: 50
Número máximo de turmas por período: 2

I - OBJETIVOS:

- 1) Informar sobre os processos de desenvolvimento do trabalho cartográfico, definindo a transposição da linguagem topográfica para a linguagem geo-cartográfica.
- 2) Minimizar normas e orientação metodológica da representação cartográfica temática, mais significativa.
- 3) Informar sobre as principais técnicas de aquisição e tratamento de dados e sua aplicação à Geografia e à Cartografia temática.

II - CONTEÚDO:

- 1) Introdução aos métodos da Cartografia Geográfica estabelecendo as relações de causa e efeito existente entre a representação topográfica e a abordagem temática.
- 2) Pesquisa, quantifi-

cação e tratamento estatístico das variáveis geográficas, sua interpretação, espaço e generalização.

- 3) Redação cartográfica: generalização, resultante da generalização gráfica dos eventos dinâmicos e estáticos, expressos pelas variáveis geográficas.
- 5) Técnicas de aquisição da informação geográfica aplicadas à cartografia temática, suas limitações e potencialidades.
- 6) Modernização da cartografia: métodos computacionais e análise de sistemas.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

- 1) Aulas teóricas expositivas.
- 2) Trabalhos práticos selecionados sobre o conteúdo principal do curso.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos práticos de gabinete.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

- 1) Provas escritas.
- 2) Avaliação dos trabalhos práticos de gabinete.

VI - BIBLIOGRAFIA:

Todos os itens citados na Bibliografia da disciplina FLG204.

1. BRUNET, R. - **Le croquis de Géographie Régionale Economique**. S.E.D.E.S., Paris, 1967.
2. CLAVAL, P. & WIEBER - **La Cartographie Thématique comme méthode de Recherche**. 2 vol. Annales Littéraires de l'Université de Besançon. Les Belles Lettres, 1969.
3. MONKHOUSE, F.J. & WILKINSON, R.H. - **Maps and Diagrams**. University Paperbacks. London, Methuen, 1963.
4. - **Maps y Diagramas**. Ed. Oikos-Tau S.A., Ediciones. Barcelona, 1966.
5. RIMBERT, Sylvie - **Leçons de Cartographie Thématique**. S.E.D.E.S., Paris, 1968.
6. ROCHA, M.V. - **Curso de Estatística**. 2ª Ed. IBGE, Rio, 1972.

ÁREA DE GEOGRAFIA FÍSICA E BIOGEOGRAFIA

I INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA FÍSICA

2º Semestre de 1986

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG102

Pré-requisito: -

Carga horária: 2 horas semanais

Créditos aula: 2

Número máximo de alunos por turma: 100

I - OBJETIVOS:

- 1) Apresentar os campos de estudo da geografia física e suas relações com as ciências afins. A adequação dos métodos e técnicas de análise geográfica.
- 2) Neutralizar a dicotomia das abordagens "física" e "humana", procurando uma visão globalizante e integrada da paisagem.
- 3) Enfatizar a noção de escala associada à utilização dos critérios de escolha e hierarquia das variáveis naturais na "regionalização" do espaço geográfico.

II - CONTEÚDO:

- 1) Posição da geografia física nas geociências e importância para as ciências humanas.
- 2) Métodos e técnicas de análise geográfica: reconstrutivos ou cinemáticos e estatísticos. As abordagens "separativas" e as dificuldades da globalização.
- 3) Os complexos de combinação de fatos e os graus de organização. As escalas. Conceitos de organização sistêmica.
- 4) Indução e dedução em geografia física. O qualitativo e o quantitativo.
- 5) A evolução integrada da paisagem e os processos. A organização atual da paisagem e sua tipologia. Os modelos.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Curso teórico com análise e discussão de textos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Participação em trabalhos de grupo e leituras programadas.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Através de provas, trabalhos e fichas de leituras.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. BIROT, P. - **Tratado de Geografia Física**. (Traduction por A. Gomiz Lorente - Vicens Barcelona, 1962).
2. CHORLEY, R.J. and HAGGET, P. (Editors). **Models in Geography**. Methuen & Co. London, 1967.
3. MARTONNE, E. de - **Tratado de Geografia Física**. (Trad. Portuguesa). Coleção "Pensamento da Geografia". Liv. Ed. Cosmos, Lisboa.
4. MONTEIRO, C.A.F. et alii. - **Aspectos Geográficos do Baixo São Francisco**. Avulso nº 5 - Ass. dos Geogr. Brasileiros, São Paulo, 1962.
5. POWERS, W.E. - **Physical Geography**. Meredith Publishing Company, New York, 1966.

PEDOLOGIA

2º Semestre de 1986

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG306

Pré-requisito: FLG104, 105

Carga horária: 2 horas semanais

Créditos aula: 2

Número máximo de alunos por turma: 50

Número de turmas por período: 2

I - OBJETIVOS:

- 1) Analisar o solo como meio de aprimoramento na análise geográfica pelas suas integrações geomorfológicas e agrárias. 2) Fornecer as bases indispensáveis à observação de campo e, na medida do possível, da avaliação do trabalho de laboratório. 3) Ministar ao universitário de geografia o treinamento mínimo indispensável na leitura e interpretação dos dados fornecidos pela análise pedológica.

II - CONTEÚDO:

- 1) Do intemperismo à gênese dos solos. O trabalho de campo em pedologia. O perfil do solo: Estrutura e morfologia. Propriedades dos solos: físicas, químicas, biológicas e mineralógicas. 2) Gênese e classificação dos solos. Intemperismo e alteração das rochas. Intemperismo. Fatores de formação. Processos pedogênicos e mobilidade dos constituintes. Tipos de solos e sistemas pedológicos. 3) Morfologia e pedogênese. Problemas dos solos das regiões Intertrópicas. Solos do Brasil.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

- 1) Aulas teóricas: expositivas com projeções audiovisuais. 2) Estudos dirigidos à análise de textos e dados analíticos espaciais.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

- 1) Trabalhos de campo, análise de perfil de solo. 2) Preparação de relatórios de observações. 3) Análise de textos e dados analíticos espaciais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

- 1) Provas. 2) Avaliação dos relatórios.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. BUCKMAN, H.D. & BRADY, N.C. - **Natureza e propriedades dos solos**. Trad. do inglês. Ed. Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1966.
2. BUNTING, B.T. - **Geografia do Solo**. Trad. do inglês. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971.
3. COMISSÃO DE SOLOS - **Levantamento dos Solos do Estado de São Paulo**. S.N.P.A. Ministério da Agricultura, Boletim 12, Rio de Janeiro, 1960.
4. DUCHAUFOUR, Ph. - **Précis de Pédogologie**. Masson & Cie, Editores, 1965.
5. MONIZ, A.C. (Coord.) et alii - **Elementos de Pedologia**. Ed. Polígono e Editora da USP, 1972.
6. RANZANI, G. - **Manual de levantamento do solo** (489 pg.). Editora da USP, São Paulo (112 pg.), 1968.

GEOMORFOLOGIA ESTRUTURAL

1º Semestre

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG308

Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos aula: 4

Número máximo de alunos por turma: 80

I - OBJETIVOS:

- 1) Enfatizar as relações com a geologia e os seus subsídios à análise geomorfológica, esclarecendo as diferenças de objetivos. 2) Ressaltar os caracteres geogênicos das rochas e sua influência nos processos morfogenéticos. 3) Compreender o papel das estruturas geológicas nos arranjos especiais de relevo terrestre. 4) Incentivar o uso de cartas topográficas e geológicas na análise de gabinete, extralindo delas perfis e diagramas.

II - CONTEÚDO:

- 1) As Componentes Estruturais na Crosta Terrestre e a Gênese das Formas de Relevo (I). 2) Propriedades do Material Rochoso e Influência nos Processos (II). 3) Elementos básicos de estratigrafia interessando a evolução e a gênese do relevo. 4) Ação da tectônica na morfogênese. 5) Tipologia dos Relevos Estruturais (III). 6) Análise Especial de Tipos de Maior Interesse ao Caso Brasileiro (IV).

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

- Teórico-prático com trabalhos de caráter operacional individuais e ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

- Análise e interpretação de fotografias aéreas, cartas topográficas e geológicas objetivando compreender a participação da estrutura na compartimentação do relevo.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

- Provas e relatórios de trabalhos realizados.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. AB'SABER, A.N. - **O Relevo Brasileiro e seus Problemas**. Csp. III pp. 135-253. In: **Brasil: A terra e o homem**. Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1964.
2. ARCHAUMBAUT, M., LHENAFF, R. et VANNEAU, J.R. - **Documents et méthodes pour le commentaire de cartes (Géographie et Géologie)**. 2 fascs. Masson & Cie., Editeurs, Paris, 1957.
3. DERRUAU, M. - **Précis de Géomorphologie**. (3ème Ed.). Masson & Cie., Paris, 1962.
4. ENJALBERT, H. - **Les Données de la Structure**. In: **Géographie Générale**. (Encyclopédie de la Pléiade, vol. 20, 1966).
5. TRICART, J. - **Principes et méthodes de la géomorphologie** (486 pp.). Masson & Cie. Ed., Paris, 1965.

GEOMORFOLOGIA CLIMÁTICA E LITORÂNEA

2º Semestre

Disciplina: Básica

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG309

Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos aula: 4

Número máximo de alunos por turma: 80

I - OBJETIVOS:

- 1) Estabelecer uma vinculação do clima ao relevo terrestre aproximando, didaticamente, climatologia e geomorfologia. 2) Vincular a dinâmica morfo-climática às componentes bio e pedogênicas da paisagem associando-as à ação antrópica. 3) Informar sobre as técnicas laboratoriais vinculadas à dinâmica dos processos morfogenéticos.

II - CONTEÚDO:

FUNDAMENTOS DE CLIMATOLOGIA

2º Semestre
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG313

Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos aula: 4

Número máximo de alunos por turma: 30

I - OBJETIVOS:

- 1) Esclarecer e fornecer os meios básicos de utilização dos subsídios meteorológicos à análise geográfica da atmosfera; 2) Situar devidamente pela sua posição epistemológica e natureza metodológica o estudo do clima no domínio da geografia; 3) Fornecer as normas básicas, pela seleção de métodos e técnicas adequadas, aos principais tópicos da realidade climática em sua gênese específica e integração aos outros domínios geográficos.

II - CONTEÚDO:

- 1) A atmosfera, sua estrutura e propriedades; 2) Meteorologia e Climatologia: conceitos de tempo e clima; 3) As fontes de análise climatológica: dados estáticos e dinâmicos; técnicas de análise separativas; 4) Climatologia: clima e análise climática; Sistemas de circulação atmosférica: massas de ar e frentes; A circulação regional e a sequência de tipos de tempo.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Curso teórico-prático. No trabalho prático, dar-se-á importância especial à observação, interpretação e elaboração de mapas e diagramas de tempo e seu mecanismo com análise sequencial das cartas do tempo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Participação em debates e trabalhos de grupo - Confeção de relatórios e gráficos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Através de provas, relatórios e participação em trabalhos de grupo.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. CRITCHFIELD, H.J. - General Climatology. (2nd Ed.) Englewood Cliff, Prentice-Hall, 1966.
2. PEDELADORE, P. - Introduction à l'étude Scientifique du climat. C.D.U. Paris, 1959.
3. PEGUY, Ch. - Précis de Climatologie. Masson & Cia. Editeurs. Paris, 1961.
4. RIEHL, H. - Introduction to the Atmosphere. McGraw-Hill Book Co. New York, 1966.
5. STRAHLER, A.N. - Introduction to Physical Geography. John Wiley & Sons. New York, 1967.

CLIMATOLOGIA SISTEMÁTICA E REGIONAL

2º Semestre de 1986
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG314

Pré-requisito: FLG313
Carga horária: 2 horas semanais
Créditos aula: 2

Número máximo de alunos por turma: 30

I - OBJETIVOS:

- 1) Evidenciar a diversidade climática no espaço geográfico através da dinâmica no tempo e os diferentes graus de organização espacial segundo as escalas geográficas; 2) Enfatizar o estudo no quadro brasileiro integrando-o no contexto sul-americano e projetando-o no hemisfério sul.

II - CONTEÚDO:

- 1) Análise da América do Sul, Comparação da América do Sul com as regiões da África e Austrália; 2) Análises regionais dos climas brasileiros; 3) Os climas locais; Clima e vida agrícola; Clima e vida urbana; 4) Abordagem típica em climatologia, Problemas

INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA HUMANA

2º Semestre
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG103

Pré-requisito: -
Carga horária: 2 horas semanais
Créditos aula: 2

Número máximo de alunos por turma: 100

I - OBJETIVOS:

- Mostrar o homem como centro da perspectiva geográfica e como agente de organização do espaço; Levantar a compreensão de que a realidade humana pode ser estudada sob muitas perspectivas, relacionando a abordagem geográfica às demais ciências humanas; chamar atenção para o papel do homem no desequilíbrio ecológico, enfatizando-se esta problemática nas regiões intertropicais em geral e, em particular, no Brasil.

II - CONTEÚDO:

- 1) A posição do homem no campo da Geografia. As etapas fundamentais da Geografia Humana. 2) Objeto da Geografia Humana. Tempo e espaço nas ciências geográficas, sociais e econômicas. A geografia no contexto das ciências humanas. 3) Observação e análise em Geografia Humana. Os métodos geográficos, técnicas, questionários e sua aplicação. As técnicas de quantificação. Aplicação de métodos de investigação histórica. 4) A dinâmica dos fatos humanos e as mudanças. Análise dos processos e suas definições espaciais. Os complexos de combinações de fatos e os graus de organização. 5) A complexidade do espaço geográfico.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas e seminários.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras bibliográficas, preparação de trabalhos individuais e em grupos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Avaliação de trabalhos individuais e em grupo: participação em seminários e provas.

ÁREA DE GEOGRAFIA HUMANA E ECONÔMICA

(Inclui também as disciplinas optativas FLG634 e FLG635)

1. BLAIR, T.A. - Climatology General and Regional. Englewood Cliff, Prentice-Hall, New York, 1942.
2. KÖPPEN, W. - Climatologia. Fondo de Cultura Económica. México, 1946.
3. LÖNNY, W.P. - Weather and Life. An Introduction to Biometeorology. Academic Press. New York, London, 1967.
4. MONTEIRO, C.A.F. - A Frente Polar Atlântica e as Chuvas de Inverno na Foz de São Paulo. Instituto de Geografia da USP. (S) São Paulo, 1969.
5. TREWARTH, D. - The Earth's Problem Climate. University of Wisconsin Press, Madison, 1967.

<p>VI – BIBLIOGRAFIA:</p> <p>Além da Bibliografia do Curso Introdução à Ciência Geográfica a seleção especial abaixo relacionada:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. HARTSHORNE, R. – Questões sobre a Natureza da Geografia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1969. 2. LA, BLACHE, P.V. de – Principes de Geographie Humaine. Lib. Armand Colin, 327 pg., Paris, 1972. 3. RIBEIRO, O. – Ensaio de Geografia Humana e Regional. Liv. Sê de Costa Editora, 1970. 4. SCHNORE, L.F. – Geography and Human Ecology. In: Economic Geography (37): 207-217, 1961. 5. SORRE, M. – Rencontre de la Géographie et de l'Économie. Mouton, Marcel Rivière & Co., Paris, 1967. <p>•</p> <p>GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO 1º Semestre Disciplina Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG413 Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 90</p> <p>I – OBJETIVOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Fornecer as técnicas básicas de análise demográfica subordinando-as aos propósitos de abordagem geográfica. 2) Enfatizar a importância das diversidades de distribuição populacional no globo e os processos dinâmicos de mudança. 3) Alertar sobre as relações com os recursos naturais e com os fatos de natureza econômica, política e social. <p>II – CONTEÚDO:</p> <p>✓ O efeito humano no globo. Distribuição geográfica e seus fatores. ② O</p>	<p>dinamismo da população, Natalidade e mortalidade. Composição por sexo e idade. 3) População ativa e inativa. Setores de atividade. 4) População rural e urbana. 5) Condições de equilíbrio demográfico e movimentos populacionais. 6) Política populacional e desenvolvimento econômico. 7) Problemas nas regiões intertropicais. 8) O caso brasileiro.</p> <p>III – MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, seminários, trabalhos práticos de cartografia.</p> <p>IV – ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Trabalho em grupo para preparação de seminários, pesquisas bibliográficas, confecção de gráficos, cartografias, interpretação de textos e leitura de mapas.</p> <p>V – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Avaliação de seminários, participação em debates, provas.</p> <p>VI – BIBLIOGRAFIA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. BEAUJEU-GARNIER, J. – Geografia da População. Cia. Editora Nacional, Editora da USP, São Paulo, 1971. 2. GEORGE, P. – Geographie de la Population. Col. "Que Sais-je?" nº 1.187, Paris, 1969. 3. POPULATION REFERENCE BUREAU INC. – População. Editora da USP, Lidoor, São Paulo, 1970. 4. SINGER, E. – Demografia Populacional e Desenvolvimento. Edições CEBRAP, São Paulo, 1970. 5. ZELINSKY, W. – Introdução à Geografia da População. Zahar, Editores, Rio de Janeiro, 1969. 6. DIVERSOS AUTORES – Panorama da População Mundial. Editora Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1965. <p>Obs.: É fundamental a utilização de Censos Demográficos do Brasil, Anuários Demográficos da ONU e periódicos, a exemplo da revista em língua francesa "Population".</p>	<p>GEOGRAFIA AGRÁRIA 1º Semestre Disciplina Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG414 Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 80</p> <p>I – OBJETIVOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Compreender a natureza dos componentes do quadro rural analisando os fatores que conduzem à definição dos espaços agrários; 2) Considerar a natureza das relações entre as condições naturais e culturais e as atividades agrícolas; 3) Perceber as características de organização espacial e temporal dos sistemas agrários; 4) Enfatizar as mudanças recentes no quadro rural; 5) Desenvolver o interesse pelos métodos e técnicas de pesquisa em Geografia Agrária. <p>II – CONTEÚDO:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) O caráter geográfico do fato agrário: conceito e campo de atuação do rural do urbano. 2) A organização interna das atividades agrárias: a propriedade rural; mão de obra e regimes de exploração agrícola; produtividade. 3) Os fatores da organização agrária: condições naturais e condições históricas, infra-estrutura técnica e mercados. 4) Os papéis espaciais da ocupação agrícola: agricultura, pecuária; 5) Os grandes conjuntos de sistemas agrários, tipologia e distribuição. <p>III – MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, enfatizando os conceitos básicos. Seminários em grupos com abordagem de temas nacionais.</p> <p>IV – ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Pesquisas bibliográficas, participações nos debates no zero dos grupos e nas aulas, elaboração de trabalho escrito e a apresentação de críticas escritas às exposições feitas em classe.</p> <p>V – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p>	<p>GEOGRAFIA URBANA 2º Semestre Disciplina Básica Destinada: Curso de Geografia Código: FLG415 Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 90</p> <p>I – OBJETIVOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Focalizar a cidade como instrumento fundamental da organização do espaço. 2) Ressaltar os problemas urbanos dentro dos conjuntos políticos, sociais e econômicos dos países em desenvolvimento, em particular nas áreas tropi-
--	---	---	---

calis. 3) Dar especial atenção aos métodos de análise urbana visando a qualidade da análise geográfica neste campo e a posição da Geografia nas equipes interdisciplinares de estudos e planejamento urbano.

II - CONTEÚDO:

A Análise Geográfica das Cidades: o campo da Geografia e áreas afins; a urbanização nos países em desenvolvimento e no Brasil. **A Diversificação do Fato Urbano no Tempo e no Espaço:** perspectivas da urbanização; projeção espacial da cidade; posição e sítio. **O Organismo Urbano e Sua Estrutura:** morfologia urbana, estrutura e crescimento - conurbação; problemas urbanos. **Funções Urbanas e Vida de Relação:** implicações na gênese e evolução da cidade; funções básicas e não básicas. **As Cidades e a Organização dos Espaços:** polarização, hierarquias e rede urbana, metropolização, regiões urbanas.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, seminários e discussões.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras básicas obrigatórias, preparação de: seminários, cartas, plantas, croquis, gráficos, etc.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Participação em seminários e provas.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. BEAUJEU GARNIER, J. et alii - *L'Homme et la Ville Dans le Monde Actuel*. Centre d'Etudes de la Civilization Contemporaine. Nice, 1968.
2. BERNARDES, L.M.C. - *Les Villes Capitales d'Etat au Brésil: Une Interpretation*. In: *Cahier de Geographie de Quebec*, 13(35), 171-190 sept. 1971.
3. FIST, N.P. & ALBERT, L.A. - *A Cidade e o Homem*, 2 vol. Editora Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1961.

4. GEORGE, P. - *La Ville: Le Fait Urbain A Travers le Monde*. PUF, Paris, 1952.
5. I.P.G.H. - *Centralidade e Regionalização*. Textos Básicos nº 1. Rio de Janeiro, 1968.
6. KINGSLEY, D. et alii. - *Cidades: A Urbanização da Humanidade*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1972.

GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS

2º Semestre de 1986
Disciplina Básica
Destinada Curso de Geografia
Código: FLG416
Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204, 417
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 90

I - OBJETIVOS:

- 1) Mostrar a importância do fato industrial do mundo contemporâneo e as transformações sociais e econômicas que decorrem da industrialização. 2) Analisar os processos de industrialização, especialmente em países em desenvolvimento e o seu papel na organização do espaço. 3) Analisar as relações de dependência que se estabelecem em função da evolução tecnológica e da concentração financeira. 4) Discutir normas metodológicas e desenvolver o interesse pela pesquisa.

II - CONTEÚDO:

- 1) **O fato industrial no tempo e no espaço**
a) Os fundamentos da evolução industrial; b) tendências atuais da evolução industrial.
- 2) **Os processos da industrialização**
a) A indústria moderna e sua distribuição geográfica; b) A universalização do fato industrial; as diferenças regionais de desenvolvimento e suas rela-

ções com o fato industrial. Os fatores de localização das indústrias: tendências atuais de localização.

- 3) **A estrutura do fato industrial**
- 4) **A industrialização no Brasil**

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Estudo de textos feito em três níveis: individual, em grupo, discussão na classe. Seminários apresentados pelos grupos. Excursões a áreas industriais e visitas a estabelecimentos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos individuais relacionados com os textos. Escolha, justificativa e preparação de um seminário de grupo. Participação em excursões. Pequena pesquisa em um estabelecimento fabril.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

O aluno deverá ter o trabalho apreciado em todas as etapas, participação em seminários, excursões e provas.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. CHARDONNET, J. - *Géographie Industrielle*. Col. L'Economique nº 2, vol. 2. Paris, Editions Sirey, 1965.
2. DOBB, M. - *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 1971.
3. ESTALL, R.C. and BUCHANAN, R. - *Atividade Industrial e Geografia Econômica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971.
4. GEORGE, P. - *A Geografia Industrial do Mundo*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, Col. Saber Aual, 1969.
5. IREG - GRUPO DE GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS - Estudo para a Geografia das Indústrias do Brasil de Sudeste - in *Revista Brasileira de Geografia* 25(2), Rio de Janeiro.
6. LUZ, N.V. - *A Luta pela Industrialização do Brasil*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1961.

FONTES DE ENERGIA
1º Semestre de 1986
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG417
Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204
Carga horária: 2 horas semanais
Créditos aula: 2
Número máximo de alunos por turma: 90

I - OBJETIVOS:

Compreensão da importância dos recursos energéticos, sua distribuição e técnicas de valorização. Percepção do papel dos recursos energéticos nos processos de mudança econômica, política e social. Desenvolver o estudo **enfatizando as perspectivas históricas e geográficas** enquadrando os aspectos-chaves (estratégicos) na política internacional hodierna.

II - CONTEÚDO:

Fontes e formas de energia; caracterização e evolução histórica. O carvão: sistemas de exploração, produção e comércio internacional. O petróleo: distribuição geográfica das jazidas; organização da produção e reflexos no espaço geográfico; fluxos de comercialização. A hidreletricidade: distribuição geográfica e potencial. Fatores de produção e distribuição. Os sistemas energéticos: caracterização e distribuição geográfica. Os sistemas energéticos brasileiros.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, leituras programadas e discussões.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras básicas obrigatórias, gráficos comentados, textos selecionados.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Prova, trabalho escrito, participação nas discussões.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. CHARDONNET, J. - *Géographie Industrielle*. Tomo I (Les sources

- g(Energie)*, Col. L'Economie.
Paris, 1962.
- MANNERS, G. - *Geografia da Energia*. Rio de Janeiro, Zahar Editoras, 1967.
 - MUNFORD, L. - *Technique et Civilization*. Paris, Editions du Seuil, 1950.
 - O'CONNOR, H. - *O Petróleo em crise*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1962.
 - PEYREI, H. - *A Batalha pela Energia*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
 - SEVETTE, P. - *L'Economie de L'Energie dans les pays en voie de Développement*. Paris, PUF, 1963.

GEOGRAFIA DO COMÉRCIO
1º Semestre de 1986
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG419
Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204
Carga horária: 2 horas semanais
Creditos aula: 2
Número máximo de alunos por turma: 90

I - OBJETIVOS:

- 1) Ministrar uma base mínima imprescindível à compreensão do comércio como fato econômico. 2) Promover a articulação entre os fatos de produção e o consumo, entre os diversos setores da Geografia Humana e Econômica. 3) Enfatizar a abordagem dinâmica dos fluxos de circulação, fundamental à análise espacial do comércio. 4) Compreender o mecanismo de relacionamento dos diferentes espaços regionais no mercado internacional.

II - CONTEÚDO:

- 1) A. Geografia do Comércio: conceito e orientação dos estudos. 2) Os meca-

nismos fundamentais do mercado internacional. 3) O mercado internacional moderno. 3.1) Estrutura fundamental do mercado mundial; 3.2) A Revolução Industrial e o desenvolvimento do mercado internacional; 3.3) A circulação e sua importância na estruturação do mercado internacional; 3.4) A organização dos espaços regionais e os diferentes tipos de estruturas comerciais; 4) Principais tipos de mercados e as grandes correntes do comércio internacional; 5) O Brasil no Comércio Internacional.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

O curso é organizado sob a forma de aulas expositivas, complementadas pela elaboração de trabalhos relativos a uma parcela do seu programa, que poderão ser expostos e debatidos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Além das atividades rotineiras, o aluno deve participar da organização e exposição de seu trabalho, bem como dos debates relativos aos temas expostos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

A avaliação do curso será efetuada através da realização de provas versando sobre conteúdo do curso teórico e sobre temas de trabalhos escritos; também através de avaliação o trabalho realizado, bem como o desempenho individual por ocasião dos debates sobre os temas.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. DALMASSO, E.; GUGLIELMO, R. (e) ROCHEFORT, M. - *Éléments de science économique et l'usage des géographes*. Tomo I - Les mécanismes économiques. Fernand Nathan, Paris, 1969.
2. GEORGE, P. - *Os grandes mercados do mundo*. Saber atual nº 8. São Paulo, Difel, 1962.
3. *Geografia Econômica*. Rio de Janeiro. Edição Fundo de Cultura, 1970.
4. KLINDERBERGER, C.P. - *Comércio Exterior e a Economia Nacional*.

- Fundo de Cultura. Rio de Janeiro, 1967.
5. OTREMBE, E. - *Geografia del Comércio y de las comunicaciones*. Barcelona, Ed. Omega, 1959.
 6. PERPILLOU, A. - *Le commerce international des produits agricoles*. Centre de documentation universitaires, 1962.
 7. THOMAS, R.S. (e) CONKLING, E.C. - *Geografia del comércio internacional*. Biblioteca Básica de Geografia Econômica, Barcelona, Ed. Vicent-Vives, 1972.

ÁREA DE GEOGRAFIA REGIONAL E DO BRASIL

GEOGRAFIA REGIONAL I
1º Semestre de 1986
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG520
Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204, 626
Carga horária: 4 horas semanais
Creditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 90

I - OBJETIVOS:

Discutir o caráter universal da sociedade humana, observado em processos de desenvolvimento econômico, político, social, jurídicos e políticos e o papel do Estado nacional como unidade política do poder e base territorial.

II - CONTEÚDO:

O caráter universal da sociedade moderna a partir das revoluções tecnológicas. A Formação Econômico Social como categoria de análise e como base de produção e reprodução social. As revoluções do século XX. A hegemonia dos Estados Unidos. O mundo de dois blocos e a noção de FES. Da questão dos alinhamentos à formação dos blo-

cos de nações. A divisão internacional do trabalho.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas e participação em exposições e discussões orais.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e trabalhos escritos e orais.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. SANTOS, T. dos - *Imperialismo e Corporações Multinacionais*. Paz e Terra, 1977.
2. LECLERCQ, Y. - *Teorias do Estado*. Edições 70, Lisboa, 1977.
3. GEORGE, P. - *Geografia Social do Mundo*. Divisão Europeia do Livro, Seber, A. Naldi, 1980.
4. BARRO, R. - *Geografia Alternativa*. Ed. Paz e Terra, 1980.
5. BETELHEIN, C. - *As lutas de classes na União Soviética (1917-1923)*. Paz e Terra, 1979.
6. Coleção "Geographies: an intermediate Series" - Vários autores. Longmans, Londres.

GEOGRAFIA REGIONAL II

2º Semestre de 1986
Disciplina: Básica
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG521
Pré-requisito: FLG102, 103, 104, 105, 204, 626
Carga horária: 4 horas semanais
Creditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 90

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Desenvolvimento teórico-expositivo docente com participação discente em trabalhos individuais e/ou em grupo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Trabalhos escritos, leituras programadas, exercícios cartográficos e seminários.

V - Provas e trabalhos escritos e orais.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. Todos os itens citados na Bibliografia das Disciplinas FLS522 e FLS523.
2. ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS - SEÇÃO REGIONAL DE SÃO PAULO - "A cidade de São Paulo", vários autores, 4 vols. Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1958.
3. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "Aspectos geográficos da terra bandeirante", vários autores, RJ, 1954.
4. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - IBGE - "O Rio de Janeiro e sua região", vários autores, RJ, 1964.

DISCIPLINAS NÃO DEPARTAMENTAIS OBRIGATÓRIAS

GEOLOGIA GERAL
1º e 2º Semestres de 1986
Destinada: FFLCH e IB
Código: GGG121
Créditos aula: 4

CONTEÚDO:

Introdução e importância da Geologia. Terra em conjunto. Minerais. Formação das rochas. Ciclo das rochas. Regiões. Águas continentais. Gelo e vento. Energia interna da Terra. Deformações das rochas. Orogenia. Montanhas. Con-

teitos estratigráficos. Pricambiano. Faunozóico. Geologia do Estado de São Paulo. Geologia do Brasil. Combustíveis fósseis. Recursos Minerais. Aulas práticas: Minerais e rochas. Curvas de nível. Perfil topográfico. Perfil geológico (camadas horizontais). Perfil geológico (camadas inclinadas). Mapa geológico simplificado. Mapa geológico do Estado de São Paulo. Mapa geológico do Brasil.

ELEMENTOS DE MINERALOGIA E PETROLOGIA

1º e 2º Semestres de 1986
Destinada: EP, FFLCH
Código: GMP121
Créditos aula: 4

A crosta terrestre: constituição, forma, propriedades físicas, químicas, petrológicas, mineralógicas e químicas. Propriedades morfológicas dos minerais. Cristalização e seus ambientes. Propriedades físicas dos minerais: Propriedades físicas dos minerais: Cor, brilho, traço, dureza, fratura, clivagem e peso específico. Propriedades químicas dos minerais: Isomorfismo, polimorfismo. Minerais formadores de rochas. Estrutura dos silicatos. Rochas magmáticas e processos magmáticos. Rochas sedimentares e processos sedimentares. Rochas metamórficas e processos metamórficos. Recursos minerais do Brasil. Distribuição das rochas no continente brasileiro.

INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA

1º Semestre de 1986
Destinada: FFLCH
Código: FLS103
Pré-requisito: -
Créditos-aula: 4

I - OBJETIVOS:

O curso tem um caráter complementar e visa possibilitar aos alunos de História e Geografia um primeiro contato com a Antropologia, fornecendo um quadro amplo da disciplina e das técnicas de investigação utilizada pelos antropólogos. Será ressaltada a importância da diferenciação estrutural entre sociedades primitivas e sociedades complexas, com especial referência à noção de história. Um dos objetivos principais do curso é mostrar a necessidade de uma postura científica (não pre-conceituosa) ao lidar com temas que escapam ao cotidiano dos alunos.

II - CONTEÚDO:

O curso será organizado a partir de cinco grandes unidades: 1. Diversidade e Relativismo Cultural; 2. O trabalho de campo na Antropologia; 3. O estudo antropológico da vida urbana e 4. Etnologia e organização social.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, discussão de textos em seminários, orientação de trabalhos de pesquisa de campo.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras de textos para participação em seminário, elaboração de um relatório sobre uma pesquisa de campo a ser realizada pelo aluno.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

A avaliação será feita através da participação em seminários, das notas obtidas em duas provas escritas e no trabalho de aproveitamento.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. BOHANNAN, L. - "Shakespeare entre os Tiv" - apostilado.
2. FERNANDES, F. - "A Educação numa Sociedade Tribal" in Forachi e Pereira (org.) - "Educação e Sociedade", Parte IV, capítulo 2.
3. LÉVI-STRAUSS, C. - "A Família" - apostilado.

4. LÉVI-STRAUSS, C. - "Raça e História" - apostilado.
5. SPIRO, M. - "A Família é Universal?" - apostilado.

SOCIOLOGIA

1º Semestre de 1986
Destinada: FFLCH
Código: FLS512

Pré-requisito: -

Créditos aula: 6

i - objetivos:

Iniciar o aluno no conhecimento da Sociologia.

II - CONTEÚDO:

Explicação sobre a problemática da relação sujeito-objeto na Sociologia, sobre as correntes metodológicas fundamentais, sobre a conceitualização básica e sobre os processos e características nucleares da sociedade moderna.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas teóricas (de tipo expositivo) e seminários em que os alunos aprendem a manejar e analisar textos básicos do programa que são utilizados nas aulas teóricas.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leitura e análise de textos obrigatórios para seminários. Leitura da bibliografia indicada na aula teórica, preparação dos relatórios para a participação nos seminários.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Participação em seminários, relatórios de leitura e realização de três provas escritas.

<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. DURKHEIM, E. - As Regras do Método Sociológico. Editora Nacional, São Paulo, 1960. 2. DURKHEIM, E. - Sociologie et Philosophie. Presses Universitaires de France, Paris, 1963. 3. FERNANDES, J. - Teorias da Sociologia Geral e Aplicada. Editora Pioneira, São Paulo, 1980. 4. FREUND, J. - Sociologia de Max Weber. Forense, Rio de Janeiro, 1970. 5. IANNI, O. e CARDOSO, F.H. - Homenagem e Sociedade. Editora Nacional, São Paulo, 1961. 6. WEBER, M. - Ensaio de Sociologia. Livraria Editores, Rio de Janeiro, 1971. 	<p>do séc. XX e a Grande Guerra. O Brasil no contexto mundial, 8) O Entre-Cuerras. As crises internacionais e seus reflexos no Brasil, 9) O Conflito, a Segunda Guerra e o desenvolvimento econômico brasileiro, 10) O Mundo Contemporâneo Nacionalismo e Descolonização. O Brasil Moderno.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas teóricas-expositivas, seminários e análises de texto.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Participação em seminários, fichamentos de livros e artigos de revistas e realização de trabalhos escritos.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Provas escritas, trabalhos práticos e trabalhos escritos, além da atuação em seminários.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. BUARQUE DE HOLANDA, S. - História Geral da Civ. Brasileira. 8 vols. Rio de Janeiro, São Paulo, 1961. 2. FENELON, D.R. - 50 Anos de História do Brasil. Hucitec, 1976. 3. LAPA, J.R. DO AMARAL - A História em questão. Historiografia Brasileira Contemporânea. Vozes, Petrópolis, 1976. 4. PRADO, L.M. - Evolução Pol. do Brasil. 3ª ed., Brasília, São Paulo, 1961. 	<p>DISCIPLINAS OPTATIVAS DEPARTAMENTAIS PARA ALUNOS DO CURSO DE GEOGRAFIA</p> <p>ORIENTAÇÃO PARA PESQUISA EM GEOGRAFIA FÍSICA I</p> <p>1º Semestre de 1986</p> <p>Disciplina: <i>Oportiva</i></p> <p>Código: FLG029</p> <p>Pré-requisitos: FLG 102, 103, 104, 105, 204, 205</p> <p>Carga horária: 8 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4 - trabalho: 2</p> <p>Número de alunos por turma: variável</p> <p>Número de turmas: variável</p> <p>As características dos cursos de Orientação para a pesquisa, mudando apenas a temática tratada e sua especificidade e o projeto desenvolvido, como a seguir:</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>Levar o aluno a desenvolver um plano de investigação em Geografia Física.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa, 2) Etapas da pesquisa: proposição e justificativa do tema, 3) Elaboração da hipótese ou problemática, 4) Programação dos trabalhos de campo e gabinete, 5) Revisão bibliográfica. <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, trabalhos de grupo e individuais, trabalhos de campo, de biblioteca e laboratoriais.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Busca e organização de dados: bibliográficos, teórico-metodológicos e técnicos, de campo e laboratório (preliminares para elaboração de projeto). Elaboração de relatórios, ante-projeto e projeto de pesquisa em nível de iniciação científica. Participação em debates e excursões. Apresentação do Projeto de Pesquisa.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Provas, Relatórios e Projeto de Pesquisa.</p>	<p>HISTÓRIA ECON. GERAL DO BRASIL</p> <p>1º Semestre de 1986</p> <p>Disciplina: <i>Básica</i></p> <p>Destinada: <i>Curso de Geografia</i></p> <p>Código: FLH440</p> <p>Pré-requisito: -</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>Dar uma visão ampla do processo histórico fixando-se em pontos básicos da História Universal e do Brasil.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>Método e pesquisa em Historiografia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Portugal e Brasil no quadro da Modernidade Europeia, 2) O Absolutismo monárquico e a colonização portuguesa, 3) A Crise do Antigo Regime e seus reflexos no mundo da América Latina do Brasil, 4) Capitalismo e Liberalismo no séc. XIX, 5) O Brasil no séc. XIX. Economia, 6) O Brasil no séc. XIX. Sociedade, 7) As crises internacionais
<p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>1. DURKHEIM, E. - As Regras do Método Sociológico. Editora Nacional, São Paulo, 1960.</p> <p>2. DURKHEIM, E. - Sociologie et Philosophie. Presses Universitaires de France, Paris, 1963.</p> <p>3. FERNANDES, J. - Teorias da Sociologia Geral e Aplicada. Editora Pioneira, São Paulo, 1980.</p> <p>4. FREUND, J. - Sociologia de Max Weber. Forense, Rio de Janeiro, 1970.</p> <p>5. IANNI, O. e CARDOSO, F.H. - Homenagem e Sociedade. Editora Nacional, São Paulo, 1961.</p> <p>6. WEBER, M. - Ensaio de Sociologia. Livraria Editores, Rio de Janeiro, 1971.</p>	<p>ORIENTAÇÃO PARA PESQUISA EM GEOGRAFIA FÍSICA II</p> <p>2º Semestre de 1986</p> <p>Disciplina: <i>Oportiva</i></p> <p>Código: FLG037</p> <p>Pré-requisitos: FLG 102, 103, 104, 105, 204, 205, 629</p> <p>Carga horária: 8 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4 - trabalho: 2</p> <p>Número de alunos por turma: variável</p> <p>Número de turmas: variável</p> <p>As características dos cursos de Orientação para a pesquisa, mudando apenas a temática tratada e sua especificidade e o projeto desenvolvido, como a seguir:</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>Levar o aluno a executar o projeto de pesquisa aprovado em Orientação para Pesquisa em Geografia Física I (nível de iniciação Científica).</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>Execução do projeto proposto:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Coleta e crítica dos dados necessários à investigação proposta, 2) Análise e interpretação dos dados obtidos, inclusive com representações gráficas, cartográficas, etc. 3) Redação do trabalho final, 4) Apresentação do trabalho final. <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Seminários, trabalhos de campo e laboratório pertinentes ao projeto proposto (individuais e/ou coletivos, Apresentação e discussão de dados parciais e finais resultantes da investigação realizada (Método, Técnicas, Resultados obtidos, Análise Interpretativa).</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p>	<p>ORIENTAÇÃO PARA PESQUISA EM GEOGRAFIA FÍSICA I</p> <p>1º Semestre de 1986</p> <p>Disciplina: <i>Oportiva</i></p> <p>Código: FLG029</p> <p>Pré-requisitos: FLG 102, 103, 104, 105, 204, 205</p> <p>Carga horária: 8 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4 - trabalho: 2</p> <p>Número de alunos por turma: variável</p> <p>Número de turmas: variável</p> <p>As características dos cursos de Orientação para a pesquisa, mudando apenas a temática tratada e sua especificidade e o projeto desenvolvido, como a seguir:</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>Levar o aluno a desenvolver um plano de investigação em Geografia Física.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa, 2) Etapas da pesquisa: proposição e justificativa do tema, 3) Elaboração da hipótese ou problemática, 4) Programação dos trabalhos de campo e gabinete, 5) Revisão bibliográfica. <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, trabalhos de grupo e individuais, trabalhos de campo, de biblioteca e laboratoriais.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Busca e organização de dados: bibliográficos, teórico-metodológicos e técnicos, de campo e laboratório (preliminares para elaboração de projeto). Elaboração de relatórios, ante-projeto e projeto de pesquisa em nível de iniciação científica. Participação em debates e excursões. Apresentação do Projeto de Pesquisa.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Provas, Relatórios e Projeto de Pesquisa.</p>	<p>HISTÓRIA ECON. GERAL DO BRASIL</p> <p>1º Semestre de 1986</p> <p>Disciplina: <i>Básica</i></p> <p>Destinada: <i>Curso de Geografia</i></p> <p>Código: FLH440</p> <p>Pré-requisito: -</p> <p>Carga horária: 4 horas semanais</p> <p>Créditos aula: 4</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>Dar uma visão ampla do processo histórico fixando-se em pontos básicos da História Universal e do Brasil.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>Método e pesquisa em Historiografia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Portugal e Brasil no quadro da Modernidade Europeia, 2) O Absolutismo monárquico e a colonização portuguesa, 3) A Crise do Antigo Regime e seus reflexos no mundo da América Latina do Brasil, 4) Capitalismo e Liberalismo no séc. XIX, 5) O Brasil no séc. XIX. Economia, 6) O Brasil no séc. XIX. Sociedade, 7) As crises internacionais

Execução do projeto de pesquisa proposto através do desenvolvimento das etapas previstas, revisas e redigidas ou ampliadas se for o caso.

V – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Apresentação de relatórios parciais e final da pesquisa desenvolvida.

VI – BIBLIOGRAFIA: Variável em função do projeto específico.

e individuais, trabalhos de campo, de bibliotecas e laboratoriais.

IV – ATIVIDADES DISCENTES:

Buça e organização de dados: bibliográficos (teóricos-metodológicos e técnicos) de campo e laboratório (preliminares para elaboração de projeto), elaboração de relatórios, ante-projeto e projeto de pesquisa em nível de iniciação científica. Participação em debates e excursões. Apresentação do Projeto de Pesquisa.

V – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas, Relatórios e Projeto de Pesquisa.

VI – BIBLIOGRAFIA: Variável em função do projeto específico.

ORIENTAÇÃO PARA PESQUISA EM GEOGRAFIA HUMANA I

1º Semestre de 1986

Disciplina: Optativa

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG630

Pré-requisitos: FLG102, 103, 104, 105, 204, 205

Carga horária: 8 horas semanais

Créditos aula: 4 – trabalhos: 2

Número de alunos por turma: variável

Número de turmas: Variável

As características dos cursos de Orientação são as mesmas, mudando apenas a temática tratada e sua especificidade e o projeto desenvolvido, como a seguir:

I – OBJETIVOS:

Levar o aluno a desenvolver um plano de investigação em Geografia Humana.

II – CONTEÚDO:

1) Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa. 2) Etapas da pesquisa: proposta e justificativa do tema. 3) Elaboração da hipótese ou problemática. 4) Programação dos trabalhos de campo e gabinete. 5) Revisão Bibliográfica.

III – MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, trabalhos de grupo

1) Coleta e crítica dos dados necessários à investigação proposta. 2) Análise e interpretação dos dados obtidos, inclusive com as representações gráficas, cartográficas, etc. 3) Redação do trabalho final. 4) Apresentação do trabalho final.

III – MÉTODOS UTILIZADOS:

Seminários, trabalhos de campo e laboratório pertinentes ao projeto proposto (individuais e/ou coletivos). Apresentação e discussão de dados parciais e finais resultantes da investigação realizada (Métodos, técnicas, Resultados obtidos, Análise e interpretação).

IV – ATIVIDADES DISCENTES:

Execução do projeto de pesquisa proposto através do desenvolvimento das etapas previstas, revisas e redigidas ou ampliadas, se for o caso.

V – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Apresentação de relatórios parciais e final da pesquisa desenvolvida.

VI – BIBLIOGRAFIA: Variável em função do projeto específico.

II – CONTEÚDO:

1. Documentos aerofotográficos: as fotografias aéreas no contexto do sensoriamento remoto. 2) Aplicabilidade dos aerofotos na investigação geográfica. 3) Montagem das aerofotos. 4) A confecção do "overlay" e sua interpretação: - o controle de campo; - a organização da legenda; 5) O mapeamento a partir da fotointerpretação e os diversos tipos de cartas.

III – MÉTODOS UTILIZADOS:

Trabalhos práticos de gabinete para fins de aerofotointerpretação. Fundamentação teórico-básica.

IV – ATIVIDADES DISCENTES:

Análise e interpretação de pares estereoscópicos.

V – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Através de relatórios e provas.

VI – BIBLIOGRAFIA:

Todos os itens citados na Bibliografia da Disciplina

1. AMERICAN SOCIETY OF PHOTOGRAMMETRY – Manual of photogrammetric interpretation. Washington, A.S.P., 868 p., 1960.

2. CERON, A.O. & DINIZ, J.A.F. – O uso das fotografias aéreas na identificação das formas de utilização agrícola da terra. Rev. Bras. Geografia, Rio de Janeiro, 1966, 28(2):161-173, abril/junho 1966.

3. RAY, R.G. – Fotografias aéreas na interpretação e mapeamento geológicos. (Aerial photographs in geological interpretation and mapping). Tradução de Jealino Felcislino Jr., US. Geological Survey Professional Paper, 373 p., I.G.G., São Paulo, 1963.

4. RICCI, M. & PETRI S. – Princípios de aerofotogrametria e interpretação geológica. Cia. Ed. Nacional, 266 p. São Paulo, 1965.

AEROFOTOGRAFIA

2º Semestre de 1986

Disciplina: Optativa

Destinada: Curso de Geografia

Código: FLG631

Pré-requisitos: FLG102, 103, 104, 105, 204, 205

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos aula: 4

Número máximo de alunos por turma: 20

I – OBJETIVOS:

Colocar o aluno em contato com as técnicas de fotointerpretação, valorizando as fotografias aéreas como documento

102

103

<p>5. THICART, J. et alii. - <i>Introduction à l'utilisation des photographies aériennes</i>. Paris, Seves, 1970.</p> <p>•</p> <p>SENSORIAMENTO REMOTO APLICADO À GEOGRAFIA 2º Semestre de 1986 Disciplina: Operativa Destinada: Curso de Geografia Código: FLG633 Pré-requisitos: FLG 102, 103, 104, 105, 204, 205 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 20</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Fornecer conhecimentos fundamentais das propriedades de imagens não convencionais obtidas através de plataformas aéreas e/ou orbitais. 2) Oferecer subsídios técnicos necessários ao estudo regional, sub-regional e local das relações geográficas e espaciais. 3) Através de trabalho de gabinete e verificações de campo, propiciar o reconhecimento de alvos identificados por análise da informação seletiva produzida por sensores.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>Propriedades fundamentais. Tipos de plataformas e sensores. Interações das radiações eletromagnéticas com os alvos naturais. Aplicação de sensores utilizados no estudo de aspectos físicos e humanos do terreno. Uso específico da informação orbital para levantamentos em geomorfologia, vegetação, hidrografia e ocupação do solo como recurso da Geografia. Métodos de análise visual e automática. Apoio terrestre e correlação de resultados simultâneos. Modelos brasileiros.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p>	<p>Curso teórico-prático com aulas expositivas de gabinete e campo.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Elaborar trabalhos práticos de gabinete.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Provas e trabalhos práticos.</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>Todos os itens citados na Bibliografia da Disciplina FLG631.</p> <p>1. AMARAL, G. - <i>Sensoriamento Remoto</i> (apostila). Instituto de Geociências da USP, 1975.</p> <p>2. INPE - <i>Manual de Sensoriamento Remoto</i> (apostila). Instituto de Pesquisas Espaciais, CNPq, 1974.</p> <p>3. HEPP, R. - <i>Contribuição de sensores de superfície da Lagoa dos Patos</i>. Contribuição ao estudo de processos costeiros do Rio Grande do Sul através da aplicação de técnicas de sensoriamento remoto. 370 p. Tese de Doutorado apresentada junto ao Departamento de Geografia da USP, 1977.</p> <p>4. MARCHETTI, D.A.B. & GARCIA, G. - <i>Princípios de Fotointerpretação</i>. Livr. Nobel, São Paulo, 1978.</p> <p>5. REEVES, R.G. - <i>Manual of Remote Sensing</i>. American Society of Photogrammetry, vol. I e II, 1975.</p> <p>•</p> <p>A ANÁLISE ECOLÓGICA EM GEOGRAFIA HUMANA 1º Semestre de 1986 Disciplina: Operativa Destinada: Curso de Geografia Código: FLG634 Pré-requisitos: FLG 102, 103, 104, 105 Carga horária: 2 horas semanais Créditos aula: 2 Número máximo de alunos por turma: 30</p> <p>I - OBJETIVOS:</p> <p>1) Chegar à compreensão de que o espaço é um fenômeno político e que a Geografia o tem estudado de duas maneiras principais: a Geografia Política e a Geopolítica. Entender a evolução da concepção clássica e contemporânea da concepção clássica e contemporânea da concepção da Geografia Humana e a situação atual. Identificar os fenômenos correlacionados com o território e o Estado. 2) Distinguir o espaço econômico e o espaço político estabelecendo as relações entre eles, na discussão da fronteiras, limites e</p>	<p>1 - OBJETIVOS:</p> <p>a) Expor a maneira pela qual os conceitos básicos da geografia, ciência natural, contribuem para implementar a teoria geográfica; b) Esclarecer as diferenças na geografia ecológica, enquanto disciplina autônoma, e o método ecológico de investigação, enquanto instrumental de análise para a geografia; c) Criar condições para que os estudantes de geografia percebam em que circunstâncias o método de investigação ecológico se torna utilizável e de valor na investigação geográfica; d) Criar condições para que os estudantes de geografia percebam em que circunstâncias as limitações das correntes ecológicas da geografia humana.</p> <p>II - CONTEÚDO:</p> <p>a) A ecologia como ciência natural: objeto, campo material, evolução dos conhecimentos; b) Os conceitos básicos da ecologia; c) Ecologia geral, ecologia humana e as ciências correlacionadas; d) A geografia ecológica humana; e) Geografia e ecologia humana (discussão em torno das idéias de alguns autores); f) A teoria ecológica e a formação dos conceitos geográficos; g) As escolas geográficas da fundação ecológica; h) As possibilidades e as limitações da análise ecológica em geografia.</p> <p>III - MÉTODOS UTILIZADOS:</p> <p>Aulas expositivas, com eventual participação dos alunos em seminários.</p> <p>IV - ATIVIDADES DISCENTES:</p> <p>Leituras, fichamentos e eventuais participações em seminários.</p> <p>V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <p>Provas escritas, seminários (nos aos participantes).</p> <p>VI - BIBLIOGRAFIA:</p> <p>1. BARROWS, H.H. (1973) - <i>Geography and Human Ecology</i>. <i>Annals of the Association of American Geographers</i>, 13 pp. 1-14.</p>
--	---	---

concepções. Mostrar o significado das relações internacionais e regionais. 3) Verificar a problemática do espaço regional e a política, desde a formação do território e do Estado, até a discussão das divisões externas e internas do espaço regional do Estado. 4) Discutir os espaços micro-geográficos, mostrando as relações entre a agricultura, a cidade, a indústria e a política. 5) Chegar ao objetivo final da disciplina: desenvolver uma compreensão teórico-metodológica da Geografia Política. Concluir com a análise da situação atual do Globo.

II - CONTEÚDO:

O Aspecto Geográfico do Fenômeno Político:
1) Geografia Política: a concepção clássica. 2) A Geo-política como problema científico. 3) Geografia Política: situação atual. 4) Território, Nação, Estado: conceitos e análise. Espaço Geográfico e Espaço Político. 5) Espaço e Política. 6) Fronteiras, Limites e Comunicações. 7) Espaço Internacional e Política. 8) Espaço Nacional e Sistemas políticos. Espaço Regional e Política. 9) A formação do Estado. 10) As divisões regionais externas do Estado. 11) As divisões regionais internas do Estado. Espaço Micro-Geográfico e Política. 12) Espaço Agrário e Política. 13) Espaço urbano e Política. 14) Espaço Industrial e Política.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Teórico-técnico com trabalhos individuais ou em grupos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Seminários e excursões visando à compreensão teórico-metodológica da Geografia Política.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas e avaliação de participação em seminários e excursões.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. BECKHEUSER, E. (1952) - A Geo-

106

2. BIRCH, L.H. - *Política do Espaço Regional*. Ed. Orphix, Paris.
3. CLAVEL, P. (1978) - *Espace et Pouvoir*. PUF, Paris.
4. LEFEBVRE, H. (1970) - *Espace y Política*. Ed. Península, Barcelona.
5. WHITTELEY, D. (1948) - *Geografia Política*. F.C.E. México.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA URBANIZAÇÃO NO TERCEIRO MUNDO

1º Semestre de 1986
Disciplina: Optativa
Destinada: Curso de Geografia
Código: FLG638
Pré-requisito: 204, 416
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 30

I - OBJETIVOS:

a) Oferecer uma introdução ao estudo da urbanização nos países subdesenvolvidos; b) Esse fenômeno deverá ser considerado em sua especificidade através dos tempos, a despeito do movimento solidário e acelerado mundial que se segue à expansão geográfica do sistema capitalista; c) Deve-se buscar uma análise do que a urbanização no Terceiro mundo tem representado nos diversos momentos históricos, não apenas para a compreensão das diferenças de fisionomia e organização interna que distinguem as diversas famílias e gerações urbanas, como para o entendimento dos principais problemas atuais das cidades; d) As relações das cidades entre si, com a região que as rodeia e com o território em geral, vistas numa perspectiva histórica e atual, serão outros tópicos do estudo; e) Uma tipologia funcional será, igualmente, buscada e, junto ao reconhecimento de níveis de complexidade na atividade local e

territorial das cidades, deverá servir de base à formulação dos princípios de uma geografia voluntária.

II - CONTEÚDO:

a) A urbanização e sua evolução nos contextos históricos e geográficos; b) Modernização, industrialização, e os caracteres gerais da urbanização das cidades do Terceiro Mundo; c) Sua especificidade; d) Políticas históricas das cidades pré-industriais e pré-industriais; e) Políticas da era industrial; f) Políticas das famílias de cidades; g) Tipos gerais e famílias funcionais; h) A cidade e a região; i) As redes urbanas; j) Urbanização e organização voluntária do espaço.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas, seminários e discussões.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras básicas, obrigatórias, preparação de seminários, cartas, pintas, croquis, gráficos, etc.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Participação em seminários e provas.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. SANTOS, M. - O Espaço Dividido. Livraria Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1979.
2. SANTOS, M. - A Urbanização Desigual. Editora da UFRJ, Rio de Janeiro, 1980.
3. BRECHSE, G. - *Urbanization in Newly Developing Countries*. Prentice Hall, Englewood Cliffs, N.J., 1966.
4. GEORGE, P. - *Geografia Urbana*. Difel, São Paulo, 1983.
5. SINGER, P. - *Economia Política da Urbanização*. Brasiliense, São Paulo, 1973.
6. CLARK, D. - *Introdução à Geografia Urbana*. Difel, São Paulo, 1985. (especialmente o capítulo 4).
7. JOHNSON, E.A. - *The Organization of Space in Developing Countries*. Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1970.

107

JANET, A. e RICHARD HAY, Jr. - *Third World Urbanization*. Methuen, New York, London, 1977.

DISCIPLINAS MINISTRADAS NOS CURSOS DE GEOLOGIA, CIÊNCIAS SOCIAIS, ECONOMIA E HISTÓRIA

GEOMORFOLOGIA
2º Semestre de 1986
Destinada: Curso de Geologia
Disciplina: Básica
Código: FLG602
Pré-requisito: 204
Carga horária: 4 horas semanais
Créditos aula: 4
Número máximo de alunos por turma: 100

I - OBJETIVOS:

Revisão das bases científicas da Geologia, com vistas ao treinamento dos geólogos. Definição dos fatores e componentes do relevo regional. Esforço interdisciplinar para a compreensão da evolução integrada da paisagem.

II - CONTEÚDO:

- 1) Níveis de conceituação da Geomorfologia. 2) Processos morfoclimáticos e geomorfologia zonal e regional. 3) Comparimentação topográfica e formas de relevo. 4) Estrutura superficial das paisagens. 5) "Fisiologia" da paisagem: variáveis em jogo. 6) Intemperismo, pedogênese e cobertura vegetal: problemática da evolução integrada da paisagem. 7) Fatores denudacionais e fatores tectônicos na origem do relevo terrestre. 8) Interferência dos processos eustáticos. 9) Interferência dos paleo-climas. 10) Interferência dos processos glaciais.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Exposição oral e trabalhos teórico-práticos. Seminários organizados. Revisão de documentos gráficos e cartográficos.

<p>IV – ATIVIDADES DISCENTES: Leituras selecionadas e participação em seminários e trabalhos práticos.</p> <p>V – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Avaliação dos exercícios práticos, Atividades de aula, participação e avaliação da participação em trabalhos teórico-práticos (e) eventuais excursões.</p> <p>V – BIBLIOGRAFIA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. CHRISTOFOLETTI, A. – <i>Geomorfologia</i>. São Paulo, Ed. Edgard Blücher Ltda. (e) EDUSP, 1974. 2. DERRUAU, M. – <i>Précis de Géomorphologie</i>. Paris, Masson Cie., 1958. 3. FAIRBRIDGE, R.W. (Editor) – <i>Encyclopedia of Geomorphology</i>. New York, Reinhold Book Co., 1968. 4. PENTEADO, M. – <i>Fundamentos de Geomorfologia</i>. Rio de Janeiro, BGE, 1974. (e) CAILLEUX, A. – <i>Tratado de Geomorfologia</i>. Paris, Seds, 1962-1963. (vários volumes publicados). 	<p>Nações fundamentais dos princípios metodológicos básicos da Geografia Humana, com exemplos concretos da formação territorial.</p> <p>II – CONTEÚDO: Noções fundamentais dos princípios metodológicos básicos da Geografia Humana e as principais características geográficas do território brasileiro.</p> <p>III – MÉTODOS UTILIZADOS: Aulas expositivas, aulas práticas, confecção e análise de ilustrações cartográficas, seminários e mesas redondas.</p> <p>IV – ATIVIDADES DISCENTES: Confecção e interpretação de material cartográfico, leitura de artigos, preparação de seminários e participação em mesas redondas.</p> <p>V – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Participação nos debates das mesas redondas e seminários, provas práticas e objetivas, preparação e apresentação de seminário e prova escrita.</p> <p>VI – BIBLIOGRAFIA:</p>	<p>1. AZEVEDO, A. e outros – <i>Brasil – terra e o homem</i>, vol. II, (A vida humana). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1970.</p> <p>2. BEAUJEU-GARNIER, J. e CHABOT, G. – <i>Leçons de Géographie Urbaine</i>, 2ª ed., Paris, Armand Colin, 1970.</p> <p>3. BEAUJEU-GARNIER, J. – <i>La géographie: méthodes et perspectives</i>. Collection de Géographie Appliquée, Masson e Cie., Paris, 1971.</p> <p>4. BEAUJEU-GARNIER, J. – <i>Geografia da População</i>. Cia Editora Nacional e Editora da USP, São Paulo, 1971.</p>	<p>GEOGRAFIA HUMANA E ECONÔMICA GERAL 1º Semestre de 1986 Disciplina: Básica Destinada: Curso de Ciências Sociais da USP Código: FLG603 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 120</p> <p>I – OBJETIVOS: Iniciar o aluno na metodologia e nos conceitos básicos da Geografia Humana. Desenvolver a capacidade de compreensão das interpretações dos fatos naturais e sócio-econômicos, assim como a aplicação prática dos conhecimentos geográficos.</p> <p>II – CONTEÚDO: 1) Noções fundamentais dos princípios metodológicos básicos da Geografia Humana. 2) Visão global da distribuição da humanidade e seus fatores. 3) A situação brasileira. 4) O aproveitamento</p>
<p>5. CHARDONNET, J. – <i>Geographie Industrielle</i>, 2 vols., Paris, Ed., 1965.</p> <p>6. CHOLEY, A. – <i>La Géographie, guide de l'étudiant</i>. Paris, PUF, 1951.</p>	<p>GEOGRAFIA ECONÔMICA GERAL E DO BRASIL 1º Semestre de 1986 Disciplina: Básica Destinada: Curso de Economia da FEAM/USP Código: FLG604 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 50</p> <p>I – OBJETIVOS: Conhecimento do pensamento geográfico, econômico e social, como assunto interdisciplinar; noções básicas: espaço de localização e espaço de relações; estudo espacial de centro-periferia.</p> <p>II – CONTEÚDO: 1) Abordagem em Geografia Econômica; 2) Espaço geográfico; 3) Espaço econômico; 4) Espaço geográfico; 5) Região econômica; 6) Teoria da localização; 7) Teoria da organização do espaço.</p> <p>III – MÉTODOS UTILIZADOS: Aulas expositivas.</p> <p>IV – ATIVIDADES DISCENTES: Aulas e provas.</p> <p>V – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p>	<p>GEOGRAFIA HUMANA GERAL E DO BRASIL 2º Semestre de 1986 Disciplina: Básica Destinada: Curso de História Código: FLG605 Carga horária: 4 horas semanais Créditos aula: 4 Número máximo de alunos por turma: 120</p> <p>I – OBJETIVOS: Iniciar o aluno na metodologia e nos conceitos básicos da Geografia Humana. Desenvolver a capacidade de compreensão das interpretações dos fatos naturais e sócio-econômicos, assim como a aplicação prática dos conhecimentos geográficos.</p> <p>II – CONTEÚDO: 1) Noções fundamentais dos princípios metodológicos básicos da Geografia Humana. 2) Visão global da distribuição da humanidade e seus fatores. 3) A situação brasileira. 4) O aproveitamento</p>	<p>Duas provas de aproveitamento.</p> <p>VI – BIBLIOGRAFIA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. CORREIA DE ANDRADE, M. – <i>Geografia Econômica</i>. Ed. Atlas, São Paulo, 1973. 2. GEIGLEY, R.H. – <i>Geografia Econômica</i>. Ed. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1973. 3. LOBO, R.H. – <i>Geografia Econômica</i>. Ed. Atlas, São Paulo, 1973. 4. MATTOS, D.L. – <i>As Bases Geográficas da Vida Econômica</i>. Ed. do Autor, mimeo, 2 tomos. São Paulo, 1970.

do campo. 5) Fatores da organização agrária. 6) Os grandes conjuntos de sistemas agrários. 7) O caso brasileiro. 8) O homem e a cidade. 9) A urbanização da humanidade. 10) As funções urbanas. 11) As cidades e a organização espacial. 12) O exemplo brasileiro. 13) O fato industrial no tempo e no espaço. 14) A industrialização no Brasil.

III - MÉTODOS UTILIZADOS:

Aulas expositivas com abordagens gerais, enfatizando-se os conceitos básicos e os exemplos mais significativos. Aulas práticas através das quais se dá um reforço da geo-cartografia aplicável à Geografia Humana.

IV - ATIVIDADES DISCENTES:

Leituras básicas obrigatórias, exercícios geo-cartográficos realizados em classe e eventuais trabalhos práticos individuais ou em pequenos grupos.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Provas teórico-práticas, no mínimo duas, relativas ao conteúdo desenvolvido; participação controlada na realização dos exercícios desenvolvidos nas aulas práticas; eventual trabalho individual ou de grupo.

VI - BIBLIOGRAFIA:

1. BEAUJEU-GARNIER, J. - **Geografia da população**. São Paulo, Cia. Editora Nacional e Editora da USP, 1971.
2. CHABOT, G. e BEAUJEU-GARNIER, J. - **Traité de Géographie Urbaine**. Paris, Librairie Armand Colin, 1970.
3. DERRUAU, M. - **Tratado de Geografia Humana**. Barcelona, Editorial Vicens-Vives, 1964.
4. GILBANK, G. - **Introduction à géographie générale de l'agriculture**. Paris, Masson et Cie, Editeurs, 1974.
5. LEBON, J.H.G. - **Introdução à Geografia Humana**. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1970.